

—  
literatura  
livre

# Viagens de Gulliver

JONATHAN SWIFT

*Gulliver's Travels* (1726)

Tradução: Renato Roschel

Edição bilingue: POR/ENG

Distribuição gratuita

sesc



— •  
literatura  
**livre**

# Viagens de Gulliver

Jonathan Swift

Edição Bilingue

**sesc** **mojo**<sup>org</sup>



# Viagens de Gulliver

Jonathan Swift

*Tradução:*

Renato Roschel



# Viagens de Gulliver

Jonathan Swift

*Viagens a diversos países remotos do mundo em quatro partes, por Lemuel Gulliver, a princípio cirurgião e, depois, capitão de vários navios.*





# MENSAGEM DO EDITOR

Os relatos de viagens aos quais vocês agora têm acesso foram escritos pelo senhor Lemuel Gulliver, meu antigo e querido amigo. Nós dois temos, inclusive, algum parentesco distante por parte de mãe. Há cerca de três anos, o senhor Gulliver, preocupado com a presença de alguns curiosos nas redondezas de sua residência em Redriff, decidiu comprar uma pequena propriedade perto de Newark, em Nottinghamshire, sua terra natal. Atualmente, ele vive lá, cercado de vizinhos que o estimam.

Apesar do sr. Gulliver ter nascido em Nottinghamshire, onde seu pai trabalhava, certa vez o ouvi dizer que sua família era de Oxfordshire. Acabei confirmando isso mais tarde, quando pude observar, em um cemitério em Banbury, em Oxfordshire, várias tumbas dos ancestrais da família Gulliver.

Logo após ele deixar Redriff, colocou sob meus cuidados os originais da obra aqui apresentada e também me deu a liberdade para utilizá-los da maneira que eu julgasse melhor. Eu os editei cuidadosamente três vezes. O estilo do texto é simples e claro. Seu único problema é que, em certas passagens, o autor, seguindo a maneira de escrever dos autores de relatos de viagens, é um pouco minucioso

demais. Porém, há nos originais um quê de verdade que permeia todo o trabalho. Aliás, o autor sempre se distinguiu pela sua capacidade de ser verdadeiro. Tanto é assim que há um provérbio entre os moradores de Redriff, os quais dizem que: quando alguém afirma algo altamente verídico, esse indivíduo falou exatamente como o senhor Gulliver.

Após os conselhos de várias pessoas, às quais, com a permissão do autor, mostrei estes originais, eu agora os entrego ao mundo na esperança de que possam, mesmo que por um breve período, entreter nossa juventude, muitas vezes tomada pelos ruídos da política e dos partidos.

Este volume seria pelo menos duas vezes maior se eu não tivesse retirado inúmeras passagens sobre ventos e marés ou a respeito do cotidiano das viagens, somadas às descrições pormenorizadas do gerenciamento do barco durante tempestades, tudo no estilo literário dos navegadores. Havia também inúmeros parágrafos sobre latitudes e longitudes. Por essa razão, acredito que seja possível que o senhor Gulliver possa ter se incomodado. Mesmo assim, resolvi deixar o texto o mais acessível possível aos leitores. Porém, se a minha ignorância no que diz respeito às questões ligadas ao mar e à navegação me levaram a cometer alguns erros, assumo total responsabilidade. Caso algum navegador queira conhecer os originais na sua integralidade, no formato

como eles foram criados pelo autor, eu posso graciosamente cedê-los a quem tiver esse interesse.

Já em relação a qualquer informação sobre o autor, o leitor certamente ficará satisfeito ao ler as primeiras páginas desta obra.

Richard Sympson

# CARTA DO CAPITÃO GULLIVER PARA SEU PRIMO SYMPSON

*Escrita no ano de 1727.*

Eu espero que você esteja preparado para assumir publicamente suas responsabilidades caso isso seja necessário. Você foi apressado. Publicou uma versão incorreta e descuidada do relato que fiz das minhas viagens. Inclusive, não cumpriu o acordo de contratar algum jovem acadêmico para colocar em ordem e corrigir o estilo dos meus escritos exatamente como foi feito, segundo minhas indicações, à obra *Uma viagem ao redor do mundo*, escrita por meu primo Dampier. Eu, no entanto, não me lembro de ter dado a você o poder ou a liberdade para omitir qualquer parte que fosse de meus originais. Muito menos dei qualquer tipo de permissão para que inserisse o que quer que fosse em meus escritos, principalmente os trechos sobre a devota e gloriosa rainha Anne, por quem guardo a mais alta estima e admiração. No entanto, você, ou o editor que você contratou para alterar ou acrescentar novos trechos ao texto, decidi, sem me consultar, reverenciar qualquer

outro animal perante meu mestre *riinchchn*. Além disso, o fato em si é completamente falso, pois, na Inglaterra, onde vivi durante o reinado de Sua Majestade, tivemos dois governos consecutivamente comandados por um ministro-chefe. O primeiro deles foi o lorde de Godolphin; o segundo, o lorde de Oxford. Dessa forma, ao alterar meu texto, você me fez dizer coisas que não ocorreram. Da mesma forma, no relato da reunião dos projetistas e em outras várias passagens onde temos discursos feitos pelo meu mestre *riinchchn*, você ou omitiu fatos e circunstâncias ou as misturou de tal forma que nem eu, o autor, sou capaz de reconhecer meu próprio trabalho. Quando cheguei a indicar minhas preocupações em uma carta que enviei a você, recebi como resposta a garantia de que você temia ofender autoridades e que sabia que as mesmas eram muito zelosas a respeito de como são retratadas pela imprensa, dispostas inclusive a punir tudo aquilo que julgarem como uma *alusão* (se me recordo corretamente do que estava escrito em sua resposta). Por isso eu lhe questiono: como poderia eu ter afirmado tais coisas sobre qualquer um dos *yahoos*, que agora dizem ser os líderes do rebanho, estando eu, no passado, a cerca de vinte e quatro mil quilômetros de distância, em um outro reino? Especialmente em uma época na qual eu praticamente não cogitava, ou sequer temia, a infelicidade de ter de viver sob o governo deles?

Não teria eu todo o direito de reclamar ao presenciar *yahoos* sendo carregados por *riinchnchns* em um veículo, como se estes últimos fossem brutos e aqueles criaturas racionais? Aliás, foi para evitar a visão dessa monstruosidade detestável que decidi me distanciar e me retirar. Portanto, eu julgo correto dizer para você essas coisas a seu respeito, principalmente depois da confiança que lhe concedi.

Eu também me censuro pelo equívoco de ter sido levado pelos seus argumentos e de outros, indo, muitas vezes, contra a minha própria opinião em relação à publicação desses relatos. Rogo para que busque se lembrar quantas vezes eu pedi para reconsiderar enquanto você insistia em falar do interesse público, que os *yahoos* eram animais profundamente incapazes de encontrar qualquer tipo de correção, seja através da educação ou pelo exemplo. A realidade acabou por confirmar minhas expectativas: em vez de presenciarmos um fim aos abusos e às corrupções, pelo menos nesta pequena ilha, o que ocorreu após a publicação do meu livro, mesmo depois de seis meses de avisos, foi a completa e total permanência de todas as barbaridades. Portanto, a obra não produziu um único efeito naqueles que eu intencionava atingir. Espero que você escreva uma carta para me avisar quando os partidos e as facções forem extintos; os juízes se tornarem íntegros e cultos; os litigantes honestos e modestos, com alguns traços de senso comum; quando os

campos de Smithfield estiverem forrados por pirâmides feitas de livros de direito; quando a educação dos jovens nobres for completamente transformada; quando os médicos forem banidos; e as mulheres *yahoos* transbordarem virtude, honra, verdade e bom senso; quando as cortes e as audiências religiosas forem limpas de qualquer imoralidade; quando a inteligência, o mérito e a educação forem recompensados; quando toda a desgraçada mídia em prosa e verso for condenada a comer seus próprios papéis e suas próprias tintas. Essas e outras milhares de reformas eu esperava produzir em razão do seu encorajamento. Minha obra simplesmente entregava todas elas de bandeja. Sabemos que sete meses é tempo mais do que suficiente para os *yahoos* corrigirem seus vícios e pararem com suas loucuras, caso os mesmos tivessem acesso a tais gotas de virtude e sabedoria. Porém, o que vi foi o exato contrário: você, em suas cartas, todas as semanas me trazia *reflexões, apartes, memórias, críticas e alterações*. Todas diziam que eu, com minha obra, degradava a espécie humana (como se eles ainda possam, de alguma maneira, tornarem-se moderados) e abusava do sexo feminino. Pior, eu acabei descobrindo que os autores de tais ataques sequer concordavam entre si. Alguns deles não queriam nem mesmo que eu fosse considerado o autor do relato de minhas próprias viagens; outros fizeram de mim criador de uma obra da qual eu me considero completamente alheio.

Eu também cheguei à conclusão de que seu impressor foi absolutamente descuidado com a cronologia da obra, misturando as datas de minhas inúmeras viagens. Não há sequer acerto no ano, no mês ou no dia em que as viagens ocorreram. Também descobri que o manuscrito foi destruído após a publicação do livro. Para piorar a situação, eu não tenho mais nenhuma cópia do manuscrito. De qualquer forma, envio algumas correções, as quais você deve inserir no livro caso esteja pensando em fazer uma segunda edição. Porém, como não tenho mais como garantir que elas estejam corretas, deixo esse julgamento para meus prestativos e cuidadosos leitores. Eles poderão reestabelecer cada coisa ao seu lugar apropriado.

Ouvi dizer que seus *yahoos* marinheiros reclamaram da minha linguagem marítima, a qual não estaria correta em muitas passagens, ou então que utilizava termos já ultrapassados. Não posso fazer nada quanto a isso. Em minhas primeiras viagens, ainda garoto, aprendi as lidas dos navios com os antigos marinheiros. Dessa forma, aprendi a falar como eles. No entanto, descobri que os *yahoos* do mar são tão propensos a adotar novos termos e alterar sua linguagem de um ano para o outro como os *yahoos* da terra. É por essa razão que quando um *yahoo* vem de Londres para me visitar, nós praticamente não conseguimos nos comunicar. As mudanças



na linguagem dos *yahoos* acabam tornando-a incompreensível para o forasteiro que não acompanhou suas alterações.

Se alguma dessas críticas feitas pelos *yahoos* realmente merecesse minha atenção eu teria motivos para reclamar que alguns deles estariam inclusive afirmando que meus relatos de viagens não passam de uma ficção criada pelo meu cérebro. Chegaram a afirmar que os *yahoos* e os *riinchnchns* seriam tão reais quanto os moradores da ilha de Utopia.<sup>1</sup>

Preciso confessar que nenhum *yahoo* levantou dúvida alguma sobre a existência dos povos de *Lilliput*, de *Brobdin-grag* (palavra que você constante e erroneamente grafou *Brobdingnag*) ou de *Laputa*, ou aos fatos concernentes a esses povos. Isso porque a verdade do livro fica evidente a qualquer leitor convicto.

Além disso, como duvidar dos meus relatos sobre os *riinchnchns* e os *yahoos* quando é evidente que estes últimos existem aos milhares no nosso país? Os *yahoos* só se diferenciam dos seus irmãos brutos da *Riinchnchnlândia* porque usam vestimentas e não andam nus como os *riinchnchns*. O que eu escrevi foi para aperfeiçoá-los e não para obter algum tipo de aprovação por parte deles. Todos os elogios feitos por eles a

---

1 Ilha fictícia criada pelo pensador Thomas More ou Tomas Morus (1478-1535).

mim não valeriam mais do que um relincho degenerado de um dos *riinchnchns* que mantenho em meu estabulo. Nestes últimos, degenerados que são, eu consigo perceber algum tipo de virtude, mesmo que misturada ao vício.

Será que esses animais miseráveis se presumem capazes de pensar que eu sou alguém tão degenerado que não estaria apto a defender a veracidade daquilo que escrevo? *Yahoo* que sou, como é sabido em toda *Riinchnchnlândia*, que, pelas instruções e o exemplo do meu ilustre mestre, me foi possível, apesar das enormes dificuldades que enfrentei, arrancar de dentro do meu ser o hábito infernal de mentir, ludibriar e cometer erros, algo já tão enraizado nas almas da nossa espécie, principalmente dos europeus.

Eu teria outras reclamações a fazer sobre esse tão desagradável tema, mas prefiro parar por aqui. Confesso que desde meu último retorno, algumas das corrupções embrenhadas nas almas dos *yahoos* reviveram em mim após um curto período de convívio com alguns dos meus familiares. Não fosse isso, eu jamais teria me lançado a essa tentativa de reformar os *yahoos* deste reino. Porém, isso já deu o que tinha de dar e já renunciei completamente desse projeto visionário.

2 de abril de 1727

**Parte I**

**Viagem a Lilliput**



# CAPÍTULO 1

*O autor fala de si, de sua família e dos seus preparativos para a viagem. Sofre um naufrágio e luta para sobreviver. Chega a Lilliput, onde é feito prisioneiro e carregado território adentro.*

**M**eu pai possuía uma pequena propriedade em Nottinghamshire. Eu sou o terceiro de cinco filhos. Quando completei quatorze anos de idade, ele me mandou para o Emanuel College, em Cambridge, onde eu vivi durante três anos e me dediquei profundamente aos estudos. Porém, os custos da escola, apesar de eu receber uma mesada muito pequena, foram demais para suas economias. Assim, eu me tornei aprendiz do senhor James Bates, um famoso cirurgião de Londres, com quem permaneci por outros quatro anos. De vez em quando meu pai me enviava um pouco de dinheiro, o qual eu investia nos estudos de navegação, matemática e outros conhecimentos ligados a viagens. Sempre acreditei que, em algum momento, eu seria um navegador. Quando deixei o senhor Bates, retornei à casa do meu pai, onde, com a ajuda dele, do meu tio John e

outros conhecidos, consegui um empréstimo de quarenta libras esterlinas e a promessa de receber outras trinta caso eu permanecesse um ano em Leyden, onde estudei medicina durante dois anos e sete meses, tudo porque eu acreditava que esse conhecimento poderia ser útil em minhas viagens.

Logo após meu retorno de Leyden, fui recomendado pelo meu mestre, o senhor Bates, para ser o cirurgião do *Andorinha*, sob o comando do capitão Abraham Pannel, com quem trabalhei durante três anos e meio e ao lado do qual viajei até o Levante e outras partes do mundo. Quando retornei, encorajado pelo senhor Bates, decidi me mudar para Londres. Ele também me recomendou a inúmeras pessoas, as quais se tornaram minhas pacientes. Aluguei uma pequena casa em Old Jewry e, seguindo os conselhos de alterar minha condição, me casei com a senhorita Mary Burton, segunda filha do senhor Edmund Burton, um comerciante de meias e artigos de malha da rua Newgate, o que me rendeu um dote de quatrocentas libras esterlinas.

Com a morte do meu querido mestre Bates, dois anos após meu casamento, os doentes não me procuravam mais e meu negócio começou a decair. Nesse momento, minha consciência não me permitia adotar as más práticas de meus colegas cirurgiões. Após consultar minha esposa e alguns bons amigos, decidi me lançar ao mar novamente. Assumi o

posto de cirurgião em dois navios e neles fiz diversas viagens durante seis anos. Visitei as Índias Orientais e Ocidentais, e com isso eu consegui fazer um modesto pé de meia. Durante os momentos de descanso em minhas viagens eu lia grandes autores, clássicos e modernos. Quando desembarcava, buscava observar os costumes dos povos dos locais que conheci. Também procurei aprender as línguas desses povos distantes e descobri que tinha uma certa facilidade para novos idiomas em razão da minha boa memória.

A última dessas viagens não foi muito afortunada. Por essa razão eu me desgostei do mar e decidi então ficar em casa com minha esposa. Me mudei da casa em Old Jewry para outra em Fetter Lane. Posteriormente, fomos para uma residência em Wapping, na esperança de que os marinheiros se consultassem comigo. No entanto, isso não ocorreu. Após três anos tentando levar a vida assim, acabei aceitando novas ofertas de trabalho do capitão William Prichard, comandante do *Antílope*, o qual estava a caminho de uma viagem para os mares do sul. Partimos de Bristol em 4 de maio de 1699. Nossa viagem foi, no início, muito próspera.

Não quero enfadar meus leitores com pormenores. Apenas quero informar que durante nossa passagem pelas Índias Orientais fomos pegos por uma tempestade que nos jogou para uma região ao nordeste da Terra de Van

Diemen. Ao analisar o local onde estávamos, concluí que nosso ponto estava a trinta graus e dois minutos de latitude sul. Doze membros da nossa tripulação haviam morrido em razão das terríveis condições de trabalho e da comida contaminada, e o resto estava em situação muito precária. No dia 5 de novembro, que era o início do verão naquela região, o tempo estava completamente instável, o céu ficava escuro do nada. Foi numa dessas drásticas mudanças que os marinheiros avistaram uma pedra a meio comprimento de proa do navio. Porém, o vento estava tão forte que fomos levados diretamente a ela. O choque dividiu o navio em dois. Eu e mais cinco membros da tripulação abandonamos o barco e nos atiramos em um dos botes de resgate; os outros ficaram no navio que se esfaqueou ao se chocar contra a rocha. Segundo meus cálculos, remamos uns quatorze quilômetros até nossos braços se esgotarem. Os remos caíram de nossas mãos, pois não éramos capazes de segurá-los em razão do cansaço. Depois disso, ficamos no bote à mercê das ondas. Em pouco tempo, fomos a pique após sermos atingidos por uma enorme onda vinda do norte. Não sei dizer exatamente o que aconteceu com meus companheiros do bote ou com aqueles que estavam no navio após o choque contra a rocha; mas concluí que todos estavam perdidos. Eu, de minha parte, nadei feito um louco e fui empurrado



pelo vento e pela maré. Por mais que nadasse, não chegava a nenhum lugar onde pudesse sentir o fundo embaixo dos meus pés. Quando cheguei ao ponto no qual não conseguia mais lutar, me encontrei em um local onde dava pé. A essa altura a tempestade já havia diminuído. O declive do terreno era tão pequeno que andei cerca de um quilômetro e meio antes de chegar à praia. Acredito que era por volta das oito horas da noite. Avancei aproximadamente oitocentos metros, mas não descobri nenhum sinal de moradia ou habitantes. Minha condição física era tão precária que não vi quase nada ao meu redor. Eu estava extremamente cansado, havia remado e nadado muito. Tudo isso, somado ao calor e ao meio litro de conhaque que bebi no navio pouco antes do acidente, me fez adormecer. Me deitei na grama, muito rasteira e macia, onde dormi profundamente como há muito não fazia. Segundo meus cálculos, dormi por aproximadamente nove horas seguidas, pois quando acordei já era dia. Tentei me levantar, mas não consegui me mexer. Descobri algo muito estranho: meus braços e pernas estavam fortemente presos ao chão; e meu cabelo, comprido e grosso, preso à terra da mesma maneira. Senti várias linhas em todo o meu corpo, das minhas axilas às coxas. Como estava deitado de costas, só conseguia olhar para cima. O sol começou a esquentar e sua luz atrapalhou minha visão. Ouvi então um som confuso

sobre mim, mas preso como estava não via nada além do céu. Em pouco tempo, senti algo vivo se movendo sobre minha perna esquerda. Avançava suavemente para a frente sobre meu peito. Quando chegou ao meu queixo, arqueei os olhos o máximo que pude e percebi que era uma criatura humana com mais ou menos quinze centímetros de altura, carregando um arco e flecha nas mãos e uma aljava às costas. Nesse meio tempo, senti pelo menos mais quarenta do mesmo tipo (como conjecturei) escalando meu corpo. Fiquei apavorado e gritei tão alto que todos eles correram assustados. Alguns, como me disseram depois, se feriram com a queda que tiveram ao saltar de meus flancos em direção ao solo. Não passou muito tempo e logo voltaram. Um, que se aventurou a ponto de ter uma visão completa do meu rosto, erguendo as mãos e os olhos de admiração, gritou com uma voz estridente, mas distinta, *Hekinah degul*. Os outros repetiram as mesmas palavras várias vezes, mas naquele momento eu não sabia o que elas significavam. Acredite, meu caro leitor, durante todo esse tempo senti um enorme desconforto. Após muito esforço consegui me soltar, rompi as linhas que me restringiam e arranquei os pinos que prendiam meu braço esquerdo ao chão. Assim, levantando o rosto, descobri os métodos que haviam adotado para me prender e, ao mesmo tempo, em razão de um puxão violento, que me causava dor excessiva,

afrouxei um pouco as linhas que prendiam meus cabelos e assim consegui virar a cabeça cerca de cinco centímetros. Nesse momento, as criaturas, apavoradas, fugiram novamente, antes que eu pudesse agarrá-las. Em seguida ouvi um grito estridente ordenar: *Tolgo phonac*. Nesse instante, senti como se dezenas de agulhas atingissem minha mão esquerda; eram flechas minúsculas atiradas por eles contra mim. Em seguida, outra chuva de flechas, como fazemos com os canhões dos nossos navios na Europa, caiu sobre meu corpo, porém, não senti absolutamente nada. Outras pequenas flechas foram atiradas contra meu rosto, que eu imediatamente cobri com a mão esquerda. Quando a chuva de flechas cessou, caí gemendo de angústia e dor. Continuei lutando para me soltar. Os pequeninos lançavam outra saraivada de flechas, agora maior que a primeira, e outros tentavam ferir os flancos de meu corpo com lanças; por sorte eu vestia um colete de couro amarelo impenetrável. Percebi então que o melhor que poderia fazer naquele instante era me manter imóvel, esperar anoitecer e me libertar, pois minha mão esquerda já estava solta. Acreditei, por causas que então me pareciam óbvias, que minha força era imensa diante daqueles seres minúsculos, mesmo que colocassem contra mim seu maior exército. No entanto, o tempo mostraria o quão errado era meu julgamento. Quando os pequeninos perceberam que me

resignei, não lançaram mais flechas; mas, pelo barulho que ouvi, entendi que seus números aumentavam. A cerca de quatro metros de mim, ao lado de minha orelha direita, vinha um som de pessoas trabalhando. Ao virar minha cabeça na direção do ruído (o quanto era possível em razão das amarras e dos pinos), vi um palco erguido a cerca de meio metro do chão, capaz de sustentar quatro daqueles pequenos seres. Do alto desse púlpito um deles, que parecia ser algum tipo de líder, fez um longo discurso, do qual não entendi uma única sílaba. Antes de iniciar sua fala, ele gritou três vezes, *Langro dehul san*, palavras que voltaria a repetir ao dirigir-se à minha pessoa, porém, com o cuidado de explicá-las utilizando gestos. Imediatamente, cerca de cinquenta dessas pequenas criaturas cortaram as linhas que prendiam minha cabeça ao chão, o que me permitiu virar a cabeça para a direita e observar aquela figura que se preparava para falar do alto do pequeno púlpito construído ao meu lado.

Era uma figura de meia-idade, mais alta que os outros três que o acompanhavam, dos quais um parecia ser seu criado, pois segurava a capa que ele vestia para que ela não se arrastasse pelo chão. Esse sujeito tinha, mais ou menos, o mesmo tamanho que o meu dedo médio. Os outros dois estavam um de cada lado e serviam de apoio ao sujeito de meia-idade. Ele me pareceu um grande orador, e, pelo que fui

capaz de observar, inseria entre sua fala ameaças e promessas, seguidas de um gestual que indicava piedade e bondade. Respondi ao seu discurso em poucas palavras e da maneira mais submissa possível. Ergui minha mão esquerda e os olhos para o sol. Tentei demonstrar que estava quase morrendo de fome, pois não havia comido nada após deixar o navio.

Tão poderosos eram esses sentimentos e a força da fome em meu estômago, que não pude deixar de demonstrar minha impaciência (talvez contrariando as estritas regras da decência) e de frequentemente apontar meu dedo na direção da minha boca, para comunicar que eu queria comida.

O *hurgo* (assim são chamados os grandes senhores daquele lugar, como eu viria a descobrir mais tarde) me entendeu muito bem. Ele desceu do palco e ordenou que fossem aplicadas várias escadas ao meu lado, nas quais mais de cem habitantes subiram e caminharam em direção a minha boca carregando cestos cheios de carne, que haviam sido fornecidos e enviados pelos soldados do rei.

Observei que me serviam carne de vários animais, mas não conseguia distingui-los pelo sabor. Havia torsos, pernas e lombos, em formato de carneiro, todos muito bem temperados, mas menores que as asas de uma cotovia. Comi porções de duas ou três de cada vez, sempre acompanhadas por três fatias de pão. Me serviram o mais rápido que pu-

deram, demonstrando enorme admiração e espanto pelo meu gigantesco apetite. Fiz sinal de que queria beber e eles, calculando que minha sede fosse tão grande quando minha fome, me serviram, com grande destreza, os maiores toneis de vinho que possuíam. Bebi tudo de um gole. O gosto era tão bom quanto o dos vinhos da Borgonha. Pedi mais e fui atendido. Bebi sofregamente e fiz mais sinais. Eles, no entanto, indicaram que não havia mais nenhuma bebida para me oferecer.

Após vivenciar essas maravilhas, eles gritaram de alegria e dançaram sobre meu peito, repetindo várias vezes, como no início, *Hekinah degul*. Fizeram-me um sinal de que eu deveria derrubar cuidadosamente os toneis, tudo para não machucar as pessoas abaixo, que se afastaram por segurança gritando: *Borach mevolah*. No momento em que viram os toneis no ar, houve um grito geral de *Hekinah degul*.

Confesso que muitas vezes fiquei tentado, enquanto caminhavam sobre o meu peito, de pegar uns quarenta ou cinquenta daqueles que estavam ao meu alcance e jogá-los contra o chão.

Esse sentimento desapareceu quando me lembrei da promessa de honra que havia feito para aquelas criaturas — porque assim interpretei meu comportamento submisso, como uma promessa. Além disso, agora eu me considerava

vinculado pelas leis da hospitalidade a um povo que me tratara com tanta despesa e magnificência. No entanto, em meus pensamentos era impossível imaginar a intrepidez desses diminutos mortais, que se arriscaram a montar e andar sobre meu corpo enquanto uma de minhas mãos estava em completa liberdade. Fizeram isso com a plena confiança de que eu não os faria mal. Não temiam ou tremiam frente à visão de uma criatura tão prodigiosa, pois assim eu deveria parecer aos seus olhos.

Depois de algum tempo, quando finalmente perceberam que eu não queria mais carne, apareceu diante de mim uma pessoa de alta patente representando sua majestade imperial. Ele e seu séquito, de uma meia dúzia de pessoas, tendo montado na parte inferior da minha perna direita, avançaram até o meu rosto. Após colocar diante de meus olhos suas credenciais com o selo real, falou por cerca de dez minutos sem nenhum sinal de raiva, mas com um tipo de resolução determinada, muitas vezes apontando para a frente, o que, como descobri depois, era a direção da capital, que ficava a cerca de oitocentos metros de distância.

Respondi em poucas palavras e fiz um sinal com a mão livre (mas acima da cabeça de sua excelência por medo de machucá-lo) para demonstrar que eu desejava minha liberdade. Ele, aparentemente, entendeu o que eu disse e

sinalizou, balançando a cabeça em desaprovação e mantendo a mão em uma postura para comunicar que eu deveria ser carregado como um prisioneiro. No entanto, ele também fez outros sinais dando a entender que eu deveria comer e beber até ficar satisfeito, ou seja, embora prisioneiro, teria direito a um tratamento digno.

Nesse momento quis romper as amarras que me prendiam. Porém, quando pensei na dor das picadas que havia levado no rosto e nas mãos, as quais se transformaram em bolhas ainda com as pequenas flechas penduradas nelas, me contive. Também levei em conta o fato de que o número de meus inimigos aumentara. Assim, demonstrei que podiam fazer comigo o que bem quisessem.

O *hurgo*, seus criados e seu séquito se retiraram. Tudo com muita civilidade e semblantes alegres. Logo depois, ouvi um grito geral, com frequentes repetições das palavras *Peplom selan*.

Senti então um grande número de pessoas à minha esquerda afrouxando os cabos que me prendiam a tal ponto que consegui me inclinar para a direita e urinar; o que fiz abundantemente, para grande espanto daquele povo.

Aqueles que, pelos meus movimentos, perceberam o que eu estava prestes a fazer, imediatamente abriram caminho, movendo-se à direita e à esquerda para evitar o jato



de urina que caía com tanto alarde e violência. Mas, antes disso, passaram uma espécie de pomada, de odor muito agradável, em meu rosto e em minhas mãos. O que, em poucos minutos, removeu toda dor causada pelas flechas. Essas circunstâncias, somadas ao torpor produzido pelos alimentos e principalmente pelas bebidas que eu havia ingerido, me fizeram cair no sono. Dormi por cerca de oito horas, segundo mais tarde me informaram. Somente algum tempo depois descobri que os médicos, por ordem do imperador, haviam misturado uma poção tranquilizante nos toneis de vinho que me foram oferecidos.

Assim que fui visto dormindo desmaiado no chão daquela ilha, o imperador ordenou que me amarrassem (o que foi feito durante a noite enquanto eu dormia), que muita carne e bebida fossem enviadas para mim e que uma máquina fosse preparada para me carregar até a capital.

A resolução do imperador, no entanto, me pareceu muito ousada e perigosa. Acredito que essa não seria a postura de nenhum príncipe na Europa, caso o mesmo lá se passasse. Pensando bem, na minha opinião, o líder daquele povo era, ao mesmo tempo, extremamente prudente e generoso, pois, supondo que essas pessoas tivessem se esforçado para me matar com suas lanças e flechas enquanto eu dormia, certamente eu acabaria acordando. Ficaria tomado pela ira,

teria quebrado as amarras que me prendiam e destruído sem piedade aquele povo.

Essas pessoas são excelentes matemáticos e chegaram a uma grande perfeição em mecânica, pelo encorajamento do imperador, que é um renomado patrono do aprendizado. Esse príncipe tem várias máquinas fixadas sobre rodas, para o transporte de árvores e outros grandes volumes. Frequentemente ele participa da construção dos maiores navios de guerra daquele reino, dos quais alguns chegam a um metro e oitenta de comprimento. Quinhentos carpinteiros e engenheiros foram imediatamente postos a trabalhar para preparar a melhor e maior carruagem do reino. Era uma estrutura de madeira suspensa a cinco centímetros do chão, com cerca de dois metros de comprimento e quatro de largura, movendo-se sobre vinte e duas rodas. Os gritos que ouvi ocorreram na chegada dessa carruagem (ou carroça), que, ao que parece, partiu quatro horas após minha chegada. Foi trazida paralela a mim, enquanto eu estava deitado. Mas a principal dificuldade que enfrentaram foi me içar e me colocar sobre aquele veículo. Oitenta mastros, cada um com três palmos de altura, foram erguidos para esse fim. Cordas muito fortes foram presas por ganchos às bandagens que os operários haviam cingido em volta do meu pescoço, mãos, tronco e pernas. Novecentos dos homens mais fortes

foram empregados para esticar esses cordões enovelados em polias presas aos mastros; e assim, em menos de três horas, fui levantado e colocado sobre a carruagem. Tudo isso me foi dito depois. Enquanto ocorria a operação, eu dormia profundamente, sob o poder daquele soporífero infundido em minha bebida. Mil e quinhentos dos maiores cavalos do imperador, cada um com cerca de dez centímetros de altura, foram empregados para me levar em direção à metrópole, que, como eu disse, estava a oitocentos metros de distância.

Cerca de quatro horas após a jornada ter início, eu acordei com um acidente ridículo: como a carruagem estava parada por um tempo, para ajustar algo que estava fora de ordem, dois ou três jovens nativos tiveram a curiosidade de ver se eu estava realmente dormindo; eles subiram no veículo e caminharam muito suavemente em direção ao meu rosto, um deles, um oficial da guarda, colocou a ponta afiada de sua meia-lança dentro da minha narina esquerda. Como a lança fez cócegas no meu nariz, acabei espirrando violentamente.

Depois disso, marchamos o restante do dia para só descansarmos durante a noite. De cada lado do veículo estavam quinhentos guardas, metade com tochas e metade com arcos e flechas, prontos para atirar caso eu tentasse fugir ou mesmo me mexer. Na manhã seguinte, ao nascer do sol, continuamos nossa marcha e chegamos a duzentos metros dos portões da

cidade por volta do meio-dia. O imperador e toda a sua corte vieram nos encontrar, mas os grandes oficiais do exército não permitiriam que sua majestade pusesse em perigo sua pessoa escalando meu corpo.

Havia um velho templo no local em que a carruagem parou. Aquele era considerado o maior de todo o reino, mas não era mais utilizado para cerimônias depois que um caso de assassinato o profanara. Desde então, aquela construção, completamente desprovida de móveis ou ornamentos, era aplicada ao uso comum.

Ficou determinado que eu deveria me hospedar lá. O grande portão que dava para o lado norte tinha cerca de um metro e meio de altura e quase dois metros de largura, logo, eu poderia facilmente entrar rastejando. Em cada lado do portão havia uma pequena janela, a menos de quinze centímetros do chão. O ferreiro real prendeu correntes com cadeados em minha perna esquerda.

Diante desse templo, do outro lado da grande estrada, a uma distância de seis metros, havia uma torre com pelo menos um metro de altura. Ali o imperador subiu acompanhado pelos principais membros de sua corte. Todos queriam ter a oportunidade de me ver. Conta-se que milhares de curiosos subiram nos andaimes e escadas colocados ao redor do templo só para esse fim.

Rapidamente, em razão do enorme número de pessoas, foi emitida uma proclamação que proibia, sob pena de morte, subir em tais escadas e andaimes. Quando os operários se certificaram de que era impossível eu me soltar, cortaram todas as cordas que me prendiam. Eu então me levantei, tomado pela mesma melancolia que sempre tive em toda minha vida.

Quando me ergui, o espanto do povo, ao me ver subir e andar, foi inominável. As correntes que prendiam minha perna esquerda tinham cerca de dois metros de comprimento, o que me permitia apenas andar para trás e para a frente em um semicírculo.

## CAPÍTULO 2

*O imperador de Lilliput e vários membros da nobreza daquele lugar visitam o autor em seu confinamento. Descrição da pessoa e dos hábitos do imperador. Homens instruídos são designados para ensinar ao autor a língua local. O autor agrada em razão de seus modos amenos. Os bolsos do autor são revistados e ele perde sua espada e suas pistolas.*

**C**onfesso que quando me levantei e olhei em volta, nunca tinha visto nada mais engraçado: o país parecia um jardim. Os campos fechados, geralmente com cerca de doze metros quadrados, eram iguais a canteiros de flores. Neles, as árvores mais altas tinham aproximadamente um metro e meio de altura. À minha esquerda estava a cidade, que parecia mais um cenário de teatro de bonecos.

Como é possível imaginar, eu estava desesperado para fazer minhas necessidades. Há quase dois dias que me segurava. Sentia um misto de urgência e vergonha. O melhor expediente em que pude pensar naquela situação foi entrar no templo — o que eu fiz —, fechar o portão atrás de mim e

caminhar em direção ao canto mais distante, chegando quase ao ponto de arrebentar corrente. Lá eu liberei meu corpo do desconforto que tanto me angustiava.

Essa foi a única vez em que pratiquei algo tão sujo. Peço que o leitor honesto me perdoe e considere, de forma madura e imparcial, a angústia na qual eu me encontrava.

Desde então, passei a adotar a seguinte prática: todos os dias me levantava cedo e fazia o que tinha de fazer ao ar livre, no ponto até onde minha corrente permitia. Tinha o cuidado de ser o primeiro a acordar, antes da chegada dos pequenos, e deixar lá minha obra diária, a qual era devidamente transportada em carrinhos de mão por dois servos nomeados para esse fim.

Eu não teria me demorado tanto em explicar essa rotina que, talvez, à primeira vista, pareça pouco importante, se não considerasse necessário justificar meu caráter, em termos de limpeza, para o mundo. Faço isso porque, segundo me disseram, alguns dos meus críticos questionaram este e outros pontos da obra.

Quando o serviço de limpeza terminou, saí da casa para tomar um ar fresco. O imperador desceu de sua torre e avançou a cavalo em minha direção. O animal, quando me viu, refugou. Sorte que o imperador era um exímio cavaleiro e manteve-se em sua sela até que os atendentes segurassem

o freio do animal. Sua majestade desmontou, se aproximou e me examinou com grande admiração — mantendo-se, contudo, fora do alcance do comprimento da minha corrente.

Ele ordenou que seus cozinheiros e mordomos, que já estavam preparados, me servissem alimentos e bebidas, os quais eles empurravam em uma espécie de veículo sobre rodas até que eu pudesse alcançá-los. Peguei os potes que estavam nesses veículos e os esvaziei completamente. Vinte deles estavam cheios de carne e dez com licor. Os primeiros me proporcionaram dois ou três bons bocados; já os dez os potes de barro com licor eu esvaziei com uma talagada só cada um.

A imperatriz e dois jovens príncipes, um menino e uma menina, assistidos por muitas damas, sentaram-se a certa distância em suas cadeiras; porém, temendo que suas montarias apresentassem o mesmo espanto que o cavalo do imperador, eles desmontaram e caminharam até perto do líder real.

O imperador era mais alto que qualquer outra pessoa da corte. A diferença de tamanho entre ele e os outros era de aproximadamente uma unha minha. Só isso já seria mais que suficiente para impressionar. Suas feições eram fortes e masculinas, com lábios austríacos e um nariz aquilino; sua tez era cor de oliva, semblante sério, corpo e membros bem



proporcionados, com movimentos graciosos e de conduta majestosa. Já não estava mais na flor da juventude. Tinha vinte e oito anos e nove meses de idade. Há sete comandava aquele reino com grande habilidade e, geralmente, de maneira gloriosa.

Para melhor contemplá-lo, deitei-me de lado, de modo que meu rosto ficou paralelo ao dele. Estávamos cerca de três metros de distância um do outro. Assim, pude analisá-lo muito tranquilamente. Em outras ocasiões tive o imperador literalmente na palma da minha mão, portanto, sou capaz de descrevê-lo sem medo de errar.

Ele vestia uma roupa clara e simples, algo entre a moda asiática e a europeia. Levava à cabeça um capacete de ouro, adornado com joias e uma pluma na crista. Segurava uma espada na mão para se defender, caso eu me soltasse. Ela media aproximadamente sete centímetros de comprimento e tinha o punho e a bainha de ouro, cravejados de diamantes.

Sua voz era estridente, porém clara e articulada. Eu conseguia ouvi-lo distintamente mesmo quando decidi ficar em pé. As damas e as cortesãs estavam todas magnificamente vestidas, de modo que de onde eu estava elas pareciam formar uma bela saia bordada com figuras de ouro e prata. Sua majestade imperial falou muitas vezes comigo. Eu, de minha parte, devolvia respostas. Nenhum de nós conseguia

entender uma sílaba do que o outro disse. Havia vários padres e advogados presentes (pelo menos era isso que suas roupas me levavam a crer), que receberam ordens para se dirigirem a mim.

Falei com eles em todas as línguas que eu conhecia: holandês, latim, francês, espanhol, italiano e língua franca, mas sem nenhum resultado. Após cerca de duas horas a corte se retirou e eu fiquei cercado por uma guarda, principalmente para evitar a impertinência e, provavelmente, as intenções violentas da plebe rude, a qual impacientemente buscava se amontoar ao meu redor. Alguns deles tiveram a insolência de atirar suas flechas contra mim no momento em que eu me sentava no chão próximo à porta do templo. Por muito pouco não acertam meu olho esquerdo.

Ao perceber esse ataque contra minha pessoa, o coronel ordenou a prisão de meia dúzia dos principais baderneiros. Decidiu também que o castigo mais adequado era entregar os delinquentes nas minhas mãos, o que seus soldados fizeram, os empurrando para a frente com as pontas de suas lanças, deixando-os ao meu alcance.

Peguei todos eles com minha mão direita e coloquei cinco no bolso do casaco. Para o sexto fiz um semblante como se estivesse disposto a comê-lo vivo. O desgraçado do pobre homem começou a gritar terrivelmente. Até mesmo o

coronel e seus oficiais fizeram cara de pânico, especialmente quando me viram sacar o canivete. Mas logo tudo se tranquilizou, pois, olhando tranquilamente para o baderneiro, cortei as cordas com as quais ele estava amarrado. Depois, coloquei-o gentilmente no chão e ele fugiu em desabalada carreira. Tratei o resto da mesma maneira, tirando-os um a um do meu bolso. Observei que tanto os soldados quanto as pessoas estavam muito satisfeitos com esse meu ato de clemência, que acabou se tornando algo muito favorável à minha pessoa na corte.

À noite, entrei com dificuldade no templo vazio que me servia de morada. Lá, dormia no chão, o que fiz durante quinze dias. Nesse período, o imperador deu ordens para que uma cama fosse preparada para mim. Seiscentos leitos de medida comum foram trazidos em carruagens e dispostos em minha casa. Cento e cinquenta colchões costurados formaram minha nova cama, empilhados em quatro camadas iguais. Também me ofereceram lençóis, cobertores e colchas. Tanto a cama quanto as cobertas eram suficientemente toleráveis para alguém que estava há tanto tempo envolvido em privações.

À medida que as notícias a meu respeito se espalhavam pelo reino, um número cada vez mais prodigioso de pessoas ricas, ociosas e curiosas chegava para me ver. Por esse

motivo, boa parte das aldeias ficou praticamente vazia. Isso resultou em um grande descaso com a lavoura e os assuntos domésticos daquele reino. Tudo poderia ter sido pior se sua majestade imperial não tivesse atuado, por meio de várias proclamações e ordens de Estado, contra esse inconveniente. Ele ordenou que aqueles que já haviam me visto retornassem para suas casas. Só podiam chegar a menos cinquenta metros de minha casa aqueles que possuísem licença do tribunal. Essa medida, por sua vez, fez com que os secretários de Estado recebessem honorários consideráveis.

Nesse meio tempo, o imperador fazia reuniões frequentemente. Nelas, era decidido qual política adotar em relação à minha situação. Mais tarde me foi assegurado por um determinado amigo, uma pessoa de certa relevância na corte, que o tribunal estava sob muita pressão por minha causa.

Discutiam sobre minha libertação e debatiam a respeito da minha dieta, a qual seria muito dispendiosa ao governo e poderia causar fome no reino. Às vezes, defendiam que eu deveria passar fome, ou então que deveria ser alvejado no rosto e nas mãos com flechas envenenadas, que logo me matariam. Provavelmente, eles não levaram isso a cabo em função do cheiro que minha gigantesca carcaça produziria e em razão do risco de que meus restos mortais originassem algum tipo de praga na metrópole, que muito provavelmente

se espalharia por todo o reino. Em meio a essas consultas, vários oficiais do exército foram até a porta da grande Câmara do Conselho. Dois deles foram admitidos. Lá dentro, deram conta de meu comportamento em relação aos seis criminosos mencionados anteriormente.

O depoimento produziu uma impressão tão favorável em sua majestade e em todo o Conselho, que uma ordem imperial foi emitida obrigando todas as aldeias, a novecentos metros da cidade, a entregarem todas as manhãs seis vacas, quarenta ovelhas e outros alimentos para meu sustento, juntamente com uma quantidade proporcional de pão, vinho e outros licores. Os pagamentos desses provimentos diários passaram a ser pagos com títulos do tesouro, segundo a ordem do imperador, o qual, como correto soberano que é, raramente cobra impostos abusivos de seus súditos, o que só ocorre em ocasiões especiais. Também ficou estabelecido que seiscentas pessoas trabalhariam como meus empregados domésticos, e os salários e a manutenção das tendas construídas para que morassem ao lado da minha porta também passaram a ser pagos pelo imperador. Foi ainda ordenado que trezentos alfaiates me fizessem uma roupa de acordo com a moda do país. Seis dos maiores estudiosos que trabalhavam para sua majestade foram empregados como professores, com a função de me ensinar seu idioma. Por último, o imperador

ordenou que seus cavalos, da nobreza e das tropas de guarda deveriam ser frequentemente expostos diante de mim com o objetivo de que se acostumassem comigo.

Todas essas ordens foram devidamente executadas. Cerca de três semanas depois, meu aprendizado da língua daquele povo já estava bem avançado. Durante esse período, o imperador frequentemente me honrou com suas visitas, e eu tive então o prazer de também receber aulas suas. Foi quando começamos a ter nossas conversas iniciais. As primeiras palavras que aprendi foram: “Por favor, devolva minha liberdade”.

Eu repetia todos os dias, de joelhos, essa frase. A resposta do imperador, como pude compreender, foi: “Isso deve ocorrer em breve, mas não posso tomar essa decisão sem consultar o Conselho, pois primeiro devo *lumos kelmin pesso desmar lon emposo*”. Primeiramente, ele queria que eu jurasse manter a paz com ele e seu reino. Nesse ínterim, ele me garantiu que eu seria tratado com toda bondade enquanto esperava por minha liberdade.

O imperador me aconselhou a conquistar a estima de seus súditos. Disse também que ordenaria seus soldados a me revistarem, pois, segundo ele, eu poderia carregar várias e perigosas armas. Respondi afirmando estar disposto a me despir e esvaziar meus bolsos diante dele, ao que ele

respondeu que a lei de seu reino exigia que a revista fosse feita por dois de seus oficiais.

Ao perceber que isso só poderia ser feito com a minha anuência, a qual concedi, dois indivíduos subiram então nas minhas mãos. O imperador explicou que tudo o que eles retirassem de mim seria devolvido quando eu deixasse aquele país.

Peguei então os dois oficiais em minhas mãos, coloquei-os primeiro nos bolsos do casaco, depois em todos os outros exceto dois, secretos, nos quais eu mantinha alguns pequenos itens que não tinham importância para ninguém além de mim.

Em um dos meus bolsos havia um relógio de prata; no outro, uma bolsa com uma pequena quantidade de ouro. Esses cavalheiros, dotados de caneta, tinta e papel, fizeram um inventário exato de tudo o que encontraram. Ao final da revista, eu os coloquei de volta no chão e eles entregaram o levantamento ao imperador. Posteriormente, traduzi, palavra por palavra, o inventário para o inglês:

*Imprimis: no bolso direito do 'homem-montanha' (assim traduzi as palavras quinbus flestrin), após a mais rigorosa busca, encontramos apenas um pedaço de tecido grosso grande o suficiente para ser o tapete da principal sala do*

*palácio do imperador. No bolso esquerdo, um enorme baú prateado, com uma tampa do mesmo metal que nós, os pesquisadores, não conseguimos abrir. Pedimos para que ele o abrisse. Então, um de nós entrou nele e encontrou-se em uma espécie de poeira que chegava até a altura dos joelhos. O ar fez essa poeira voar e nos fez espirrar várias vezes. No bolso direito do colete encontramos um pacote prodigioso de substâncias finas brancas, dobradas uma sobre a outra, que mediam aproximadamente o equivalente a três homens um do lado do outro. À esquerda, havia uma espécie de grade com vinte longos dentes compridos, como lanças finas, que se assemelhavam às que cercam a corte de sua majestade. Nós acreditamos que o homem-montanha a utiliza para pentear os cabelos. No bolso grande no lado direito da “vestimenta inferior” (traduzi assim a palavra ranfulo, o que então significava minhas calças) vimos uma coluna de ferro oca, do tamanho de um homem, presa a um grosso pedaço de madeira maior que o pilar; e de um lado do pilar, enormes pedaços de ferro saindo, cortados em formatos estranhos, os quais não compreendemos muito bem o sentido e a função. No bolso esquerdo,*



*outro mecanismo do mesmo tipo. No bolso menor do lado direito havia várias peças redondas e planas de metal e de diferentes tamanhos. Algumas eram prateadas, grandes e pesadas. Tão pesadas que eu e meu camarada mal conseguimos levantá-las. No bolso esquerdo havia dois pilares pretos de formato irregular: enquanto estávamos no fundo do bolso, foi muito difícil para nós chegar ao topo deles. Um estava coberto. Já na extremidade superior do outro parecia haver uma substância branca e redonda que media cerca do dobro da grandeza de nossas cabeças. Dentro de cada um desses pilares havia uma prodigiosa placa de aço, as quais, por nossas ordens, obrigamos o homem-montanha a nos mostrar, pois acreditávamos que poderiam ser mecanismos perigosos. Ele os tirou de dentro dessas capas e nos disse que em seu país um era utilizado para raspar a barba e o outro para cortar coisas como frutas ou carnes. Não conseguimos entrar em dois dos bolsos porque eram duas grandes fendas cortadas no topo da capa do meio e pressionados pela barriga do homem-montanha. Do lado direito pendia uma grande corrente de prata à qual estava preso um maravilhoso mecanismo. Nós o instruímos*

*a revelar esse artefato, que se parecia com um globo. Metade do aparelho era prateada e a outra metade era coberta por algum tipo de metal transparente, pelo qual era possível visualizar figuras estranhas desenhadas no círculo. Num primeiro momento, pensamos que seria possível tocá-las, porém nossos dedos foram detidos pela substância translúcida. Ele então colocou esse mecanismo em nossos ouvidos e descobrimos que o mesmo fazia um ruído incessante, como o de um moinho de água. Imaginamos que talvez houvesse um animal desconhecido preso dentro da máquina ou um deus que ele adora. Aliás, estamos mais inclinados a essa última opinião, pois ele nos garantiu (se o entendemos direito, pois se expressava de maneira imperfeita) que raramente fazia alguma coisa sem consultar aquele aparelho. Ele disse que o artefato era seu 'oráculo' e que indicava o tempo para cada ação de sua vida. Do outro bolso que não conseguimos entrar ele retirou uma rede grande o suficiente para ser utilizada por um de nossos pescadores. Curiosamente, essa rede se abria e fechava como uma bolsa e era para isso que ela a usava. Dentro dela encontramos várias peças*

*maciças de metal amarelo, que, caso sejam ouro, devem ter valor incalculável.*

*Após cumprirmos todas as ordens imperiais, diligentemente revistando todos os bolsos do homem-montanha, observamos que ele portava um cinto feito da pele de algum animal prodigioso, no qual, do lado esquerdo, pendia uma espada do comprimento de cinco homens; à direita ele levava uma bolsa dividida em dois compartimentos cheios de globos, ou esferas, feitos de um metal mais pesado, e uma porção de certos grãos pretos, mas sem grande volume ou peso, pois conseguimos segurar acima de cinquenta deles nas palmas das nossas mãos.*

*Este é o inventário exato do que descobrimos nas roupas e cinto do homem-montanha, que, é bom lembrar, nos tratou com grande civilidade e muito respeito. Assinado e selado no quarto dia da octogésima nona lua do auspicioso reinado de Vossa Majestade.*

*Clefrin Frelock, Marsi Frelock*

No momento que esse inventário foi lido para o imperador, ele me fez vários questionamentos e quis saber sobre diversos detalhes. Primeiro pediu para ver meu sabre, que eu prontamente tirei da bainha. Nesse meio tempo, ele ordenou que uma tropa de três mil homens me cercasse à distância, com seus arcos e flechas prontos para disparar. Eu, de minha parte, sequer olhei para essa movimentação, pois meus olhos estavam totalmente fixos em sua majestade. Quando saquei o sabre já enferrujado pelo contato com a água do mar, as tropas deram um grito de terror e surpresa, porque o sol brilhava na lâmina e o reflexo ofuscava seus olhos. O imperador, que é magnânimo, ficou menos assustado do que eu poderia esperar e ordenou que eu recolocasse o sabre na bainha e a pousasse no chão o mais gentilmente possível. A próxima coisa que pediu para examinar foram minhas pistolas de bolso, pedindo para que eu explicasse para o que elas serviam. Tentei expor o funcionamento daquelas armas da melhor maneira possível. Depois, carreguei-as com pólvora apenas, que eu cuidadosamente levava protegida da umidade do mar em uma bolsa. Adverti o imperador para não ter medo e depois disparei. O espanto foi imenso. Centenas de soldados caíram como que mortos. Até mesmo o imperador, apesar de ter se mantido firme, levou algum tempo para se recuperar da cena. Entreguei minhas duas

pistolas da mesma maneira que fiz com o sabre. Depois, cedi também minha bolsa de pólvora e as balas de chumbo, porém, disse para tomarem cuidado com aquele carregamento e não o colocarem de maneira alguma perto do fogo. Expliquei que isso poderia causar uma explosão capaz de despedaçar completamente o palácio imperial. Em seguida dei a eles o meu relógio, um dos principais pontos de interesse do imperador. Também ordenei a dois dos mais altos membros da guarda que o carregassem com cuidado. O imperador, por sua vez, ficou surpreso com o ruído contínuo que o relógio produzia e com o movimento do ponteiro dos minutos, o qual ele podia ver se movimentar facilmente, pois a visão daquelas criaturas é muito mais aguçada do que a nossa. O imperador então perguntou a opinião de seus especialistas no assunto, que eram diversas e remotas, como o leitor pode imaginar — embora eu não as entendesse perfeitamente. Depois disso entreguei minhas moedas de prata, cobre e ouro. Também deixei com eles minha faca, minha navalha, meu pente, minha caixa prateada de rapé, meu lenço e meu diário. Meu sabre, minhas pistolas, a bolsa com a pólvora e as balas foram transportados em carruagens para ficarem sob os cuidados de sua majestade. O resto dos meus bens me foi devolvido.

Como disse antes, eu possuía um bolso secreto que não foi revistado. Nele estavam meus óculos (que às vezes uso em razão da fraqueza dos meus olhos), uma luneta de bolso e outros pequenos pertences sem qualquer importância para o imperador. Por isso não me dei ao trabalho de mostrá-los, principalmente porque poderiam ser danificados.

## CAPÍTULO 3

*O autor entretém o imperador e sua nobreza de uma maneira muito incomum. Descrição dos divertimentos da corte de Lilliput. O autor tem sua liberdade concedida sob certas condições.*

**M**inha gentileza e bom comportamento conquistaram o imperador, sua corte, o exército e até mesmo o povo em geral. Tanto é que comecei a ter esperanças de reconquistar minha liberdade. Fiz tudo ao meu alcance para cultivar essa disposição favorável entre todos daquele reino. Os nativos, aos poucos, foram se tornando menos apreensivos em relação à minha pessoa. Às vezes, eu me deitava e deixava cinco ou seis dançarem na minha mão; até mesmo os meninos e as meninas enfim se aventuravam a brincar de esconde-esconde no meu cabelo. Eu já havia feito um bom progresso em compreender e falar o idioma daquele povo. Um dia, o imperador teve a ótima ideia de me levar para assistir algumas apresentações dos artistas daquele país. Sem sombra de dúvidas eles superaram artistas de todas as nações que conheci, tanto por destreza

quanto por magnificência. Fiquei muito impressionado com os malabaristas da corda bamba, os quais executavam seus truques sobre uma fina linha branca, estendida a uma altura de aproximadamente um metro do chão. Gostei tanto do espetáculo que, com a paciência do leitor, pretendo descrevê-lo um pouco mais.

As pessoas que praticam essa arte acabam candidatas a grandes empregos e a altos cargos na corte. Eles são treinados no malabarismo desde muito pequenos e nem sempre são filhos da nobreza ou tiveram educação liberal. Quando uma posição importante fica vaga, seja por morte ou por algum incidente, desgasto ou corrupção (o que geralmente acontece), cinco ou seis desses artistas imediatamente se candidatam ao posto. Então, eles fazem uma apresentação para o imperador e aquele que pular mais alto sem cair fica com a vaga. Muitas vezes, os próprios ministros são obrigados a mostrar suas habilidades e convencer o imperador de que não perderam suas faculdades. Flimnap, o tesoureiro do império, é capaz de fazer acrobacias inacreditáveis na corda bamba, a qual ele coloca pelo menos uma polegada mais alta do que qualquer outro alto funcionário do império. Eu o vi dar saltos mortais várias vezes. Meu amigo Reldresal, principal secretário de assuntos privados, é, em minha opinião — se não sou parcial —, o melhor malabarista depois do tesoureiro. O restante dos



grandes oficiais e funcionários, no entanto, não fica muito atrás desses dois excelentes malabaristas.

Essas apresentações são frequentemente marcadas por acidentes fatais. Eu mesmo já vi dois ou três candidatos quebrarem um braço ou uma perna. O perigo aumenta quando ocorrem as convocações para que os ministros mostrem suas habilidades. Ao tentarem se destacar de seus companheiros, eles se esforçam tanto que dificilmente há apresentações sem uma queda ou uma contusão séria. Flimnap, por exemplo, certa vez quase quebrou o pescoço. O tesoureiro foi salvo por uma das almofadas do imperador que acidentalmente estava no local onde ele caiu.

Há outro tipo de diversão, muito peculiar, que só é apresentada em ocasiões específicas para o imperador, a imperatriz e o primeiro-ministro. Durante essa apresentação, o imperador coloca sobre a mesa três fitas de seda de quinze centímetros de comprimento cada: uma azul, outra vermelha e a terceira verde. Essas fitas são uma espécie de prêmio para aquelas pessoas que o imperador quer distinguir por uma marca peculiar. A cerimônia acontece no grande salão de Estado do palácio de sua majestade. Antes, porém, os candidatos passam por uma prova de destreza muito diferente das apresentações de malabarismo citadas anteriormente. Durante a prova, o imperador segura um bastão nas mãos

cujas extremidades ficam em paralelo com o horizonte. Os candidatos então avançam, um a um. Algumas vezes pulam sobre o bastão; em outras, rastejam sob ele, para trás e para a frente várias vezes. Esse movimento se dá conforme o bastão é erguido ou abaixado. Às vezes, o imperador segura uma ponta do bastão e seu primeiro ministro, a outra; às vezes, o ministro segura o bastão sozinho. Aquele que realiza com maior agilidade a tarefa, saltando e rastejando por mais tempo, é recompensado com a fita de seda azul; a fita de seda vermelha é dada para o segundo colocado; e a verde para o terceiro. Os vencedores utilizam as fitas de seda amarradas como cintos. São poucas as pessoas na corte que carregam essa condecoração.

Os cavalos do exército e dos estábulos reais, após ficarem várias horas diariamente diante de mim, perderam o medo. Alguns inclusive chegavam bem perto dos meus pés. Os cavaleiros usavam minhas mãos como obstáculos enquanto eu as colocava no chão e as pulavam montados em seus cavalos. Um dos caçadores do imperador, num desses saltos a cavalo, chegou a arrancar meu sapato. Também tive a sorte de entreter o imperador um dia de uma maneira extraordinária: primeiro, com meu lenço e vários caibros que solicitei a ele, que ordenou que seus marceneiros os fizessem exatamente como eu havia pedido, montei uma espécie de tabuleiro. Em

segundo lugar, quando terminei meu trabalho, pedi para o imperador que uma tropa de vinte e quatro de seus melhores cavaleiros se exercitasse nesse tablado. Sua majestade gostou da ideia. Assim que eles entraram em ordem, se dividiram em dois grupos de doze e simularam batalhas, lançaram flechas sem ponta, sacaram espadas sem corte, fugiram e perseguiram uns aos outros, atacaram e se retiraram, em suma, aquele tabuleiro se tornou palco para os melhores exercícios militares que vi em minha vida. Os caibros paralelos que eu havia colocado em volta do tabuleiro impediam que os soldados e seus cavalos caíssem no palco. O imperador ficou tão encantado que ordenou que esse entretenimento fosse repetido durante vários dias, chegou inclusive a pedir que eu o erguesse para que ele, do alto, desse a palavra de comando para o início da batalha. Depois, após muita conversa, convenceu a própria imperatriz a me deixar segurá-la em sua cadeira cerca de dois metros acima do palco, de onde ela foi capaz de ter uma visão completa de toda a encenação. Tive muita sorte pois nenhum acidente aconteceu durante esses entretenimentos, exceto uma vez, quando um cavalo que pertencia a um dos capitães abriu um buraco no meu lenço com seus cascos e derrubou o cavaleiro e a si próprio. Imediatamente retirei ambos do local. O cavalo feriu a pata esquerda, mas o cavaleiro não se machucou. Depois disso,

cerzi o lenço o melhor que pude. No entanto, não confiaria mais naquele palco para novas lutas ou exercícios militares.

Dois ou três dias antes de eu ser libertado, enquanto ainda entretinha a corte com esse tipo de façanha, um mensageiro chegou para informar sua majestade de que alguns de seus súditos perambulavam perto do local onde fui encontrado pela primeira vez e avistaram uma grande forma negra por ali. Segundo a mensagem, a tal coisa tinha uma silhueta estranha e estendia suas bordas em uma área da largura de um dos quartos do palácio de sua majestade. No meio, havia uma protuberância com a altura de um homem, porém, a coisa não era um ser vivo, como julgaram inicialmente, pois permanecia completamente imóvel há dias. Muitos curiosos chegaram bem perto dela várias vezes e acabaram descobrindo que era oca. Os súditos então julgaram que aquilo poderia ser algo pertencente ao homem-montanha, ou seja, eu. A mensagem também afirmava que, se sua majestade quisesse, eles se comprometiam a trazer a tal coisa para que sua excelência examinasse.

De minha parte, eu sabia exatamente ao que eles se referiam e achei engraçado acompanhar toda aquela conversa. Quando cheguei à costa após o naufrágio eu estava tão confuso que, antes de cair extenuado no local onde acabei dormindo, meu chapéu, que ficou preso por um barbante

ao meu pescoço o tempo todo em que eu nadei, caiu. O barbante, como eu imagino, deve ter se partido por algum acidente. Aliás, eu jurava que havia perdido meu chapéu no mar. Supliquei à sua majestade imperial que ordenasse que a tal coisa fosse remetida ao nosso encontro o mais rápido possível. Depois, descrevi com detalhes o uso e a natureza do chapéu. No dia seguinte, chegaram as carruagens que arrastavam meu chapéu, o qual não estava lá em boas condições. Os liliputianos haviam aberto dois orifícios na aba, cada um a cinco centímetros da borda, e neles prenderam dois ganchos, nos quais foi amarrada uma longa corda. Assim, arrastado por quase um quilômetro, meu chapéu foi transportado. Só não ficou completamente destruído porque o terreno naquele país é extremamente suave e nivelado.

Dois dias após essa aventura, o imperador ordenou que os batalhões estacionados em torno de sua metrópole ficassem a postos. Ele me pediu para fazer uma pose, na entrada da cidade, como se fosse um colosso, com as pernas abertas e as mãos na cintura. Depois, determinou que seu general (que era um líder experiente e grande amigo meu) reunisse as tropas e as fizesse marchar sob mim. Com tambores soando, cores esvoaçando e lanças brilhando, a cavalaria avançou. No total, eram mil cavaleiros e mil e quinhentos soldados a pé. Sua majestade ordenou, sob pena de morte, que todos, durante

a marcha, observassem a mais estrita decência em relação à minha pessoa. Mesmo assim, alguns oficiais mais jovens reviravam os olhos quando passavam por baixo de mim. Na verdade, sendo sincero, minhas calças estavam em uma condição tão ruim que permitiram certos risos e admirações.

Eu já havia enviado tantos requerimentos e petições rogando minha liberdade que sua majestade finalmente decidiu tratar o assunto. Primeiro no gabinete e depois no Conselho. Ninguém se opôs à minha soltura, exceto Skyresh Bolgolam, que estava empenhado, sem nenhum motivo, em ser meu inimigo mortal. Apesar de seus esforços, ele acabou derrotado por todo o Conselho e também pelo imperador. Bolgolam era um *galbet*, isto é, sumo-almirante do reino. Era um homem de confiança do imperador e uma pessoa versada em diversos assuntos. Tinha uma aparência sombria e azeda. No entanto, ele cumpriu perfeitamente as ordens que recebeu e conduziu corretamente os procedimentos e a documentação para minha libertação. Skyresh Bolgolam, dois subsecretários e várias pessoas distintas tomaram parte desses trâmites. Depois que todos os documentos foram lidos, fui obrigado a jurar, primeiro à maneira de meu próprio país e depois seguindo o método prescrito pelas leis liliputianas, ou seja, tive de segurar o pé direito na mão esquerda e colocar o dedo médio da mão direita no alto da cabeça e o polegar na ponta

da orelha direita. Para saciar a curiosidade daquele leitor que quer conhecer exatamente o estilo e o modo de expressão peculiar dessas pessoas, bem como conhecer o artigo sobre o qual recuperei minha liberdade, fiz uma tradução de todo o documento, palavra por palavra, da melhor maneira que pude, e aqui o ofereço ao público:

*Golbasto Momarem Evlame Gurdilo Shefin  
Mully Ully Gue, poderoso imperador de Lilliput,  
deleite e terror do Universo, cujos domínios se  
estendem por cinco mil blustrugs (medida que  
equivale a cerca de dezenove quilômetros de  
circunferência) até as extremidades do mundo;  
monarca de todos os monarcas, mais alto que os  
filhos dos homens; cujos pés pressionam o mundo  
para seu centro e cuja cabeça encosta no Sol; líder  
cujo simples aceno faz com que os príncipes da  
terra se ajoelhem; agradável como a primavera,  
confortável como o verão, frutífero como o outono,  
terrível como o inverno. Sua majestade mais sublime  
propõe ao homem-montanha, o qual recentemente  
chegou a nossos domínios celestes, os seguintes  
artigos que, por juramento solene, ele será obrigado  
a executar:*

*Primeiro. O homem-montanha não deixará nossos domínios sem nossa licença dada por escrito e autenticada pelo grande selo de nosso imperador.*

*Segundo. Ele não poderá entrar em nossa metrópole sem o consentimento necessário para tal, assim será possível avisar, com duas horas de antecedência, os habitantes, para que os mesmos se mantenham dentro de suas casas.*

*Terceiro. O referido homem-montanha limitará seus passeios às nossas principais estradas, evitando se deitar em qualquer Prado.*

*Quarto. Ao percorrer as estradas citadas, o homem-montanha deve tomar o máximo cuidado para não pisar nos corpos de qualquer um de nossos adoráveis súditos, seus cavalos ou carruagens, nem tomar qualquer um de nossos súditos em suas mãos sem o consentimento do mesmo.*

*Quinto. Quando for expresso enviar alguma mensagem extraordinária, o homem-montanha será obrigado a transportar, no bolso, o mensageiro e o cavalo por seis dias, uma vez em cada lua, e devolver o referido mensageiro (se necessário) à nossa presença imperial.*



*Sexto. O homem-montanha será nosso aliado nas lutas contra os inimigos da ilha de Blefuscu e fará o possível para destruir a frota deles, a qual está sendo preparada para nos invadir.*

*Sétimo. Que o referido homem-montanha deverá, em seu tempo livre, auxiliar nossos trabalhadores a erguer certas grandes pedras, para que os mesmos possam acabar os muros do nosso parque principal e outros edifícios reais.*

*Oitavo. Que o referido homem-montanha, dentro de duas luas, forneça um levantamento exato de nosso território, através do cálculo de seus próprios passos ao redor da costa.*

*Por fim, que, sob o juramento solene de observar rigorosamente todos os artigos acima referidos, o homem-montanha receberá uma quantidade diária de carne e bebida equivalentes ao que consomem 1.724 de nossos súditos. O homem-montanha terá livre acesso à nossa imperial pessoa real, assim como outras demonstrações de nosso favor.*

*Ato consumado em nosso palácio em Belfaborac, no décimo segundo dia da nonagésima primeira lua de nosso reinado.”*

Eu jurei e assinei esses termos com muita alegria, embora alguns deles não fossem lá muito dignos, certamente produtos da malícia de Skyresh Bolgolam, o sumo-almirante. Após o juramento, minhas correntes foram imediatamente destrancadas e eu readquiri a liberdade. O próprio imperador me concedeu a honra de acompanhar pessoalmente toda a cerimônia. Eu o agradei profusamente prostrando-me aos seus pés, mas ele ordenou que eu me levantasse. Depois de muitos elogios e enaltecimentos, os quais, por modéstia e para inibir o pecado da vaidade, não repetirei, ele acrescentou: “Espero que você seja um servo útil e mereça todos os favores que ofereci e continuarei oferecendo no futuro”.

O leitor certamente observou que, no último artigo vinculado à recuperação de minha liberdade, o imperador estipula que me seria oferecida uma quantidade de carne e bebida suficiente para sustentar 1.724 liliputianos. Algum tempo depois, perguntando a um amigo na corte como haviam chegado àquele número, ele me disse que os matemáticos de sua majestade, tendo tomado a altura do meu corpo com a ajuda de um quadrante, concluíram que eu corresponderia ao corpo deles na proporção de 1.724 para um. Consequentemente, isso significaria que minha subsistência custaria o equivalente à comida necessária para sustentar esse número de liliputianos. Isso dá ao leitor uma noção da

engenhosidade daquele povo, bem como do governo racional da economia feito pelo sábio príncipe.

## CAPÍTULO 4

*O autor descreve Mildendo, a capital de Lilliput, e o palácio do imperador. Uma conversa entre Gulliver e um secretário de alto escalão sobre os assuntos daquele império. O autor se oferece para servir ao imperador em suas guerras.*

**L**ogo após conquistar minha liberdade, o primeiro pedido que fiz ao imperador foi a licença para visitar Mildendo, a capital de Lilliput. Esse direito me foi concedido imediatamente acompanhado pelo pedido para que eu tomasse o máximo de cuidado para não machucar os habitantes da cidade ou destruir suas casas. De acordo com a proclamação, os moradores foram todos avisados sobre minha visita. Quando cheguei, a primeira coisa que me chamou a atenção foi o muro que cercava a cidade. Tinha, mais ou menos, uns oitenta centímetros de altura e cerca de trinta de largura, o que possibilitava que uma carruagem puxada por cavalos fosse conduzida com muita segurança no alto de toda a muralha, a qual era ladeada por torres fortificadas a três metros de distância cada. Passei por cima do grande

portão oeste e caminhei cuidadosamente pelas ruas principais, atento para não ferir nenhum desavisado que naquele momento estivesse pelas ruas da cidade, embora as ordens do imperador fossem muito rigorosas para que todas as pessoas permanecessem em suas casas. Também cuidei para que meu casaco não danificasse telhados e beirais. As janelas e os topos das casas estavam tomados por espectadores. Eram tantos liliputianos que concluí que aquele era, sem sombra de dúvidas, o lugar mais populoso que visitara em todas as minhas viagens. A cidade é um quadrado exato com lados murados de cento e cinquenta metros de comprimento cada. As duas grandes avenidas que cruzam o quadrado, dividindo-o em quatro quartos, têm um metro e meio de largura. As ruas e vielas, nas quais eu não podia entrar, mas apenas olhar de cima conforme caminhava, têm entre trinta a cinquenta centímetros. A cidade é capaz de abrigar tranquilamente quinhentas mil almas. As casas são de três a cinco andares. As lojas e os mercados são bem abastecidos.

O palácio do imperador fica bem no centro da cidade, onde as duas grandes avenidas se cruzam. É cercado por uma parede de sessenta centímetros de altura, que fica a seis metros de distância dos edifícios. Eu tive a permissão de passar por cima desse muro e pude ver o palácio facilmente por todos os lados. A área externa, onde fica o jardim e outras

construções, tem cerca de doze metros quadrados. Na parte interna ficam os aposentos reais, que eu desejava muito ver, mas foi extremamente difícil. Havia portões, entre uma área e a outra, porém, eles tinham apenas quarenta e cinco centímetros de altura e dezoito centímetros de largura. Os prédios que ficavam na área externa tinham pelo menos um metro e meio de altura. Era impossível andar sobre eles sem danificá-los, embora suas paredes fossem fortemente construídas com pedra talhada e cerca de dez centímetros de espessura. Porém, era desejo do imperador que eu visse a magnificência do interior de seu palácio. Infelizmente, não pude fazer isso naquele momento. Apenas consegui vislumbrar tudo após cortar com minha faca algumas das maiores árvores do parque real, a cerca de cem metros da cidade. Com essas árvores fiz dois banquinhos, cada um com cerca de um metro de altura. Ambos suficientemente fortes para suportar meu peso. Depois de prontos, avisei o imperador que visitaria a cidade novamente. Os moradores foram notificados pela segunda vez. Entrei na cidade carregando meus banquinhos. Ao chegar ao lado da área externa do palácio, subi em um deles e peguei o outro na mão, levantei-o sobre o telhado e coloquei-o gentilmente no espaço entre a primeira e a segunda área. Subi no prédio e puxei o primeiro banquinho com um graveto. Assim, consegui visualizar tudo do alto.

Até mesmo a parte mais reclusa do palácio. Deitado de lado, coloquei meu rosto nas janelas dos andares intermediários, as quais foram deixadas abertas para esse propósito. Então pude ver os aposentos mais esplêndidos que se pode imaginar. Vi também a imperatriz e os jovens príncipes, em seus vários alojamentos, acompanhados por seus serviçais. A imperatriz sorriu muito graciosamente para mim e pela janela me deu sua mão para beijar.

Não vou antecipar ao leitor mais descrições desse tipo, pois as reservo para um trabalho posterior e mais detalhado que em breve será publicado. Nele, será apresentada a história completa desse império, desde os seus primeiros príncipes. Haverá também um relato pormenorizado das guerras e da história política, das leis, da educação e da religião locais. Descreverei ainda as plantas e animais daquele reino. Também serão apresentadas as maneiras e costumes peculiares dos liliputianos, ou seja, será uma obra com vários assuntos, muitos deles curiosos e todos certamente úteis. Aqui e agora, o principal objetivo é apenas relatar os fatos que aconteceram durante minha estadia de cerca de nove meses naquele império.

Certa manhã, aproximadamente duas semanas após eu obter minha liberdade, Reldresal, o secretário-geral de assuntos particulares (como o designam lá em Lilliput), veio

à minha casa acompanhado apenas por um criado. Ele ordenou que seu auxiliar esperasse à distância. Ao se aproximar, requisitou uma audiência, à qual eu prontamente me coloquei à disposição, principalmente em razão da qualidade e dos méritos pessoais daquele importante homem do governo, e também para retribuir todo o trabalho que teve para atender às minhas inúmeras solicitações. Eu me ofereci para deitar no chão, pois assim ele poderia chegar mais perto de meu ouvido, mas ele preferiu que eu o segurasse em minha mão durante a conversa. Primeiro, ele teceu elogios à minha liberdade. Depois, disse que tinha certo mérito na minha soltura e acrescentou que se não fosse a atual situação na corte, talvez eu não tivesse obtido tão cedo minha libertação. Em seguida narrou em detalhes a situação ao dizer:

— Por mais linda e tranquila que pareça ser nossa atual situação aos olhos de um estrangeiro, na verdade, vivemos todos sob o peso de dois males poderosos: a presença de uma violenta facção doméstica e o perigo de uma invasão conduzida por nosso mais poderoso inimigo de além-mar. Quanto ao primeiro, saiba que, há cerca de setenta luas, ocorreram conflitos entre duas facções neste império: os *tramecksan* e os *slamecksan*, os quais se diferenciam pelos sapatos de salto alto dos primeiros e os de salto baixo dos segundos. A facção dos de salto alto, apesar de ser grande defensora da nossa



Constituição, foi preterida pelo imperador, que decidiu usar apenas sapatos de salto baixo na administração do governo e em todos os cargos sob jurisdição da coroa. Além disso, o imperador usa ele próprio saltos baixos, pelo menos um *drurr* mais baixo do que se utiliza em qualquer outra corte (um *drurr* equivale a aproximadamente dois milímetros). As animosidades e a polarização entre esses dois partidos são tão altas que eles não comem, nem bebem, nem conversam entre si. Os *tramecksan*, ou “salto alto”, são maioria no reino, porém, o fato é que o poder está totalmente em nossas mãos. Há entre nós certa desconfiança de que o principal herdeiro da coroa tenha alguma tendência para o salto alto. Pelo menos, já sabemos que um de seus calcanhares é mais alto que o outro, o que torna seu caminhar claudicante. Para piorar a situação, enquanto vivemos essas disputas internas, somos ameaçados por uma invasão da ilha de Blefuscu, que é o outro grande império do Universo, quase tão grande e poderoso quanto o de Lilliput. Afinal, foi isso o que ouvimos dizer por aí, apesar de você ter dito que existem outros reinos e Estados no mundo habitados por criaturas humanas tão grandes quanto você e, apesar da assertividade da sua afirmação, nossos filósofos e especialistas estão em dúvida e preferem acreditar que você caiu da lua ou de uma estrela. Tudo isso por uma razão muito simples: se existissem cem

mortais do seu tamanho, em pouco tempo todos os frutos e o gado dos domínios de sua majestade desapareceriam. Além disso, segundo nossos historiadores, nas *Crônicas das seis mil luas*, nossa principal obra, não menciona nenhuma outra região além dos dois grandes impérios de Lilliput e Blefuscu. Essas duas nações poderosas envolveram-se, como vou lhe contar, em uma terrível guerra nas últimas trinta e seis luas. Tudo começou porque surgiu entre essas duas potências uma polêmica sobre ovos. Toda a gente concorda que há uma única maneira de quebrar ovos cozidos antes de comê-los. Primeiro, batemos o lado mais bojudo do ovo num prato ou numa mesa, depois o comemos; mas o avô do atual imperador, quando menino, foi comer um ovo quebrando-o segundo a prática antiga e acabou ferindo um dos dedos. Por essa razão, o pai dele e imperador daquela época publicou um decreto ordenando a todos os súditos, sob grandes penalidades, a quebrar os ovos pela parte mais pontuda a partir daquele dia. O povo ficou com tanta raiva dessa nova lei que uma série de seis rebeliões aconteceram. Numa delas, um imperador perdeu a vida; outro, a coroa. Essas comoções civis eram constantemente fomentadas pelos monarcas de Blefuscu e quando as manifestações eram reprimidas, os revoltosos sempre fugiam para se exilar naquele império. Calcula-se que onze mil pessoas preferiram

morrer a se submeter à regra que os obrigava a quebrar seus ovos pela parte pontuda. Centenas de grandes volumes foram publicados sobre essa controvérsia: mas os livros dos “bojudos” (assim são chamados agora) foram censurados há muito tempo em Lilliput, onde também é proibido que ocupem qualquer tipo de cargo público. Durante o curso dessas questões, os imperadores de Blefuscu frequentemente expuseram, por meio de seus embaixadores, acusações nas quais diziam que nós, os “pontudos”, éramos responsáveis por transgredir preceitos fundamentais da nossa religião, pois, segundo eles, profanávamos os mandamentos do nosso grande profeta Lustrog, no quinquagésimo quarto capítulo do Blundecral (que é o Alcorão deles). Para nós, no entanto, isso não passa de uma das possíveis interpretações do texto, que literalmente diz: ‘que todos os fiéis quebrem seus ovos pelo lado mais conveniente’. Na minha humilde opinião, devemos deixar à consciência de cada indivíduo, ou então, que a autoridade suprema competente determine qual é o melhor lado. O problema é que os bojudos exilados receberam tanto apoio na corte do imperador de Blefuscu, foram tão auxiliados e incentivados, até mesmo financeiramente, que seu partido aqui no reino decidiu partir para uma guerra sangrenta, a qual acabou se amplificando e envolvendo os dois impérios durante as últimas trinta e seis luas, com der-

rotas e vitórias para ambos os lados. Durante esse período, perdemos quarenta navios e um número muito maior de pequenas embarcações. Esses conflitos custaram a vida de trinta mil de nossos melhores marinheiros e soldados. Porém, o dano recebido pelo inimigo é considerado um pouco maior que o nosso. No entanto, eles agora construíram uma frota numerosa e estão se preparando para nos atacar. Foi por esse motivo que o imperador, depositando grande confiança em sua coragem e força, ordenou-me que lhe apresentasse esse relato — afirmou ele.

A minha resposta foi lacônica: pedi que o secretário-geral de assuntos particulares apresentasse meus mais humildes respeitos ao imperador e que lhe comunicasse que eu estava pronto para sacrificar minha vida na defesa da sua sagrada pessoa e do seu império contra toda e qualquer violência ou invasores.

## CAPÍTULO 5

*O autor, por um stratagema extraordinário, impede a invasão. O imperador de Lilliput confere ao autor um alto título. Os embaixadores de Blefuscu iniciam o processo de paz. Incêndio no apartamento da imperatriz e o autor tem papel fundamental no salvamento do palácio do perigo das chamas.*

**B**lefuscus é uma ilha situada ao nordeste de Lilliput. Ambos os impérios são separados apenas por um canal de oitocentos metros de largura. Era um local que eu ainda não conhecia. Mas, com o risco de uma invasão, eu evitava aparecer naquele lado da costa, com medo de ser descoberto por navios inimigos. O império de Blefuscus ainda não sabia da minha existência, isso porque todas as relações diplomáticas entre os dois impérios foram estritamente proibidas, sob pena de morte, durante a guerra. Também havia sido decretado um embargo a todos os navios daquela ilha. Comuniquei ao imperador meu plano: queria apreender toda a frota do inimigo, a qual, segundo nossos

batedores nos asseguravam, estava ancorada no porto, pronta para navegar com o primeiro vento propício. Consultei os marinheiros mais experientes sobre a profundidade do canal. Eles então me disseram que no meio do canal, na maré alta, a profundidade chegava a uns setenta *glumgluffs* (medida liliputiana que equivale a um metro e oitenta), e o restante cinquenta *glumgluffs* no máximo. Caminhei em direção à costa nordeste, contra Blefuscu, onde, deitado atrás de uma colina, peguei minha pequena luneta e vi a frota inimiga ancorada, composta por cerca de cinquenta navios de guerra e um grande número de marinheiros. Voltei para minha casa e ordenei que me trouxessem uma grande quantidade de cabos e barras de ferro. Cada cabo deveria ter a espessura de um fio de varal e as barras de ferro o comprimento e o tamanho de agulhas de tricô. Por acreditar que os cabos não seriam fortes o suficiente para meu plano, peguei grupos de quatro e os enrolei uns nos outros, tornando-os mais fortes. Fiz o mesmo com as barras de ferro e depois entortei suas extremidades no formato de ganchos. Dessa forma, eu tinha agora cinquenta ganchos e uma quantidade semelhante de cabos. Voltei então para a costa nordeste, e, tirando o casaco, os sapatos e as meias, caminhei para o mar cerca de meia hora antes da maré alta. Andei rapidamente até onde foi possível e depois nadei cerca de trinta metros até um local

onde já dava pé. Cheguei ao porto onde estava atracada a frota inimiga em menos de meia hora. Os inimigos ficaram tão assustados quando me viram que saltaram de seus navios e nadaram em direção à praia, onde, segundo pude ver, havia cerca de trinta mil almas. Nesse momento comecei a utilizar meus equipamentos. Prendi um gancho no buraco da proa de cada navio, depois amarrei todos os cabos. Enquanto fazia isso, os inimigos dispararam milhares de minúsculas flechas, muitas das quais penetraram em minhas mãos e em meu rosto. Além da óbvia dor que produziam, essas flechas atrapalharam muito meu trabalho. Meu maior medo era com meus olhos. Eu poderia ter ficado cego, não fosse a súbita lembrança dos óculos que eu mantinha, entre outras pequenas coisas necessárias, no bolso privado do meu colete. Coloquei os óculos o mais firmemente que pude sobre o meu nariz. Assim, protegido, prossegui com meu trabalho, apesar das flechas do inimigo — muitas das quais atingiram meus óculos, mas sem produzir qualquer efeito. Após prender todos os ganchos, dei um nó nos cabos e comecei a puxar, mas nenhum navio se mexeu, eles estavam fortemente presos por suas âncoras. Saquei então minha faca e, mantendo os ganchos presos aos navios, cortei resolutamente os cabos que prendiam suas âncoras. Nesse momento, recebi cerca de duzentas flechadas no rosto e nas mãos. Finalmente, peguei

a extremidade atada dos cabos, à qual meus ganchos estavam amarrados, e com grande facilidade puxei toda a frota inimiga.

Os blefuscudianos foram pegos de surpresa, pois não faziam a menor ideia do que eu pretendia. Somente quando me viram cortando os cabos, perceberam que meu objetivo era arrancar os navios do porto e levá-los comigo. No instante em que comecei a levar toda a frota às minhas costas ouvi um grande lamento e gritos de tristeza e desespero, coisa que é quase impossível descrever. Ao chegar a uma distância fora da linha de tiro, fiz uma pausa para retirar as flechas fincadas em minhas mãos e em meu rosto. Imediatamente esfreguei a mesma pomada que me foi dada no momento da minha chegada, como mencionei anteriormente. Tirei meus óculos e, esperando por cerca de uma hora, até que a maré estivesse mais baixa, caminhei pelo canal puxando minha carga. Cheguei em segurança ao porto real de Lilliput.

O imperador e toda a sua corte esperavam na praia o desfecho daquela grande aventura. Ao verem os navios avançarem em uma grande meia-lua, não conseguiram me discernir, pois eu estava com água até o peito. Conforme fui avançando para o meio do canal, eles se desesperaram pois entenderam que eu estava me afogando enquanto a frota inimiga avançava. A situação foi se acalmando conforme caminhei em direção à parte mais rasa do canal. Quando



cheguei segurando toda frota inimiga, gritei em voz alta: “Vida longa ao poderoso imperador de Lilliput!”. O grande monarca me recebeu com os maiores elogios que ouvi na minha vida e me concedeu um *nardac* ali mesmo, a mais alta honraria daquele reino.

O imperador queria que eu voltasse ao porto de Blefuscu para capturar o resto das embarcações inimigas. A ambição dos príncipes é realmente incomensurável. Ele pretendia reduzir todo o império de Blefuscu a uma província governada por um vice-rei; destruir os bojudos exilados e obrigá-los a quebrar os ovos pela extremidade menor. Se dependesse dele, seu governo comandaria tudo. Tentei convencê-lo de que esse desígnio era um grande erro, utilizei muitos argumentos baseados em tratados de política e justiça. Também deixei bem claro que eu jamais seria instrumento para impor a escravidão a um povo livre e corajoso. E, quando o assunto foi debatido no Conselho, a parte mais sábia do ministério defendeu a minha opinião.

Essa minha declaração era tão abertamente contrária aos esquemas e às intenções políticas do imperador, que ele simplesmente não poderia me perdoar. Muito habilmente, durante uma reunião do Conselho, o imperador frisou essa sua posição. Segundo me disseram, o silêncio de alguns dos membros mais sábios significava que eles concordavam

com a minha opinião; mas outros, que eram meus inimigos secretos, aproveitaram essa oportunidade para me atacar. A partir desse momento, começou uma ação por parte do imperador e de um conjunto de ministros voltada exclusivamente para destruir completamente minha reputação. Em menos de dois meses, todos os serviços que prestei àquele reino perderam o valor. Tudo porque eu não quis atender às suas paixões insaciáveis pelo poder.

Três semanas após minha façanha, um corpo diplomático de Blefuscu chegou ao reino de Lilliput. Trazia consigo humildes ofertas de paz, que logo foram concluídas em condições muito vantajosas ao nosso imperador. Não incomodarei o leitor com os detalhes desse acordo. A entrada dos embaixadores de Blefuscu, acompanhados por uma comitiva de cerca de quinhentas pessoas, foi magnífica, adequada à grandeza de reino e à importância de seus negócios. Quando o tratado terminou e após eles terem presenciado as várias intervenções que fiz em favor deles em razão do crédito que eu agora tinha, ou pelo menos parecia ter, na corte de Lilliput, os representantes de Blefuscu me fizeram uma visita oficial. Eles elogiaram muito minha coragem e generosidade, me convidaram para conhecer seu reino e desejaram que eu lhes mostrasse algumas provas de minha prodigiosa força, da

qual ouviam tantas maravilhas. Eu, obviamente, os agradei, mas também não incomodarei o leitor com tais detalhes.

Após passar algum tempo com os representantes de Blefuscu, para sua infinita satisfação e surpresa, pedi que me dessem a honra de apresentar meus mais humildes respeitos ao imperador daquele reino, cujas virtudes encheram o mundo inteiro de justiça e admiração. Disse também que gostaria muito de conhecê-lo pessoalmente antes de retornar ao meu país. Por essa razão, quando tive a honra de tratar com nosso imperador, solicitei sua licença para visitar o monarca blefuscudiano. Ele me concedeu esse direito, como pude perceber, de uma maneira muito fria. Só consegui entender o motivo daquele comportamento quando ouvi alguém sussurrar: “que Flimnap e Bolgolam convenceram o imperador de que minha relação com embaixadores de Blefuscu era uma prova de minha insatisfação”. Nada, no entanto, poderia estar mais distante da verdade, pois esse era um sentimento do qual meu coração estava totalmente livre. Essa foi a primeira vez que comecei a entender os vícios e as imperfeições existentes em cortes e entre ministros.

Deve-se observar que esses embaixadores falaram comigo através de um intérprete, pois as línguas de ambos os impérios diferiam tanto uma da outra quanto as línguas dos reinos da Europa. Tanto Lilliput quanto Blefuscu se

orgulhavam da antiguidade, da beleza e da potência de seus próprios idiomas, e desprezavam declaradamente a língua um do outro. Todavia, nosso imperador, aproveitando a vantagem que obtivera no último embate, obrigou os blefuscudianos a entregarem suas credenciais e fazerem seu discurso na língua liliputiana. E deve-se confessar que apesar da grande relação comercial entre os dois reinos, da contínua recepção de exilados entre eles e do costume em cada império de enviar sua jovem nobreza ao outro reino, para assim se tornarem mais cultos em função do contato com outra cultura e com outras maneiras, existem poucas pessoas, a maioria comerciantes ou marinheiros, capazes de falar os dois idiomas. Descobri isso quando, algumas semanas depois, fui prestar homenagem ao imperador de Blefuscu, o que, em meio a grandes infortúnios e apesar da malícia de meus inimigos, se mostrou uma aventura muito feliz para mim, como relatarei no momento apropriado.

O leitor deve se lembrar de que, quando assinei aqueles documentos para recuperar minha liberdade, havia alguns termos dos quais não gostei, por serem demasiado servis. Naquela situação de necessidade extrema não havia o que fazer. Agora, sendo eu um *nardac* da mais alta patente naquele império, a subserviência imposta por aqueles documentos era algo muito abaixo de minha dignidade, e o imperador

(para lhe fazer justiça) nunca os mencionou uma vez sequer. No entanto, não demorou para que eu pudesse demonstrar à sua majestade minha lealdade. Tudo ocorreu em uma noite quando ouvi os gritos de muitas centenas de pessoas à minha porta. Acordei sobressaltado e me vi em meio a uma cena de terror. Ouvi a palavra *burglum* repetida incessantemente: vários membros da corte do imperador, percorrendo a multidão, pediam que eu fosse imediatamente ao palácio, onde o apartamento de sua majestade imperial estava em chamas, pelo descuido de uma dama de honra que caiu no sono enquanto lia um romance com a vela acesa. Levantei-me imediatamente. O imperador havia ordenado que nenhum morador de Lilliput ficasse em meu caminho, o que me permitiu correr em direção ao palácio. Como era noite de lua cheia, cheguei ao palácio sem pisar em ninguém. Descobri que combatiam o incêndio com baldes, porém, a água estava a alguma distância e os baldes eram do tamanho de grandes dedais. As pessoas me forneceram aqueles baldes minúsculos o mais rápido que puderam, mas as chamas eram tão violentas que não surtiam nenhum efeito. Eu poderia facilmente sufocar o fogo com meu casaco, mas infelizmente não o vesti em razão da pressa ao sair de casa. A situação, a cada segundo que passava, se agravava. Em pouco tempo, o magnífico palácio seria infalivelmente consumido. Nesse

momento tive uma ideia. Naquela noite, eu havia bebido abundantemente um vinho delicioso chamado *glimigrim* (os blefuscudianos o chamam de *flunec*, mas o nosso é considerado o melhor), muito diurético. Por muita sorte, eu ainda não havia me livrado dele. A proximidade com o calor e o trabalho para apagar as chamas fizeram o vinho começar a operar. Fui tomado por uma vontade imensa de urinar, o que fiz em grande quantidade, aplicando o jato aos lugares mais apropriados. Tanto foi assim que em menos de três minutos o fogo estava completamente extinto e o restante daquela nobre joia arquitetônica, que levava tantas eras para ser erguida, foi preservado da destruição.

O sol já raiava quando voltei para minha casa. Não falei com o imperador, principalmente porque embora eu tivesse prestado um serviço inegavelmente relevante, ainda não sabia como ele reagiria à maneira como eu havia solucionado o problema. Depois fiquei sabendo que era um crime punível com a morte, de acordo com as leis do reino, urinar dentro ou nos arredores do palácio imperial. Essa pena não foi aplicada porque o imperador declarou que: “daria ordens ao grande juiz do reino para me isentar de qualquer punição”. A imperatriz, porém, não gostou nem um pouco do ocorrido. Ela sentia tamanha aversão ao que eu havia feito que decidiu, a partir de então, ocupar apenas o lado mais distante da corte,

onde meu jato não havia chegado. Também ordenou que os edifícios salvos pela minha urina nunca mais fossem reparados, pois ela não os utilizaria de maneira alguma. Segundo fiquei sabendo, na presença de seus principais confidentes, ela jurava vingança e me desejava as piores coisas.

## CAPÍTULO 6

*Dos habitantes de Lilliput, a maneira de educar seus filhos, suas leis e costumes. A maneira que o autor vivia naquele país. A defesa que o autor faz de si mesmo diante de uma grande dama.*

**E**mbara eu pretenda publicar posteriormente uma descrição desse império, fico, no entanto, satisfeito se puder agradar o leitor curioso com algumas ideias gerais daquela sociedade. Por exemplo, o tamanho dos nativos, com cerca de quinze centímetros de altura, e tudo o mais — isto é, os animais, plantas e árvores —, são proporcionais ao tamanho das pessoas. Os cavalos e bois mais altos têm entre quinze e trinta centímetros de altura; as ovelhas, por sua vez, medem cerca de quatro centímetros; os gansos são mais ou menos do tamanho de nossos pardais. Os pássaros e outros animais vão assim em várias gradações decrescentes até chegarmos aos menores seres, muitos dos quais eram invisíveis aos meus olhos. Os liliputianos não têm esse problema, a natureza adaptou seus olhos e os tornou adequados a tudo o que está ao redor deles. Eles são capazes



de enxergar com grande exatidão o que está perto, mas não conseguem ver muita coisa a grandes distâncias. E, para mostrar a nitidez da visão deles em relação aos objetos mais próximos, fiquei muito satisfeito ao observar um cozinheiro desossando uma cotovia, que, a meus olhos, não era maior do que uma mosca comum. Também vi uma jovem cosendo com uma agulha e uma linha de seda totalmente invisíveis para a minha visão. Suas árvores mais altas têm cerca de dois metros e meio de altura. Algumas delas, no grande parque real, eu só conseguia alcançar o topo com a minha mão se pulasse. Os outros vegetais são da mesma proporção; mas isso eu deixo para a imaginação do leitor.

Agora vou descrever a educação e o conhecimento em Lilliput, duas áreas que, por muitas eras, floresceram naquele reino. A maneira dos liliputianos de escrever é muito peculiar, não sendo da esquerda para a direita, como os europeus, nem da direita para a esquerda, como os árabes, nem de cima para baixo, como os chineses, mas inclinados, de um canto ao outro da folha de papel, como fazem as damas da Inglaterra.

Os liliputianos enterram seus mortos com a cabeça diretamente para baixo, pois acreditam que em onze mil luas todos irão ressuscitar. A crença daquele povo é de que a Terra é plana, e, por essa razão, quando a Terra plana virar, todos os mortos estarão em pé, prontos para ressuscitar.

Entre a parcela mais instruída da população há aqueles que julgam absurda essa doutrina. Mesmo assim, a prática ainda continua, pois é uma crença muito popular.

Em Lilliput existem algumas leis e costumes muito peculiares. Se eles não fossem tão diretamente contrários aos do meu querido país, eu acabaria tentado a concordar com sua eficácia. O primeiro deles é a lei a que diz respeito aos informantes. Todos os crimes contra o Estado são punidos aqui com a maior severidade; mas, se a pessoa acusada provar sua inocência durante o julgamento, o acusador é imediatamente condenado à morte e todos os seus bens e terras são tomados pelo governo e utilizados para indenizar a pessoa inocente, a qual é recompensada pela perda de seu tempo, pelo perigo a que foi submetida, às dificuldades de sua prisão e por todas as acusações das quais teve de se defender. Caso esse fundo seja insuficiente, o restante é fornecido pela coroa. O imperador também confere um comunicado público a seu favor, no qual é proclamada, por toda a cidade, sua inocência.

Os liliputianos consideram a fraude um crime pior que o roubo e, portanto, raramente deixam de puni-la com a morte. Eles alegam que é necessário vigiar e punir todos os ladrões, preservando assim os bens das pessoas honestas. Para eles, a honestidade é muito preciosa, no entanto, muitas vezes a pessoa humilde e justa acaba indefesa frente a uma

astúcia superior e mal-intencionada. Além disso, sempre existe a chance de uma relação fraudulenta em atividades de compra e venda e em qualquer negociação de crédito ou empréstimo de dinheiro. Nessas áreas, a fraude é muito presente e há poucas leis para puni-la, em função disso, o negociante honesto é sempre prejudicado e o picareta sempre leva vantagem. Lembro-me quando certa vez intercedi por um criminoso que havia prejudicado seu mestre ao furtar uma grande quantia em dinheiro. Quando me dirigi ao imperador dizendo que aquilo era apenas uma quebra de confiança, o imperador achou minha fala monstruosa, principalmente depois que me ofereci para defender aquele criminoso e tentar argumentar que aquele crime não era tão grave. No final das contas, eu realmente tinha pouco a dizer em favor daquele ladrão. Acabei falando apenas obviedades e me defendi afirmando que nações diferentes tinham costumes diferentes. No final, confesso que fiquei com vergonha.

A recompensa e a punição são as duas dobradiças com as quais todos os governos se movimentam, no entanto, eu nunca pude observar essa máxima ser posta realmente em prática por qualquer nação como ocorre em Lilliput. Dou um exemplo: o liliputiano que for capaz de apresentar provas suficientes de que observou estritamente as leis de seu país por setenta e três luas, automaticamente conquista

o direito a certos privilégios, os quais são dados de acordo com a condição de vida do requerente. Assim, esse indivíduo recebe uma quantia proporcional à sua situação socioeconômica em dinheiro, o qual é retirado de um fundo criado pelo governo apenas para esse uso. Também adquire o título de *snilpall*, que é acrescentado ao nome dessa pessoa, mas é exclusivo dela, ou seja, não é repassado aos filhos e filhas. Quando expliquei aos liliputianos que na Inglaterra as leis eram aplicadas apenas através de penalidades, nunca como recompensa, eles consideraram isso um gigantesco defeito da nossa política. É por esse motivo que a imagem da Justiça nos tribunais de Lilliput é representada por uma figura com seis olhos, dois na frente do rosto, dois atrás e um de cada lado da cabeça, o que significa a cautela de quem busca ver o máximo possível. A figura também leva um saco de ouro aberto na mão direita e uma espada embainhada na esquerda, para mostrar que está mais disposta a recompensar do que a punir.

Em Lilliput, quando uma pessoa é escolhida para um determinado cargo público, o que eles mais levam em consideração é a honestidade e os bons costumes do candidato, que são mais importantes do que suas habilidades ou seu grau de instrução; pois, como o governo é algo comum à humanidade, eles acreditam que qualquer pessoa com uma

inteligência mediana é capaz de dar conta da maioria dos trabalhos do governo, ou seja, não é necessário ser um gênio para ser servidor público. Tudo isso porque a Providência nunca pretendeu tornar a administração dos assuntos públicos algo demasiado complicado ou misterioso, que só pode ser compreendido por algumas pessoas de capacidade intelectual sublime, pois essas pessoas são muito raras. Portanto, para os liliputianos, a honestidade, a justiça, a temperança e coisas do gênero estão ao alcance de todos e contam mais na hora da contratação dos servidores. Por essa razão, os virtuosos, auxiliados pela experiência e por uma boa intenção, estão qualificados para o serviço público, exceto onde for necessário algum tipo de conhecimento muito específico. Para eles, os equívocos perpetrados por pessoas virtuosas jamais produzirão um mal horrível ao bem-estar público ou serão tão prejudiciais quanto aqueles perpetrados intencionalmente por mentes superiores. De acordo com a crença liliputiana, tais empregos nunca poderiam ser postos em mãos tão perigosas quanto nas de pessoas qualificadas. Eles acreditam que os erros cometidos por ignorância, em uma disposição virtuosa, nunca teriam consequências tão fatais para a sociedade quanto aqueles cometidos por pessoas com grandes habilidades para gerenciar, multiplicar e defender suas corrupções.

A ingratidão é entre eles um crime capital, exatamente como sabemos acontecer em outros países. Eles acreditam que quem faz mal ao seu benfeitor é inimigo de toda a humanidade e, portanto, não está apto para a vida em sociedade.

As noções relacionadas aos deveres de pais e filhos, em Lilliput, são extremamente diferentes das nossas. Para eles, o feitio do homem e da mulher se baseia na grande lei da natureza e tem como fim propagar e continuar a espécie. Por motivos de concupiscência, os liliputianos precisam que homens e mulheres se unam. Acreditam que a ternura dos pais para com suas crianças é fruto do mesmo princípio natural. Por esse motivo, não se permite que uma criança tenha qualquer sentimento de dívida para com seu pai, por tê-lo gerado, ou para com sua mãe, por trazê-lo ao mundo. Aliás, considerando as misérias da vida humana, ter sido gerado não é lá um benefício em si. Certamente, também não era algo pretendido pelo pai, cujos pensamentos, em seus encontros amorosos, eram empregados de outra maneira. Por tais motivos, a opinião deles é que os pais devem ser sempre os últimos a quem se confia a educação dos filhos. Assim, em todas as cidades há creches e escolas públicas, onde todos os pais, com exceção apenas dos agricultores, são obrigados a enviar seus filhos e filhas para serem educados quando completam a idade de vinte luas. Essas escolas são de

vários tipos, adequadas a diferentes classes sociais e a ambos os sexos. Possuem professores capacitados em preparar os filhos para uma condição de vida adequada à posição de seus pais e às suas próprias capacidades e inclinações. Primeiro explicarei como funcionam as escolas dos meninos, depois, falarei sobre as das meninas.

As escolas dos meninos filhos da nobreza ou de alguma família importante têm professores altamente qualificados, os quais são auxiliados por vários assistentes. As roupas e a comida dos meninos são todas básicas e simples. Eles são educados nos seguintes princípios: honra, justiça, coragem, modéstia, clemência, religião e amor ao país. Durante o dia, os estudantes estão sempre participando de alguma atividade, exceto na hora das refeições e nos períodos de soneca, que são muito curtos. Também são concedidas duas horas para diversões que consistem sempre em exercícios corporais. Eles são vestidos por adultos até os quatro anos de idade. Depois disso, precisam se vestir por conta própria. As funcionárias, todas com idades próximas aos cinquenta anos, desempenham apenas funções como lavar a louça ou limpar o chão. Os alunos nunca conversam com as funcionárias. Desde pequenos, acostumam-se a conviver em grupos de menor ou maior número, sempre na presença de um professor ou de um de seus assistentes. Os liliputianos acreditam que

esse modelo educacional evita contato com qualquer tipo de vício ou violência doméstica, aos quais nossos filhos estão sempre sujeitos. Seus pais só podem vê-los apenas duas vezes por ano, o que é causa de grande sofrimento. A visita dura apenas uma hora. Eles podem beijar a criança somente quando se encontram e quando se despedem. Já um professor, que sempre está presente nessas ocasiões, não permite que ninguém sussurre, use expressões de carinho ou traga presentes como brinquedos, doces e afins.

O valor que cada família paga para a educação de uma criança é cobrado pelos oficiais do imperador. As escolas para os filhos dos nobres, comerciantes, mercadores e artesãos são muito parecidas. Somente as escolas voltadas para os estudantes que vão atuar no comércio têm alguma diferença. Nelas, aos onze anos, os meninos já começam a receber educação técnica ligada a essa área de atividade. Nas outras escolas, os alunos seguem o mesmo currículo até os quinze anos, o que corresponde à idade de vinte entre nós. O confinamento desses alunos diminui gradualmente nos últimos três anos.

As escolas das meninas filhas de famílias nobres ou ricas são muito similares às dos meninos da mesma classe social. Elas, no entanto, são vestidas por criadas, porém, sempre na presença de um professor ou um suplente. Isso



ocorre até os cinco anos de idade, quando elas passam a se vestir sozinhas. Se alguém descobre que uma dessas criadas contou para as meninas histórias assustadoras ou tolas, como é costume, por exemplo, entre as camareiras inglesas, elas são chicoteadas três vezes publicamente na maior praça da cidade. Em seguida, são presas por um ano e posteriormente banidas para sempre do reino, passando a viver na parte mais desolada do país. As meninas, igualmente aos meninos, temem muito ser consideradas covardes e tolas, o que é para elas uma grande vergonha. Elas desprezam qualquer tipo de ornamentos. São muito asseadas, se vestem de jeito sóbrio e são muito decentes. Pessoalmente, não percebi nenhuma diferença na educação dos meninos e das meninas, apenas que os exercícios das meninas não eram tão extenuantes quanto os dos meninos. Outras diferenças referiam-se à vida doméstica, porque, entre os liliputianos, acredita-se que a esposa deve ser sempre uma companheira razoável e agradável, principalmente porque ela não será jovem para sempre. Quando as meninas têm doze anos, que em Lilliput é considerada a idade de casar, seus pais ou responsáveis as levam para casa, com grandes expressões de gratidão aos professores e muitas lágrimas da jovem e de suas amigas.

Nas escolas das meninas mais pobres, as crianças são instruídas em todos os tipos de trabalhos: aquelas destinadas a

aprendizes de alguma profissão deixam a escola ao completar sete anos de idade, o restante permanece até os onze anos.

As famílias pobres que colocam os filhos nessas escolas, além de pagar um valor anual, que é o mais baixo possível, são obrigadas por lei a pagar uma pequena mensalidade ao diretor da escola. Os liliputianos acham que nada é mais injusto do que colocar filhos no mundo, em subserviência a seus próprios apetites, e depois deixar o fardo de educá-los ao erário público. Quanto às pessoas da alta sociedade, elas pagam uma certa quantia para cada criança, adequada à sua condição. Esses fundos são sempre administrados com extremo cuidado e procuram diminuir as desigualdades ao cobrar de cada pai e mãe liliputiano o que são capazes de pagar.

Os agricultores mantêm seus filhos em casa, isso porque seu trabalho é basicamente cultivar a terra, portanto, a educação dessas crianças é de pouca importância para o reino. Já os idosos e os doentes têm acesso ao tratamento de saúde em hospitais. A mendicância é completamente desconhecida nesse império.

Acredito que os utensílios domésticos e a maneira como vivi nesse país durante a minha residência de nove meses e treze dias podem interessar ao leitor mais curioso. Forçado pela necessidade, acabei construindo uma mesa e uma cadeira suficientemente convenientes à minha altura. A madeira para

a construção desses itens foi retirada das maiores árvores do parque real. Duzentas costureiras foram empregadas para fazer minhas camisas e roupas de cama e mesa, todas com o pano mais forte e grosso daquele reino. Mesmo assim, eles foram dobrados várias vezes, pois o tecido mais espesso de Lilliput era tão fino quanto uma peça de linho. As peças de tecido daquele reino geralmente têm oito centímetros de largura e noventa centímetros de comprimento. Eu me deitei no chão para que as costureiras me medissem: uma delas ficou em pé sobre meu pescoço; e a outra sobre minha perna. Cada uma segurava e estendia a ponta de um forte cordão enquanto uma terceira media o comprimento do cordão com uma régua de pouco mais de dois centímetros. Elas mediram meu polegar direito e se deram por satisfeitas. Utilizaram um cálculo matemático segundo o qual duas vezes a circunferência do polegar é equivalente ao pulso e assim por diante, até o pescoço e a cintura. Depois, com a ajuda de minha velha camisa, que coloquei no chão diante delas para que utilizassem como medida, fizeram novas peças para mim. Trezentos alfaiates foram empregados para fazer minhas roupas. Eles, por sua vez, utilizavam outra forma para tomar minhas medidas: me ajoelhei e eles levantaram uma escada do chão até meu pescoço. Sobre essa escada um deles subiu e deixou cair um fio de prumo da gola até o chão, o que

serviu para que descobrissem qual seria o comprimento do meu casaco. Depois, eu mesmo medi minha cintura e meus braços. Essas peças de roupa foram feitas na minha casa em razão do tamanho do local. Quando ficaram prontas, pareciam colchas de retalhos feitas por senhoras da Inglaterra, só que mais coloridas.

Trezentos cozinheiros eram responsáveis por minhas refeições. Eles trabalhavam em pequenas cabanas construídas em torno de minha casa, onde eles e suas famílias moravam. Vinte garçons, que subiam na minha mão para que eu os colocasse sobre a mesa, me serviam. Outros cem me assistiam desde o chão, alguns com pratos de carne, outros com barris de vinho e outros com odres pendurados nos ombros. Tudo isso era organizado pelos garçons de cima da mesa, os quais, de uma maneira muito engenhosa, puxavam por cabos as comidas e bebidas. Cada prato de carne equivalia a uma coxinha de festa; cada barril de bebida a um copo simples. A carne de carneiro deles era razoável. Já a carne de vaca era excelente. Todos os que trabalhavam ficavam surpresos ao me ver comer, com ossos e tudo, como fazemos em nosso país quando comemos uma perna de codorna. Seus gansos e perus eu geralmente comia de uma vez só e confesso que eles excedem em muito os nossos em sabor. Das aves menores, eu era capaz de engolir vinte ou trinta de uma vez.

Um dia, o imperador, informado a respeito do meu modo de vida, desejou que ele e sua consorte real, acompanhados pelos jovens príncipes e princesas, pudessem ter a felicidade, como ele gostava de falar, de jantar comigo. Todos vieram. Eu os coloquei em cadeiras sobre minha mesa, todas voltadas para mim e com os guardas à sua volta. Flimnap, o tesoureiro do império, compareceu com sua equipe. Percebi que ele frequentemente olhava para mim com um semblante amargo, que eu não conseguia entender por qual razão. Também comia mais que o habitual. Acredito que essa visita deu a Flimnap a oportunidade para falar mal de mim ao imperador. Aquele ministro sempre fora meu inimigo secreto, embora exteriormente ele me tratasse com muito respeito. Flimnap disse ao imperador que eu custava mais de um milhão e meio de moedas ao reino. Em Lilliput, a maior moeda de ouro tem mais ou menos a grandeza de uma lanterna. No geral, para Flimnap, seria muito aconselhável o imperador aproveitar a primeira ocasião para me dispensar.

Agora, sou o obrigado a defender a reputação de uma excelente senhora, que sofria inocentemente por minha causa. Flimnap, o tesoureiro do império, tinha ciúmes de sua esposa. Segundo as más línguas do reino, ela teria se apaixonado violentamente por minha pessoa. Essa maledicência durou algum tempo e ganhou força ao ponto de correr o boato de

que ela teria visitado meu alojamento sozinha. Declaro, solenemente, que essa é uma infâmia sem qualquer fundamento. Além disso, afirmo que ela sempre me tratou com todas as marcas inocentes da amizade. Todas as vezes em que me visitou, o fez publicamente. Algumas vezes, acompanhada por sua irmã, sua filha mais nova e algum conhecido. Também declaro que isso era algo comum a muitas outras damas da corte, as quais me visitavam com certa constância. Por fim, tenho todos os meus criados por testemunhas. Sempre que algum visitante era anunciado, eu caminhava imediatamente para a porta. Depois de prestar a devida homenagem, eu pegava o coche, com as pessoas dentro, os cavalos e todo o resto e os colocava sobre a mesa, onde eu havia fixado uma borda redonda, de cinco centímetros de altura, para evitar acidentes. Muitas vezes tive quatro coches e cavalos ao mesmo tempo em minha mesa. Esses visitantes conversavam comigo enquanto eu inclinava o rosto na direção deles. Passei tardes muito agradáveis nessas conversas. Eu desafio o tesoureiro do império, ou seus dois informantes Clustril e Drunlo, a provarem que qualquer pessoa me procurou incógnita. O único que fez isso foi o secretário Reldresal e a mando do imperador, como já relatei. Eu não deveria ter me demorado tanto nesse particular. Porém, só o fiz para dar cabo desse boato terrível, que coloca em dúvida a reputação de uma

grande dama. Embora eu tivesse a honra de ser um *nardac*, coisa que o próprio tesoureiro do império não é, me senti desrespeitado por alguém que, como todo mundo sabe, é apenas um invejoso com um título inferior ao meu. Apesar de eu admitir que ele me precedia em função do cargo que ocupava, essas informações falsas, das quais eu soube depois de um acidente que prefiro não mencionar aqui, fizeram com que o tesoureiro passasse a tratar sua dama com certo desrespeito. Depois, mesmo após a reconciliação do casal, eu, de minha parte, perdi toda a confiança nele. Também percebi que o interesse do imperador a meu respeito diminuiu muito rapidamente. Isso porque o tesoureiro exercia grande influência sobre ele.

## CAPÍTULO 7

*Ao ser informado de um plano para acusá-lo de traição, o autor foge para Blefuscu. Sua recepção ao chegar a Blefuscu.*

**A**ntes de contar como foi minha saída daquele reino, acredito que seria mais apropriado informar o leitor sobre a intriga que há meses se formava contra mim em Lilliput.

Até esse momento de minha vida, eu nunca havia estado em um tribunal. Na verdade, eu já havia lido e ouvido histórias sobre arbitrariedades praticadas por grandes príncipes e ministros, porém não esperava encontrar esse tipo de comportamento terrível em um país tão remoto, governado — como eu pensava — por ideais e regras muito diferentes dos da Europa.

Eu me preparava para visitar o imperador de Blefuscu, o que foi possível após uma pessoa muito importante da corte — a quem eu tinha sido muito prestativo, numa época em que ela estava relegada ao esquecimento por parte do imperador — vir à minha casa, à noite, em uma carruagem



fechada. Quando ela pediu para ser admitida em minha moradia sem que seu nome fosse anunciado, ordenei que meus porteiros saíssem da casa para assim poder colocar a carruagem fechada dessa pessoa misteriosa no bolso de meu casaco. Disse então ao meu criado que eu estava indisposto e que iria dormir. Fechei a porta de minha casa, coloquei a carruagem sobre a mesa, como era de costume, e me sentei na cadeira. Depois que as saudações terminaram, observando o semblante dessa pessoa cheia de preocupação, perguntei qual era o assunto e ouvi a seguinte resposta:

— Você já deve estar sabendo — disse ele —, que várias comissões do Conselho foram chamadas ultimamente, da maneira mais privada, para debater a seu respeito. Há dois dias o imperador finalmente tomou uma decisão. Você também já sabe que Skyresh Bolgolam (o sumo-almirante) é seu inimigo mortal desde sua chegada aqui. Não se sabe quais são as razões para tamanha animosidade, mas uma coisa é certa: desde o seu grande sucesso contra a marinha de Blefuscu, o ódio dele só aumentou. Esse acontecimento serviu para tornar o sumo-almirante em uma figura obsoleta e sem função na corte. Ele, em conjunto com Flimnap, o tesoureiro imperial, cuja inimizade contra você é notória por causa dos boatos relacionados à esposa; Limtoc, o general; Lalcon, o camareiro; e Balmuff, o grande juiz, preparam

um impeachment contra você. Querem acusá-lo de traição e outros crimes capitais.

Essa fala me deixou muito preocupado, mesmo eu estando consciente de meus próprios méritos e inocência. Cheguei inclusive a interrompê-lo, mas ele me pediu que permanecesse calado e prosseguiu:

— Por gratidão aos favores que você me fez, procurei informações sobre esse processo e consegui uma cópia dos artigos. Saiba que arrisco minha cabeça ao fazer isso:

*Artigos para o impeachment do Quinbus Flestrin  
(Homem-montanha):*

*Artigo I – Considerando que, por meio de um estatuto estabelecido no reinado de Sua Majestade Imperial Calin Deffar Plune, é promulgado que quem urinar nos arredores do palácio real estará sujeito às dores e penalidades da alta traição; não obstante, o referido Quinbus Flestrin, em violação aberta à referida lei, para extinguir o fogo alastrado no apartamento da mais querida consorte imperial de sua majestade, fez maliciosa, traidora e diabolicamente, pela descarga de sua urina, apagar o referido incêndio no referido apartamento, deitado e estando dentro dos arredores do*

*referido palácio real, contra o estatuto nesse caso previsto etc. contra o dever etc.*

*Artigo II – Que o referido Quinbus Flestrin, após capturar a frota imperial de Blefuscu e trazê-la ao porto real, tenha sido posteriormente ordenado por sua majestade imperial a apreender todos os outros navios do dito império de Blefuscu, reduzindo aquele reino a mera província, a qual, a partir de então, deverá ser governada por um vice-rei. Também foi instruído a destruir não apenas todos os exilados bojudos, mas todas as pessoas daquele império que não abandonassem imediatamente a heresia bojudiana. Ao receber tais ordens, Flestrin, traidor de nossa auspiciosa majestade, serena e imperial, pediu desculpas e, alegando julgar errado forçar as consciências a seguir determinados comportamentos ou destruir as liberdades e vidas de um povo inocente, se negou a cumprir tais ordens.*

*Artigo III – Enquanto alguns embaixadores vieram de Blefuscu para iniciar as negociações de paz com o imperador, Flestrin atuou como um traidor, ajudando a estimular e confortar os embaixadores mencionados, mesmo sabendo serem servos de um*

*príncipe inimigo de Lilliput, uma autoridade que então estava em guerra aberta contra nosso reino.*

*Artigo IV – Que o referido Quinbus Flestrin, contrariando as obrigações de um súdito fiel, está agora se preparando para fazer uma viagem à corte de Blefuscu, para a qual recebeu apenas licença verbal de Sua Majestade Imperial, e, sob o pretexto da referida licença, quer agora, de maneira falsa e traidora, fazer a referida viagem e, assim, ajudar o rei de Blefuscu.*

— Há outros artigos que o incriminam — acrescentou ele —, mas estes que acabei de ler são certamente os mais contundentes. Vou fazer um resumo do resto para que você tenha uma ideia da encrenca em que se meteu: nos vários debates sobre seu impeachment, devo confessar que o imperador, por inúmeras vezes, defendeu sua conduta, exortou seus serviços prestados ao reino e se esforçou para atenuar seus crimes. Enquanto isso, o tesoureiro e o almirante insistiam que você fosse condenado à morte mais dolorosa possível. Eles queriam atear fogo em sua casa à noite, para matá-lo queimado. Defendiam também que o general deveria comparecer com vinte mil homens armados com flechas envenenadas para atirar em seu rosto e mãos caso você

tentasse escapar das chamas. Disseram ainda que alguns de seus servos deveriam espalhar veneno em suas camisas e lençóis, o que faria você rasgar sua própria carne e morrer em absoluta tortura. Após diversos debates, convenceram o general, de modo que a maioria ficou contra você. Mesmo assim, o imperador decidiu poupar sua vida.

“Já Reldresal, que sempre foi seu amigo, ao ser ordenado pelo imperador a emitir uma opinião, disse que considerava seus crimes graves, mas defendeu que havia espaço e motivos para sua misericórdia, o que serviria para demonstrar a virtude mais louvável que um príncipe pode ter e pela qual o imperador acabaria tão justamente celebrado. Ele disse também que a amizade entre vocês era conhecida por todos, e, por essa razão, muitos talvez o julgassem parcial. No entanto, em função da obediência à ordem recebida e ao respeito ao soberano, ele disse que sua opinião era pura e genuína. Falou ainda que se o imperador, em consideração aos seus serviços e de acordo com sua nobre disposição para a misericórdia, poupasse sua vida e apenas ordenasse que seus olhos fossem furados, esse ato de justiça, segundo Reldresal, atenderia àqueles que desejavam sua morte, mas, ao mesmo tempo, faria que todos os outros aplaudissem a bondade do imperador, bem como os procedimentos justos e generosos daqueles que têm a honra de serem seus conselheiros. Espero

que a perda da visão não seja um impedimento para sua força corporal, a qual ainda pode ser útil ao reino e ao imperador. Espero que a cegueira o torne ainda mais corajoso. Agora, aquele medo que você tinha de ser atingido nos olhos pela frota inimiga não mais existirá e você verá tudo pelos olhos dos ministros do reino e de nosso glorioso imperador.

“No entanto, a proposta de Reldresal foi recebida com desaprovação por toda a cúpula do reino. Bolgolam, o almirante, levantou-se furioso dizendo que Reldresal queria, na verdade, preservar a vida de um traidor. Disse também que os serviços que você prestou foram uma afronta e um perigo ao reino, principalmente quando você apagou o fogo fazendo xixi nos aposentos de sua majestade — fato que ele mencionou com horror. Segundo Bolgolam, isso demonstrava que você poderia, a qualquer momento, inundar o palácio pelos mesmos meios, afogando todos lá dentro. Falou ainda que a força que lhe permitiu conquistar a frota inimiga poderia muito bem ser utilizada, no primeiro descontentamento seu, para carregá-la de volta. Por tais motivos, ele acredita que você, no fundo do seu coração, é um bojudo. Concluiu afirmando que a traição começa no coração, antes que apareça em atos manifestos. Assim, ele o acusou de traidor e insistiu que você fosse morto.

“O tesoureiro imperial, por sua vez, tinha a mesmíssima opinião. Porém, agregou às preocupantes declarações de Bolgolam o fato de que o reino enfrentava dificuldades financeiras para atender às suas necessidades. Disse que isso obrigou o imperador a reduzir seus gastos e que logo esse custo se tornaria insuportável. Para ele, arrancar ou furar seus olhos estava extremamente longe de ser um remédio contra o mal que você representava. Ao contrário, ele acreditava que fazer isso provavelmente aumentaria seu desprezo pelo reino, como ocorre quando se cega algum tipo de ave. Elas acabam se debatendo e se alimentando mais rapidamente do que o normal, o que as faz, além de cantar alucinadamente, engordar muito. Nesse momento, o imperador e os membros do conselho estavam totalmente convencidos de sua culpa e do risco que sua figura representava. Isso se tornou um argumento forte o suficiente para condená-lo à morte, sem as provas formais exigidas pela estrita letra da lei do reino.

“Porém, o imperador, totalmente determinado a se colocar contra a pena de morte, argumentou que uma vez que o conselho considerava a perda de seus olhos uma condenação leve demais, deveriam então pensar em outro modo de puni-lo. Nesse momento, seu amigo Reldresal pediu para ser ouvido novamente. Ele propôs que o imperador, sob a desculpa de contenção de gastos, fosse gradualmente

cortando as despesas para sua manutenção aqui no reino. Assim, você ficaria cada vez mais fraco, perderia o apetite e, conseqüentemente, decairia, morrendo em poucos meses. Esse plano também ajudaria a reduzir o fedor de sua carcaça, que no momento da sua morte por fome e fraqueza, equivaleria certamente à metade do que é hoje. Reldresal também defendeu que imediatamente após sua morte, cinco ou seis mil dos súditos do imperador deveriam, em dois ou três dias, cortar sua carne, retirando-a dos ossos, carregando-a em carroças e enterrando-a em partes distantes do reino, o que evitaria assim infecções. Já seu esqueleto seria deixado como um monumento de admiração à posteridade.

“Essa proposta foi aceita por todos. Também foi ordenado que o projeto de fazer você morrer de fome lentamente fosse mantido em segredo por todos do Conselho, enquanto isso seria inscrito nos autos que você teria os olhos furados. Apenas Bolgolam, o almirante, discordou desse plano. Ele, que sempre foi muito próximo da imperatriz, havia sido instigado por ela a insistir em sua morte. Tudo em razão do método infame e ilegal que você adotou para extinguir o fogo no palácio.

“Dessa forma, em três dias, seu amigo, Reldresal, será instruído a vir até aqui, na sua casa, e ler diante de você os artigos do impeachment pelos quais você estará condenado



apenas à perda de seus olhos. O imperador acredita que você obedecerá humildemente à essa ordem. Depois, vinte dos cirurgiões imperiais serão encarregados de fiscalizar a operação que consistirá em soldados lançarem flechas pontiagudas contra os seus olhos, enquanto você se deita no chão.

“Agora, devo partir imediatamente e da maneira mais cuidadosa possível para evitar quaisquer suspeitas contra minha pessoa. Deixo-o, portanto, avisado para que tome, à sua consciência, as medidas que julgar necessárias.”

Assim esse nobre o fez. Partiu me deixando avisado de todos os riscos. Fiquei sozinho, perplexo e cheio de dúvidas frente à condenação que me esperava.

Um costume introduzido pelo imperador de Lilliput e seu ministério — o que era muito diferente, como me foi assegurado, de práticas de outrora — era que, após o tribunal decretar qualquer execução cruel, o imperador fazia um discurso onde expressava sua ternura e sua condescendência para com o condenado. Isso era feito para evitar que o imperador fosse alvo de qualquer maledicência e que sua imagem fosse a de um líder puro e pacífico. Esse discurso foi publicado imediatamente em todo o reino. Nada aterrorizava mais o povo daquele lugar do que esses comunicados imperiais. Todos sabiam que quanto maiores fossem os elogios, mais desumano seria o castigo e mais inocente era o acusado. Eu,

de minha parte, por não ter sido criado naquela corte, não tinha a menor ideia dessa relação entre o discurso e o destino da pessoa elogiada. Outra coisa: seja por meu nascimento ou minha educação, não sabia exatamente o que fazer e não conseguia entender o motivo de tão cruel sentença. Cheguei inclusive a conceber — talvez erroneamente — que eu deveria ser mais rigoroso do que gentil. Pensei até mesmo em resistir ao meu julgamento, pois, embora não pudesse negar os fatos alegados nos vários artigos, ainda assim esperava que admittissem alguma atenuação de minha pena. Porém, tendo eu analisado como acabavam muitos julgamentos estaduais na Inglaterra, decidi não confiar minha visão em uma decisão tão perigosa, em um momento tão crítico e contra inimigos tão poderosos. Me coloquei tão fortemente inclinado a resistir contra aquela decisão que cheguei a pensar que, enquanto eu fosse livre, nem toda a força desse império seria capaz de me subjugar. Cogitei até mesmo reduzir a metrópole a destroços na base da pedrada, mas logo rejeitei esse projeto com horror, lembrando do juramento que fiz ao imperador quando recebi dele o título de *nardac*.

Depois de muito pensar, cheguei finalmente a uma resolução, para a qual é provável que muitos possam vir a me censurar — não injustamente, diga-se de passagem. Confesso que eu estava disposto a preservar meus olhos e minha

liberdade a qualquer custo. Assim, tomado pela imprudência e pela falta de experiência, porque, se eu conhecesse melhor a natureza dos príncipes e ministros em seus métodos de tratar criminosos muito menos desagradáveis do que eu, eu deveria, com grande entusiasmo e prontidão, submeter-me a esse processo de punição tão suave. Mas, apressado pela precipitação produzida pela juventude, e tendo o imperador concedido licença para que eu fosse visitar e prestar minha assistência ao imperador de Blefuscu, aproveitei a oportunidade e mandei o mais rápido que pude uma carta na qual eu comunicava minha resolução de partir para Blefuscu, de acordo com a licença concedida. Assim, naquela manhã, sem esperar uma resposta, fui para o lado da ilha onde estava nossa frota. Peguei um grande navio de guerra e amarrei um cabo na proa e na minha cintura. Levantei suas âncoras, me despi, coloquei minhas roupas — junto com minha colcha, que eu carregava debaixo do braço — na embarcação e, puxando-o às minhas costas, nadei até o porto real de Blefuscu, onde o povo me esperava. Lá, dois guias se prestaram a me ajudar a chegar até a capital, que tem o mesmo nome do reino. Eu os peguei e assim os conduzi, na palma de minhas mãos, até a cidade. Quando chegamos a cerca de duzentos metros do portão principal, pedi que eles “anunciassem minha chegada a um dos ministros do rei, e que eu esperava as ordens de

sua majestade”. Cerca de uma hora depois, fui notificado de que “sua majestade, toda a família real e os grandes oficiais da corte estavam a caminho do portão principal para me receber”. Avancei cem metros. O imperador e sua comitiva desmontaram de seus cavalos; a rainha e as damas desceram de suas carruagens. À primeira vista, julguei que não estavam com medo ou que apresentavam qualquer tipo de preocupação. Deitei-me no chão para beijar as mãos do rei e da rainha. Eu então disse à sua majestade: “Estou aqui para cumprir minha promessa e, com a licença do imperador de Lilliput, meu mestre, ter a honra de ver um monarca tão poderoso e de lhe oferecer qualquer serviço em meu poder”. Obviamente, não mencionei uma palavra sequer sobre meu impeachment, até porque eu não tinha nenhuma informação oficial sobre o mesmo. Portanto, podia me passar por alguém que desconhecia completamente qualquer acusação. Eu também não acreditava que o imperador de Lilliput já soubesse da minha viagem. No entanto, logo descobri que estava enganado a esse respeito.

Não incomodarei o leitor com pormenores da recepção que tive naquele reino. Digo apenas que tudo estava adequado à generosidade de um príncipe tão grande. Também não comentarei sobre a falta que eu sentia de minha casa e

da minha cama, sendo forçado a dormir no chão, enrolado em minha colcha.

## CAPÍTULO 8

*O autor, por uma incrível coincidência, consegue deixar o reino de Blefuscu. Depois de algumas dificuldades, retorna são e salvo ao seu país de origem.*

**T**rês dias após minha chegada, por pura curiosidade, eu andava em direção à costa nordeste da ilha quando observei no mar algo que parecia um barco virado. Tirei os sapatos e as meias, me joguei na água e nadei cerca de duzentos ou trezentos metros na direção do objeto, que se aproximava pela força da maré. Então vi claramente que se tratava de um bote salva-vidas. Certamente havia sido arrancado da lateral de algum navio pela força de uma tempestade. Voltei imediatamente para a cidade e pedi que sua majestade imperial me emprestasse vinte dos maiores navios que ainda restavam em Blefuscu após eu ter capturado sua frota. Também solicitei o auxílio de três mil marinheiros, os quais me atenderam sob o comando de seu vice-almirante. Essa frota navegou ao redor da ilha enquanto eu caminhava de volta pelo caminho mais curto até a costa, no local onde

avistara o barco pela primeira vez. Descobri que a maré o aproximara ainda mais da praia. Os marinheiros receberam uma corda que eu já havia torcido com força suficiente. Quando os navios se aproximaram, me despi e nadei até o barco. Os marinheiros então me jogaram a ponta da corda, que eu preendi a um orifício na popa do bote. A outra ponta estava presa a um dos navios remanescentes de Blefuscu. Apesar do esforço, meu trabalho não deu muito resultado, pois, como eu estava em um local mais profundo que minha altura, não consegui empurrar o barco como planejava. Me vi forçado a nadar de costas e empurrá-lo para a frente continuamente com uma das mãos. Porém, como a maré me favorecia, avancei a ponto de colocar os pés no chão e ficar com a cabeça para fora da água. Descansei dois ou três minutos e depois dei outro empurrão no barco. Continuei repetindo essa manobra até que a água estivesse na altura de meu peito. Agora, terminando a parte mais trabalhosa, peguei meus outros cabos, que estavam em um dos navios, e os preendi ao barco, depois os preendi a outros nove dos navios que me atendiam. Com o vento favorável, os marinheiros conseguiram rebocar o bote tranquilamente até bem perto da praia. Depois, quando a maré baixou, contando com a ajuda de dois mil homens da Marinha de Blefuscu, conseguimos

girá-lo. Nesse momento, percebi que ainda estava em ótimo estado de conservação.

Novamente, não incomodarei o leitor com detalhes das dificuldades que enfrentei ou o tempo que levei (dez dias) para construir os remos e levar meu barco até o porto real de Blefuscu, onde milhares de pessoas apareceram para admirar minha prodigiosa embarcação. Eu disse ao imperador: “A boa sorte colocou este barco em meu caminho para me levar a algum lugar de onde eu possa retornar ao meu país natal”. Depois, pedi a ele a gentileza de disponibilizar os materiais necessários para que eu desse início à minha viagem, tudo isso juntamente com sua licença para partir. Após algumas frases gentis, ele concedeu tudo o que eu havia solicitado e obviamente me permitiu viajar.

Eu me perguntei muito, durante todo esse tempo, como foi que nunca chegou até mim nenhuma ordem do imperador de Lilliput à corte de Blefuscu. Apenas posteriormente entendi que sua majestade imperial jamais imaginou que eu tivesse descoberto suas intenções. Ele acreditava que eu tinha ido a Blefuscu para cumprir minha promessa, de acordo com a licença que ele me dera. O imperador estava certo de que eu retornaria para Lilliput em alguns dias, quando minha missão em Blefuscu terminasse. Com o passar dos dias, ele finalmente sentiu minha longa ausência. Após consultar o



tesoureiro e o restante do conselho, o imperador decidiu enviar um emissário com a cópia dos artigos contra mim. Esse enviado comunicou ao monarca de Blefuscu que “o mestre, do alto de sua clemência”, decidira me punir apenas com a perda de meus olhos. Ele também informou que eu era um “fugitivo da justiça” e que se eu não retornasse em duas horas, seria privado do meu título de *nardac* e declarado traidor. O enviado acrescentou ainda que “para manter a paz e a amizade entre os dois reinos”, o imperador de Lilliput esperava que seus irmãos de Blefuscu me enviassem de volta a Lilliput, com as mãos e pés amarrados, para ser punido como traidor.

O imperador de Blefuscu levou três dias consultando seus ministros. Só então ofereceu uma resposta cheia de gentilezas e desculpas: que, quanto a me mandar de volta amarrado, o imperador sabia que era impossível, pois, embora eu tivesse aprisionado toda a frota da Marinha de Blefuscu, ele ainda me devia grandes favores pelos bons serviços que eu fizera pela paz entre os dois reinos. Que, no entanto, as duas majestades logo teriam suas vidas facilitadas, pois eu havia encontrado um navio prodigioso na praia, capaz de me levar para o mar. Ele, por sua vez, ordenou que seus homens me ajudassem na preparação, seguindo minhas orientações. O imperador de Blefuscu esperava que, em poucas semanas,

os dois impérios ficassem livres do ônus insuportável que eu representava.

Portando tal resposta, o enviado retornou para Lilliput. O monarca de Blefuscu me contou como tudo havia se passado. Ele, então, me ofereceu — sob o mais estrito sigilo — sua proteção caso eu me colocasse a seu serviço. Embora eu acreditasse nele, já havia decidido que jamais confiaria em príncipes ou ministros outra vez. Assim, após agradecer as boas intenções do monarca de Blefuscu, implorei humildemente que me desculpasse.

— Desde que a sorte, boa ou má, colocou este barco no meu caminho, resolvi me aventurar no oceano novamente — eu disse. — Também não me quero me tornar o foco de uma disputa entre dois monarcas tão poderosos.

Inicialmente, o monarca de Blefuscu demonstrou desagrado. Depois, acabei descobrindo, por um certo acidente, que ele e seus ministros estavam muito felizes com a minha decisão.

Esses acontecimentos e o risco de ser julgado aceleraram minha partida. Quinhentos trabalhadores de Blefuscu foram contratados para fazer duas velas para o meu barco, segundo minhas instruções. Enquanto isso eu utilizava os cordões que antes haviam servido como suas cordas e cabos. Fazia isso torcendo dez, vinte ou trinta dos mais grossos e mais fortes

deles, juntos. Após procurar muito, encontrei uma grande pedra à beira-mar e passei a utilizá-la como âncora. O sebo de trezentas vacas serviu para vedar meu barco. Também cortei algumas das maiores árvores da ilha para construir remos e mastros. Nesse quesito fui muito auxiliado pelos carpinteiros de Blefuscu.

Em menos de um mês tudo estava pronto para minha partida. Enviei então um mensageiro para solicitar a oportunidade de me despedir do monarca de Blefuscu, o qual prontamente aceitou. No dia combinado, ele saiu de seu palácio na companhia da família real. Eu me deitei no chão para poder beijar sua mão, que ele gentilmente estendeu. O mesmo fez a imperatriz, seguida pelos jovens príncipes. O monarca de Blefuscu me deu vários presentes, entre eles um retrato seu, que coloquei imediatamente dentro de uma de minhas luvas, para evitar que fosse destruído. Não vou tratar dos outros detalhes do cerimonial da minha partida para não incomodar o leitor neste momento.

Carreguei o barco com a carne de cem bois, trezentas ovelhas, pão e bebida. Levei comigo tanta carne seca ou já cozida quanto os quatrocentos cozinheiros foram capazes de fornecer. Levei seis vacas e dois touros vivos, o mesmo número de ovelhas e carneiros. Minha intenção era levá-los para o meu país e propagar a raça desses pequenos animais.

Para alimentá-los a bordo, carreguei uma boa quantidade de feno e milho. Eu também teria levado de bom grado uma dúzia de nativos, mas isso era algo que o monarca de Blefuscu não permitiria. Para evitar que isso acontecesse, ele ordenou uma busca meticulosa em meus bolsos, pois queria ter certeza de que eu não estava levando comigo nenhum de seus súditos.

Quando finalmente preparei tudo da melhor maneira possível, iniciei minha viagem no vigésimo quarto dia de setembro de 1701, às seis da manhã. Cerca de vinte quilômetros ao norte, com a ajuda do vento a sudeste, às seis da tarde avistei uma pequena ilha a noroeste. Avancei e ancorei em uma praia que parecia desabitada. Tomei um refresco e fui descansar. Dormi bem e passei mais ou menos umas seis horas só pensando no que havia vivido. Era uma noite clara de lua cheia. Tomei meu café da manhã antes do sol nascer. Quando o vento ficou favorável, puxei minha âncora e segui na mesma direção do dia anterior, guiado sempre por minha bússola. Minha intenção era alcançar uma daquelas ilhas que ficavam ao nordeste da Terra de Van Diemen. Naveguei o dia inteiro sem avistar nada. Somente no dia seguinte, por volta das três da tarde, e, pelos meus cálculos, a mais de cem quilômetros de distância de Blefuscu, avistei a vela de uma embarcação na direção sudeste. Meu curso, no entanto, era

para o leste. Tentei sinalizar para o navio, mas não obtive resposta. Conforme a força do vento diminuiu, me aproximei daquela nau silenciosa. Tentei fazer o barco ir o mais rápido possível e, meia hora depois, recebi um sinal de que havia sido visto. Uma bandeira subiu quando me avistaram. Depois desfraldou sua bandeira e disparou um tiro para o alto. Não é fácil expressar a alegria que senti naquele momento. Carregava em minha alma a esperança de ver mais uma vez meu amado país e as pessoas queridas que lá deixei. O navio afrouxou as velas e eu me aproximei entre as cinco e as seis da tarde de 26 de setembro. Meu coração deu pulos de alegria quando vislumbrei as cores inglesas na bandeira. Coloquei minhas vacas e ovelhas nos bolsos do casaco e embarquei com toda aquela pequena carga de provisões. Era um navio de comércio inglês que retornava do Japão. O capitão era o senhor John Biddel, de Deptford, homem muito civilizado e excelente marinheiro.

Estávamos agora a 30° de latitude Sul. O navio tinha cerca de cinquenta homens, inclusive um velho camarada meu, Peter Williams, que fez questão de me apresentar ao capitão, o qual, muito gentilmente, quis saber de onde eu vinha e para aonde eu ia. Expliquei tudo da maneira mais clara que pude, em poucas palavras, mas pelo olhar do capitão ele certamente pensou que eu delirava. Me olhou com a compla-

cência do olhar de quem acredita que os perigos que eu sofriria teriam perturbado minha cabeça. Nesse momento, revelei os bois e ovelhas negras que trazia no bolso. Aquilo produziu um enorme espanto e o convenceu plenamente a respeito da minha história. Também mostrei a ele os presentes e o ouro que o imperador de Blefuscu me deu, juntamente com o retrato de sua majestade, além de outras raridades daquele reino. Dei a ele alguns dos presentes que havia ganhado e prometi que quando chegássemos à Inglaterra, eu lhe daria também uma vaca e uma ovelha grande.

Não incomodarei o leitor com mais pormenores dessa viagem, que foi muito próspera em sua maior parte. Chegamos a Downs no dia 13 de abril de 1702. Meu único infortúnio foi que os ratos a bordo mataram uma de minhas ovelhas, da qual encontrei apenas os ossos em um buraco. O resto do gado sobreviveu. Em terra firme eu os coloquei para pastar em um campo de críquete, em Greenwich, onde a grama fina e baixa atendia com fartura às necessidades daqueles animaizinhos. Aliás, eles só sobreviveram à viagem porque o capitão permitiu que eu os alimentasse com o seu melhor biscoito, o qual eu esfarelava e misturava à água. Essa foi sua alimentação durante nossos dias no mar. No curto período em que fiquei na Inglaterra, ganhei muito dinheiro apenas cobrando para mostrar meu gado às pessoas da alta

sociedade. Antes de iniciar minha segunda viagem, vendi todos os pequenos animais por seiscentas libras. Desde então, a raça deles se propagou pelas terras inglesas, especialmente as ovelhas, que espero que sejam muito vantajosas para a fabricação de lã, pela finura do pelo.

Fiquei apenas dois meses com minha esposa e minha família. O desejo insaciável de conhecer países estrangeiros não me permitiu continuar em terra firme por mais tempo. Deixei mil e quinhentas libras com ela e a fixei em uma boa casa em Redriff. O restante de minhas economias eu carregava comigo, parte em dinheiro, parte em mercadorias, na esperança de aumentar minha fortuna. Meu tio mais velho, John, havia me deixado uma propriedade perto de Epping, a qual arrendei por cerca de trinta libras por ano. Também adquiri uma propriedade em Fetter-Lane, que me rendeu algum dinheiro. Com isso minha família estava financeiramente protegida. Meu filho Johnny, que recebeu o nome de seu tio, estava na escola secundária e era uma criança muito forte. Minha filha Betty, agora já casada e com filhos, estava aprendendo a fazer tricô e a costurar. Deixei minha esposa e meus filhos com lágrimas nos olhos e embarquei no *Aventura*, um navio mercante de trezentas toneladas, com destino a Surat, sob o comando do capitão John Nicholas, de

Liverpool. A descrição dessa minha viagem será a segunda parte do meu relato.



## **Parte II**

# **Viagem a Brobdingnag**



# CAPÍTULO 1

*Descrição de uma grande tempestade; o capitão envia uma equipe para buscar água potável em uma ilha da qual o navio se aproxima e o autor acompanha os homens em uma expedição à região desconhecida. Gulliver acaba sozinho na praia, abandonado. É capturado por nativos e levado para a casa de um fazendeiro. O capítulo descreve o local, as pessoas e a recepção que o autor recebeu daquela gente, além dos eventos que lá ocorreram.*

**C**ondenado pela natureza e pela sorte à correria interminável de uma vida atribulada, apenas dois meses após meu retorno à Inglaterra, eu deixei minha família e meu país para fazer outra viagem. Embarquei no navio *Adventure*, no porto de Downs, no dia 20 de junho de 1702. O capitão John Nicholas, comandante da embarcação, era um homem da Cornualha. Seu destino era Surat. No início, os ventos nos ajudaram muito até chegarmos ao Cabo da Boa Esperança, onde desembarcamos em busca de

água fresca. Porém, descobrimos um vazamento no navio, que teve de ser reparado. Em razão disso, desembarcamos todas as provisões e passamos o inverno lá. O capitão já estava enlouquecendo quando, no final de março, o navio ficou pronto e finalmente partimos. Fizemos uma boa viagem até passarmos pelo estreito de Madagascar, mas, ao chegarmos ao norte daquela ilha e a cerca de cinco graus de latitude Sul, os ventos se mantiveram constantes entre o norte e o oeste. Isso ocorre naquela região desde o início de dezembro até maio. No dia 19 de abril, os ventos ficaram mais violentos e mais a oeste do que o habitual. Esse padrão se manteve pelos próximos vinte dias. Durante esse período, fomos levados cada vez para o leste das Ilhas Molucas, como nosso capitão descobriu em suas medições do dia 2 de maio, quando o vento finalmente parou e adentramos em uma calmaria, a qual, diga-se de passagem, não me agradou nem um pouco. O capitão, homem do mar experiente que era, também sentiu a mesma preocupação. Em razão da calmaria, ordenou que todos nos preparássemos para uma tempestade, a qual nos atingiu no dia seguinte. Foi nesse momento que o vento Sul, as chamadas monções do sul asiático, começaram a ganhar força.

Temendo a força do vento, arriamos a vela de estai e ficamos atentos à vela de proa. Porém, o tempo estava im-

placável. Temendo pelo pior, amarramos a mezena. O navio seguia ligeiro e por isso achamos melhor aceitar o destino e continuar de vento em popa. O vento forte envergou a mezena no formato de uma grande barriga; o leme enrijeceu, mas o navio singrava bravamente. Decidimos soltar a vela mestra, mas ela não suportou e se rasgou ao meio. Nesse momento, baixamos todas as velas e buscamos abrigo dentro do navio. A feroz tempestade enlouqueceu o mar, que quebrava gigantescas ondas umas nas outras. Corremos para o convés para ajudar o homem ao leme, que sofria para controlar o navio. Nós não descemos nosso mastro superior, o deixamos em pé. Quando a tormenta cessou, hasteamos a mezena e as velas grandes. Nosso curso era leste-nordeste, o vento estava na direção sudoeste. Desamarramos o barlavento, soltamos as tachas de estibordo e puxamos a mezena, deixando-a cheia.

A tempestade, seguida por um forte vento oeste-sudoeste, acabou nos levando cerca de dois mil quilômetros para o leste, de acordo com os meus cálculos. Isso fez com que mesmo o marinheiro mais velho a bordo não fosse capaz de dizer em que parte do mundo estávamos naquele momento. Nossas provisões eram abundantes; nosso navio, firme; e toda nossa tripulação estava saudável. Mesmo assim, todas as noites nos deitávamos para dormir angustiados pensando na quantidade de água potável que o navio possuía. Apesar

desse temor, decidimos seguir na mesma rota, ao invés mudar de direção e rumar mais ao norte, o que poderia nos levar à parte noroeste de Great Tartary e ao mar congelado.

Navegamos até o dia 16 de junho de 1703, quando um garoto no mastro superior avistou terra. No dia 17, nos aproximamos do que parecia ser uma grande ilha ou um continente. Não fazíamos a menor ideia de onde estávamos. No lado sul havia um pequeno trecho de terra projetando-se para o mar e um riacho raso demais para uma embarcação como a nossa — acima de cem toneladas — navegar. Lançamos âncora na baía formada pelo encontro desse rio com o mar, num local razoavelmente distante das pedras que pareciam proteger a praia. Nosso capitão enviou uma dúzia de seus homens bem armados no escaler, com recipientes, para o caso de haver água potável. Eu os acompanhei, dando início à minha expedição. Ao chegarmos à terra, percebemos que ali não havia nascente, água potável, ou qualquer sinal de habitantes. Nossos homens varreram a praia em busca de uma mina de água fresca. Eu, por minha vez, andei na direção contrária, sozinho, por quase dois quilômetros, onde pude observar uma região árida e rochosa. Quando comecei a me sentir cansado, decidi voltar tranquilamente para o riacho. Ao me aproximar, vi os homens entrarem no barco, remando à toda velocidade na direção do navio. Foi quando

avistei uma criatura enorme os perseguindo mar adentro. Caminhou até que a água batesse em seus joelhos, a passos prodigiosos, mas os homens conseguiram se distanciar entre as pedras pontiagudas da praia. O monstro não conseguiu alcançar o barco. Mas somente depois eu ficaria sabendo desse desfecho, pois naquele momento corri o mais rápido que pude até uma colina íngreme, posição que me deu uma boa perspectiva daquele lugar. Percebi que era uma área totalmente cultivada e ajardinada. O que mais me surpreendeu foi a altura da grama, que, naqueles terrenos, parecia ter cerca de seis metros de altura.

Continuei caminhando e acabei por me deparar com o que parecia ser uma estrada muito larga, a qual, embora servisse aos habitantes daquele lugar apenas como um pequeno caminho através de um milharal, aos meus olhos era imensa. Ao andar por ela pude ver que o tempo da colheita estava próximo. Cada pé de milho tinha, pelo menos, quinze metros de altura. Caminhei durante uma hora para chegar ao fim desse campo, que era rodeado por uma cerca de uns seis metros de altura. As árvores eram tão altas que eu não pude calcular seu tamanho. Havia uma escadinha para pular a cerca e passar daquele campo para o próximo. Tinha quatro degraus e uma pedra para atravessar quando se chegava ao ponto mais alto. Era impossível escalá-la, pois de um degrau

para o outro a diferença era de aproximadamente um metro e oitenta de altura. Eu procurava por uma brecha na cerca quando vi um dos habitantes no próximo campo, avançando em direção à escadinha. Ele tinha o mesmo tamanho do outro que eu vira na praia perseguindo nosso barco. Era alto como um campanário. A cada passo que dava percorria uns nove metros. Aquela visão me impressionou muitíssimo, mas também me causou medo e espanto. Afobado, corri e me escondi no milharal. De lá, pude vê-lo no topo da escada olhando para o próximo campo à direita. Também ouvi sua voz retumbante. Aliás, o barulho era tão alto que, a princípio, pensei realmente que fosse um trovão. Então, sete desses monstros vieram em sua direção. Carregavam ferramentas nas mãos, cada uma com a largura de seis foices. Essas pessoas não estavam tão bem-vestidas quanto as primeiras. Certamente, eram servos ou trabalhadores, pois, após algumas palavras ditas por aquele que havia subido a escadinha, todos os sete vieram imediatamente colher o milho do campo onde eu estava. Fiquei o mais longe possível deles. Me movia com extrema dificuldade entre os talos de milho, com pouco menos de um metro de distância entre si. Mesmo assim segui em frente até chegar a uma parte do campo onde o milho havia sido derrubado pela chuva e pelo vento. A partir desse ponto tornou-se impossível dar mais



um passo, os caules entrelaçados me impediam. Não era possível sequer rastejar por baixo deles, pois as folhas eram tão grandes e pontudas que podiam perfurar minha roupa e cortar minha pele. Ao mesmo tempo, ouvi os trabalhadores se aproximarem, estavam, acredito eu, a cerca de cem metros de distância. Desanimado com minha situação e totalmente dominado pela dor e pelo desespero, deitei-me entre duas espigas e desejei sinceramente morrer. Eu lamentava deixar minha esposa viúva e desolada, deixar minha família sem pai. Também senti muita raiva de minha própria tolice e obstinação, ao tentar essa segunda viagem, contra o conselho de todos os meus amigos e parentes. Nessa terrível agitação mental, não pude deixar de pensar em Lilliput, cujos habitantes me consideravam o maior prodígio que já caminhou pelo mundo. Lá eu fui capaz de capturar uma frota imperial inteira apenas com a força de minhas mãos. Fiz coisas que certamente ficarão para sempre registradas nas crônicas daquele império. Foram atos tão incríveis que, no futuro, seria plausível se as próximas gerações não acreditassem neles, embora sejam todos atestados por milhares de testemunhas. Agora, estava em uma nação onde eu era tão insignificante quanto um cidadão liliptiano vivendo entre nós na Inglaterra. Porém, naquele instante, esse era o menor dos meus problemas. Se aquelas criaturas humanas

fossem tão selvagens e cruéis quanto eram gigantescas, não poderia esperar outra coisa senão ser transformado em um pedaço de carne na boca desses enormes bárbaros. Certos estão os filósofos que dizem que a comparação é o único meio de saber se algo é pequeno ou grande. Por exemplo, poderia ter sido uma grande satisfação para os liliputianos se descobrissem algum povo tão diminuto em relação a eles quanto eles eram em relação a mim. Talvez até mesmo esse povo de gigantes possa ser superado em tamanho por um outro povo imenso de alguma parte distante do mundo que ainda não conhecemos.

Assustado e confuso como eu estava, não conseguia parar de pensar nessas coisas. Enquanto isso, os trabalhadores se aproximavam ceifando o milho em minha direção. Estavam a cerca de dez metros do local onde eu havia me deitado, o que me fez perceber que, em alguns instantes, eu acabaria esmagado ou seria cortado ao meio por uma daquelas terríveis ferramentas. Quando estavam prestes a me pisotear, gritei tão alto quanto o pânico que sentia. A enorme criatura parou bruscamente, olhou ao redor por algum tempo e finalmente me viu deitado no chão. Ele hesitou, com a cautela de quem vai pegar um animal pequeno, mas perigoso, capaz de arranhá-lo ou mordê-lo, exatamente como eu mesmo fazia, às vezes, com alguma doninha que encontrava nos campos da

Inglaterra. Por fim, ele me pegou pelo meio das costas com o indicador e o polegar. Me levantou até uns três metros de seus olhos, para que pudesse me contemplar em mais detalhes. Nesse momento, tomado por uma inédita presença de espírito, resolvi não lutar nem um pouco, enquanto ele me segurava no ar a uma altura de aproximadamente quinze metros do chão. Embora a maneira pela qual ele me segurava fosse bastante incômoda, eu, por medo de escorregar por entre os dedos, me mantive impassível. Tudo o que fiz foi elevar os olhos para o sol e colocar as mãos juntas em uma postura de súplica, falar algumas palavras em um tom humilde e melancólico, adequado à condição em que eu estava. Queria deixar claro que eu não era algum animal peçonhento, pois se ele assim me julgasse poderia me arremessar contra o chão, como costumamos fazer com insetos odiosos que pretendemos destruir. Mas minha boa sorte fez com que ele ficasse satisfeito com minha voz e meus gestos. Começou então a me olhar com curiosidade, muito admirado em me ouvir pronunciar palavras articuladas, embora ele não pudesse entendê-las. Nesse meio tempo, não pude deixar de gemer, derramar lágrimas e virar a cabeça para os lados, na intenção de deixar muito evidente o quanto doía a pressão do polegar e do dedo indicador do gigante sobre meu corpo delicado. Ele pareceu entender. Levantando a lapela do casaco,

me colocou gentilmente no bolso e imediatamente correu comigo até seu mestre, o fazendeiro que eu havia visto pela primeira vez no campo.

O fazendeiro — pelo que presumi da conversa deles, pois não pude entender nada — recebeu um detalhado relato a meu respeito. O servo então pegou um pequeno pedaço de palha e retirou meu casaco, o qual, para ele, parecia ser algum tipo de pele que a natureza me dera. Depois, ele soprou meus cabelos para ter uma melhor visão do meu rosto. Ele chamou seus companheiros e perguntou, como fiquei sabendo depois, se já haviam visto alguma criatura minúscula como eu. Nesse momento, ele me colocou suavemente no chão, de quatro, mas eu me levantei imediatamente e caminhei lentamente para trás e para frente. Minha ideia era deixar muito claro para aqueles gigantes que eu não tinha intenção de fugir. Essa demonstração fez com que todos se sentassem ao meu redor, a fim de poder observar melhor meus movimentos. Tirei meu chapéu e fiz uma reverência em direção ao fazendeiro. Em seguida, caí de joelhos, levantei as mãos e os olhos e falei o mais alto que pude: tirei uma bolsa de ouro do bolso e humildemente apresentei a ele. Ele recebeu a bolsa, olhou com cuidado, girou-a várias vezes com a ponta de um alfinete (que ele havia retirado da manga da camisa), mas não teve sucesso em entender o que era aquilo. Fiz então um

sinal para que ele colocasse a mão no chão. Peguei a bolsa e, abrindo-a, deposei todo o ouro na palma da sua enorme mão. Havia seis moedas espanholas grandes, além de vinte ou trinta moedas menores. Eu o vi molhar a ponta do dedo mínimo na língua e pegar uma das minhas maiores moedas e depois outra, porém, seu olhar era de alguém totalmente ignorante sobre o que elas representavam. Após a análise pormenorizada das moedas, ele fez um sinal indicando para que eu as colocasse novamente na minha bolsa, e a bolsa novamente no meu bolso. Só fiz o que ele me pedia após oferecer a ele várias vezes a bolsa com as moedas de ouro.

O fazendeiro, a essa altura, parecia convencido de que eu era uma criatura racional. Ele falou muitas vezes comigo, mas o som de sua voz parecia com o ruído de um moinho de água, apesar de suas palavras me parecerem bastante articuladas. Respondi o mais alto que pude em várias línguas. Ele, por sua vez, encostou o ouvido perto de mim. Em vão. Éramos totalmente ininteligíveis um ao outro. Ele então ordenou que seus empregados retornassem ao trabalho e desdobrou o lenço de seu bolso sobre a palma da mão esquerda e fez um sinal para que eu subisse nela. Temia cair e me machucar, mas decidi obedecer. Me deitei por inteiro sobre o lenço, o qual foi dobrado sobre mim como um cobertor. A intenção do fazendeiro era obviamente me proteger. Assim, fui leva-

do para sua casa. Lá, ele chamou sua esposa e me mostrou a ela. Ao me ver, ela gritou e saiu correndo, como fazem as mulheres na Inglaterra ao ver um sapo ou uma aranha. No entanto, quando pôde observar meu comportamento e perceber como eu atendia aos sinais que seu marido fazia, logo se acalmou e, aos poucos, tomou apreço por mim.

Ao meio-dia, um criado trouxe a comida. Era uma travessa redonda repleta de carne (o que é muito adequado à vida e ao trabalho duro de um agricultor), com cerca de três a quatro metros de diâmetro. Sentaram-se à mesa o fazendeiro, sua esposa, os três filhos e a avó. O fazendeiro me colocou sobre a mesa bem à sua frente, a qual tinha aproximadamente dez metros de altura. O medo que eu sentia era terrível. Apavorado com uma possível queda, me mantive o mais longe que podia da borda. A esposa fatiou um pouco de carne, depois esfarelou um pedaço de pão e os colocou diante de mim. Fiz uma saudação tímida para ela, peguei minha faca e garfo e comecei a comer, o que os agradou muitíssimo. A senhora mandou sua criada pegar um copo pequeno, que continha uma quantidade de cerca de dois galões, encheu-o com bebida e me ofereceu. Eu peguei o copo com muita dificuldade, utilizando ambas as mãos e, da maneira mais respeitosa possível, bebi à saúde de sua senhoria, expressando palavras de agradecimento o mais alto que

pude. O resultado foi uma gargalhada geral dos comensais. O licor que me foi oferecido tinha gosto de cidra e não era desagradável. Então o fazendeiro fez um sinal para que eu me aproximasse dele; mas, enquanto andava sobre a mesa, surpreendendo-me o tempo todo, como o compreensivo leitor entende e desculpa facilmente, tropecei em um farelo de pão e caí de cara no chão. Não sofri nenhum ferimento. Levantei-me imediatamente e, observando que aquelas boas pessoas estavam todas preocupadas, peguei meu chapéu (que segurava sob o braço por boas maneiras) e agitei-o sobre a cabeça. Assobiei três vezes para mostrar que a queda não me machucara. Ao avançar em direção ao meu mestre (como a partir de agora chamarei o fazendeiro), seu filho mais novo, sentado ao seu lado, um garoto malino de cerca de dez anos de idade, me pegou pelas pernas e me ergueu no ar. Eu tremia dos pés à cabeça. O mestre me livrou desse suplício e, ao mesmo tempo, deu-lhe um tapa na orelha esquerda, com o qual teria derrubado uma divisão inteira de cavalaria. Muito zangado, ele ordenou que o menino deixasse a mesa. Eu, temendo que o garoto ficasse com raiva de mim, e lembrando bem de como todas as crianças são cruéis com pequenos seres como pardais, coelhos, gatinhos e cachorrinhos, caí de joelhos e, apontando para o garoto, fiz meu mestre entender, da melhor maneira que pude, que desejava

que o guri fosse perdoado. O pai obedeceu e o filho se sentou novamente à mesa. Nesse momento, fui até ele e beijei sua mão. Vendo isso, meu mestre fez com que o menino me acariciasse gentilmente.

Perto do final da refeição, surgiu uma mulher com uma criança de aproximadamente um ano no colo, a qual imediatamente ficou me olhando admirada e disparou em uma choradeira e uma gritaria tão alta que se ela estivesse na London Bridge seria possível ouvi-la em Chelsea.<sup>2</sup> Tudo isso porque ela queria brincar comigo, pensava que eu era algum tipo de animal de estimação ou um brinquedo. Indulgente, a mãe me apanhou e me colocou perto da criança, que imediatamente me pegou e enfiou minha cabeça em sua boca. Eu rugi tão alto que a criança, com medo, me deixou cair. Eu certamente teria quebrado o pescoço se a mãe da criança não tivesse colocado seu avental embaixo de mim. Para acalmar a criança, os adultos mostraram para ele um chocalho que era uma espécie de vaso oco cheio de grandes pedras. Porém, todo esse esforço foi em vão. O último remédio calmante foi a mãe oferecer o peito para o bebê, que imediatamente se calou e passou a mamar. Confesso que nenhuma visão jamais me

---

2 A distância entre a London Bridge e Chelsea é de aproximadamente 7,5 quilômetros.



enojou tanto quanto a visão daquele seio monstruoso, com o qual não posso comparar absolutamente nada, portanto, serei incapaz de oferecer ao leitor curioso sequer uma ideia do tamanho, forma e cor daquele peito. Porém, posso dizer que era proeminente, com cinco metros de circunferência. O mamilo tinha aproximadamente metade do tamanho de minha cabeça, a pele do peito apresentava manchas, espinhas e sardas. Aquela cena me deixou completamente enojado, pois ela estava sentada bem à minha frente enquanto o bebê mamava. Isso me fez refletir sobre as belas peles de nossas damas inglesas, que nos parecem tão perfeitas. Tudo porque elas são do nosso tamanho, o que torna impossível ver sua pele de maneira tão detalhada como a que então eu via naquela mulher gigante, como se estivesse utilizando uma lupa. Se assim fosse, descobriríamos que até as peles mais suaves e mais brancas podem ser ásperas e cheias de marcas.

Isso me fez lembrar que quando eu estava em Lilliput, a aparência dos diminutos liliputianos me pareceu a mais bela do mundo. Também me recordei de quando, conversando sobre esse assunto com um grande amigo liliputiano, rememorei que ele havia dito que meu rosto parecia muito mais claro e suave quando me olhava desde o chão, porém, quando eu o peguei na mão e o trouxe para perto de mim, ele confessou que a pele de meu rosto gerava uma visão

realmente chocante. Ele disse: “A proximidade tornou visível os grandes buracos em sua pele; os pelos da sua barba, que são dez vezes mais grossos que os de um javali; e que sua pele é composta de várias cores e manchas extremamente desagradáveis”. Em minha defesa, posso dizer que minha tez não é muito parecida com a maior parte da dos homens em meu país, principalmente porque tenho a pele um tanto bronzeada em razão das minhas viagens. Por outro lado, ao falar sobre as damas da corte do imperador, ele costumava me dizer: “Uma tinha sardas; outra, a boca muito larga; outra, um nariz grande demais”. No entanto, eu não pude observar nada disso. Confesso que toda essa reflexão é uma grande obviedade. Contudo, eu não podia tolerar a possibilidade de o leitor pensar que essas vastas criaturas fossem de alguma maneira deformadas. Para ser justo, elas são, na verdade, todas muito agradáveis, particularmente as características do semblante de meu mestre, embora ele fosse apenas um fazendeiro. Quando o vi da altura de quinze metros, me pareceu um sujeito muito bem proporcionado.

Quando a refeição terminou, meu mestre saiu para tratar com seus trabalhadores e, pelo que percebi em seus gestos e voz, ordenou que sua esposa tomasse conta de mim. Eu estava muito cansado e disposto a dormir, o que a esposa do meu mestre rapidamente percebeu. Ela então me colocou

em sua própria cama e me cobriu com um lenço branco e limpo, o qual era maior e mais grosso que a lona da vela principal de um navio de guerra.

Dormi cerca de duas horas e sonhei que estava em casa com minha família, o que agravou minhas tristezas quando acordei. Também descobri que estava sozinho em uma gigantesca sala de, no mínimo, sessenta metros de altura e noventa metros de largura. Eu estava deitado em uma cama de aproximadamente vinte metros de largura. A esposa do meu mestre discutia os assuntos domésticos em outro cômodo e havia me deixado trancado no quarto. A cama estava a oito metros do chão. Algumas necessidades naturais do meu corpo exigiam que eu saísse rapidamente dali. Não havia como chamar por ajuda, pois com uma voz como a minha e a uma distância tão grande do cômodo onde estava o resto da família, certamente não me ouviriam. Enquanto eu me apertava nessas terríveis circunstâncias, dois ratos subiram pelas cortinas e correram sobre a cama, farejando. Um deles apareceu quase na minha frente, quando me levantei de susto e saquei minha espada para me defender. Esses animais horríveis tiveram a ousadia de me atacar ao mesmo tempo pelos dois lados. Um deles chegou a colocar suas patas dianteiras em meu peito, mas tive a sorte de cortar sua barriga antes que pudesse me ferir. Ele caiu aos meus

pés; o outro, vendo o destino de seu camarada, fugiu, mas não sem levar um bom golpe da minha espada nas costas, e que fez seu sangue jorrar. Após essa façanha, caminhei de um lado para o outro sobre a cama para recuperar o fôlego. Essas criaturas eram do tamanho de um grande mastim, mas infinitamente mais ágeis e ferozes, de modo que se eu tivesse tirado meu cinto antes de dormir, teria sido infalivelmente despedaçado e devorado. Medi a cauda do rato morto e calculei que tivesse uns dois metros de comprimento. Não tive estômago para arrastar aquela carcaça, ainda sangrenta, para fora da cama. Ao perceber que ele ainda tinha alguma vida, fiz um profundo corte no pescoço e o matei de uma vez por todas.

Logo depois dessa luta, a esposa de meu mestre entrou no quarto. Ao me ver todo ensanguentado, correu e apanhou. Apontei para o rato morto, sorrindo e fazendo outros sinais para demonstrar que não estava ferido. Ela ficou muito feliz e chamou a criada para pegar o rato morto com uma pá e jogá-lo pela janela. Ela então me colocou sobre uma mesa, onde lhe mostrei minha espada toda ensanguentada e, limpando-a na lapela do meu casaco, a devolvi à bainha. Muito apertado, fiz todos os gestos imagináveis para explicar para a esposa de meu mestre que eu precisava desesperadamente me aliviar. Fiz de tudo, apontei para a porta, me curvei várias

vezes e finalmente a boa mulher, depois de muita dificuldade, percebeu o que eu queria. Ela então me pegou de novo na mão, foi para o jardim e me colocou no chão. Fui até perto de uma cerca e, acenando para que ela não me olhasse ou me seguisse, me escondi entre duas folhas de azedinha. Finalmente, ali eu descarreguei minhas necessidades.

Espero que o leitor gentil me desculpe por me debruçar sobre esse e outros assuntos semelhantes, que, por mais insignificantes que possam parecer às mentes vulgares, ainda assim certamente ajudarão um filósofo a ampliar seus pensamentos e imaginação, e aplicá-los em benefício do público. Acredito que tais detalhes de minhas aventuras mostrem o quanto pretendo relatar apenas a verdade, sem afetar nenhum ornamento de aprendizado ou de estilo. A cena também causou uma impressão tão forte em minha mente e está tão profundamente fixada em minha memória que, ao entregá-la ao papel, não omiti nenhuma circunstância material. No entanto, após uma revisão rigorosa, apaguei várias passagens que estavam em minha primeira versão, por medo de ser tomado como tedioso e insignificante, coisas das quais os viajantes, em seus relatos, são frequentemente acusados, talvez não sem justiça.

## CAPÍTULO 2

*Descrição da filha do fazendeiro. O autor é levado para o mercado da vila e para a metrópole. Algumas particularidades dessa viagem.*

**O** fazendeiro e sua esposa tinham também uma filha de nove anos, a qual parecia se comportar de maneira muito madura. Era muito hábil na agulha e sabia vestir o bebê como poucos. Sua mãe e ela conseguiram preparar o berço do bebê para que eu pudesse dormir nele: o cesto foi colocado na gaveta de um armário e a gaveta em uma prateleira suspensa, tudo para evitar que eu fosse novamente atacado por ratos. Essa foi minha cama durante o tempo em que fiquei com aquelas pessoas. Conforme aprendi a me comunicar com eles e a falar seu idioma, minha cama foi ficando melhor, pois me tornei capaz de fazer com que meus desejos fossem atendidos. Essa menina era tão prática que, depois que tirei uma ou duas vezes a roupa diante dela, ela foi capaz de me vestir e despir, apesar de eu nunca ter solicitado que isso fosse feito. Ela fez para mim

sete camisas e alguns outros lençóis, com o tecido mais fino que possuíam, mas que de fato era mais grosseiro que um pano de saco. Ela lavava essas peças constantemente. Ela adorava me ensinar o seu idioma: eu apontava para algo e ela me dizia o nome do objeto indicado em sua língua. Em poucos dias me tornei capaz de pedir diversas coisas. Era muito bem-humorada, media aproximadamente quinze metros de altura — uma estatura baixa para alguém da idade dela, segundo eu descobriria depois. Ela me deu o nome de Grildrig, que a família e todo o reino acabaram adotando. É a palavra correspondente ao que os latinos chamam de *nanunculus*, os italianos *homuncelino* e os ingleses *mannikin*. Eu devo principalmente a ela meu bem-estar naquele país: nós nunca nos separávamos. Eu a chamava de Glumdalclitch, ou pequena ajudante. Eu seria profundamente ingrato se omitisse essa menção honrosa aos cuidados e à afeição que ela teve por mim. Desejo sinceramente fazer tudo em meu poder para dar a essa menina o crédito que ela merece. Nunca quis ser o instrumento inocente de sua desgraça, porém, tenho muitas razões para temer que isso possa ter ocorrido.

Após me acomodar com a família do fazendeiro, fiquei conhecido na vizinhança. Todos falavam sobre o estranho animal que meu mestre encontrara no campo, que era do tamanho de um *splacnuck*, mas tinha características e aparência

extremamente humanas. Diziam que meu comportamento era igual ao deles, que eu falava um idioma diferente, que já havia aprendido algumas palavras em sua língua e que caminhava ereto. Também afirmavam que eu era tranquilo e gentil, que sempre me apresentava quando era chamado, não importando em nada quem me chamava ou qual pedido fazia. Diziam que eu tinha os mais belos braços e pernas do mundo e que minha pele era mais clara que a de um bebê da nobreza. Minha fama cresceu tanto que outro fazendeiro, bem mais velho e amigo de meu mestre, veio fazer uma visita apenas para ver se o que falavam era verdade. Fui imediatamente apresentado e colocado sobre uma mesa, onde andei como me foi ordenado, saquei minha espada e a embainhei novamente, fiz uma reverência para o convidado, perguntei a ele, em seu próprio idioma, como ele estava e lhe dei boas-vindas, exatamente como minha jovem amiga havia me instruído. Esse homem, que era velho e míope, colocou seus óculos para me ver melhor. Eu não pude deixar de rir muito, pois seus olhos pareciam a lua cheia a brilhar, de tão grandes que suas lentes os deixavam. Quando todos entenderam o motivo de minha alegria, uma gargalhada geral tomou conta do ambiente. O velho, por sua vez, foi tolo o suficiente para ficar com raiva e sem expressão. Seu caráter era o de um grande avarento. Para minha desgraça, ele convenceu meu



mestre a me levar ao mercado da cidade no dia seguinte, que, para eles, ficava a meia hora andando. Para mim, era uma distância de cerca de 35 quilômetros. Quando vi meu mestre e seu amigo sussurrando, percebi imediatamente que algo não cheirava bem. Às vezes, apontavam para mim. Fiquei tão preocupado que tentei, em vão, ouvir e entender o que diziam. Na manhã seguinte, Glumdalclitch, minha jovem amiga, me contou tudo. A pobre menina me deitou sobre seu peito e caiu chorando de vergonha e tristeza. Ela temia acontecer algo de ruim caso eu caísse nas mãos de pessoas rudes e vulgares, as quais poderiam me apertar até a morte ou quebrar um de meus membros. Disse, chorando, que eu, na minha modesta e honrada natureza, certamente consideraria indigno ser exposto no mercado por dinheiro, como um espetáculo público. Ela disse que seu pai e sua mãe haviam prometido que eu seria dela, mas agora descobriu que pretendiam fazer o mesmo que no ano passado, quando fingiram dar a ela um cordeiro. No entanto, logo que o bicho ficou gordo, o venderam para um açougueiro. De minha parte posso realmente afirmar que eu estava bem menos preocupado do que a jovem. Tinha em mim a forte esperança, que nunca me deixou, de que um dia recuperaria minha liberdade. Já quanto à ignomínia de ser tratado como uma espécie de monstro, eu sabia que aquilo resultava do fato de

que eu era um estranho no país. Tinha a consciência de que tal infortúnio jamais seria minha culpa, pois até mesmo o próprio rei da Inglaterra, em situação semelhante à minha, certamente teria sofrido a mesma angústia.

Meu mestre, seguindo o conselho de seu amigo, montou em seu cavalo e me levou em uma caixa no dia seguinte para o mercado da cidade vizinha. Sua filha, minha jovem amiga, foi junto, na garupa. A caixa estava fechada de todos os lados, com uma pequena porta para que eu entrasse e saísse, e alguns orifícios para a passagem de ar. A menina, sempre muito cuidadosa, colocou a colcha da cama do bebê na caixa para que eu me deitasse. No entanto, fiquei terrivelmente abalado e descomposto pela jornada, embora ela não passasse de meia hora, pois o cavalo andava cerca de dez metros a cada passo e trotava tão alto que parecia a subida e a queda de um navio entre ondas gigantescas de uma grande tempestade, mas cadenciadas. Nossa jornada foi um pouco mais longa que a distância de Londres a St. Alban's. Meu mestre desembarcou em uma estalagem que costumava frequentar. Após consultar o dono do estabelecimento e fazer os preparativos necessários, ele contratou um homem para anunciar em toda a cidade a chegada de uma criatura estranha que poderia ser vista na estalagem. Um ser menor que um *splacnuck* (animal que existia naquele país e tinha cerca de

um metro e oitenta de comprimento). Pediu também que o pregoeiro anunciasse que sua criatura, semelhante a um ser humano, era capaz de pronunciar várias palavras e realizar inúmeros truques divertidos.

Fui colocado sobre uma imensa mesa na maior sala da estalagem, de aproximadamente noventa metros quadrados. Minha pequena amiga sentou-se em um banquinho baixo, posicionada para cuidar de mim e me orientar no que eu deveria fazer. Meu mestre, para evitar uma multidão, decidiu receber apenas trinta pessoas de cada vez. Eu andei sobre a mesa enquanto a garota comandava. Ela me fazia perguntas até onde minha compreensão da língua daquele povo permitia, e eu, de minha parte, as respondia o mais alto que conseguia. Me preparei para fazer tudo corretamente, cumprimentar humildemente todos os presentes, falar que eram bem-vindos e usar outros discursos que haviam me ensinado. Depois desse treinamento, peguei um dedal cheio de licor, que Glumdalclitch me dera, e bebi à saúde de todos. Desembainhei minha espada e a manejei à maneira dos esgrimistas da Inglaterra. Minha amiga me deu um pedaço de palha, no qual eu desferi golpes com minha espada, arte que aprendi na minha juventude. Nesse dia, fui apresentado a doze grupos. Com a mesma frequência, fui forçado a fazer exatamente as mesmas coisas várias vezes, até estar quase

morto de cansaço e irritação. Os que me viram saíam dizendo coisas tão maravilhosas a meu respeito que as outras pessoas quase arrombaram as portas para entrar, tamanha sua curiosidade. Meu mestre, por seu próprio interesse, não deixou ninguém me tocar, exceto minha jovem amiga. Ele queria obviamente evitar o perigo de perder sua atração. Bancos foram postos em volta da mesa a uma distância que me deixava fora do alcance de todos os observadores. Durante minhas apresentações, um garoto infeliz, vestido com uniforme escolar, mirou uma avelã na direção de minha cabeça e quase a atirou. Se tivesse lançado a avelã, que era do tamanho uma abóbora, eu certamente teria sido nocauteado. Minha satisfação foi ver o jovem ladino ser espancado e retirado da sala.

Quando meu mestre se deu conta do quanto eu poderia ser lucrativo, resolveu me levar para as maiores e mais ricas cidades do reino. Decidido a lucrar mais, ele providenciou todas as coisas necessárias para uma longa jornada. Resolveu os assuntos de casa, despediu-se da esposa e, em 17 de agosto de 1703, cerca de dois meses após minha chegada, partimos para a metrópole, situada na região central daquele império, e a cerca de oito mil quilômetros de distância da casa onde vivíamos. Meu mestre trouxe sua filha, Glumdalclitch. Ela me carregava em uma caixa amarrada à cintura. A garota

forrou todos os lados desse meu cômodo com o pano mais macio que possuía. Além disso, me forneceu roupas e outros itens necessários para o meu mais completo aconchego. Não tínhamos outra companhia senão um garoto da casa, que cavalgava atrás de nós com a bagagem.

O plano de meu mestre era me apresentar em todas as cidades. A rotina seria chegar ao local e encontrar a casa de alguém de confiança onde eu pudesse fazer meu número. Fizemos viagens fáceis, não mais do que treze quilômetros por dia. Com o objetivo de me poupar, Glumdalclitch dizia estar cansada com o trote do cavalo. Ela muitas vezes me tirava da caixa, por vontade própria, para que eu respirasse ar fresco e me mostrar a região, mas sempre me segurava com força por panos presos à minha roupa, como aqueles que se usam com bebês. Passamos por cinco ou seis rios, alguns muitos mais largos e mais profundos que o Nilo ou o Ganges. Dificilmente encontrávamos um rio com as mesmas proporções do Tâmis na altura da ponte de Londres. Todos eram imensos. Passamos semanas visitando dezoito cidades, nas quais me apresentei. Visitamos também muitas aldeias e algumas fazendas.

No dia 26 de outubro chegamos à metrópole daquele reino, Lorbrulgrud, ou Orgulho do Universo. Meu mestre alojou-se na rua principal da cidade, não muito longe do

palácio real, e divulgou nossa chegada da forma usual, com cartazes contendo uma descrição exata de minha pessoa. Ele alugou uma grande sala e providenciou uma mesa enorme sobre a qual eu deveria fazer meu espetáculo. Fui mostrado dez vezes ao dia, para maravilha e satisfação de todas as pessoas. Agora eu já sabia falar a língua deles de maneira tolerável e compreendia perfeitamente cada palavra que me era dirigida. Além disso, eu havia aprendido seu alfabeto e podia mudar a construção de uma frase aqui e ali. Glumdalclitch havia sido minha instrutora desde a casa e nas horas de lazer de nossa jornada. Ela sempre andava com um livrinho no bolso, não muito maior que um *Atlas de Sanson*. Tratava-se de uma obra corriqueira para meninas e trazia um breve relato da religião de seu povo. Foi com esse livro que ela me ensinou a interpretar as palavras daquele reino.

## CAPÍTULO 3

*O autor é enviado à corte. A rainha o compra de seu mestre, o fazendeiro, e o apresenta ao rei.*

*O autor debate com os estudiosos do reino. Um cômodo na corte é oferecido ao autor, o qual conquista grande prestígio com a rainha. O autor defende a honra de seu país e se desentende com o anão da corte.*

**O**s trabalhos frequentes que eu realizava todos os dias fizeram, em poucas semanas, uma mudança muito considerável em minha saúde: quanto mais meu mestre faturava, mais insaciável se tornava. Eu perdi muitos quilos e estava quase reduzido a um esqueleto. O fazendeiro percebeu isso e, concluindo que eu poderia morrer, resolveu me ajudar. Enquanto ele se preparava para cuidar de minha saúde, um *sardral*, ou mordomo, foi enviado pela corte e ordenou que meu mestre me levasse imediatamente para divertir a rainha e suas damas. Algumas das damas já tinham me visto e relataram várias coisas sobre minha beleza, comportamento e bom senso. A rainha, por sua vez, ficou

muito impressionada com meu comportamento. Caí de joelhos e implorei a honra de beijar seu pé imperial. Porém, fui colocado sobre uma mesa e a graciosa rainha estendeu o dedo mindinho em minha direção. Eu abracei e beijei com o maior respeito a ponta daquele dedo real. Ela me fez algumas perguntas gerais sobre meu país e minhas viagens, às quais respondi da maneira mais clara e com o mínimo de palavras possível. Ela perguntou:

— Você gostaria de morar na corte?

— Sou escravo de meu mestre. Mas, se eu pudesse escolher, ficaria muito honrado de estar a serviço de Vossa Majestade — respondi humildemente, após me inclinar respeitosamente.

Ela então perguntou ao meu mestre se estaria disposto a me vender por um bom preço. Ele, que achava que eu não duraria mais um mês vivo, estava prontíssimo para se ver livre de mim. Exigiu mil peças de ouro, que foram entregues no local, cada peça tendo aproximadamente a grandeza de oitocentos moidores.<sup>3</sup> Porém, se considerarmos proporcionalmente os valores para aquele povo e a Europa, o que nos parece um alto valor em ouro, entre eles não era

---

3 Termo utilizado em inglês arcaico, que surgiu de "moeda d'ouro", e era usado para se referir a um tipo específico de moeda de ouro portuguesa de quatro mil réis.



uma quantia maior do que mil guinéus na Inglaterra. Nesse momento, ao perceber que eu havia me tornado um servo real, implorei à rainha a admissão de Glumdalclitch em seu serviço, para que ela pudesse continuar sendo minha ajudante e instrutora, pois sempre havia cuidado de mim com muito carinho e bondade.

A rainha concordou com a minha petição e obteve facilmente o consentimento do fazendeiro, que ficou muito contente por ter sua filha entre uma das preferidas da corte. A pobre menina também não conseguiu esconder sua alegria. Meu antigo mestre se despediu me desejando boa sorte e dizendo que havia me deixado em uma excelente situação. Eu não respondi e apenas me curvei, em um pequeno gesto de agradecimento.

A rainha, percebendo minha frieza diante de meu antigo senhor, me perguntou o motivo quando o fazendeiro saiu. Eu me atrevi a dizer que a única coisa que eu devia ao meu antigo mestre, que se beneficiara de uma pobre criatura inofensiva como eu, encontrada por acaso em seus campos, era o fato de não ter sido esmagado como se fosse um animal inofensivo. Disse que era certo que ele havia me mostrado metade do reino, porém, com isso também havia ganhado dinheiro, o que certamente pagava a dívida que eu tinha para com ele por não ter me esmagado. Minha frieza resultava

do fato de que minha saúde estava muito prejudicada em razão da rotina de contínuo trabalho que me fora imposta. Eu trabalhava continuamente para divertir a multidão. Expliquei ainda que meu mestre só havia me vendido porque acreditava que minha vida corria perigo, ou seja, que eu não viveria por muito mais tempo — e esse era o motivo de ela ter me adquirido por um valor tão baixo. Por último, disse que agora estava feliz por estar sob os cuidados e proteção de uma imperatriz tão grande e boa, ornamento da natureza, querida do mundo, deleite de seus súditos, fênix da criação. Por isso sentia meu espírito renovado pela influência positiva da augusta presença da rainha à qual eu agora servia.

Este é um resumo do meu discurso, certamente proferido com grandes impropriedades e hesitações. A última parte continha frases completamente enquadradas no jeito de falar daquelas pessoas, as quais eu aprendi com Glumdalclitch, enquanto ela me carregava para a corte.

A rainha, que demonstrou muita paciência com a minha pouca habilidade ao falar aquele idioma, ficou, no entanto, surpresa com tanta inteligência e bom senso em um animal tão diminuto. Ela me pegou na própria mão e me levou ao rei, que havia se retirado para o seu gabinete. Sua Majestade, o rei, homem sério de semblante austero, não gostou muito

da minha figura à primeira vista. Por essa razão, perguntou friamente à rainha:

— Quando foi que você decidiu ter um *splacnuck* (espécie de bicho que o rei pensou que eu fosse)?

A rainha, uma pessoa muito inteligente e bem-humorada, me colocou gentilmente em pé sobre uma escrivaninha e ordenou que eu explicasse ao rei quem eu era, o que fiz em poucas palavras. Glumdalclitch, que escutou toda a conversa do lado de fora do cômodo, ao ser admitida, confirmou tudo o que havia passado desde a minha chegada à casa do pai dela.

O rei, apesar de ser uma pessoa tão instruída quanto qualquer outra em seus domínios, pois havia sido educado no estudo da filosofia e, principalmente, da matemática, quando observou detidamente minha forma e me viu andar ereto, antes de começar a falar, pensou se tratar de uma espécie de mecanismo (que naquele país existem com uma perfeição muito grande) inventado por algum talentoso relojoeiro. Porém, quando ouviu minha voz e descobriu que o que eu falava era normal e racional, não conseguiu esconder seu espanto. Também demonstrou estar insatisfeito com a versão que lhe dei sobre a maneira como entrei em seu reino, pois achou que era uma história combinada entre eu, Glumdalclitch e seu pai, que teriam me ensinado um conjunto de palavras para poder me vender a um preço

melhor. Depois disso, ele passou a questionar sobre outros assuntos. Ao continuar recebendo respostas racionais, apesar de meu sotaque estrangeiro e conhecimento imperfeito da língua daquele reino, decidi então chamar alguns dos sábios do reino para me entrevistar.

Chegaram então três grandes sábios que estavam de serviço na corte naquele dia. Esses senhores, após examinarem minha forma com muita delicadeza, proferiram suas opiniões a meu respeito. Todos concordaram que eu não poderia ser produzido de acordo com as leis regulares da natureza, porque não tinha capacidade de preservar minha vida, nem pela rapidez, nem pela escalada de árvores, nem pela escavação de buracos na terra. Observaram pelos meus dentes, estudados em grande detalhamento, que eu era um animal carnívoro. No entanto, a maioria dos quadrúpedes eram maiores do que eu, até mesmo os ratos de campo. Por isso, ficaram intrigados sobre como eu me alimentava, a menos que eu comesse caracóis e outros insetos — que me ofereceram para comer. Não aceitei comer essas iguarias, obviamente. Um desses sábios disse que eu poderia ser um embrião ou nascimento abortivo. Mas essa opinião foi rejeitada pelos outros dois, que observaram meus membros perfeitos e acabados. Disseram também que eu já vivera vários anos, como era manifestado pela minha barba, que

puderam analisar com a ajuda de uma lupa. Eles também chegaram à conclusão de que eu não poderia ser um anão, porque minha pequenez era diferente, principalmente porque o anão favorito da rainha tinha quase dez metros de altura. Depois de muito debate, concluíram por unanimidade que eu era apenas *relplum scalcath*, o que pode ser traduzido literalmente por “*lusus naturæ*”, termo em latim que serve para descrever qualquer criatura ou espécime que tenha desafiado qualquer tipo de classificação. Esse é um conceito muito comum à filosofia europeia atual, cujos professores, desprezando o antigo subterfúgio das *causas ocultas*, com o qual os seguidores de Aristóteles conseguiam disfarçar sua ignorância, inventaram essa maravilhosa solução para todas as dificuldades contemporâneas, alcançando assim um admirável avanço para o conhecimento humano!

Após essa decisiva conclusão, implorei para ser ouvido por eles. Disse então que eu vinha de um país repleto de vários milhões de homens e mulheres com a minha própria estatura; onde os animais, as árvores e as casas eram todos proporcionais e onde, por consequência, eu poderia me defender e me sustentar como qualquer um dos súditos de Sua Majestade fazia ali. Incrédulos, responderam aos meus argumentos dizendo, em tom de desprezo, que o fazendeiro havia me instruído muito bem em minha lição. O rei, por sua

vez, demonstrou ter um entendimento muito melhor, por isso, dispensando seus homens instruídos, mandou chamar o fazendeiro, que por sorte ainda estava na cidade. Tendo, portanto, primeiro conversado comigo em particular e depois confrontado minha versão com a da jovem Glumdalclitch, Sua Majestade começou a pensar que o que estávamos dizendo poderia ser verdade. Por essa razão, ele ordenou que a rainha determinasse que a criadagem tivesse um cuidado particular comigo. Disse também para Glumdalclitch continuar cuidando de mim, pois observou que tínhamos grande carinho um pelo outro. Um quarto foi providenciado para ela na corte: ela teria uma governanta que cuidaria de sua educação, uma empregada para vesti-la e dois outros servos para serviços domésticos. Porém, seria a principal responsável por cuidar de mim. A rainha ordenou que seu próprio marceneiro fizesse uma caixa, que poderia me servir de quarto de dormir, seguindo um modelo com o qual Glumdalclitch e eu deveríamos concordar. Esse homem era um artista muito engenhoso e, de acordo com minha orientação, em três semanas terminou uma câmara de madeira de quinze metros quadrados e doze de altura, com janelas, uma porta e dois armários, como um quarto desses que se aluga em Londres. A prancha que formava o teto deveria ter duas dobradiças, o que permitiria colocar dentro do quarto uma

cama pronta fornecida pelo estofador de Sua Majestade, a qual Glumdalclitch retirava todos os dias do meu quarto para arejar. Um bom trabalhador, famoso por suas pequenas curiosidades, comprometeu-se a me fazer duas cadeiras, com encostos e empaldares, de uma substância não muito diferente do marfim, e duas mesas com gavetas para guardar minhas coisas. A sala era acolchoada por todos os lados, assim como o piso e o teto, para evitar qualquer acidente por descuido daqueles que me carregavam. Eu desejava uma fechadura para a minha porta, para impedir a entrada de ratos e camundongos. O ferreiro, depois de várias tentativas, fez a menor fechadura que já foi vista naquele reino. Eu passei então a guardar a chave em meu bolso, pois temia que Glumdalclitch a perdesse. A rainha ordenou que as sedas mais finas fossem adquiridas e utilizadas para me fazer roupas, as quais ficaram mais grossas do que um cobertor inglês. Inicialmente eram muito pesadas, mas acabei me acostumando a elas, que estavam na moda naquele reino. Lembravam em parte os persas e em parte os chineses. Aparentavam um estilo muito sério e decente de se vestir.

A rainha gostava muito de minha companhia. Tanto que não fazia suas refeições sem a minha presença. Eu tinha um lugar especial na mesa da realeza, sentava-me próximo ao seu cotovelo esquerdo, em uma cadeira que havia sido

feita exclusivamente para o meu uso. Glumdalclitch ficava em um banquinho perto da mesa, sempre pronta para cuidar de mim. Eu tinha um conjunto inteiro de pratos, travessas e talheres de prata, os quais, apesar de similares aos da rainha, eram, aos olhos dela, como se fossem brinquedos. Tudo o que usava nas refeições, pratos, talheres etc., era tão diminuto que minha pequena ajudante os guardava em uma caixa de prata que levava no bolso. Assim podia utilizá-los a qualquer momento, quando eu solicitasse. Glumdalclitch sempre limpava todas as peças sozinha. As outras únicas pessoas que costumavam jantar com a rainha eram as duas princesas: a mais velha, com dezesseis anos, e a mais nova, com treze e um mês. Sua Majestade costumava colocar um pouco de carne em um dos meus pratos e divertia-se ao me ver comer. A rainha (que comia de tudo), em cada garfada que dava, engolia a mesma quantidade de comida que uma dúzia de agricultores ingleses consumiriam em uma refeição, o que para mim, por algum tempo, era uma visão que embrulhava o estômago. Ela mastigava a asa de uma cotovia, com ossos e tudo, entre os dentes, embora essa espécie de ave fosse nove vezes maior que um peru adulto na Inglaterra. Primeiro, ela colocava um pedaço enorme de pão na boca, então bebia de uma xícara de ouro. Suas facas tinham o dobro do tamanho



de uma foice. As colheres, garfos e outros instrumentos tinham todos a mesma proporção.

Era costume, toda quarta-feira (eu, por observação, concluí que aquele dia da semana era o *shabat* deles), o rei e a rainha, na companhia dos príncipes e princesas, se reuniram para almoçar. Nessas ocasiões, minha pequena cadeira era posta do lado esquerdo da mesa, perto dos saleiros. O rei demonstrava muito interesse em mim. Por essa razão, tive o prazer de conversar várias vezes com ele, que procurava entender as maneiras, religião, leis, governo e a educação na Europa. Eu, de minha parte, dei as melhores explicações possíveis. Sua compreensão de tudo foi tão clara e seu julgamento tão exato, que chegou a reflexões e observações muito sábias sobre tudo o que eu lhe disse. Confesso que fui um pouco copioso ao falar de meu país amado, de nosso comércio e guerras por mar e terra, dos cismas de nossa religião, das disputas entre os nossos partidos. Depois de muito ouvir sobre a vida dos britânicos, o rei me colocou em sua mão direita, acariciou-me suavemente, e após uma gargalhada, me perguntou se eu era “*whig* ou *tory*”.<sup>4</sup> Então, voltando-se para o seu primeiro-ministro, que estava atrás

---

4 Respectivamente, conservador ou trabalhista, na política britânica.

de nós, empunhando um cajado branco quase tão alto quanto o mastro de um navio de guerra, observou:

— Como é desprezível a natureza humana, pois pode ser imitada até mesmo por insetos diminutos. Os quais, tomados pela soberba chamam suas gaiolas ou tocas de palácios, criam equipamentos como carruagens, conferem a eles mesmos títulos, acreditam ter grandes empregos, importantes funções e arrebatadoras paixões como nós. Odeiam-se, enganam-se e traem uns aos outros!

E assim ele continuou, enquanto eu corava de indignação, ao ouvir o que ele pensava sobre nossa gente e nosso nobre país. Segundo ele, nós éramos “amantes de artes e armas”, “o flagelo da França” e metidos a sermos os “árbitros da Europa”. O rei acreditava que nós, em nossa sede de virtude, piedade, honra e verdade, acabávamos nos comportando de maneira orgulhosa e que tratávamos o resto do mundo com desprezo.

Porém, como eu não estava em condição de me sentir ofendido, principalmente depois das aventuras que havia enfrentado recentemente, mantive minha compostura. Depois, meditando de maneira muito madura sobre o que o rei havia falado, comecei a duvidar se realmente sentia-me ofendido ou não. Afinal, após me acostumar a esse povo, a suas maneiras e ideias, depois de observar todos os objetos

de magnitude proporcional sobre os quais lancei meus olhos, o horror que havia me causado em razão de seu tamanho e aspecto, agora aquelas coisas não me afetavam mais. Aliás, a bem da verdade, se eu tivesse passado um período igual na companhia de senhores e senhoras inglesas, os quais, em suas roupas mais elegantes, agissem de maneira arrogante, gabola, tola e entediante, eu imagino que acabaria fortemente tentado a rir tanto deles quanto o rei e a nobreza daquele reino riram de mim. De fato, também não pude deixar de sorrir de minha situação quando a rainha me colocou sobre a palma da sua mão e posicionou-se em frente a um espelho. Naquele momento, nossas duas figuras, lado a lado, mostravam o quão ridícula era qualquer comparação. Por isso, realmente comecei a me imaginar bem menor do que eu realmente era.

Porém, todo esse sentimento de inferioridade que tomava conta de mim em relação às pessoas daquele reino não se aplicava a um indivíduo em particular: o anão da rainha. Ninguém me irritou mais do que ele, o qual, apesar de ser a menor pessoa que existia naquele país antes de minha chegada (pois não tinha sequer dez metros de altura), foi tomado pelo desdém e me tratava da maneira mais insolente possível. Tudo porque eu era menor do que ele. Por isso, o anão sempre me olhava com desprezo e rivalidade quando passava por mim

na antecâmara da rainha ou enquanto eu estava em pé em alguma mesa conversando com os senhores ou damas da corte. Ele raramente dizia alguma coisa boa sobre a minha pequenez. Eu me vingava desse comportamento chamando-o de irmão e desafiando-o a lutar, entre outras provocações. Um dia, durante o jantar, o mal-intencionado parecia muito irritado com algo que eu dissera a ele, então se projetou por detrás do encosto da cadeira de Sua Majestade, enquanto eu ainda estava sentado, me pegou pela cintura e me jogou dentro de uma grande tigela de prata cheia de creme. Em seguida, fugiu o mais rápido que pôde. Caí de cabeça naquela tigela e, se não fosse um bom nadador, poderia ter morrido, pois Glumdalclitch, naquele instante, estava do outro lado da sala. A rainha ficou tão surpresa que não teve forças para me ajudar. Foi minha pequena assistente quem correu em meu socorro. Engoli um litro de creme. Ela me levou para o quarto e me colocou na cama, onde me recompus. Nada de mais grave aconteceu comigo, apenas perdi minhas roupas, que acabaram totalmente imprestáveis. O anão foi duramente chicoteado e, como castigo, forçado a beber toda a tigela de creme na qual havia me jogado. Ele nunca mais conquistou sua posição na corte. Acabou oferecido pela rainha a uma dama da alta sociedade, de modo que não o vi mais,

para minha grande satisfação. Assim, terminaram minhas dificuldades com aquele ouriço de maldades e ressentimento.

Antes disso, eu havia sido vítima de um truque escandaloso do anão, que fez a rainha rir, embora ao mesmo tempo ela tenha ficado muito irritada. Chegou inclusive a pensar em dispensá-lo imediatamente. Isso só não ocorreu porque fui muito generoso e intercedi pelo malvado. O fato se deu da seguinte maneira: a rainha pegou um osso em seu prato e, depois de comer o tutano, o colocou novamente no prato; o anão, observando essa oportunidade, enquanto Glumdalclitch não estava por perto, subiu no banquinho no qual ela ficava, me pegou e me enfiou dentro do osso vazio, onde, de maneira completamente ridícula, acabei preso por um tempo. Acredito que demorou quase um minuto para que alguém percebesse o que acontecera comigo, pois, como tive muita vergonha, não gritei. Minhas pernas não ficaram escaldadas, apenas minhas meias e calças acabaram estragadas. O anão, a meu pedido, teve como castigo apenas uma chicotada.

A rainha frequentemente chamava minha atenção por conta do meu medo. Ela costumava me perguntar se as pessoas do meu país eram tão covardes quanto eu. Certa ocasião, no verão, quando aquele reino estava repleto de moscas, esses insetos odiosos, cada uma do tamanho de uma

cotovia de Dunstable, raramente me davam descanso. Eu sofria muito enquanto jantava. Era um zumbido contínuo em meus ouvidos. Às vezes desciam sobre meus alimentos e deixavam sobre eles seus excrementos repugnantes, os quais, para mim, eram muito visíveis. Já os nativos daquele país não eram capazes de ter uma visão tão aguda quanto a minha. Assim, não notavam o quão nojento eram os excrementos daqueles insetos. Eu, por minha vez, era capaz de facilmente observar em detalhes aquela matéria viscosa, que, segundo nossos naturalistas, permite que essas criaturas andem no teto de cabeça para baixo. Eu fazia muito barulho para me defender desses seres detestáveis e ficava muito nervoso quando se aproximavam. O anão costumava pegar um punhado desses insetos em suas mãos, como fazem as crianças entre nós, para deixá-los sair subitamente debaixo do meu nariz, com o objetivo de me assustar e deixar a rainha irritada comigo. Minha solução era cortá-los em pedaços com minha espada, enquanto voavam no ar. Muitos admiravam essa minha destreza.

Lembro-me, certa manhã, quando Glumdalclitch me pôs em uma caixa e colocou a mesma em uma janela, como costumava fazer, para que tomasse um ar (eu não aceitava que a caixa fosse pendurada em um prego na janela, como se faz com gaiolas na Inglaterra), eu, dentro de minha cai-

xa, me sentei à mesa para comer um pedaço de bolo como café da manhã. Surgiram então mais de vinte vespas, todas atraídas pelo cheiro do doce. Elas entraram voando na caixa, zumbindo mais alto do que muitas gaitas escocesas. Pegaram meu bolo e o levaram embora aos poucos. Enquanto esses insetos assustadores voavam sobre minha cabeça, me confundindo com seu barulho e me deixando aterrorizado com a possibilidade de ser ferroadado, tive a coragem de me levantar, sacar minha espada e atacá-los. Matei quatro, mas o resto escapou. Então fechei a caixa. Aqueles insetos eram do tamanho de perdizes. Dos que caíram mortos eu retirei os ferrões. Cuidadosamente guardei todos eles, pois pretendia mostrá-los, com algumas outras curiosidades, quando retornasse à Europa, o que realmente fiz. Depois, quando voltei para a Inglaterra, entreguei três deles ao Gresham College e guardei o quarto para mim, como recordação.

## CAPÍTULO 4

*Descrição do país. Uma proposta para corrigir os mapas. O palácio do rei e alguns outros detalhes da capital daquela nação. As maneiras de viajar do autor. Uma descrição do principal templo daquele reino.*

**P**retendo agora dar ao leitor uma breve descrição daquele país e das localidades que visitei, principalmente os três mil quilômetros em torno de Lorbrulgrud, a metrópole e capital daquela nação. A rainha, a quem eu sempre acompanhei, nunca foi além disso. Ela ficava esperando o retorno do rei quando ele decidia visitar as fronteiras de seu reino. Toda a extensão dos domínios reais eram de aproximadamente dez mil quilômetros de comprimento e pouco mais de cinco mil quilômetros de largura: de onde não posso deixar de concluir que nossos geógrafos, na Europa, estão indubitavelmente equivocados, supondo que não há nada além do mar entre o Japão e a Califórnia. Sempre foi minha opinião de que deve haver um equilíbrio de extensão de terra para contrabalancear a Grande Tartária.



Portanto, eles deveriam corrigir seus mapas e gráficos, pois se faz necessário juntar esse vasto terreno à parte noroeste da América. Eu, de minha parte, estarei pronto para ajudá-los.

O reino é uma península, delimitada ao nordeste por uma cordilheira de 48 quilômetros de altura, completamente intransitável em razão de seus cumes vulcânicos: nem os mais instruídos sabem que tipo de seres habitam além dessas montanhas ou mesmo se esse território é habitado. Nos outros três lados, a fronteira do reino é o oceano. Não existe um porto e as partes das costas em que os rios desembocam são repletas de rochas pontiagudas. O mar é geralmente tão agitado que não há como se aventurar com o menor dos seus barcos. Assim, esse povo vive totalmente isolado e não faz qualquer tipo de comércio com o resto do mundo. Os grandes rios daquele país estão cheios de boas embarcações e abundam com excelentes peixes. Eles raramente se aventuram no mar, principalmente porque os peixes do mar são do mesmo tamanho que os da Europa e, conseqüentemente, não valem a pena serem pescados. Como a natureza local é toda proporcional ao tamanho gigantesco dos moradores, é manifesto que a produção de vegetais e animais de tamanho extraordinário me parece totalmente confinada ao seu continente. Porém, prefiro deixar essas questões para o debate e definição dos filósofos. É bom lembrar que, de vez em quando, eles caçam

baleias que encalham na praia. Vi uma delas em um prato à mesa do rei. Era, ao mesmo tempo, considerada uma iguaria e uma raridade, mas percebi que o rei não gostava daquele tipo de comida. Acho que a grandeza do animal o enojava, embora eu já tenha visto baleias maiores na Groenlândia.

O país possui cerca de cinquenta vilas, perto de cem cidades muradas e um grande número de aldeias, ou seja, há muita gente por lá. Para satisfazer meu curioso leitor, pode ser suficiente descrever Lorbrulgrud. A capital está dividida pelo rio que corta a cidade em duas partes iguais. São mais de oitenta mil casas e cerca de seiscentos mil habitantes. Tem três *glomglungs* de comprimento (que percorrem cerca de 86 quilômetros) e dois e meio de largura. Enquanto eu media o mapa real feito por ordem do rei — que foi colocado no chão para que eu pudesse vê-lo —, caminhei sobre ele e medi o diâmetro e a circunferência da cidade utilizando meus pés descalços.

O palácio do rei, por sua vez, não é um edifício regular. Na verdade, é formado por um conjunto de edifícios, com cerca de onze quilômetros de extensão: as salas principais têm geralmente pouco mais que setenta metros altura, são amplas e longas em proporção. Uma carruagem foi autorizada a servir Glumdalclitch e a mim. Nela, saíamos para visitar a cidade ou ir às lojas. Eu, que sempre gostei da rua,

era levado na mão pela garota, assim tinha uma visão mais conveniente das casas e das pessoas enquanto passeávamos. Nossa carruagem tinha mais ou menos as mesmas proporções de Westminster Hall, apenas não era tão alta quanto o famoso prédio londrino. Um dia, a governanta ordenou que o cocheiro parasse em várias lojas, onde os mendigos, observando a oportunidade, se amontoavam nas laterais da carruagem. Aquele foi o espetáculo mais horrível que um europeu já presenciou. Havia uma mulher com um câncer no peito, o qual estava inchado e tinha um tamanho monstruoso, cheio de buracos, em dois ou três dos quais eu poderia facilmente rastejar. Havia um sujeito com um cisto no pescoço, maior que cinco sacos de lã; e outra, com duas pernas de madeira, cada uma com cerca de seis metros de altura. Mas a visão mais odiosa de todas foram os piolhos rastejando em suas roupas. Pude ver claramente os membros desses insetos a olho nu, muito mais nítido do que ver um piolho europeu em um microscópio. A visão daqueles seres odiosos, que se enraizavam na pele dos mendigos feito porcos, me deixou curioso o suficiente para dissecar um deles, caso eu tivesse instrumentos adequados, infelizmente deixados no navio. De qualquer maneira, aquela visão foi tão terrível, que me revirou o estômago.

Além da grande caixa em que eu costumava ser carregado, a rainha ordenou que uma menor fosse feita para mim. Tinha cerca de quatro metros quadrados e três de altura. Deveria ser utilizada em minhas viagens, pois a outra era grande demais para o colo de Glumdalclitch. A nova versão foi feita pelo mesmo artista, sob a minha orientação. Esse armário de viagem era um quadrado exato, com uma janela no meio de três dos quatro lados da caixa. Todas as janelas eram protegidas por treliças de arame do lado de fora, para evitar acidentes em longas jornadas. No quarto lado, sem janela, dois grampos fortes foram fixados, com os quais a pessoa que me carregava podia prender a caixa quando eu pedia para andar a cavalo. A pessoa podia afivelar um cinto de couro e prender a caixa à cintura. Essa, aliás, era a função de algum servo fiel e confiável. Na ausência de Glumdalclitch, eu utilizava esse expediente. Saí muitas vezes nessa caixa para acompanhar o rei e a rainha em seus passeios, ou quando eu estava disposto a ver os jardins, ou quando decidia visitar uma grande dama ou algum ministro. Com o passar do tempo, passei a ser conhecido e estimado pelos maiores oficiais do reino. Suponho que isso se dava mais em razão de eu ser um protegido do rei do que por qualquer mérito próprio. Nas viagens, muita vez, eu solicitava que um criado a cavalo afivelasse minha caixa e a colocasse sobre uma almo-

fada diante dele. Assim eu tinha uma perspectiva completa do país em três lados, das minhas três janelas. Nessa caixa menor eu tinha uma cama dobrável e uma rede pendurada no teto, duas cadeiras e uma mesa, cuidadosamente presas ao chão, para evitar que fossem jogadas ou destruídas pela agitação do cavalo. Embora os movimentos dentro da caixa fossem, de quando em vez, muito violentos, eu não me incomodava, pois estava acostumado aos trancos em razão das viagens marítimas.

Quando eu decidia visitar uma cidade, sempre fazia uso do meu quarto portátil, o qual Glumdalclitch pousava sobre seu colo quando passeávamos em uma liteira aberta, à moda do país, que era carregada por quatro homens uniformizados. As pessoas que até então apenas haviam ouvido sobre mim ficavam muito curiosas e se aglomeravam ao redor da liteira. Quando isso acontecia, minha assistente pedia para os homens pararem e me pegava em suas mãos para que eu pudesse ser visto mais convenientemente.

Eu queria muito conhecer o templo principal e subir até o alto de sua torre, considerada a maior daquele reino. Consequentemente, um dia minha ajudante me levou até lá, mas devo confessar que retornei desapontado. Descobri que a altura da tal torre não superava os novecentos metros, calculando desde o chão até o ponto mais alto do pináculo.

Isso, levando em consideração a diferença entre o tamanho dessas pessoas e nós na Europa, não é grande motivo de admiração. A torre não é sequer proporcionalmente igual (se bem me lembro) ao campanário de Salisbury. Mas, para não prejudicar uma nação, à qual sou muito grato, permito-me dizer que a famosa torre, se não impressionava pela altura, era fascinante em sua beleza arquitetônica: tinha paredes de aproximadamente trinta metros de espessura, toda construída em pedra talhada e adornada por todos os lados com estátuas de deuses e imperadores esculpidas em mármore e de tamanho absurdo. Tive a oportunidade de medir um dedo mindinho que caíra de uma dessas estátuas: ele tinha cerca de um metro e oitenta de comprimento. Glumdalclitch, por sua vez, embrulhou-o em seu lenço e o levou para casa no bolso, para guardar entre outras bugigangas das quais a menina gostava muito, como costumam ser as crianças de sua idade.

Já a cozinha do rei é um edifício nobre, abobadado no topo e com cerca de cento e oitenta metros de altura. O grande forno media exatamente os mesmos dez passos que se dá na cúpula da catedral de St. Paul, em Londres. Sei disso porque eu mesmo medi a cúpula da catedral após meu retorno. Porém, o que mais chamava atenção na cozinha eram as panelas e chaleiras prodigiosas, as engrenagens gigantescas dos espetos girando a carne e muitos outros detalhes. Sei que

é algo difícil de acreditar, mas vi tudo isso com meus próprios olhos. Penso inclusive que se esse tratado fosse traduzido para a língua de Brobdingnag (que é o nome que abrange todo esse reino), o rei e seu povo talvez encontrassem motivos para reclamar, pois poderiam afirmar que eu os representei de maneira falsa e diminuta.

O rei raramente mantém acima de seiscentos cavalos em seus estábulos: eles geralmente têm entre quinze e vinte metros de altura. Quando ele sai para cavalgar oficialmente pelo reino, é acompanhado por uma guarda militar de quinhentos cavalos, a qual eu julgava ser a visão mais esplêndida que jamais poderia ser vista. Porém, quando vi parte de seu exército em formação, percebi o quão enganado eu estava. Sobre tal exército eu certamente encontrarei outra ocasião para falar.

## CAPÍTULO 5

*Inúmeras aventuras do autor. A execução de um criminoso. O autor demonstra suas habilidades de navegador e marinheiro.*

**E**u poderia ter vivido feliz naquele país, não fosse minha pequenez me expor continuamente a vários incidentes ridículos e problemáticos. Me atrevo a contar alguns deles. Glumdalclitch sempre me colocava na caixa menor para os passeios nos jardins. Às vezes, ela me pegava em suas mãos ou então me colocava para andar. Lembro-me especialmente de um dia, antes de o anão ser expulso do reino pela rainha, quando ele nos perseguiu pelos jardins. Eu e minha ajudante nos escondemos atrás de algumas macieiras anãs (que, na verdade, era uma espécie de brincadeira que eu fazia com a altura dele e das árvores). Então, o ladino malicioso, observando sua oportunidade, enquanto eu me escondia sob uma das macieiras, sacudiu-a com toda força sobre a minha cabeça. O resultado foi uma chuva de maçãs, cada uma do tamanho de um barril de carvalho. Uma dessas frutas enormes atingiu minhas costas e me jogou de



cara no chão. Essa foi a única fruta que me atingiu e o anão acabou, por meu desejo, perdoado, pois eu também havia provocado meu algoz.

Em outra ocasião, Glumdalclitch me deixou em um terreno plano e caminhou em direção à governanta. Enquanto isso, de repente, começou uma chuva violenta de granizo. Acabei atingido e atirado novamente contra o chão. Caído, tomei mais inúmeras pedradas de granizo por todo o corpo. Era como se fosse atingido com toda força por bolas de tênis. Depois de muito apanhar, engatinhei até me abrigar, deitado de bruços sob a proteção de um pé de tomilho-limão. Fiquei tão machucado que levei dias até sair da cama. Curiosamente, a natureza, naquele país, seguia a mesma proporção gigantesca em todas as coisas. Assim, uma pedra de granizo é quase mil e oitocentas vezes maior que uma na Europa, apesar de não ter tido a oportunidade de pesá-las ou medi-las.

Outro acidente, esse bem mais perigoso, aconteceu comigo quando, nesse mesmo jardim, minha ajudante, atendendo aos meus pedidos, me deixou sozinho deitado na grama e foi conversar com a governanta e as meninas da corte. Em sua ausência, surgiu um pequeno cocker spaniel caramelo, que pertencia a um dos jardineiros. O cachorrinho entrou acidentalmente no jardim e, seguindo seu olfato, veio diretamente na minha direção. Me pegou na boca, correu na direção

do seu mestre abanando o rabo e me colocou gentilmente no chão. Por sorte, o bichinho tinha sido tão bem ensinado que me carregou sem me machucar. Sequer minhas roupas foram rasgadas. O pobre jardineiro, que me conhecia bem, tomou um susto enorme quando me viu. Ele gentilmente me pegou nas mãos e me perguntou se estava tudo bem. Eu fiquei tão surpreso e sem fôlego que não conseguia falar uma palavra. Em alguns minutos me recompus e ele me levou em segurança para minha pequena ajudante, que, a essa altura, havia retornado ao local onde me deixara e me procurava e chamava, em pânico. Ela repreendeu o jardineiro severamente para que não mais trouxesse seu cachorro para o jardim. A coisa toda foi abafada, pois nenhum de nós queria que a corte tivesse conhecimento do fato, principalmente porque a menina temia a reação da rainha. Quanto a mim, talvez não fosse muito bom para a minha reputação que essa história se espalhasse.

Depois desse acidente, Glumdalclitch nunca mais me deixou ficar fora do seu campo de visão quando saíamos para passear. A menina tinha uma certa razão, pois alguns daqueles eventos infelizes aconteceram exatamente nos momentos em que eu estava sozinho. Certo dia, em uma das poucas vezes que me deixou sozinho, um gavião, que pairava sobre o jardim, quase me pegou. Se eu não tivesse me escondido,

ele certamente teria me levado em suas garras. Outra vez, quando caminhava pelo jardim, caí acidentalmente em uma toca de toupeira. Quando consegui sair daquele amontoado de terra e retornei para o castelo, inventei alguma mentira, que não vale a pena lembrar agora, para me desculpar por ter sujado minhas roupas. Em outra ocasião, dei uma canelada contra a concha de um caracol enquanto caminhava e pensava na pobre Inglaterra.

Não sei dizer se ficava satisfeito ou envergonhado por observar, durante as minhas caminhadas solitárias, que os pássaros menores não pareciam ter nenhum medo de mim. Alguns pulavam a uma distância de um metro, procurando vermes e outros alimentos, indiferentes e seguros como se nenhuma criatura estivesse por perto. Lembro que um sapinho teve a coragem de arrancar da minha mão, com sua língua, um bolo que Glumdalclitch acabara de me dar no café da manhã. Quando eu tentava pegar qualquer um daqueles pássaros, eles se voltavam corajosamente contra mim e tentavam bicar meus dedos. Depois, retomavam seus afazeres de pássaros, completamente despreocupados. Voltavam a caçar minhocas ou caracóis como se nada tivesse acontecido. Certo dia, peguei um graveto grosso o suficiente e o arremessei com toda a minha força em um pintarroxo. O pedaço de madeira se projetou com tanta força que derrubei

o pássaro. Agarrei então o bichinho pelo pescoço com as duas mãos e corri com ele em triunfo, queria mostrá-lo para minha ajudante. Quando o passarinho, que estava apenas atordoado, se recuperou da paulada, começou a bater suas asas. Tomei tantos golpes em ambos os lados da minha cabeça e do corpo que, embora eu o segurasse embaixo do braço e estivesse fora do alcance de suas garras, juro que pensei seriamente em deixá-lo ir. Porém, fui salvo por um de nossos servos, que rapidamente destroncou o pássaro, o qual me foi servido no dia seguinte na janta, sob o comando da rainha. Esse pintarroxo, se me lembro corretamente, era um pouco maior que um cisne inglês.

As damas da corte costumavam convidar Glumdalclitch para seus aposentos, pois desejavam que ela me levasse junto, com o propósito de terem o prazer de me ver e me tocar. Frequentemente, elas me despiam da cabeça aos pés e me deitavam em seus peitos. Para ser sincero, aquela experiência me deixava enojado porque elas tinham todas um cheiro altamente desagradável. Porém, jamais mencionei isso para aquelas excelentes damas, pelas quais tinha e tenho todo o respeito. Acredito apenas que meu olfato era mais aguçado em razão da minha pequenez. É certo que os amantes daquelas ilustres senhoras não sentiam o mesmo odor desagradável que eu sentia quando se aproximavam delas. Além disso, achava

aquele cheiro natural bem mais suportável do que quando usavam perfumes, os quais me faziam desmaiar de tão fortes. Por exemplo, certo dia um amigo meu, em Lilliput, quando me exercitei bastante em uma tarde quente, tomou a liberdade de reclamar do cheiro forte que eu exalava. Suponho, portanto, que a capacidade olfativa dele fosse tão potente frente à minha quanto a minha era em relação ao povo de Brobdingnag. Sobre esse ponto, não posso deixar de fazer justiça à rainha e à jovem Glumdalclitch, minha ajudante, pessoas tão doces, meigas e cheirosas quanto qualquer dama da Inglaterra.

Outra coisa que me causava muito desconforto entre essas damas (quando minha ajudante me levava para visitá-las) era o fato de que me manuseavam e me olhavam sem qualquer tipo de cerimônia, como se eu fosse uma criatura completamente inofensiva. Elas se despiam diante de mim sem nenhuma inibição. Ficavam completamente nuas e vestiam suas camisolas na minha presença. Muita vez, eu era levado até o banheiro e posto diretamente diante de seus corpos nus. Toda aquela cena estava muito longe de ser uma visão tentadora ou de me dar outras emoções além de horror e nojo. As peles daquelas mulheres me pareciam grosseiras e desiguais, com cores variadas como as de uma ratazana. Seus cabelos, por sua vez, eram tão grossos quanto

barbantes. Descrevo isso para dar uma ideia de como essas mulheres me pareciam. Elas sequer tinham vergonha, enquanto eu estava lá, de descarregar tudo o que haviam bebido em um penico enorme capaz de conter a mesma quantidade de líquido que um grande barril. Isso era feito sem nenhum pudor na minha frente. A mais bela entre essas damas, uma garota agradável e divertida, de dezesseis anos, às vezes me colocava em uma das auréolas de seus seios e... bem... nesse ponto, prefiro poupar o leitor dos detalhes. Tais visitas aos aposentos dessas senhoras, principalmente dessa garota, me deixavam tão descontente que eu implorava a Glumdalclitch que inventasse alguma desculpa para não precisar ver mais aquelas meninas.

Certo dia, um jovem cavalheiro, sobrinho da governanta que dava aulas à minha ajudante, insistiu para que assistíssemos a uma execução juntos. O condenado era um homem que havia assassinado um conhecido íntimo daquele cavalheiro. Glumdalclitch, menina de coração terno, foi contra sua vontade. Eu, por minha vez, embora detestasse esse tipo de espetáculo, tinha enorme curiosidade em presenciar a condenação ser levada a cabo. Eu acreditava que isso poderia ser uma experiência única. O condenado estava preso em uma cadeira posta sobre uma espécie de palco erguido para esse fim. Sua cabeça foi decepada num único golpe. A

espada tinha cerca de dez metros de comprimento. As veias e artérias jorraram alto no ar uma quantidade de sangue tão prodigiosa que superaria facilmente o grande *jet d'eau* de Versalhes. Já a cabeça, quando caiu no cadafalso, rebateu de forma estrondosa, o que me deixou horrorizado.

A rainha, que costumava ouvir as histórias de minhas viagens marítimas e fazia o possível para me alegrar quando eu estava melancólico, me perguntou, certo dia, se eu realmente sabia como lidar com uma vela e um barco. Questionou também sobre o que eu achava de remar. Segundo ela, um pouco de remo poderia ser algo conveniente para minha saúde. Respondi que entendia muito bem daquilo tudo, pois, embora geralmente meu emprego fosse de cirurgião ou médico naval, ainda assim, com frequência, era obrigado a trabalhar como marinheiro comum. Porém, disse também que eu não conseguia imaginar como aquilo poderia ser feito em seu país, pois não haveria um barco que eu pudesse comandar capaz de enfrentar a força de qualquer um dos rios daquele país. Ela me prometeu então que se eu desenhasse um barco nas minhas proporções, seu marceneiro certamente tornaria esse projeto uma realidade. Disse também que encontraria um lugar para que eu navegasse. O tal marceneiro era um sujeito engenhoso e, com minhas instruções, em dez dias, terminou um belíssimo barco, equipado e capaz

de acomodar convenientemente oito europeus. Quando o trabalho terminou, a rainha ficou tão encantada que correu com o barco nos braços e foi mostrá-lo ao rei, que ordenou que o mesmo fosse colocado em uma cisterna cheia comigo no comando da nova embarcação. A rainha, no entanto, já havia planejado outra coisa. Ela ordenou que o marceneiro fizesse um tanque de madeira de aproximadamente noventa metros de comprimento, quinze de largura e cerca de três metros de profundidade. Feito o tanque, o mesmo foi, em meia hora, preenchido com água e colocado no chão, ao longo da parede, em uma sala externa do palácio. Um ladrão próximo ao fundo deixava sair a água excedente. Nesse tanque eu costumava remar para divertir a mim, a rainha e suas damas, que ficavam muito entretidas com minhas habilidades e agilidade. Às vezes eu levantava a vela, para apenas navegar o barco, enquanto as mulheres produziam um vendaval com seus leques. Quando se cansavam, algumas sopravam minha vela e conseqüentemente meu barco adiante. Eu, de minha parte, mostrava meus talentos e alternava entre estibordo ou bombordo. Quando terminava, Glumdalclitch puxava o barco na sua direção, me retirava dele e pendurava a embarcação em um gancho para secar.

Sofri um acidente em um desses exercícios de navegação que quase me custou a vida: uma moça desavisada lia



um livro e, ao virar uma das páginas, produziu uma rajada de vento que jogou meu barco contra a parede do tanque. A governanta percebeu tudo e me resgatou cuidadosamente, depois colocou meu barco para secar.

Outra vez, um dos criados, cujo trabalho era encher meu tanque a cada três dias com água fresca, foi descuidado e deixou um sapo enorme escorregar de seu balde. O sapo ficou escondido no tanque. Quando fui posto em meu barco, o sapo, vendo na embarcação um local de descanso, pulou para o convés, sobre a minha cabeça. O movimento do anfíbio deixou meu rosto e minhas roupas encharcadas com sua gosma odiosa. Aos meus olhos, aquele sapo enorme pareceu o ser mais deformado jamais concebido. No entanto, pedi que Glumdalclitch me deixasse lidar com a situação sozinho. Peguei então meu remo e o forcei a pular para fora do barco.

O maior perigo que enfrentei naquele reino, no entanto, foi um macaco que pertencia a um dos funcionários da cozinha. Glumdalclitch costumava me trancar no armário quando saía para resolver alguma coisa. Em uma dessas ocasiões, o tempo estava muito quente e a janela do closet ficou aberta, assim como as janelas e a porta de minha caixa maior, na qual eu geralmente morava em razão de sua amplitude e conveniência. Eu meditava em silêncio na minha mesa quando ouvi algo bater na janela do armário e pular

de um lado para o outro. Meu susto foi enorme. Olhei para fora, sem me mexer da cadeira onde estava sentado, e vi aquele animal pulando para cima e para baixo, vindo em minha direção até finalmente chegar à minha caixa. O bicho estava tomado por grande prazer e curiosidade, espiando pela porta e por todas as janelas. Recuei para o canto mais distante do meu quarto — ou caixa —, mas o macaco seguia olhando por todos os lados. Aquilo me assustou tanto que pensei seriamente em me esconder debaixo da cama, como eu poderia facilmente ter feito. Depois de algum tempo espiando, ele finalmente me viu. Ficou alucinado. Com uma de suas mãos na porta, como um gato faz quando brinca com um rato, ele tentava me pegar. Mudei de lugar para evitá-lo, mas ele agarrou meu casaco — que era feito da seda daquele país e, portanto, muito grosso e forte — e me arrastou para fora. Ele me ergueu pelo pé direito como se eu fosse um boneco. Em seguida, me segurou no colo como uma mãe segura seu bebê antes de amamentar. Me debati tentando sair daquela situação, mas ele me apertou com tanta força que achei prudente me submeter. Tenho boas razões para acreditar que ele me tomou como um filhote de sua própria espécie, pois acariciava meu rosto com muita delicadeza. Esse carinho foi interrompido por um barulho na porta do armário, como se alguém a abrisse. De repente, assustado,

ele saltou pela janela por onde havia entrado, e dali para as calhas e os telhados, sempre sobre três patas e me segurando com a quarta. Quando chegamos a um telhado próximo, ouvi Glumdalclitch berrar ao perceber que aquele animal havia me carregado. A pobre menina se desesperou e causou enorme alvoroço em todo o palácio. Os criados corriam pelas escadas enquanto eu e o macaco, que decidi se sentar no alto de um edifício, éramos vistos por centenas de pessoas da corte. Ele seguia me segurando como a um bebê e me alimentava com a outra mão, enfiando na minha boca alimentos que tirava de sua bolsa a tiracolo. Também me dava tapinhas quando eu não comia. A multidão abaixo de nós gargalhava da cena. Não os culpo, pois, sem dúvida, a visão era ridícula o suficiente para todos, menos para mim, obviamente. Algumas pessoas jogaram pedras, na esperança de derrubar o macaco; mas isso foi rapidamente proibido, pois uma pedrada daquelas poderia facilmente me ferir ou me matar.

Escadas de madeira foram trazidas e vários homens subiram até onde estávamos. O macaco seguia observando toda a movimentação até concluir que seria cercado e não poderia fugir usando apenas um braço e duas pernas: ele teria que utilizar um dos membros para me segurar. Então me deixou cair e escapou. Fiquei ali sentado por algum tempo, a cerca de trezentos metros do chão. Temi ser soprado pelo

vento ou simplesmente despencar dali em razão da própria tontura que sentia. Em meus pensamentos, vi meu corpo explodir nos beirais e telhados. Nesse momento, um rapaz honesto, um dos serviçais que auxiliava Glumdalclitch, me alcançou, me colocou no bolso de sua calça e desceu comigo em segurança.

Eu quase sufoquei com as coisas imundas que o macaco enfiara em minha garganta. Ao perceber meu estado, minha querida ajudante desentupiu minha boca utilizando uma pequena agulha. Em seguida, vomitei com grande alívio. No entanto, eu estava tão fraco e machucado pelos apertos do odioso animal que fiquei de cama por cerca de quinze dias. O rei, a rainha, e toda a corte recebiam relatórios diários para saber de minha saúde. A própria rainha me visitou várias vezes durante minha recuperação. O macaco foi morto e um edito dizia que nenhum animal desse tipo poderia mais ser mantido dentro ou nas redondezas do palácio.

Após minha recuperação, pedi uma audiência com o rei para agradecer a ele pelos favores. Ele ficou muito satisfeito ao me ver e perguntou o que passou pela minha cabeça enquanto estive nas mãos do macaco. O rei também quis saber se eu havia gostado das “comidas” que aquele maldito símio havia me dado e se gostei do ar fresco no telhado. Por último o rei me perguntou o que teria sido feito se algo semelhante

ocorresse em meu próprio país. Eu disse à Sua Majestade que na Europa não há macacos, exceto aqueles trazidos por curiosidade de outros lugares. Disse também que os animais dessa espécie que existiam na Europa eram tão pequenos que eu poderia enfrentar uma dúzia deles juntos, caso decidissem me atacar. E quanto àquele animal monstruoso com o qual me envolvi — proporcionalmente, ele era tão grande quanto um elefante —, afirmei que o medo me impediu de usar a espada. Disse isso com um olhar feroz e a mão no pomo da arma. Concluí sustentando a hipótese de que deveria ter ferido a mão do macaco quando ele a meteu em minha caixa. Meu tom foi firme, para evitar que minha coragem fosse questionada. No entanto, meu discurso produziu uma sonora e geral gargalhada. Apesar de todo o respeito que as pessoas ali tinham em relação ao rei, ninguém conseguiu conter o riso. Isso me fez refletir sobre o quão inútil é a tentativa de um homem em ser considerado honrado por aqueles que estão fora de qualquer grau de igualdade ou comparação com ele. Tais reflexões chegaram inclusive a alterar minha percepção a algo que notei ser muito frequente na Inglaterra após meu retorno. Em terras inglesas, um pequeno e desprezível criado, sem qualquer título de nascimento, mesmo sendo uma pessoa inteligente e de bom senso, jamais deveria supor que poderia ser visto como alguém importante ou capaz de se

colocar em pé de igualdade com as pessoas importantes do governo e da nobreza inglesa.

Todos os dias eu fornecia à corte uma história ridícula. Já Glumdalclitch, embora me amasse em excesso, não conseguia se conter e corria para informar a rainha sobre todo o tipo de insensatez cometida por mim. Contava tudo o que ela julgasse capaz de divertir Sua Majestade. Em uma dessas ocasiões, eu, a menina e a governanta fomos passear em um local a cerca de cinquenta quilômetros da cidade, mais ou menos uma hora de viagem. Descemos da carruagem perto de uma pequena trilha em um campo. Glumdalclitch colocou minha caixa no chão e saí dela para caminhar. No caminho, havia um monte de estrume de vaca. Eu, em busca de um bom exercício, decidi pular sobre aquele excremento. Corri, mas infelizmente não pulei alto o suficiente. Acabei atolado até os joelhos. Fiquei preso ali até um dos serviçais me puxar com o auxílio de um lenço. Eu, obviamente, estava imundo. Minha ajudante, por sua vez, me confinou na caixa até voltarmos para casa. Ao chegarmos ao castelo, ela correu para informar a rainha sobre o que havia acontecido. Os serviçais ajudaram a espalhar aquela história ridícula pela corte, de modo que toda a alegria do local, por alguns dias, foi às minhas custas.

## CAPÍTULO 6

*Vários artifícios do autor para agradar ao rei e à rainha. Ele mostra sua habilidade na música. O rei questiona o autor sobre o Estado inglês. As observações do rei sobre o que ouve a respeito da Inglaterra.*

**E**u tinha o hábito de assistir ao rei atender ou debater com seus ministros, seus nobres ou seus súditos, pelo menos uma ou duas vezes por semana. Também o acompanhei algumas vezes no barbeiro, o que, inicialmente, era algo muito difícil de ver, pois a navalha tinha quase o dobro do tamanho de uma foice comum. Sua Majestade, de acordo com o costume do país, fazia a barba apenas duas vezes por semana. Certa vez, convenci o barbeiro a me dar um pouco de espuma e restos de barba. Escolhi então quarenta ou cinquenta dos pelos mais fortes, peguei um pedaço de madeira fina e o cortei como o cabo de um pente. Fiz vários furos nele a distâncias iguais com uma agulha tão pequena quanto Glumdalclitch foi capaz de conseguir. Fixei os pelos da barba do rei nos furos, desbastei e afinei as pontas de cada

um deles. Com isso consegui fazer um pente bem razoável. Eu o utilizava, pois o pente que eu possuía estava desdentado e era praticamente inútil. Eu também não conhecia nenhum artesão naquele país que fosse capaz de fazer um pente que mer servisse.

Esse tipo de trabalho me divertia. Passei muitas das minhas horas de lazer nesses afazeres. Pedi à aia que cuidava da rainha que guardasse para mim os cabelos que caíam da cabeça de Sua Majestade quando ela a penteava. Com o tempo consegui uma boa quantidade. Depois, fui tratar com meu amigo, o marceneiro, que havia recebido ordens gerais para fazer pequenos trabalhos para mim. Eu o instruí a fazer duas estruturas de cadeira, não maiores que as que eu tinha em minha caixa, e a fazer pequenos furos em redor da estrutura que projetei para as costas e os assentos. Passei os cabelos mais fortes através desses buracos e assim construí uma cadeira à moda inglesa. Quando terminei o trabalho, apresentei o resultado à rainha, a qual decidiu mantê-las em seu gabinete. Soube depois que ela costumava apresentá-las aos que a visitavam. A cadeira maravilhava todos os que a viam. Certa vez, a rainha mandou que eu me sentasse em uma dessas cadeiras, mas me recusei absolutamente a obedecê-la, protestando que preferia morrer a colocar uma parte desonrosa do meu corpo naqueles cabelos preciosos,



os quais tinham, em algum momento, adornado a cabeça de Sua Majestade. Ainda com parte desses cabelos reais que me foram fornecidos, fiz uma bolsinha, com cerca de um metro e meio de comprimento. Ela tinha o nome de Sua Majestade bordado em letras douradas. Dei a bolsa para Glumdalclitch, com o consentimento da rainha. Para dizer a verdade, a bolsa era mais para mostrar do que para usar, pois não tinha força suficiente para suportar o peso das grandes moedas daquele reino. Minha ajudante a utilizava para guardar brinquedinhos.

O rei adorava música. Por essa razão, a corte tinha concertos frequentes. Pude assistir a vários deles. Minha caixa era colocada sobre uma mesa para que eu pudesse ouvi-los, porém, o barulho daqueles instrumentos gigantescos era tão alto que eu mal conseguia distinguir as músicas. Acredito que os tambores e trombetas do exército real, tocados em conjunto, deveriam soar magistralmente. No entanto, eu não distinguia a musicalidade em razão da altura do som. Para entender o que eu ouvia, era preciso pedir que colocassem minha caixa longe do local onde os músicos se sentavam. Depois eu fechava as portas, as janelas e as cortinas. Só assim era possível achar sua música agradável.

Em minha juventude, aprendi a tocar a espineta. Glumdalclitch tinha uma espécie de espineta ou clavicórdio em seus aposentos. Um professor de música a ensinava duas

vezes por semana. Aliás, eu decidi chamar aquele instrumento de espineta porque realmente se parecia com uma, e era tocado da mesma maneira. Um dia, decidi entreter o rei e a rainha com uma composição inglesa feita exatamente para esse instrumento. A dificuldade, no entanto, residia em seu tamanho. A espineta tinha cerca de quinze metros de comprimento e cada tecla media aproximadamente trinta centímetros de largura, de modo que, com os braços estendidos, era impossível alcançar mais do que cinco teclas e pressioná-las exigia um murro forte, o que seria um trabalho imenso e infrutífero. O método que inventei foi o seguinte: preparei dois pedaços de madeira com uma das pontas arredondas, ou seja, duas clavas. Forrei as extremidades mais grossas com pele de rato. Assim, as pancadas no teclado não danificariam o instrumento nem alterariam o som. Na frente da espineta positionei um banco longo, cerca de um metro abaixo das teclas. Eu me sentava nesse banco e deslizava sobre ele o mais rápido que podia, batendo nas teclas apropriadas com minhas duas clavas. Um belo dia toquei uma composição inglesa para grande satisfação de ambas as majestades. No entanto, aquele foi certamente o exercício mais violento e cansativo que já realizei. Não era possível alcançar mais de dezesseis teclas. Por essa razão, não pude tocar os graves e

os agudos do tema, o que foi uma grande desvantagem para minha apresentação.

O rei, que, como eu observei antes, era um intelectual e pessoa de excelente raciocínio, muita vez mandava que minha caixa fosse colocada em seu armário e ordenava a retirada de uma de minhas cadeiras. Assim, eu me sentava a cerca de três metros de distância em uma altura que me deixava quase ao nível do rosto dele. Dessa maneira, tivemos várias conversas. Um dia, tomei a liberdade de dizer o seguinte ao rei:

— O desprezo que Sua Majestade demonstra pela Europa e pelo resto do mundo não condiz com as suas excelentes qualidades intelectuais. Para mim é difícil entender esse sentimento, principalmente porque, na Inglaterra, observamos que as pessoas mais altas geralmente eram as menos favorecidas intelectualmente, exatamente como abelhas e formigas detêm a reputação de mais esforço, arte e sagacidade, do que muitos outros seres de maior porte. Assim, por mais desprezível que Sua Majestade me considere, esperava poder viver o suficiente para mudar essa sua percepção — o rei me ouviu atentamente e a partir desse dia passou a ter uma opinião muito melhor a meu respeito.

— Você poderia me dar um relato, o mais exato possível, de como é o governo na Inglaterra? Pois, por mais que

os príncipes geralmente gostem de seus próprios costumes, eu adoraria descobrir qualquer coisa que mereça ser imitada — pediu o rei.

Imagine você, meu querido leitor, como desejei, nesse momento, ter a capacidade retórica de um Demóstenes ou um Cícero para poder louvar meu querido país natal em todos os seus méritos.

Comecei meu discurso informando o rei que nossos domínios consistiam em duas ilhas, as quais formavam três reinos poderosos, bem como nossas plantações na América, todos sob o comando de um único soberano. Fiquei um bom tempo explicando a fertilidade do solo e o clima. Depois, falei amplamente sobre como era formado o parlamento inglês. Disse que era parcialmente composto por um corpo ilustre chamado de Câmara dos Lordes, formado por pessoas do sangue mais nobre e dos mais antigos e amplos patrimônios. Todos esses indivíduos tinham acesso à mais extraordinária educação em artes e armas, o que, por sua vez, os qualificava como conselheiros do rei e do reino, membros do poder legislativo, ou membros do mais alto tribunal de justiça, do qual não pode haver recurso de suas decisões. Essas pessoas estavam sempre prontas para defender o rei e o reino com bravura e fidelidade. Expliquei que esses indivíduos eram o baluarte do reino, sua mais alta classe. Eram todos seguidores

dignos de seus ancestrais mais renomados, cuja honra fora a recompensa de sua virtude e à qual os descendentes mantinham-se observadores. A esses lordes somavam-se várias pessoas santas, as quais tinham o título de bispos. Sua principal função era cuidar da religião do país e instruir o povo a observar os preceitos religiosos. Eles eram escolhidos pelo rei e seus conselheiros mais sábios. Para se tornar um bispo membro da Câmara dos Lordes era necessário ser um sacerdote que se distinguisse pela santidade de sua vida e pela profundidade de sua erudição. Expliquei que esses indivíduos eram de fato os pais espirituais do clero e do povo.

Depois, esclareci que uma outra parte do parlamento consistia em uma assembleia intitulada Câmara dos Comuns, formada por cavalheiros escolhidos livremente pelo próprio povo. Entre as principais qualidades desses indivíduos deveriam estar o amor ao país, pois representavam a vontade popular. Por fim, disse que esses dois órgãos constituíam a assembleia mais augusta da Europa, ao redor da qual, em conjunto com a figura do rei, toda a legislatura britânica funcionava.

Em seguida desci para os tribunais de justiça, os quais eram presididos pelos juízes, respeitáveis sábios e intérpretes da lei. Expliquei que são os decisores sobre as disputas entre os homens por direitos e propriedades, que punem os

vícios e que protegem a inocência. Depois, falei a respeito da administração prudente de nosso tesouro e sobre as conquistas das forças britânicas, por mar e por terra. E ainda calculei aproximadamente o tamanho da nossa população, inclusive calculando quantos milhões poderia haver em cada seita religiosa ou partido político. Não omiti nem mesmo nossos esportes e passatempos ou qualquer outro detalhe que julguei importante para a honra de meu país. Concluí minha explanação com um breve relato histórico dos eventos mais importantes ocorridos na Inglaterra nos últimos cem anos.

Essa apresentação consumiu ao todo cinco audiências, cada uma delas com várias horas de duração. O rei ouviu tudo com grande atenção, frequentemente anotando o que eu falava, bem como produzindo memorandos de quais perguntas ele pretendia me fazer.

Quando terminei, Sua Majestade, em uma sexta audiência, fez inúmeras perguntas a partir das suas anotações. Ele tinha muitas dúvidas, perguntas e objeções sobre cada ponto que eu havia apresentado. Seus primeiros questionamentos foram: quais métodos eram utilizados para cultivar as mentes e os corpos da jovem nobreza inglesa e em que tipo de atividade ou negócio eles costumavam passar a primeira parte de suas vidas, a qual sabemos ser tão importante na formação dos indivíduos. Perguntou também qual seria o

caminho a seguir para substituir essa assembleia quando os nobres existentes se extinguissem e quais qualificações eram necessárias para decidir quais pessoas poderiam ser os novos lordes. Dependeria tudo da simples vontade do rei? Da linhagem familiar? Bastaria oferecer dinheiro a uma família nobre para comprar seu título, ou oferecer um dote para uma dama da corte, casar-se com ela e assim tornar-se lorde? Ele questionou se isso não seria como investir tempo e dinheiro em um projeto contrário ao interesse público e sim voltado a interesses pessoais. Quis saber se esses poderiam, por acaso, ser alguns dos motivos para a escolha desses lordes. Também questionou sobre a parcela de conhecimento e influência que esses senhores possuíam sobre as leis de meu país e como eles adquiriram tal conhecimento e tal influência, de modo que isso os permitisse decidir de quem eram as propriedades da Inglaterra em última instância. O rei perguntou se estariam esses lordes sempre imunes a sentimentos como a avareza, ou qualquer tipo de parcialidade ou desejos sombrios; se seria razoável acreditar que entre esses lordes não houvesse corrupção, subornos ou algum comportamento sinistro. Também questionou se esses senhores sagrados foram realmente promovidos à posição de lordes em razão do seu conhecimento em assuntos religiosos ou em função da santidade de suas vidas. Para o rei, havia a dúvida se, ao se

tornarem lordes, mantiveram as mesmas opiniões sobre os mais diversos assuntos, isto é, se continuaram pensando de maneira semelhante ao tempo em que eram padres comuns ou capelães de prostitutas e escravos.

O rei também quis saber o que era necessário para decidir como alguém se tornava um plebeu. Perguntou se um estrangeiro rico seria capaz de influenciar os indivíduos ingleses ao ponto de os mesmos passarem a tratá-lo como senhorio, lorde ou cavalheiro. Disse ainda que lhe pareceu que as pessoas estavam tão violentamente inclinadas a tentar entrar nessa assembleia que, muita vez, isso significaria uma enorme despesa, que inclusive poderia arruinar financeiramente suas famílias. Em razão disso, me questionou sobre a sinceridade da tal virtude e espírito público desses homens escolhidos para as câmaras britânicas, pois, para ele, não parecia ser um comportamento genuíno e sincero esse de ser completa e exclusivamente direcionado ao bem-estar da nação. Em função disso, o rei quis saber se esses zelosos cavalheiros, caso sacrificassem o bem público para obedecer aos desígnios de um príncipe fraco e cruel ou de um ministério corrompido, seriam capazes de restituir a população por tais equívocos. O rei fez outras perguntas e examinou minuciosamente vários trechos de minhas exposições, propondo



inúmeros questionamentos e objeções, as quais acredito que não seja prudente ou conveniente repetir.

O rei se mostrou satisfeito em vários pontos sobre o que relatei a respeito de nossos tribunais de justiça. Porém, ele perguntou quanto tempo costumava ser gasto na determinação do certo e do errado nessas cortes e a qual grau de despesa isso correspondia. Quis saber se advogados tinham a liberdade de defender aqueles que lutavam contra injustiças e opressões; se os partidos políticos e a religião exerciam algum peso na justiça inglesa; se esses advogados que lutavam contra injustiças e opressões eram pessoas educadas no conhecimento geral da equidade, ou apenas em costumes locais de certo e errado. O rei também quis saber se os advogados e os juízes tinham alguma participação na fabricação das leis inglesas e se tinham total liberdade para interpretar essa lei a seu bel prazer. Perguntou se não acontecia de advogados e juízes, em momentos diferentes, se posicionarem a favor e contra uma mesma causa. Também quis saber se eram uma corporação rica ou pobre, se recebiam alguma recompensa pecuniária por defender ou emitir suas opiniões, e se poderiam ser admitidos como membros da Câmara dos Comuns.

A seguir o rei passou a me questionar a respeito da administração de nosso tesouro. Disse que minha memória havia falhado, pois eu havia calculado a arrecadação total

dos nossos impostos em cerca de cinco ou seis milhões por ano, porém, que ao mencionar nossos gastos, ele entendera que às vezes isso representava mais que o dobro do arrecadado. As anotações que ele havia feito eram detalhadas, principalmente nesse ponto, pois, segundo ele mesmo me disse, acreditava que o conhecimento sobre nossa conduta nesse quesito talvez pudesse ser útil ao seu reino. Sua maior preocupação era não errar nos cálculos. Porém, conforme afirmou o rei, se o que dizia era verdade, era impossível compreender como um reino podia ser administrado como a propriedade de uma pessoa específica. Por essa razão, ele me perguntou quem eram nossos credores e onde conseguíamos dinheiro suficiente para pagá-los. O rei afirmou que essa dúvida surgiu após ouvir meu relato sobre o custo das guerras que a Inglaterra havia travado. Segundo ele, ou éramos um povo muito briguento ou tínhamos vizinhos muito ruins. Também pontuou dizendo que nossos generais, para enfrentar e financiar tantas batalhas, deveriam ser mais ricos que nossos reis. Todos esses questionamentos produziram nele a curiosidade de saber qual “linha de negócios tínhamos em nossas próprias ilhas, se eram ou não baseadas no comércio, em acordos comerciais ou na simples defesa do nosso litoral”. O rei também se mostrou extremamente surpreso quando soube que a Inglaterra tinha um exército

permanente de mercenários, mesmo em tempos de paz e em meio a um povo livre. Acabou concluindo ser tudo muito estranho, pois como éramos “governados por representantes eleitos pelo seu próprio consentimento, o que torna muito difícil saber a quem temer ou contra quem lutar, pois tudo é mediado por esses representantes protegido por mercenários”. Para ele, eu estava querendo defender a ideia de que “a casa de um homem seria mais bem defendida por meia dúzia de patifes, apanhados em um empreendimento nas ruas por pequenos salários pagos por nossos representantes, do que pelo próprio dono da residência, seus filhos e sua família”. Então o rei indagou: “O que impede esses patifes de obterem vezes mais do que ganham como mercenários e apenas cortar a garganta do dono da casa e ficar com tudo o que há dentro dela em vez de defendê-la?”

Por fim, ele riu daquilo que graciosamente chamou de “estranha aritmética baseada em crenças políticas e religiosas”. Ele disse que não entendia o motivo pelo qual “em seu país, indivíduos que possuem opiniões prejudiciais ao interesse público não são obrigados a mudar suas opiniões e alterar suas condutas”. Segundo o rei, um homem pode manter venenos em seu próprio armário, pois um governo que não permite isso seria uma tirania, porém, esse mesmo

homem não pode vender tais venenos em benefício próprio (somente um governo fraco permitiria isso).

O rei também achou muito interessante o fato de eu contar que entre as diversões preferidas da nobreza inglesa estavam os jogos de azar. Quis saber em que idade esse entretenimento era geralmente praticado pelos nobres, quanto tempo empregavam nesse esforço, e se alguma vez algum nobre apostou tanto que acabou perdendo todas as suas fortunas. Também indagou se existiam pessoas cruéis, que após se tornarem hábeis jogadores, seriam capazes de conquistar grandes fortunas ou então tornar nossos nobres dependentes da jogatina.

Resumindo, o rei se mostrou muito surpreso com meu relato histórico. Para ele, a história da Inglaterra consistia em “muitas conspirações, rebeliões, assassinatos, massacres, revoluções, banimentos, atos de avareza, hipocrisia, perfídia, crueldade, raiva, loucura, ódio, inveja, luxúria, malícia e ambição”.

Depois de todo esse questionamento ainda tive mais uma audiência com o rei, o qual teve o cuidado de recapitular praticamente tudo o que eu havia falado. Cuidadosamente, ele comparou suas perguntas com as respostas que lhe dei. Depois, me pegou em suas mãos e me acariciou gentilmente, dizendo as seguintes palavras, as quais jamais esquecerei:

— Meu amiguinho Grildrig, você fez um panegírico admirável sobre seu país, você provou claramente que a ignorância, a ociosidade e o vício são os principais ingredientes para qualificar um legislador; que as leis da Inglaterra são melhor explicadas, interpretadas e aplicadas por aqueles cujos interesses e habilidades estão em pervertê-las, torná-las confusas e com isso iludir os incautos. Suas explicações também indicaram que, entre vocês, alguns dos objetivos iniciais de uma instituição que poderiam ter sido toleráveis, com o passar do tempo, desapareceram ou ficaram pela metade, e tudo o que restou é completamente turvo e maculado por corrupções. Pelo que você disse, não parece que seja necessária qualquer perfeição para que um indivíduo alcance uma posição de destaque entre vocês; muito menos que os homens sejam enobrecidos em razão de sua virtude; ou que os padres se tornem bispos em função de sua piedade ou aprendizado; ou que os soldados sejam condecorados por sua conduta ou bravura; ou que juízes sejam respeitados por sua integridade; ou que os senadores sejam admirados por seu amor pelo país; ou que conselheiros sejam respeitados por sua sabedoria. Quanto a você, meu amigo — continuou o rei —, que passou a maior parte de sua vida viajando, acredito que esteja livre de muitos desses vícios. No entanto, pelo que aprendi em seus discursos e as respostas que você forneceu

às minhas dúvidas, não posso deixar de concluir que a maior parte de seus compatriotas não passa de uma raça perniciosa de pequenos vermes odiosos e rastejantes.

## CAPÍTULO 7

*O autor demonstra todo o amor que sente por seu país. Ele faz uma proposta muito vantajosa ao rei, que é rejeitada. O rei demonstra muita ignorância na política. O autor mostra como a aprendizagem naquele país é imperfeita. Descrição das leis, os assuntos militares e os partidos daquele Estado.*

**M**eu amor pela verdade não permitiria que eu escondesse essa parte da história. Obviamente, fiquei muito ressentido pelo rei ridicularizar meu nobre e amado país. Foi muito duro ver a Inglaterra tratada de maneira tão preconceituosa, mas mesmo assim me mantive calmo e não respondi às acusações. Certamente, minha indignação se iguala à que acredito que meus leitores estejam sentindo agora. Porém, como o rei demonstrava tanta curiosidade e disposição em conhecer todos os aspectos de nossa história, não fui capaz de negar as exposições sobre a Inglaterra. Na verdade, me empenhei com gratidão e modos da melhor forma que pude. Ainda assim, digo em minha

defesa que muitas dessas perguntas foram respondidas com versões mais favoráveis aos fatos. Aliás, muita vez, minhas respostas ficaram bem distantes do que o rigor da verdade permitiria. Mesmo assim, sempre adotei louvável parcialidade em relação ao meu país, a qual Dionísio de Halicarnaso,<sup>5</sup> com tanta justiça, recomenda a qualquer historiador. Ou seja, mesmo escondendo suas fragilidades e deformidades e iluminando suas virtudes e belezas sob a luz mais vantajosa, todo esse meu sincero esforço falhou magistralmente.

Também é importante frisar que o rei merece um atenuante, pois o mesmo vive totalmente isolado do resto do mundo, e, portanto, não está familiarizado com as maneiras e os costumes que prevalecem em outras nações. Essa falta de conhecimento resulta em muitos preconceitos e uma certa estreiteza de pensamento, da qual, inclusive, nós e outras nações europeias não estamos totalmente isentos. Portanto, devemos procurar entender que é realmente difícil, para um

---

5 Dionísio de Halicarnaso, ou Dionísio grego, nasceu no século 1 a.C. Sua fama surgiu em Halicarnaso, Caria, na Ásia Menor, território atualmente turco. Ele foi um historiador grego e professor de retórica. Na primeira metade do século 1 a.C., Dionísio se mudou para Roma. É considerado uma das fontes mais valiosas do início da história romana. Sua obra *História Antiga de Roma* fala da cidade desde as suas origens até a Primeira Guerra Púnica (264 e 241 a.C.).



rei de um país tão remoto, ter noções de virtude e vício capazes de se apresentar como padrão para toda a humanidade.

Só para confirmar minha última colocação e mostrar os miseráveis efeitos de uma educação confinada, sem contato com o resto do mundo, insiro aqui uma passagem que é até difícil de acreditar, mas que realmente aconteceu. Eu, na esperança de agradar ainda mais o rei, disse a ele sobre uma invenção de cerca de trezentos ou quatrocentos anos. Disse que era um certo pó, o qual, a partir da menor faísca de fogo, se acendia instantaneamente. Expliquei ao rei que esse pó, quando aceso, tinha o poder de fazer tudo voar pelo ar e produzir barulho e agitação maiores que um trovão. Disse que se colocássemos a quantidade adequada desse pó dentro de um tubo oco de latão ou ferro, de acordo com sua grandeza, e nesse mesmo tubo inseríssemos uma bola de ferro ou chumbo, quando o pó fosse aceso essa bola seria lançada com tanta violência e velocidade que nada era capaz de pará-la. Expliquei que nós inventamos tubos (nossos canhões) capazes de atirar bolas grandes o suficiente para destruir fileiras inteiras de infantaria de uma só vez. Contei que quando essas bolas eram disparadas, até as muralhas mais fortes eram totalmente destruídas. Afirmei que essas bolas afundavam navios enormes, com mais de mil homens a bordo, até o fundo do mar. Também disse que quando

ligávamos duas bolas de ferro por uma corrente, ao serem lançadas após a explosão desse pó, eram capazes de destruir mastros e cordames, além de ceifar centenas de corpos ao meio. Expliquei que era uma prática comum, quando sitiávamos uma cidade, descarregarmos uma saraivada dessas bolas de ferro, reduzindo a pedaços ruas, casas e pessoas. Concluí falando que eu conhecia os ingredientes muito bem, os quais eram baratos e comuns, que sabia a exata maneira de combiná-los e que poderia orientar seus operários a fabricar esses tubos, de um tamanho proporcional a todas as outras coisas no reino de Sua Majestade. Assim, se ele desejasse, seu exército poderia derrubar as muralhas da cidade mais forte em poucas horas. Humildemente, ofereci esse conhecimento ao rei como um pequeno tributo de reconhecimento, por tantas coisas boas que eu recebera naquele reino.

O rei ficou completamente horrorizado com a descrição e a proposta que eu havia feito. Ao final, ele disse:

— Estou surpreso como um ser impotente e rastejante feito você é capaz de alimentar ideias tão desumanas. Pior ainda! Como pode proferi-las de maneira tão insensível, a ponto de parecer totalmente indiferente a todas as cenas de sangue e desolação que suas máquinas destrutivas são capazes de produzir. Me parece que algum gênio do mal, um inimigo da humanidade, deve ter sido o primeiro artífice dessas

monstruosidades. Eu prefiro perder metade do meu reino a possuir esse segredo. Exatamente por essa razão, determino que você, que me parece ser alguém que valoriza a vida, não fale nunca mais desse assunto enquanto estiver aqui.

O rei tinha princípios delimitados e seus pontos de vista surtiam um efeito estranho nele! Quando um príncipe possui todas as qualidades de alguém que merece ser venerado, amado e estimado — apesar daquele rei possuir grande sabedoria e estar profundamente disposto a aprender —, ele certamente não deveria, por algum escrúpulo caprichoso — o qual nós europeus não temos a menor ideia do que seja —, deixar escapar essa oportunidade, colocada pelo destino em suas mãos. Com aquela tecnologia ele poderia se tornar mestre absoluto das vidas, da liberdade e da sorte de seu povo! Também não digo isso com a intenção de minimizar as inúmeras virtudes daquele excelente rei, cujo caráter, eu sei disso, será muito menor na opinião de um leitor inglês, o que eu entendo perfeitamente. Porém, acredito que essas concepções estranhas e defeituosas entre o rei e seus ministros surgia da ignorância. Aquele povo ainda não havia transformado a política em uma ciência, como fizeram as inteligências mais agudas da Europa. Lembro-me bem de outra conversa que tive com o rei. Certa vez, disse a ele que nós, os europeus, possuíamos milhares de livros escritos sobre

a arte de governar. Essa informação produziu nele o efeito contrário ao que eu esperava. O rei observou que era abominável tornar a política algo misterioso, com refinamentos e intrigas. Ele, que não sabia o que significava a expressão “segredos de Estado”, governava dentro dos limites muito estreitos de senso comum, da razão e da justiça. Acreditava que um bom governo deveria resolver rapidamente as causas civis e criminais e alguns outros tópicos que de tão óbvios não valem sequer ser considerados. Para o rei, o indivíduo que fosse capaz de produzir duas espigas de milho em um terreno onde apenas uma espiga era cultivada, prestaria com isso um serviço mais essencial a seus país do que toda a raça dos políticos juntos.

A educação naquele reino era muito pobre e problemática. As crianças aprendiam apenas noções de moralidade e tinham aulas de história, poesia e matemática, matérias nas quais elas buscavam maior destaque. O ensino da matemática é totalmente aplicado à vida, aos trabalhos do cotidiano, ao aprimoramento da agricultura e a todas as artes mecânicas. Já as abstrações, ideias transcendentais e coisas do tipo eram restritas a apenas uma pequena parte dos estudos naquele reino.

Nenhuma lei daquele país deveria exceder em palavras o número de letras do alfabeto, que lá consiste apenas em

vinte e duas. Assim, as leis são todas expressas em termos claros e simples, isto é, não era preciso nenhum especialista dotado de conhecimentos mercuriais para extrair uma interpretação. Lá, escrever um comentário sobre qualquer lei é considerado crime capital, pois as leis devem ser claras e autoexplicativas. Quanto às causas civis ou os processos contra criminosos, a jurisprudência naquele reino era tão parca que não tinham nenhum motivo para se gabar de qualquer habilidade extraordinária nessas áreas do direito.

Eles dominavam a tipografia — a arte de imprimir —, assim como os chineses, mas suas bibliotecas não eram muito grandes. A Biblioteca Real, considerada a maior do país, não ultrapassava os mil volumes, todos dispostos em uma galeria com aproximadamente 350 metros de comprimento, de onde tive a liberdade de emprestar os livros que bem entendesse. Para que eu pudesse ler essas obras, o marceneiro da rainha criou uma espécie de máquina de madeira de seis metros de altura. Ela tinha uma escada móvel com degraus de quinze metros de comprimento cada. Assim, o livro que eu desejasse ler era apoiado contra a parede. Eu então subia no degrau mais alto da escada e iniciava a leitura a partir do alto da página. Para ler o texto, caminhava da direita para a esquerda e, conforme descia gradualmente os degraus, chegava ao final da página, a qual era sempre grossa e rígida

como um papelão. Nos maiores livros, essas páginas tinham cerca de dezoito metros de comprimento.

O estilo dos textos era sempre claro, robusto e objetivo, pois evitavam o uso de palavras desnecessárias. Examinei muitos daqueles livros, especialmente os de história e moral. Gostei particularmente de um pequeno e antigo tratado, que sempre ficava no quarto de Glumdalclitch e pertencia à sua governanta, uma senhora muito séria. A obra era formada por escritos sobre moralidade e devoção, e analisava as fraquezas da espécie humana. Era, naquele reino, um livro pouco apreciado, exceto entre as mulheres e os plebeus. No entanto, eu o li pela curiosidade de saber o que um autor daquele país poderia escrever sobre tais assuntos. Em sua obra, ele analisava os mesmos tópicos que os moralistas europeus, mostrando “quão diminuto, desprezível e desamparado é o homem em sua própria natureza; quão incapaz de se defender das inclemências do tempo ou da fúria dos animais selvagens; quanto o homem é superado em quesitos como força, visão, habilidade e velocidade por outras criaturas”. O texto seguia afirmando que a “natureza se degenerou nessas últimas épocas e agora é capaz apenas de produzir seres humanos minúsculos, em comparação com os dos tempos antigos”. A obra defendia que antigamente “as espécies de homens eram muito maiores e deve ter havido gigantes em épocas

ainda anteriores”. A obra acreditava que essa tese havia sido confirmada porque “enormes ossos e caveiras, desenterrados casualmente em várias partes do reino, excedem em muito a raça minguada comum dos homens atuais”. Conforme o livro, “as próprias leis da natureza indicam que, no início, os homens tinham um tamanho mais amplo e robusto; pois não poderiam ser suscetíveis à destruição por qualquer pequeno acidente”. A partir desse raciocínio e dessa tese, o autor retirava várias aplicações morais, as quais seriam, segundo ele, úteis na conduta da vida. Pouparei o leitor de repetir tais regras morais aqui. Ao ler toda essa obra, não pude deixar de perceber que esse talento era algo difundido universalmente. Em toda parte, era possível encontrar alguém capaz de fazer palestras ou escrever sobre moralidade e sobre nossa interminável disputa com a natureza. Por fim, cheguei à conclusão de que, após uma investigação rigorosa, tais rusgas sempre se mostrariam tão infundadas entre nós quanto entre essas pessoas.

Quanto aos assuntos militares, eles se gabavam de que o exército do rei consistia em pouco mais de oitenta mil homens e trinta e dois mil cavalos, se é que isso pode ser chamado de exército. De acordo com o rei, essas forças eram formadas principalmente por comerciantes e agricultores. Já os comandantes eram membros da nobreza que não re-

cebiam remuneração ou recompensa, excelentes militares com seus exércitos bem disciplinados. Eu sinceramente não via grande mérito naquilo. Afinal, não era possível esperar outro resultado quando todo agricultor estava sob o comando de seu próprio senhorio e todo cidadão sob o comando dos principais homens de sua própria cidade, os quais são escolhidos à maneira de Veneza, por cédula.

Muitas vezes vi as forças de Lorbrulgrud se exercitarem em um grande campo com cerca de trinta quilômetros quadrados perto da cidade. As fileiras de soldados não tinham mais que doze mil homens e seis mil cavalos. Na verdade, era impossível calcular seu número exato, considerando o espaço de terreno que ocupavam. Um cavaleiro de Lorbrulgrud, montado em um grande cavalo, pode medir até vinte e sete metros de altura. Certa vez, presenciei toda essa cavalaria, sob uma palavra de comando, puxar suas espadas de uma só vez e brandi-las no ar. A imaginação não é capaz de reproduzir algo tão grandioso e surpreendente! Parecia que dez mil relâmpagos disparavam ao mesmo tempo de todos os cantos do céu.

Fiquei curioso para saber como o rei, a cujos domínios não há acesso por nenhum outro país, chegou à ideia de ter um exército e o que o levou a ensinar seu povo a prática da disciplina militar. Acabei por descobrir que, no decorrer de



muitas eras, sofreram das mesmas doenças que atingem toda a humanidade: a nobreza muitas vezes luta para conquistar o poder; o povo, a liberdade; e o rei, o domínio absoluto. Assim, aquele reino já havia sofrido com guerras civis. A última delas ocorrera quando o avô desse rei estava no poder. Por essa razão, as forças militares, estabelecidas com o consentimento de todos, têm sido mantidas desde então no mais estrito dever.

## CAPÍTULO 8

*O rei e a rainha aumentam as fronteiras do seu reino. O autor deixa aquele país e retorna para a Inglaterra.*

**D**urante todo o tempo que passei naquele reino, sempre senti um forte impulso para recuperar minha liberdade, embora cada vez isso se tornasse mais e mais difícil. Encontrar uma maneira de colocar em andamento um projeto com a esperança de sucesso era algo muito remoto. O navio que me levou até aquele reino fora o primeiro a ser avistado naquela costa. O rei havia ordenado estritamente que qualquer outra embarcação que aparecesse deveria ser levada para terra com toda a sua tripulação e passageiros. O rei pretendia conseguir uma mulher do meu tamanho para que eu e ela pudéssemos propagar a raça. Eu, de minha parte, preferiria morrer a sofrer a desgraça de viver preso em gaiolas, como um canário, e talvez, com o tempo, ser vendido para nobres daquele reino, que me manteriam apenas como uma curiosidade, uma espécie de animal de estimação. É certo que fui tratado com muita bondade: era o

favorito tanto do rei quanto da rainha. Era também o deleite de toda a corte. No entanto, eu nunca poderia esquecer as promessas que havia feito para minha família. Meu desejo era estar com eles, com quem eu pudesse conversar e viver normalmente, andar pelas ruas e campos sem medo de ser pisoteado até a morte como um sapo ou um filhote de cachorro. Por fim, minha libertação veio bem antes do que eu esperava e de uma maneira pouco comum.

Eu vivia há dois anos naquele país. No início do terceiro ano, Glumdalclitch e eu assistimos ao rei e à rainha avançarem as fronteiras na costa sul da ilha. Fui carregado, como sempre, em minha caixa de viagem, que, como já descrevi, era um armário muito conveniente, de dois metros e meio de largura. Eu havia ordenado que uma rede fosse consertada e que suas cordas fossem trocadas por cordas de seda, todas presas aos quatro cantos do topo da caixa, tudo para diminuir os solavancos quando alguém me carregava em seu cavalo. Na estrada, eu gostava de dormir em minha rede. Mandeí o marceneiro fazer um furo no teto dessa caixa-armário, para arejar enquanto eu dormia. Quando chovia, eu fechava esse buraco com uma prancha móvel que deslizava por um sulco.

Quando chegamos ao fim de nossa jornada, o rei achou apropriado passar alguns dias em um palácio que ele possuía perto de Flanflasnic, uma cidade que ficava a 28 quilômetros

do litoral. Estávamos todos muito cansados. Eu sofria com um leve resfriado, e a pobre Glumdalclitch estava tão doente que acabou confinada ao seu quarto. Eu ansiava por ver o oceano, minha única rota de fuga daquele reino. Fingi estar muito pior de saúde, tudo para poder sentir o ar fresco do mar. Jamais esquecerei da relutância de Glumdalclitch, que demorou para concordar com a minha saída. Ficou tão nervosa com a situação que acabou explodindo em uma enxurrada de lágrimas, como se tivesse algum pressentimento do que estava para acontecer. O garoto me carregou em minha caixa, por cerca de meia hora a pé do palácio até as rochas na costa do mar. Ordenei que me colocasse no chão e, levantando uma de minhas faixas, lancei um olhar melancólico e saudoso em direção ao mar. Não me senti muito bem e disse ao menino que tiraria uma soneca em minha rede. Entrei e o garoto fechou a janela, para evitar o frio. Adormeci e tudo o que posso conjecturar é que, enquanto dormia, o menino, meu pajem, pensando que não havia perigo, foi caminhar entre as rochas à procura de ovos de pássaros. Minutos depois, de repente, acordei com um puxão violento. Senti minha caixa levantar muito alto no ar e depois avançar a uma velocidade prodigiosa. O primeiro choque me jogou para fora da rede. Gritei várias vezes, o mais alto que pude, sem resposta. Olhei em direção às minhas janelas e não via nada além das nuvens

e do céu. Ouvi um barulho logo acima de minha cabeça, como o bater de asas. Foi nesse momento que percebi que havia sido capturado por alguma águia, a qual certamente tinha a intenção de destruir a caixa e me devorar.

Em pouco tempo, observei que o barulho e o bater das asas aumentavam. Então, minha caixa foi jogada para cima e para baixo. Senti várias pancadas e, de repente, meu corpo caiu perpendicularmente, por mais de um minuto, com uma rapidez tão incrível que quase perdi o fôlego. Minha queda foi interrompida por um som terrível, que soou mais alto para meus ouvidos do que a catarata do Niágara. Depois disso, fiquei no escuro por mais um minuto, e minha caixa começou a ser alçada tão alto que pude ver a luz do alto das janelas. Cai de novo, mas dessa vez a caixa caiu no mar. Minha caixa, pelo peso do meu corpo, pelas mercadorias que estavam lá dentro e pelas largas chapas de reforço de ferro nos quatro cantos das partes superior e inferior, flutuava com certa dificuldade, mas flutuava. Imaginei que a águia que levava minha caixa fora perseguida por outras e acabou por me soltar no mar. Com muita dificuldade consegui alcançar o topo do compartimento após passar pelo buraco de ventilação no teto.

Quantas vezes desejei ter seguido os conselhos da minha querida Glumdalclitch, de quem eu não deveria ter

me separado! E posso dizer francamente que, em meio aos meus próprios infortúnios, não pude deixar de lamentar a situação de minha pobre ajudante, a dor que ela sofreria por minha perda, o descontentamento da rainha e a ruína de sua fortuna. Tudo aquilo me deixava muito triste. Talvez outros viajantes nunca tenham passado por dificuldades e angústias como as que senti naquele momento. Acreditava que minha caixa acabaria despedaçada a qualquer instante por uma onda mais forte. Percebi que as paredes vazavam água em vários pontos. Contudo, como esses vazamentos não eram consideráveis, tentei contê-los da melhor maneira possível. Não fui capaz de suspender o teto de minha caixa, o que eu certamente deveria ter feito, para poder me sentar em seu telhado, onde eu poderia ao menos sobreviver por mais algumas horas. Assim me resignei e passei a esperar uma morte miserável de frio e fome. Fiquei quatro horas nessas circunstâncias, esperando e desejando que cada momento fosse o meu último.

Como disse ao leitor anteriormente, havia dois grampos fortes fixados do lado de fora daquela caixa, na parte onde não havia janelas. Completamente desconsolado, ouvi o som de alguém fixando algo nos grampos. Em seguida, senti que estava sendo rebocado, pois de vez em quando eu sentia uma espécie de puxão. Isso me deu algumas esperanças de alívio,

embora eu fosse incapaz de imaginar como isso poderia acontecer. Arrisquei desparafusar uma de minhas cadeiras, que seguiam presas ao chão. Desisti. Subi então na cadeira, coloquei minha boca o mais perto possível do buraco no teto e gritei por ajuda em todas as línguas que eu conhecia. Prendi meu lenço em um graveto que normalmente carregava e, empurrando-o pelo buraco, acenei várias vezes no ar. Minha esperança era que algum barco ou navio próximo visse aquela cena e me livrasse daquela terrível situação.

Minhas ações não produziram nenhum resultado. Então percebi claramente que meu estojo estava sendo rebocado pelo lado da caixa onde os grampos estavam. Senti a caixa bater contra algo sólido. Depois disso, ouvi claramente um barulho na tampa, a qual foi içada, aos poucos, pelo menos um metro acima de sua altura. Em seguida, empunhei minha bandeira precária novamente, pedindo ajuda até quase ficar rouco. A resposta aos meus pedidos de socorro foram três gritos, que produziram em mim enorme alegria. Em seguida, ouvi alguém caminhando no teto de minha caixa, bradando:

— Há alguém aí?

— Sim, eu sou inglês — respondi. — Fui trazido até aqui pela má sorte e pela maior calamidade que alguma criatura já sofreu. Por isso eu imploro, por tudo o que há de mais sagrado, me tirem daqui, por favor.

A voz respondeu dizendo que eu estava seguro, pois minha caixa estava presa ao navio deles. Disse também que um carpinteiro faria imediatamente um buraco na tampa, grande o suficiente para me puxar para fora.

— Não, não vai dar tempo. Eu imploro que vocês ergam minha caixa. É só colocar um dedo pela abertura, me içarem para o convés e chamarem o capitão — eu respondi, desesperado.

Nesse momento, ouvi várias gargalhadas, certamente achavam que eu era louco. Tudo porque eu não imaginei que estava me dirigindo a pessoas de minha própria estatura e força. O carpinteiro chegou e, em alguns minutos, fez uma passagem de cerca de um metro quadrado, depois desceu uma pequena escada, a qual escalei.

Os marinheiros ficaram espantados e me fizeram mil perguntas, que eu não tinha vontade de responder, pois me sentia muito fraco. Fiquei igualmente confuso ao ver tantos pigmeus, pois foi assim que os imaginei. Acho que essa impressão ocorreu porque havia passado muito tempo olhando para objetos e pessoas gigantescas. Mas o capitão, sr. Thomas Wilcocks, um homem honesto de Shropshire, percebeu que eu estava a ponto de desmaiar e me levou para sua cabine. Me colocou em sua própria cama e me aconselhou a descansar. Antes de dormir, falei para ele que dentro



de minha caixa havia alguns móveis valiosos, bons demais para serem descartados: uma rede fina, uma bela cama de campanha, duas cadeiras, uma mesa e um armário. Disse também que se ele ordenasse que uma equipe retirasse meu armário de dentro da caixa, eu o abriria diante dele e mostraria minhas mercadorias. O capitão, ao me ouvir proferir esses absurdos, concluiu que eu delirava. No entanto, supondo que isso poderia me acalmar, prometeu passar adiante a exata ordem que eu havia proferido. Subiu ao convés e enviou alguns de seus homens para o meu estojo, de onde, como descobri depois, recolheram todos os meus bens e minhas vestimentas. Então arrancaram algumas das pranchas da caixa para usá-las no navio, e deixaram o resto da caixa cair no mar, a qual, em razão das muitas brechas feitas no fundo e nas laterais, afundou. No fim das contas, fiquei feliz por não ter sido espectador da destruição que causaram. Estou confiante de que isso teria me tocado sensivelmente.

Dormi um sono pesado e cheio de sonhos perturbadores com o lugar que havia deixado e dos perigos que havia vivido. Quando acordei, algumas horas depois, me sentia recuperado. Eram cerca de oito da noite. O capitão, preocupado com minha saúde, ordenou o jantar imediatamente. Ele me tratou com grande bondade e atenção. Pediu para que eu não falasse sem parar, pois, talvez por cansaço, eu dizia coisas totalmente

sem sentido. Ele disse que poderíamos conversar com mais calma quando sozinhos e, caso esse fosse meu desejo, poderia contar-lhe em detalhes toda a história da minha viagem e como acabara à deriva naquele monstruoso baú de madeira. O capitão explicou que a primeira vez que me avistaram era por volta do meio-dia. Ele me viu à distância e ficou imaginando que tipo de embarcação era aquela. Então mandou um grupo em um bote investigar. Quando seus homens se aproximaram da caixa, se assustaram. Ao retornarem ao navio juravam ter visto uma caixa enorme de madeira boiando. Ele riu daquela loucura e entrou no bote, ordenando que seus homens o levassem para perto da tal caixa. Como o tempo estava calmo, remaram várias vezes ao redor do baú. Puderam então observar as janelas e treliças de arame, os dois grampos, e perceberam que a caixa, feita de madeira, não tinha nenhuma passagem para a luz. Ele então ordenou que seus homens prendessem um cabo em um dos grampos e rebocassem aquela caixa estranha até o navio. Ao chegar à embarcação, deu instruções para prenderem outro cabo no anel fixado na cobertura da caixa e içá-la com polias. Nesse momento, segundo o capitão, viram minha rústica flâmula para fora do buraco e concluíram que algum infeliz era prisioneiro da caixa. Perguntei se ele ou a tripulação, quando me descobriram no mar, viram também pássaros imensos

no ar. Ele respondeu que viu três águias voando em direção ao norte, mas que não eram maiores que o normal. Essa afirmação me levou a crer que as águias deveriam estar a uma altura gigantesca, e por isso pareciam comuns. O capitão, que me olhava cheio de dúvidas, não conseguia entender o motivo de minha pergunta. Perguntei então o quão longe estávamos da terra firme. Ele disse que, pelos seus cálculos, a terra firme mais próxima deveria estar aproximadamente a duzentos quilômetros de distância. Garanti a ele que seus cálculos estavam errados, e que deveríamos estar mais perto. Após minha afirmação, ele novamente passou a suspeitar que meu cérebro estava perturbado. Me pediu que descansasse um pouco mais, porém eu lhe assegurei que estava bem revigorado e completamente são. Ele então ficou sério e me perguntou se eu não estaria perturbado pela consciência de algum crime terrível que poderia ter cometido em algum país estrangeiro. Segundo ele, ser confinado naquele baú e lançado ao mar poderia muito bem ser algum tipo de punição. Disse ainda que aquilo era algo comum de se fazer com grandes criminosos, os quais eram lançados ao mar em uma embarcação cheia de vazamentos e sem provisões. Ele acrescentou que suas suspeitas se fundamentavam principalmente nas falas absurdas que eu havia proferido inicialmente a ele e seus marinheiros.

Implorei que tivesse paciência e ouvisse minha história, o que fiz fielmente, narrando desde minha partida da Inglaterra até o momento em que ele me encontrou no mar. E, como a verdade sempre abre o caminho para as mentes racionais, esse honesto e gentil cavalheiro, que tinha certo conhecimento e muito bom senso, foi imediatamente convencido da veracidade de minha história. Porém, para confirmar tudo o que havia dito, pedi a ele que ordenasse que meu armário fosse trazido. Quando o móvel chegou, peguei a chave que carregava no bolso e o abri. Ele então pôde ver a pequena coleção de raridades que recolhi no país onde havia vivido os últimos anos. Havia meu pente feito a partir das barbas do rei; um par de unhas da rainha; uma coleção de agulhas e alfinetes, cada um com cerca de meio metro de comprimento; quatro ferrões de vespa pregados em uma tábua como se fossem tachinhas de marceneiro; algumas mechas de cabelo da rainha; um anel de ouro, que um dia ela me presenteou tirando-o do dedo mindinho e pousando-o sobre minha cabeça como se fosse um colar (eu ofereci o anel ao capitão em troca do tratamento que havia recebido, mas ele prontamente recusou); um enorme olho de peixe, retirado por mim do pé de uma das damas que trabalhavam na corte — para o qual quando voltei à Inglaterra mandei

fazer um pedestal de metal; e, por fim, mostrei a ele as calças que eu usava na época, feitas da pele de um rato.

O capitão observou tudo com grande curiosidade. A única coisa que aceitou como presente foi um dente retirado por um dentista inábil — pois o dente não tinha por que ter sido extraído da boca de um dos servos do reino. O dente era enorme e sólido. Eu o mantinha limpo em meu armário. Tinha cerca de trinta centímetros de comprimento e dez centímetros de diâmetro.

O capitão ficou muito impressionado com tudo aquilo. Disse que, quando retornássemos à Inglaterra, eu deveria tornar todas aquelas coisas públicas. Respondi dizendo que vivíamos em uma época na qual éramos oprimidos por livros de viagens, uma época com tantas histórias publicadas que a única coisa que poderia ser publicada agora era uma história realmente extraordinária, pois muitos desses relatos eram mais baseados na própria vaidade do viajante do que em fatos reais, ou para mera diversão de leitores ignorantes. Minha viagem era repleta de excentricidades. Concluí dizendo que se minha história fosse publicada, ela não seria feita de eventos comuns, não teria meras e cansativas descrições ornamentais de plantas, árvores, pássaros, animais estranhos ou dos costumes bárbaros e da idolatria praticada por pessoas selvagens, as quais abundam nas obras de muitos escritores.

No entanto, agradei a ele por seus bons conselhos e prometi levar tudo aquilo em consideração.

Ele observou que eu falava muito alto. Por essa razão, quis saber se o rei ou a rainha daquele país sofriam com problemas de audição. Eu disse que como estava acostumado, há mais de dois anos, a falar com aquelas pessoas com voz de trovão, que acabara criando esse hábito de elevar a voz. Disse que, apesar de ouvi-lo perfeitamente, sua voz parecia apenas um sussurro. Expliquei que no país em que vivi, falar como um homem na rua era o mesmo que tentar conversar, desde o chão, com alguém que está no alto de uma torre. Eu também disse a ele que, por ter convivido tanto tempo com essas pessoas enormes, ao entrar em seu navio, tivera a sensação de que os marinheiros à minha volta eram anões. De fato, naquele país meus olhos se acostumaram a objetos tão descomuns que, por fim, criei uma ideia desprezível de mim e de todos aqueles que tinham uma altura semelhante à minha. O capitão, por sua vez, observou admirado que enquanto jantávamos, eu continha minha risada. Inicialmente, acreditou ser algum tipo de distúrbio mental. Na verdade, eu disse, acabara me acostumando ao tamanho das coisas daquele reino de gigantes. Por isso, os pratos do navio pareciam do tamanho de três centavos de prata e as xícaras iguais a uma casca de noz. Segui descrevendo o resto das coisas naquele

navio indefinidamente. Somente depois de um certo tempo minhas ideias se adequaram à minha própria pequenez. O capitão entendeu aquilo muito bem e concluiu dizendo que teria dado de bom grado cem libras para poder ver a águia que havia me carregado para o mar. Certamente, aquela seria uma visão surpreendente, digna de ser transmitida para as gerações futuras.

O capitão, que retornava à Inglaterra desde a Ásia, enfrentou ventos fortes dois dias depois de meu embarque. Por essa razão, navegamos para o sul. Depois, ao longo da costa da Nova Holanda, mantivemos nosso rumo oeste-sudoeste, e depois sul-sudoeste, até dobrarmos o Cabo da Boa Esperança. Nossa viagem foi muito próspera, mas não vou incomodar o leitor com um diário dela. O capitão entrou em um ou dois portos e enviou seus botes para obter suprimentos e água fresca. Eu não saí do navio até a Inglaterra, o que ocorreu no terceiro dia de junho de 1706, cerca de nove meses após minha fuga. Ofereci deixar minhas mercadorias como garantia de pagamento de meu frete: mas o capitão protestou dizendo que não aceitaria nenhum pagamento. Nos despedimos gentilmente e eu o fiz prometer que viria me visitar em Redriff. Contratei um cavalo e um guia por cinco xelins, os quais pedi emprestado ao capitão.

Na estrada, ao observar a pequenez das casas, das árvores, do gado e das pessoas, lembrei Lilliput. Surgiu em mim o medo de pisar em algum viajante. Cheguei inclusive a pedir, em voz alta, que saíssem do caminho, para evitar que eu, de algum modo, os ferisse.

Quando cheguei à minha própria casa, um dos criados abriu a porta. Eu me abaixei para entrar por medo de bater a cabeça. Minha esposa correu para me abraçar. Eu então dobrei meus joelhos e me abaixei, pois acreditava que ela não seria capaz de alcançar minha boca. Minha filha se ajoelhou para pedir minha bênção, porém, eu não a vi. Só percebi sua presença depois que ela se levantou. Olhei para os criados e para um ou dois amigos que estavam na casa como se fossem anões e eu um gigante. Eu disse à minha esposa que ela e minha filha estavam muito magras, que pareciam ter passado fome. Inclusive chamei sua atenção para essa frugalidade desnecessária. Em suma, me comportei de maneira inexplicável. Senti que havia enlouquecido. Menciono isso como um exemplo do grande poder que o hábito e o preconceito podem exercer sobre um indivíduo.

Pouco tempo depois, eu, minha família e meus amigos chegamos a um entendimento da situação. Isso, no entanto, não ocorreu sem eu ouvir minha esposa dizer:

— Você não deve nunca mais retornar ao mar!



Apesar dessa recomendação, meu destino maligno apontava exatamente para a direção oposta, como o leitor poderá comprovar no futuro. Nesse meio tempo, concluo aqui a segunda parte de minhas desditosas viagens.



## **Parte III**

**Viagem a Laputa,  
Balnibarbi,  
Luggnagg,  
Glubbdubdrib e  
Japão**



# CAPÍTULO 1

*O autor inicia sua terceira viagem, acaba preso por piratas e aprende algumas coisas sobre a malandragem e a crueldade dos holandeses. Chegada à ilha e recepção em Laputa.*

**E**u estava em casa há uns dez dias quando o capitão William Robinson, um homem da Cornualha, comandante do *Boa Esperança*, um navio de trezentas toneladas, chegou à minha casa. Eu já havia sido cirurgião de outro navio comandado por ele, em uma viagem ao Levante. Era um sujeito muito educado, que sempre me tratou como um irmão, jamais como subordinado. Quando ele soube que eu havia regressado, decidiu me visitar. Num primeiro momento pensei que queria apenas rever um velho amigo. Depois, após perguntar várias vezes sobre minha saúde, finalmente acabou indagando se eu não estaria interessado em viajar para as Índias Orientais. Dias depois, veio o convite oficial: assumir o posto de médico do *Boa Esperança*. Disse que um outro médico atuaria como meu auxiliar e que meu salário seria o dobro do habitual em razão do conhecimento

que tinha em assuntos marítimos, o qual, segundo ele, era similar ao dele próprio. Dessa forma, eu seria uma espécie de médico e subcomandante.

Eu sabia que não poderia rejeitar a proposta feita por aquele homem honesto. A sede que eu tinha de ver o mundo, apesar dos meus infortúnios passados, continuava muito poderosa. A única dificuldade que me restava era convencer minha esposa, cujo consentimento eu obtive quando demonstrei a perspectiva de segurança econômica que o novo salário representaria para os nossos filhos.

Partimos no dia 5 de agosto de 1706 e chegamos ao Forte de São Jorge,<sup>6</sup> em 11 de abril de 1707. Ficamos três semanas lá para recuperar os muitos doentes de nossa tripulação. Dali, fomos para Tonquim,<sup>7</sup> onde o capitão decidiu permanecer

---

6 Texto se refere à fortaleza de Elmina (Castelo de São Jorge da Mina), em Gana, construída por portugueses na África subsaariana. O local é um dos principais pontos da tétrica história da escravidão no continente africano. Nesta fortaleza ficavam aprisionados homens e mulheres que eram enviados para o Brasil e outras partes do mundo, principalmente durante os séculos 16 e 17. Portugueses, ingleses e holandeses que praticavam o tráfico de pessoas usavam Elmina como entreposto comercial. É possível dizer que Elmina é um dos símbolos do holocausto que foi a escravidão para os povos africanos.

7 Península situada no Sudeste Asiático entre a China e a Índia, daí o nome Indochina. Atualmente, nesta região, ficam os países do Laos, Camboja e Vietnã.

por algum tempo, pois muitas das mercadorias que pretendia comprar não estavam prontas e ele não poderia esperar vários meses para que tais itens fossem despachados. Portanto, na esperança de quitar algumas dívidas que havia contraído, o capitão adquiriu uma embarcação menor, carregou-a com várias mercadorias que se costumava negociar naquela área, colocou catorze homens a bordo do novo barco, três dos quais eram da região, me nomeou comandante do pequeno barco e me deu poder para navegar enquanto ele concluía seus negócios em Tonquim.

Havia três dias que navegávamos quando uma grande tempestade surgiu. A força da tormenta nos levou durante cinco dias para o Norte-nordeste e, posteriormente, para o Leste. Depois disso enfrentamos por um bom tempo um forte vendaval vindo do Oeste. No décimo dia, dois navios piratas começaram a nos perseguir e logo nos alcançaram. Isso ocorreu porque minha pequena embarcação de dois mastros navegava devagar por estar muito carregada. Quando os piratas nos atacaram, não estávamos em condições de nos defender.

Fomos abordados furiosamente e praticamente ao mesmo tempo pelos dois navios. Rapidamente, os piratas perceberam nossa debilidade. Eles pararam quando viram que estávamos, por ordem minha, todos deitados de bruços.

Fomos então amarrados. Alguns piratas ficaram de guarda enquanto outros revistavam a embarcação.

Observei que entre eles havia um holandês, que parecia ter alguma autoridade, embora não fosse comandante de nenhum dos navios. Ele sabia que, por nossa aparência, éramos ingleses. Sua vontade, segundo ele mesmo disse, era jogar todos nós ao mar amarrados uns aos outros. Eu, que falo holandês razoavelmente bem, disse a ele quem éramos e implorei, em nome da proximidade religiosa entre cristãos e protestantes e dos vínculos históricos entre nossas nações europeias, que ele nos levasse aos capitães e intercedesse por nós. Ao contrário do que eu esperava, isso inflamou ainda mais sua raiva. Ele repetiu suas ameaças e, voltando-se para seus companheiros, falou com grande veemência na língua japonesa, como suponho, frequentemente usando o termo “cristãos” no meio de suas frases.

O maior dos dois navios piratas era comandado por um capitão japonês, que falava e entendia alguma coisa de holandês. Ele fez várias perguntas às quais respondi com a maior humildade possível. No final da conversa, o capitão japonês decidiu que nós não seríamos mortos. Eu então fiz uma reverência, abaixando-me o máximo que podia. Em seguida, me virei para o holandês e disse que me sentia muito decepcionado por ter recebido mais misericórdia de um



pagão, como o capitão japonês, do que de um irmão cristão como ele. Rapidamente percebi o erro que havia cometido, pois o holandês se mostrou ainda mais disposto a convencer os capitães piratas a nos atirarem ao mar. Apesar de suas tentativas, minha tripulação foi dividida entre os dois navios, enquanto eu fui posto em um pequeno bote com algumas provisões que me permitiriam sobreviver durante uns três ou quatro dias no mar, não mais do que isso. Por fim, o capitão japonês se mostrou ainda mais piedoso, pois retirou de suas provisões pessoais mais alguns mantimentos e os deu para mim. Ele também não permitiu que eu fosse revistado. Eu fui levado até o pequeno bote enquanto o holandês gritava em minha direção todos os tipos de palavrões e xingamentos que sua língua possuía.

Aproximadamente uma hora antes de os piratas começarem a perseguir nossa embarcação, eu havia feito uma anotação que indicava que estávamos na latitude 46° N. e longitude 183°. Depois, quando finalmente consegui me afastar dos navios piratas no meu pequeno bote, avistei várias ilhas ao sudeste. Aproveitei o bom vento e hasteei minha vela. Assim, cheguei à ilha mais próxima em cerca de três horas. O local era rochoso. No entanto, em razão da enorme quantidade de pássaros, consegui pegar muitos ovos. Juntei algas secas e acendi um fogo no qual assei parte

dos ovos que havia pegado. Essa foi minha única refeição. Eu pretendia poupar minhas provisões o máximo possível. Passei a noite sob o abrigo de uma pedra, deitado em algas secas que espalhei pelo chão. Dormi muito bem.

No dia seguinte, naveguei em direção à outra ilha, depois para a terceira e a quarta. Às vezes, usava minha vela; outras, meus remos. Contudo, para não incomodar o leitor com um relato dessas angústias, basta afirmar que, no quinto dia, cheguei à última ilha do arquipélago.

Essa ilha estava a uma distância maior do que eu havia calculado. Por essa razão, só a alcancei após passar cinco horas remando. Eu tive de circundar o local até encontrar um lugar conveniente para atracar. Fiz isso em um pequeno riacho, que tinha, mais ou menos, três vezes a largura da minha canoa. O local também era muito rochoso, apesar dos pequenos tufo de grama e ervas de cheiro adocicado. Tirei minhas pequenas provisões do bote e as guardei em uma caverna; em seguida, peguei muitos ovos nas rochas e os coloquei junto às minhas coisas; também recolhi uma quantidade de algas secas, que eu pretendia acender no dia seguinte para assar os ovos que eu havia recolhido, pois tinha comigo fósforos e vidro. Depois, me banhei no rio. Fiquei a noite inteira na caverna onde havia guardado minhas provisões. Minha cama era da mesma grama e algas secas que eu pretendia

usar para fazer fogo no dia seguinte. Dormi muito pouco, pois as preocupações prevaleceram sobre o cansaço e me mantiveram acordado a noite inteira. Fiquei pensando como seria praticamente impossível preservar minha vida em um lugar tão desolado e quão miserável seria meu fim. Isso me deixou tão apático e desanimado que não tive coragem de levantar. Quando tive ânimo suficiente para sair da caverna, o dia ia muito adiantado. Andei um pouco entre as rochas. O céu estava perfeitamente claro e o sol tão quente que fui forçado a desviar o rosto. De repente, tudo ficou escuro. Num primeiro momento eu pensei que fosse uma nuvem. Recuei alguns passos e percebi um vasto corpo opaco entre eu e o sol. Esse corpo avançava em direção à ilha na qual me encontrava. Parecia ter cerca de três quilômetros de altura e escondeu o sol atrás de si por seis ou sete minutos. Ao ponto de eu perceber uma mudança no ar, que ficou mais frio que à sombra de uma montanha. À medida que aquele objeto enorme se aproximava do local onde eu estava tive a impressão de que era uma substância firme, com o fundo plano, suave e muito brilhante, em razão do reflexo emitido pelo mar que estava logo abaixo desse corpo. Eu tirei minha luneta do bolso e pude ver claramente inúmeras pessoas subindo e descendo pelas laterais do enorme objeto voador. No entanto, não fui capaz de entender o que elas faziam ali.

O amor natural que todos temos pela vida produziu em mim um sentimento de alegria. Acreditei que minha situação pudesse, de um jeito ou de outro, mudar. Surgiu em mim a esperança de que aquelas pessoas poderiam me retirar da condição de isolamento na qual me encontrava. Ao mesmo tempo, o leitor pode imaginar o meu espanto. Eu estava ali contemplando uma ilha flutuando no ar, habitada por homens que me pareciam capazes de levantá-la aos céus ou trazê-la ao mar, como bem quisessem. Minha situação, contudo, não me colocava, naquele momento, em disposição de filosofar sobre tal fenômeno. Ao invés disso, preferi observar o rumo que a ilha seguiria, porque me pareceu que ela acabaria parando em algum ponto. Conforme ela foi se aproximando, eu pude ver suas laterais cercadas por várias gradações de galerias e escadas, a certos intervalos, as quais eram utilizadas para descer e subir. Na parte mais baixa, vi algumas pessoas pescando com longas varas enquanto outras observavam. Acenei com meu lenço em direção à ilha. À medida que ela se aproximava eu gritava cada vez mais alto. Não demorou para um pequeno grupo de pessoas se reunir no lado que estava mais perto de mim. Vi que alguns deles me descobriram, embora não respondessem aos meus gritos. Pude ver também quatro ou cinco homens subindo as escadas em desabalada carreira. Eles partiram em direção ao topo da

ilha. Conjecturei que eles certamente se dirigiam à presença de alguma autoridade, à qual informariam a meu respeito.

O número de pessoas aumentou e, em menos de meia hora, a ilha foi deslocada e ajeitada de tal maneira que a galeria mais baixa ficou a um paralelo de menos de cem metros de distância da altura do local onde eu estava. Me coloquei na postura mais suplicante possível e falei com o sotaque mais humilde que conhecia, mas não recebi resposta. Aqueles que estavam mais próximos de mim pareciam pessoas distintas. Conversaram entre si, olhando-me frequentemente. Por fim, um deles me dirigiu a palavra em um dialeto claro, educado e suave, não muito diferente do italiano. Por essa razão, respondi utilizando aquele idioma, na esperança de que pelo menos a cadência da minha fala fosse mais agradável aos ouvidos daquelas pessoas. Apesar de ninguém ter entendido o que eu havia falado, eles perceberam a situação angustiante na qual me encontrava.

Fizeram então sinais para eu descer da rocha e seguir em direção à costa, o que eu atendi prontamente. Enquanto isso, a ilha voadora foi posicionada a uma altura conveniente, bem próxima e diretamente sobre mim. Em seguida, uma corrente foi baixada da galeria inferior. Ela tinha um assento preso na ponta, no qual me sentei para ser imediatamente içado.

## CAPÍTULO 2

*Sobre os humores, as inquietudes, os medos, a educação e as disposições dos laputianos. A corte local, o rei e a recepção que o autor recebeu. Apontamentos sobre as mulheres daquele reino.*

**A**o ser içado e chegar àquela ilha flutuante, me vi cercado por pessoas que pareciam ser da melhor qualidade. Eles me receberam com admiração. Eu, pessoalmente, jamais vira uma raça de mortais tão singular. Todos tinham as cabeças reclinadas, à direita ou à esquerda; um olho virado para dentro, feito um vesgo; outro olhando para o alto, diretamente para a direção do zênite. Suas vestes eram adornadas com figuras de sóis, luas e estrelas. Além desses ornamentos eles também traziam em suas roupas imagens de violinos, flautas, harpas, trombetas, guitarras, cravos e muitos outros instrumentos musicais, alguns deles desconhecidos aos meus olhos europeus. Observei, aqui e ali, indivíduos vestidos como criados, portando bexigas cheias de ar amarradas a linhas presas ao fim de gravetos, que eles carregavam nas mãos. Dentro de cada bexiga havia

uma pequena quantidade de ervilhas secas, ou pedrinhas, como fui informado posteriormente. Com essas bexigas, de vez em quando, eles batiam na boca e nos ouvidos daqueles que estavam perto deles. Naquele momento, não consegui entender qual era o significado daquilo. Me pareceu que as mentes daquelas pessoas estavam tão ocupadas com intensas especulações, que elas não eram capazes de prestar atenção aos discursos uns dos outros. Só depois descobri que aquilo servia para que a atenção dessas pessoas se voltasse a um determinado ponto. Assim, elas precisavam ser despertadas por alguma ação externa sobre seus órgãos auditivos e da fala. Por esse motivo, as pessoas que podiam pagar mantinham uma ajudante (na língua deles essa pessoa é chamada de *climenole*) na família, uma espécie de funcionária doméstica. Essa figura era tão importante que as famílias não passeavam ou faziam visitas sem a presença delas. Basicamente, o trabalho dessas pessoas era golpear gentilmente com a bexiga a boca daquele que vai falar e a orelha direita daqueles aos quais o orador se dirige. A bexiga também é empregada para ajudar os senhores em suas caminhadas e, ocasionalmente, para tocar suavemente em seus olhos. Como seus amos estavam sempre envolvidos em cogitações, sempre corriam o risco de cair em buracos, precipícios ou de bater a cabeça em algum lugar nas ruas. Esse serviço também evitava que

os senhores acabassem caminhando sem destino ou para os locais mais absurdos.

Acredito que seja necessário oferecer essas informações para os leitores. Sem elas seria praticamente impossível compreender o comportamento desse povo. A prova da necessidade dessas bexigas surgiu sem demora. Enquanto eu era encaminhado para o palácio real, que ficava no ponto mais alto da ilha, aqueles que me acompanhavam esqueceram diversas vezes para onde estávamos indo. Só se lembravam do nosso destino quando as bexigas eram batidas contra suas orelhas e bocas pelos serviçais. Não fosse isso, eles simplesmente não se lembrariam de quem eu era e por que estávamos ali.

Depois de muita bexigada nas orelhas, nas bocas e nos olhos, finalmente chegamos ao palácio real. Seguimos direto para a sala do trono, onde o monarca recebia visitantes e despachava as questões daquele reino. Ao seu redor estavam as figuras de mais destaque da corte. Em frente ao trono havia uma mesa cheia de globos, esferas e instrumentos matemáticos de todos os tipos. Sua majestade não prestou a menor atenção à nossa chegada, apesar da entrada barulhenta que realizamos e da curiosidade gerada em muitas das pessoas que ali estavam. O rei, por sua vez, estava mergulhado em um problema matemático. Por essa razão, ficamos ali cerca



de uma hora, esperando que ele resolvesse a equação. De cada lado do rei ficava um jovem serviçal com uma bexiga amarrada em um graveto. Eles se alternavam: um batia gentilmente na boca do monarca; outro, na orelha direita do rei. A cada batida, ele parecia acordar de um sonho para retomar sua atenção à questão matemática que buscava resolver. Em um desses momentos, ele olhou para mim e para a pequena multidão que me acompanhava, sobre quem ele já havia sido alertado algumas vezes por seus assessores. Por fim, o rei nos dirigiu algumas palavras. Imediatamente, um dos assessores reais veio em minha direção e bateu gentilmente uma bexiga no meu ouvido direito. Eu, de minha parte, fiz da melhor maneira possível sinais para ele e todas as pessoas ali. Tentei demonstrar que eu não entendia o que estava ocorrendo e qual era o sentido daquele instrumento e das batidas dele no meu ouvido. Depois eu descobri que tanto o rei quanto sua corte ficaram com uma péssima impressão da minha capacidade de entendimento após essa pequena confusão. O rei, pelo que eu pude perceber, me perguntou diversas coisas. Eu respondi em todos os idiomas que conhecia, porém, sem sucesso. Aquele impasse na comunicação demonstrou que eu não seria capaz de entendê-los e vice-versa. O rei então ordenou que eu fosse encaminhado a um dos aposentos do palácio (isso mostrou como aquele monarca se distinguia por

sua hospitalidade e pela maneira que tratava os estrangeiros). Dois servos foram apontados para me levar até meus aposentos. Depois, trouxeram comida e quatro membros da corte real fizeram a gentileza de jantar comigo. Foram servidos dois menus, com três pratos cada. O primeiro menu era um prato de carne de carneiro cortada em formato de triângulo equilátero, um pedaço de carne em formas romboides e um pudim no formato cicloide; o segundo, formado por dois patos amarrados imitando o formato de violinos, salsichas e pudins parecidos com flautas, além de um peito de vitela em forma de harpa. Os criados cortaram nosso pão em cones, cilindros, paralelogramos e várias outras figuras matemáticas.

Enquanto jantávamos, me atrevi a perguntar os nomes de várias coisas em seu idioma e aqueles nobres, com a ajuda de seus serviçais, adoraram me dar respostas, esperando aumentar minha admiração por suas grandes habilidades. Assim, aprendi a pedir pão e bebida.

Depois do jantar, os nobres que me acompanhavam se retiraram. Enquanto isso, uma pessoa foi enviada até mim por ordem do rei. Ele, que estava acompanhado de um serviçal, trouxe consigo pena, tinta e papel e três ou quatro livros. Por fim, percebi que era um professor, enviado para me ensinar o idioma daquele povo. Ficamos quatro horas juntos, tempo em que escrevi um grande número de

palavras e suas respectivas traduções. Aprendi várias frases curtas ao ver meu tutor ordenar seu servo a buscar algo, se virar, fazer uma reverência, sentar-se, se levantar, andar etc. Eu, por minha vez, anotava todas aquelas ordens por escrito. Ele também me mostrou, em um de seus livros, as figuras do sol, da lua e das estrelas, do zodíaco, dos trópicos e dos círculos polares, juntamente com as denominações de muitas planícies e sólidos. Além disso, disse os nomes e as descrições de todos os instrumentos musicais e os termos gerais da arte de tocar cada um deles. Quando ele saiu, coloquei todas as palavras, com suas interpretações, em ordem alfabética. Assim, em alguns dias, com a ajuda de minha boa memória, consegui entender o idioma deles. A etimologia da palavra que dá nome à ilha voadora ou flutuante Laputa está na junção dos termos *Lap*, que pertence a uma linguagem antiga e significa “alto”, e *untuh*, que significa “governador”. A palavra Laputa seria uma derivação da união desses dois *Lapuntuh*. No entanto, eu não aprovo essa derivação, que me parece um tanto quanto improvável. Por essa razão, eu me atrevi a oferecer aos estudiosos e gramáticos da ilha uma outra conjectura: a meu ver, o termo Laputa deriva da expressão “*quasi lap outed*”, na qual “*lap*” significava a dança dos raios de sol no mar; “*outed*” seriam as asas. Porém, não

pretendo impor minha tese, prefiro submetê-la ao juízo dos meus criteriosos leitores.

As pessoas que o rei havia indicado para cuidar de mim decidiram que eu deveria fazer novas roupas, pois as minhas estavam em frangalhos. No dia seguinte, recebi a visita de um alfaiate. Ele primeiro mediu minha altura utilizando um quadrante. O resto das minhas medidas, ele inferiu utilizando regras matemáticas. Segundo ele, assim seria possível determinar as dimensões e os contornos de todo meu corpo. Seis dias depois recebi roupas muito malfeitas e completamente fora de padrão. Certamente, produto dos erros de cálculo do alfaiate. No fim das contas, concluí que meu conforto naquele reino era um detalhe com muita frequência pouco considerado.

Durante meu confinamento, enquanto minha roupa estava sendo produzida e em razão de uma indisposição que senti durante alguns dias, aproveitei para ampliar meu vocabulário. Quando voltei à presença do rei e do resto da corte, consegui entender muitas coisas, inclusive responder algumas perguntas. Pelo que entendi, o rei ordenou que a ilha se movesse para nordeste e leste, até ficar exatamente sobre Lagado, a metrópole do reino abaixo, em terra firme. O local ficava a uma distância de aproximadamente quatrocentos quilômetros. Nossa viagem durou quatro dias e meio. O

movimento progressivo da ilha pelo ar era muito tranquilo e agradável. Na segunda manhã dessa viagem, por volta das onze horas, o próprio rei, acompanhado por vários membros da corte e alguns oficiais do seu governo, afinaram e tocaram instrumentos musicais durante três horas sem intervalo. Pessoalmente, fiquei um tanto zozinho com o barulho, o qual sequer consegui entender o significado. Só depois meu tutor me informou que aquela era a música das esferas, para a qual as pessoas daquele reino tinham os ouvidos adaptados. Em função dessa habilidade, eles sempre tocavam a tal música das esferas em determinados períodos. Meu tutor chegou a dizer que todas as pessoas da corte sabiam tocar algum tipo de instrumento.

Durante nossa jornada em direção a Lagado, a capital, o rei ordenou que a ilha parasse sobre certas cidades e vilas, assim ele poderia receber petições de seus súditos. Para esse fim, foram baixados barbantes com pequenos pesos na ponta. Neles, as pessoas prendiam suas petições, que posteriormente eram içadas e apresentadas ao rei. Às vezes, os barbantes traziam também vinhos e mantimentos.

Meu conhecimento matemático me ajudou compreender a fraseologia daquele povo, que fazia tudo a partir desse ramo do saber e da música, área que eu conhecia muito pouco. As ideias das pessoas daquele reino sempre traziam consigo

linhas e figuras geométricas. Quando, por exemplo, elogiavam ou descreviam a beleza de uma mulher, ou qualquer outro animal, usavam para isso metáforas que incluíam losangos, círculos, paralelogramos, elipses e outros termos geométricos. Também faziam o mesmo com termos e noções tiradas da música. Observei ainda que na cozinha do castelo havia todos os tipos de instrumentos matemáticos e musicais, nos quais os cozinheiros se baseavam para preparar e dar forma às comidas que eram servidas à mesa real.

As casas daquele reino eram inusitadas, para dizer o mínimo. Nenhuma delas apresentava um ângulo reto, isso porque eles julgavam a geometria prática como algo vulgar e mecânico. Como as instruções matemáticas que eles davam aos pedreiros do reino eram sofisticadas e complexas demais, era muito comum que as casas apresentassem inúmeros equívocos arquitetônicos. Tudo isso porque, embora todos fossem muito hábeis ao tratar de questões matemáticas em um pedaço de papel, quando essas regras tinham de ser aplicadas às questões práticas e comuns da vida, eles invariavelmente se mostravam desajeitados, inábeis e esquisitos. Na verdade, em assuntos que não fossem matemática e música, eles eram lentos e rasos em suas concepções. No geral, aquelas pessoas se mostravam péssimas para desenvolver pensamentos minimamente razoáveis. Muita vez, opunham-se veementemente

a algo apenas para demonstrar sua disposição à polêmica. Na maioria dos casos, eles sequer estavam preocupados em defender a opinião correta. Imaginação, fantasia e invenção eram coisas totalmente estranhas àquelas pessoas. Prova disso é que em sua língua não há nenhuma palavra capaz de expressar tais ideias. A bússola dos pensamentos e das mentes daquele povo encerra-se nessas duas ciências: matemática e música.

A maior parte deles, especialmente aqueles que lidam com o mundo dos astros, descambam para uma espécie de astrologia judiciária, apesar de publicamente jamais assumirem tal posicionamento. Outra coisa que muito me chamou a atenção foi a forte disposição que eles demonstravam ao participar do debate político, continuamente se metendo em assuntos públicos, muita vez julgando questões de Estado e criticando ou apoiando apaixonadamente toda e qualquer opinião política. Curiosamente, percebi a mesma disposição em praticamente todos os matemáticos europeus que conheci, embora sem jamais ter sido capaz de descobrir a menor analogia que fosse entre as duas ciências, a política e a matemática, excluindo que essas pessoas suponham que o menor círculo tem tantos graus quanto o maior e, por isso, a regulamentação e o gerenciamento do mundo não exigem mais habilidades do que o manuseio e a rotação de

um simples globo. Prefiro crer que isso seja o resultado de uma enfermidade muito comum na natureza humana: certa presunção e interesse em dominar assuntos que dominamos menos e aos quais somos menos adaptados tanto pelo estudo quanto pela natureza.

Os habitantes de Laputa vivem em constante inquietude, seu cotidiano atribulado não lhes permite sequer um minuto de paz de espírito. Paradoxalmente, tais angústias surgem de causas que afetam muito pouco ou quase nada o resto dos mortais. Essas apreensões são fruto das contínuas observações que eles fazem dos comportamentos dos corpos celestes. Por exemplo, quando a Terra se aproxima do Sol, como ocorre anualmente no periélio,<sup>8</sup> eles temem que o planeta possa ser engolido pelo astro de fogo; se assustaram também com a possibilidade de a superfície solar esfriar sua temperatura em alguns graus, o que causaria o endurecimento da crosta solar e jogaria o planeta Terra em uma escuridão perpétua; receiam que um cometa, ao passar próximo à Terra, possa reduzir tudo a cinzas com sua cauda de fogo; e, por fim, repetem constantemente os cálculos que fizeram sobre a possibilidade do planeta ser atingido

---

8 O periélio, que ocorre em janeiro, é o momento em que a distância entre a Terra e o Sol é a menor possível.



por esse mesmo cometa daqui 130 anos, o que certamente destruirá a todos nós. Assim, todo ano, durante o periélio, os moradores de Laputa apavoram-se com a possibilidade de a Terra se aproximar demais do Sol e receber uma quantidade de calor dez mil vezes mais intensa que a do ferro incandescente em brasa. Eles ansiosamente calculam para conferir se a Terra está passando a uma distância mínima de cem mil milhas do núcleo solar. Têm pesadelos com as rotas hipoteticamente catastróficas dos cometas. Inquietam-se todos os dias com a situação da crosta solar, angustiam-se pensando se o Sol não estaria gastando diariamente seus raios sem nenhum nutriente para supri-los, o que levaria o astro a ser finalmente consumido e aniquilado, o que, por sua vez, produziria a destruição desta Terra e de todos os planetas que dele recebem luz.

É tão constante o temor produzido por essas apreensões, que os habitantes de Laputa não conseguem dormir tranquilamente em suas camas, nem sentem prazer com os divertimentos comuns da vida. A primeira coisa que perguntam uns aos outros pela manhã é sobre as atuais condições da crosta solar, se o amigo acompanhou o pôr e o nascer do sol, se percebeu alguma modificação ou então se o conterrâneo está se preparando para o golpe do cometa que se aproxima. Nessa conversa, eles demonstram um comportamento

semelhante ao de crianças que escutam terríveis histórias de espíritos e duendes: ouvem avidamente uns aos outros, mas depois não ousam ir para a cama por medo.

As mulheres da ilha são todas cheias de energia e entusiasmo. No entanto, elas desprezam completamente seus maridos e gostam muito dos estranhos que sobem desde o continente para visitar a corte flutuante, seja pelos assuntos administrativos de sempre ou para rever seus familiares em Laputa. As damas, por seu turno, escolhem seus amantes sem qualquer constrangimento: o despudor reside exatamente na facilidade e segurança com a qual elas agem, pois como seus maridos estão subjugados por especulações siderais, os amantes podem agir com a maior intimidade diante de todos.

Esposas e filhas lamentam muito seu confinamento na ilha, embora eu ache que Laputa seja o local mais delicioso do mundo. Elas, por sua vez, embora vivam na maior abundância e magnificência e possam fazer o que bem entenderem, desejam sair de lá para ver o mundo e aproveitar as diversões da metrópole. O problema é que isso só é possível para quem recebe uma espécie de licença específica do rei, coisa que não é nem um pouco fácil de ser obtida, pois os homens da corte descobriram que era muito difícil convencer suas mulheres a retornarem quando elas conseguiam ir lá para baixo. Me foi dito que uma grande dama da corte, que tinha

vários filhos e era casada com o primeiro-ministro, o sujeito mais rico do reino, era uma pessoa muito graciosa e vivia no melhor palácio da ilha. Certa vez, ela desceu a Lagado para cuidar da saúde. Acabou se escondendo por vários meses ao ponto de o rei ter de expedir um mandado de busca para procurá-la. Ela foi encontrada em um refeitório obscuro, toda em trapos, após penhorar suas roupas para pagar um velho lacaio deformado, que a espancava todos os dias e em cuja companhia ela vivia. Muito contra sua vontade, ela foi retirada dessa situação. Depois, embora seu marido a tenha recebido com toda a gentileza possível e sem a menor censura, ela o traiu novamente. Pegou todas as joias da família e fugiu para viver com o mesmo amante. Após essa fuga, ela nunca mais foi vista.

Talvez o leitor fique com a impressão de essa ser, na verdade, uma típica história europeia ou inglesa e não de um país tão remoto. Nesse caso, por favor, peço que considere que os caprichos das mulheres não são limitados por nenhum clima ou nação. Eles são muito mais uniformes do que se pode imaginar.

Em cerca de um mês, eu havia adquirido razoável proficiência no idioma daquele reino. Assim, era capaz de responder à maioria das perguntas do rei, nos momentos em que tive a honra de ser recebido por ele. O rei, por sua vez,

não demonstrou nenhuma curiosidade a respeito das leis, do governo, da história, da religião e das maneiras dos países onde eu estivera. Sua principal preocupação estava relacionada às questões ligadas ao desenvolvimento da matemática no mundo. Por essa razão, meus relatos eram ouvidos por ele com grande desprezo e indiferença.

## CAPÍTULO 3

*Um fenômeno solucionado pela filosofia e a astronomia. Os avanços do povo de Laputa nos estudos dos astros. O método utilizado pelo rei para suprimir rebeliões.*

**D**urante minha estadia, decidi deixar a corte e sair para conhecer as curiosidades daquela ilha, o que o monarca graciosamente não só permitiu como ordenou que um tutor me acompanhasse. Basicamente, eu queria descobrir quais eram as causas, artificiais ou naturais, para os movimentos aéreos daquela ilha, aos quais eu oferecerei agora, ao leitor, uma explicação filosófica.

O formato da ilha voadora ou flutuante era circular, com um diâmetro de cerca de seis quilômetros e meio. A ilha possui trezentos metros de espessura. O fundo da ilha, para aqueles que a veem desde baixo, é um prato regular flutuante a uma altura de aproximadamente duzentos metros. Acima desse fundo liso encontram-se os vários minerais em sua ordem habitual e, depois deles, há uma camada de mofo rico, com dez ou doze pés de profundidade. A declividade da

superfície superior, das bordas ao centro, é a causa natural pela qual todos os orvalhos e as chuvas que caem sobre a ilha são transportados em pequenos riachos em direção ao meio, onde são esvaziados em quatro grandes bacias, cada uma medindo oitocentos metros. Dessas bacias, a água evapora durante o dia, o que impede efetivamente seu transbordamento. Além disso, como está no poder do monarca elevar a ilha acima das nuvens, ele pode impedir a queda de orvalho e chuva sempre que quiser, pois as nuvens mais altas não podem se elevar acima de três quilômetros, como afirmam os naturalistas.

No centro da ilha há um buraco com cerca de cinquenta metros de diâmetro, onde os astrônomos descem para uma grande cúpula, que é chamada *flandona gagnole*, ou “caverna do astrônomo”. Ela fica situada a uma profundidade de cem metros abaixo da superfície superior. Nessa caverna há vinte lamparinas que permanecem sempre acesas e lançam uma luz forte em todas as partes do local. Lá dentro é possível encontrar uma grande variedade de sextantes, quadrantes, telescópios, astrolábios e outros instrumentos astronômicos. A maior curiosidade, no entanto, da qual depende o destino da ilha, é um gigantesco ímã, no formato de lançadeira de tear. Tem seis metros de comprimento e, na parte mais grossa, pelo menos três metros. Esse ímã é sustentado por um eixo

muito forte e inflexível, que o atravessa pelo meio. O ímã está posicionado de tal maneira, tão exatamente no centro, que mesmo a mão mais fraca pode girá-lo. Ele está em um cilindro oco de cerca de um metro e meio de diâmetro, o qual, por sua vez, está colocado horizontalmente e é apoiado por oito pedestais, cada um com pouco mais de cinco metros de altura. No meio do lado côncavo da lançadeira há um entalhe de trinta centímetros de profundidade. Nele, as extremidades do eixo giram, conforme a ocasião.

Esse ímã não pode ser removido por força nenhuma porque o cilindro e os pedestais formam um único corpo com o fundo da ilha.

É esse ímã que faz a ilha subir e descer. É ele que direciona a ilha quando ela vai de um lugar para outro. Assim, Laputa funciona da seguinte maneira: o ímã que fica no meio dessa caverna possui, em um de seus lados, uma força de atração; no outro, uma força de repulsão. Quando o lado de atração é direcionado à terra firme, a ilha desce; quando a extremidade repelente aponta para baixo, a ilha sobe. Quando a posição da pedra é oblíqua, o movimento da ilha é o mesmo, pois nesse ímã as forças sempre agem em linhas paralelas à sua direção.

É esse posicionamento oblíquo que permite à ilha chegar a diferentes partes dos domínios do monarca. Para explicar

a maneira de como acontecem tais deslocamentos, deixe  $AB$  representar uma linha traçada através dos domínios de Balnibarbi, deixe a linha  $cd$  representar o ímã, sendo que  $d$  será o ponto de repulsão enquanto  $c$  é o ponto de atração, com a ilha acima de  $C$ : o ímã então deve ser colocado na posição  $cd$ , com sua extremidade de atração voltada para baixo; então a ilha será levada obliquamente para cima em direção a  $D$ . Quando chegar a  $D$ , gire o ímã sobre seu eixo, até atrair os pontos finais em direção a  $E$ , e então a ilha será levada obliquamente em direção a  $E$ ; onde, se o ímã for novamente girado sobre seu eixo até ficar na posição  $EF$ , com seu ponto de repulsão para baixo, a ilha subirá obliquamente em direção a  $F$ , onde, direcionando a extremidade de atração para  $G$ , a ilha poderá ser transportada para  $G$  e de  $G$  a  $H$ , girando o ímã de modo que sua extremidade repulsão aponte diretamente para baixo. E assim, mudando o posicionamento do ímã, sempre que isso ocorrer, a ilha será levada a subir e descer em movimentos oblíquos alternativamente para cima e para baixo, fazendo com ela se desloque pelo reino.

No entanto, é necessário observar que a ilha não pode se mover além da extensão dos domínios que estão logo abaixo nem pode se elevar acima da altura de seis quilômetros. Para os quais os astrônomos (que escreveram grandes ensaios relativos ao ímã) atribuem a seguinte razão: que a



virtude magnética não se estende além da distância de seis quilômetros e que o mineral que atua sobre a pedra nas entranhas da terra, e no mar, cerca de seis léguas distantes da costa, não é difundida por todo o globo, mas termina com os limites dos domínios do rei. Caso isso fosse possível, tornaria fácil, pela grande vantagem representada, que o rei da ilha flutuante fosse capaz de sujeitar qualquer país dentro do campo de atração desse ímã.

Também é importante apontar que quando o ímã é posto em paralelo ao plano do horizonte, a ilha fica parada. Nesse caso, suas extremidades, estando à mesma distância da Terra, agem com igual força: enquanto uma a puxa para baixo, a outra a empurra para cima. Assim, consequentemente, não ocorre nenhum movimento. É como se a ilha estivesse ancorada.

Esse ímã fica sob os cuidados de certos astrônomos, que, de tempos em tempos, alteram suas posições conforme o rei ordena. Esses astrônomos passam a maior parte de suas vidas observando os corpos celestes, o que fazem com a ajuda de telescópios muito superiores aos dos astrônomos ingleses e europeus. Pois, embora os maiores telescópios da ilha não tenham mais do que um metro de comprimento, eles são mais sofisticados e ampliam muito mais do que os nossos. Assim, mostram as estrelas com maior nitidez.

Essa vantagem lhes permitiu fazer descobertas superiores às dos astrônomos da Europa. Prova disso é que criaram um catálogo com mais de dez mil estrelas fixas, enquanto os maiores catálogos europeus possuem cerca de um terço desse número. Além disso, os astrônomos de Laputa descobriram duas estrelas menores, ou satélites, que giram em torno de Marte. Destes, um, o mais próximo, está a exatamente três de seus diâmetros de distância do centro do planeta primário; o outro, mais externo, a cinco diâmetros. O primeiro gira em torno de Marte em dez horas; o segundo, em vinte e uma horas e trinta minutos. Por essa razão, os quadrados de seus períodos estão dispostos na mesma proporção dos cubos de distância do centro de Marte. Isso, por sua vez, indica que os dois satélites são governados pela mesma lei de gravitação que influencia outros corpos celestes.

Eles também observaram noventa e três cometas e estabeleceram suas trajetórias e os períodos de suas passagens com grande exatidão. Se esses cálculos forem verdade (pois é o que eles afirmam com grande confiança), seria muito desejável que suas observações se tornassem públicas, por meio das quais a teoria dos cometas, que atualmente é muito débil e equivocada, pudesse ser levada à mesma perfeição de outras áreas da astronomia.

O rei de Laputa poderia ser o monarca mais absoluto do universo, bastava que formasse um ministério para se juntar a ele. No entanto, aqueles que têm suas propriedades abaixo, no continente, consideram que esse tipo de cargo possui mandato muito incerto, pois depende das vontades de uma única pessoa: o rei. Por esse motivo, o monarca nunca obteve apoio irrestrito dessa classe, a qual jamais consentiria em escravizar seu próprio país.

Quando uma cidade ou vila se amotina, é tomada por conflitos violentos ou se recusa a pagar os tributos, o rei utiliza duas maneiras para reconquistar a obediência de seus súditos. A primeira delas, que também é a mais moderada, consiste em manter a ilha flutuando sobre uma determinada cidade. Essa sombra constante impede que o local receba a quantidade necessária de sol e chuva, o que, por sua vez, produz doenças e escassez. Caso isso não resolva a questão, o rei determina então que sejam arremessadas grandes pedras contra o continente. As pessoas abaixo, sem a possibilidade de qualquer tipo de defesa além de se refugiar em cômodos subterrâneos como adegas ou cavernas, enquanto os telhados de suas casas são despedaçados, acabam se rendendo às vontades do monarca. Se mesmo assim eles continuarem se rebelando, o rei então prossegue para a solução final: deixa a ilha cair diretamente sobre as cabeças dos amotinados, o que

destrói completamente casas e moradores. No entanto, esta atitude extrema raramente é levada a cabo pelo rei, o qual certamente não está disposto a executá-la. Os ministros do reino também dificilmente o aconselhariam a adotar uma ação tão extremada, pois sabem que isso faria com que o povo os odiasse, o que representaria grande prejuízo para suas próprias propriedades, que estão todas lá embaixo, tendo em conta que a ilha é domínio exclusivo do rei.

Há também uma razão ainda mais ponderada, pela qual os reis deste país sempre foram avessos à execução de tão terrível ação, a menos que isso fosse algo de extrema necessidade. O motivo é o seguinte: se a cidade a ser destruída possuir rochas altas, como geralmente ocorre naquela região, isso provavelmente produziria outra catástrofe, pois tais pináculos altos ou pilares de pedra, em uma queda repentina, colocariam em risco o fundo e, conseqüentemente, a superfície da ilha. Essa, por ser um todo inflexível com cerca de duzentos metros de espessura, pode rachar caso venha a se chocar com uma rocha grande e pontiaguda. O povo, por sua vez, conhece muito bem tais riscos e entende que há, portanto, um limite para suas manifestações e suas rebeliões. Dessa forma, a população sabe até onde pode levar sua obstinação em relação à vida, à liberdade e às propriedades. E o rei, quando se sente muito provocado, determina

que a descida seja feita com grande gentileza, evitando assim quebrar o fundo da ilha, apesar de sempre afirmar que a razão dessa cuidadosa descida seja uma pretensa ternura que o monarca sente pelo seu povo. Caso o fundo se rompa, é de opinião de todos os seus filósofos que o ímã não poderia mais sustentar a ilha e toda a massa da cidade real cairia no chão de uma só vez.

Por uma lei fundamental desse reino, tanto o rei quanto seus dois filhos mais velhos não podem sair da ilha. A rainha também não pode deixar a ilha antes de ter filhos.

## CAPÍTULO 4

*O autor deixa Laputa. É transportado para Balni-barbi e chega à metrópole, da qual o capítulo oferece uma descrição, o que também é feito com o interior do país. O autor é recebido com muita hospitalidade por um grande senhor, com quem conversa sobre diversos tópicos.*

**E**mbora eu não possa dizer que fui maltratado naquela ilha flutuante, devo confessar que me senti negligenciado e, até certo ponto, desprezado. O rei e as pessoas da corte não apresentavam nenhuma curiosidade a meu respeito. Seus interesses eram praticamente todos voltados para a matemática e a música, áreas do conhecimento que eu dominava apenas razoavelmente e, por essa razão, acabei me tornando uma pessoa pouco considerada.

Além disso, depois que conheci todas as curiosidades da ilha, desejava muito deixá-la. Me sentia cansado daquelas pessoas. Eles eram de fato excelentes em duas ciências pelas quais eu tenho grande estima e nas quais não sou completamente desprovido de visão; mas eram tão abstraídos e

envolvidos em especulações que se tornavam companhias extremamente desagradáveis. Conversei apenas com mulheres, comerciantes e serviçais durante os dois meses de minha residência lá. O que, no final das contas, acabou me tornando uma pessoa extremamente desprezível. Infelizmente, essas eram as únicas pessoas das quais eu poderia receber alguma resposta razoável.

Eu também havia obtido, através de muito estudo, um grau razoável de conhecimento da língua deles. Com o passar das semanas, eu estava cansado de me limitar a receber tão pouca atenção e então eu resolvi deixar aquela ilha na primeira oportunidade.

Havia um importante senhor na corte, com certo parentesco com o rei. Ele era, se não me engano, primo de terceiro grau do monarca e somente por esse motivo era tratado com respeito. Nos bastidores, no entanto, esse senhor era considerado a pessoa mais ignorante e estúpida entre eles. Apesar dos grandes serviços que havia prestado para a coroa, era menosprezado por ter, segundo eles, um ouvido muito ruim para a música. Seus detratores também costumavam dizer que ele sempre errava o ritmo. Os professores, por sua vez, diziam que enfrentavam enorme dificuldade para ensiná-lo uma simples proposição matemática. Esse senhor foi o único que demonstrou prazer em me receber e me deu a honra de

uma visita. Sempre desejava ser informado sobre os assuntos da Europa, tanto sobre as leis como sobre os costumes. Também perguntava a respeito dos vários países por onde viajei. Me ouvia com grande atenção e fazia observações sábias sobre tudo. Ele possuía dois criados, mas nunca usava seus serviços, exceto quando estava na corte ou participando de algum cerimonial. Aliás, sempre ordenava que eles se retirassem para que pudéssemos conversar sozinhos.

Eu estava tão incomodado que acabei recorrendo a esse nobre senhor. Pedi que ele intercedesse em meu favor e falasse com o rei, dizendo ao monarca que era meu desejo deixar a ilha. Ele fez isso. Depois, contrariado e após me fazer várias ofertas para permanecer em Laputa, às quais eu agradeci e recusei, ele me informou que meu pedido seria atendido.

Assim, no dia 16 de fevereiro, me despedi do rei e de sua corte. O monarca me presenteou com cerca de duzentas libras. Já meu protetor me deu um valor ainda maior e, além disso, me ofereceu uma carta de recomendação a um amigo dele em Lagado, a grande metrópole daquele reino. Como estávamos pairando sobre uma montanha a cerca de três quilômetros de distância da grande cidade, fui descido desde a galeria mais baixa da ilha flutuante e me coloquei a caminho de Lagado.



O continente, na medida em que está sujeito ao monarca da ilha voadora, é conhecido pelo nome de Balnibarbi. Sua metrópole, como eu disse antes, chama-se Lagado. Senti uma certa satisfação quando me encontrei em terra firme. Caminhei até a cidade sem preocupações, pois estava vestido como um dos nativos e conhecia razoavelmente o idioma local. Logo descobri a casa da pessoa à qual eu havia sido recomendado. Apresentei minha carta e fui recebido com extrema gentileza por um senhor muito distinto e hospitaleiro cujo nome era Munodi. Ele me ofereceu um quarto em sua própria casa, onde permaneci durante minha estada.

Na manhã seguinte à minha chegada, ele me levou em sua carruagem para conhecer a cidade, que tem cerca da metade do tamanho de Londres. As residências eram todas estranhamente construídas e a maioria estava em mau estado de conservação. As pessoas caminhavam rápido nas ruas, tinham um certo aspecto selvagem, olhar fixo e geralmente vestiam trapos. Depois, passamos por um dos portões da cidade e percorremos cerca de cinco quilômetros no interior do país, onde vi muitos trabalhadores com vários tipos de ferramentas. Não consegui presumir a função daquelas ferramentas nem o que os trabalhadores faziam exatamente. Não pude deixar de admirar suas estranhas aparências, tanto na cidade como no campo. Pedi para que meu acompanhante

me explicasse por que as pessoas nas cidades e no campo pareciam tão ocupadas, porém, esse aspecto parecia não resultar em nada no país, pois não era possível perceber nenhum benefício produzido por essa população. Na verdade, era o contrário, o que se via era um campo pessimamente cultivado, casas mal planejadas, malcuidadas, algumas praticamente arruinadas. Logo, as expressões e o comportamento do povo não correspondiam a tanta miséria.

O senhor Munodi, pessoa do mais alto gabarito, havia ocupado o posto de governador de Lagado. Porém, tendo sido ele vítima de uma conspiração política criada por ministros, acabou dispensado do cargo acusado de incompetência. Apesar da sua saída ter ocorrido de maneira tão problemática, o rei o tratou com ternura, como um homem bem-intencionado, mas dotado de um entendimento desprezível das coisas.

Ao me ouvir censurar o comportamento dos líderes e dos habitantes daquele país, ele respondeu dizendo apenas:

— Eu não passei tempo suficiente entre eles para formar um julgamento. Acredito ser importante notar que diferentes nações do mundo apresentam costumes também diferentes.

Depois, quando retornamos ao seu palácio, ele pediu para que eu falasse mais sobre o que havia achado das construções da cidade. Perguntou quais eram, na minha opinião, os maiores absurdos daquele reino, e o que eu pensava das

roupas que as pessoas usavam. Ele fez tal pedido com seu jeito magnífico, sempre tranquilo e muito educado. Eu, de minha parte, respondi afirmando que a prudência que ele tinha em seu comportamento, somada a outras qualidades de seu espírito e à fortuna na qual vivia, o eximiram dos defeitos que a loucura e a mendicância haviam produzido em seus concidadãos. Sua resposta foi, na verdade, um convite. Segundo ele, se eu o acompanhasse até sua casa de campo, a aproximadamente trinta quilômetros de distância. Lá teríamos mais tempo livre para esse tipo de conversa. Eu disse ao meu nobre anfitrião que estava inteiramente à sua disposição. Assim, partimos na manhã seguinte.

Durante nossa jornada, ele me mostrou os métodos utilizados pelos agricultores na administração das terras daquele país. Todos eles me pareceram não fazer qualquer sentido. Isso porque, exceto em algumas poucas propriedades, não consegui descobrir uma espiga de milho sequer ou mesmo um campo gramado. Porém, em pouco mais de três horas de viagem, a cena se alterou completamente. Isso ocorreu quando chegamos a uma região muito bonita, onde ficavam as casas dos grandes proprietários. Eram todas bem construídas, os campos cercados, contendo vinhedos, campos de milho e belas pradarias. Aliás, não me lembro de ter visto uma paisagem mais agradável. Meu nobre anfitrião

percebeu a mudança em meu semblante e, após um suspiro, me indicou onde começava sua propriedade. Segundo suas explicações, nós agora seguiríamos dentro de suas terras até chegarmos à sua casa, a qual, ele me disse, seus compatriotas ridicularizavam e desprezavam, pois, para eles, meu nobre companheiro era um péssimo administrador, já que deixava tudo em tão miserável situação. Diziam que ele era um péssimo exemplo para o reino, que jamais seguiriam o modelo de um velho obstinado e fraco como ele.

Finalmente chegamos à sua residência, que era um belo exemplo da boa moradia construída de acordo com as melhores regras da arquitetura antiga. Nela havia fontes, jardins, passeios, alamedas e bosques todos dispostos com extremo bom gosto. Eu elogiei tudo o que vi, no entanto, meu nobre anfitrião não prestou a menor atenção. Por falta de um terceiro companheiro, me disse com um ar melancólico:

— Acredito que muito em breve vou ter de botar tudo abaixo porque sou obrigado. A moda atual é derrubar antigas casas na cidade e no campo para reconstruí-las no modo atual. Temo que terei também de destruir todas as plantações e lançar outras, no método agrário contemporâneo. Se não fizer isso, corro o risco de ser visto como alguém extravagante, casmurro, ignorante e talvez desagradar ainda mais o rei e as pessoas de bem de Laputa.

Por fim, ele resumiu a situação falando que há cerca de quarenta anos certas pessoas subiram a Laputa, por negócios ou diversão, e, após passarem cinco meses lá, voltaram com muito pouco conhecimento em matemática, mas cheios novas ideias, todas elas adquiridas naquela região arejada. Segundo ele, essas pessoas, ao retornarem, começaram a criticar muito a administração das coisas aqui embaixo. Passaram então a colocar defeito em tudo. Houve uma transformação total de todas as artes, ciências, línguas e manufaturas. Para esse fim, eles adquiriram uma patente real e ergueram uma academia para a formação de engenheiros em Lagado. Esses novos mestres vieram com novos métodos agrícolas e arquitetônicos. Surgiram então novos instrumentos e ferramentas para todos os ofícios e manufaturas. De acordo com eles, essas novas tecnologias permitiriam que um homem fosse capaz de fazer o trabalho de dez. Assim, um palácio que levava meses para ser erguido passou a ser construído em uma semana e com materiais tão resistentes que as novas construções durariam para sempre sem a necessidade de qualquer reparo. Também afirmavam que os frutos da terra ficariam maduros em qualquer estação do ano, ou melhor, na estação que eles julgassem mais adequada. Isso aumentaria em cem vezes a capacidade produtiva daquela região. O único inconveniente, conforme afirmou meu anfitrião,

é que nenhum desses projetos foi levado à perfeição. Por essa razão, todo o país acabou tomado pela miséria, com as casas em ruínas e as pessoas sem comida ou roupas. Porém, ao invés de repensar sua estratégia, esses novos mestres se tornaram ainda mais violentamente empenhados em seguir seus fracassados planos. Eram, de acordo com meu nobre companheiro, todos movidos igualmente pela esperança e pelo desespero. Ele, no entanto, não sendo um homem de espírito empreendedor, contentou-se em manter sua propriedade e sua produção nos moldes antigos. Decidiu continuar agindo como seus antepassados em todas as partes da vida, sem inovação. Isso fez com que membros da nobreza e muitos dos novos mestres passassem a olhá-lo com desprezo e má vontade. Julgavam meu querido anfitrião um inimigo da arte, um homem ignorante, que preferia viver na sua vida feliz, farta e preguiçosa ao trabalhar pela melhoria geral do país.

Por fim, não disse mais nada para não antecipar a surpresa e o indubitável prazer que eu sentiria quando finalmente visitasse essa grande academia de novidades, para onde ele estava decidido a me levar quando retornássemos à cidade. Depois disso, me levou para ver um prédio em ruínas, ao lado de uma montanha a cerca de cinco quilômetros de distância, onde me contou que anteriormente existia um ótimo moinho, que ajudava na produção de comida e no

fornecimento de água para sua família e um grande número de inquilinos. Cerca de sete anos atrás, um grupo de novos engenheiros o procurou para apresentar um projeto que incluía a destruição daquele moinho e a construção de um novo depósito de água, a qual seria transportada por tubos e motores para abastecer um novo moinho. Isso porque, segundo eles, o vento e o ar do novo local, que ficava no alto da montanha, era ideal para receber a nova construção. Lá, os fortes ventos agitariam a água, tornando o moinho mais produtivo. A água, ao descer por um declive próximo à nova construção, moveria o moinho com metade da água que fazia funcionar o antigo. Meu anfitrião me explicou que não queria fazer a tal obra, pois estava feliz com o antigo moinho, porém, temendo se tornar *persona non grata* na corte e sendo pressionado por muitos de seus amigos, acabou aceitando. A obra, após empregar cem homens por dois anos, foi um fragoroso fracasso. Os engenheiros, por sua vez, colocaram toda a culpa nele, acusando-o de ser contra o progresso. Após esse insucesso completo, eles foram trabalhar em outro projeto e o abandonaram sem moinho novo e sem moinho velho.

Dias depois voltamos à cidade. Meu nobre anfitrião, em razão das inimizades que tinha na academia, não foi comigo, mas me recomendou a companhia de um amigo.

Fui apresentado a essa pessoa como sendo um grande admirador de novos projetos, muito curioso e crédulo. O que não deixava de ser verdade. Na minha juventude eu era um sujeito dado a projetos e pesquisas. Ainda hoje sinto enorme prazer em aprender novas técnicas e conhecer projetos ousados de engenharia.



## CAPÍTULO 5

*O autor visita a grande academia de Lagado e descreve em detalhes a construção e as artes às quais os professores daquele lugar se dedicam.*

**A**tal academia não era formada por um único edifício, mas por diversas casas que ficavam dos dois lados de uma mesma rua. Fui recebido pelo bedel. Visitei a academia durante vários dias. Cada sala possuía um engenheiro, professor, pesquisador ou palestrante, que era responsável pelo ensino ou as pesquisas que ocorriam naquele ambiente. No total, acredito que a academia contava com aproximadamente quinhentas salas de aula.

O primeiro professor com quem tive contato era um homem magro, de mãos e rosto sujos, cabelos e barba compridos, irregulares e chamuscados em vários lugares. Suas roupas pareciam imundas, muito semelhantes à sua pele. Ele estava, há oito anos, envolvido em um projeto voltado a produzir a extração de raios solares de pepinos, os quais estavam em frascos hermeticamente fechados. Ele me explicou que seu projeto seria, em breve, capaz de suprir os

jardins do governador com luz solar a uma taxa razoável. Porém, ele reclamou que seu estoque de pepinos era muito baixo. Por essa razão, me pediu um incentivo para financiar a engenhosidade do seu projeto, principalmente, segundo ele, porque estávamos em uma estação onde os pepinos custavam muito caro. Ofereci uma pequena quantia de dinheiro. Só fui capaz de fazer aquela pequena doação porque meu nobre anfitrião havia me fornecido dinheiro — antecipando-se ao costume de mendigar daqueles pesquisadores.

Em seguida, entrei em outra câmara, onde senti o ambiente dominado por um fedor horrível. Meu guia, no entanto, me empurrou para a frente enquanto sussurrava dizendo para eu não parar, pois aquilo poderia ofender profundamente o pesquisador daquela sala. O responsável por aquele ambiente fétido era o aluno mais antigo da academia. Ele tinha um rosto pálido e amarelado, exatamente a mesma cor de sua barba. Suas mãos e roupas estavam muito sujas. Quando fui apresentado a ele, me abraçou forte, o que eu gostaria muito de ter evitado. Seu emprego, desde a primeira vez em que ingressou na academia, era criar uma operação capaz de transformar o excremento humano no alimento que o originara. A ideia era separar as várias partes, removendo a biliar, o odor e os outros fluídos corporais. Ele recebia semanalmente, da sociedade, um barril com 170 litros de fezes

humanas e trabalhava diuturnamente para transformá-las nos alimentos originais antes da digestão.

Observei outro que trabalhava em transformar gelo em pólvora. Esse mesmo pesquisador também me mostrou um tratado escrito por ele que tratava da maleabilidade do fogo — texto acadêmico que ele pretendia publicar.

Havia também um arquiteto muito engenhoso, que inventara um novo método para construir casas, o qual consistia no seguinte: a obra começava pelo telhado e o trabalho ia descendo até a fundação. Segundo ele, esse método se baseava no planejamento de construção utilizados pelas abelhas e as aranhas.

Outro professor da academia, que nascera cego, tinha vários alunos também cegos. Eles eram os responsáveis por misturar cores para os pintores do reino. Segundo me foi explicado, o mestre havia ensinado seus alunos a distinguir as cores pelo cheiro. Infelizmente, no momento que os assisti fazer a mistura das tintas seu desempenho não foi dos mais perfeitos. Inclusive o próprio professor se enganou algumas vezes. Mesmo assim, esse artista era um sujeito muito estimado por toda a comunidade acadêmica.

Em outra casa daquela academia fiquei muito impressionado com um professor que havia criado um dispositivo de arar o chão usando porcos como tração. Seu método era

o seguinte: em um hectare de terra, você enterra, a quinze centímetros de distância e oito de profundidade, uma quantidade de tâmaras, castanhas e outros vegetais que esses animais gostam. Depois, são levados seiscentos ou mais deles para o campo, onde, em poucos dias, eles deixarão o terreno arado após sua procura pelos alimentos enterrados. Isso torna toda área apta para a sementeira ao mesmo tempo em que é manejada com o esterco que os porcos produzem. Desgraçadamente, após vários experimentos, o professor e seus pares chegaram à conclusão de que a manutenção e utilização de tantos porcos causava muitos problemas e pouca ou nenhuma colheita. No entanto, acredito que não há dúvida de que essa invenção pode ser alvo de grandes melhorias.

Entrei em outra sala, onde as paredes e o teto estavam todos cobertos por teias de aranha, exceto uma passagem estreita por onde uma pessoa podia entrar ou sair. Quando adentrei no local, ouvi alguém dizer em voz alta:

— Não perturbe minhas teias — ele reclamou. — Enquanto todos cometem o erro de usar bichos-da-seda, eu provo que é possível utilizar insetos domésticos que se destacam infinitamente porque sabem como tecer e fazer novelos. Eu, ao empregar aranhas, vou provar que as sedas produzidas serão aproveitadas sem nenhum desperdício.

Fiquei totalmente convencido de que aquela técnica poderia funcionar quando ele me mostrou um vasto número de moscas coloridas com as quais alimentava as aranhas. Segundo ele, as teias já seriam produzidas coloridas nos mais diversos tons desde o início. Faltava apenas encontrar o inseto correto para ser introduzido na alimentação das aranhas, algum ser dotado de certa capacidade de cola e elasticidade, capaz de dar força e consistência aos fios produzidos por elas.

Depois conheci um astrônomo que tentava criar um galo dos ventos adaptado a um mostrador solar, o qual, por sua vez, seria automaticamente ajustado aos movimentos anuais e diurnos da terra e do sol para assim coincidir com todas as viradas acidentais do vento.

Certo dia, quando eu estava reclamando de dores abdominais que me pareciam ser cólicas, meu anfitrião me levou até uma casa da academia onde residia um grande médico, famoso por curar doenças através de operações pouco convencionais, feitas com certos instrumentos. Ele tinha um grande par de foles para lareira, cada qual com um longo e delgado bico de marfim. Usando tais aparelhos, que introduzia oito polegadas ânus adentro do paciente, para depois sugar o vento interno dessa pessoa. Segundo ele, essa técnica era capaz de deixar esbeltas as tripas de qualquer um. Porém, quando a doença era mais teimosa e violenta, ele retirava o

bico de marfim e descarregava todo o ar que estava dentro do fole no ânus do paciente, depois retirava o instrumento para enchê-lo de ar novamente. Após repetir três ou quatro vezes essa operação, o vento adventício saía para fora por conta própria e consigo trazia, segundo ele, tudo que havia de nocivo no estômago e nas vísceras do paciente, que deixava sua sala completamente recuperado. Eu o vi tentar duas dessas experiências em um cachorro. Na primeira vez, eu não consegui atentar para nenhum efeito positivo do tratamento. Depois, quando ele fez o procedimento pela segunda vez e o animal já estava a ponto de explodir, o cãozinho defecou de maneira tão violenta que a cena foi muito ofensiva tanto para mim quanto para meu companheiro — ambos viramos o rosto para não olhar. O cachorro, pobrezinho, faleceu. Nesse triste momento, deixamos a sala do médico, que seguia tentando, sem sucesso, obviamente, recuperar o animal repetindo a operação.

Nos dias seguintes, visitei outros professores, palestrantes, inventores, médicos e pesquisadores, mas não vou incomodar meu leitor com todas essas curiosidades.

Até então, eu só havia visitado um lado da rua da academia. O outro lado, como acabei descobrindo, era voltado para os trabalhos de viés especulativo. A respeito desse tema direi algo apenas para poder mencionar o ilustre “artista

universal”, como ele era conhecido naquele reino. Segundo o próprio “artista universal” nos disse, ele havia dedicado os últimos trinta anos de sua vida para descobrir maneiras de melhorar a condição humana. Em sua casa, ele tinha dois quartos grandes, cheios de curiosidades maravilhosas, e cinquenta empregados. Alguns condensavam o ar em uma substância tangível e seca, extraindo o salitre e deixando as partículas aquosas ou fluidas infiltrar; outros tentavam amolecer uma pedra de mármore, para que ela pudesse ser utilizada como travesseiro ou almofadas para alfinetes; outros petrificavam os cascos de um cavalo vivo, para impedi-los de ficarem gastos. O próprio artista estava naquele exato momento ocupado com dois grandes projetos: o primeiro, semear terra com palha, o que, segundo ele, resultaria na verdadeira virtude seminal; outro era uma certa composição de gomas, minerais e vegetais, a qual, quando aplicada externamente, impedia o crescimento de lã em cordeiros jovens. Com isso ele esperava, em um tempo razoável, propagar a raça de ovelhas sem pelo por todo o reino.

Entre outros projetos especulativos que conheci estava o de um professor que ficava em uma sala muito grande, com quarenta alunos à sua volta. Após cumprimentá-lo, ele percebeu que eu observava com grande atenção uma pintura que ocupava a parte central daquela sala.

— Um dia talvez será possível ver aquela imagem sendo empregada em um projeto para melhorar o conhecimento especulativo ou as operações mecânicas — disse ele. — Em breve o mundo logo sentirá sua utilidade — continuou, admirando sua própria inteligência —, isso ocorrerá logo e todos poderão ver que esta é a invenção mais nobre já surgida da cabeça de alguém. Digo isso porque todos nós sabemos o quão trabalhoso é atingir algum conhecimento no campo das artes ou das ciências. Porém, na área do conhecimento especulativo, mesmo a pessoa mais ignorante, com certo esforço e um pouco de trabalho corporal, pode escrever livros de filosofia, poesia, política, leis, matemática e teologia. Para tal, não há necessidade de ser gênio ou de gastar boa parte da vida em estudos. Minha invenção prova isso.

Ele então me levou para perto da moldura. Ela tinha seis metros quadrados, ficava no meio da sala, rodeada pelos alunos. As superfícies eram compostas de vários pedaços de madeira, mais ou menos da grandeza de um dado, mas alguns maiores que outros. Todos estavam ligados por fios finos. Esses pedaços de madeira estavam cobertos, em cada quadrado, por papel colado sobre eles. Nesses papéis estavam escritas todas as palavras da língua daquele reino, em suas várias flexões, tempos e declinações gramaticais, porém, sem obedecer nenhuma ordem. O professor me mandou observar

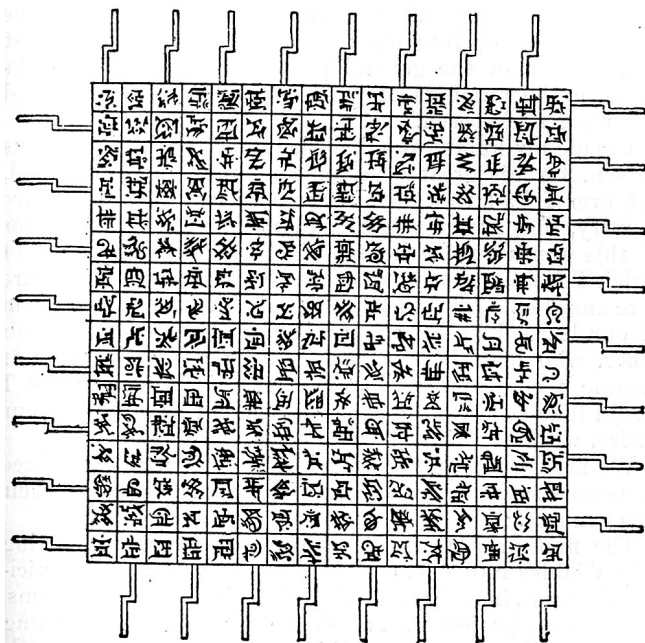


atentamente antes de colocar sua criação em funcionamento. Os alunos, a seu comando, seguraram cada um deles uma alça de ferro, nelas havia quarenta partes presas às bordas. Quando deram uma volta repentina naquele objeto, a disposição das palavras foi completamente alterada. Ele então ordenou aos trinta e seis rapazes que seguravam o objeto a lerem suas respectivas linhas conforme apareciam na moldura. No fim das contas, eles encontraram três ou quatro palavras juntas que poderiam fazer parte de uma frase. Essas combinações eram ditadas aos quatro alunos restantes, que atuavam como escribas. Esse trabalho foi repetido três ou quatro vezes e, a cada passo, as palavras mudaram para novos lugares à medida que os pedaços quadrados de madeira se moviam.

Diariamente, durante seis horas seguidas, os jovens estudantes faziam esse trabalho. Todo gabola, o professor me mostrou vários volumes em grandes fólhos. Eram enormes sequências de frases quebradas, as quais ele pretendia juntar e extrair dessa matéria-prima uma obra capaz de oferecer ao mundo um corpo completo de todas as artes e ciências. Segundo ele, aquele trabalho poderia ser melhorado e acelerado se o público arrecadasse um fundo para criar quinhentos quadros similares àquele em Lagado, contratasse a quantidade necessária de alunos para o trabalho e obrigasse todos os

responsáveis pela coleta das frases quebradas a contribuir cada qual com suas respectivas coleções.

Ele me garantiu que aquela invenção havia recriado todos os seus pensamentos desde a juventude, isso porque ele havia colocado nela o vocabulário que conquistara durante toda sua vida de leitor. Ele fez isso a partir do cálculo da proporção geral de artigos, substantivos e verbos e outras partes do discurso que existiam em cada livro que havia lido.



Humildemente, disse para aquela ilustre pessoa que em reconhecimento ao seu grande invento e à grande capacidade de elucidação que ela apresentava eu, ao retornar ao meu país natal, faria justiça a ele, pois o citaria como o inventor daquela máquina maravilhosa. Para provar minha intenção, copiei no papel a figura acima. Concluí dizendo a ele que, embora fosse costume dos inventores e intelectuais da Europa roubar criações alheias, eu tomaria a cautela necessária para que ele tivesse toda a honra, sem rival, por sua gloriosa invenção.

Em seguida chegamos à escola de idiomas, onde dois professores trabalhavam para aperfeiçoar a língua daquele reino.

O primeiro tinha um projeto para tornar o discurso mais curto. Ele defendia que todas as palavras polissílabas passassem a ter apenas uma sílaba: a primeira. De resto, os artigos e os verbos permaneceriam iguais, porque, fora as normas, todo o resto da linguagem pode ser simplesmente presumido.

O projeto do segundo defendia abolir completamente as palavras. Para o professor que defendia essa tese, isso ajudaria a melhorar a saúde das pessoas e tornaria o idioma ainda mais breve. Ele acreditava que cada palavra que pronunciamos destrói nossos pulmões através de um processo de corrosão, o que, por sua vez, diminui nossas vidas. Para solucionar esse problema ele sugeria que como cada palavra significava

uma coisa, bastava a pessoa carregar essas coisas consigo e simplesmente mostrá-las quando isso fosse necessário. Essa invenção certamente teria sido implantada, para grande facilidade e saúde de todos os habitantes daquele reino, se as mulheres, junto com os analfabetos, não tivessem ameaçado iniciar uma rebelião. Os revoltosos não aceitaram que lhes fosse retirada a liberdade de falar seu idioma, à maneira de seus antepassados. Assim, as pessoas comuns mostraram-se novamente inimigos irreconciliáveis e constantes dos avanços da ciência. No entanto, muitos dos mais instruídos e sábios homens daquele reino aderiram ao novo esquema de se expressar apenas mostrando objetos. O único inconveniente é que todo homem de negócios de muito sucesso, que possui vários tipos de propriedades e atua em inúmeras áreas, acaba obrigado a carregar um número maior de coisas nas costas, ou então pagar um ou dois fortes ajudantes para atendê-lo nesse quesito. Muita vez, naquele reino, vi sábios quase afundando sob o peso de suas mochilas. Esses nobres homens cultos, quando se encontravam na rua, deitavam suas cargas no chão, abriam suas enormes sacolas e mantinham conversas demoradas. Depois, guardavam tudo, ajudando-se mutuamente, despediam-se e retomavam seus afazeres.

Quanto às conversas curtas, um homem podia carregar apenas alguns objetos nos bolsos e debaixo dos braços, o

suficiente para supri-lo em um bate-papo corriqueiro. Em sua casa, ele colocava na sala, onde recebia suas visitas, todo o tipo de coisas, todas à mão. Dessa forma as conversas eram sempre produtivas.

Outra grande vantagem dessa invenção era tornar a linguagem algo universal, podendo ser entendida em todas as nações civilizadas cujos bens e utensílios fossem geralmente do mesmo tipo, ou quase semelhantes. Isso facilitaria muito a vida dos embaixadores, os quais sempre gastavam anos e anos estudando idiomas estrangeiros para poder tratar com príncipes ou ministros de Estado de outros reinos.

Já na escola de matemática, um mestre ensinava aos seus alunos um método inimaginável para nós na Europa. Sua ideia era escrever com uma tinta cefálica uma proposição e sua demonstração em uma bolacha fina. O aluno, em jejum, engolia a bolacha e nos três dias seguintes não comia nada além de pão e água. Quando o organismo digerisse a bolacha, a tinta subiria para o cérebro do estudante, levando o conhecimento matemático junto com ela. Paradoxalmente, tal método não apresentou o sucesso esperado, em parte talvez por algum erro no *quantum* ou na composição da bolacha, porém, principalmente porque a maioria dos alunos detestava o gosto daquelas bolachas com tinta e geralmente as jogavam fora. O fracasso daquele método revolucionário

também ocorria em razão de boa parte dos jovens estudantes não obedecerem a abstinência exigida para a aquisição do conhecimento.

## CAPÍTULO 6

*Mais observações sobre a academia, para a qual o autor propõe alguns melhoramentos, que são recebidos com grande honra.*

**Q**uando eu visitei a escola de ciência política, confesso que não me senti muito bem. Os professores, a meu ver, pareciam pessoas completamente fora de si, fato que me deixou um tanto quanto melancólico. Eram sujeitos infelizes que propunham esquemas para persuadir os monarcas a escolherem seus ministros em função de sua sabedoria, capacidade e virtude; de ensinar esses ministros a trabalharem para o bem público; de arrumar meios para premiar o mérito, as grandes habilidades, os serviços eminentes; de instruir os príncipes a buscarem um interesse comum ao de seu povo; de escolher pessoas qualificadas para exercerem os empregos mais importantes do reino. Eles defendiam essas e muitas outras quimeras selvagens e impossíveis, que nunca entraram no coração dos homens, o que, aos meus olhos, só servia para confirmar a velha frase: “não há nada

tão extravagante e irracional que alguns filósofos não tenham sustentado como a mais absoluta verdade”.

Apesar da melancolia que senti ao visitar as salas dos professores de política, devo fazer justiça com esta parte da Academia e reconhecer que nem todos eles eram tão visionários. Havia um médico muito engenhoso, que parecia perfeitamente versado nas ciências da natureza e nos sistemas de governo. Essa pessoa ilustre havia empregado seus estudos com muita utilidade para encontrar remédios eficazes contra todas as doenças e corrupções às quais os vários tipos de administração pública estão sujeitos em razão dos vícios ou das enfermidades daqueles que governam, bem como pela licenciosidade daqueles a quem devem obedecer. Por exemplo: considerando que todos os escritores e polemistas concordaram que existe uma semelhança universal estrita entre o corpo natural e o corpo político, é certo que deve haver também tratamentos e prescrições equivalentes para tratar as doenças de ambos. Sabemos que senados e os grandes conselhos muitas vezes sofrem de humores redundantes, agitações exuberantes e outras moléstias. Esses distúrbios se assemelham a muitas doenças da cabeça e do coração. Nelas, são fortes as convulsões e muito graves as contrações dos nervos e tendões nas duas mãos, mas principalmente na direita. Igualmente há também os que sofrem de baço



aumentado, flatulências, vertigens e delírios, tumores de matéria purulenta fétida, apetite canino e falta de digestão, além de muitas outras. Portanto, partindo dessa analogia, esse médico propôs a participação de uma equipe médica nas reuniões do senado para que, ao final de cada debate fossem medidas as pulsações de cada senador. Após três dias consecutivos, essa equipe debateria e decidiria quais seriam os tratamentos para a natureza das várias doenças dos políticos, tais tratamentos seriam administrados no quarto dia aos senadores, os quais só retomariam os debates políticos após tomarem seus respectivos lenitivos, substâncias abstergentes, agentes alquilantes, laxantes, cefalálgicos, cremes para pele, apoflegmáticos, remédios para os ouvidos etc. Assim, esses medicamentos deveriam operar e alterar positivamente a reunião e os debates dos senadores.

É importante apontar que esse projeto, no entanto, não pode custar muito dinheiro público. Caso essa ideia seja colocada em prática, na minha opinião, pode ser de grande utilidade para o mundo dos negócios, principalmente nos países em que os senadores têm alguma participação no poder legislativo. Caso seja adotado, esse método poderá gerar unanimidades, encurtar debates, abrir algumas bocas que costumam ficar fechadas e fechar muitas outras que insistem em se manter abertas. É uma prática capaz de refrear

a petulância dos jovens e corrigir a positividade dos velhos; despertar o estúpido e calar o atrevido.

Esse mesmo médico propôs uma solução simples para uma reclamação muito comum, o fato de que os favoritos dos príncipes e os membros dos governos sofrem constantemente de lembranças curtas e fracas. A solução era que o médico que assistisse a um ministro, depois deste relatar quais foram seus negócios, com a maior brevidade e nas palavras mais claras, deveria, ao se despedir de seu paciente, decidir se daria no referido ministro um peteleco no nariz, um chute na barriga, uma pisada nos calos, um puxão de orelha, uma cutucada com alfinete no traseiro ou um beliscão no braço. Isso serviria para evitar o esquecimento. Assim, todos os dias essa operação se repetiria, até que as negociações fossem concluídas ou totalmente recusadas.

O mesmo médico também declarou que todo senador presente no grande conselho de uma nação, depois de ter emitido sua opinião e argumentado em defesa dela, deveria ser obrigado a defender o exato contrário. Segundo ele, se isso fosse feito, o resultado terminaria infalivelmente melhor para o público em geral.

A proposta desse médico para acabar com a violência entre partidos era também um maravilhoso artifício de reconciliação. O método era o seguinte: pegue cem líderes

de cada partido e os separe em duplas cujas cabeças de cada um tenha o tamanho parecido com a cabeça de seu opositor. Então, dois cirurgiões retirariam o occipital (parte posterior do crânio) de cada dupla ao mesmo tempo, de maneira que o cérebro pudesse ser dividido igualmente. Em seguida, após o corte dos occipitais, os mesmos seriam trocados, isto é, o occipital de um indivíduo seria aplicado à cabeça de seu oponente político e vice-versa. Sem sombra de dúvidas, esse seria um trabalho que exige certo grau de exatidão, mas o médico nos garantiu que se o mesmo fosse realizado com destreza, a cura seria infalível. Segundo ele, as duas metades de cada cérebro debateriam o assunto entre si no espaço de um mesmo crânio e logo chegariam a um bom entendimento. Assim seria possível alcançar um ponto em comum e o debate ganharia mais moderação e regularidade de pensamento. Para ele, isso era o que precisava existir tanto na cabeça daqueles que imaginam que vieram ao mundo apenas para assistir e governar seu movimento, quanto nos cérebros dos diretores de facções políticas.

Ouvi um debate muito caloroso entre dois professores, sobre as maneiras e formas mais convenientes e eficazes de arrecadar de impostos — sem tornar o assunto um tormento. O primeiro defendia que o método mais justo era impor um certo imposto aos vícios e à loucura, o qual teria seu valor

fixado por um júri formado pelos vizinhos do contribuinte. O segundo, por sua vez, tinha uma ideia oposta. Ele defendia que deveríamos taxar as qualidades do corpo e da mente pelas quais os homens se valorizam. Assim, quanto maior fosse a excelência do sujeito, maior também seria o imposto a recolher. A diferença é que nesse caso cabe ao próprio contribuinte decidir sobre suas especialidades. O imposto também seria mais alto para os homens preferidos pelas mulheres, ou seja, aumentaria de acordo com o número e a natureza dos favores que estes receberam delas. Nesse caso, os próprios contribuintes poderiam ser os responsáveis pela comprovação ou não dessa característica. A inteligência, a valentia e a polidez foram igualmente sugeridas para serem fortemente tributadas e coletadas da mesma maneira: cada pessoa afirmaria sua própria palavra para o *quantum* do que possuía de cada característica e o quanto deveria pagar. Porém, honra, justiça, sabedoria e escolaridade não deveriam ser tributados. Eles acreditavam que ninguém seria capaz de denunciá-las caso as encontrasse em algum concidadão e também ninguém teria a cara de pau de atribuir tais características a si mesmo.

Às mulheres foi proposta uma tributação de acordo com sua beleza e habilidade em se vestir. Elas tinham o mesmo privilégio que os homens, isto é, cada uma determinaria

se estava ou não bela e bem vestida e pagaria os impostos de acordo com seu próprio julgamento. Já a constância, a castidade, o bom senso e a boa natureza não foram classificados como passíveis de taxaço, porque certamente não cobririam as despesas que o governo teria para fiscalizar e cobrar por elas.

Para manter os senadores atuando no interesse da coroa, foi proposto que os membros deveriam sortear quem ficaria com o cargo. Para tomar parte no sorteio, todo candidato deveria jurar que sempre comungaria com o rei, na vitória ou na derrota. Depois disso, os perdedores teriam a chance de sortear a próxima vaga. Assim, a esperança, o compromisso e a expectativa para conseguir a posição de senador seriam sempre mantidos. Dessa forma não ocorreriam traições políticas entre os senadores e o rei.

Outro professor me mostrou um grande manual feito para descobrir conspirações contra o governo. Esse mesmo mestre aconselhava grandes estadistas a examinarem as dietas de todas as pessoas suspeitas, os momentos do dia nos quais elas se alimentavam; de que lado da cama essas pessoas dormiam; com que mão eles limpavam suas partes posteriores; uma análise estrita dos excrementos desses suspeitos, segundo ele, para, a partir da cor, do odor, do gosto, da consistência, da grossura ou maturidade da digestão, descobrir os pensamen-

tos e projetos desses revoltosos. Ele explicava que o motivo dessa análise pormenorizada das fezes dos revolucionários era pelo simples motivo de que os homens nunca são mais sérios, pensativos e atentos, como quando estão sentados na privada. De acordo com seus estudos e análises, quando um desses traidores pensava qual seria a melhor maneira de matar o rei, seus excrementos ganhavam uma cor esverdeada. Mas quando esses suspeitos planejavam iniciar uma insurreição ou queimar a metrópole, as cores eram outras.

O tal manual era escrito com grande agudeza e assertividade, contendo muitas observações, curiosas e úteis para os políticos. Contudo, percebi que aquele texto não estava completo. Por isso, me atrevi oferecer ao autor algumas adições. Ele recebeu minha proposta com uma concordância mais do que habitual entre os escritores.

Eu então disse a ele que no reino de Tribnia, onde os nativos são chamados de langdons,<sup>9</sup> região na qual eu havia passado algum tempo em minhas viagens, a maioria das pessoas consistia em descobridores, testemunhas, alcaguetes, acusadores, promotores, jurados. Sempre subservientes e subalternos, todos sob as cores, a conduta e os salários dos

---

9 Uma brincadeira com as letras da palavra Britannia (Britânia) e com a sonoridade da palavra London (Londres).

ministros de Estado e de seus suplentes. As conspirações daquele reino, eram geralmente obra dos indivíduos que desejam ser reconhecidos como políticos natos. Essas figuras buscam sempre restaurar novo vigor a uma administração maluca; ou sufocar e desviar descontentamentos gerais; ou encher seus cofres com confiscos. Uma das primeiras coisas que se faz nesses casos é estabelecer quem são as pessoas consideradas suspeitas de conspiração, e que não era ruim ter sempre um grupo contra o qual o governo pudesse declarar guerra e espionar. Assim, era possível manter toda a população sob o regime do medo. Os espões, por sua vez, passam então a denunciar quaisquer cartas ou comunicações como revolucionárias segundo seus próprios critérios. Os trabalhos de decodificação das mensagens dos revoltosos são então realizados por um grupo de artistas, muito hábeis em descobrir os misteriosos significados das palavras, sílabas e letras. Por exemplo, eles podem descobrir as seguintes mensagens em cartas: quando o missivista cita “um bando de gansos”, refere-se ao senado; quando cita “um cachorro manco”, quer dizer uma invasão; “a praga”, seria um exército permanente; “um urubu”, é o primeiro-ministro; “a gota”, o arcebispo ou um sumo sacerdote; “um penico”, um comitê de políticos, nobres e grandes proprietários; “uma peneira”, uma dama da corte; “uma vassoura”, uma revolução; “uma

ratoeira”, um emprego; “um poço sem fundo”, um tesouro; “uma pia”, um quarteirão ou uma área da metrópole; “um chapéu e sinos”, um político protegido pelo rei; “um graveto quebrado”, um tribunal de justiça; “um tonel vazio”, um general; “uma chaga ou uma doença”, a administração pública.

Quando esse método falha, eles têm outros dois mais eficazes, que os especialistas do reino chamam de acróstico e anagrama. Primeiro, eles podem decifrar todas as letras iniciais em significados políticos. Assim “N”, significará um plano; “B”, um regimento de cavalos; “L”, uma frota no mar; em segundo lugar, ao transpor as letras do alfabeto em qualquer artigo suspeito, eles podem abrir os desenhos mais profundos de uma parte descontente. Assim, por exemplo, se eu dissesse, em uma carta a um amigo: “Rene, ria mais. A pista era pular a ovulação da Cida”, um decifrador habilidoso descobriria que aquela frase e aquelas letras, na verdade, significam o seguinte: “Resista, uma revolução popular será iniciada”. Esse é o método anagramático.

O professor me agradeceu muito por essas observações e prometeu fazer uma menção honrosa à minha pessoa em seu tratado.

Depois disso, não vi mais nada naquele país que pudesse me convencer a ficar mais tempo por lá. Por esse motivo, comecei a pensar e planejar meu retorno para casa, na Inglaterra.



## CAPÍTULO 7

*O autor deixa Lagado e chega ao porto de Maldonada, onde não encontra um navio para dar seguimento à viagem. Passagem rápida por Glubb-dubdrib, onde o autor é recebido pelo governador.*

**O** continente, do qual este reino está separado, estende-se, creio eu, a leste, até aquele trecho desconhecido da América, ou seja, a região a oeste da Califórnia; e ao norte, para o Oceano Pacífico, onde, por volta de duzentos e cinquenta quilômetros de Lagado, há um bom porto e muito comércio com a grande ilha de Luggnagg, à noroeste, a cerca de 29 °N e 140 °de longitude. Essa ilha de Luggnagg fica ao sudeste do Japão, a aproximadamente 480 quilômetros de distância. Existe uma duradoura aliança entre o imperador japonês e o rei de Luggnagg. Esse acordo entre os dois soberanos oferece oportunidades frequentes de navegação entre uma ilha e outra. Por essa razão decidi adotar esse trajeto como novo percurso para retornar à Europa. Contratei duas mulas, com um guia capaz de me mostrar o caminho e carregar minha pequena bagagem.

Deixei meu nobre protetor, que já tanto havia feito por mim, mas que não me deixou partir sem antes me oferecer um generoso presente.

A jornada seguiu tranquila, sem nenhum acidente ou aventura que valesse a pena contar. Quando cheguei ao porto de Maldonada (como é chamado), não havia lá nenhum navio com destino a Luggnagg. Para piorar, também não havia nenhuma previsão de quando esse navio chegaria. Assim, fiquei naquela cidade, que muito se parece com Portsmouth.<sup>10</sup> Conforme fui conhecendo melhor o local, acabei me tornando amigo de um distinto cavalheiro, o qual me tratou com muita hospitalidade. Segundo ele, os navios para Luggnagg só chegariam àquele porto em um mês. Por isso, ele me perguntou se eu não acharia divertido fazer uma viagem à pequena ilha de Glubbudrib, a cerca 25 quilômetros na direção sudoeste. Ele se ofereceu a me fazer companhia e inclusive arranhou um pequeno barco para a nossa viagem.

A palavra Glubbudrib significa “ilha de feiticeiros ou mágicos”. A ilhota tinha cerca de um terço do tamanho da Ilha de Wight,<sup>11</sup> porém era extremamente frutífera. Governada pelo chefe de uma certa tribo de feiticeiros que se

---

10 Cidade portuária na Inglaterra.

11 Ilha na costa da Inglaterra.

casam apenas entre si, Glubbdubdrib era, segundo a regra local, comandada pelo seu habitante mais velho. Ele vive em um nobre palácio onde há um parque com cerca de três mil acres. Tudo é cercado por um muro de seis metros de altura de pedra talhada. Dentro desse parque há pequenas áreas destinadas ao gado, à plantação de milho e à jardinagem.

Os serviçais que trabalham para o governador e sua família são um tanto quanto incomuns. Por sua habilidade em necromancia, o governador feiticeiro tem o poder de ressuscitar as pessoas que mais gosta do mundo dos mortos. No entanto, seu feitiço dura por apenas vinte e quatro horas, não mais. Outro detalhe é que ele só pode chamar as mesmas pessoas em intervalos de três meses, regra que só pode ser descumprida em ocasiões muito extraordinárias.

Quando chegamos à ilha, por volta das onze da manhã, um dos cavalheiros que nos acompanhava foi ao governador e anunciou nossa chegada. Disse também que eu gostaria de ter a honra de poder ser recebido por sua alteza. O que me foi imediatamente concedido. Nós três então entramos pelo portão do palácio, guardado por duas fileiras de soldados armados e vestidos de uma maneira bizarra. Eles também tinham algo em seus semblantes que me causou calafrios. Fiquei tomado por um horror impossível de expressar. Passamos por vários cômodos do castelo, por entre criados que

tinham todos a mesma expressão assustadora dos soldados. Finalmente, chegamos à câmara onde o governador despachava. Depois de três reverências profundas e algumas perguntas gerais, fomos autorizados a sentar em três bancos, perto do degrau mais baixo do trono de sua alteza. Ele entendia a língua de Balnibarbi, embora fosse diferente da língua de seu reino. Solicitou que eu lhe desse um relato de minhas viagens. Em seguida, para me deixar mais à vontade, com um simples gesto ele dispensou todos os presentes. Para minha completa surpresa todas aquelas pessoas desapareceram em um instante, como se fossem visões em um sonho. Por algum tempo, fiquei desorientado com aquilo. Somente quando o rei garantiu que eu “não sofreria ferimentos” e pude ver que meus dois companheiros estavam completamente despreocupados, é que comecei a ganhar coragem. Relatei ao líder dos feiticeiros uma breve história de minhas várias aventuras. Porém, não consegui me sentir tranquilo. Por essa razão, eu frequentemente olhava para trás, para o local onde vira todos aqueles fantasmas. Tive a honra de jantar com o governador. A comida foi servida por um novo grupo de fantasmas. Nesse momento, eu já estava menos apavorado do que quando chegamos pela manhã. Fiquei até o pôr do sol, mas humildemente desejei que sua alteza me desculpasse por não aceitar seu convite de hospedagem no palácio. Meus dois

amigos e eu estávamos hospedados em uma casa particular na cidade vizinha, que é a capital daquela pequena ilha. Na manhã seguinte, voltamos novamente para conversar com o governador.

Continuamos na ilha por mais dez dias, a maior parte do tempo com o governador e à noite em nosso alojamento. Logo me tornei tão familiarizado com a visão dos fantasmas que, após a terceira ou quarta vez, eles não me assustavam mais. Melhor dizendo: minha curiosidade prevaleceu sobre eles. Foi então que sua alteza, o governador, concedeu que eu chamasse qualquer pessoa do mundo dos mortos. Podiam ser quantas eu quisesse e que tivessem vivido em qualquer época, ou seja, desde o começo do mundo até os dias atuais. Ele me disse que elas responderiam a quaisquer perguntas que eu achasse conveniente, porém, meus questionamentos deveriam estar vinculados às épocas nas quais aquelas pessoas viveram. Me disse ainda que eu podia confiar que certamente as respostas seriam a mais profunda verdade, pois mentir era um talento inútil no mundo inferior.

Por ter acesso a uma oportunidade tão impressionante, agradei humilde e reiteradamente sua alteza. Nos encontrávamos em uma parte do palácio de onde era possível vislumbrar o parque. Minha primeira inclinação foi poder assistir a cenas de pompa e magnificência, eu desejava ver

Alexandre, o Grande, à frente de seu exército, logo após a Batalha de Arbela.<sup>12</sup> Bastou então um movimento do dedo do governador dos feiticeiros para surgir imediatamente em um campo grande, logo abaixo da janela onde estávamos, todo o exército de Alexandre. O grande líder foi chamado para a sala. Infelizmente, eu nunca consegui dominar muito bem o idioma grego, logo, entendi muito pouco do que me foi dito. No final, entendi que Alexandre garantiu por sua honra que ele não havia sido envenenado. Ele nos disse que sua morte ocorreu em razão de uma febre causada pelo consumo excessivo de bebidas alcoólicas.

Em seguida, vi Aníbal passando pelos Alpes. O próprio me disse que “não tinha uma gota de vinagre em seu acampamento”.<sup>13</sup>

---

12 Alexandre, o Grande (356 a.C. – 323 a.C.), era filho do imperador Felipe II da Macedônia e de Olímpia, princesa de Epiro. Em sua curta existência conquistou inúmeras partes do mundo e formou um dos mais vastos impérios da história. A Batalha de Arbela, também conhecida como Batalha de Gaugamela (Gauganella, Gaugamelos) ocorreu em 331 a.C. Nela Alexandre derrotou Dário III, líder Persa.

13 Aníbal Barca (247 a.C.-183 a.C.), general cartaginês, é considerado um dos maiores estrategistas militares da história. Em sua épica jornada pelos Alpes suíços, Aníbal e seu exército, que tinha até mesmo elefantes, saiu de onde hoje é Espanha na direção onde atualmente está a Itália. Sua intenção era derrotar Roma naquela que ficou conhecida como Segunda Guerra Púnica, vencida por

Vi também César e Pompeu à frente de suas tropas, prontos para o combate.<sup>14</sup> Eu vi o triunfo do primeiro sobre o segundo. Depois, desejei que o Senado romano aparecesse diante de mim, em uma grande câmara, e, ao mesmo tempo, uma assembleia de uma época posterior, em outra câmara. O primeiro parecia ser uma reunião de heróis e semideuses; o segundo, uma confusão de serviçais, batedores de carteira, assaltantes e valentões.

Em seguida, o governador dos feiticeiros, a meu pedido, deu o sinal para César e Brutus<sup>15</sup> avançarem em nossa direção. Fiquei impressionado, tomado de profunda veneração ao ver Brutus, e pude facilmente descobrir sua virtude mais consumada, a maior intrepidez e firmeza de mente, o verdadeiro

---

Roma e seu general, Cipião, o Africano. Arrojado, Aníbal decidiu descer os Alpes, caminho que julgava ser o mais rápido. No entanto, havia muita neve e penhascos em seu percurso. Alguns historiadores afirmam que Aníbal teria ordenado que seu exército queimasse troncos de árvores utilizando vinagre para fazer fogo e com isso desmanchar o gelo que atrapalhava sua jornada. Este fato é, até hoje, é questionado por historiadores e cientistas.

- 14 A Batalha de Farsalos, considerada o fim da República e o início do Império, foi vencida por César, o qual era um chefe militar abertamente contra o Senado, recusando-se a reconhecer suas limitações constitucionais. Com a derrota do republicano Pompeu, César se tornaria ditador e imperador de Roma.
- 15 Decimus Junius Brutus Albinus (85 a.C.–43 a.C.), general romano, participou do assassinato do ditador Júlio César, apesar de ter sido seu protegido.

amor ao seu país e a benevolência geral pela humanidade, em todos os aspectos de seu semblante. Eu observei, com muito prazer, que essas duas pessoas estavam em paz uma com a outra. César chegou a me dizer que as maiores ações de sua própria vida não eram iguais, em muitos aspectos, à glória de tirá-la. Tive a honra conversar longamente com Brutus, o qual me contou que no mundo dos espíritos tinha em seu grupo de amigos seu ancestral Junius,<sup>16</sup> Sócrates,<sup>17</sup> Epaminondas,<sup>18</sup> Catão, o jovem,<sup>19</sup> e Sir Thomas Morus.<sup>20</sup> Certamente, um *sextumvirato* ao qual nenhuma outra época do mundo é capaz de adicionar um sétimo integrante.

De resto, sei que seria entediante incomodar o leitor com o grande número de pessoas ilustres que solicitei que

---

16 Swift se refere à figura lendária de Lucius Junius Brutus, (século 6 a.C.), uma figura lendária, que teria sido expulso pelo despótico rei etrusco Lucius Tarquinius Superbus de Roma, em 509 a.C., e depois fundado a República Romana.

17 Sócrates (470 a.C.–399 a.C.), filósofo grego que sempre exerceu profunda influência desde a antiguidade até os tempos atuais.

18 Epaminondas (410 a.C.–362 a.C.) foi um grande estadista e estrategista tático militar. É considerado o principal responsável por acabar com o domínio militar de Esparta.

19 Marcus Porcius Cato, Catão, o jovem (95 a.C.–46 a.C), foi o líder da aristocracia conservadora do Senado Romano. Lutou contra Júlio César para preservar a República.

20 Thomas Morus, ou Thomas More (1478–1535), filósofo inglês que também foi político, diplomata, escritor, advogado e jurista. É autor da clássica obra *A Utopia*.



fossem convocadas para saciar meu desejo de conhecer personalidades históricas de todos os períodos da Antiguidade. Foi uma experiência indescritível ver e falar com destruidores de tiranos e usurpadores. Conhecer restauradores da liberdade de nações oprimidas. No entanto, por saber como é impossível expressar a satisfação que recebi em minha mente, de maneira a torná-la um entretenimento adequado para o leitor, prefiro calar.

## CAPÍTULO 8

*Outros relatos sobre Glubbudrib. Correção da história antiga e moderna.*

**P**or querer muito ver todos os antigos e mais renomados sábios que já existiram, separei um dia apenas para esse propósito. Propus ao governador dos feiticeiros que trouxesse do mundo dos mortos Homero,<sup>21</sup> Aristóteles,<sup>22</sup> e seus respectivos comentadores, os quais eram tão numerosos que algumas centenas deles tiveram de acompanhar o encontro desde as salas externas do palácio. Eu consegui distinguir os dois grandes heróis à primeira vista, em meio àquela multidão. Homero era um homem alto e agradável, tinha uma postura ereta e os olhos mais rápidos e penetrantes que já vi. Aristóteles, por sua vez, era todo curvado e caminhava acompanhado por uma equipe. Seu rosto era comum, os cabelos lisos e finos e a voz débil. Rapidamente percebi que ambos eram completamente opos-

---

21 Homero nasceu no século 8 a.C. A ele é atribuída a autoria dos poemas épicos gregos *Iliada* e *Odisseia*.

22 Aristóteles, grande filósofo grego, viveu em torno de 350 a.C.

tos. Foi nesse momento que um fantasma que não será aqui nomeado sussurrou em meu ouvido:

— No mundo inferior dos mortos, esses comentaristas sempre guardam certa distância dos autores que eles comentaram. Uma consciência de vergonha e culpa em razão de terem deturpado o significado do trabalho desses autores à posteridade.

Apresentei Dídimos de Alexandria, o Calcentero,<sup>23</sup> e Eustáquio de Tessalônica<sup>24</sup> a Homero. Percebi que ele acabou tratando os dois bem melhor do que talvez eles merecessem após descobrir que ambos comentaristas não possuíam a genialidade necessária para acessar o espírito de um poeta. Aristóteles, por sua vez, perdeu completamente a paciência depois do relato que lhe dei sobre os comentários de Duns

---

23 Dídimos de Alexandria (63 a.C.–10 d.C.) foi um erudito grego famoso por seus comentários sobre a obra de Homero. Ele era chamado de “o calcentero”, que significa “homem de estômago de bronze” em razão da gigantesca obra de comentários que ele escreveu.

24 Eustáquio (1175–1194) foi arcebispo de Tessalônica e prolífico comentador da obra de Homero.

Scotus<sup>25</sup> e Pierre de la Ramée.<sup>26</sup> Quando os apresentei ao filósofo, ele disse aos dois:

— O resto da sua tribo é formada de grandes “*dunces*”<sup>27</sup> como vocês?

Eu então solicitei que o governador chamasse Descartes<sup>28</sup> e Gassendi,<sup>29</sup> os quais me ajudaram a explicar seus

---

25 John Duns Scotus (1266–1308) foi um influente filósofo e líder da famosa escola escotista, da qual ele seria o fundador. Scotus, que nasceu na cidade de Duns, na Escócia, está entre os mais importantes filósofos escolásticos.

26 Pierre de la Ramée (1515–1572), humanista francês, é conhecido por pela revisão pouco ortodoxa e um tanto quanto polêmica das teorias aristotélicas.

27 Epíteto dado aos seguidores de Duns Scotus, os quais foram ridicularizados por humanistas e reformadores dos séculos 16 e 17, que os tinham como inimigos do saber. Educado em Oxford, Duns Scotus se tornou conhecido por sua oposição a Tomás de Aquino, pai da escolástica, doutrina cristã que tentou unificar a fé com a razão platônica e aristotélica. Já para Duns Scotus não era possível explicar através da razão certas doutrinas religiosas. Assim, a partir do século 16, os religiosos seguidores de suas ideias passaram a ser chamados de “*dunsmen*” ou “*duncemen*” por seus críticos. Desse último termo surgiu a palavra “*dunce*”, que no inglês moderno pode ser traduzida por “idiota” ou “imbecil”, porém, inicialmente, “*dunce*” era todo aquele que defendia as ideias de Duns Scotus.

28 O francês René Descartes (1596–1650) foi filósofo, matemático e cientista.

29 O francês Pierre Gassendi (1592–1655) foi filósofo, matemático, cientista, professor e padre da Igreja Católica.

sistemas a Aristóteles. Após esclarecimentos e muitas conjecturas, como devem fazer todos os homens, Aristóteles reconheceu espontaneamente os erros existentes em sua filosofia natural. Aristóteles também descobriu que tanto os trabalhos de Gassendi, que tornaram a doutrina de Epicuro<sup>30</sup> extremamente palatável, quanto os vórtices de Descartes não passavam de meros modismos que deveriam ser igualmente explodidos. Aristóteles concluiu dizendo o seguinte:

— Os novos sistemas da natureza são apenas novas modas. Em função disso, vão necessariamente variar entre uma época e outra. Assim, mesmo aqueles que pretendem demonstrar tais sistemas da natureza a partir de princípios matemáticos vão, por fim, ver suas teses florescerem por um curto período de tempo para depois vê-las sair de moda quando isso for determinado.

Passei cinco dias conversando com muitos outros dos antigos eruditos. Conheci a maioria dos primeiros imperadores romanos, inclusive consegui convencer o governador dos feiticeiros a trazer para o mundo dos vivos os cozinheiros de Heliogabalus<sup>31</sup> para nos preparar um jantar, mas eles não

---

30 O filósofo grego Epicuro (341–270 a.C.).

31 Apelido do imperador romano Cæsar Marcus Aurelius Antoninus Augustus (203–11 de março de 222), cujo nome original era Varius Avitus Bassianus.

podiam nos mostrar muito de suas habilidades, por falta de materiais. Depois, um grupo de hilotas de Agesilau<sup>32</sup> nos preparou um prato de caldo espartano, mas era tão pouco que não consegui pegar mais do que uma colherada.

Os dois cavalheiros que me levaram à ilha se viram obrigados a retornar para o continente em razão de assuntos particulares. Eles ficaram de voltar em três dias, os quais eu aproveitei para ver alguns dos mortos modernos mais famosos. Escolhi figuras europeias importantes que viveram há duzentos ou trezentos anos, pois sempre fui grande admirador de famílias ilustres. Por essa razão, pedi ao governador dos feiticeiros que convocasse duas dúzias de famílias reais, desde o rei até seus respectivos ancestrais da oitava ou nona geração. No final das contas, acabei profundamente decepcionado. Não presenciei, como esperava, uma procissão de diademas reais. A primeira que vi era uma família com dois violinistas, três cortesãos e um prelado italiano. Em seguida, veio um séquito formado por um barbeiro, um abade e dois cardeais. Como tenho muita veneração por cabeças coroadas, acabei desistindo de me debruçar mais sobre um assunto tão agradável. No entanto, confesso que senti certo prazer

---

32 Agesilau II foi rei de Esparta (399–360 a.C.), famoso por sua frugalidade. É considerado por muitos historiadores um dos mais brilhantes líderes militares da Antiguidade.

em identificar características particulares pelas quais certas famílias são distinguidas. Consegui perceber claramente de onde surge um queixo comprido; também descobri por que há, entre os parentes, pilantras por duas gerações e tolos por outras duas; por que em um terço da família só há parvos e em um quarto só vigaristas; entendi de onde veio o que Polydore Virgil<sup>33</sup> escreveu sobre certa grande casa: “*Nec vir fortis, ne foemina casta*”;<sup>34</sup> percebi como a crueldade, a falsidade e a covardia passaram a ser características pelas quais certas famílias se distinguem tanto quanto por seus brasões; vislumbrei como a varíola se espalhou por uma nobre família, legando tumores purulentos à posteridade. Eu jamais imaginaria isso não fosse o desfile ininterrupto daquelas linhagens de lacaios, cocheiros, criados, rabequeiros, jogadores, capitães e batedores de carteira que desfilou na minha frente.

Por fim, a história moderna me deixou enojado. Após examinar rigorosamente todas as pessoas de maior nome no

---

33 Polydore Virgil, ou Vergil, (1470–1555) foi um historiador e padre italiano que, a serviço da Igreja Católica Apostólica Romana, mudou-se para a Inglaterra, onde se tornou arqui-diácono da cidade de Wells. Lá, ele se tornou amigo de vários humanistas ingleses como Thomas Morus.

34 Texto em latim que pode ser traduzido por: “Nenhum homem corajoso, nenhuma mulher casta”.

panteão dos príncipes dos últimos cem anos, descobri como o mundo fora enganado por escritores que se comportavam como verdadeiras prostitutas, atribuindo grandes façanhas de guerra a homens covardes; dando aspecto de sábios aos tolos; atribuindo sinceridade aos bajuladores; concedendo virtude romana aos traidores do país; tornando ateus em pessoas tementes; convertendo sodomitas em castos; e alcaguetes em homens honestos. Fiquei nauseado com o número de pessoas inocentes e respeitáveis condenadas à morte ou ao banimento por ministros e juízes corruptos ou pela maldade de facções políticas. Quantos vilões foram exaltados e alçados aos mais altos postos de confiança, onde conquistaram poder, foram tratados com enorme dignidade e obtiveram grandes lucros. Fiquei imaginando quão grande foi a participação dessas pessoas nas decisões de tribunais, conselhos e senados, quantos desqualificados, prostitutas, cafetões, parasitas e palhaços tomaram parte nesse tétrico jogo de poder. Acabei com uma opinião muito ruim sobre a sabedoria e a integridade humanas depois que fui verdadeiramente informado das reais motivações das grandes empresas e revoluções do mundo e, principalmente, dos acidentes desprezíveis aos quais essas pessoas deviam todo seu sucesso.

Vi o quanto eram evidentes a trapaça e a ignorância na pena daqueles que pretendem escrever episódios ou histórias



secretas de como reis foram enviados para suas sepulturas com um copo de veneno; ou que buscam repetir à perfeição as conversas entre um príncipe e um ministro-chefe, quando não havia testemunhas; ou que tentam desvendar os pensamentos daqueles que ocupam gabinetes nas embaixadas ou nas secretarias de Estado. Entendi o quanto vivíamos o infortúnio perpétuo de sermos enganados depois que descobri as verdadeiras causas de muitos grandes eventos que surpreenderam o mundo. Aquele triste desfile deixou claro como uma prostituta é capaz de atuar nas sombras de um governo, de um conselho ou de um senado. Prova disso é que um general confessou, em minha presença, que havia obtido uma grande vitória puramente pela “força da covardia e da má conduta”; e um almirante me disse que, por pura “falta de inteligência”, ele havia derrotado um inimigo para o qual pretendia “entregar sua frota”, tão traidor que era. Três reis me confessaram que durante seus reinados eles nunca “escolheram uma pessoa por mérito, a não ser por engano ou traição de algum ministro em quem confiaram”. Chegaram inclusive a me explicar porque jamais fariam isso se voltassem a viver novamente, pois, segundo eles, nenhum trono se “sustentaria sem corrupção”. Me disseram, peremptoriamente, que qualquer “temperamento positivo, confiante

e firme, capaz de infundir a virtude no homem comum, seria um obstáculo perpétuo para os negócios públicos”.

Frente afirmações tão reveladoras, tive a curiosidade de investigar como e por quais métodos aquelas figuras conquistaram para si altos títulos de honra e propriedades prodigiosas. Para tal, limitei minha pesquisa a um período muito moderno, mas que guardava certa distância dos tempos atuais. Não queria com isso ofender nem mesmo os estrangeiros (espero também que o leitor saiba que, em nenhum momento o que afirmei aqui se refere ao meu próprio país). Para colocar meu levantamento em prática falei com um grande número de pessoas. Após um interrogatório muito discreto consegui descobrir a infâmia que abundava na vida daquelas pessoas. Perjúrio, opressão, suborno, fraude, vícios e enfermidades estavam entre os fatos mais mencionados pelos meus entrevistados. Alguns deles confessaram que deviam sua grandeza e sua riqueza à sodomia ou ao incesto; outros, à prostituição de suas próprias esposas e filhas; outros, por terem traído seu país ou seu rei; alguns, ao envenenamento puro e simples; outros mais à perversão da justiça, a qual os ajudara a destruir inocentes.

Por fim, espero ser perdoado se essas descobertas me levaram a diminuir a profunda veneração que eu naturalmente tenho pelas pessoas de alto escalão, as quais, a meu

ver, deveriam ser tratadas por todos nós, seus inferiores, com o maior respeito em razão de sua sublime dignidade.

Eu também aproveitei a oportunidade para ler alguns dos grandes serviços prestados a príncipes e estados e pedi para conhecer as pessoas que realmente realizaram esses serviços. A resposta que recebi ao fazer esse pedido foi que os nomes dessas pessoas não foram encontrados em nenhum registro. Os poucos que eles encontraram eram os de pessoas que a história representou como trapaceiros e traidores. Quanto ao resto daquelas pessoas que praticaram importantes atos, os nobres que retornaram do mundo dos mortos me disseram que nunca ouviram falar deles. Acabei por descobrir que a maioria daquelas pessoas havia morrido na pobreza e na desgraça. Finalmente, após muitos questionamentos, algumas daquelas pessoas surgiram na minha frente para dizer que muitos acabaram suas vidas presos em calabouços ou enforcados.

Entre essas pessoas havia um indivíduo singular. Ele tinha ao seu lado um jovem de dezoito anos. Esse senhor me confessou que havia sido por muitos anos comandante de um navio. Contou que esteve presente na Batalha de Ac-

tium,<sup>35</sup> onde teve a sorte de romper a linha inimiga, afundar três dos mais importantes navios adversários e tomar um quarto. Segundo ele, isso levou à fuga de Marco Antônio e à vitória de Otaviano. Ele me disse que o jovem ao seu lado, seu único filho, foi morto na ação. Ao final da guerra e em razão de sua decisiva participação na batalha, na esperança de ver seus feitos reconhecidos, ele foi a Roma e registrou na corte de Augusto a preferência por um navio maior, cujo comandante havia sido morto na mesma batalha. No entanto, o imperador sequer considerou suas pretensões e decidiu dar o tal navio a um garoto que nunca havia visto o mar, o filho de Libertina, que era uma de suas amantes. Ao retornar ao seu próprio navio, ele foi acusado de negligência pelas forças imperiais. Seu navio foi então entregue a um escudeiro de Publicola,<sup>36</sup> o vice-almirante de Augusto. Depois de tamanha infâmia, ele se retirou para uma fazenda pobre a uma grande distância de Roma, onde terminou sua vida. Eu fiquei tão

---

35 A Batalha de Actium, em 31 a.C., foi um confronto épico que colocou Marco Antônio e Cleópatra contra o ex-aliado Otaviano. A vitória deste último e o subsequente suicídio de Cleópatra e Marco Antônio tornaram Otaviano, que passaria a se chamar Augusto, o primeiro imperador de Roma.

36 Lucius Gellius Publicola (morto em 31 a.C.) foi cônsul do Império Romano e tornou-se famoso por seu histórico de deslealdade. Publicola lutou contra as forças de Otaviano na Batalha de Actium.

curioso para saber a verdade sobre essa história que pedi que o governador dos feiticeiros trouxesse do mundo dos mortos o grande Agrippa,<sup>37</sup> almirante naquela batalha. Ele apareceu e confirmou toda a história: mas com muito mais vantagem para o capitão, cuja modéstia havia atenuado ou ocultado grande parte de seu mérito.

Fiquei surpreso ao encontrar tamanha e tão pronta corrupção no império de Augusto, que acabara de chegar ao poder à época. Isso me deixou menos surpreso quando descobri muitos casos similares na história de outros países, onde vícios de todos os tipos reinaram por muito mais tempo, onde infâmias e pilhagens foram incentivadas e também praticadas pelos comandantes-chefes.

Conforme as pessoas por mim convocadas narravam atuações e atitudes semelhantes, todas vergonhosamente melancólicas, cheguei à inevitável conclusão de que a espécie humana havia se degenerado nos últimos cem anos. Igualmente à varíola, que altera os aspectos de um semblante inglês, a vileza do comportamento humano, nos últimos

---

37 Marco Vipsanius Agrippa (63 a.C.–12 a.C.), poderoso apoiador de Augusto, é considerado o principal responsável pela vitória sobre Marco Antônio na Batalha de Actium. Durante o reinado de Augusto, ele suprimiu rebeliões, fundou colônias romanas e administrou várias partes do Império Romano.

séculos, reduziu o tamanho dos corpos, destruiu os nervos, amoleceu os tendões e os músculos, tornou a pele pálida e a carne solta e rançosa.

Desci tão baixo que desejei que algum antigo *yeoman*<sup>38</sup> inglês fosse convocado a aparecer. Outrora famosos pela simplicidade de suas maneiras, dieta e vestuário, pela justiça de suas relações, por seu verdadeiro espírito de liberdade e por sua bravura e amor pelo país, quando os vi, a imperativa comparação entre eles e nossos mais recentes antepassados evidenciou que todas as virtudes nativas e puras representadas pelos *yeoman* haviam sido deturpadas e prostituídas — por um punhado de dinheiro — por seus netos, os quais, ao venderem seus votos e fraudarem eleições, adquiriram todos os vícios e a corrupção que só poderiam ser aprendidos na corte.

---

38 Os *yeoman*, na história inglesa, representam uma classe intermediária entre os nobres e os trabalhadores. Geralmente, um *yeoman* era um pequeno proprietário de terras, que também podia atuar como guarda real ou um oficial da coroa britânica.

## CAPÍTULO 9

*O autor retorna a Maldonada, depois embarca com destino a Luggnagg, onde acaba confinado e posteriormente admitido na corte. O autor trata da grande leniência do rei com seus súditos.*

**N**o dia da nossa partida, me despedi de sua alteza, o governador dos feiticeiros em Glubbudrib, e retornei com meus dois companheiros para Maldonada, onde, depois de duas semanas de espera, um navio estava pronto para navegar em direção a Luggnagg. Os dois cavalheiros, e alguns outros que conheci em Maldonada, foram muitos generosos. Eles me forneceram provisões e me acompanharam até a embarcação. Eu passei um mês nessa viagem. Após enfrentarmos uma tempestade violenta, procurávamos seguir em direção ao oeste para entrar no vento comercial, que se mantém por mais de trezentos quilômetros naquela região. No dia 21 de abril de 1708, chegamos à cidade portuária de Clumegnig, em Luggnagg. Lançamos âncora próximos à cidade e fizemos um sinal no intuito de chamar um piloto da região a bordo. Dois deles vieram em menos

de meia hora. Içamos a âncora e eles nos guiaram por entre as perigosas rochas daquele local. Depois dessa parte há um grande estuário, onde até mesmo uma frota pode navegar em segurança.

Alguns de nossos marinheiros, por traição ou descuido, disseram para os pilotos que eu era um estrangeiro e grande viajante. Eles, por sua vez, notificaram um oficial da alfândega, por quem fui examinado com muito rigor ao desembarcar. Esse oficial falou comigo na língua de Balnibarbi, que, pela força do comércio na região, é geralmente entendida naquela cidade, principalmente pelos marinheiros e empregados da alfândega. Fiz um breve relato, tentando tornar minha história o mais plausível e consistente possível. Achei que seria uma boa ideia não revelar qual era a minha nacionalidade e, assim, me apresentei como holandês. Afinal, minha real intenção era chegar ao Japão e eu sabia que os holandeses eram os únicos europeus autorizados a entrar naquele reino. Disse para o oficial que eu tinha sido vítima de um naufrágio na costa de Balnibarbi, após o qual acabei lançado contra uma rocha. Então, que fui resgatado dessa rocha pelo povo da ilha voadora de Laputa, da qual ele ouvira falar muitas vezes. Falei também que agora tentava chegar ao Japão, de onde eu acreditava ser possível encontrar uma embarcação capaz de me levar de volta ao meu país. Após ouvir todo o



meu relato, o oficial afirmou que eu ficaria confinado até que ele recebesse ordens do tribunal, para o qual escreveria imediatamente. Segundo ele, eu deveria receber uma resposta em quinze dias. Depois disso fui levado para um alojamento guardado por um soldado. No entanto, lá eu tinha a liberdade de caminhar por um grande jardim e fui tratado com muito respeito e decência. Várias pessoas, sabendo de meu histórico de viajante, me visitavam e pediam para que eu falasse dos países remotos que havia conhecido, dos quais eles nunca ouviram falar.

Contratei um jovem, que veio no mesmo navio que eu, para ser meu intérprete. Natural de Luggnagg e ex-morador de Maldonada, dominava perfeitamente os dois idiomas. Com a ajuda dele, pude conversar com as pessoas que vinham me visitar.

Ao cabo de quinze dias, a decisão do tribunal chegou como previsto. Ela continha um mandado de condução, segundo o qual eu deveria ser apresentado em Traldragdubh ou Trildrogdrib (palavra que pode ser pronunciada nas duas formas) junto com meu séquito, o qual consistia apenas do jovem intérprete, a quem convenci a me acompanhar, e uma mula para cada um de nós. Um mensageiro foi despachado meio dia de viagem antes de nós para avisar o rei de minha chegada. Ele também deveria perguntar ao rei quando me

daria o prazer, a oportunidade e a honra de lamber a poeira embaixo de seu escabelo, isto é, o banquinho onde o monarca costumava descansar os pés. Pensei que aquele comunicado era mais uma questão de mera formalidade, não que fosse algo literal. Todavia, dois dias após minha admissão naquela corte, fui ordenado a rastejar sobre minha própria barriga e lamber o chão à medida que avançava em direção ao rei. Por eu ser um estrangeiro, eles tomaram o cuidado limpar o chão antes de eu lambê-lo. Depois descobri que aquilo era uma graça peculiar e concedida apenas às pessoas do mais alto escalão, quando estas eram recebidas pelo rei. Também me foi contado que, às vezes, o chão era coberto de poeira de propósito se a pessoa a ser recebida tivesse inimigos poderosos na corte. Certa vez vi um nobre com a boca tão abarrotada de poeira que quando chegou perto do rei não foi capaz de falar. Foi obrigado a limpar a boca na presença de sua majestade. Lá havia também outro costume que não consegui aprovar. Consistia no seguinte: quando o rei queria matar qualquer um de seus nobres de maneira gentil e indulgente, ele ordenava que o chão fosse coberto com um certo pó marrom que era uma espécie de veneno mortal. Assim, conforme a pessoa lambia o chão, infalivelmente morria em menos de vinte e quatro horas. Para fazer justiça à bondade e ao zelo daquele monarca para com

a vida de seus súditos (característica que eu gostaria muito que os monarcas europeus imitassem), é necessário mencionar que ele dava ordens estritas para que fossem limpas as partes infectadas do chão após cada execução. Caso seus serviçais negligenciassem a limpeza, corriam o risco deixar o rei contrariado. Eu mesmo o ouvi dar instruções para que uma de suas faxineiras fosse chicoteada. Pelo que entendi, ela deveria ter lavado o chão após uma execução, porém, maliciosamente se esqueceu da limpeza. O resultado foi o envenenamento de um jovem nobre, o qual, chegando para uma audiência com o rei, acabou, infelizmente, lambendo o chão envenenado. O rei, que naquela época não tinha nenhum plano contra a vida do jovem nobre, foi bondoso ao ponto de perdoar a pobre serviçal das chicotadas mediante a promessa de que ela só faria aquilo novamente se recebesse ordens diretas do monarca.

Quando chegou minha vez de rastejar, segui o procedimento como me foi ensinado. Rastejei até quatro metros do trono, levantei-me gentilmente sobre os joelhos e, em seguida, golpeei minha testa sete vezes no chão. Em seguida, pronunciei as seguintes palavras, conforme me instruíram: *Inckpling gloffthrobb squut sormblhiop mlashnalt zwin tnodbalkuffh slhiophad gurdlubh asht*. Este é o elogio, estabelecido pelas leis da terra, para todas as pessoas admitidas na presença do

rei. Essa fala pode ser traduzida assim: “Que Vossa Majestade celeste viva mais que o sol e que onze luas e meia!” A isso, o rei retornou uma resposta que, embora eu não pudesse entender, ainda respondi como havia sido recomendado: *Fluft drin yalerick dwuldom prastrad mirpush*. O que significa: “Minha língua está na boca de meu amigo”. Essa frase permitiu que meu intérprete participasse da conversa. Assim, o jovem já mencionado entrou. Ele me ajudou a responder todas as perguntas feitas pelo rei durante mais de uma hora. Falei na língua balnibarbiana e meu intérprete traduziu tudo para o idioma de Luggnagg.

O rei ficou muito satisfeito com minha companhia e ordenou que seu *bliffmarklub* (camareiro real), preparasse alojamentos na corte para mim e para meu intérprete. Ele também ordenou que eu recebesse uma quantia diária para pagar por minha alimentação e uma grande bolsa de ouro para minhas despesas comuns.

Passei três meses naquele país, em perfeita obediência à sua majestade; que ficou muito satisfeito em me favorecer e me fez ofertas muito honrosas. Apesar de todas essas vantagens, achei mais prudente e justo passar o restante de meus dias com minha esposa e meus filhos.

# CAPÍTULO 10

*Conversas com os luggnaggianos. Uma descrição dos struldbrugs, os imortais, com muitos diálogos entre o autor e algumas pessoas eminentes sobre esse assunto.*

O povo luggnaggiano é educado e generoso. Embora também apresentem certo orgulho, muito peculiar aos povos dos países orientais, eles sempre tratam os estrangeiros com atenção e cortesia, principalmente quando esses estrangeiros são queridos na corte. Eu tinha muitos conhecidos entre a nobreza local e, assim, sempre na presença do meu intérprete, mantive conversas extremamente agradáveis.

Certo dia, quando estava na presença dessas ótimas companhias, uma pessoa da nobreza me perguntou se eu tinha visto algum dos *struldbrugs* (imortais). Eu respondi que não. Em seguida, pedi que me explicasse o que queria dizer com aquilo. Ele me disse que raras vezes uma criança nascia em uma família com uma mancha circular vermelha na testa, diretamente acima da sobrancelha esquerda. Segundo ele,

tal marca indicava que essa criança não morreria nunca. A marca, a princípio, era do tamanho de um centavo de prata, mas com o passar do tempo ela aumentava e mudava de cor. Aos doze anos, a marca ficava verde. Depois, aos vinte e cinco tornava-se azul profundo. Aos quarenta e cinco, finalmente ganhava a cor negra, igual ao carvão, e chegava a um tamanho similar ao de um xelim inglês. Após essa mudança ela não se alterava mais. Meu interlocutor disse que esses nascimentos eram extremamente raros. Ele acreditava que em todo reino deveria haver cerca de mil pessoas assim. Seguiu dizendo que entre esses mil aproximadamente cinquenta viviam na metrópole. Um deles era uma criança nascida cerca de três anos atrás. Concluiu afirmando que essas pessoas não eram relacionadas a nenhuma linhagem de família, mas fruto do mero efeito do acaso. Os filhos dos outros *struldrugs* eram mortais como qualquer outro povo.

Senti um prazer inexprimível ao ouvir esse relato. A pessoa que me contou isso falava muito bem a língua bal-nibarbiana, portanto, não pude deixar de fazer expressões um tanto quanto extravagantes enquanto ouvia. Ao final gritei em êxtase:

— Feliz da nação onde toda criança tem pelo menos a chance de ser imortal! Vocês são felizes por terem aqui exemplos vivos da virtude antiga e mestres prontos para

instruí-los na sabedoria dos tempos passados! Mais felizes ainda, além de qualquer comparação, são aqueles excelentes brotos, que, nascendo isentos dessa calamidade universal da natureza humana chamada morte, têm suas mentes livres do peso e da depressão dos espíritos que o fim da vida representa!

Em seguida, não escondi certa admiração por não ter observado nenhuma dessas pessoas ilustres na corte. Não me lembrava de ninguém com a tal mancha negra na testa, o que, acreditava eu, deveria ser uma distinção tão notável que seria impossível ignorá-la. Também fiquei intrigado com o fato de o rei, um monarca tão sensato, não ter entre seus conselheiros um bom número desses sábios. Depois, fiquei pensando se não seria muito rígida a virtude desses grandes sábios para os modos corruptos e libertinos de uma corte, seja ela qual fosse. Muita vez descobrimos, por experiência, que os jovens são muito opinativos e voláteis para serem guiados pelos ditames sóbrios de seus idosos. Disse a ele que assim que me fosse dada a oportunidade, com ajuda do meu intérprete, falaria desse assunto com o rei. Afirmei que solicitaria ao monarca o favor de poder passar minha vida aqui em contato com esses seres superiores caso eles admitissem, obviamente.

O cavaleiro que me contou essa história respondeu com sorriso irônico dizendo que ficaria muito feliz em me

colocar em contato com os imortais. Inclusive, disse que se assim desejasse ele me levaria até eles. O cavaleiro e seus amigos conversaram por algum tempo em sua própria língua, da qual não entendi uma sílaba, nem pude observar pelas expressões deles a impressão que meu discurso lhes causara. Porém, após um breve silêncio, o mesmo cavaleiro me disse que estavam todos muito satisfeitos com minhas observações sobre as grandes felicidades e vantagens da vida imortal. Em seguida, me perguntaram como eu levaria minha vida caso tivesse a sorte de ter nascido imortal também.

Expliquei que seria delicioso responder aquele questionamento, pois costumava me divertir imaginando o que eu faria se fosse um rei, um general ou um nobre. Curiosamente, eu já havia imaginado algumas vezes o que faria se tivesse a certeza de que viveria para sempre.

Primeiro, se tivesse a sorte de nascer imortal, assim que eu descobrisse essa minha condição, eu empregaria todas as artes e métodos, quaisquer que fossem, para adquirir riquezas. Assim, por parcimônia e boa administração, em cerca de duzentos anos eu seria o homem mais rico do reino. Em segundo lugar, desde a mais tenra idade, eu me dedicaria ao estudo das artes e das ciências, assim, com o passar do tempo, acabaria me destacando de todos os outros na aprendizagem. Por fim, faria um registro cuidadoso



de todas as ações e acontecimentos públicos, desenhando assim imparcialmente os personagens das várias sucessões de príncipes e grandes ministros de estado, com minhas próprias observações em todos os aspectos. Nesse registro eu exporia exatamente as mudanças nos costumes, idioma, vestimentas, dieta e diversões. Resumindo, eu me tornaria um tesouro vivo de conhecimento e sabedoria. Certamente acabaria me transformando no oráculo da nação.

Disse para eles que nunca me casaria, seria um eterno solteiro. Minha atenção se voltaria para formação das mentes dos jovens, convencendo-os, a partir de minha própria experiência e observação, fortalecidas por numerosos exemplos da vida real, da utilidade da virtude na vida pública e privada. Meus companheiros mais constantes certamente estariam entre os meus irmãos imortais, dentre os quais elegeria uma dúzia que iria dos mais antigos até meus contemporâneos. Em razão da minha fortuna acumulada, eu providenciaria locais confortáveis e convenientes em torno de minha propriedade para abrigá-los e os colocaria sempre à minha mesa. Entre nós estariam também alguns dos mais valiosos entre vocês, reles mortais. O passar do tempo, contudo, acabaria endurecendo meu coração, pois acredito que, por fim, eu encararia o ciclo normal da vida humana da mesma maneira que um homem comum se diverte com a sucessão anual de rosas e

tulipas em seu jardim, sem se arrepender com a perda das flores que murcharam no ano anterior.

Eu compartilharia com esses imortais as observações e memoriais produzidas ao longo do tempo. Observaríamos as várias gradações pelas quais a corrupção destrói o mundo. Seríamos uma oposição constante a ela, dando avisos e instruções perpétuas à humanidade. Isso, somado à forte influência de nosso próprio exemplo, provavelmente impediria a degeneração contínua da natureza humana, tão justamente reclamada em todas as épocas.

Além disso eu teria acesso ao prazer de ver as várias revoluções de estados e impérios; presenciaria as mudanças no mundo inferior e superior; seria testemunha das transformações das grandes cidades em ruínas e das aldeias obscuras em lugares de reis; veria rios famosos diminuindo e tornando-se riachos rasos; observaria o oceano deixando uma costa seca enquanto inunda outra; presenciaria a descoberta de muitos países ainda desconhecidos; seria testemunha ocular da barbárie que domina as nações mais políticas enquanto as mais bárbaras tornam-se civilizadas. Com o passar dos séculos, eu seria capaz de assistir o movimento perpétuo, a medicina universal e muitas outras grandes invenções, levadas à máxima perfeição.

Afirmei que a imortalidade me permitiria participar das mais maravilhosas descobertas em campos como a astronomia. Eu viveria para ver confirmadas algumas previsões, observaria a passagem e o retorno dos cometas, as mudanças de movimento no Sol, na Lua e nas estrelas!

Fiquei tão empolgado que acabei extrapolando para muitos outros tópicos, os quais o desejo natural da vida sem fim e a felicidade sublunar poderiam facilmente me fornecer. Quando terminei meu discurso — que foi traduzido, como antes, para todos os ouvintes —, houve muita conversa entre eles. Também foram muitas as risadas às minhas custas. Por fim, o mesmo cavalheiro que havia atuado como meu intérprete disse que, em nome dele e de seus compatriotas, presentes ali naquela conversa, pretendia corrigir alguns dos erros nos quais eu havia caído pela imbecilidade que é tão comum à natureza humana. O cavalheiro me disse que os imortais eram pessoas que só existiam naquele país. Não havia imortais em Balnibarbi ou no Japão, nações onde ele teve a honra de atuar como embaixador de sua majestade. Disse também que era muito difícil acreditar nos nativos de ambos aqueles reinos. Eu, de minha parte, fiquei espantado quando mencionou o assunto da imortalidade pela primeira vez, por isso, o recebi como algo totalmente novo e difícil de acreditar. Nos dois reinos mencionados acima, onde ele

viveu por bastante tempo, o cavaleiro observou que a longa vida era uma espécie de desejo universal. Lá, toda pessoa que estivesse com um pé na cova faria o possível para garantir que o outro ficasse fora dela. Ele observou também que o mais velho morador daquelas nações tinha esperanças de viver mais um dia e considerava a morte o maior mal. Porém, na ilha de Luggnagg as coisas eram diferentes. Lá, o apetite pela vida não era assim tão forte em razão da contínua presença dos imortais no local.

O meu nobre interprete também apontou que o sistema de vida inventado por mim, caso eu fosse imortal, era irracional e injusto porque supunha uma perpetuidade da juventude, da saúde e do vigor, fato que somente um homem tolo e extravagante seria capaz de esperar. Para ele, a questão não era se um homem escolheria estar sempre no auge da juventude, acompanhado de prosperidade e saúde, mas como ele enfrentaria a vida perpétua diante de todas as desvantagens usuais que a velhice traz consigo. Meu interlocutor também observou que, embora poucos homens admitam que desejam ser imortais, em condições tão difíceis — ainda mais nos dois reinos mencionados anteriormente —, eles buscam adiar ao máximo sua morte. Ele me disse ainda que raramente ouviu falar de qualquer homem que desejasse morrer voluntariamente, exceto quando caía vítima de uma

dor extrema ou da tortura. Por fim, ele perguntou se nos países pelos quais eu viajei não havia observado exatamente a mesma disposição geral.

Após esse prefácio, ele me deu um relato do comportamento dos imortais que viviam entre eles. Disse que geralmente agiam como mortais até aproximadamente trinta anos. Depois dessa data, eles gradualmente se tornavam melancólicos e abatidos. Isso seguia num crescente até cerca dos oitenta anos. Após atingirem essa idade, a qual é considerada extrema naquele país, passavam a apresentar não apenas todas as loucuras e enfermidades de outras pessoas idosas, mas muitas outras que surgiram exatamente em razão da terrível perspectiva de nunca morrer. Por essa razão, os imortais não eram apenas sujeitos opinativos, irritantes, cobiçosos, melancólicos e vaidosos como também eram completamente incapazes de fazer amizade depois de velhos ou de sentir qualquer afeto natural para além dos netos. Neles, a inveja e os desejos impotentes eram predominantes. Entre as coisas que mais invejavam estavam os vícios dos mais jovens e as mortes dos mais velhos. Isso porque, ao refletirem sobre o primeiro caso, eles se percebiam totalmente afastados de qualquer possibilidade de prazer. Já no segundo caso, eles, sempre que presenciavam um funeral, lamentavam e repudiavam sua própria sorte em contraposição àqueles que

atingiam um porto de descanso no qual eles jamais poderiam desembarcar. No geral, os imortais lembravam apenas daquilo que aprenderam e observaram na juventude e na meia-idade. No entanto, mesmo esses conhecimentos resultavam muito imperfeitos, pois todos sabemos que no que diz respeito à verdade ou às particularidades de qualquer fato, é mais seguro depender da tradição e dos livros de história do que das nossas melhores lembranças, principalmente quando estamos velhos e esquecidos. Os menos infelizes entre eles parecem ser aqueles que perderam completamente suas memórias. Assim, são alvo de mais piedade e assistência.

De acordo com aquele gentil cavalheiro, quando esses imortais se casam entre si, o casamento, por cortesia do rei, é dissolvido assim que o mais novo dos dois chega aos oitenta anos. A lei daquela nação considera uma indulgência razoável que aqueles que estão condenados, sem culpa alguma, a uma perpétua continuidade no mundo, não tenham sua miséria duplicada pela carga de um cônjuge eterno. Portanto, assim que completam oitenta anos, eles passam a ser vistos como mortos perante à lei. Seus herdeiros imediatamente os sucedem em suas propriedades e apenas uma pequena ninharia, paga pelo público, é reservada para seu sustento. Também depois dos oitenta anos eles são tidos como incapazes de trabalhar em qualquer emprego de confiança, não podem

mais comprar terras ou fazer arrendamentos, muito menos ser testemunhas em qualquer causa, seja ela civil ou criminal.

Depois, segundo aquele cavalheiro, quando eles chegam aos noventa, perdem os dentes e os cabelos; não sentem mais gosto, mas comem e bebem tudo o que conseguem, sem prazer ou apetite. As doenças às quais estavam sujeitos continuam, sem aumentar ou diminuir. Ao conversar, esquecem os nomes das coisas e das pessoas, mesmo daqueles que são seus amigos e parentes mais próximos. Por essa mesma razão, eles são incapazes de se divertir com a leitura, pois sua memória não consegue levá-los do começo de uma frase até o fim. Por essa razão, eles acabam privados de um dos pouquíssimos prazeres que poderiam ter.

O cavalheiro também informou que como a língua daquele país está sempre em movimento, os imortais de uma determinada era não compreendem mais os de outra, nem são capazes, depois de duzentos anos, de manter qualquer conversa (mesmo que seja de poucas palavras). Por fim, eles acabam vivendo como estrangeiros em seu próprio país.

Ao acabar seu relato sobre os imortais (pelo menos o que escrevo é o mais próximo daquilo que me recordo de ter ouvido), o nobre cavalheiro e outros amigos me apresentaram alguns desses indivíduos. O mais jovem tinha cerca de duzentos anos. Estes, apesar de terem sido informados

de que eu era um grande viajante e que tinha conhecido o mundo inteiro, não demonstravam a menor vontade de me fazer alguma pergunta. Eles apenas queriam saber se eu “lhes daria *slumskudask*” ou alguma outra lembrança. Na verdade, essa era a maneira que encontravam para pedir algo sem cometer um crime, pois a lei do reino proibia estritamente que qualquer coisa lhes fosse oferecida, afinal já recebiam um benefício fornecido pelo poder público, apesar dessa mesada ser um tanto quanto escassa.

No geral, eles são desprezados e odiados pelas pessoas. Seu nascimento é considerado sinistro e de mau agouro. Sobre a idade dos mais antigos só é possível ter uma ideia aproximada. Por exemplo, para aqueles com mais de mil anos, que não tiveram seus registros mantidos em razão do tempo ou porque foram destruídos por distúrbios públicos, a maneira usual de calcular a idade é perguntando quais reis ou grandes pessoas eles se lembram e depois consultar os livros de história.

Alguns daqueles imortais tinham o aspecto mais humilhante que já vi. As mulheres eram mais horríveis que os homens. Além das deformidades usuais da velhice extrema, aqueles indivíduos adquiriam um horror adicional, proporcional ao número de anos, que não deve ser descrito. Quando



fui apresentado a uma meia dúzia deles, logo distingui qual era o mais velho.

Certamente, o leitor entenderá que, pelo que vi e ouvi, meu interesse pela vida eterna diminuiu muito. Fiquei profundamente envergonhado das visões agradáveis que eu havia formado em minha imaginação. Concluí que nenhum tirano seria capaz de inventar uma morte tão assustadora para a qual eu não corresse com prazer para fugir de um destino como aquele. O rei ouviu tudo o que havia se passado entre eu e meus amigos nessa ocasião. Por isso, me convidou para uma reunião na qual disse que se eu desejasse, ele enviaria um casal de imortais para o meu país no intuito de retirar de nosso povo o medo da morte. No fim das contas, descobrimos que aquilo era proibido pelas leis fundamentais do reino. Não fosse isso, eu teria de enfrentar diversos problemas e as despesas de transportá-los.

Fiquei muito feliz ao tomar conhecimento daquelas leis fundamentais. Caso contrário, como a avareza é a consequência necessária da velhice, esses imortais acabariam se tornando proprietários de toda a Inglaterra, absorveriam o poder civil, o qual, por falta da habilidade que os imortais teriam para administrá-lo com o passar das décadas, acabaria produzindo a ruína completa do país.

## CAPÍTULO 11

*O autor deixa Luggnagg e vai rumo ao Japão. De lá ele retorna em um navio holandês para Amsterdam, de onde embarca para a Inglaterra.*

**A**credito que o relato sobre os imortais, por ser algo incomum, servirá de entretenimento para o leitor. Pelo menos não me lembro de ter encontrado algo parecido em qualquer outro livro de viagens. Caso eu esteja enganado, peço desculpas.

De fato, existe um pujante comércio entre Luggnagg e o grande império do Japão. Por essa razão, é muito provável que os autores japoneses tenham produzido algum relato dos imortais. Infelizmente, minha estadia no Japão foi tão curta e eu dominava tão pouco o idioma daquela ilha que consegui fazer pouquíssimas perguntas. Assim, espero que os holandeses, com este aviso, sejam curiosos o suficiente para suprir meus defeitos nesse quesito e esclarecer definitivamente esse ponto.

O rei de Luggnagg me pressionou a aceitar algum emprego em sua corte, porém, eu me mantive irredutível e

absolutamente determinado a retornar ao meu país natal. Por fim, ele me concedeu o prazer de partir e me homenageou com uma carta de recomendação ao imperador do Japão, escrita de próprio punho. Ele também me ofereceu quatrocentas e quarenta e quatro grandes peças de ouro (o povo daquele lugar se delicia com números pares) e um diamante vermelho, que vendi na Inglaterra por mil e cem libras.

Em 6 de maio de 1709, me despedi solenemente do rei e de todos os meus amigos em Luggnagg. O monarca foi tão gentil que ordenou que um guarda me conduzisse a Glanguenstald, que é o porto real da ilha. Em seis dias, encontrei uma embarcação pronta para me levar ao Japão e passei quinze dias na viagem. Atracamos em uma pequena cidade portuária chamada Shimōsa, situada na parte sudeste do Japão. A cidade fica em uma região onde há um estreito que leva para o norte ao longo de um braço de mar, na parte noroeste desse estreito fica Edo, a metrópole daquela nação. No desembarque, mostrei aos oficiais da alfândega minha carta de recomendação, escrita e assinada pelo rei de Luggnagg e endereçada à sua majestade imperial. Eles conheciam o selo perfeitamente bem (era tão largo quanto a palma da minha mão). Naquele momento, a impressão que tive foi: *Um rei levantou um mendigo coxo do chão*. Os magistrados da cidade, ao verem minha carta, me receberam como se eu fosse um

ministro de Luggnagg. Me forneceram carruagens, servos e me levaram até Edo, onde fui admitido em meio a uma multidão. Lá, entreguei minha carta, que foi aberta com grande cerimônia e traduzida ao imperador por um intérprete, o qual então me notificou, por ordem de sua majestade, que eu deveria dizer qual era meu pedido e, qualquer que fosse, seria concedido pelo bem de seu irmão real em Luggnagg. Esse intérprete era uma pessoa empregada para negociar assuntos com os holandeses. Ele logo conjecturou, pelo meu semblante, que eu era europeu. Por essa razão, repetiu os comandos de sua majestade em holandês, língua que falava perfeitamente. Respondi, como já havia determinado, que era um comerciante holandês, naufragado em um país muito remoto, de onde havia viajado por mar e terra para Luggnagg e depois embarcado para o Japão, nação com a qual eu sabia que meus compatriotas costumavam negociar. Assim, eu desejava retornar à Europa em alguma embarcação holandesa. Depois disso, humildemente, implorei um favor real do imperador japonês, que eu fosse conduzido em segurança até Nagasaki. A isto acrescentei outra petição. Pedi, pelo apreço que o imperador japonês tinha pelo meu patrono, o rei de Luggnagg, que me concedesse a permissão de não ser obrigado a pisar no crucifixo como ocorria com meus compatriotas, isso porque eu havia sido lançado em seu reino

por meus infortúnios, sem nenhuma intenção de negociar. Quando esta última petição foi interpretada ao imperador, ele pareceu um pouco surpreso e me confessou que eu era o primeiro holandês a apresentar esse tipo de requisição. Por essa razão, ele começou a duvidar se eu era realmente um holandês e a suspeitar que talvez eu fosse um cristão. Contudo, não pelas razões que ofereci, mas principalmente para não contrariar o rei de Luggnagg, ele concordou. Assim, seus oficiais receberam ordens para me deixar passar sem pisar no crucifixo como havia solicitado, mas também me pediu que mantivesse aquilo em segredo. Segundo ele, caso se tornasse de conhecimento de meus compatriotas holandeses, eles certamente cortariam minha garganta durante a viagem. Agradei novamente por ter recebido um favor tão incomum. Naquele momento, algumas tropas imperiais estavam a caminho de Nagasaki, o oficial comandante recebeu ordens para me levar para lá, com instruções específicas sobre os negócios do crucifixo.

No dia 9 de junho de 1709, cheguei a Nagasaki após uma jornada longa e problemática. Logo, fui levado à presença de marinheiros holandeses pertencentes ao *Amboyna*, de Amsterdã, um navio robusto de 450 toneladas. Eu havia morado muito tempo em Leyden, como estudante, e falava bem holandês. Os marinheiros logo ficaram sabendo de onde

eu vinha. Acabaram curiosos e perguntavam sobre minhas viagens. Conteí a eles uma história o mais curta e provável possível, para não cair em contradição. Como conheci muitas pessoas na Holanda, consegui inventar nomes para meus pais, que fingia ser pessoas obscuras na província de Gelderland. Eu certamente poderia ter pago ao capitão (um tal Theodorus Vangrult)<sup>39</sup> muito dinheiro, caso ele decidisse cobrar para me levar até a Holanda; mas, ao descobrir que eu era cirurgião, se contentou em receber metade da taxa usual, com a condição de que eu trabalhasse como médico durante a viagem. Antes de embarcarmos, muitas pessoas da tripulação me perguntaram se eu havia realizado a tal cerimônia do crucifixo. Evitei a pergunta com respostas gerais, disse apenas que eu havia satisfeito o imperador e a corte em todos os aspectos. No entanto, um encenqueiro malicioso se aproximou de um oficial japonês e, referindo-se a mim, disparou: “ele ainda não pisou crucifixo”. O oficial, que havia sido instruído a encobrir meu segredo, deu ao patife vinte

---

39 Há aqui, talvez, uma sátira com os holandeses. Isso porque Theodorus pode ser traduzido como “presente de Deus”. Já Vangrult é uma palavra que pode ser uma derivação do termo grego *grulo* ou *grulos*, que significa “porco”. O nome, portanto, seria um “presente de Deus aos porcos”. Em todo o livro, Swift não esconde sua antipatia pelos holandeses, os quais são, muita vez, retratados por eles como anticristãos, depravados, violentos e perigosos.

cacetadas nos ombros com um bambu. Depois dessa surra, não fiquei mais preocupado com pergunta alguma.

Nada digno de menção aconteceu nessa última viagem. Navegamos com um vento bom até o Cabo da Boa Esperança, onde atracamos apenas para tomar água fresca. No dia 10 de abril de 1710, chegamos em segurança a Amsterdã, perdendo apenas três homens por doença na viagem e um quarto, que caiu do primeiro plano para o mar, não muito longe da costa da Guiné. De Amsterdã, logo parti para a Inglaterra, em um pequeno navio pertencente a essa cidade.

No dia 16 de abril, retornei à Inglaterra, meu país natal. Desembarquei após uma ausência de cinco anos e seis meses completos. Fui direto para Redriff, onde cheguei no mesmo dia às duas da tarde para encontrar minha esposa e família em boa saúde.





## **Parte IV**

### **Viagem ao país dos *riinchnchnv***



# CAPÍTULO 1

*O autor se torna capitão de um navio. É vítima de um motim, acaba preso por seus marinheiros, os quais o abandonam em uma praia desconhecida. Ele viaja por esse país. Os yahoos, uma espécie diferente de animal, são descritos. O autor conhece os riinchnchn.*

**E**u seguia muito feliz em minha casa, vivia há cinco meses na companhia de minha esposa e filhos. Nesse momento, se eu tivesse aprendido a lição de ficar quieto e aproveitar a boa situação na qual me encontrava, tudo seria diferente. Deixei minha pobre esposa grávida para assumir o cargo de capitão do navio *Adventurer*, um cargueiro mercantil de 350 toneladas. Como eu entendia bem de navegação e sabia da necessidade de ter ao meu lado um médico no navio, decidi contratar o jovem Robert Purefoy para esse posto no *Adventurer*. Deixamos o porto de Portsmouth no dia 7 de setembro de 1710. Em 14 do mesmo mês, encontramos o capitão Pocock, de Bristol, em Tenerife, nas Ilhas Canárias. Ele navegava em direção à baía de Campeche,

na América Central, onde iria cortar madeira. No dia 16, o perdemos de vista após uma tempestade. Quando retornei, descobri que ele e praticamente toda sua tripulação, com a exceção um garoto de cabine, tinham morrido em um naufrágio. Ele era um homem honesto, bom marinheiro, mas positivo demais em suas próprias opiniões. Essa foi a causa de sua destruição, porque se ele tivesse feito como outros marinheiros e seguido meu conselho, poderia estar agora seguro em casa com sua família.

Em meu navio, muitos homens morreram de insolação. Por essa razão, fui obrigado, depois de me informar com os comerciantes que atuavam naquela região, a navegar com destino a Barbados e às Ilhas Leeward, no Caribe. Lá, recrutei novos marujos. Decisão pela qual me arrependo imensamente, pois descobri mais tarde que eram quase todos bucaneiros. Eu tinha então cinquenta homens a bordo. Minhas ordens eram: negociar com os índios no mar do Sul e trabalhar em novas descobertas na medida do possível. O problema é que os bandidos que eu havia contratado corromperam os outros homens a bordo. Em poucos dias, eles se uniram e se amotinaram. Acabaram tomando o navio e me fizeram prisioneiro. Foi tudo muito rápido, um dia, pela manhã, invadiram minha cabine, amarraram meus pés, minhas mãos e ameaçaram me atirar ao mar caso eu tentasse

qualquer coisa. Eles me fizeram jurar que obedeceria ao que me fosse dito, o que eu obviamente fiz. Depois, prenderam uma de minhas pernas a uma corrente que foi fixada no chão da cabine, perto da minha cama. Um dos piratas ficou de sentinela à minha porta com a arma carregada. Esse homem recebeu ordens diretas de me matar caso eu tentasse fugir. Eles deixaram comigo mantimentos e bebidas. O objetivo daqueles bandidos era saquear navios espanhóis, porém, para isso, eles precisavam recrutar mais homens. Decidiram então vender todas as mercadorias na embarcação para depois navegar rumo à ilha de Madagascar onde recrutariam mais piratas. No entanto, vários deles morreram durante a viagem. Eles navegaram muitas semanas e negociaram com indígenas. Preso na cabine, eu não sabia exatamente que rumo seguíamos. Nesse momento, eu temia por minha vida em razão das frequentes ameaças que recebia.

No dia 9 de maio de 1711, um marujo chamado James Welch foi até minha cabine para me avisar que o capitão pensava em me deixar em algum local. Eu implorei, em vão, que me dissesse quem era o novo capitão. Eles então me forçaram a entrar em um bote. Permitiram ainda que eu vestisse minha melhor roupa e levasse comigo um pequeno pacote com roupas de cama. No final das contas, eles foram muito educados, ao ponto de não vasculharem meus bolsos,

onde eu levava todo o dinheiro que tinha, além de outros pequenos itens. Remamos até perto de uma praia. Nenhum deles soube me dizer qual região era aquela, chegaram inclusive a jurar que não sabiam onde estávamos. Depois, me disseram que o capitão havia decidido vender o navio. Por isso, precisavam se livrar de mim no primeiro lugar que aparecesse. Eles se afastaram imediatamente e disseram para eu caminhar rapidamente em direção à praia para não ser surpreendido pela maré.

Em completa desolação e totalmente desamparado, me afastei e segui em direção àquela terra desconhecida. Após andar por algum tempo, me sentei para pensar no que fazer. Decidi avançar terra adentro e me entregar aos primeiros selvagens que encontrasse. Negociaria com eles a preservação da minha vida em troca de alguns braceletes, espelhos e outras bugigangas que, por sorte, eu tinha em meu poder e que os marinheiros costumam levar consigo para esses locais. Aquela terra era dividida por longas fileiras de árvores, que cresciam naturalmente, isto é, não tinham sido plantadas pela mão humana. Havia ainda muitos gramados e vários campos de aveia. Adotei uma postura muito cautelosa, pois sentia medo de ser surpreendido por uma flechada ou algo assim. Depois de percorrer uma considerável distância, encontrei uma estrada de terra batida, onde vi

pegadas humanas, de gado e de cavalos. Por fim, cheguei a um campo onde estavam vários animais. Também pude ver dois indivíduos sentados nas árvores. Eles tinham um jeito muito singular: aparentemente eram deformados. Isso me perturbou um pouco, de modo que me deitei atrás de uma touceira de capim para observá-los melhor. Outros deles, perto do local onde eu estava, me deram a oportunidade de observá-los com mais cuidado. Tinham as cabeças e peito cobertos por pelos grossos, alguns crespos e outros lisos. Suas barbas eram iguais às dos bodes. Além disso, seus cabelos desciam pelas costas e pelas partes dianteiras das pernas e dos pés. O restante de seus corpos estava nu. Tinham uma pele de cor marrom. Eles não tinham rabo, nem cabelos nas nádegas, exceto sobre o ânus, o que, presumi, a natureza havia colocado lá para protegê-los quando se sentavam no chão. Percebi que eram capazes de escalar árvores altas tão agilmente quanto um esquilo, pois possuíam fortes garras afiadas e com o formato de ganchos nas pontas dos dedos das mãos e dos pés. Pulavam com muita frequência e com enorme agilidade. As fêmeas não eram tão grandes quanto os machos. Elas tinham cabelos compridos e lisos, seus rostos, no entanto, não tinham pelo algum. Também não apresentavam nenhum pelo no resto do corpo, exceto no ânus e nos órgãos genitais. Tinham seios enormes que quase tocavam

os pés dianteiros. Em algumas delas, eles chegavam a quase tocar o chão quando caminhavam. Os cabelos de ambos os sexos tinham as cores mais variadas: marrom, vermelho, preto e amarelo. Em todas as minhas viagens eu nunca tinha visto animais com o aspecto tão desagradável e para o qual eu automaticamente desenvolvi enorme antipatia. Então, pensando que já tinha visto o suficiente, cheio de desprezo e aversão, me levantei e continuei caminhando na estrada de terra batida, esperando finalmente chegar a alguma aldeia. Não demorou muito para que eu encontrasse uma dessas criaturas no caminho. Decidi então me aproximar. O monstro, ao me ver, fez inúmeras caretas e se contorceu todo. Me olhou como se eu fosse algo que ele nunca tinha visto antes. Por fim, ele se aproximou, ergueu a pata dianteira, não sei se por curiosidade ou travessura. Respondi essa insolência com uma pancada com o lado da minha espada: dei-lhe um bom golpe, no intuito de apenas assustar. Não bati com a lâmina porque temia que se os outros, ao descobrirem que eu havia matado ou mutilado um deles, se voltassem contra mim. Quando a fera levou a bordoadada, recuou e rugiu tão alto que uma manada de pelo menos uns quarenta deles veio em seu socorro. Rapidamente, me vi rodeado por seres que uivavam e faziam caretas odiosas. Corri até uma árvore, na qual apoiei minhas costas para de lá agitar minha espada até



que fossem embora. No entanto, vários desses indivíduos amaldiçoados, agarrando-se aos galhos da árvore na qual eu me apoiava, subiram até sua copa, de onde começaram a defecar na minha cabeça. Quase fui sufocado pela avalanche de fezes que caía sobre mim.

Em meio a essa confusão dos diabos, de repente, todos eles saíram correndo desesperados. Aproveitei a oportunidade para retomar a estrada, imaginando o que teria assustado aquelas criaturas. Nesse momento, percebi que um cavalo trotava suavemente em um campo à minha esquerda. Ele era o motivo do pânico que havia tomado conta das criaturas que me atacavam com seus excrementos. Pouco depois, o cavalo veio em minha direção, observou cuidadosamente minhas mãos e pés, deu várias voltas me encarando e seu olhar era de admiração. Tentei continuar minha jornada, mas ele se colocou graciosamente à minha frente e seguiu me encarando. Ficamos parados, olhando um ao outro por algum tempo. Por fim, tomei a ousadia de estender a mão até o pescoço dele, na intenção de acariciá-lo, como fazem os jóqueis quando vão montar um cavalo que não conhecem. Aquele animal, no entanto, recebeu meus carinhos com certo desdém, balançou a cabeça e arqueou as sobrancelhas, erguendo suavemente a pata direita para remover minha

mão. Depois disso, relinchou três ou quatro vezes, mas em uma cadência tão peculiar que me pareceu que falava.

Essa cena foi interrompida pela chegada de outro cavalo, o qual se apresentou ao primeiro de uma maneira extremamente formal: os dois bateram os cascos de suas respectivas patas dianteiras direitas, relincharam várias vezes variando o som, que parecia quase articulado, numa espécie de cumprimento. Eles avançaram lado a lado, como se fossem para um encontro, depois passaram a se movimentar para trás e para frente, como se fossem pessoas deliberando sobre algum assunto importante. Faziam isso e voltavam seus olhos para mim, como se estivessem tomando cuidado para eu não escapar. Fiquei espantado com esses comportamentos e ações por parte de animais brutos. Pensei comigo que se os cavalos eram assim tão espertos, certamente os habitantes daquele país deveriam ser as pessoas mais sábias da Terra. Na esperança de que esse pensamento estivesse correto, resolvi seguir em frente, até descobrir alguma casa ou vila ou me encontrar com um dos nativos. Assim, deixei os dois cavalos conversando juntos. Mas o primeiro cavalo, que era um malhado cinza, ao me ver voltar a caminhar, relinchou atrás de mim em um tom tão expressivo que cheguei a imaginar que seria capaz de entender o que tentava dizer. Depois disso, cheguei perto dele para esperar por suas ordens.

Tentei esconder ao máximo meu medo e minha estupefação. Também imaginava que aquilo poderia não acabar muito bem. O leitor pode ter certeza de que não gostei nem um pouco daquela situação.

Os dois cavalos se aproximaram e me olharam com grande seriedade, observando principalmente meu rosto e minhas mãos. O corcel cinza pegou meu chapéu com a boca e depois o amassou com seu casco dianteiro direito. A peça ficou tão amarrotada que levei alguns minutos para ajustá-la novamente à minha cabeça. Tive de colocar e tirar o chapéu várias vezes até que ficasse minimamente aceitável. Enquanto isso, ele e seu companheiro (que tinha pelo marrom) me olhavam muito surpresos. O cavalo marrom chegou bem perto de mim, cheirou o cinto do meu casaco, e ao perceber que ele estava solto, me olhou com enorme admiração. Em seguida, acariciou minha mão direita, parecendo admirar a suavidade e a cor da minha pele. Acabou apertando tanto minha mão com seu casco que eu dei um berro. Depois desse incidente, passaram a me tocar muito cuidadosamente, com diversos gestos e aparentando enorme perplexidade. Seu comportamento não era muito diferente dos de um filósofo que tentava compreender algum fenômeno novo e difícil.

Paradoxalmente, o comportamento desses animais era tão racional, educado, criterioso e genuinamente curioso que

cheguei à conclusão de que eram seres mágicos transformados em cavalos. Pensei comigo: “Eles estavam caminhando nessa forma equina, que deve fazer parte de algum projeto mágico, e, ao observarem um estranho no caminho, resolveram analisá-lo”. Também passou pela minha cabeça que aqueles seres tinham ficado realmente surpresos ao ver um homem tão diferente em hábitos, feições e aparência daqueles que provavelmente viviam naquele lugar tão remoto. Com base nesse raciocínio, arrisquei falar com eles da seguinte maneira: “Senhores, tenho boas razões para acreditar que vocês são mágicos, por isso, talvez possam entender minha linguagem. Quero que saibam que eu sou um inglês pobre e angustiado, que infortúnios me trouxeram até a costa de seu reino. Assim, suplico que um de vocês me deixe cavalgar em suas costas, como se fosse um cavalo de verdade, até uma casa ou vila onde eu possa descansar. Em troca ofereço a vocês minha faca e minha pulseira como presentes”. Ao acabar de falar, tirei essas duas coisas do meu bolso. As duas criaturas ficaram em completo silêncio enquanto eu falava. Me pareceu que ouviram tudo com muita atenção. Quando terminei, eles relincharam entre si, como se travassem uma conversa séria. Prestei muita atenção na maneira como se comunicavam e na linguagem que utilizavam para expressar suas ideias. Por fim, percebi que tais palavras poderiam, com

pouco trabalho, ser todas resolvidas em um alfabeto de uma maneira muito mais simples do que seria fazer o mesmo com o idioma chinês.

Eu conseguia distinguir com frequência a palavra *yahoo*, repetida várias vezes por cada um deles. Embora, a essa altura, fosse impossível decifrar o que ela significava, enquanto os dois cavalos estavam ocupados conversando, eu falei *yahoo* alto e com certa ousadia, imitando ao mesmo tempo, o mais próximo possível, o relinchar de um cavalo. Ambos ficaram visivelmente surpresos e em completo silêncio. O cavalo cinza repetiu a mesma palavra duas vezes, como se quisesse me ensinar a maneira correta de falar. Eu, de minha parte, tentei imitá-lo o melhor que pude. Conforme fui falando igual ao cavalo percebi que minha dicção melhorava, embora ainda estivesse muito longe da maneira com que eles emitiam aquele som. Então, o malhado cinza tentou me ensinar uma segunda palavra, muito mais difícil de ser pronunciada, mas que poderia ser escrita da seguinte maneira: *riinchnchn*. Não obtive o mesmo sucesso, mas depois de duas ou três tentativas, minha pronúncia melhorou bastante. Os dois cavalos, por sua vez, pareciam espantados com a minha capacidade de imitá-los.

Depois de conversarem mais um pouco, segundo me pareceu, os dois se despediram batendo novamente os cascos

um do outro. O cinza fez sinais para que eu caminhasse diante dele. Achei prudente cumprir suas vontades até encontrar uma solução para aquela situação. Quando eu diminuía meu ritmo, ele soltava lamentos: *hhuun hhuun*. Percebi que aquilo significava que eu devia voltar a apertar o passo. Eu, então, expliquei que estava muito cansado e não conseguia andar mais rápido. Ele então passou a fazer pequenas pausas para que eu pudesse descansar.

## CAPÍTULO 2

*O cavalo conduz o autor até a casa onde mora. Descrição da recepção e da comida oferecida. O autor teme a falta de carne e fala sobre como é a alimentação naquele país.*

**A**pós percorrer cerca de cinco quilômetros, chegamos a um longo edifício de madeira, com o teto baixo, de palha. Pensei que finalmente teria um pouco de conforto. Peguei algumas das bugigangas que trazia comigo, as quais os viajantes costumam levar de presente aos índios selvagens da América e outras partes. Minha esperança era ser recebido com bondade pelas pessoas daquela casa. O cavalo fez um sinal para que eu entrasse primeiro. A casa possuía uma sala grande, com piso de argila lisa, uma prateleira e uma manjedoura, que se alongava por todo um lado da residência. Na sala, estavam três cavalos velhos e duas éguas. Algumas delas, deitadas sobre as próprias pernas, descansavam. Eu pensei: “Esses cavalos parecem animais de estimação”. No entanto, isso confirmou minha primeira opinião: o povo que vivia naquele lugar era capaz de domesticar até os animais

brutos em razão de sua excelência e sabedoria, que deve ser superior a de todas as nações do mundo. O cavalo cinza entrou depois de mim e, com isso, impediu que qualquer um dos outros animais me tratasse mal. Ele relinchou para eles várias vezes em um estilo de autoridade e recebeu inúmeras respostas.

Além dessa sala, havia outras três. Atravessamos o segundo quarto em direção ao terceiro. Ali, o cavalo cinza entrou primeiro, depois me chamou. Enquanto eu esperava, preparei meus presentes para o senhor e a senhora da casa: eram duas facas, três pulseiras de pérolas falsas, um pequeno espelho e um colar de contas. O cavalo relinchou três ou quatro vezes. Eu fiquei esperando ouvir o som de uma voz humana, mas ouvi apenas outros relinchos, um pouco mais estridentes. Comecei a pensar que a casa devia pertencer a uma pessoa realmente notável, porque segui todo um cerimonial até ser admitido naquele cômodo. Porém, o fato de um homem de qualidade ter cavalos entre seus servos pessoais estava além da minha compreensão. Eu temia que os recentes sofrimentos e infortúnios dos quais fui vítima tivessem perturbado meu cérebro. Por essa razão, me levantei e olhei em volta. A sala de espera era mobiliada como a primeira, só que de uma maneira mais elegante. Esfreguei meus olhos, mas os objetos permaneciam lá. Belisquei meus braços para ver



se eu sonhava. Todos esses esforços me levaram a concluir que aquelas aparências deviam ser furto ou de necromancia ou de magia. Nesse momento, o cavalo cinza chegou à porta do terceiro quarto e fez um sinal para que eu o seguisse. Lá, eu vi uma bela égua, juntamente com um potro e potrinho, sentados em seus quadris sobre esteiras de palha, feitas de forma artística e agradável. Tudo perfeitamente arrumado e limpo.

Ao me ver entrar, a égua se levantou e veio em minha direção. Observou cuidadosamente meu rosto e minhas mãos, em seguida, após me olhar com enorme desdém, me empurrou na direção do cavalo cinza, ouvi então a palavra *yahoo* frequentemente repetia entre eles. No entanto, eu não conseguia entender seu significado, embora tenha sido a primeira coisa daquele idioma que aprendi a pronunciar. Logo fui informado, isto é, o cavalo cinza fez *hhuun hhuun* como na estrada. Para minha eterna mortificação, rapidamente percebi que eu deveria fazer o que ele queria. Assim, fui levado para uma espécie de praça, onde havia outro prédio. Entramos e imediatamente vi três daquelas detestáveis criaturas que tinham defecado em mim. Elas comiam raízes e os restos mortais de alguns animais, que pareciam ser jumentos e cachorros. Todos estavam amarrados pelo pescoço e suas coleiras eram presas a uma viga. Eles seguravam a comida

entre as garras dos pés da frente e rasgavam a carne com os dentes.

O cavalo azul, que parecia ser o senhor daquele local, pediu a outro de sua espécie que retirasse aquelas criaturas dali. Ele as desamarrou e as levou para o jardim. Eu e um daqueles seres detestáveis ficamos perto um do outro para que nossos semblantes pudessem ser comparados diligentemente tanto pelo cavalo senhor como pelo cavalo servo, que repetiram várias vezes a palavra *yahoo*. Não consegui esconder meu horror e meu espanto quando observei naquela fera abominável uma figura humana perfeita: seu rosto era plano e redondo, o nariz deprimido, os lábios grandes e a boca larga, ou seja, ele possuía traços comuns a todas as nações de selvagens, onde os lineamentos do semblante são um tanto quanto distorcidos em razão desses indivíduos crescerem rastejando pela terra e serem carregados nas costas de suas progenitoras, em cangas, onde ficam com seus rostos aconchegados nos ombros maternos. A única coisa que diferia minhas mãos das patas dianteiras daquele ser era o comprimento das unhas, a aspereza dos dedos, o marrom das palmas e o pelo das costas das mãos. Nossos pés também eram similares. A diferença, embora os cavalos não soubessem, se dava em razão de eu estar usando sapatos e

meias. Diferíamos apenas na cor da pele e na quantidade de pelos no corpo.

Os dois cavalos, vendo aquela cena, pareciam não entender muito bem quais eram as diferenças. Em boa parte isso ocorria em razão das roupas que eu usava, as quais eles pareciam desconhecer completamente como funcionavam. Depois disso, o cavalo servo me ofereceu uma raiz que levava em seu casco (segundo o modo deles, como descreveremos no momento apropriado). Peguei a raiz em minha mão, cheirei e devolvi da maneira mais civilizada possível. Ele, então, foi até o canil dos *yahoos*, de onde trouxe um pedaço de carne de burro. O cheiro daquilo era tão terrível que eu me afastei com repugnância. Ele então jogou a carne fedida de volta para o *yahoo*, que a devorou avidamente. Depois, o cavalo cinza me mostrou um fardo de feno e uma jarra cheia de aveia, em resposta, eu balancei a cabeça negativamente, numa tentativa de mostrar que aquilo não era comida para mim. Aos poucos, comecei a temer que poderia morrer de fome caso não encontrasse alguém da minha própria espécie, porque se dependesse daqueles *yahoos* imundos eu estaria perdido. Confesso que embora existissem poucos que gostassem mais da humanidade naquela época do que eu, aqueles seres me pareceram detestáveis em todos os aspectos, quanto mais eu chegava perto deles, mais os odiava.

Percebendo isso, o cavalo-mestre mandou que o *yahoo* fosse levado de volta para o canil. Foi nesse momento que ocorreu algo impressionante: o cavalo cinza levou seu casco dianteiro em direção à boca, como se perguntasse se eu queria comer algo ou se estava com fome. De minha parte, não fui capaz de fazer um gesto ou oferecer uma resposta que ele pudesse compreender. Mesmo assim, caso ele tivesse me entendido, não sei como poderia inventar alguma maneira de encontrar alimento para saciar minha fome. Porém, nesse exato momento, enquanto eu desesperadamente tentava explicar minha situação, vi uma vaca passando e apontei para ela. Expressei o desejo de ordenhá-la, fazendo gestos. Isso teve seu efeito, pois ele de imediato me levou de volta para casa e ordenou que uma égua me mostrasse o estoque de leite que eles tinham guardado em vasos de barro e madeira. Tudo muito ordenado e limpo. Ela me deu uma tigela grande, da qual bebi avidamente. Ao final, me senti saciado.

Por volta do meio-dia, vi que se aproximava uma espécie de veículo puxado como um trenó por quatro *yahoos*. Eles puxavam um cavalo velho, que parecia ser alguém importante. Quando pararam, ele desceu daquela riquixá e se encaminhou para jantar com o cavalo cinza, que o recebeu com grande civilidade. Jantaram aveia fervida no leite, no melhor cômodo da casa. Seus pratos foram colocados no meio da sala. Eles se

sentaram em suas patas traseiras, sobre as esteiras de palha, para comer. No cômodo havia uma prateleira grande, com ângulos respondendo a todas as partições da manjedoura. Assim, cada cavalo e égua podia tranquilamente comer seu próprio feno e sua própria mistura de aveia e leite, com muita decência e regularidade. O comportamento do jovem potro e do potrinho parecia muito modesto. Já o cavalo cinza e a égua, que parecia ser sua companheira, se mostravam extremamente alegres e complacentes com o convidado. O cinza ordenou que eu ficasse ao lado dele. Ele e o amigo falaram muito a meu respeito, como pude perceber pelos olhares estranhos que o visitante me dava, além da repetição frequente da palavra *yahoo*.

Nessa ocasião, decidi colocar minhas luvas. O mestre cinza observou minha atitude com muita atenção, perplexidade e uma inegável demonstração de admiração. Ele colocou o casco três ou quatro vezes sobre minhas mãos, como se quisesse dizer, que eu deveria retirar minhas luvas e retornar minha aparência à sua forma anterior, o que eu obviamente fiz ao tirar as duas luvas e as colocar no bolso. Isso ocasionou mais conversas entre eles. Pude ver que o visitante ficou muito satisfeito com meu comportamento. Fui obrigado a falar as poucas palavras que já sabia do idioma deles. Depois, enquanto jantavam, o mestre me ensinou as palavras: aveia,

leite, fogo e água, as quais fui capaz de pronunciar prontamente depois dele, pois como já afirmei aqui, possuo, desde pequeno, grande facilidade para aprender novos idiomas.

Quando terminou a refeição, o cavalo-mestre deixou claro, por sinais e palavras, que estava preocupado com o fato de eu não ter nada para comer. A aveia na língua deles é chamada *hlunnh*. Eu pronunciei essa palavra duas ou três vezes, pois, embora tivesse recusado a aveia, após pensar melhor, cheguei à conclusão de que poderia utilizar aquele ingrediente para fazer pão, o que, junto com o leite, serviria para me manter vivo até que pudesse escapar para algum outro país habitado por criaturas da minha própria espécie. Imediatamente, o cavalo cinza ordenou a um de seus cavalos criados que me trouxesse uma boa quantidade de aveia. Torrei a aveia e a esfreguei até as cascas saírem. Bati e moí os grãos usando duas pedras. Depois, peguei água e as transformei em uma massa, a qual levei ao fogo para fazer o pão. A princípio, aquela era uma dieta muito insípida, embora bastante comum em várias partes da Europa. Por um bom tempo só comi aquilo, que se tornou uma alimentação tolerável com o passar tempo. Para dizer a verdade, aquela não foi a primeira vez em que adotei um experimento alimentar capaz de satisfazer minha natureza por um bom tempo. Também não posso deixar de observar que nunca tive nenhuma doença

ou fraqueza enquanto estava naquele país. É verdade que, algumas vezes, eu armava armadilhas para pegar um coelho ou um pássaro; em outras, colhia ervas que eu fervia para tomar como sopa junto com meu pão de aveia; e, muito de vez em quando, por uma raridade, eu fazia um pouco de manteiga com o leite. A princípio, senti muita falta do sal, mas logo me acostumei. Aliás, acredito que o uso frequente de sal entre nós é certamente um luxo, pois é sabido que seu uso correto é na preservação de carne em viagens longas ou nos grandes mercados. Não há nenhum animal que goste de sal, a não ser o homem e seus modismos culinários. Quanto a mim, quando deixei aquele país, levei muito tempo para readaptar meu gosto à comida salgada.

Isto já é mais que suficiente sobre o tema alimentação. Sei que outros viajantes enchem seus livros com isso, como se a grande preocupação dos leitores fosse aprender a se sair bem ou mal em viagens no que diz respeito à alimentação. No entanto, era necessário mencionar esse assunto, assim os leitores poderão entender como foi que eu passei três anos naquele país e não morri de fome.

Voltando ao primeiro dia com aqueles animais. Quando a noite chegou, o cavalo-mestre ordenou que preparassem um lugar para eu me hospedar. O local ficava bem perto da casa dele e separado do estábulo dos *yahoos*. Ao chegar

lá, fiz uma cama de palha, me cobri com minhas próprias roupas e dormi muito. Mas em pouco tempo eu estava mais bem acomodado, como o leitor saberá mais adiante, quando for tratar mais particularmente sobre meu modo de vida naquele local.



## CAPÍTULO 3

*O autor estuda para aprender o idioma daquele país. O cavalo, seu mestre, o ajuda nesse quesito. Vários membros da alta sociedade dos cavalos querem conhecer o autor, o qual dá ao seu mestre uma breve descrição de sua viagem.*

**T**rabalhei com muita intensidade para entender o idioma dos cavalos. Meu mestre (como chamarei o cavalo cinza a partir de agora), seus filhos e todos os servos daquela casa me ajudaram muito. Eles realmente queriam me ver falando seu idioma, pois entendiam que isso seria uma espécie de prodígio, de maravilha. Para eles, um animal bruto como eu ter acesso à cultura daqueles animais era algo esplendoroso. Eu apontava para todos os objetos que via e perguntava como se chamavam. Anotava tudo em um caderno e, quando estava sozinho, praticava. Tentei falar com o mínimo de sotaque possível. Um dos cavalos servos me ajudou imensamente. Ele demonstrava inegável prazer ao me ensinar seu idioma.

A fala dos cavalos tem muitos sons nasais e guturais. Quando comparada com as línguas europeias, esse idioma se assemelha com o alto-holandês<sup>40</sup> e o alemão. Porém, é inegavelmente mais gracioso e mais repleto de significados. Não por acaso, o imperador Carlos V<sup>41</sup> praticamente fez quase a mesma observação quando afirmou que se um dia fosse falar com seu cavalo, faria isso em alto-holandês.

A curiosidade e a impaciência para que eu aprendesse logo faziam meu mestre passar horas e horas comigo, me ensinando. Ele estava convencido (como me confessou depois) de que eu era um *yahoo*, porém, minha educação, minha capacidade de aprender e meu asseio o impressionavam profundamente, principalmente porque eram comportamentos totalmente opostos aos dos *yahoos* daquele país. Minhas roupas o deixavam perplexo. Por essa razão, eu

---

40 Alto-holandês é a parte teutônica da língua alemã, ou seja, é a língua-mãe do alemão.

41 Carlos V ou Carlos I da Espanha (1500-1558), imperador do Sacro Império Romano-Germânico e, portanto, portador da coroa alemã entre 1519 e 1556, teria dito a seguinte frase: "Falo Espanhol com Deus, o italiano com as mulheres, francês com os homens e alemão com meu cavalo". Swift brinca com essa citação ao comparar o idioma alemão e o alto-holandês com a língua dos cavalos. Ele também ironiza ao alterar a frase do imperador e trocar o termo alemão pelo alto-holandês, idioma que teria fundado essa língua. Isso certamente torna o ataque ainda mais profundo e ácido.

jamais me despi na frente de qualquer um daqueles cavalos. Só fazia isso quando todos estavam dormindo. Meu mestre estava ansioso para saber de onde eu vinha, como adquirir a razão e o conhecimento que determinavam minhas ações e ouvir minha história. Para ajudar minha memória nesse trabalho e aprender aquele idioma, anotava tudo o que aprendia, reproduzia os sons daquele idioma utilizando as letras do alfabeto latino para formar as palavras e escrevia na frente de cada uma de suas respectivas traduções. Após algum tempo, me atrevi a fazer isso na presença de meu mestre, o que me rendeu muito trabalho para explicar, pois os habitantes daquele reino não tinham a menor ideia sobre livros ou literatura.

Em aproximadamente dez semanas, eu já conseguia entender a maioria das perguntas de meu mestre. Em três meses, comecei a dar respostas cada vez mais toleráveis. Meu mestre seguia muito curioso para saber de que parte do país eu tinha vindo e como e quem havia me ensinado a imitar uma criatura racional como ele. Percebeu o quanto eu me assemelhava aos *yahoos* (minha cabeça, mãos e rosto, as partes visíveis para ele, eram extremamente semelhantes àquelas criaturas). Também continuava extremamente curioso para saber de onde vinham minha astúcia e ironia, duas coisas que ele julgava impossíveis de ensinar aos animais brutos.

Quando comecei a dominar o idioma daquele reino, expliquei para meu mestre que eu tinha vindo pelo mar, de um lugar longínquo, onde viviam muitos outros da minha espécie. Esclareci que havia feito aquela viagem em uma grande embarcação oca feita de madeira e que meus companheiros tinham me obrigado a desembarcar naquela costa, onde me abandonaram à própria sorte. Foi com alguma dificuldade, e com a ajuda de muitos sinais, que eu me fiz entender. Ele respondeu dizendo que eu provavelmente deveria estar enganado ou “disse algo que não era”. A estranha frase de meu mestre foi dita assim porque naquele reino eles não possuem uma palavra para expressar mentiras ou falsidades. Para finalizar ele afirmou que sabia que era impossível existir um país além-mar ou que um grupo de brutos como eu fosse capaz de construir uma embarcação de madeira apta a se mover para onde quiséssemos na água. Ele tinha certeza de que nenhum *riinchchn* vivo poderia fabricar um navio assim e jamais confiaria o comando de tal embarcação a um *yahoo*.

A palavra “*riinchchn*”, no idioma deles, significa “cavalo”, porém, quando estudamos sua etimologia descobrimos que ela também está ligada à ideia de perfeição da natureza. Durante essas conversas iniciais, eu prometi a meu mestre que trabalharia com afinco para melhorar meu conhecimento de seu idioma e que, em breve, seria capaz de falar sobre as

mais diversas maravilhas. Por essa razão, ele ordenou que todos de sua família: égua, potro e potrinho, além dos servos, aproveitassem todas as oportunidades que tivessem para me instruir. Vários cavalos e éguas de qualidade daquele reino visitavam meu mestre para poder conhecer o “*yahoo* maravilhoso”, que sabia falar como um *riinchnchn* e tinha palavras e ações recheadas de vislumbres de racionalidade e juízo. Eles adoraram conversar comigo: faziam muitas perguntas e invariavelmente se surpreendiam com minhas respostas. Esse cotidiano de estudos e inúmeras conversas me ajudaram muito. Progridi tanto que cinco meses após minha chegada já era capaz de me expressar de maneira tolerável e entender praticamente tudo o que me era dito.

Os *riinchnchn* que vieram visitar meu mestre com a intenção de ver e conversar comigo dificilmente acreditavam que eu era um *yahoo* em função da cobertura que meu corpo tinha e que era diferente dos outros da minha espécie. Eles ficaram surpresos ao me observar sem os pelos e a pele habituais dos outros *yahoos*. Porém, acabei contando para meu mestre o segredo de minhas roupas, após um incidente.

Como já escrevi aqui, eu jamais tirava a roupa na frente de qualquer um deles. Todas as noites, antes de dormir, eu me despia e, em seguida, me cobria com minhas roupas. Certo dia, ainda bem cedo, meu mestre mandou um dos cavalos

servos me chamar. Quando o criado entrou em meus aposentos, eu dormia profundamente, minhas roupas tinham caído e eu vestia apenas uma camisa acima da cintura. Acordei com seus barulhos e o observei todo confuso transmitir sua mensagem. Depois disso, ele foi ao meu mestre e, assustado, contou de maneira muito atabalhoada tudo o que havia visto. Eu rapidamente me vesti e fui ter com meu mestre, o qual me perguntou sobre o que servo havia relatado. Quis saber porque quando eu dormia, ficava diferente. Segundo o servo, uma parte de mim era completamente branca, outra era amarela, ou pelo menos não tão branca, e outra marrom.

Até então, minhas roupas eram um segredo que me distinguia daquela maldita raça de *yahoos*, mas agora, frente àquela situação, não havia mais sentido esconder tal fato. Além disso, minhas roupas e sapatos em breve se desgastariam e eu acabaria enfrentando o mesmo dilema. Por isso, expliquei a meu mestre que no país de onde eu vinha, os da minha espécie sempre cobriam seus corpos com os pelos de outros animais. Disse que fazíamos isso pela decência e para evitar as inclemências do ar, quente e frio. Dessa forma, pedi desculpas por não expor as partes que a natureza nos ensinou a ocultar. Ele, por sua vez, me respondeu dizendo que achava tudo aquilo muito estranho, especialmente a parte na qual eu dizia que a natureza deveria nos ensinar a esconder o

que a mesma natureza nos havia dado. Completou falando que nem ele nem ninguém de sua família tinha vergonha de nenhuma parte do corpo, mas que eu poderia fazer como bem entendesse. Nesse momento, eu então desabotoei meu casaco e o tirei. Fiz o mesmo com meu colete, meus sapatos, meias e calças. Por último tirei minha camisa e a amarrei na cintura para esconder minha nudez total.

Minha apresentação foi observada com grande curiosidade por meu mestre, o qual fez vários sinais de admiração. Ele pegou todas as minhas roupas com seu casco, uma peça após a outra, e as examinou diligentemente. Em seguida, acariciou meu corpo com muita delicadeza e me examinou cuidadosamente. Depois disso, concluiu que eu era evidentemente um perfeito *yahoo*. A única diferença entre eu e eles eram a brancura e suavidade da minha pele; a falta de cabelos em várias partes do meu corpo; a falta das garras nas patas dianteiras e traseiras; e minha capacidade de andar continuamente sobre meus dois pés traseiros. Ao final, ele me disse que não tinha mais nada para ver e me deu permissão para vestir minhas roupas novamente, principalmente porque eu já estava tremendo de frio.

Expressei minha inquietação sobre ser visto como mais um *yahoo*. Eu não era um daqueles animais odiosos, pelos quais eu sentia tanto ódio e desprezo. Por esse motivo, pedi

que ele deixasse de aplicar essa palavra em relação à minha pessoa. Solicitei também que pedisse o mesmo para seus familiares, criados e amigos. Pedi ainda que o criado que havia me visto sem as calças mantivesse segredo do acontecido.

Muito gentilmente, meu mestre consentiu em tudo. Dessa maneira, meu segredo seria mantido pelo menos até minhas roupas começarem a se desgastar, o que me levou a praticar vários artifícios para manter tudo em uma condição razoável. Explicarei como fiz isso a seguir. Meu mestre, por sua vez, pediu para que eu continuasse a me dedicar a aprender seu idioma, porque ele julgava bem mais surpreendente minha capacidade de falar e raciocinar do que a figura do meu corpo, coberto ou não. Ele concluiu dizendo que já estava impaciente para ouvir sobre as maravilhas que eu prometera contar.

Desse momento em diante ele dobrou os esforços para me instruir a falar o idioma daquele reino, pois isso, segundo ele, “o deixaria de bom humor e me faria mais divertido”.

Todos os dias, durante as minhas constantes lições, ele fazia várias perguntas sobre mim, as quais eu respondia da melhor maneira possível. Isso ajudou a dar a ele noções gerais, embora imperfeitas, a respeito de mim e do meu país de origem. Como sei que seria muito tedioso relatar ao leitor os vários passos pelos quais eu avancei até poder conversar



de maneira mais regular com meu mestre, conto aqui o primeiro relato razoável ocorrido entre nós dois.

Disse que eu tinha vindo de um país muito distante, como já havia tentado dizer a ele, em uma embarcação que carregava pelo mar eu e mais cinquenta de minha espécie. Viajamos pelos mares em uma grande embarcação oca de madeira e maior que a casa na qual ele vivia com sua família. Descrevi o navio com o máximo de detalhes e da melhor maneira possível. Utilizei meu lenço para mostrar como utilizávamos o vento para mover a embarcação. Contei que havia ocorrido um grave desentendimento entre nós, que resultou na minha expulsão do barco e na minha chegada à praia daquele reino, onde andei, sem saber para onde, até que ele me livrou da perseguição daqueles execráveis *yahoos*. Ele então me perguntou quem havia construído o navio e como era possível que os *riinchnchn* do meu país permitissem que eu ou qualquer outro bruto *yahoo* comandasse uma embarcação ou o que quer que seja. Eu disse a ele então que só responderia àquela pergunta se me desse sua palavra de que não se ofenderia com o que eu estava prestes a contar. Ele concordou. Me deu sua palavra de honra de que nada me aconteceria. Eu então expliquei que o navio havia sido construído por outras criaturas como eu. Disse ainda que em todos os países que eu conhecia, assim como no meu,

minha espécie era a única formada por animais racionais. Expliquei que nós governávamos o mundo. Por essa razão, eu havia ficado tão surpreso quando vi *riinchnchns* agirem como seres racionais. Confessei que minha admiração era tão grande ou até mesmo maior do que se ele ou alguns de seus amigos encontrassem comportamentos racionais nas criaturas que eles chamavam de *yahoos*, com as quais eu reconhecia possuir certa semelhança, mas não era capaz de explicar porque eu era racional e eles tomados por uma natureza degenerada e brutal. Concluí dizendo que se um dia eu tivesse a sorte de retornar ao meu país natal, ninguém acreditaria que eu havia encontrado uma terra como a do meu mestre. Disse que certamente todos diriam que havia inventado a história, pois, sem querer desrespeitar meu mestre, meus compatriotas dificilmente acreditariam que um *riinchnchn* pudesse comandar uma nação onde os *yahoos* fossem animais brutos.

## CAPÍTULO 4

*As noções de verdade e falsidade dos riinchncnhs,  
as críticas do mestre ao discurso do autor, o qual  
também fala sobre si mesmo e suas viagens.*

**M**inha fala foi ouvida com muito incômodo e inquietação por parte de meu mestre, o qual teve enorme dificuldade em acreditar no que eu dizia. Lembro que quando falei sobre a natureza humana em outras partes do mundo, ele teve enorme dificuldade para compreender o que eu dizia. Ao final de meu discurso, ele argumentou que, em sua opinião, a fala deveria nos fazer entender um ao outro e não o contrário. Ela existia para transmitir informações e fatos. Porém, segundo ele, quando alguém dizia o que não era, os objetivos da fala acabavam derrotados, porque não era possível dizer que o receptor havia recebido a mensagem ou que havia entendido a mesma de forma adequada. Quando isso ocorria, ou seja, quando alguém dizia o que não era, o receptor acabava pior do que na ignorância, porque poderia estar sendo levado a crer que algo era preto quando era branco ou curto quando era

comprido. Assim, meu mestre compreendeu e resumiu a faculdade de mentir, tão universalmente praticada entre as criaturas humanas.

Durante essa conversa, quando afirmei que os *yahoos* eram os únicos animais que governavam meu país, meu mestre quis saber se se tínhamos *riinchnchns* entre nós e o que eles faziam. Eu disse a ele que tínhamos grandes números de *riinchnchns*. No verão, eles pastavam nos campos e no inverno eram mantidos em casas com feno e aveia, que eram dadas por *yahoos* empregados para escovar a pele e pentear suas crinas, cuidar das patas e arrumar os locais onde os *riinchnchns* ficavam. Meu mestre observou que, pelo que eu contava, no meu país os *riinchnchns* também eram mestres dos *yahoos*. Ele terminou sua fala dizendo que queria que os *yahoos* de seu país fossem obedientes como os da Inglaterra. Segundo ele, os *yahoos* de seu país eram brutos e não podiam ser treinados daquela maneira para cuidar de seus mestres *riinchnchns*. Ao perceber essa confusão, eu implorei que ele me dispensasse de prosseguir, pois tinha certeza de que o restante o desagradaria imensamente. Porém, como ele insistiu eu o obedeci. Continuei então dizendo que os *riinchnchns* entre nós eram chamados cavalos. Eram os animais mais generosos e belos que possuíamos. Se destacavam por sua força e rapidez, o que permitia que os *yahoos* os empre-

gassem em viagens, como montarias ou como animais de tração para puxar carruagens. Por essa razão, muitos eram tratados com muita gentileza e cuidado, até o fim de seus dias; outros *riinchnchns* faziam todo tipo de trabalho árduo até a morte. Quando os *riinchnchns* morriam, nós retirávamos suas peles e as vendíamos pelo que valiam, já seus corpos eram deixados para ser devorados por cães e aves de rapina. Expliquei também que os cavalos que pertenciam às pessoas comuns não tinham a mesma sorte. Disse que entre nós, infelizmente, existiam *yahoos* que maltratavam os *riinchnchns* que possuíam, os colocando para fazer trabalhos pesados, sem descanso e os alimentando mal. Em seguida, descrevi, da melhor maneira que pude, como montávamos nossos cavalos. Expliquei o funcionamento de coisas como freios, sela, esporas, estribos, rédeas e chicote. Por último, contei como utilizávamos placas chamadas ferraduras, feitas de uma certa substância rígida, o ferro, na parte inferior dos pés de nossos cavalos. Disse que isso era feito para proteger e impedir que os cascos desses animais se quebrassem em caminhos pedregosos pelos quais frequentemente viajávamos.

Meu mestre, após demonstrar muita indignação com tudo o que eu havia dito, se questionou como é que nós tínhamos a ousadia e conseguíamos montar nas costas de um *riinchnchn*, pois ele tinha certeza absoluta de que mesmo

o indivíduo mais fraco de sua espécie seria capaz de impedir que o *yahoo* mais forte o montasse. Disse ainda que se um cavalo deitasse ou rolasse de costas, poderia facilmente apertar o bruto *yahoo* até a morte. Eu esclareci dizendo que isso dificilmente ocorria porque nossos cavalos eram treinados desde jovens para os mais variados usos. Quando um cavalo se mostrava indomável ou violento com um *yahoo*, acabava empregado na tração de carruagens. Disse também que durante o treinamento dos mais jovens, quando algum deles demonstrava qualquer tipo de maldade contra os *yahoos* acabava duramente espancado; que os machos destinados ao uso comum de cavalgadas eram geralmente castrados quando completavam cerca de dois anos, o que ajudava a domar seus espíritos os tornando mais mansos e gentis. Expliquei também que o processo de treinamento era feito através de uma metodologia que utilizava recompensas e punições. Por fim, da maneira mais sutil possível, disse que os cavalos da Inglaterra e de outras partes do mundo não apresentavam o menor traço de razão, seu comportamento era bruto e irracional como os dos *yahoos* daquele país.

Foram muitas as voltas e circunlocações que usei para, ao mesmo tempo, passar a ideia correta do que acontecia com os cavalos no resto do mundo sem que isso ofendesse demais ao meu mestre. O esforço foi grande porque a língua

dos *riinchnchn* não é lá muito rica na variedade de palavras. Isso se deve porque os desejos e as paixões daquela espécie são bem menores do que entre os humanos. É impossível expressar aqui o nobre ressentimento que meu mestre demonstrou após descobrir como tratávamos sua raça em nossos países. Uma das coisas que mais o incomodou foi quando expliquei a maneira e o uso de cavalos castrados, método que utilizamos para impedir esses animais de propagar sua espécie e de torná-los mais úteis e dóceis. Apesar de toda a indignação, ele, ao final, observou que se realmente existisse algum país onde os *yahoos* fossem dotados de razão eles certamente seriam a espécie que governa, porque, segundo meu mestre, com o decorrer do tempo, a razão sempre prevalece sobre a força bruta. No entanto, ele observou, após considerar a respeito da estrutura de nossos corpos, especialmente o meu, que era difícil imaginar uma criatura mais mal concebida do que os humanos para poder empregar a razão nos ofícios comuns da vida. Por isso, perguntou se aqueles entre os quais eu vivia na Inglaterra se pareciam mais comigo ou com os *yahoos* de seu país. Assegurei a meu mestre que eu era um exemplo fidedigno da maior parte dos seres humanos da minha idade no meu país, principalmente os machos. Expliquei também que os *yahoos* mais jovens e as fêmeas da Inglaterra tinham pele mais macia e geralmente

brancas como leite. Ele disse que eu realmente era muito diferente dos *yahoos* do seu país, pois era bem mais limpo e menos deformado, porém, quando o assunto era quem estava mais preparado para sobreviver, eu saía no prejuízo, isso porque minhas unhas não tinham nenhuma utilidade e eu não sabia andar de quatro, tanto é que ele achava que não podia sequer chamar minhas mãos de patas dianteiras porque jamais me viu usá-las adequadamente. Meu mestre também disse que minhas mãos eram macias demais para suportar o chão, talvez por isso eu as deixasse cobertas a maior parte do tempo. Aliás, segundo ele, as coberturas (minhas luvas) que eu usava sequer tinham a mesma forma ou eram tão fortes ou resistentes quanto as que eu utilizava em meus pés traseiros (meus calçados). Ele também observou que eu não era capaz de caminhar com segurança, pois se algum dos meus pés traseiros escorregasse, eu inevitavelmente cairia. Ele não parou apenas nessas partes. Criticou também o resto do meu corpo. Para meu mestre, meu rosto plano, meu nariz grande, meus olhos voltados diretamente para a frente, que não me permitiam olhar para os lados sem ter de virar a cabeça, eram grandes e evidentes desvantagens. Eu sequer era capaz de me alimentar corretamente, para isso precisava levantar uma das minhas patas dianteiras na direção da boca. Por esse motivo, a natureza havia colocado



articulações nos meus braços para atender a essa necessidade. Ele também não conseguia entender qual era a razão para eu possuir várias fendas e divisões nos meus pés traseiros, os quais, de acordo com ele, eram moles demais para suportar a dureza das pedras. Tanto era assim que eu necessitava proteger minhas patas traseiras com uma cobertura feita da pele de algum outro animal. Aos olhos dele, todo meu corpo necessitava de uma proteção contra o calor e o frio, a qual eu era forçado a colocar e retirar todos os dias, algo que me fazia perder tempo, era entediante e problemático. Por fim, ele notou que todos os animais do seu país sentiam um nojo quase que natural com relação aos *yahoos*, aos quais os animais mais fracos evitavam e os mais fortes queriam distância. Portanto, supondo que nós realmente tivéssemos o dom da razão, ele julgava que a natureza talvez tivesse nos dotado com essa capacidade exatamente para superar essa antipatia praticamente natural que toda criatura sentia contra nós. Por essa razão, acabávamos capazes de domar e utilizar a nosso favor outros animais. Essa, no entanto, não seria sua consideração final a nosso respeito. Ele pretendia debater mais o assunto e conhecer melhor minha história, o país onde nasci e as várias ações e eventos da minha vida para chegar a uma conclusão.

Eu assegurei que seria uma honra sanar todas as dúvidas que ele tinha a respeito da minha espécie. Porém, adiantei que achava difícil explicar vários assuntos, muitos dos quais seriam completamente estranhos a ele, pois não vira nada semelhante em seu país. Mesmo assim, prometi fazer o melhor possível e me esforçar nessa missão. Também pedi, humildemente, a ajuda de meu mestre para descobrir quais eram as palavras apropriadas para as minhas explicações. Ele, obviamente, não titubeou e prometeu me auxiliar com o maior prazer.

Eu então comecei a contar minha história. Disse que era de uma família honesta, que vivia em uma ilha chamada Inglaterra, muito distante do país dos *riinchnchn*. Por motivo de comparação, falei que a jornada até as terras britânicas levaria uma quantidade de dias superior ao que o mais forte dos *riinchnchn* seria capaz de viajar na direção do curso anual do sol; expliquei que tinha estudado para ser cirurgião, cuja profissão é curar doenças e feridas no corpo, surgidas por acidente ou violência; que meu país era governado por uma mulher a quem chamamos de rainha; que deixei minha terra natal na intenção de conquistar riquezas, para manter a mim e minha família, quando retornasse; que, em minha última viagem, eu era o comandante do navio e tinha sob minhas ordens cinquenta *yahoos*, muitos dos quais morreram no

mar, e que, por esse motivo, acabei forçado a buscar outros *yahoos* de diferentes nações; que nosso navio enfrentou duas vezes o risco de naufragar: a primeira vez ao ser atingido por uma grande tempestade, e a segunda após bater em uma rocha. Nesse ponto meu mestre me perguntou como é que eu conseguia convencer tantos estranhos, de diferentes países, a se aventurarem ao meu lado, mesmo depois das mortes dos outros que me acompanharam antes e dos constantes riscos que eu corria. Eu expliquei que meus companheiros de viagem ou visavam fazer fortuna, ou estavam simplesmente fugindo da pobreza, ou eram foragidos da lei. Alguns deles respondiam por crimes; outros haviam gastado tudo o que possuíam em vícios como a bebida, a prostituição ou a jogatina; outros eram desertores; muitos eram procurados por assassinato, envenenamento, roubo, perjúrio, falsificação, estupros ou sodomia; e a maioria havia escapado da prisão. Desta forma, nenhum deles podia retornar aos seus países de origem. Temiam acabar enforcados ou morrer de fome em alguma prisão. Isso os levava a buscar sua subsistência em outros lugares.

Meu mestre interrompeu várias vezes minhas explicações. Tudo para que eu pudesse descrever a natureza dos vários crimes pelos quais a maioria da tripulação foi forçada a abandonar seus países. Passamos vários dias nesses assuntos

até que ele, finalmente, pudesse me compreender. Para meu mestre, praticamente todos aqueles vícios e crimes eram conceitos completamente novos. Ele inclusive tinha enorme dificuldade em compreender quais motivos ou necessidades levavam as pessoas a praticarem tais atos. Na tentativa de esclarecer esses assuntos, expliquei o que a força da busca pelo poder e por riquezas é capaz de produzir nas pessoas. Falei sobre os terríveis efeitos da luxúria, da intemperança, da malícia e da inveja. Para que minhas explicações fizessem algum sentido, me vi obrigado a descrever casos e propor inúmeras suposições. Meu mestre, após escutar incontáveis explicações sobre atos e ideias que ele jamais havia visto ou ouvido antes, ergueu os olhos com espanto e indignação. A dificuldade era imensa. Noções básicas como poder, governo, guerra, lei, punição e milhares de outras coisas não tinham sequer palavras naquela língua para expressá-las, tornando praticamente insuperável a dificuldade em explicar ou, pelos menos, dar ao meu mestre alguma ideia do que eu tentava dizer. No fim das contas, sua excelente capacidade de compreensão, aprimorada pela natureza contemplativa e dada à conversação, fez com que ele finalmente alcançasse um entendimento razoável de como era a natureza daqueles humanos que habitavam as partes do mundo que eu conhecia. Depois disso, ele pediu para que eu falasse mais sobre

a Europa e, especialmente, a respeito do meu próprio país,  
a Inglaterra.

## CAPÍTULO 5

*Atendendo aos pedidos do mestre, o autor fala sobre a Inglaterra, sobre as causas das guerras entre os reis europeus e explica como funciona a Constituição inglesa.*

**O** leitor deve saber que este texto que trata de minhas conversas com meu mestre é, na verdade, um resumo dos muitos assuntos que nós debatemos durante quase dois anos. Também é importante frisar que, com o passar do tempo, conforme eu melhorava meu domínio da língua dos *riinchnchn*, mais meu mestre se satisfazia com minhas explicações. Apresentei para ele, da melhor maneira que pude, um quadro da atual situação da política, do comércio, das manufaturas, das artes e das ciências na Europa. Todas as respostas que eu dei aos seus questionamentos, conforme eram feitos, se deram em um ambiente informal e não de pesquisa ou trabalho crítico. Portanto, mostrarei aqui apenas o essencial daquilo que conversamos. O que digo a respeito do meu próprio país, por conseguinte, é um resumo que eu apresentei ao meu mestre da melhor maneira

possível, porém, sempre estritamente vinculado à verdade. Minha única preocupação é que dificilmente poderei fazer justiça aos argumentos e expressões de meu mestre, que certamente serão reduzidos em função da minha falta de capacidade. O mesmo ocorrerá com os temas e sua tradução para a nossa língua bárbara: o inglês.

Em obediência ao que meu mestre havia ordenado, portanto, relatei como foi a Revolução Gloriosa sob o comando do príncipe Guilherme III de Orange,<sup>42</sup> a longa guerra com a França,<sup>43</sup> iniciada pelo referido príncipe e renovada por sua sucessora, a atual rainha, na qual estavam envolvidos os maiores poderes da cristandade, e que continuava matando e destruindo. Sobre esse tema, eu calculei, a pedido do meu mestre, que cerca de um milhão de *yahoos* poderiam ter morrido nesse conflito, que destruiu dezenas de cidades e queimou ou afundou inúmeros navios.

---

42 O príncipe holandês Guilherme III de Orange (1650-1702) foi responsável pela assinatura e implementação da *Declaração de Direitos* (*Bill of Rights*), na qual o monarca se comprometia a convocar o parlamento a intervalos regulares; proibia a cobrança de impostos pela Coroa sem a aprovação parlamentar e a manutenção de um exército dentro do país em tempos de paz; dava "imunidade" aos parlamentares, que poderiam exercer suas funções sem temer prisões por parte do rei; e ratificava a Lei do Habeas Corpus.

43 Guerra da Sucessão Espanhola (1702-1714).

Ele me perguntou quais eram as causas ou motivos habituais que levavam um país a declarar guerra a outro. Eu respondi que eram inumeráveis, por isso falei apenas daquelas que eu acreditava serem as principais. Disse que, muita vez, o conflito é iniciado pela ambição de príncipes que parecem nunca possuir terra ou súditos o suficiente para governar, pois querem sempre mais; às vezes, o motivo é a corrupção de ministros, que envolvem o monarca em uma guerra, tudo no intuito de poder reprimir ou conseguir desviar o clamor dos súditos contra sua má administração. As polêmicas vazias também já custaram milhões de vidas. Por exemplo, com disputas que começam pelos motivos mais absurdos: se carne é pão ou pão é carne; se o suco de uma determinada baga é sangue ou vinho; se assobiar é um vício ou uma virtude; se é melhor beijar um caibro ou jogá-lo no fogo; qual é a melhor cor para um casaco: preto, branco, vermelho ou cinza; e se o mesmo deve ser longo ou curto, estreito ou largo, sujo ou limpo etc. Aliás, disse para meu mestre que as guerras mais sangrentas e de maior duração são aquelas geradas por diferenças de opinião, por polêmicas vazias, principalmente as vinculadas às questões menos importantes e mais subjetivas.

Disse também que, muita vez, um conflito começa quando dois reis iniciam uma disputa para decidir qual deles



vai perder um terço de seus domínios, onde nenhum dos dois parece ter direito. Falei que era comum um monarca brigar com outro por medo de que o outro brigue com ele. Às vezes, uma guerra é iniciada porque o inimigo é muito forte; outras, porque ele é muito fraco. Às vezes, nossos vizinhos querem as coisas que nós temos; outras, nós queremos as coisas que eles têm. Quando isso ocorre, nós dois brigamos até que um tome os bens do outro. Considera-se uma razão justificável para a guerra invadir um país que o povo foi destruído pela fome, por epidemias ou por conflitos entre facções. Também é considerada uma causa muito justificável para iniciar uma guerra contra nosso aliado mais próximo quando uma de suas cidades ou um dos seus territórios estiver em uma situação conveniente para ser invadido, pois isso tornaria os domínios dos invasores mais completos. Se um monarca envia forças para uma nação onde o povo é pobre e ignorante, considera-se que ele pode legalmente matar metade deles e escravizar o resto da população, a fim de civilizá-la ao retirar essas pessoas de seu modo de vida bárbaro. É uma prática muito comum, além de nobre e frequente, um monarca solicitar ajuda de outro monarca contra uma invasão. Também é habitual que após a expulsão das forças invasoras, o monarca que ofereceu socorro venha a se apoderar dos domínios do socorrido, matando, aprisionando

ou banindo o monarca que ele socorreu. Aliança por sangue ou casamento também são causas frequentes de guerras entre famílias reais. Aliás, quanto mais próximos são os parentes, maior é a sua disposição para a briga. Em alguns casos, nações pobres são famintas e nações ricas são orgulhosas; e todos sabemos que orgulho e fome estão sempre em desacordo. Por essas razões, o serviço de um soldado é considerado o mais honroso de todos; porque um soldado é um *yahoo* contratado para matar, a sangue frio, o maior número possível de indivíduos da sua própria espécie, os quais, diga-se de passagem, nunca sequer o ofenderam.

Há ainda um tipo muito comum de monarca. Aquele que não possui soldados para entrar em uma guerra e, por essa razão, contrata as forças militares de outras nações, mais ricas. Pagam um valor aos soldados, que ficam apenas com uma parte, o resto vai para custear sua estadia em terras estrangeiras e para o monarca que os enviou.

Meu mestre retrucou dizendo que minhas falas sobre o tema da guerra demonstravam muito bem os efeitos da tal razão que eu pretendia possuir. No entanto, ele estava tranquilo pois a vergonha era maior que o perigo. Disse que a natureza, em sua sabedoria, havia feito os humanos incapazes de produzirem muitos estragos. Primeiro, em razão da nossa boca plana, com a qual dificilmente conseguiríamos

morder um ao outro pra valer, a não ser por consentimento. Segundo porque nossas garras dianteiras e traseiras eram curtas e nossas patas (mãos e pés) pequenos e macios. Por esses e outros motivos, os números dos mortos em batalha que eu havia falado eram simplesmente improváveis. Ele concluiu dizendo que não poderia deixar de pensar que eu havia dito aquilo que não era.

Ao ouvir isso não pude deixar de balançar a cabeça e inclusive sorrir um pouco da ignorância dele. Dessa forma, não sendo eu um sujeito completamente estranho à arte da guerra, dei uma descrição pormenorizada de canhões, colubrinhas, mosquetes, mosquetões, pistolas, balas, pólvora, espadas, baionetas, batalhas, cercos, retiradas, ataques, contra-ataques, bombardeios, batalhas marítimas, navios com mil homens afundados, conflitos com vinte mil mortos de cada lado, campos de batalha onde só se ouvia os gemidos dos moribundos, membros voando no ar, fumaça, barulho, confusão, homens sendo pisoteados até a morte por cavalos, perseguições marítimas, vitórias militares, campos repletos de corpos deixados para alimentar cães, lobos e aves de rapina; pilhagem, decapitações, violações, incêndios e destruição. Em meu último esforço para demonstrar o valor de meus queridos compatriotas nas batalhas, contei que eu tinha visto com meus próprios olhos navios ingleses explodirem inú-

meros inimigos de uma só vez durante um cerco. Vi navios destroçados e o mar cheio de cadáveres em pedaços, para grande diversão dos espectadores daquele ataque.

Enquanto eu me preparava para dar ainda mais detalhes das ações humanas na guerra, meu mestre me interrompeu e ordenou que eu me calasse. Me olhou seriamente e disse que havia entendido a natureza dos *yahoos*. Ele finalmente entendia e acreditava que somente um animal tão vil quanto um *yahoo* seria capaz de todas as ações por mim mencionadas. Para tal, bastava que nossa força e astúcia fossem iguais à nossa perversidade. Em resumo, meu discurso aumentou a aversão que ele sentia pela espécie. Meu mestre descobriu que o que eu havia dito o perturbava profundamente, pois eram coisas totalmente estranhas para ele. Seus ouvidos não estavam acostumados àquelas palavras e ideias abomináveis, por isso era incapaz de admitir tais coisas sem, ao mesmo tempo, sentir muito desprezo pela raça humana. Embora ele odiasse os *yahoos* de seu país, ele não os culpava nem julgava que fossem dotados de crueldade mais odiosa do que a de um *gnnayh* (uma ave de rapina), ou que fossem mais prejudiciais que uma pedra afiada, a qual podia cortar seu casco. Para ele, quando uma criatura que finge raciocinar se torna capaz de tais enormidades, o que ela representava, na verdade, era a corrupção completa dessa faculdade, o que a tornava pior

que a própria brutalidade. Ele parecia, portanto, confiante de que, em vez da razão, somos apenas seres capazes de aumentar nossos vícios naturais. Éramos como o reflexo distorcido do rosto de um *yahoo* quando o mesmo se olha em uma lagoa de águas turvas e revoltas.

Depois desse desabafo ele acrescentou que já tinha ouvido demais sobre o assunto da guerra. Em função disso, passamos para outro tema. Ele me disse que tinha ficado curioso quando, em certo momento, eu o informei que alguns de nossos tripulantes fugiram de seus países de origem por serem procurados pela lei. Eu já havia explicado o que a palavra lei significava, mas ele tinha uma dúvida. Pois, como eu havia dito, se a lei era destinada à proteção de todos, como ela poderia causar a ruína de qualquer homem. Por essa razão ele me pediu para falar mais sobre a lei e as pessoas que a aplicavam, de acordo com a prática presente em meu próprio país. Tudo isso porque ele acreditava que a natureza e a razão eram guias suficientes para um animal razoável, como nós pretendíamos ser. Dessa forma, natureza e razão bastariam para nos mostrar o que deveríamos fazer e o que deveríamos evitar.

Avisei meu mestre que a lei não era uma ciência que eu dominava. Por esse motivo eu contratava advogados para me representarem nos tribunais, sempre em vão, é

bom dizer. Mesmo assim eu prometi fazer o meu melhor ao tratar desse tema.

Expliquei então que havia um grupo de homens na nossa sociedade, criados desde a juventude na arte de provar, com palavras, que branco é preto e preto é branco. Homens que aprendem desde cedo a fazer isso conforme são pagos. Para esse grupo, todo o resto do povo é escravo. Por exemplo, se meu vizinho quer a minha vaca, basta ele contratar um advogado que seja capaz de provar que a vaca deve ser dele e não minha. Eu então preciso contratar outro advogado para defender meu direito, isto é, provar que minha vaca é realmente minha. Isso ocorre porque é contra a lei que qualquer homem possa defender a si próprio. Expliquei também que, no caso da vaca, eu, que sou o proprietário certo, sofro com duas grandes desvantagens: primeiro, meu advogado, por ter praticado quase desde o berço a defesa da falsidade, está completamente fora de seu elemento; a segunda desvantagem é que meu advogado deve proceder com grande cautela, caso contrário ele será repreendido pelos juízes e odiado por seus irmãos, como alguém que diminui a prática da lei. E, portanto, há apenas duas saídas para que eu possa preservar minha vaca. A primeira é fazer o advogado do meu adversário trair seu cliente. Para isso terei de pagar ao mesmo uma taxa dupla. A segunda maneira é

que meu advogado faça com que minha causa pareça a mais injusta possível, permitindo assim que a vaca pertença ao meu adversário. Se isso for feito com habilidade, certamente convencerá a corte a decidir em meu favor. Disse ao meu mestre que era importante ele saber que juízes são as pessoas nomeadas para decidir todas as controvérsias de propriedade, bem como para o julgamento de criminosos. Tais juízes são escolhidos dentre os advogados mais hábeis, envelhecidos ou preguiçosos. Portanto, são pessoas que possuem uma compreensão completamente enviesada da verdade e da equidade. Sentem, em função de sua longa vida no mundo das leis, uma necessidade tão poderosa de favorecer fraudes, perjúrios e opressões que eu sei que alguns deles chegam a recusar grandes subornos dos lados justos das causas, porque isso seria como algo antinatural e inapropriado ao cargo que ocupam.

Há, inclusive, uma máxima entre esses advogados que diz o seguinte: qualquer coisa que tenha sido feita antes, pode ser legalmente feita novamente. Assim, eles tomam cuidado especial nesse aspecto e registram todas as decisões anteriormente tomadas, as quais são em sua imensa maioria contra a justiça comum e a razão geral da humanidade. Tais anotações recebem o nome de jurisprudência e acabam servindo para justificar as opiniões mais iníquas.

Ao praticar a advocacia, tais pessoas estudiosamente evitam entrar nos reais méritos da causa. Ao contrário, são barulhentos, violentos e tediosos em seus argumentos. Se debruçam sobre todas as circunstâncias que não estão correlacionadas com o mérito da causa. Por exemplo, no caso já mencionado, eles nunca desejam saber que reivindicação ou título meu adversário tem para afirmar que a minha vaca é dele. Longe disso, os advogados vão arguir se a referida vaca era vermelha ou preta; se seus chifres eram longos ou curtos; se o campo em que ela pasta é redondo ou quadrado; em que circunstâncias ela é ordenhada; a que doenças está sujeita e coisas do gênero. Depois desse gigantesco debate, consultam os precedentes, adiam a causa de tempos em tempos e, em dez, vinte ou trinta anos, chegam a uma decisão.

É importante também dizer que esse grupo de juristas possui uma espécie de jargão peculiar, uma maneira tão peculiar de se expressar que nenhum outro mortal que não seja advogado ou juiz é capaz de entender. Essa linguagem própria deles está presente nos livros onde todas as suas leis estão escritas, as quais eles tomam cuidado especial em multiplicar anualmente. Com isso, aprimoraram um mecanismo, um sistema, no qual a própria essência da verdade e da falsidade, do certo e do errado, está completamente invertida. Tudo para que leve trinta anos para decidir se o



campo que me foi deixado por meus antepassados pertence a mim ou a um estranho a trezentos quilômetros de distância que o está reclamando.

Já nos julgamentos de pessoas acusadas de crimes contra o Estado, o método é muito mais curto e digno de admiração. Neles, o juiz primeiro procura saber qual é a posição daqueles que estão no poder a respeito do julgamento, depois disso fica fácil decidir se a Justiça vai enforcar ou salvar um criminoso. Obviamente, isto é feito respeitando rigorosamente todas as normas de lei.

Nesse ponto meu mestre observou que era uma pena que indivíduos dotados de habilidades mentais prodigiosas, como esses advogados, conforme a descrição que fiz deles, infelizmente, não fossem encorajados ou preparados para agir de forma sábia. Rapidamente eu o corriji e disse que, se comparados a todas as outras áreas de conhecimento, esses advogados estavam sempre entre os mais ignorantes e estúpidos. Eram figuras sempre desprezíveis em conversas comuns, constantemente declaravam que todo conhecimento e aprendizado fora de sua área de atuação eram dispensáveis. Além disso, tinham uma certa disposição em perverter a razão geral da humanidade em todos os outros assuntos, como faziam com a lei e a Justiça em sua profissão.

## CAPÍTULO 6

*O autor continua falando sobre a Inglaterra da rainha Ana e traça um perfil dos ministros de Estado nas cortes europeias.*

**M**eu mestre ainda estava completamente perplexo ao me ouvir falar daquela raça de advogados, todos envolvidos em uma rede de injustiças e dedicados apenas a prejudicar seus semelhantes. Ele tentava entender quais motivos nos levavam a contratar esse tipo de profissional quando passei a tentar explicar, da melhor maneira possível, para que servia o dinheiro e de que materiais ele era feito. Expliquei que quando um *yahoo* conseguia reunir uma grande quantidade desse precioso material, ele era capaz de comprar o que quisesse: as melhores roupas, as casas mais nobres, grandes extensões de terra, as carnes e as bebidas mais caras e, até mesmo, escolher entre as mulheres mais bonitas. Portanto, como somente o dinheiro era capaz de realizar todas essas proezas, os *yahoos* do meu país acabavam inclinados ou ao esbanjamento ou à avareza. Meu mestre também ficou pasmo ao saber que os homens ricos

desfrutavam do fruto do trabalho de homens pobres e que a proporção entre pobres e ricos era de mil para um. Disse também que a maior parte de nosso povo é forçada a viver miseravelmente, trabalhando todos os dias por pequenos salários, para permitir que alguns poucos vivam na abundância.

Nesse ponto, me alonguei dando muitos detalhes e falando demoradamente sobre o mesmo tema. Meu mestre, no entanto, queria saber se todos os animais recebiam sua justa parcela das produções da terra e, especialmente, quis saber quanto recebiam aqueles que comandavam todos os outros. Ele desejou que eu o informasse quais eram os itens mais caros e porque eram tão desejados. Eu então enumerei todos os artigos de luxo que vieram à minha cabeça, principalmente as vestimentas, e expliquei que as mesmas não poderiam ser produzidas sem o envio de navios para todas as partes do mundo. O mesmo ocorria com as bebidas alcoólicas, as especiarias e inúmeras outras conveniências. Assegurei a ele que navios percorriam milhares de quilômetros pelo globo só para que uma de nossas ricas *yahoos* pudesse tomar seu café da manhã ou tivesse uma xícara onde servi-lo. Nesse momento, meu mestre observou que a Inglaterra deveria ser um país miserável, pois não era capaz sequer de fornecer comida a seus próprios habitantes. Em seguida ele me questionou sobre as tais vastas extensões de terras

inglesas que eu havia descrito. Disse que elas deveriam ser totalmente desprovidas de água fresca, pois só isso faria com que as pessoas daquele país se lançassem ao mar em navios e em perigosas viagens para encontrar coisas para vestir, comer e beber. Eu então esclareci que a Inglaterra (minha terra natal querida), produzia cerca de três vezes a quantidade de comida necessária aos seus habitantes. Além disso, a ilha produzia milhões de litros de ótimas bebidas extraídas de grãos ou dos frutos de certas árvores. O problema era que para dar conta do luxo e da intemperança dos machos ricos e da vaidade das fêmeas abastadas, os ingleses se viam obrigados a comprar milhares de coisas em outros países, de onde também importávamos doenças, loucuras e vícios. Daí decorre, necessariamente, que um grande número de nosso povo acabe obrigado a buscar seu sustento implorando, batendo carteiras, roubando, assaltando, trapaceando, se prostituindo, sendo puxa-saco, bajulando alguém rico, subornando, cometendo perjúrio, praticando estelionato, apostando em jogos de azar, mentindo, odiando, votando, envenenando, difamando, publicando libelos, defendendo de maneira hipócrita ideias nas quais não acredita, pensando livremente e outras ocupações semelhantes. Cada um desses comportamentos e ações me custou horas de explicação e enorme esforço de meu mestre para compreendê-los.

Expliquei que o vinho que importamos de países estrangeiros não é para suprir a falta de água ou de outras bebidas, mas porque era um tipo de líquido que nos alegrava ao nos tirar do juízo, nos desviava dos pensamentos melancólicos e produzia em nós imaginações extravagantes e selvagens. Quando o bebemos, aumentamos nossas esperanças e banimos nossos medos, suspendemos todos os ofícios da razão e nos privamos do uso correto de nossos membros. Bebemos esse vinho até cair em sono profundo. O problema é, confessei a ele, que sempre acordamos doentes e desanimados quando tomamos essas bebidas estrangeiras, as quais nos enchem de vícios e doenças que tornam nossa vida desconfortável e curta.

Porém, o mais importante dessas relações comerciais, reside no fato de que a maior parte do povo inglês ganha seu sustento fornecendo as conveniências e atendendo às necessidades dos ricos, além, evidentemente, das nossas próprias. Por exemplo, quando estou em casa e vestido como deveria, levo no meu corpo o esforço de dezenas de trabalhadores. O mesmo ocorre com minha casa e os móveis que estão nela, que aliás, são fruto do trabalho de até cinco vezes mais gente. Número que é ainda maior quando o assunto é enfeitar minha esposa.

Tentei contar ao meu mestre sobre um outro tipo de pessoa, aquela que ganha a vida cuidando dos doentes.

No entanto, como, em algumas ocasiões, eu havia dito que muitos membros de minha tripulação morreram de doenças sob os meus cuidados, senti enorme dificuldade para fazê-lo entender o que eu queria dizer. Ele era capaz de conceber facilmente que um *riinchnchn* ficava fraco dias antes de sua morte, ou que por algum acidente poderia machucar um membro, mas para ele era muito difícil entender que a natureza, que trabalha na busca da perfeição de todas as coisas, produzisse dores e doenças em nossos corpos. Isso era algo que ele julgava impossível. Por essa razão, desejava saber a razão de um mal tão inexplicável.

Minha explicação foi a seguinte: nós nos alimentamos e fazemos mil coisas que são contrárias à nossa saúde. Comemos quando não temos fome e bebemos sem sentir sede; passamos a noite inteira consumindo bebidas alcoólicas, o que nos deixa preguiçosos, inflama nossos corpos e precipita ou impede a digestão; nos relacionamos com prostitutas *yahoos* que carregam em si certas doenças que apodrecem até os ossos daqueles que caem em seus abraços; que estas e muitas outras enfermidades acabavam sendo passadas de pai para filho, de modo que grandes números de *yahoos* já nascem com doenças complicadas. Na verdade, eu disse ao meu mestre, que seria trabalho imenso fornecer a ele um catálogo com todas as doenças que afetam o corpo huma-

no, porque sua variedade não era inferior a quinhentas ou seiscentas moléstias, espalhadas por todos os membros e articulações. Enfim, todas as partes, externas e internas do nosso corpo. Era para remediar isso que havia entre nós um tipo de gente criada na profissão, ou pretensão, de curar os doentes. Disse a ele que eu possuía alguma habilidade nessa área do saber e que seria um imenso prazer poder ensinar a ele os segredos e o método pelo qual essas pessoas atuam.

Ele concordou que aquilo seria proveitoso e eu prossegui. A principal coisa que devemos ter em mente é: todas as doenças são frutos de algum tipo de excesso. Disso é possível concluir que a primeira coisa necessária para melhorar a saúde é uma grande evacuação, através da passagem natural, ou pela boca, através do vômito. Expliquei que muitas dessas pessoas trabalham com ervas, minerais, gomas, óleos, conchas, sais, sucos, algas marinhas, excrementos, cascas de árvores, serpentes, sapos, aranhas, carne e ossos de pessoas mortos, pássaros, animais e peixes, para formar uma composição que, para o olfato e o paladar, são as mais abomináveis, nauseantes e detestáveis. Isso porque essas horríveis fórmulas reviram o estômago, o qual imediatamente as rejeita com repugnância, produzindo automaticamente o vômito. Outra forma de tratamento é aquele realizado com o auxílio de certos remédios amargos, que nos mandam tomar tanto pela boca quando

pelo orifício de baixo. Tais medicações, depois de tomadas ou inseridas, produzem igualmente uma reação de irritação e repugnância por parte das entranhas, as quais relaxam e botam tudo pra fora. Eles chamam a isso de expurgo, clister ou enema. Segundo esses profissionais, chamados médicos, como a natureza criou o orifício superior (a boca) apenas para a ingestão de sólidos e líquidos e o posterior inferior (ânus) para evacuação, o que devemos fazer é trocar o uso de cada orifício, isto é, forçar a entrada de sólidos e líquidos pelo ânus e a saída de evacuações pela boca.

Explicada essa parte física das doenças reais, disse que esses profissionais cuidavam também das doenças imaginárias, para as quais os médicos inventaram curas que também eram imaginárias. Para isso, criavam vários nomes e medicamentos adequados para o seu tratamento. Apontei ainda que quem mais sofria dessas moléstias eram as *yahoos* fêmeas.

Falei para meu mestre que a principal habilidade dessa tribo é a dos prognósticos, nos quais eles raramente falham. Na imensa maioria dos casos, suas predições a respeito de doenças reais, quando estas atingem um alto grau de malignidade, geralmente anunciando a morte, são sempre corretas. Assim, diante de quaisquer sinais inesperados de melhora, após eles pronunciarem a terrível sentença, em vez de serem



acusados de falsos profetas, eles acabam sendo tratados como salvadores de um caso perdido.

Esses profissionais também são muito consultados por maridos e esposas que estão cansados um do outro. Tratam os grandes ministros de estado desde quando estes eram crianças. Muita vez, atendem também os príncipes.

Eu também discorri, ocasionalmente, a respeito da natureza dos governos em geral e particularmente sobre nossa excelente Constituição, merecidamente tida como a maravilha e o motivo de inveja do mundo todo. Porém, quando mencionei acidentalmente o termo ministro de Estado, ele ordenou, algum tempo depois, que eu o informasse a respeito dessa espécie de *yahoo*.

Falei que um primeiro-ministro ou chefe de Estado era uma criatura totalmente desprovida de alegria e tristeza, amor e ódio, compaixão e raiva. Pelo menos, aos olhos do público, ele não demonstrava possuir essas paixões, apenas um desejo violento de riqueza, poder e títulos. Disse que os primeiros-ministros são figuras que conseguem falar sem dizer nada e esconder completamente quais são suas reais intenções. Na maioria das vezes, quando ele diz a verdade, é para convencê-lo de que aquilo é uma mentira. Mas quando mentem, fazem de tal maneira que acreditamos que estão falando a mais pura verdade. Desta forma, quando ele fala

mal pelas costas de alguém, certo é que essa pessoa seja de sua preferência. Porém, quando ele começar a elogiar é certeza que aquela pessoa, em breve, será completamente abandonada. A pior coisa que se pode receber de um sujeito desses é uma promessa, especialmente quando esta é confirmada por um juramento. Quando isso acontece, todo homem sábio se retira e abandona todas as suas esperanças.

Demonstrei também que há três métodos principais pelos quais um homem pode chegar ao posto de primeiro-ministro. O primeiro é sabendo prudentemente como dispor de uma esposa, uma filha ou uma irmã; o segundo, traindo ou enfraquecendo seu antecessor; e o terceiro, pela constante demonstração de uma indignação furiosa, em assembleias públicas, em relação às corrupções da corte. Um monarca sábio quase sempre emprega um primeiro-ministro que pratica o último desses métodos. Ele sabe que esses indivíduos que se passam por defensores fanáticos do combate à corrupção são sempre os mais obsequiosos e subservientes às vontades e às paixões de seu mestre. Quando esses homens chegam ao posto de primeiro-ministro, tendem a se preservar a todo custo no poder, subornando a maioria de um senado ou de um grande conselho. Finalmente, esses homens, quando deixam o poder, recebem o que se costuma chamar de reparação (a qual descrevi a natureza para ele). Assim, eles se

protegem das contas posteriores e se retiram do público de bolsos recheados com os despojos da nação.

A residência oficial de um primeiro-ministro é, na verdade, o local onde são preparados outros para exercer aquele mesmo ofício: pajens, lacaios e carregadores, todos imitam seu mestre. Acabam assim se tornando ministros de Estado de seus distritos. Nessa residência oficial eles aprendem a se destacar nas três principais características de um primeiro-ministro: insolência, mentira e suborno. Consequentemente, eles também possuem seu magote de subalternos, os quais, pela destreza e audácia, chegam, através de várias gradações, a serem sucessores de seu senhor.

Geralmente, o primeiro-ministro possui uma assistente ou um laiaio favorito. Esses, por seu turno, têm todos os desejos realizados e, muita vez, são os verdadeiros governadores do reino.

Um dia, enquanto eu fazia uma breve apresentação de algum tema, meu mestre, ao me ouvir mencionar a nobreza do meu país, acabou me fazendo um elogio que certamente não pude fingir merecer. Ele disse que tinha certeza de que eu devia ter nascido em uma família nobre na Inglaterra, isso porque eu excedia em forma, cor e limpeza todos os *yahoos* de sua nação. Meu mestre afirmou que mesmo me faltando certa força e agilidade, o que, segundo ele, devia

ser atribuído à minha maneira diferente de viver, muito distante do cotidiano dos *yahoos* selvagens daquela nação. Além disso, conforme ele apontou, eu não era apenas dotado da faculdade de falar, mas também de alguns rudimentos da razão, a tal ponto que chegava a passar por um prodígio.

De acordo com ele, entre os *riinchnchns* era a mesma coisa. Os brancos e os marrons não eram exatamente o que se podia chamar de sábios. Já os malhados, os cinzas e os pretos eram sempre muito sensatos. O primeiro grupo não nascia com o mesmo talento mental ou com a capacidade de aprimorá-lo. Por essa razão, estavam sempre na condição de servos, sem nunca aspirar a nada, até porque isso seria visto como uma monstruosidade antinatural.

Agradei os elogios, mas o assegurei de que eu era filho de uma família humilde, porém honesta e trabalhadora, apesar de meus pais terem me dado acesso a uma educação razoável. Também esclareci que a nobreza, entre nós humanos, era completamente diferente da ideia que ele tinha dela. Nossos jovens nobres são criados desde a infância na ociosidade e no luxo. Por esse motivo, com o passar dos anos, perdem seu vigor e contraem doenças odiosas entre as mulheres lascivas. Depois, quando suas fortunas estão quase arruinadas, casam-se com a filha de algum avaro, a qual, por essa razão, invariavelmente é uma pessoa desagradável e de constituição

doentia. Essa união, feita meramente por dinheiro, faz com que os dois se odeiem e se desprezem pelo resto da vida. Os filhos de tais casamentos são geralmente crianças escrofulosas ou deformadas. Por isso, a família raramente passa da terceira geração, a menos que a esposa cuide de fornecer um pai saudável aos seus filhos ao amasiar-se com vizinhos ou empregados, a fim de melhorar e continuar a raça. Portanto, é possível afirmar que um corpo fraco e doente, um rosto magro e uma aparência pálida são as verdadeiras marcas do sangue nobre. Já filhos com aparência saudável e robusta são algo muito vergonhoso para um nobre, pois todos percebem com aquilo que o verdadeiro pai da criança é o mordomo ou o cocheiro. As imperfeições das mentes dessas pessoas correm paralelas às de seu corpo, sendo tais indivíduos uma composição de mau temperamento, ignorância, capricho, libertinagem e orgulho.

No entanto, sem o consentimento desse corpo ilustre, nenhuma lei do país pode ser promulgada, revogada ou alterada: são esses nobres quem têm a última palavra sobre todas as nossas posses, sem apelo.<sup>44</sup>

---

44 Esse último trecho não consta no texto original, apenas nas versões posteriores.

## CAPÍTULO 7

*O grande amor do autor por seu país natal. As observações de seu mestre sobre a Constituição e a administração da Inglaterra, conforme as mesmas foram descritas pelo autor. As observações de seu mestre sobre a natureza humana.*

**O** leitor pode estar se perguntando como eu era capaz de falar tais coisas sobre a minha própria espécie, a qual eu apresentava a meu mestre de maneira tão crua, criando assim uma imagem vil da humanidade, que nos aproximava muito dos *yahoos* que vivam naquele país. Devo confessar que frente às muitas virtudes da espécie do meu mestre, aqueles excelentes quadrúpedes, os vícios humanos se escancaravam. Isso inegavelmente abriu meus olhos e ampliou meu entendimento. Nesse momento, eu passei a ver e julgar as ações e paixões dos humanos de uma maneira muito diferente. Também ficou claro que não valia à pena me dedicar na defesa da honra de minha corrompida espécie. Outra coisa que ficou evidente era que, mesmo se eu quisesse, jamais conseguiria enganar alguém dotado de uma

capacidade de julgamento tão aguda quanto meu mestre, que diariamente me convencia das mil falhas que eu carregava dentro de mim, muitas das quais eu simplesmente não fora capaz de perceber antes. Para piorar, compreendi também que muitas dessas imperfeições jamais seriam consideradas parte de nossas manias. Da mesma forma, em razão do exemplo que meu mestre se tornou para mim, desenvolvi absoluta repugnância em relação a toda e qualquer falsidade ou disfarce. Decidi sacrificar tudo para me manter sempre do lado da verdade, a qual, desde então, passou a ser algo imprescindível.

Aqui quero me confessar ao leitor que havia um motivo muito mais forte para a veracidade da minha representação das coisas humanas. Eu, que ainda não tinha passado um ano naquele país, acabei desenvolvendo amor e veneração por seus habitantes. Por esse motivo, havia decidido que nunca mais voltaria ao convívio humano. Estava determinado a passar o resto da minha vida entre aqueles admiráveis *riinchnchns*, contemplando e praticando toda a virtude que me ensinaram. Viveria em um país onde não havia nenhum exemplo ou incentivo ao vício. No entanto, a sorte, minha perpétua inimiga, não permitiu que tamanha felicidade caísse sobre mim. Todavia, é importante o leitor perceber que tudo o que eu disse sobre meus compatriotas, o fiz procurando atenuar

nossas falhas frente a um examinador tão rigoroso. Tentei, inclusive, favorecer sempre que possível nossa espécie naquilo que eu contava para meu mestre. Afinal, quem entre nós nunca puxou a sardinha e demonstrou certa parcialidade ao falar de sua terra natal?

Dessa forma, relatei aqui a maior parcela das conversas com meu mestre durante o tempo no qual tive a sorte de poder aproveitar da sua companhia e estar a seu serviço. Porém, por mera questão de brevidade, decidi resumir nossas conversas, omitindo assim boa parte do que foi dito.

Certo dia, logo após eu ter respondido a todas as dúvidas que ele apresentou sobre meus relatos, meu mestre, que parecia ter sua curiosidade totalmente satisfeita nesse ponto, ordenou que eu me sentasse a uma certa distância (honra que ele nunca havia me conferido antes). Em seguida, confessou ter refletido longamente a respeito de tudo o que eu havia dito sobre mim, minha espécie e meu país. Por fim, chegou à conclusão de que nossa espécie, por algum acidente que ele não era capaz de entender, recebera da natureza uma pequena pitada de razão, a qual nós usamos exclusivamente para agravar nossas corrupções naturais e adquirir novos vícios que a natureza não nos havia dado. A seus olhos, os humanos haviam se afastado das poucas habilidades que a natureza nos concedera. Tínhamos sido bem-sucedidos em



multiplicar nossos desejos originais, em função dos quais passávamos nossa vida inteira trabalhando, lutando e inventando coisas para supri-los. Em relação à minha pessoa, ele percebeu que era evidente que eu não possuía nem a força nem a mesma agilidade de um *yahoo* comum. Para meu mestre, meus pés, por estarem sempre protegidos por calçados, tinham se tornado macios e frágeis. Minhas mãos não podiam ser utilizadas em minha defesa pela falta de unhas grandes e afiadas. Por fim, eu não conseguia correr com velocidade nem subir em árvores como meus irmãos, que era como ele chamava os *yahoos* do seu país.

Para ele, nossas instituições de governo e nossa Justiça eram resultados diretos e evidentes dos defeitos grosseiros de nossa razão. Segundo meu mestre, a razão basta para governar uma criatura racional. Isso, ele disse, era algo incontestável, mesmo a partir do relato que eu dera das pessoas de meu próprio povo, embora ele percebesse que na tentativa de não os difamar, eu acabara ocultando detalhes e narrando as coisas de modo diverso de como elas realmente eram.

Meu mestre tinha muita confiança em relação às próprias opiniões, simplesmente porque observou a inegável e inequívoca semelhança entre o meu corpo e os corpos dos *yahoos* de seu país. Os aspectos nos quais eu apresentava enorme desvantagem frente os *yahoos* daquele reino eram

relacionados à força, habilidade e velocidade. Eles eram visivelmente mais preparados para vencer as adversidades que a vida selvagem impunha. Como eu não possuía garras e não caminhava em quatro patas, além de outros detalhes que me tornavam mais frágil, meu mestre concluiu que pela representação que eu lhe dera de nossas vidas, maneiras e ações, certamente elas combinavam e eram muito razoáveis com a disposição de nossas mentes. Porém, ele fez questão de afirmar que os *yahoos* eram conhecidos por sua capacidade de se odiar mutuamente, mais do que eles são odiados por outras espécies de animais. Na sua opinião, a razão para esse estranho comportamento era usualmente atribuída às suas formas odiosas, as quais eles podiam ver em seus semelhantes, mas não viam em si mesmos. Por essa razão, ele começou a pensar que, na verdade, não era um equívoco nós cobrirmos nossos corpos. Aliás, ele achava que tal invenção ajudava a ocultar muitas de nossas deformidades uns dos outros, deformidades essas que dificilmente seriam suportáveis a olhos vistos. Porém, ele percebia o quão enganado estava a esse respeito, as dissensões entre aqueles brutos animais em seu país eram, na realidade, resultado dos comportamentos humanos por mim descritos. Pois, segundo ele, quando jogamos entre cinco *yahoos* a quantidade suficiente de comida para alimentar cinquenta deles, em vez de todos comerem

pacificamente, eles brigam loucamente, cada qual tentando ficar com tudo só para si. Por esse motivo, um empregado costumava ser contratado para ficar em pé entre os *yahoos* enquanto eles se alimentavam, para evitar a pancadaria. Já quando uma vaca morria de velhice ou por acidente, antes que um *riinchnchn* pudesse protegê-la de seus próprios *yahoos*, os *yahoos* agarravam a carcaça para depois travar entre si a batalha que descrevi acima, com feridas terríveis feitas por suas garras, embora raramente conseguissem se matar, talvez, segundo meu mestre, por falta dos tais instrumentos de morte que nós havíamos inventado na Europa. Em outros momentos, batalhas semelhantes eram travadas entre *yahoos* de vários bairros. Esses conflitos ocorriam sem nenhuma causa visível. *Yahoos* de uma área não perdiam a oportunidade de surpreender seus vizinhos. Quando os planos de ataque desses grupos eram descobertos eles desistiam do ataque. No caminho de volta para seu território, por falta de inimigos, acabavam brigando entre si.

Meu mestre me falou que em alguns dos campos de seu país há certas pedras brilhantes e coloridas. Os *yahoos* são violentamente fascinados por elas. É muito comum ver alguns deles cavando desesperados a terra para retirar dela essas pedras. Cavam com suas garras por dias inteiros. Depois, escondem essas pedras e vivem com medo de que

algum outro *yahoo* descubra o esconderijo de seu tesouro. Meu mestre confessou que nunca conseguiu descobrir a razão desse comportamento antinatural. Também não sabia se essas pedras possuíam alguma utilidade especial para os *yahoos*. Porém, após meus relatos sobre as sociedades humanas, ele entendia que essa louca busca dos *yahoos* por pedras coloridas certamente se originava da mesma avareza que eu atribuíra à humanidade. Certa vez, meu mestre me disse que experimentou remover um monte dessas pedras do local onde um de seus *yahoos* as havia enterrado e escondido. Quando o sórdido animal se deu conta do desaparecimento de seu tesouro, passou a se lamentar, aos prantos. Em seguida, levou todo o rebanho para o local, onde uivou miseravelmente. Tomado pelo ódio, passou a morder e atacar os outros *yahoos*, que se afastaram. Por fim, esse *yahoo* não comia, não dormia, nem trabalhava mais. Comovido, meu mestre ordenou que um criado levasse as pedras para o mesmo buraco e as escondesse como antes. Quando esse *yahoo* descobriu suas pedras, ele se recuperou completamente e restabeleceu seu bom humor, porém, teve o cuidado de remover as pedras e colocá-las em outro esconderijo. Desde então tem sido um bruto muito prestativo.

Durante minha estadia naquele país, percebi que nos campos onde abundavam as pedras brilhantes os *yahoos*

travavam as batalhas mais ferozes e frequentes, ocasionadas por incursões perpétuas dos *yahoos* das redondezas.

Segundo meu mestre, era comum ver dois *yahoos* disputando para ver qual deles seria o dono de uma pedra por eles descoberta. Também era muito comum um terceiro *yahoo* aparecer, se aproveitar da situação e roubar a pedra enquanto a disputa prosseguia. Aquilo, segundo meu mestre, se parecia muito com os processos legais que eu havia relatado. A única diferença, eu pensei com meus botões, era que ali o que se perdia era uma simples pedra, já nos tribunais ingleses a causa, isto é, a pedra, jamais seria levada por um terceiro enquanto os dois debatedores possuísem outros bens. A ideia, nos nossos tribunais, é deixar os dois debatedores completamente lisos.

Para meu mestre, não havia nada que tornasse os *yahoos* mais odiosos do que o apetite que eles tinham para devorar tudo o que aparecesse pelo caminho: ervas, raízes, bagas ou até mesmo carne putrefata. Outra coisa muito peculiar nos *yahoos* era a disposição que tinham para se interessar por qualquer coisa que fosse conquistada através do roubo, da rapinagem, mesmo que o custo fosse alto. Eles sentiam mais prazer em comer o que roubavam do que o alimento, muita vez melhor, que era fornecido em casa. Disse que os *yahoos* eram glutões e que se a natureza não tivesse provido essa

espécie de excelente sistema digestivo, certamente comeriam até explodir.

Naquele país existia uma determinada raiz, muito suculenta, mas um tanto rara e difícil de ser encontrada, que os *yahoos* adoravam e comiam com grande prazer. Ela produzia neles os mesmos efeitos que o vinho tem sobre nós. Quando encontravam essas raízes e as comiam, os *yahoos*, já satisfeitos, se abraçavam ou então brigavam até se despedaçar. Essas raízes levavam muitos deles a uivar, sorrir, cambalear e cair. Após se empanturrar de raízes, era comum adormecerem na lama.

Uma curiosidade que observei foi a seguinte: os *yahoos* eram os únicos animais naquele país sujeitos a alguma doença. No entanto, essas enfermidades ocorriam em um número bem inferior às que, por exemplo, os cavalos que habitam entre nós contraem. Nesse caso, não estou me referindo às moléstias fruto dos maus-tratos com os quais os cavalos se deparam na Europa quando caem nas mãos de uma pessoa gananciosa e sórdida. Aliás, o idioma dos *riinchnchns* sequer possuía um vocabulário especial para doenças. A palavra mais conhecida quanto se tratava de enfermidades era *hnea-yahoo* ou “mal do yahoo”. A cura prescrita nesses casos era uma mistura de esterco e urina, que os *yahoos* eram forçados a tomar. Ao ver a eficácia desse remédio, passei a recomendá-lo

aos meus compatriotas e para o bem público, pois era ótima para doenças como indigestão.

Quanto a assuntos como educação, governo, artes, manufaturas e afins, meu mestre me disse que havia encontrado pouca ou nenhuma semelhança entre os *yahoos* daquele país e nós, os ingleses. Isso porque seu objetivo principal era observar no que nós nos assemelhávamos e não o contrário. Porém, ele ouviu de alguns *riinchnchns* que na maioria dos rebanhos de *yahoos* havia uma espécie de *yahoo* dominante, que sempre apresentava um corpo mais deformado, era mais malicioso e mais dispostos do que qualquer um dos demais. Esse líder costumava ter um favorito, cuja principal função era lambe seus pés e suas partes posteriores, além de levar algumas das *yahoos* fêmeas para sua jaula. Algumas vezes, esse favorito recebia um pedaço de carne de burro como recompensa. Porém, era odiado por todo o resto do rebanho e, portanto, para se proteger, acabava obrigado a sempre ficar perto do líder. Geralmente, esse serviçal ficava no cargo até surgir outro capaz de ser ainda mais submisso e desprezível. Quando um desses favoritos era descartado, seu sucessor, à frente de todos os *yahoos* daquele distrito, jovens e velhos, machos e fêmeas, comandava uma operação para que todos defecassem sobre o preterido. Nesse caso, as semelhanças

entre os *yahoos* e nossos tribunais, os favoritos do rei e os ministros de estado, segundo meu mestre, era inegável.

De minha parte, fiz que não era comigo e que simplesmente não havia compreendido aquela insinuação maliciosa, que colocava a compreensão humana abaixo da sagacidade de um cão comum, o qual, por sua vez, tem julgamento suficiente para distinguir e seguir o cão mais capaz da matilha, sem nunca se enganar.

Havia, no entanto, algumas qualidades notáveis nos *yahoos*, de acordo com meu mestre. Paradoxalmente ele não me ouviu mencionar nenhuma delas durante os relatos que eu havia feito sobre a humanidade. Ele disse que os *yahoos*, assim como outros animais selvagens, compartilhavam suas fêmeas, porém, com uma diferença: as *yahoos* fêmeas aceitavam se relacionar com machos durante o período de gravidez. Eles também brigavam com as fêmeas, tão ferozmente quanto com os machos. Para meu mestre, ambas as práticas demonstravam uma brutalidade infame, não existente em nenhuma outra criatura.

Outra coisa que ele não podia deixar de apontar era a estranha disposição dos *yahoos* para a maldade e a sujeira, considerando obviamente, segundo ele, que parecia haver um amor natural pela limpeza em todos os outros animais. Quanto às duas acusações anteriores, fiquei feliz em deixá-las



passar sem nenhuma resposta, porque não tinha uma palavra a oferecer sobre elas em defesa de minha espécie. Eu até poderia afirmar que era injusto imputar à humanidade essa predileção pela sujeira caso existisse algum suíno naquele país, o que, cá entre nós, não seria grande coisa. De qualquer forma, era muito difícil contestar meu mestre após ter visto o comportamento dos *yahoos* do seu país e o costume que eles tinham de comer raízes e depois dormir na lama.

Existia ainda outra característica nos *yahoos* que era totalmente inexplicável para meu mestre e seus servos. Segundo ele me disse, às vezes, um *yahoo* se deitava em um canto, passava então a uivar, gemer e desprezar todos os que se aproximavam dele. Ficava lá assim, sem querer comida nem água. A única coisa que fazia esse *yahoo* jovem e gordo retornar ao normal era colocá-lo para fazer qualquer tipo de trabalho duro. Só assim ele se revigorava e regressava ao seu modo habitual. Também não ofereci qualquer tipo de comentário à fala de meu mestre. Na verdade, ela me mostrou claramente as verdadeiras sementes da prostração na qual vivem os preguiçosos ricos da Inglaterra, os quais, caso fossem forçados a se submeter ao mesmo regime, se curariam em um piscar de olhos.

Meu mestre também me disse que era muito comum ver uma *yahoo* fêmea escondida atrás de um arbusto contem-

plando os jovens machos que passavam. Segundo ele, essas *yahoos*, depois de muita observação, pulavam na frente de determinados machos, para os quais faziam gestos e caretas. Nessas ocasiões, as fêmeas exalavam um cheiro que meu mestre julgava muito ofensivo. Porém, depois desse pequeno ritual, quando um dos machos avançava, ela se retirava lentamente, olhando para trás com frequência. Então, fingindo sentir medo, a fêmea, certa de que um dos machos a seguia, corria para algum lugar escondido.

Em outras ocasiões, quando uma fêmea *yahoo* estranha a um determinado grupo aparecia, ela era imediatamente abordada por três ou quatro fêmeas desse grupo, que a olhavam de cima a baixo rindo, fazendo caretas, menosprezando e cheirando o corpo inteiro da forasteira. Essa zombaria terminava em gestos que pareciam expressar desprezo e desdém pela recém-chegada.

Tais especulações, feitas a partir das observações que meu mestre e seus servos fizeram dos *yahoos* que viviam em seu país, talvez pudessem ser alvo de algum tipo de refinamento. No entanto, era inegável constatar, sem espanto e com muita tristeza, que tais observações indicavam a presença quase que instintiva de rudimentos de lascívia, coquetismo, maledicência e escândalo no gênero feminino.

Durante nossas conversas, sempre aguardei pelo momento no qual meu mestre começaria a falar sobre os apetites não naturais dos *yahoos*, tão comuns entre nós. Mas a natureza, ao que parece, não os ensinou isso. Portanto, esses prazeres são produtos exclusivos da arte e da razão do nosso lado do globo.

## CAPÍTULO 8

*O autor revela inúmeras peculiaridades dos yahoos. As grandes virtudes dos riinchnchns, a educação e exercícios físicos praticados pelos mais jovens e fala como é a Assembleia Geral daquele país.*

**P**artindo do princípio que eu compreendia a natureza humana melhor do que meu mestre, era praticamente inevitável aplicar as características que ele percebia nos *yahoos* a mim e aos meus compatriotas. Mais do que isso: eu acreditava ser capaz de novas descobertas, a partir de minha própria observação dos *yahoos*. Por isso, frequentemente solicitava ir até onde estavam os rebanhos de *yahoos*. Graciosamente, meu mestre sempre consentiu. Ele sabia que o ódio que eu sentia e demonstrava ter por aqueles brutos não permitiria que eu fosse corrompido por eles. Assim, ele ordenava que um de seus servos, um forte corcel, muito honesto e de boa índole, fosse meu guardião. Obviamente, sem aquela proteção eu jamais me aventuraria a chegar perto dos *yahoos*. Como já narrei, o leitor sabe o que ocorreu quando eu, no momento de minha chegada,

me vi sozinho entre aqueles animais odiosos. Depois disso, por três ou quatro vezes, quando me afastei demais de meu protetor, fiquei muito perto de cair novamente nas garras daqueles seres desprezíveis. Aliás, eu tinha motivos para desconfiar que eles acreditavam que eu era da sua espécie. Por essa razão, inúmeras vezes tirei minhas luvas e minha camisa para mostrar meu braços e peito nu para aqueles brutos. Sempre fiz isso perto do protetor, para não correr riscos. Muita vez, eles chegavam bem perto de mim e imitavam minhas ações à maneira dos macacos, porém, sempre demonstrando grandes sinais de ódio, como uma gralha domesticada sempre acaba perseguida por seus semelhantes selvagens, quando deles se aproxima.

Desde a mais tenra infância, os *yahoos* são prodigiosamente ágeis. Certa vez, peguei um *yahoo* de três anos de idade e me esforcei, por todas as marcas de ternura, para acalmá-lo. Porém, o pequeno diabinho permaneceu o tempo todo me arranhando e me mordendo com tanta violência que fui obrigado a soltá-lo. Isso aconteceu no momento exato porque um grupo de *yahoos* adulto já se aproximava em razão do enorme barulho que o pequeno fazia. Porém, como encontraram o filhote são e salvo (ele fugiu das minhas mãos), não ocorreu nenhum problema. No curto espaço de tempo que o tive comigo, percebi que o jovem tinha um

cheiro muito forte, um fedor que ficava entre o cheiro de uma doninha e de uma raposa, mas muito mais desagradável. Me esqueci de uma outra coisa (e peço perdão ao leitor pela omissão): enquanto eu segurava o odioso pequenino nas minhas mãos, ele expeliu uma substância amarela e imunda por toda a minha roupa. Por sorte, havia um pequeno riacho perto do local. Aproveitei a coincidência e me lavei o melhor que pude. Aliás, só me aproximei de meu mestre após me limpar cuidadosamente.

Depois, com o passar do tempo, descobri que os *yahoos* eram animais que detestavam o toque. Por isso, eram incapazes de puxar ou carregar cargas. Contudo, sou da opinião de que essa incapacidade surge principalmente de uma disposição perversa e inquieta desses seres, que são astutos, maliciosos, traiçoeiros e vingativos. Eles são fortes e resistentes, mas de espírito covarde e, por consequência, insolentes, abjetos e cruéis. Outra coisa que é possível observar é: os indivíduos de cabelos ruivos, de ambos os sexos, são mais libidinosos, maliciosos, fortes e ativos que os demais.

Os *riinchchns* mantêm alguns *yahoos* em cabanas não muito longe de suas casas. O restante dos *yahoos* habita certos campos, onde desenterram raízes, comem vários tipos de ervas, procuram por carniça ou, às vezes, caçam doninhas e *luhimuhs* (uma espécie de rato selvagem), que devoram avi-

damente. A natureza os ensinou a cavar buracos profundos com as unhas nas encostas, onde os machos dormem sozinhos. As fêmeas, por sua vez, fazem tocas maiores, suficientes para acomodar dois ou três filhotes.

Eles aprendem a nadar ainda pequenos. São capazes de permanecer por muito tempo debaixo d'água, onde costumam pegar peixes, os quais as fêmeas levam para casa para dar aos filhotes. Agora vou narrar uma aventura estranha e espero que o leitor perdoe meu relato.

Certa vez, durante um dia muito quente, eu passeava ao lado do meu protetor quando nos aproximamos de um rio. Eu então implorei para que ele me deixasse tomar banho. Após conseguir seu consentimento, eu me despi completamente e mergulhei suavemente no riacho. Acontece que uma jovem *yahoo*, escondida atrás de uma moita, assistia toda a cena. Tomada pelo desejo, ela correu e pulou na água, a menos de cinco metros do local onde eu estava me banhando. Nunca fiquei tão assustado na minha vida. O cavalo que me protegia pastava a certa distância, sem suspeitar de nada. Ela nadou em minha direção e me abraçou forte. Eu gritei o mais alto que pude e o corcel veio galopando me socorrer. Ao perceber a chegada do cavalo, ela me largou, com certa relutância, e nadou para a margem oposta, onde ficou me olhando e uivando, enquanto eu vestia minhas roupas.

Aquele acontecimento foi motivo de muita diversão para meu mestre e sua família, que se deliciaram ouvindo a mesma história várias vezes. Eu, de minha parte, fiquei aterrorizado pelo susto e atormentado porque não podia mais negar que eu era semelhante aos *yahoos* em todas as suas características. Prova disso era o fato das fêmeas daqueles brutos demonstrarem uma propensão natural sobre mim, como se eu fosse um de sua própria espécie. Tampouco os cabelos daquela fêmea eram ruivos (o que poderia servir como desculpa para desejos tão pouco convencionais), mas pretos. Já seu semblante não parecia tão horrível quanto o resto de sua espécie, pois acho que ela não tinha mais do que onze anos.

Tendo vivido três anos naquele país, suponho que o leitor espere que, como outros viajantes, eu seja capaz de oferecer um relato a respeito dos costumes de seus habitantes. Na verdade, esse era meu principal objetivo desde o primeiro momento que o acaso me levou até lá.

Começo afirmando que esses nobres *riinchnchs* possuem uma disposição natural para todas as virtudes. Eles simplesmente não são capazes de imaginar a presença da maldade em qualquer criatura racional. Cultivam exclusivamente a razão e são totalmente governados por ela. Aliás, a razão, entre eles, não é nunca um ponto problemático,



como muita vez ocorre entre nós, quando dois homens argumentam, com plausibilidade, ambos os lados de uma questão. Para eles só há um lado: o da verdade racional, o qual nunca se mistura com a paixão e o interesse pessoal. Por esse motivo, eu sempre tive muita dificuldade para explicar ao meu mestre o significado da palavra opinião. Era, para ele, custoso entender como um determinado assunto poderia ser discutível. No campo da razão só é possível afirmar ou negar algo quando se tem certeza. Tudo o que está além de nosso conhecimento não pode ser motivo de debate. Portanto, controvérsias, disputas, polêmicas e proposições falsas ou duvidosas são males desconhecidos entre os *riinchnchns*. Da mesma maneira, quando eu costumava explicar para ele os vários sistemas de nossa filosofia natural, ele sorria e afirmava que toda criatura que se propõe a raciocinar deve, necessariamente, acolher o conhecimento oferecido pelas conjecturas feitas por outras pessoas. Meu mestre, por exemplo, concordou inteiramente com as ideias de Sócrates, que Platão nos transmitiu em seus textos — dedico essa menção no intuito de prestar a maior honra que posso fazer a esse príncipe dos filósofos. Desde então, venho pensando sobre a destruição que a doutrina dos *riinchnchns* causaria nas bibliotecas da Europa. Além disso, acredito que a fama de

muitos intelectuais se tornaria inviável se o mundo erudito seguisse tal doutrina.

Amizade e benevolência são as duas principais virtudes entre os *riinchnchn*. Porém, é importante frisar que esses dois sentimentos não são confinados a objetos particulares. Ao contrário, eles são universais a toda a raça *riinchnchn*. Por essa característica, mesmo os indivíduos que vivem nas áreas mais remotas daquele país são tratados da mesma maneira que os vizinhos mais próximos. Todos eles preservam a decência e a civilidade em seus mais altos graus, mas ignoram completamente qualquer cerimônia. Eles não são muito afetuosos com seus potros, mas tomam todos os cuidados necessários para que sejam educados segundo os ditames da razão. Várias vezes vi meu mestre demonstrar o mesmo grau de preocupação com os problemas de seu vizinho que ele tinha com seus próprios problemas. Isso ocorre porque, segundo os *riinchnchns*, a natureza os ensinou a amar toda a espécie. Tal comportamento evidencia que a razão, nos países onde existem gradações de virtude, acaba produzindo a distinção entre um indivíduo e outro.

Entre os *riinchnchns*, as fêmeas adultas se separam de seus companheiros após a dar à luz um filhote de cada sexo, exceto quando um dos filhotes morre no parto, o que raramente acontece. Nesse caso, macho e fêmea continuam

unidos. Outro motivo para um casal se reunir novamente é quando, por algum um acidente, um potro morre no parto. Quando isso ocorre, outro casal concede ao viúvo um de seus próprios potros. Depois se reúnem novamente até a fêmea engravidar. Essa cautela é necessária para evitar que o país fique superpovoado. Mas a raça dos *riinchnchns* inferiores, criados para serem servos, não é tão estritamente limitada nesse quesito: eles podem produzir três filhotes de cada sexo, muitos dos quais acabam atuando como trabalhadores domésticos das famílias nobres.

Nos casamentos, eles tomam muito cuidado para escolher parceiros com cores que não produzam uma mistura desagradável. A força é muito valorizada nos machos; a elegância e beleza, nas fêmeas. Eles não casam por amor, mas para impedir que a raça se degenere. Por essa razão, quando uma fêmea se sobressai em força, o macho consorte a ser escolhido necessariamente será muito belo.

Namoro, paqueras, amor, presentes e dotes não têm lugar em seus pensamentos. Aliás, sequer existem essas palavras na língua dos *riinchnchns*. Quando um jovem casal se une em matrimônio isso ocorre pela determinação de seus pais e amigos. Entre eles não há casos de violação do casamento ou qualquer outra falta de castidade. Os casais se tornam amigos para a vida inteira, tratando-se sempre com

muita compaixão. Todos os *riinchnchns* se tratam de maneira muito cordial e educada. Entre eles não há ciúmes, brigas ou descontentamento.

A educação da juventude se dá através de um método admirável e que merece muito a nossa atenção e imitação. Até os dezoito anos, eles comem aveia e bebem leite. No verão, pastam duas horas pela manhã e outras tantas à noite. Tudo isso é feito sob o olhar atento dos pais.

Temperança, dedicação, exercício e limpeza são as lições mais importantes que os jovens, de ambos os sexos, devem cumprir. Meu mestre achou monstruoso saber que nós damos às mulheres um tipo de educação diferente daquela oferecida aos homens. Ele também observou que, por tudo o que eu havia contado sobre os ingleses, metade dos nativos do meu país natal não servia para nada além botar filhos no mundo. Na visão dele, confiar o cuidado das crianças a essas pessoas inúteis era um exemplo inegável de brutalidade.

Os *riinchnchns* adultos dedicavam boa parte de seu tempo treinando seus jovens. Assim todos tinham força, velocidade e resistência. Todos os dias eles praticavam corridas, subindo e descendo morros íngremes, trotando em terrenos duros e pedregosos. Depois, quando os alunos estavam suados, recebiam a ordem de pular em um lago ou rio. Quatro vezes por ano, os jovens de um determinado distrito se reúnem

para demonstrar suas habilidades. Correm, pulam e dão inúmeras demonstrações de força e agilidade. Aquele com o melhor desempenho é considerado vencedor e recebe como prêmio um panegírico. Nesse festival, os servos conduzem uma manada de *yahoos* ao campo. Eles carregam feno, aveia e leite, os quais são servidos aos *riinchnchns*. Depois disso, os brutos *yahoos* são retirados em razão do barulho que fazem, o que atrapalha o encontro.

De quatro em quatro anos, no equinócio de primavera, ocorre uma Assembleia Geral representativa de toda a nação. A reunião se dá em uma planície a cerca de trinta quilômetros da casa de meu mestre. Nesse encontro, que dura até no máximo seis dias, eles debatem o estado e a condição dos vários distritos. Determinam quais são os mais abundantes e os que sofrem com uma produção menor de feno e aveia. Também são contabilizados os rebanhos de vacas e *yahoos*. Depois, se existir alguma localidade que apresente qualquer tipo de necessidade (o que raramente acontece), ela é suprida imediatamente por consentimento e contribuição de todos os outros distritos. Durante essa reunião também são resolvidas as pendências envolvendo os filhos. Quando um casal tem dois filhos machos, eles, durante esse encontro, trocam um deles por uma fêmea e vice-versa. Quando uma família na qual a fêmea morreu durante o parto perde um filhote por

acidente, é determinado que uma família mais nova do distrito ofereça um filhote para essa família, suprimindo assim a perda.

## CAPÍTULO 9

*O autor dá detalhes da Assembleia Geral dos riinchnchns e o que foi nela determinado. Mais informações sobre a educação dos riinchnchns. As casas onde eles vivem e a maneira como enterram seus mortos. Alguns problemas no idioma dos riinchnchns.*

**D**urante o período que vivi entre os *riinchnchns* ocorreu uma dessas grandes assembleias. Meu mestre participou do encontro como o representante de seu distrito. Ao retornar ele me contou quais foram os temas dos debates e o que ficou decidido.

Segundo meu mestre, o principal tema da Assembleia Geral foi: “devemos ou não exterminar os *yahoos* da face da Terra?”. Entre os favoráveis ao extermínio, o argumento principal era: “os *yahoos* são os bichos mais imundos, barulhentos e deformados que a natureza já produziu. São indóceis, agressivos, perniciosos e mal-intencionados. Sugam escondido as tetas de nossas vacas, matam e devoram nossos gatos e outros animais de estimação. Se não forem

vigiados continuamente, estragam nossas plantações de aveia e nossos pastos. Além disso, cometem milhares de outras extravagâncias”.

Meu mestre também apontou que os *yahoos* eram animais exóticos àquela região, pois tinham surgido havia não muito tempo. A história dos *riinchchns* conta que dois desses animais apareceram, certo dia, em uma região montanhosa daquele país. Não se sabe se eram fruto da união do calor do sol, da lama e da imundície. Aliás, isso nunca se soube. Pouco tempo depois da chegada desses dois *yahoos*, veio a primeira ninhada. Não demorou muito para aqueles brutos se tornassem uma praga tão numerosa que infestou toda a nação. Para se livrar desse mal, os *riinchchns* promoveram uma caçada geral e, finalmente, cercaram todo o rebanho. Mataram os *yahoos* mais velhos e cada *riinchchn* prendeu dois jovens *yahoos* em um canil. Esses animais acabaram sendo utilizados para tração e transporte de bens. Para todos os *riinchchns*, aquelas criaturas não podiam ser *yinhniamshy* (aborígenes). Eles chegaram a essa conclusão em função do ódio violento que os *riinchchns* e todos os outros animais do país sentiam pelos *yahoos*. Tanta ira contra aquela espécie praticamente impossibilitava que eles ocupassem a região por muito tempo. Caso fosse assim, já teriam sido erradicados há muito tempo. De acordo com meu mestre, a utilização



dos *yahoos* como animais de carga acabou prejudicando o cultivo da raça de jumentos, que é um animal bonito, fácil de manter, mais manso e limpo, pois não possui nenhum cheiro ofensivo. Além disso, os jumentos são fortes o suficiente para qualquer trabalho. Seu único defeito são os zurros, um som pouco agradável, porém infinitamente melhor que os horríveis uivos dos *yahoos*.

Muitos outros participantes da assembleia se mostraram favoráveis ao extermínio completo dos *yahoos*. Nesse momento, meu mestre propôs um expediente que ele, na verdade, havia emprestado de mim. Ele disse que concordava com o honorável membro que havia falado antes dele. Afirmou que, segundo acreditava e os relatos indicavam, os primeiros *yahoos* que apareceram entre eles deviam ter chegado até lá pelo mar. Disse ainda que, possivelmente, ao chegarem à terra, foram abandonados por seus companheiros. Temendo por suas vidas, acabaram se retirando para as montanhas onde gradualmente se degeneraram, tornando-se muito mais selvagens do que eram os de sua própria espécie no país de onde teriam vindo originalmente. Meu mestre baseava essa afirmação no fato de que ele agora possuía um certo *yahoo* maravilhoso (eu), do qual a maioria dos presentes naquela assembleia já tinha ouvido falar. Ele então contou que quando me encontrou pela primeira vez,

meu corpo estava todo coberto de uma espécie de proteção artificial feita das peles e pelos de outros animais. Disse ainda que eu falava em um idioma próprio e que aprendera e dominara completamente o deles; que eu havia relatado a ele os acidentes que me levaram até lá; que, quando me viu sem as proteções artificiais que cobriam meu corpo, eu era exatamente igual a um *yahoo*, apenas um pouco mais claro, menos peludo e com garras mais curtas. Ele acrescentou que eu me esforçara para convencê-lo de que, em meu próprio país e em outros países, os *yahoos* agiam como o animal governante e racional. Disse, para o espanto de todos, que os *yahoos* desses lugares mantinham os *riinchnchns* em servidão. Portanto, ele concluiu seu discurso defendendo a ideia de que via em mim todas as qualidades de um *yahoo*, a única diferença era minha civilidade, pois tinha em mim alguns traços de razão, que, no entanto, era muito inferiores aos da raça *riinchnchn*, como aliás deveriam ser os *yahoos* de seu país aos meus olhos. Meu mestre inclusive descreveu, em detalhes, o costume, por mim mencionado, que nós humanos temos de castrar *riinchnchns* quando jovens, para deixá-los mais mansos. Afirmou que eu havia garantido que tal operação era fácil e segura. Portanto, não seria vergonha nenhuma dos *riinchnchns* aprenderem com a sabedoria dos brutos, assim como a indústria nos é ensinada pela formiga e a capacidade de

construção pelo João-de-Barro, poderiam também aprender com essa invenção e praticá-la nos *yahoos* mais jovens de seu país. Os motivos principais para isso seriam dois: torná-los mais tratáveis e aptos para uso; e, com o passar do tempo, extinguir a espécie. Porém, nesse meio tempo, os *riinchnchn* deveriam cultivar a raça dos jumentos, que são brutos mais valiosos e têm a vantagem de estar aptos para o serviço aos cinco anos de idade. Já os *yahoos*, por sua vez, só podem ser usados no trabalho após completarem doze anos de idade.

Esse foi todo o relato que meu mestre fez da assembleia. Porém, ele deixou de contar que debateram também sobre a minha pessoa, o que eu só descobri mais tarde e contarei aos leitores no momento apropriado.

Por não possuírem um alfabeto, o conhecimento dos *riinchnchns* é oral e transmitido através da tradição. Como são um povo muito unido, naturalmente propenso à virtude, totalmente governado pela razão e isolado do comércio com outras nações, eles facilmente são capazes de preservar sua história sem com isso sobrecarregar suas memórias.

Como já expliquei, eles não estão sujeitos a doenças e, portanto, não precisam de médicos. No entanto, a tradição desse povo é cheia de excelentes remédios, todos compostos de ervas e utilizadas para curar contusões acidentais e ferimentos no corpo.

Eles calculam o ano pelas rotações da Terra e da Lua em torno do Sol. Não dividem os dias em semanas. São familiarizados com os movimentos dos astros e compreendem perfeitamente a natureza dos eclipses, portanto, um dos grandes progressos dessa espécie está no campo da astronomia.

Na poesia, os *riinchnchns* superam todos os outros mortais. Suas obras são altamente marcadas pela exatidão das descrições e por incríveis minúcias. Nesse campo, eles são de fato inimitáveis. Produzem versos que exaltam a amizade e a benevolência ou louvam aqueles que foram vencedores em corridas e outros exercícios corporais. Já suas moradias, embora rudes e simples, não são inconvenientes. Todas são bem planejadas e servem muito adequadamente para proteger tanto do frio quando do calor. Nas construções usam uma espécie de árvore típica da região. Essa espécie, ao atingir os quarenta anos de idade, solta sua raiz e cai com a primeira tempestade. Por ter o tronco liso e alto, é utilizada como alicerce. Os *riinchnchns* utilizam pedras afiadas (pois não conhecem o uso do ferro) para moldar esse tronco e com ele fazer a estrutura de suas casas. As portas e o telhado são feitos da mesma maneira, porém, o último é sempre coberto com palha.

Os *riinchnchns* usam o vão que há no casco de suas patas dianteiras com muita destreza. Aliás, mais do que fui capaz de

imaginar a princípio. Certo dia, vi uma égua branca de nossa família, isto é, que residia na casa de meu mestre, costurar com uma agulha (que eu propositalmente emprestei só para ver se ela era capaz). Eles também ordenham vacas, colhem aveia e fazem todo o trabalho que nós fazemos com nossas mãos. Eles têm uma espécie grosseira de quartzo, um sílex, que utilizam como ferramenta para talhar outras pedras, transformando-as em todo tipo de ferramenta: cunhas, machados e martelos. São essas ferramentas que utilizam para cortar o feno e colher a aveia, que cresce naturalmente em vários campos daquele país. Os *yahoos* levam essa produção para as casas dos *riinchnchns* em carroças, puxadas pelos mesmos *yahoos*. Quando a carga chega, os criados então as pisam dentro de certas cabanas cobertas. Lá eles tiram os grãos, que são devidamente estocados em vasos grandes feitos de argila ou de madeira.

Em sua maioria, os *riinchnchns* morrem de velhice. Porém, há aqueles que perdem a vida em acidentes. Os enterros dos *riinchnchns* são feitos em um local que só eles sabem onde fica. Quando alguém morre, não se vê nenhuma expressão de dor ou alegria. Quando um deles percebe que sua vida está chegando ao fim, não há, nessa descoberta, o menor arrependimento por deixar este mundo. Eles se comportam como se estivessem voltando para casa depois de uma

visita a um de seus vizinhos. Lembro-me de meu mestre ter convidado a família de um amigo à sua casa, uma visita normal, sem nenhuma importância. Porém, no dia marcado, a fêmea e companheira desse amigo chegou bem mais tarde do que havia sido combinado. Ela se desculpou dizendo que seu marido morreria naquela manhã. Segundo ela, ele tinha *shnuwnh*. Essa palavra do idioma é muito potente e utilizada em pouquíssimas ocasiões. Sua tradução não é fácil, mas é possível dizer que ela significa algo como: “retornar à mãe primordial”. Ela disse que só não tinha chegado mais cedo porque havia passado a manhã decidindo sobre o funeral e o enterro. Para minha surpresa, ela se comportou durante toda a visita tão alegremente quanto qualquer outro *riinchnchn* ali presente. Três meses depois, ela também morreu.

Os *riinchnchns* geralmente vivem até, no máximo, 75 anos. Algumas semanas antes de morrer, eles começam a sentir seu corpo dar sinais de que a vida está caminhando para o final, porém, isso ocorre sem que eles sintam nenhuma dor. Durante esse período, recebem inúmeras visitas. Cerca de dez dias antes da morte, visitam aqueles que o visitaram e que moram nas redondezas. Para ir de uma casa à outra, são carregados por uma carroça puxada por *yahoos*. Essas visitas são entendidas, portanto, como uma espécie de despedida

solene de alguém que está de partida para uma parte remota daquele país, onde passarão o resto de suas vidas.

A língua dos *riinchnchns* não possui nenhuma palavra para representar a maldade. Por isso eles agregaram um neologismo à sua língua que é a palavra *yahoo*, utilizada para descrever qualquer tipo de deformidade ou comportamento vil. Assim, quando falam de algum erro cometido por um servo, ou quando um potrinho faz algo que não deveria fazer, ou quando o clima está ruim, eles acrescentam a cada uma dessas palavras o epíteto *yahoo*. Por exemplo, *hhnm yahoo*, *whnaholm yahoo*, *ynlhmndwihlma yahoo*. Desta forma, quando querem falar que uma casa é mal planejada dizem: *ynholmhnmrohlnw yahoo*.

Eu poderia, sem qualquer dificuldade e com enorme prazer, continuar descrevendo aqui as virtudes daquele excelente povo. No entanto, como pretendendo publicar em breve um volume somente sobre esse assunto, paro por aqui. Enquanto isso, sigo com o relato da minha triste catástrofe.

## CAPÍTULO 10

*A felicidade do autor por estar entre os riinchnchns. A vida virtuosa que aprendeu a levar conversando com eles e como foram essas conversas. O momento no qual o autor descobre que deveria deixar aquele país. A construção de uma embarcação com a ajuda de um companheiro. O autor se lança ao mar novamente.*

**D**urante todo o período em que permaneci na terra dos *riinchnchns* tentei viver da melhor maneira possível. Meu mestre ordenou que fosse arranjado um quarto para mim, à maneira deles, em um local que ficava apenas a alguns metros de distância de sua casa. Cobri as paredes e o piso daquela construção rústica. Nas paredes, passei argila; no chão, coloquei vários tapetes e esteiras que eu mesmo fabriquei. Colhi cânhamo, que cresce selvagem naquele local, e com ele fiz uma espécie de travesseiro, o qual forrei com as penas de vários pássaros que havia caçado. Fiz também duas cadeiras utilizando apenas minha faca e a ajuda de um corcel. Quando minhas roupas ficaram velhas



e rasgadas, fiz outras utilizando a pele de coelhos e de um certo animal bonito daquela região, chamado *nnuhnoh*, que tem o mesmo tamanho dos coelhos e cuja pele é coberta com uma fina penugem. Também utilizei a pele desse animal para fazer meias. Fiz sapatos de pele com solado de madeira. Quando se gastaram, eu os refiz utilizando peles secas de *yahoos*. Para minha subsistência eu costumava retirar mel de colmeias dos ocos das árvores, que misturava com água ou comia com o pão. Eu, portanto, me tornei a prova viva de duas máximas: “aquele que não se satisfaz com pouco não se satisfaz com nada” e “a necessidade é a mãe das invenções”. Nesse período, gozei de perfeita saúde física e tranquilidade mental. Vivi sem me preocupar com a traição ou a inconstância de um amigo, nem com os ataques de um inimigo secreto ou conhecido. Não me vi obrigado a ter de subornar, lisonjear ou me humilhar para obter o favor de qualquer grande homem ou mesmo de seu servo. Lá, no país dos *riinchnchns*, não havia fraude ou opressão; não havia médicos para destruir meu corpo, nem advogados para arruinar minha fortuna; nenhum informante para delatar minhas palavras e ações ou forjar acusações contra mim. Era um local sem mentirosos, censores, fofoqueiros, batedores de carteira, ladrões de estradas, assaltantes de casas, advogados, rufiões, bufões, trambiqueiros, políticos, juízes, pessoas ra-

bugentas, conversadores tediosos, polemistas, estupradores, assassinos, milicianos e virtuosos; nenhum líder ou seguidor de partido e facção; nenhum incentivo ao vício, seja por sedução ou por exemplo; nenhuma masmorra, machado, chicote, força ou pelourinho; nenhum vendedor ou mecânico trapaceiro; nenhuma pessoa vaidosa ou afetada; também não havia arruaceiros, valentões, bêbados, prostitutas ou varíola; era um local sem esposas reclamonas, libidinosas ou caras; sem nenhum pedante estúpido e orgulhoso; sem nenhum companheiro inoportuno, arrogante, briguento, barulhento, vazio, desbocado ou afetado; e, principalmente, sem ter de conviver com patifes ressurgidos do pó pelo mérito de lutar contra seus próprios vícios ou reverenciar a nobreza de tais virtudes. Nesse período, portanto, eu levei uma vida tranquila sem lordes, trapaceiros, juízes ou mestres da dança.

Eu também tive o prazer de conhecer diversos *riinchnchns* que vinham jantar com meu mestre, o qual me permitia escutar todas essas conversas. Muitas delas terminavam em perguntas que ele e seu conviva me faziam — e às quais eu prontamente respondia. Outras vezes meu mestre me concedia a honra de acompanhá-lo durante as visitas que fazia a outros *riinchnchns*. Eu sempre ficava calado. Só falava quando me perguntavam algo, o que eu não gostava, pois preferia ouvir a sabedoria daqueles seres a ficar tagarelando.

Eu adorava simplesmente escutar aquelas conversas, onde tudo o que era dito possuía alguma utilidade, expressas em poucas, mas significativas palavras. Nessas ocasiões era possível observar a decência, sem o menor grau de cerimônia, daqueles indivíduos. Eles não falavam para agradar aos companheiros ou para se vangloriar. Esses debates não tinham interrupções, não eram tediosos, acalorados ou marcados por grandes controvérsias. Os *riinchnchns* têm uma noção de que, quando as pessoas se encontram, um breve silêncio melhora muito a conversa: com o passar do tempo eu acabei entendendo aquilo e percebi o quanto era verdade. Acontece que, nesses pequenos intervalos de conversa, novas ideias surgiam em suas mentes, o que animava muito o discurso. Os assuntos de tais encontros eram, geralmente, amizade e benevolência, ordem e economia. Às vezes, eles também conversavam sobre as operações visíveis da natureza ou a respeito das antigas tradições; sobre os limites da virtude; sobre as regras infalíveis da razão ou sobre algumas determinações a serem tomadas na próxima Assembleia Geral. Frequentemente confabulavam sobre as várias excelências da poesia. Posso acrescentar, sem vaidade, que minha presença muitas vezes rendia assunto suficiente para horas de conversas, ao ponto de meu mestre me pedir em certa oportunidade que falasse sobre a minha história e a do meu

país, temas sobre os quais eles teceram vários comentários — alguns deles abertamente desfavoráveis — sobre a humanidade. Por esse motivo não repetirei aqui o que disseram. Só posso observar que eles, para minha grande admiração, entendiam com profundidade a natureza dos *yahoos*, aliás, muito melhor do que eu. Durante essa conversa, falaram sobre todos os nossos vícios e loucuras, muitas das quais descobriram por conta própria, sem que eu as mencionasse. Fizeram tudo isso apenas ampliando as ideias que surgiram das observações que faziam sobre os *yahoos* de seu país. Ao final, após esse exercício de raciocínio, lógica e análise sagaz do ser humano, meu mestre concluiu: “quão vil, e também miserável, essa criatura deve ser”.

Hoje eu confesso que todo o conhecimento que possuo, tudo o que sei e que tem algum valor, aprendi com meu mestre e seus amigos, a quem tive a sorte e o prazer de ouvir. Na verdade, presenciar essas conversas foi melhor do que discursar para a maior e mais sábia assembleia na Europa. Ainda hoje admiro a força, a delicadeza e a inteligência dos habitantes daquele país. Essa constelação de virtudes, em pessoas tão amáveis, produziu em mim a mais alta veneração. Confesso que a princípio não senti a mesma reverência natural que os *yahoos* e todos os outros animais tinham com relação aos *riinchchns*. No entanto, esse sentimento foi cres-

cendo e muito mais cedo do que eu imaginava se tornou uma mistura de respeito e gratidão, principalmente porque eles condescendiam em me distinguir do resto de minha espécie.

Agora, quando eu penso na minha família, nos meus amigos, nos meus compatriotas ou nos seres humanos de uma forma geral chego à inevitável conclusão de que somos todos *yahoos*, tanto na forma quanto no caráter. Talvez seja possível afirmar que nós somos um pouco mais civilizados, pois dominamos a fala, mas, no geral, utilizamos a razão para multiplicar e melhorar os vícios nos quais somos criados desde a mais tenra infância. No país dos *riinchnchns* eu pude ver o que somos na natureza, em nosso estado bruto. Lá, sempre que eu, por acaso, contemplava o reflexo do meu próprio rosto em um lago ou uma fonte, acabava desviando o rosto, horrorizado. Passei a detestar o que via refletido. Suportava melhor a visão de um *yahoo* comum do que a da minha própria pessoa. Conversando com os *riinchnchns* e olhando para eles com alegria, me peguei imitando a maneira como eles trotavam e seus gestos, que agora se tornaram um hábito meu. Alguns dos meus amigos costumam dizer, de maneira contundente, que eu “trotto feito um cavalo”. Eles até podem pensar que isso é uma crítica, mas recebo esses comentários como grandes elogios. Também não nego que,

ao falar, muitas vezes imito os maneirismos dos *riinchnchns*. Sei que sou ridicularizado por isso, mas não me importo.

Foi no meio de toda essa felicidade que meu mestre me chamou certa manhã para conversar. Observei que seu semblante estava carregado. Ele parecia não saber exatamente por onde começar. Após um silêncio um tanto quanto constrangedor, ele me disse que na última Assembleia Geral, durante o debate sobre o destino dos *yahoos*, muitos representantes dos *riinchnchns* se mostraram profundamente ofendidos pelo fato de meu mestre ter um *yahoo* (eu) vivendo com sua família. Eles também criticaram meu mestre por conversar frequentemente comigo, como se fosse possível receber alguma vantagem ou prazer por ter a minha companhia. Julgavam que tal prática não era agradável à razão ou à natureza. Por esses motivos, foram debatidas duas possibilidades: a primeira, me utilizar como o resto da minha espécie; a segunda, ordenar que eu voltasse para o lugar de onde viera. De acordo com meu mestre, a primeira proposta foi totalmente rejeitada por todos os *riinchnchns* que me conheciam. Eles chegaram inclusive a alegar que eu possuía alguns rudimentos de razão. Porém, outros disseram que isso poderia me levar a organizar bandos de *yahoos* nas partes arborizadas e montanhosas do país para depois trazê-los em forma de tropas, durante a noite, para destruir o gado dos

*riinchnchns*. Para eles, esse seria um cenário muito possível em função da natureza voraz e avessa ao trabalho dos *yahoos*.

Para piorar minha situação, meu mestre confessou que estava sendo pressionado diariamente pelos *riinchnchns* do seu distrito para executar a decisão tomada na assembleia, que segundo ele não poderia demorar muito mais tempo. Me disse que duvidava ser possível eu nadar até outro país. Por essa razão, eu precisava construir, o mais rápido possível, algum tipo de veículo semelhante aos que descrevi para ele, capaz de me levar pelo mar. Disse que ordenaria que seus servos me ajudassem nessa tarefa. Também falou que vários vizinhos se dispuseram a me ajudar. Por fim, concluiu dizendo que, por ele, eu poderia ficar ali até o fim da minha vida, principalmente porque vira que eu era capaz de melhorar muito meus hábitos e meu caráter. Ele percebeu que eu, apesar de minha natureza inferior, tentava imitar os *riinchnchns*.

Devo observar aqui ao leitor que um decreto da Assembleia Geral neste país é expresso pela palavra *hnhloayn*. O significado mais próximo que posso dar a essa palavra é “exortação”. Para os *riinchnchns*, uma criatura racional não pode ser obrigada a fazer algo, mas apenas aconselhada ou exortada. Pois, para eles, ninguém sensato pode desobedecer

à razão sem abrir mão de sua pretensão de ser uma criatura racional.

Aquelas informações me deixaram tão desesperado e triste que desmaiei aos pés de meu mestre, tão incapaz fiquei de controlar a dor e a agonia que sentia. Quando recobrei os sentidos, ele contou que pensou que eu tivesse morrido. Isso porque desmaios e outras fraquezas não ocorrem entre os *riinchnchns*. Respondi com uma voz fraca que a morte teria sido uma felicidade naquele momento, pois, embora eu não pudesse culpar a decisão ou a urgência de seus amigos, acreditei, em meu julgamento fraco e corrupto, que poderiam ter sido menos rigorosos. Expliquei que não era possível navegar uma canoa feita assim de supetão. Para piorar, provavelmente a terra mais próxima poderia ser muito distante. Seria necessário ter muitos materiais e ferramentas que simplesmente não existiam na terra dos *riinchnchns* para construir uma pequena embarcação capaz de me levar, em segurança, até o país mais próximo. Mesmo assim, tomado pela dor, eu disse que, em obediência e gratidão à honra do meu mestre, tentaria construir tal embarcação, embora me considerasse já dedicado ao completo fracasso.

Disse também que a perspectiva certa de uma morte não natural era, naquele trágico momento, o menor dos meus males, pois mesmo supondo que eu pudesse escapar com



vida de mais essa aventura, como eu conseguiria retornar a viver entre os *yahoos*? Como eu poderia, tranquilamente, recair em minhas antigas corrupções? Como seria viver órfão dos exemplos capazes de me manter nos caminhos da virtude? Eu sabia muito bem que eram sólidas as razões para todas as determinações dos sábios *riinchnchns*. Reconhecia seu fundamento. Sabia que elas não seriam jamais abaladas por quaisquer argumentos de um *yahoo* miserável como eu. Portanto, depois de apresentar a ele meus humildes agradecimentos pela oferta da assistência de seus servos e conseguir um prazo razoável para uma obra tão difícil, disse que tentaria com todas as minhas forças preservar a vida do ser miserável que eu era. E, caso um dia eu conseguisse retornar à Inglaterra, tentaria ser útil à minha própria espécie ao celebrar os renomados *riinchnchns* e defender que a humanidade copiasse suas inquestionáveis virtudes.

Meu mestre, em poucas palavras, respondeu de maneira graciosa às minhas confissões. Disse que eu teria dois meses para construir minha embarcação e ordenou um corcel, meu companheiro de outras aventuras, a obedecer minhas ordens e atender minhas necessidades. Eu agradei e disse que aquela ajuda era mais do que suficiente.

Na companhia desse meu ajudante, fui até a costa, onde minha tripulação rebelde havia me abandonado. Ao chegar

lá, olhei para todos os lados e para o mar. Vi ao longe, na direção Nordeste, o que parecia ser uma pequena ilha. Peguei minha lupa de bolso e pude calcular que a tal ilha estava a aproximadamente 25 quilômetros de distância. Meu ajudante, por sua vez, achava que a ilha era apenas mais uma nuvem azul, pois como ele não tinha nenhuma concepção de país além do seu próprio, não conseguia distinguir objetos remotos no mar, como nós, que tanto conversamos, estudamos e navegamos nesse elemento.

Após descobrir essa ilha, não pensei em mais nada. Decidi que aquele seria o primeiro lugar do meu banimento. Lá, eu esperaria por mais algum giro da roda da fortuna.

Voltei para casa. Após consultar meu ajudante, fomos até um bosque próximo. Lá, eu com minha faca e ele com uma pedra afiada, presa à maneira deles a um cabo de madeira, cortamos vários galhos de carvalho. A maioria tinha a espessura de um cabo de enxada, apenas alguns eram pouco maiores e mais grossos. Não incomodarei o leitor com uma descrição detalhada da embarcação que construí. Basta dizer que, em seis semanas, com a ajuda do corcel, que executava as partes do trabalho que exigiam mais força, terminei uma espécie de canoa, feita com os galhos de carvalho e peles de *yahoos*, todas costuradas com fios de cânhamo de minha própria fabricação. Minha vela também era composta de

peles do mesmo animal. Para tal utilizei apenas as peles mais jovens, as mais velhas não serviam por serem duras e grossas. Também fiz quatro remos. Como provisão, levei comigo um pequeno estoque de carne de coelhos e de aves cozida, além de dois vasos, um cheio de leite e o outro com água.

Testei minha canoa em um grande lago que ficava perto da casa de meu mestre. Corrigi pequenos problemas, fechei todas as fendas com o sebo feito com gordura de *yahoos*. Por fim, a canoa ficou firme o suficiente para suportar a mim e a minha carga. Com uma carroça e a ajuda do meu companheiro, levamos a canoa até o mar.

No dia da minha partida, me despedi de meu mestre e de toda sua família. Chorei compulsivamente, pois tinha meu coração tomado pela dor da separação. Meu mestre e alguns de seus amigos, talvez por curiosidade e também por gentileza, me acompanharam até a praia. Esperei por mais de uma hora pela melhor maré. Quando o momento de ir embora chegou, perguntei a meu mestre se eu podia beijar seu casco. Ele concordou elevando sua pata dianteira suavemente até minha boca. Aqui, quero dizer que fui abertamente censurado por várias pessoas por mencionar esse último detalhe. Acredito que isso se deu porque meus detratores são simplesmente incapazes de entender como alguém tão ilustre possa dar uma demonstração tão grande de distinção

a uma criatura tão inferior como eu. A maioria dos viajantes em seus relatos se gabam dos favores extraordinários que receberam e ninguém os critica. Se meus detratores estivessem mais familiarizados com a disposição nobre e cortês dos *riinchnchns*, certamente mudariam de opinião.

Então, prestei meus respeitos ao resto dos *riinchnchns*. Depois, subi em minha canoa e saí mar afora.

## CAPÍTULO 11

*A perigosa viagem do autor. Sua chegada à Nova Holanda, onde tentou se estabelecer. É ferido pelos nativos e levado à força a bordo de um navio português. A grande civilidade do capitão desse navio. Chegada do autor à Inglaterra.*

**E**u iniciei essa desesperada viagem no dia 15 de fevereiro, 1714-15, às nove da manhã. O vento estava favorável, e por isso decidi utilizar meus remos. Quando percebi que acabaria me cansando desnecessariamente, levantei a vela. Durante aproximadamente meia hora desenvolvi uma velocidade razoável. Meu mestre e seus amigos permaneceram na praia até sumirem do meu campo de visão. Ouvi meu companheiro corcel dizer: “*hnuy illa nyha, majah yahoo*”, que significa algo como: “cuide-se, gentil yahoo”.

Meu desejo era descobrir o mais rápido possível uma pequena ilha desabitada, porém suficiente para que eu pudesse, através do trabalho duro, dar conta da minha subsistência. Se conseguisse atingir esse objetivo seria mais feliz do que

qualquer primeiro-ministro das melhores cortes da Europa, tão horrorizado eu estava em poder voltar a conviver em sociedade e sob o governo de *yahoos*. Naquele momento, a única coisa que eu desejava era a solidão, apenas na companhia dos meus pensamentos, prazerosamente refletindo sobre as virtudes dos *riinchnchns* e sem o risco de me degenerar em vícios e corrupções da minha própria espécie.

O leitor deve se lembrar que minha tripulação se amotinou, me confinou durante vários dias, quando fiquei sem saber qual rumo estávamos tomando. Quando eu finalmente fui retirado do navio e abandonado em um bote em alto mar, os próprios amotinados me disseram que não sabiam exatamente em que parte do mundo estávamos. Eu julgava que a região poderia ser cerca de 10 graus ao sul do Cabo da Boa Esperança, ou cerca de 45 graus de latitude sul. Essas aproximações eu fiz a partir de algumas palavras que ouvi enquanto estava preso. Portanto, o navio deveria estar ao sudeste de Madagascar. Baseado nessas conjecturas, resolvi então seguir rumo leste, na esperança de alcançar a costa sudoeste de Nova Holanda,<sup>45</sup> com sorte alguma ilha. O vento estava a oeste e, às seis da tarde, calculei que havia percorrido

---

45 Nova Holanda é como os navegadores e colonizadores holandeses chamavam a região onde hoje fica a Austrália. O nome atual só seria dado a esse território depois que o capitão inglês James

aproximadamente cem quilômetros na direção leste. Foi nesse momento que avistei uma ilha muito pequena. Não era nada além de uma rocha e um riacho. Atriquei minha canoa, subi em uma parte da rocha, de onde pude ver que, ao leste, terra se estendia de sul a norte. Desci, entrei na canoa e passei a noite navegando na mesma direção que havia me trazido até ali. Ao amanhecer, cheguei ao ponto sudeste de Nova Holanda. Isso confirmou que todos os mapas e gráficos colocam este país pelo menos três graus mais a leste do que ele realmente está. Aliás, foi exatamente isso que escrevi anos atrás para o meu querido amigo, o senhor Herman Moll.<sup>46</sup> Dei diversas razões para isso, porém, ele preferiu seguir outros autores.

Ao chegar a esse território, não vi nenhum habitante. No entanto, como eu estava desarmado, preferi não me arriscar muito e fiquei na praia, onde encontrei alguns mariscos, os quais comi crus. Não acendi nenhum fogo, pois tinha medo de algum nativo perceber minha presença ali. Fiquei assim durante três dias, comendo ostras e mariscos.

---

Cook (1728-1779) "descobriu" a *Terra Australis Incognita* e definiu os contornos austrais do planeta, daí o nome Austrália.

46 Herman Moll (1654-1732) foi o cartógrafo mais famoso no início do século 18 na Inglaterra.

Tudo para não consumir minhas provisões. No terceiro dia, encontrei um riacho de águas puras, o que me ajudou muito.

No quarto dia, tomei coragem e me aventurei um pouco, o que acabou se mostrando exagerado. Durante minha caminhada pude ver cerca de vinte ou trinta nativos. Estavam todos nus, homens, mulheres e crianças, em volta de uma fogueira, como pude descobrir pela fumaça. Um deles me viu e denunciou minha presença para os outros. Cinco deles avançaram em minha direção, deixando mulheres e crianças ao redor do fogo. Corri o máximo que pude, entrei na minha canoa e comecei a remar. Quando os selvagens perceberam que eu fugia deles, correram em minha direção. Antes que eu pudesse me distanciar, uma flecha atingiu minha perna, deixando uma cicatriz que me acompanhará até o túmulo. Eu retirei a flecha, que poderia estar envenenada, e continuei remando para longe. Depois, suguei a ferida para retirar qualquer possível veneno, fiz um curativo e continuei a remar.

Segui na direção norte remando contra o vento, que, apesar de ser apenas uma leve brisa, dificultava meu trabalho. Comecei a procurar um local seguro na costa para atracar. Foi então que vi um navio, mas não quis me aproximar, meu desgosto pelos *yahoos* prevaleceu. Decidi virar minha canoa e tentar a sorte com os bárbaros. Preferia isso a ter de viver novamente entre os *yahoos* europeus. Ao chegar



novamente ao local em que fui atacado, preendi minha canoa o mais perto que pude da costa e me escondi atrás de uma pedra perto do pequeno riacho.

Para minha surpresa, o navio se aproximou do local onde eu estava. Dele veio um bote, certamente para buscar água fresca (o local, ao que parecia, era conhecido). Quando o bote chegou perto da praia, os marinheiros avistaram minha canoa. Chegaram até ela e reviraram tudo. Quatro deles, bem armados, vasculharam todo o local e finalmente me encontraram atrás da pedra. Por alguns instantes eles admiraram minhas roupas de peles, meus sapatos com sola de madeira e minhas meias de pelo. Acabaram concluindo que eu não era um dos nativos daquela região, pois os mesmos andam todos nus. Um dos marinheiros, em português, ordenou que eu me levantasse e perguntou quem eu era. Como falo razoavelmente esse idioma eu disse que era um pobre *yahoo* banido do país dos *riinchnchns*. Também disse que era meu desejo permanecer só e que eles me deixassem partir. Os marujos ficaram todos muito admirados quando respondi em sua própria língua. Certamente, eles não sabiam o que significa *yahoos* ou *riinchnchns*. Riram do meu sotaque, dizendo que lembrava o relinchar de um cavalo. Durante todo o tempo eu tremia de medo e ódio. Mais uma vez disse que desejava partir e me dirigi para minha canoa,

mas eles me impediram. Queriam saber de que país eu era, de onde tinha vindo e muitas outras coisas. Eu respondi que era da Inglaterra, de onde sai cerca de cinco anos atrás, período em que nossos países viviam em paz, por isso, esperava que eles não me tratassem como um inimigo, já que eu não oferecia nenhum perigo e não pretendia fazer nada contra eles. Concluí afirmando ser apenas um pobre *yahoo* que estava à procura um lugar desolado para passar o resto de sua vida infeliz.

Essa declaração causou certo debate entre eles. Enquanto os portugueses conversavam entre si, pensava comigo que não existia nada mais antinatural do que aqueles *yahoos* tagarelando. Pareciam tão monstruosos como se um cão ou uma vaca falasse da Inglaterra ou um *yahoo* falasse da terra dos *riinchnchns*. Os honestos portugueses estavam intrigados com minhas roupas e com meu jeito estranho de falar. No final das contas, eu entendia todo aquele estranhamento. Eles então, muito gentilmente, garantiram que o capitão do navio no qual trabalhavam não se negaria a me levar até Lisboa gratuitamente, de onde eu poderia tranquilamente retornar ao meu país. Disseram também que dois dos marujos voltariam até o barco para informar o capitão e saber que ordens ele daria. Nesse meio tempo, se eu não me comportasse ou tentasse fugir, eles me segurariam por

meio da força. Me pareceu então que o melhor a fazer era aceitar a proposta feita por eles e aguardar. Estavam muitos curiosos para conhecer minha história, mas não dei esse prazer a eles. Por fim, chegaram à conclusão de que eu, após sofrer tantas desventuras, tinha ficado louco. Duas horas se passaram até o retorno do bote, com o capitão a bordo. Eu me ajoelhei na frente dele e implorei por minha liberdade. Queria permanecer ali. Tudo em vão. Os homens, a mando do capitão, me amarraram, me colocaram no bote e me levaram para o navio.

Fiquei na cabine do capitão. Seu nome era Pedro de Mendez, um sujeito extremamente cortês e generoso. Após muitas súplicas, me convenceu a comer e beber alguma coisa. Me disse que só ficaria feliz quando eu estivesse recebendo o mesmo tratamento que ele. Mesmo frente a tamanha educação e civilidade por parte de um *yahoo*, permaneci calado e taciturno. Na verdade, eu estava prestes a desmaiar frente ao cheiro daquele capitão português e de seus homens. Por fim, decidi pedir algumas das provisões que trazia em minha canoa, mas ao invés disso o que me foi oferecido foi galinha e um ótimo vinho. Após me alimentar fui imediatamente levado para uma cama de lençóis muito limpos e posto para dormir. Não tirei minhas roupas, esperei meia hora e quando toda a tripulação jantava, me aproximei de um dos flancos

do navio com a intenção de me atirar ao mar e nadar para longe deles. Preferia a morte por afogamento a permanecer ali. Um dos marujos, percebendo minhas intenções, me pegou e levou até o capitão, o qual ordenou que eu fosse acorrentado em sua cabine.

Após o jantar, dom Pedro veio ter comigo. Ele queria saber porque eu estava tão desesperadamente disposto a fugir. Me disse que faria o que estivesse em seu poder para eu ser tratado da melhor maneira possível. Suas palavras foram tão comoventes que decidi tratar aquele capitão como um animal que conseguiu atingir um pequeno grau de racionalidade. Por isso contei a ele, brevemente, como tinha sido minha viagem até ali. Disse que tinha sido vítima de um motim, que minha tripulação me abandonou no meio do mar, em um pequeno bote, no país que eu acabei chegando e onde passei alguns anos. O capitão português, por sua vez, me olhava como se minha história tivesse mais o aspecto de um sonho ou de uma visão, o que me ofendeu muitíssimo. Disse que eu havia perdido a faculdade de mentir, tão peculiar aos governos *yahoos* de qualquer parte do mundo. Perguntei se era costume em seu país dizer aquilo que não era. Depois, assegurei que por ter vivido tanto tempo com os *riinchnchns* eu havia esquecido o que ele quis dizer quando falou em falsidade. Era como se eu tivesse vivido mil anos

no país dos *riinchchns*. Também expliquei que, a meu ver, era totalmente indiferente se ele acreditava em mim ou não. No entanto, expliquei que em troca de seus favores eu trataria com certa tolerância a corrupção de sua natureza. Me comprometi a responder a qualquer pergunta, pois, dessa maneira, ele poderia facilmente descobrir a mais completa e inequívoca verdade.

O capitão, após desistir de tentar encontrar incongruências no meu relato, começou a me tratar como alguém que, pelo menos em parte, estava dizendo a verdade. Nesse momento, o esperto português falou que como eu professava um apego tão inviolável à verdade, bastava então dar minha palavra de honra de que não tentaria mais me atirar no mar e lhe fazer companhia naquela viagem. Só assim me soltaria das correntes. Do contrário, eu permaneceria prisioneiro até chegarmos a Lisboa. Eu então prometi exatamente o que ele exigia, mas também disse que, se pudesse, enfrentaria qualquer dificuldade para não viver entre os *yahoos*.

Nossa viagem transcorreu sem nenhum acidente considerável. Em gratidão ao capitão, às vezes eu me sentava com ele e me esforçava para esconder a antipatia que sentia pela espécie humana. Algumas vezes, ela era incontrolável, porém ele suportava minhas explosões de sinceridade. A maior parte do dia eu ficava dentro da cabine, para evitar a

tripulação. O capitão muitas vezes me pedia para trocar de roupa, tirar meus trajes selvagens e usar as melhores roupas que ele tinha. Não aceitei. Detestava imaginar me cobrir com qualquer coisa que um *yahoo* já tivesse usado. Pedi apenas duas camisas limpas emprestadas, as quais, tendo sido lavadas, não me contaminariam tanto. Eu mesmo as trocava e lavava diariamente.

Nossa chegada a Lisboa ocorreu no dia 5 de novembro de 1715. Em nosso desembarque, o capitão me fez usar sua capa, para impedir que a multidão se aglomerasse à minha volta em razão de minhas roupas. Ele me levou até sua casa. Lá, eu solicitei ficar no quarto mais isolado da residência e pedi para que não contasse para ninguém o que eu havia dito a respeito dos *riinchnchns*. Disse ao capitão que uma história daquela certamente atrairia inúmeras pessoas e muito provavelmente me colocaria em maus lençóis, correndo o risco de ser preso ou queimado pela Inquisição. Em troca desse silêncio, o capitão me convenceu a aceitar um terno novo. Eu disse que seria impossível porque eu não toleraria ser tocado e medido por um alfaiate. Por sorte, Pedro era praticamente do meu tamanho e suas roupas me serviam perfeitamente. Ele me emprestou algumas de suas melhores e mais novas peças, as quais eu arejei por vinte e quatro horas antes de usá-las.

O capitão português não tinha esposa. Com ele vivam apenas três servos, mas nenhum participava dos jantares, nem mesmo para nos servir a comida. Devo confessar que a conduta de dom Pedro foi sempre prestativa e compreensiva. Por essa razão, comecei a tolerar sua companhia. Aos poucos ele foi me convencendo a sair do meu quarto, ao ponto de um dia eu olhar para a rua pela janela da sala, o que, devo confessar, me assustou enormemente. Mesmo assim, em menos de uma semana ele me convenceu a ir até a porta. Meu terror pelos *yahoos* foi gradualmente diminuindo na mesma proporção que meu ódio e desprezo aumentavam. Por fim, consegui andar pela rua na companhia dele, mas sempre mantendo meu nariz coberto ou tampado com tabaco.

Em dez dias, dom Pedro, a quem eu já havia contado sobre meus assuntos domésticos, disse que eu deveria, por uma questão de honra, retornar ao meu país natal e morar em casa com minha esposa e filhos. Segundo ele, havia um navio inglês no porto pronto para navegar para Londres. Ele se comprometeu a me fornecer todo o necessário para a viagem. Acredito que seria tedioso para o leitor ler todos os argumentos do capitão e minhas respostas a eles. Por fim ele concluiu dizendo que julgava totalmente impossível eu encontrar uma ilha deserta na qual eu pudesse morar. Porém, ele mesmo afirmou que eu poderia ser o senhor de

minha casa e nela passar meu tempo da maneira que bem entendesse. Seu eu quisesse me tornar recluso, ninguém poderia me proibir.

Acabei aceitando a proposta. Saí de Lisboa no dia 24 de novembro, a bordo de um navio inglês. Dom Pedro me levou até o porto. O nobre português me emprestou vinte libras e me abraçou gentilmente na despedida. Durante a viagem não falei com ninguém, nem sequer sei qual era o nome do comandante daquela embarcação. Em 5 de dezembro de 1715, ancoramos nos Downs, por volta das nove da manhã, e às três da tarde cheguei em minha casa em Rotherhith.<sup>47</sup>

Minha esposa e meus filhos me receberam com grande surpresa e alegria, pois imaginavam que eu havia morrido. Ver meus familiares e refletir sobre os vínculos que eu tinha com eles, devo confessar, me encheu apenas de ódio, nojo e desprezo. Meu infeliz exílio do país *riinchnchns* me levou a tolerar a visão de *yahoos* e até mesmo a conversar com dom Pedro de Mendez. Porém, minha memória e imaginação estavam perpetuamente tomadas pelas virtudes e ideias dos nobres *riinchnchns*. Frente a isso, quando considerei que eu havia copulado com uma *yahoo*, com quem tive outros

---

47 As edições originais trazem nesse trecho a localidade Rotherhith, embora no início da obra o autor afirme que Gulliver vivia em Redriff, na Inglaterra.



*yahoos*, me deixou tomado por sentimentos de vergonha, confusão e horror.

Assim que entrei em casa, minha esposa me abraçou e me beijou. Estava tão desacostumado ao toque daquele animal odioso há tantos anos, que desmaiei e fiquei desacordado por quase uma hora. No momento em que escrevo, já se completaram cinco anos desde o meu retorno à Inglaterra. No primeiro ano eu simplesmente não conseguia suportar a presença da minha esposa ou dos meus filhos. O próprio cheiro deles era intolerável. Não fui capaz de comer no mesmo espaço que eles. Nenhum deles ousa tocar meu pão ou beber da mesma xícara que eu. Até agora não fui capaz de deixar que um deles pegasse em minha mão. O primeiro dinheiro que utilizei após meu retorno foi para comprar dois jovens cavalos. Ambos vivem em um bom estábulo que construí para eles na minha propriedade. São meus preferidos. Também gosto do cavaliariço, em razão do cheiro que ele contrai ao trabalhar no estábulo. Meus cavalos, que são estranhos à sela e ao cabresto, me compreendem bem. Eu converso com eles por pelo menos quatro horas por dia. Nós três somos grandes amigos.

## CAPÍTULO 12

*A veracidade dos textos e o desejo do autor de ver este material publicado. As críticas que ele faz aos autores de livros de viagens que se desviam da verdade. A preocupação para evitar que o texto produza qualquer tipo de prejuízo ao autor. Respostas a algumas objeções. Os métodos pelos quais as colônias são estabelecidas. Elogios ao seu país natal. A justificação dos direitos dos reis dos países descritos pelo autor. As dificuldades para conquistar tais países. O autor se despede de seus leitores, propõe novas formas de viver no futuro, dá conselhos e encerra o texto.*

**D**estarte, gentis leitores, eu ofereci a vocês o honesto relato dos meus dezesseis anos e sete meses de viagens pelo mundo, sabendo que fui mais preocupado com a verdade do que com a beleza do texto. Eu poderia, a exemplo do que fazem outros autores, tentar embasbacar a todos com histórias estranhas e improváveis, porém busquei exclusivamente a narração mais crua possível

dos fatos. Tudo isso em um estilo simples e claro. Fiz assim porque meu principal objetivo era informar e não entreter.

É fácil viajar para países remotos constantemente visitados por ingleses ou outros europeus. Falar dos animais dessas terras e desses mares distantes. No entanto, a meu ver, um livro de viagens deveria ter como propósito fundamental tornar os homens mais sábios e íntegros ao mostrar exemplos de coisas boas e más que ocorrem e existem em terras estrangeiras.

Eu poderia desejar a criação de uma lei que obrigasse todo autor de livro de viagens, antes da publicação, a fazer um juramento perante o lorde chanceler no qual se comprometeria a publicar apenas aquilo que tivesse certeza absoluta de ser verdadeiro. Assim, o mundo não seria mais iludido por alguns escritores, como tão comumente acontece. Muitos esses autores, na busca por sucesso, publicam grosseiras falsidades. Eu mesmo folheeí inúmeras dessas obras em minha juventude. Hoje, após as várias viagens que fiz, percebo que muitas dessas obras contradizem o que observei com meus próprios olhos. Isso me tornou muito atento às leituras que caem em minhas mãos e um tanto quanto indignado com os abusos que são perpetrados nas páginas de obras que simples e descaradamente se aproveitam da credulidade dos leitores desavisados. Isto posto, como alguns amigos acreditavam que

meus relatos poderiam chocar ou ser considerados inaceitáveis em meu país, determinei a meus escritos a seguinte regra: escrever estritamente a verdade, seguindo assim o exemplo e os ensinamentos de meu mestre e de outros ilustres *riinchnchns*, aos quais eu tive a honra de ouvir e observar.

—*Nec si miserum Fortuna Sinonem*

*Finxit, vanum etiam, mendacemque improba finget.*<sup>48</sup>

Sei muito bem quão pequena será a reputação de escritos que não requerem genialidade, erudição ou qualquer outro talento para serem produzidos, exceto uma boa memória ou algum tipo de diário. Também sei que autores de livros de viagens, assim como dicionaristas, acabam completamente esquecidos assim que um novo dicionário ou um novo livro de viagens para o mesmo destino é publicado. Nessas áreas o que vale é a edição que veio por último. Portanto, como é muito provável que outros viajantes acabem visitando os mesmos países e reinos pelos quais passei, sei que nesse momento não serei mais a última moda, principalmente depois que tais autores começarem a indicar onde estão e quais são os erros que cometi em minha obra ou a anunciarem novas descobertas, fazendo assim que o mundo se esqueça que

---

48 Versos do poema épico latino *Eneida*, de Virgílio, que podem ser traduzidos por: "Se a fortuna fez de Sinon um desgraçado, falso ou mentiroso ela jamais o fará".

eu, em algum momento, cheguei a ser um autor. Por essas razões creio que deve ser um tormento escrever apenas no intuito de obter fama. Eu, de minha parte, escrevo tendo como objetivo maior o bem público, o que me afasta e protege de maiores decepções. Afinal, quem pode ler sobre as virtudes que mencionei sobre os gloriosos *riinchnchns*, sem ficar envergonhado de seus próprios vícios, ou se considerar um animal racional e único governante de seu país? Não direi nada daquelas nações remotas comandadas por *yahoos*. Porém, cabe fazer justiça e dizer que, entre esses, os menos corrompidos são os brobdingnagianos, cujas máximas sobre moralidade e governo produziriam enorme avanço para aqueles povos que as seguirem. Paro por aqui, prefiro deixar meus criteriosos leitores com suas próprias conclusões, comentários e aplicações do que foi lido.

Sei que meus escritos não encontrarão nenhum tipo de censura. Afinal, quais objeções podem ser feitas a um autor que se baseia exclusivamente em fatos ocorridos em países distantes e sobre os quais ele não tinha nenhum interesse comercial ou pecuniário? Tomei todos os cuidados necessários para evitar ao máximo cometer os mesmos equívocos de outros autores que me precederam. Ademais, não me envolvi com nenhuma das partes, portanto, meus escritos são desapaixonados e desprovidos de qualquer tipo de preconceito

ou má vontade contra quem quer que seja. Minha finalidade é nobre: pretendo informar e instruir a humanidade, sobre quem eu tenho, sem falsa modéstia, certa superioridade em razão de ter convivido por tanto tempo com os *riinchchns*. Também porque escrevo sem nenhuma pretensão de obter lucro ou receber elogios. Isso permite que sempre aponte, mesmo que correndo o risco de ofender algum leitor, todas as palavras e reflexões necessárias. Escrevo isso para afirmar que me declaro, prontamente, um autor perfeitamente irrepreensível. Assim, não devo nada aos polemistas, críticos, observadores e detratores, os quais não serão nunca capazes de encontrar aqui matéria para exercer seus talentos.

Confesso que certa pessoa me sussurrou: “você está obrigado, como inglês que é, a informar um secretário de Estado sobre suas viagens, porque quaisquer terras descobertas por um inglês pertencem à coroa”. A meu ver, acredito que a Inglaterra conquistar os países dos quais trato aqui não seja algo tão fácil quanto foi para Ferdinando Cortez<sup>49</sup> dominar os americanos nus. Os liliputianos, na minha opinião, dificilmente valem o esforço de enviar uma frota inglesa para dominá-los; questiono também se seria prudente ou seguro

---

49 Hernán Cortéz (1485-1547), colonizador espanhol que liderou a campanha militar que derrotou o Império Asteca, dizimou aquele povo e conquistou o território que hoje constitui o México.

tentar uma invasão ou a subjugação dos brobdingnagianos; penso também se os soldados das forças inglesas ficariam à vontade com uma ilha voadora sobre suas cabeças. Os *riinchchns*, de fato, não estão preparados para a guerra, ciência que desconhecem completamente, especialmente quando o assunto é armas de fogo. No entanto, vamos supor que, se eu fosse um ministro de Estado, jamais aconselharia uma invasão ao país dos *riinchchns*, pois sua prudência, a unanimidade daquela espécie, seu completo desconhecimento do medo e seu amor ao país supririam amplamente todos os seus defeitos e desconhecimentos da arte militar. Imagine vinte mil deles galopando em direção a um exército europeu, confundindo as fileiras, derrubando as carruagens, golpeando os rostos dos soldados com seus cascos. A meu ver, em uma guerra eles teriam todos o mesmo caráter dado a Augusto,<sup>50</sup> *Recalcitrat undique tutus*.<sup>51</sup> Mas, em vez de propostas para conquistar essa nação magnânima, desejo que tenham capacidade ou disposição para enviar um número suficiente de seus habitantes para ensinar aos europeus os princípios

---

50 Imperador romano.

51 Verso (2.1.20) das *Sátiras* escritas pelo poeta romano Horácio (Quintus Horatius Flaccus) que pode ser traduzido por: "Ele chuta para trás, portanto, protejam-se por todos os lados". Aqui, Horácio compara Augusto a um cavalo que pode, inesperadamente, dar coices em seus adversários.

da honra, justiça, verdade, temperança, espírito público, fortaleza, castidade, amizade, benevolência e fidelidade. Noções de virtudes pouco ou quase não praticadas apesar de presentes na maioria dos idiomas europeus e nas obras de autores modernos e antigos, o que sou capaz de afirmar a partir das minhas leituras.

Tenho ainda uma outra razão que me desencorajou em trabalhar para aumentar os domínios de Sua Majestade com minhas descobertas. Para dizer a verdade, tenho sérias dúvidas sobre a justiça dos reis e rainhas quando o assunto são novos territórios. Por exemplo, quando um navio de corsários é levado por uma tempestade para uma região que desconhecida, por fim, alguém lá do mastro superior grita “terra à vista”. Esses homens vão à praia daquele lugar com a exclusiva intenção de roubar e saquear. Se o povo de tal localidade é inofensivo, nenhuma importância é dada a essa bondade. Ao contrário, outorgam ao país um novo nome; tomam posse formal daquele território para seu rei; utilizam uma pedra para um memorial; matam duas ou três dúzias de nativos; sequestram outros e os levam, à força, para sua terra natal para servirem de amostra; retornam ao seu país e, em razão da descoberta que fizeram, pedem perdão às autoridades pelos crimes que cometeram. Assim começa um novo domínio, que se diz ter sido adquirido por direito divino.



Logo em seguida o governo envia navios com soldados que expulsam ou aniquilam os nativos, os quais veem seus líderes torturados sob o pretexto de com isso se descobrir onde está o ouro daquele reino. Nesse momento, há uma espécie de licença gratuita concedida a todos os atos de desumanidade e luxúria praticados pelos soldados. O novo território fica então tomado pelo cheiro acre do sangue de seus habitantes. Por fim, essa execrável tripulação de açougueiros, empregada em uma expedição tão devota e temente a Deus, torna-se uma colônia moderna, onde todos os bárbaros idólatras restantes são convertidos e civilizados!

No entanto essa descrição, eu confesso, não representa de maneira alguma a nação britânica, a qual, em sua sabedoria, tem sido um exemplo para todo o mundo pelo modo justo e cuidadoso com que trata suas colônias, principalmente pelo legado religioso e educacional que produz nesses territórios, com a propagação do cristianismo; pelo zelo de enviar para essas províncias apenas pessoas de vidas sóbrias e marcadas pelos valores da terra natal; pelo trabalho incansável de distribuir justiça como administradores e oficiais honestos e capazes de conduzir tais regiões; e, para coroar tudo, por indicar os mais vigilantes e virtuosos governadores, os quais se preocupam exclusivamente com a felicidade do povo que vão comandar, para honra do seu rei.

A questão aqui é que os países que descrevi anteriormente não demonstram o desejo de serem conquistados e escravizados, assassinados ou expulsos por colonizadores. Também porque tais reinos não abundam em ouro, prata, açúcar ou tabaco. Eu mesmo pude ver com meus olhos que, para a grande maioria dessas nações, tais objetos não despertam o mesmo interesse que despertam nos britânicos. De qualquer forma, se alguém tiver uma outra opinião, estou pronto para depor, caso seja convocado legalmente, que nenhum europeu jamais visitou esses países antes de mim. Quero dizer, acho que devemos acreditar nos habitantes dessas localidades, que, em boa parte, me disseram que nunca tinham visto um inglês antes.

No que diz respeito a tomar posse dessas localidades em nome do meu reino, devo dizer que isso nunca passou pela minha cabeça. Caso tivesse, em razão da situação na qual me encontrava, eu deveria, por prudência e instinto de autopreservação, não colocar de forma alguma essa ideia em prática.

Assim, ao responder à única objeção que pode ser levantada contra mim enquanto viajante, encerro aqui essa questão e deixo em paz meus queridos leitores para retornar à minha pacata vida em Redriff, onde me dedicarei a cuidar do meu jardim e viver conforme os valores que aprendi a

cultivar com os nobres *riinchnchns*, ensinando aos *yahoos* da minha família até que se mostrem animais dóceis. Também vou diariamente contemplar meu reflexo em um copo para, assim, me habituar com o fato de ser uma criatura humana. Seguirei lamentando a brutalidade dos *riinchnchns* do meu país, mas sempre os tratarei com respeito, pelo bem de meu nobre mestre, sua família, seus amigos e toda a raça *riinchnchns*, a quem esses nossos cavalos têm a honra de se parecer em todos os detalhes, menos os intelectuais.

Na semana passada passei a permitir que minha esposa jantasse comigo, desde que se sentasse na outra ponta da mesa e respondesse, com a maior brevidade possível, às questões que eu fizesse. Infelizmente, o cheiro de uma *yahoo* ainda me desagrade sobremaneira. Por essa razão eu caminho sempre com uma provisão de tabaco, lavanda e arruda nos bolsos. Sei que, apesar de ser difícil para um homem já adulto mudar alguns de seus hábitos, sigo tentando. Acredito que, em breve, serei capaz de ter um *yahoo* em minha companhia sem temer ser atacado por suas garras e dentes.

Minha reconciliação com os *yahoos* poderia ser bem menos dolorosa se eles se contentassem com os vícios e devaneios que a natureza ofereceu. Porém, quando vejo um advogado, um batedor de carteiras, um coronel, um tolo, um senhor, um jogador, um político, um traficante, um

médico, um procurador, um traidor, um testemunho, um suborno ou algo do tipo, apesar de todos esses comportamentos estarem inequivocamente atrelados à vida atual, o que eu vejo são um monte de deformidades e doenças, tanto físicas como mentais. Indivíduos tomados pelo orgulho, o que imediatamente acaba com qualquer traço de paciência que eu possa ter. Os sábios e virtuosos *riinchnchns*, que abundam em todas as excelências que adornam uma criatura racional, não têm palavras para nomear tais vícios em sua linguagem. Assim, *yahoos*, que muitas vezes os *riinchnchns* utilizam para descrever coisas detestáveis, me mostravam o que há de mais intrínseco à natureza humana. Isso porque eu, que tinha mais experiência, pude observar claramente alguns rudimentos dos comportamentos descritos acima entre os selvagens *yahoos*.

Os *riinchnchns*, portanto, vivem sob o governo da razão e não se orgulham das boas qualidades que possuem, pois as entendem como naturais e inevitáveis, da mesma forma que nós achamos natural ter pernas e braços, partes do nosso corpo que nenhum homem em seu juízo perfeito se gabaria de ter, embora seja feliz por tê-los. Eu, de minha parte, luto diariamente com a seguinte questão: sou um *yahoo* inglês que quer tornar sua própria vida mais suportável. Por tais motivos, eu imploro aqui a todos aqueles que têm qualquer

resquício dos vícios absurdos acima mencionados, que não apareçam na minha frente.









**Gulliver's Travels  
into several remote  
nations of the world**

Jonathan Swift



# THE PUBLISHER TO THE READER

The author of these Travels, Mr. Lemuel Gulliver, is my ancient and intimate friend; there is likewise some relation between us on the mother's side. About three years ago, Mr. Gulliver growing weary of the concourse of curious people coming to him at his house in Redriff, made a small purchase of land, with a convenient house, near Newark, in Nottinghamshire, his native country; where he now lives retired, yet in good esteem among his neighbours.

Although Mr. Gulliver was born in Nottinghamshire, where his father dwelt, yet I have heard him say his family came from Oxfordshire; to confirm which, I have observed in the churchyard at Banbury in that county, several tombs and monuments of the Gullivers.

Before he quitted Redriff, he left the custody of the following papers in my hands, with the liberty to dispose of them as I should think fit. I have carefully perused them three times. The style is very plain and simple; and the only fault I find is, that the author, after the manner of travellers, is a little too circumstantial. There is an air of truth apparent through the whole; and indeed the author

was so distinguished for his veracity, that it became a sort of proverb among his neighbours at Redriff, when any one affirmed a thing, to say, it was as true as if Mr. Gulliver had spoken it.

By the advice of several worthy persons, to whom, with the author's permission, I communicated these papers, I now venture to send them into the world, hoping they may be, at least for some time, a better entertainment to our young noblemen, than the common scribbles of politics and party.

This volume would have been at least twice as large, if I had not made bold to strike out innumerable passages relating to the winds and tides, as well as to the variations and bearings in the several voyages, together with the minute descriptions of the management of the ship in storms, in the style of sailors; likewise the account of longitudes and latitudes; wherein I have reason to apprehend, that Mr. Gulliver may be a little dissatisfied. But I was resolved to fit the work as much as possible to the general capacity of readers. However, if my own ignorance in sea affairs shall have led me to commit some mistakes, I alone am answerable for them. And if any traveller hath a curiosity to see the whole work at large, as it came from the hands of the author, I will be ready to gratify him.

As for any further particulars relating to the author, the reader will receive satisfaction from the first pages of the book.

RICHARD SYMPSON.

# A LETTER FROM CAPTAIN GULLIVER TO HIS COUSIN SYMPSON

WRITTEN IN THE YEAR 1727.

I hope you will be ready to own publicly, whenever you shall be called to it, that by your great and frequent urgency you prevailed on me to publish a very loose and uncorrect account of my travels, with directions to hire some young gentleman of either university to put them in order, and correct the style, as my cousin Dampier did, by my advice, in his book called “A Voyage round the world.” But I do not remember I gave you power to consent that any thing should be omitted, and much less that any thing should be inserted; therefore, as to the latter, I do here renounce every thing of that kind; particularly a paragraph about her majesty Queen Anne, of most pious and glorious memory; although I did reverence and esteem her more than any of human species. But you, or your interpolator, ought to have considered, that it was not my inclination, so was it not decent to praise any animal of our composition before my

master *Houyhnhnm*: And besides, the fact was altogether false; for to my knowledge, being in England during some part of her majesty's reign, she did govern by a chief minister; nay even by two successively, the first whereof was the lord of Godolphin, and the second the lord of Oxford; so that you have made me say the thing that was not. Likewise in the account of the academy of projectors, and several passages of my discourse to my master *Houyhnhnm*, you have either omitted some material circumstances, or minced or changed them in such a manner, that I do hardly know my own work. When I formerly hinted to you something of this in a letter, you were pleased to answer that you were afraid of giving offence; that people in power were very watchful over the press, and apt not only to interpret, but to punish every thing which looked like an *innuendo* (as I think you call it). But, pray how could that which I spoke so many years ago, and at about five thousand leagues distance, in another reign, be applied to any of the *Yahoos*, who now are said to govern the herd; especially at a time when I little thought, or feared, the unhappiness of living under them? Have not I the most reason to complain, when I see these very *Yahoos* carried by *Houyhnhnms* in a vehicle, as if they were brutes, and those the rational creatures? And indeed to avoid so

monstrous and detestable a sight was one principal motive of my retirement hither.

Thus much I thought proper to tell you in relation to yourself, and to the trust I reposed in you.

I do, in the next place, complain of my own great want of judgment, in being prevailed upon by the entreaties and false reasoning of you and some others, very much against my own opinion, to suffer my travels to be published. Pray bring to your mind how often I desired you to consider, when you insisted on the motive of public good, that the *Yahoos* were a species of animals utterly incapable of amendment by precept or example: and so it has proved; for, instead of seeing a full stop put to all abuses and corruptions, at least in this little island, as I had reason to expect; behold, after above six months warning, I cannot learn that my book has produced one single effect according to my intentions. I desired you would let me know, by a letter, when party and faction were extinguished; judges learned and upright; pleaders honest and modest, with some tincture of common sense, and Smithfield blazing with pyramids of law books; the young nobility's education entirely changed; the physicians banished; the female *Yahoos* abounding in virtue, honour, truth, and good sense; courts and levees of great ministers thoroughly weeded and swept; wit, merit, and learning rewarded; all



disgracers of the press in prose and verse condemned to eat nothing but their own cotton, and quench their thirst with their own ink. These, and a thousand other reformations, I firmly counted upon by your encouragement; as indeed they were plainly deducible from the precepts delivered in my book. And it must be owned, that seven months were a sufficient time to correct every vice and folly to which *Yahoos* are subject, if their natures had been capable of the least disposition to virtue or wisdom. Yet, so far have you been from answering my expectation in any of your letters; that on the contrary you are loading our carrier every week with libels, and keys, and reflections, and memoirs, and second parts; wherein I see myself accused of reflecting upon great state folk; of degrading human nature (for so they have still the confidence to style it), and of abusing the female sex. I find likewise that the writers of those bundles are not agreed among themselves; for some of them will not allow me to be the author of my own travels; and others make me author of books to which I am wholly a stranger.

I find likewise that your printer has been so careless as to confound the times, and mistake the dates, of my several voyages and returns; neither assigning the true year, nor the true month, nor day of the month: and I hear the original manuscript is all destroyed since the publication of my book;

neither have I any copy left: however, I have sent you some corrections, which you may insert, if ever there should be a second edition: and yet I cannot stand to them; but shall leave that matter to my judicious and candid readers to adjust it as they please.

I hear some of our sea *Yahoos* find fault with my sea-language, as not proper in many parts, nor now in use. I cannot help it. In my first voyages, while I was young, I was instructed by the oldest mariners, and learned to speak as they did. But I have since found that the sea *Yahoos* are apt, like the land ones, to become new-fangled in their words, which the latter change every year; insomuch, as I remember upon each return to my own country their old dialect was so altered, that I could hardly understand the new. And I observe, when any *Yahoo* comes from London out of curiosity to visit me at my house, we neither of us are able to deliver our conceptions in a manner intelligible to the other.

If the censure of the *Yahoos* could any way affect me, I should have great reason to complain, that some of them are so bold as to think my book of travels a mere fiction out of mine own brain, and have gone so far as to drop hints, that the *Houyhnhnms* and *Yahoos* have no more existence than the inhabitants of Utopia.

Indeed I must confess, that as to the people of *Lilliput*, *Brobdingrag* (for so the word should have been spelt, and not erroneously *Brobdingnag*), and *Laputa*, I have never yet heard of any *Yahoo* so presumptuous as to dispute their being, or the facts I have related concerning them; because the truth immediately strikes every reader with conviction. And is there less probability in my account of the *Houyhnhnms* or *Yahoos*, when it is manifest as to the latter, there are so many thousands even in this country, who only differ from their brother brutes in *Houyhnhnmland*, because they use a sort of jabber, and do not go naked? I wrote for their amendment, and not their approbation. The united praise of the whole race would be of less consequence to me, than the neighing of those two degenerate *Houyhnhnms* I keep in my stable; because from these, degenerate as they are, I still improve in some virtues without any mixture of vice.

Do these miserable animals presume to think, that I am so degenerated as to defend my veracity? *Yahoo* as I am, it is well known through all *Houyhnhnmland*, that, by the instructions and example of my illustrious master, I was able in the compass of two years (although I confess with the utmost difficulty) to remove that infernal habit of lying, shuffling, deceiving, and equivocating, so deeply rooted in the very souls of all my species; especially the Europeans.

I have other complaints to make upon this vexatious occasion; but I forbear troubling myself or you any further. I must freely confess, that since my last return, some corruptions of my *Yahoo* nature have revived in me by conversing with a few of your species, and particularly those of my own family, by an unavoidable necessity; else I should never have attempted so absurd a project as that of reforming the *Yahoo* race in this kingdom: But I have now done with all such visionary schemes for ever.

*April 2, 1727*

**PART I**

**A VOYAGE TO  
LILLIPUT.**



# CHAPTER I

*The author gives some account of himself and family. His first inducements to travel. He is shipwrecked, and swims for his life. Gets safe on shore in the country of Lilliput; is made a prisoner, and carried up the country.*

**M**y father had a small estate in Nottinghamshire: I was the third of five sons. He sent me to Emanuel College in Cambridge at fourteen years old, where I resided three years, and applied myself close to my studies; but the charge of maintaining me, although I had a very scanty allowance, being too great for a narrow fortune, I was bound apprentice to Mr. James Bates, an eminent surgeon in London, with whom I continued four years. My father now and then sending me small sums of money, I laid them out in learning navigation, and other parts of the mathematics, useful to those who intend to travel, as I always believed it would be, some time or other, my fortune to do. When I left Mr. Bates, I went down to my father: where, by the assistance of him and my uncle

John, and some other relations, I got forty pounds, and a promise of thirty pounds a year to maintain me at Leyden: there I studied physic two years and seven months, knowing it would be useful in long voyages.

Soon after my return from Leyden, I was recommended by my good master, Mr. Bates, to be surgeon to the Swallow, Captain Abraham Pannel, commander; with whom I continued three years and a half, making a voyage or two into the Levant, and some other parts. When I came back I resolved to settle in London; to which Mr. Bates, my master, encouraged me, and by him I was recommended to several patients. I took part of a small house in the Old Jewry; and being advised to alter my condition, I married Mrs. Mary Burton, second daughter to Mr. Edmund Burton, hosier, in Newgate-street, with whom I received four hundred pounds for a portion.

But my good master Bates dying in two years after, and I having few friends, my business began to fail; for my conscience would not suffer me to imitate the bad practice of too many among my brethren. Having therefore consulted with my wife, and some of my acquaintance, I determined to go again to sea. I was surgeon successively in two ships, and made several voyages, for six years, to the East and West Indies, by which I got some addition to my fortune. My



hours of leisure I spent in reading the best authors, ancient and modern, being always provided with a good number of books; and when I was ashore, in observing the manners and dispositions of the people, as well as learning their language; wherein I had a great facility, by the strength of my memory.

The last of these voyages not proving very fortunate, I grew weary of the sea, and intended to stay at home with my wife and family. I removed from the Old Jewry to Fetter Lane, and from thence to Wapping, hoping to get business among the sailors; but it would not turn to account. After three years expectation that things would mend, I accepted an advantageous offer from Captain William Prichard, master of the *Antelope*, who was making a voyage to the South Sea. We set sail from Bristol, May 4, 1699, and our voyage was at first very prosperous.

It would not be proper, for some reasons, to trouble the reader with the particulars of our adventures in those seas; let it suffice to inform him, that in our passage from thence to the East Indies, we were driven by a violent storm to the north-west of Van Diemen's Land. By an observation, we found ourselves in the latitude of 30 degrees 2 minutes south. Twelve of our crew were dead by immoderate labour and ill food; the rest were in a very weak condition. On the 5th of November, which was the beginning of summer in

those parts, the weather being very hazy, the seamen spied a rock within half a cable's length of the ship; but the wind was so strong, that we were driven directly upon it, and immediately split. Six of the crew, of whom I was one, having let down the boat into the sea, made a shift to get clear of the ship and the rock. We rowed, by my computation, about three leagues, till we were able to work no longer, being already spent with labour while we were in the ship. We therefore trusted ourselves to the mercy of the waves, and in about half an hour the boat was upset by a sudden flurry from the north. What became of my companions in the boat, as well as of those who escaped on the rock, or were left in the vessel, I cannot tell; but conclude they were all lost. For my own part, I swam as fortune directed me, and was pushed forward by wind and tide. I often let my legs drop, and could feel no bottom; but when I was almost gone, and able to struggle no longer, I found myself within my depth; and by this time the storm was much abated. The declivity was so small, that I walked near a mile before I got to the shore, which I conjectured was about eight o'clock in the evening. I then advanced forward near half a mile, but could not discover any sign of houses or inhabitants; at least I was in so weak a condition, that I did not observe them. I was extremely tired, and with that, and the heat of the

weather, and about half a pint of brandy that I drank as I left the ship, I found myself much inclined to sleep. I lay down on the grass, which was very short and soft, where I slept sounder than ever I remembered to have done in my life, and, as I reckoned, about nine hours; for when I awaked, it was just day-light. I attempted to rise, but was not able to stir: for, as I happened to lie on my back, I found my arms and legs were strongly fastened on each side to the ground; and my hair, which was long and thick, tied down in the same manner. I likewise felt several slender ligatures across my body, from my arm-pits to my thighs. I could only look upwards; the sun began to grow hot, and the light offended my eyes. I heard a confused noise about me; but in the posture I lay, could see nothing except the sky. In a little time I felt something alive moving on my left leg, which advancing gently forward over my breast, came almost up to my chin; when, bending my eyes downwards as much as I could, I perceived it to be a human creature not six inches high, with a bow and arrow in his hands, and a quiver at his back. In the mean time, I felt at least forty more of the same kind (as I conjectured) following the first. I was in the utmost astonishment, and roared so loud, that they all ran back in a fright; and some of them, as I was afterwards told, were hurt with the falls they got by leaping from my sides upon

the ground. However, they soon returned, and one of them, who ventured so far as to get a full sight of my face, lifting up his hands and eyes by way of admiration, cried out in a shrill but distinct voice, *Hekinah degul*: the others repeated the same words several times, but then I knew not what they meant. I lay all this while, as the reader may believe, in great uneasiness. At length, struggling to get loose, I had the fortune to break the strings, and wrench out the pegs that fastened my left arm to the ground; for, by lifting it up to my face, I discovered the methods they had taken to bind me, and at the same time with a violent pull, which gave me excessive pain, I a little loosened the strings that tied down my hair on the left side, so that I was just able to turn my head about two inches. But the creatures ran off a second time, before I could seize them; whereupon there was a great shout in a very shrill accent, and after it ceased I heard one of them cry aloud *Tolgo phonac*; when in an instant I felt above a hundred arrows discharged on my left hand, which, pricked me like so many needles; and besides, they shot another flight into the air, as we do bombs in Europe, whereof many, I suppose, fell on my body, (though I felt them not), and some on my face, which I immediately covered with my left hand. When this shower of arrows was over, I fell a groaning with grief and pain; and then striving again to get

loose, they discharged another volley larger than the first, and some of them attempted with spears to stick me in the sides; but by good luck I had on a buff jerkin, which they could not pierce. I thought it the most prudent method to lie still, and my design was to continue so till night, when, my left hand being already loose, I could easily free myself: and as for the inhabitants, I had reason to believe I might be a match for the greatest army they could bring against me, if they were all of the same size with him that I saw. But fortune disposed otherwise of me. When the people observed I was quiet, they discharged no more arrows; but, by the noise I heard, I knew their numbers increased; and about four yards from me, over against my right ear, I heard a knocking for above an hour, like that of people at work; when turning my head that way, as well as the pegs and strings would permit me, I saw a stage erected about a foot and a half from the ground, capable of holding four of the inhabitants, with two or three ladders to mount it: from whence one of them, who seemed to be a person of quality, made me a long speech, whereof I understood not one syllable. But I should have mentioned, that before the principal person began his oration, he cried out three times, *Langro dehul san* (these words and the former were afterwards repeated and explained to me); whereupon, immediately,

about fifty of the inhabitants came and cut the strings that fastened the left side of my head, which gave me the liberty of turning it to the right, and of observing the person and gesture of him that was to speak. He appeared to be of a middle age, and taller than any of the other three who attended him, whereof one was a page that held up his train, and seemed to be somewhat longer than my middle finger; the other two stood one on each side to support him. He acted every part of an orator, and I could observe many periods of threatenings, and others of promises, pity, and kindness. I answered in a few words, but in the most submissive manner, lifting up my left hand, and both my eyes to the sun, as calling him for a witness; and being almost famished with hunger, having not eaten a morsel for some hours before I left the ship, I found the demands of nature so strong upon me, that I could not forbear showing my impatience (perhaps against the strict rules of decency) by putting my finger frequently to my mouth, to signify that I wanted food. The *hurgo* (for so they call a great lord, as I afterwards learnt) understood me very well. He descended from the stage, and commanded that several ladders should be applied to my sides, on which above a hundred of the inhabitants mounted and walked towards my mouth, laden with baskets full of meat, which had been provided and sent

thither by the king's orders, upon the first intelligence he received of me. I observed there was the flesh of several animals, but could not distinguish them by the taste. There were shoulders, legs, and loins, shaped like those of mutton, and very well dressed, but smaller than the wings of a lark. I ate them by two or three at a mouthful, and took three loaves at a time, about the bigness of musket bullets. They supplied me as fast as they could, showing a thousand marks of wonder and astonishment at my bulk and appetite. I then made another sign, that I wanted drink. They found by my eating that a small quantity would not suffice me; and being a most ingenious people, they slung up, with great dexterity, one of their largest hogsheads, then rolled it towards my hand, and beat out the top; I drank it off at a draught, which I might well do, for it did not hold half a pint, and tasted like a small wine of Burgundy, but much more delicious. They brought me a second hogshead, which I drank in the same manner, and made signs for more; but they had none to give me. When I had performed these wonders, they shouted for joy, and danced upon my breast, repeating several times as they did at first, *Hekinah degul*. They made me a sign that I should throw down the two hogsheads, but first warning the people below to stand out of the way, crying aloud, *Borach mevolah*; and when they saw the vessels in the

air, there was a universal shout of *Hekinah degul*. I confess I was often tempted, while they were passing backwards and forwards on my body, to seize forty or fifty of the first that came in my reach, and dash them against the ground. But the remembrance of what I had felt, which probably might not be the worst they could do, and the promise of honour I made them—for so I interpreted my submissive behaviour—soon drove out these imaginations. Besides, I now considered myself as bound by the laws of hospitality, to a people who had treated me with so much expense and magnificence. However, in my thoughts I could not sufficiently wonder at the intrepidity of these diminutive mortals, who durst venture to mount and walk upon my body, while one of my hands was at liberty, without trembling at the very sight of so prodigious a creature as I must appear to them. After some time, when they observed that I made no more demands for meat, there appeared before me a person of high rank from his imperial majesty. His excellency, having mounted on the small of my right leg, advanced forwards up to my face, with about a dozen of his retinue; and producing his credentials under the signet royal, which he applied close to my eyes, spoke about ten minutes without any signs of anger, but with a kind of determinate resolution, often pointing forwards, which, as I afterwards found, was towards



the capital city, about half a mile distant; whither it was agreed by his majesty in council that I must be conveyed. I answered in few words, but to no purpose, and made a sign with my hand that was loose, putting it to the other (but over his excellency's head for fear of hurting him or his train) and then to my own head and body, to signify that I desired my liberty. It appeared that he understood me well enough, for he shook his head by way of disapprobation, and held his hand in a posture to show that I must be carried as a prisoner. However, he made other signs to let me understand that I should have meat and drink enough, and very good treatment. Whereupon I once more thought of attempting to break my bonds; but again, when I felt the smart of their arrows upon my face and hands, which were all in blisters, and many of the darts still sticking in them, and observing likewise that the number of my enemies increased, I gave tokens to let them know that they might do with me what they pleased. Upon this, the *hurgo* and his train withdrew, with much civility and cheerful countenances. Soon after I heard a general shout, with frequent repetitions of the words *Peplom selan*; and I felt great numbers of people on my left side relaxing the cords to such a degree, that I was able to turn upon my right, and to ease myself with making water; which I very plentifully did, to the great astonishment of

the people; who, conjecturing by my motion what I was going to do, immediately opened to the right and left on that side, to avoid the torrent, which fell with such noise and violence from me. But before this, they had daubed my face and both my hands with a sort of ointment, very pleasant to the smell, which, in a few minutes, removed all the smart of their arrows. These circumstances, added to the refreshment I had received by their victuals and drink, which were very nourishing, disposed me to sleep. I slept about eight hours, as I was afterwards assured; and it was no wonder, for the physicians, by the emperor's order, had mingled a sleepy potion in the hogsheads of wine.

It seems, that upon the first moment I was discovered sleeping on the ground, after my landing, the emperor had early notice of it by an express; and determined in council, that I should be tied in the manner I have related, (which was done in the night while I slept;) that plenty of meat and drink should be sent to me, and a machine prepared to carry me to the capital city.

This resolution perhaps may appear very bold and dangerous, and I am confident would not be imitated by any prince in Europe on the like occasion. However, in my opinion, it was extremely prudent, as well as generous: for, supposing these people had endeavoured to kill me

with their spears and arrows, while I was asleep, I should certainly have awaked with the first sense of smart, which might so far have roused my rage and strength, as to have enabled me to break the strings wherewith I was tied; after which, as they were not able to make resistance, so they could expect no mercy.

These people are most excellent mathematicians, and arrived to a great perfection in mechanics, by the countenance and encouragement of the emperor, who is a renowned patron of learning. This prince has several machines fixed on wheels, for the carriage of trees and other great weights. He often builds his largest men of war, whereof some are nine feet long, in the woods where the timber grows, and has them carried on these engines three or four hundred yards to the sea. Five hundred carpenters and engineers were immediately set at work to prepare the greatest engine they had. It was a frame of wood raised three inches from the ground, about seven feet long, and four wide, moving upon twenty-two wheels. The shout I heard was upon the arrival of this engine, which, it seems, set out in four hours after my landing. It was brought parallel to me, as I lay. But the principal difficulty was to raise and place me in this vehicle. Eighty poles, each of one foot high, were erected for this purpose, and very strong cords, of the bigness

of packthread, were fastened by hooks to many bandages, which the workmen had girt round my neck, my hands, my body, and my legs. Nine hundred of the strongest men were employed to draw up these cords, by many pulleys fastened on the poles; and thus, in less than three hours, I was raised and slung into the engine, and there tied fast. All this I was told; for, while the operation was performing, I lay in a profound sleep, by the force of that soporiferous medicine infused into my liquor. Fifteen hundred of the emperor's largest horses, each about four inches and a half high, were employed to draw me towards the metropolis, which, as I said, was half a mile distant.

About four hours after we began our journey, I awaked by a very ridiculous accident; for the carriage being stopped a while, to adjust something that was out of order, two or three of the young natives had the curiosity to see how I looked when I was asleep; they climbed up into the engine, and advancing very softly to my face, one of them, an officer in the guards, put the sharp end of his half-pike a good way up into my left nostril, which tickled my nose like a straw, and made me sneeze violently; whereupon they stole off unperceived, and it was three weeks before I knew the cause of my waking so suddenly. We made a long march the remaining part of the day, and, rested at night with five

hundred guards on each side of me, half with torches, and half with bows and arrows, ready to shoot me if I should offer to stir. The next morning at sun-rise we continued our march, and arrived within two hundred yards of the city gates about noon. The emperor, and all his court, came out to meet us; but his great officers would by no means suffer his majesty to endanger his person by mounting on my body.

At the place where the carriage stopped there stood an ancient temple, esteemed to be the largest in the whole kingdom; which, having been polluted some years before by an unnatural murder, was, according to the zeal of those people, looked upon as profane, and therefore had been applied to common use, and all the ornaments and furniture carried away. In this edifice it was determined I should lodge. The great gate fronting to the north was about four feet high, and almost two feet wide, through which I could easily creep. On each side of the gate was a small window, not above six inches from the ground: into that on the left side, the king's smith conveyed fourscore and eleven chains, like those that hang to a lady's watch in Europe, and almost as large, which were locked to my left leg with six-and-thirty padlocks. Over against this temple, on the other side of the great highway, at twenty feet distance, there was a turret at least five feet high. Here the emperor ascended, with

many principal lords of his court, to have an opportunity of viewing me, as I was told, for I could not see them. It was reckoned that above a hundred thousand inhabitants came out of the town upon the same errand; and, in spite of my guards, I believe there could not be fewer than ten thousand at several times, who mounted my body by the help of ladders. But a proclamation was soon issued, to forbid it upon pain of death. When the workmen found it was impossible for me to break loose, they cut all the strings that bound me; whereupon I rose up, with as melancholy a disposition as ever I had in my life. But the noise and astonishment of the people, at seeing me rise and walk, are not to be expressed. The chains that held my left leg were about two yards long, and gave me not only the liberty of walking backwards and forwards in a semicircle, but, being fixed within four inches of the gate, allowed me to creep in, and lie at my full length in the temple.

## CHAPTER II

*The emperor of Lilliput, attended by several of the nobility, comes to see the author in his confinement. The emperor's person and habit described. Learned men appointed to teach the author their language. He gains favour by his mild disposition. His pockets are searched, and his sword and pistols taken from him.*

**W**hen I found myself on my feet, I looked about me, and must confess I never beheld a more entertaining prospect. The country around appeared like a continued garden, and the enclosed fields, which were generally forty feet square, resembled so many beds of flowers. These fields were intermingled with woods of half a stang<sup>1</sup>, and the tallest trees, as I could judge, appeared to be seven feet high. I viewed the town on my left hand, which looked like the painted scene of a city in a theatre.

---

1 A stang is a pole or perch; sixteen feet and a half.

I had been for some hours extremely pressed by the necessities of nature; which was no wonder, it being almost two days since I had last disburdened myself. I was under great difficulties between urgency and shame. The best expedient I could think of, was to creep into my house, which I accordingly did; and shutting the gate after me, I went as far as the length of my chain would suffer, and discharged my body of that uneasy load. But this was the only time I was ever guilty of so uncleanly an action; for which I cannot but hope the candid reader will give some allowance, after he has maturely and impartially considered my case, and the distress I was in. From this time my constant practice was, as soon as I rose, to perform that business in open air, at the full extent of my chain; and due care was taken every morning before company came, that the offensive matter should be carried off in wheel-barrows, by two servants appointed for that purpose. I would not have dwelt so long upon a circumstance that, perhaps, at first sight, may appear not very momentous, if I had not thought it necessary to justify my character, in point of cleanliness, to the world; which, I am told, some of my maligners have been pleased, upon this and other occasions, to call in question.

When this adventure was at an end, I came back out of my house, having occasion for fresh air. The emperor



was already descended from the tower, and advancing on horseback towards me, which had like to have cost him dear; for the beast, though very well trained, yet wholly unused to such a sight, which appeared as if a mountain moved before him, reared up on its hinder feet: but that prince, who is an excellent horseman, kept his seat, till his attendants ran in, and held the bridle, while his majesty had time to dismount. When he alighted, he surveyed me round with great admiration; but kept beyond the length of my chain. He ordered his cooks and butlers, who were already prepared, to give me victuals and drink, which they pushed forward in a sort of vehicles upon wheels, till I could reach them. I took these vehicles and soon emptied them all; twenty of them were filled with meat, and ten with liquor; each of the former afforded me two or three good mouthfuls; and I emptied the liquor of ten vessels, which was contained in earthen vials, into one vehicle, drinking it off at a draught; and so I did with the rest. The empress, and young princes of the blood of both sexes, attended by many ladies, sat at some distance in their chairs; but upon the accident that happened to the emperor's horse, they alighted, and came near his person, which I am now going to describe. He is taller by almost the breadth of my nail, than any of his court; which alone is enough to strike an awe into the beholders. His

features are strong and masculine, with an Austrian lip and arched nose, his complexion olive, his countenance erect, his body and limbs well proportioned, all his motions graceful, and his deportment majestic. He was then past his prime, being twenty-eight years and three quarters old, of which he had reigned about seven in great felicity, and generally victorious. For the better convenience of beholding him, I lay on my side, so that my face was parallel to his, and he stood but three yards off: however, I have had him since many times in my hand, and therefore cannot be deceived in the description. His dress was very plain and simple, and the fashion of it between the Asiatic and the European; but he had on his head a light helmet of gold, adorned with jewels, and a plume on the crest. He held his sword drawn in his hand to defend himself, if I should happen to break loose; it was almost three inches long; the hilt and scabbard were gold enriched with diamonds. His voice was shrill, but very clear and articulate; and I could distinctly hear it when I stood up. The ladies and courtiers were all most magnificently clad; so that the spot they stood upon seemed to resemble a petticoat spread upon the ground, embroidered with figures of gold and silver. His imperial majesty spoke often to me, and I returned answers: but neither of us could understand a syllable. There were several of his priests and

lawyers present (as I conjectured by their habits), who were commanded to address themselves to me; and I spoke to them in as many languages as I had the least smattering of, which were High and Low Dutch, Latin, French, Spanish, Italian, and Lingua Franca, but all to no purpose. After about two hours the court retired, and I was left with a strong guard, to prevent the impertinence, and probably the malice of the rabble, who were very impatient to crowd about me as near as they durst; and some of them had the impudence to shoot their arrows at me, as I sat on the ground by the door of my house, whereof one very narrowly missed my left eye. But the colonel ordered six of the ringleaders to be seized, and thought no punishment so proper as to deliver them bound into my hands; which some of his soldiers accordingly did, pushing them forward with the butt-ends of their pikes into my reach. I took them all in my right hand, put five of them into my coat-pocket; and as to the sixth, I made a countenance as if I would eat him alive. The poor man squalled terribly, and the colonel and his officers were in much pain, especially when they saw me take out my penknife: but I soon put them out of fear; for, looking mildly, and immediately cutting the strings he was bound with, I set him gently on the ground, and away he ran. I treated the rest in the same manner, taking them one by

one out of my pocket; and I observed both the soldiers and people were highly delighted at this mark of my clemency, which was represented very much to my advantage at court.

Towards night I got with some difficulty into my house, where I lay on the ground, and continued to do so about a fortnight; during which time, the emperor gave orders to have a bed prepared for me. Six hundred beds of the common measure were brought in carriages, and worked up in my house; a hundred and fifty of their beds, sewn together, made up the breadth and length; and these were four double: which, however, kept me but very indifferently from the hardness of the floor, that was of smooth stone. By the same computation, they provided me with sheets, blankets, and coverlets, tolerable enough for one who had been so long inured to hardships.

As the news of my arrival spread through the kingdom, it brought prodigious numbers of rich, idle, and curious people to see me; so that the villages were almost emptied; and great neglect of tillage and household affairs must have ensued, if his imperial majesty had not provided, by several proclamations and orders of state, against this inconveniency. He directed that those who had already beheld me should return home, and not presume to come within fifty yards

of my house, without license from the court; whereby the secretaries of state got considerable fees.

In the mean time the emperor held frequent councils, to debate what course should be taken with me; and I was afterwards assured by a particular friend, a person of great quality, who was as much in the secret as any, that the court was under many difficulties concerning me. They apprehended my breaking loose; that my diet would be very expensive, and might cause a famine. Sometimes they determined to starve me; or at least to shoot me in the face and hands with poisoned arrows, which would soon despatch me; but again they considered, that the stench of so large a carcass might produce a plague in the metropolis, and probably spread through the whole kingdom. In the midst of these consultations, several officers of the army went to the door of the great council-chamber, and two of them being admitted, gave an account of my behaviour to the six criminals above-mentioned; which made so favourable an impression in the breast of his majesty and the whole board, in my behalf, that an imperial commission was issued out, obliging all the villages, nine hundred yards round the city, to deliver in every morning six beeves, forty sheep, and other victuals for my sustenance; together with a proportionable quantity of bread, and wine, and other liquors; for the due

payment of which, his majesty gave assignments upon his treasury:—for this prince lives chiefly upon his own demesnes; seldom, except upon great occasions, raising any subsidies upon his subjects, who are bound to attend him in his wars at their own expense. An establishment was also made of six hundred persons to be my domestics, who had board-wages allowed for their maintenance, and tents built for them very conveniently on each side of my door. It was likewise ordered, that three hundred tailors should make me a suit of clothes, after the fashion of the country; that six of his majesty's greatest scholars should be employed to instruct me in their language; and lastly, that the emperor's horses, and those of the nobility and troops of guards, should be frequently exercised in my sight, to accustom themselves to me. All these orders were duly put in execution; and in about three weeks I made a great progress in learning their language; during which time the emperor frequently honoured me with his visits, and was pleased to assist my masters in teaching me. We began already to converse together in some sort; and the first words I learnt, were to express my desire "that he would please give me my liberty;" which I every day repeated on my knees. His answer, as I could comprehend it, was, "that this must be a work of time, not to be thought on without

the advice of his council, and that first I must *lumos kelmin pesso desmar lon emposo*;" that is, swear a peace with him and his kingdom. However, that I should be used with all kindness. And he advised me to "acquire, by my patience and discreet behaviour, the good opinion of himself and his subjects." He desired "I would not take it ill, if he gave orders to certain proper officers to search me; for probably I might carry about me several weapons, which must needs be dangerous things, if they answered the bulk of so prodigious a person." I said, "His majesty should be satisfied; for I was ready to strip myself, and turn up my pockets before him." This I delivered part in words, and part in signs. He replied, "that, by the laws of the kingdom, I must be searched by two of his officers; that he knew this could not be done without my consent and assistance; and he had so good an opinion of my generosity and justice, as to trust their persons in my hands; that whatever they took from me, should be returned when I left the country, or paid for at the rate which I would set upon them." I took up the two officers in my hands, put them first into my coat-pockets, and then into every other pocket about me, except my two fobs, and another secret pocket, which I had no mind should be searched, wherein I had some little necessaries that were of no consequence to any but myself. In one of my fobs there was a silver watch,

and in the other a small quantity of gold in a purse. These gentlemen, having pen, ink, and paper, about them, made an exact inventory of every thing they saw; and when they had done, desired I would set them down, that they might deliver it to the emperor. This inventory I afterwards translated into English, and is, word for word, as follows:

*“Imprimis: In the right coat-pocket of the great man-mountain”* (for so I interpret the words *quinbus flestrin,*) “after the strictest search, we found only one great piece of coarse-cloth, large enough to be a foot-cloth for your majesty’s chief room of state. In the left pocket we saw a huge silver chest, with a cover of the same metal, which we, the searchers, were not able to lift. We desired it should be opened, and one of us stepping into it, found himself up to the mid leg in a sort of dust, some part whereof flying up to our faces set us both a sneezing for several times together. In his right waistcoat-pocket we found a prodigious bundle of white thin substances, folded one over another, about the bigness of three men, tied with a strong cable, and marked with black figures; which we humbly conceive to be writings, every letter almost half as large as the palm of our hands. In the left there was a sort of engine,



from the back of which were extended twenty long poles, resembling the pallisados before your majesty's court: wherewith we conjecture the man-mountain combs his head; for we did not always trouble him with questions, because we found it a great difficulty to make him understand us. In the large pocket, on the right side of his middle cover" (so I translate the word *ranfulo*, by which they meant my breeches,) "we saw a hollow pillar of iron, about the length of a man, fastened to a strong piece of timber larger than the pillar; and upon one side of the pillar, were huge pieces of iron sticking out, cut into strange figures, which we know not what to make of. In the left pocket, another engine of the same kind. In the smaller pocket on the right side, were several round flat pieces of white and red metal, of different bulk; some of the white, which seemed to be silver, were so large and heavy, that my comrade and I could hardly lift them. In the left pocket were two black pillars irregularly shaped: we could not, without difficulty, reach the top of them, as we stood at the bottom of his pocket. One of them was covered, and seemed all of a piece: but at the upper end of the other there appeared a white round substance, about twice the bigness of our heads. Within each of

these was enclosed a prodigious plate of steel; which, by our orders, we obliged him to show us, because we apprehended they might be dangerous engines. He took them out of their cases, and told us, that in his own country his practice was to shave his beard with one of these, and cut his meat with the other. There were two pockets which we could not enter: these he called his fobs; they were two large slits cut into the top of his middle cover, but squeezed close by the pressure of his belly. Out of the right fob hung a great silver chain, with a wonderful kind of engine at the bottom. We directed him to draw out whatever was at the end of that chain; which appeared to be a globe, half silver, and half of some transparent metal; for, on the transparent side, we saw certain strange figures circularly drawn, and thought we could touch them, till we found our fingers stopped by the lucid substance. He put this engine into our ears, which made an incessant noise, like that of a water-mill: and we conjecture it is either some unknown animal, or the god that he worships; but we are more inclined to the latter opinion, because he assured us, (if we understood him right, for he expressed himself very imperfectly) that he seldom did any thing without consulting it. He

called it his oracle, and said, it pointed out the time for every action of his life. From the left fob he took out a net almost large enough for a fisherman, but contrived to open and shut like a purse, and served him for the same use: we found therein several massy pieces of yellow metal, which, if they be real gold, must be of immense value.

“Having thus, in obedience to your majesty’s commands, diligently searched all his pockets, we observed a girdle about his waist made of the hide of some prodigious animal, from which, on the left side, hung a sword of the length of five men; and on the right, a bag or pouch divided into two cells, each cell capable of holding three of your majesty’s subjects. In one of these cells were several globes, or balls, of a most ponderous metal, about the bigness of our heads, and requiring a strong hand to lift them: the other cell contained a heap of certain black grains, but of no great bulk or weight, for we could hold above fifty of them in the palms of our hands.

“This is an exact inventory of what we found about the body of the man-mountain, who used us with great civility, and due respect to your majesty’s commission.

Signed and sealed on the fourth day of the eighty-ninth moon of your majesty's auspicious reign.

CLEFRIN FRELOCK, MARSI FRELOCK."

When this inventory was read over to the emperor, he directed me, although in very gentle terms, to deliver up the several particulars. He first called for my scimitar, which I took out, scabbard and all. In the mean time he ordered three thousand of his choicest troops (who then attended him) to surround me at a distance, with their bows and arrows just ready to discharge; but I did not observe it, for mine eyes were wholly fixed upon his majesty. He then desired me to draw my scimitar, which, although it had got some rust by the sea water, was, in most parts, exceeding bright. I did so, and immediately all the troops gave a shout between terror and surprise; for the sun shone clear, and the reflection dazzled their eyes, as I waved the scimitar to and fro in my hand. His majesty, who is a most magnanimous prince, was less daunted than I could expect: he ordered me to return it into the scabbard, and cast it on the ground as gently as I could, about six feet from the end of my chain. The next thing he demanded was one of the hollow iron pillars; by which he meant my pocket pistols. I drew it out,

and at his desire, as well as I could, expressed to him the use of it; and charging it only with powder, which, by the closeness of my pouch, happened to escape wetting in the sea (an inconvenience against which all prudent mariners take special care to provide,) I first cautioned the emperor not to be afraid, and then I let it off in the air. The astonishment here was much greater than at the sight of my scimitar. Hundreds fell down as if they had been struck dead; and even the emperor, although he stood his ground, could not recover himself for some time. I delivered up both my pistols in the same manner as I had done my scimitar, and then my pouch of powder and bullets; begging him that the former might be kept from fire, for it would kindle with the smallest spark, and blow up his imperial palace into the air. I likewise delivered up my watch, which the emperor was very curious to see, and commanded two of his tallest yeomen of the guards to bear it on a pole upon their shoulders, as draymen in England do a barrel of ale. He was amazed at the continual noise it made, and the motion of the minute-hand, which he could easily discern; for their sight is much more acute than ours: he asked the opinions of his learned men about it, which were various and remote, as the reader may well imagine without my repeating; although indeed I could not very perfectly understand them. I then gave

up my silver and copper money, my purse, with nine large pieces of gold, and some smaller ones; my knife and razor, my comb and silver snuff-box, my handkerchief and journal-book. My scimitar, pistols, and pouch, were conveyed in carriages to his majesty's stores; but the rest of my goods were returned me.

I had as I before observed, one private pocket, which escaped their search, wherein there was a pair of spectacles (which I sometimes use for the weakness of mine eyes,) a pocket perspective, and some other little conveniences; which, being of no consequence to the emperor, I did not think myself bound in honour to discover, and I apprehended they might be lost or spoiled if I ventured them out of my possession.

## CHAPTER III

*The author diverts the emperor, and his nobility of both sexes, in a very uncommon manner. The diversions of the court of Lilliput described. The author has his liberty granted him upon certain conditions.*

**M**y gentleness and good behaviour had gained so far on the emperor and his court, and indeed upon the army and people in general, that I began to conceive hopes of getting my liberty in a short time. I took all possible methods to cultivate this favourable disposition. The natives came, by degrees, to be less apprehensive of any danger from me. I would sometimes lie down, and let five or six of them dance on my hand; and at last the boys and girls would venture to come and play at hide-and-seek in my hair. I had now made a good progress in understanding and speaking the language. The emperor had a mind one day to entertain me with several of the country shows, wherein they exceed all nations I have known, both for dexterity and magnificence. I was diverted with none so much as that of

the rope-dancers, performed upon a slender white thread, extended about two feet, and twelve inches from the ground. Upon which I shall desire liberty, with the reader's patience, to enlarge a little.

This diversion is only practised by those persons who are candidates for great employments, and high favour at court. They are trained in this art from their youth, and are not always of noble birth, or liberal education. When a great office is vacant, either by death or disgrace (which often happens,) five or six of those candidates petition the emperor to entertain his majesty and the court with a dance on the rope; and whoever jumps the highest, without falling, succeeds in the office. Very often the chief ministers themselves are commanded to show their skill, and to convince the emperor that they have not lost their faculty. Flimnap, the treasurer, is allowed to cut a caper on the straight rope, at least an inch higher than any other lord in the whole empire. I have seen him do the summerset several times together, upon a trencher fixed on a rope which is no thicker than a common packthread in England. My friend Reldresal, principal secretary for private affairs, is, in my opinion, if I am not partial, the second after the treasurer; the rest of the great officers are much upon a par.



These diversions are often attended with fatal accidents, whereof great numbers are on record. I myself have seen two or three candidates break a limb. But the danger is much greater, when the ministers themselves are commanded to show their dexterity; for, by contending to excel themselves and their fellows, they strain so far that there is hardly one of them who has not received a fall, and some of them two or three. I was assured that, a year or two before my arrival, Flimnap would infallibly have broke his neck, if one of the king's cushions, that accidentally lay on the ground, had not weakened the force of his fall.

There is likewise another diversion, which is only shown before the emperor and empress, and first minister, upon particular occasions. The emperor lays on the table three fine silken threads of six inches long; one is blue, the other red, and the third green. These threads are proposed as prizes for those persons whom the emperor has a mind to distinguish by a peculiar mark of his favour. The ceremony is performed in his majesty's great chamber of state, where the candidates are to undergo a trial of dexterity very different from the former, and such as I have not observed the least resemblance of in any other country of the new or old world. The emperor holds a stick in his hands, both ends parallel to the horizon, while the candidates advancing, one by one,

sometimes leap over the stick, sometimes creep under it, backward and forward, several times, according as the stick is advanced or depressed. Sometimes the emperor holds one end of the stick, and his first minister the other; sometimes the minister has it entirely to himself. Whoever performs his part with most agility, and holds out the longest in leaping and creeping, is rewarded with the blue-coloured silk; the red is given to the next, and the green to the third, which they all wear girt twice round about the middle; and you see few great persons about this court who are not adorned with one of these girdles.

The horses of the army, and those of the royal stables, having been daily led before me, were no longer shy, but would come up to my very feet without starting. The riders would leap them over my hand, as I held it on the ground; and one of the emperor's huntsmen, upon a large courser, took my foot, shoe and all; which was indeed a prodigious leap. I had the good fortune to divert the emperor one day after a very extraordinary manner. I desired he would order several sticks of two feet high, and the thickness of an ordinary cane, to be brought me; whereupon his majesty commanded the master of his woods to give directions accordingly; and the next morning six woodmen arrived with as many carriages, drawn by eight horses to each. I took nine of these sticks,

and fixing them firmly in the ground in a quadrangular figure, two feet and a half square, I took four other sticks, and tied them parallel at each corner, about two feet from the ground; then I fastened my handkerchief to the nine sticks that stood erect; and extended it on all sides, till it was tight as the top of a drum; and the four parallel sticks, rising about five inches higher than the handkerchief, served as ledges on each side. When I had finished my work, I desired the emperor to let a troop of his best horses twenty-four in number, come and exercise upon this plain. His majesty approved of the proposal, and I took them up, one by one, in my hands, ready mounted and armed, with the proper officers to exercise them. As soon as they got into order they divided into two parties, performed mock skirmishes, discharged blunt arrows, drew their swords, fled and pursued, attacked and retired, and in short discovered the best military discipline I ever beheld. The parallel sticks secured them and their horses from falling over the stage; and the emperor was so much delighted, that he ordered this entertainment to be repeated several days, and once was pleased to be lifted up and give the word of command; and with great difficulty persuaded even the empress herself to let me hold her in her close chair within two yards of the stage, when she was able to take a full view of the whole performance. It was

my good fortune, that no ill accident happened in these entertainments; only once a fiery horse, that belonged to one of the captains, pawing with his hoof, struck a hole in my handkerchief, and his foot slipping, he overthrew his rider and himself; but I immediately relieved them both, and covering the hole with one hand, I set down the troop with the other, in the same manner as I took them up. The horse that fell was strained in the left shoulder, but the rider got no hurt; and I repaired my handkerchief as well as I could: however, I would not trust to the strength of it any more, in such dangerous enterprises.

About two or three days before I was set at liberty, as I was entertaining the court with this kind of feat, there arrived an express to inform his majesty, that some of his subjects, riding near the place where I was first taken up, had seen a great black substance lying on the ground, very oddly shaped, extending its edges round, as wide as his majesty's bedchamber, and rising up in the middle as high as a man; that it was no living creature, as they at first apprehended, for it lay on the grass without motion; and some of them had walked round it several times; that, by mounting upon each other's shoulders, they had got to the top, which was flat and even, and, stamping upon it, they found that it was hollow within; that they humbly conceived it might be something

belonging to the man-mountain; and if his majesty pleased, they would undertake to bring it with only five horses. I presently knew what they meant, and was glad at heart to receive this intelligence. It seems, upon my first reaching the shore after our shipwreck, I was in such confusion, that before I came to the place where I went to sleep, my hat, which I had fastened with a string to my head while I was rowing, and had stuck on all the time I was swimming, fell off after I came to land; the string, as I conjecture, breaking by some accident, which I never observed, but thought my hat had been lost at sea. I entreated his imperial majesty to give orders it might be brought to me as soon as possible, describing to him the use and the nature of it: and the next day the waggoners arrived with it, but not in a very good condition; they had bored two holes in the brim, within an inch and half of the edge, and fastened two hooks in the holes; these hooks were tied by a long cord to the harness, and thus my hat was dragged along for above half an English mile; but, the ground in that country being extremely smooth and level, it received less damage than I expected.

Two days after this adventure, the emperor, having ordered that part of his army which quarters in and about his metropolis, to be in readiness, took a fancy of diverting himself in a very singular manner. He desired I would stand

like a Colossus, with my legs as far asunder as I conveniently could. He then commanded his general (who was an old experienced leader, and a great patron of mine) to draw up the troops in close order, and march them under me; the foot by twenty-four abreast, and the horse by sixteen, with drums beating, colours flying, and pikes advanced. This body consisted of three thousand foot, and a thousand horse. His majesty gave orders, upon pain of death, that every soldier in his march should observe the strictest decency with regard to my person; which however could not prevent some of the younger officers from turning up their eyes as they passed under me: and, to confess the truth, my breeches were at that time in so ill a condition, that they afforded some opportunities for laughter and admiration.

I had sent so many memorials and petitions for my liberty, that his majesty at length mentioned the matter, first in the cabinet, and then in a full council; where it was opposed by none, except Skyresh Bolgolam, who was pleased, without any provocation, to be my mortal enemy. But it was carried against him by the whole board, and confirmed by the emperor. That minister was *galbet*, or admiral of the realm, very much in his master's confidence, and a person well versed in affairs, but of a morose and sour complexion. However, he was at length persuaded to comply; but prevailed

that the articles and conditions upon which I should be set free, and to which I must swear, should be drawn up by himself. These articles were brought to me by Skyresh Bolgolam in person attended by two under-secretaries, and several persons of distinction. After they were read, I was demanded to swear to the performance of them; first in the manner of my own country, and afterwards in the method prescribed by their laws; which was, to hold my right foot in my left hand, and to place the middle finger of my right hand on the crown of my head, and my thumb on the tip of my right ear. But because the reader may be curious to have some idea of the style and manner of expression peculiar to that people, as well as to know the article upon which I recovered my liberty, I have made a translation of the whole instrument, word for word, as near as I was able, which I here offer to the public.

“Golbasto Momarem Evlame Gurdilo Shefin Mully Ullly Gue, most mighty Emperor of Lilliput, delight and terror of the universe, whose dominions extend five thousand *blustrugs* (about twelve miles in circumference) to the extremities of the globe; monarch of all monarchs, taller than the sons of men; whose feet press down to the centre, and whose head strikes against the sun; at whose nod the princes of the earth shake their knees; pleasant as the spring, comfortable

as the summer, fruitful as autumn, dreadful as winter: his most sublime majesty proposes to the man-mountain, lately arrived at our celestial dominions, the following articles, which, by a solemn oath, he shall be obliged to perform:—

“1st, The man-mountain shall not depart from our dominions, without our license under our great seal.

“2d, He shall not presume to come into our metropolis, without our express order; at which time, the inhabitants shall have two hours warning to keep within doors.

“3d, The said man-mountain shall confine his walks to our principal high roads, and not offer to walk, or lie down, in a meadow or field of corn.

“4th, As he walks the said roads, he shall take the utmost care not to trample upon the bodies of any of our loving subjects, their horses, or carriages, nor take any of our subjects into his hands without their own consent.

“5th, If an express requires extraordinary despatch, the man-mountain shall be obliged to carry, in his pocket, the messenger and horse a six days journey, once in every moon, and return the said messenger back (if so required) safe to our imperial presence.

“6th, He shall be our ally against our enemies in the island of Blefuscu, and do his utmost to destroy their fleet, which is now preparing to invade us.



“7th, That the said man-mountain shall, at his times of leisure, be aiding and assisting to our workmen, in helping to raise certain great stones, towards covering the wall of the principal park, and other our royal buildings.

“8th, That the said man-mountain shall, in two moons’ time, deliver in an exact survey of the circumference of our dominions, by a computation of his own paces round the coast.

“Lastly, That, upon his solemn oath to observe all the above articles, the said man-mountain shall have a daily allowance of meat and drink sufficient for the support of 1724 of our subjects, with free access to our royal person, and other marks of our favour. Given at our palace at Belfaborac, the twelfth day of the ninety-first moon of our reign.”

I swore and subscribed to these articles with great cheerfulness and content, although some of them were not so honourable as I could have wished; which proceeded wholly from the malice of Skyresh Bolgolam, the high-admiral: whereupon my chains were immediately unlocked, and I was at full liberty. The emperor himself, in person, did me the honour to be by at the whole ceremony. I made my acknowledgements by prostrating myself at his majesty’s feet: but he commanded me to rise; and after many gracious expressions, which, to avoid the censure of vanity, I shall

not repeat, he added, “that he hoped I should prove a useful servant, and well deserve all the favours he had already conferred upon me, or might do for the future.”

The reader may please to observe, that, in the last article of the recovery of my liberty, the emperor stipulates to allow me a quantity of meat and drink sufficient for the support of 1724 Lilliputians. Some time after, asking a friend at court how they came to fix on that determinate number, he told me that his majesty’s mathematicians, having taken the height of my body by the help of a quadrant, and finding it to exceed theirs in the proportion of twelve to one, they concluded from the similarity of their bodies, that mine must contain at least 1724 of theirs, and consequently would require as much food as was necessary to support that number of Lilliputians. By which the reader may conceive an idea of the ingenuity of that people, as well as the prudent and exact economy of so great a prince.

## CHAPTER IV

*Mildendo, the metropolis of Lilliput, described, together with the emperor's palace. A conversation between the author and a principal secretary, concerning the affairs of that empire. The author's offers to serve the emperor in his wars.*

**T**he first request I made, after I had obtained my liberty, was, that I might have license to see Mildendo, the metropolis; which the emperor easily granted me, but with a special charge to do no hurt either to the inhabitants or their houses. The people had notice, by proclamation, of my design to visit the town. The wall which encompassed it is two feet and a half high, and at least eleven inches broad, so that a coach and horses may be driven very safely round it; and it is flanked with strong towers at ten feet distance. I stepped over the great western gate, and passed very gently, and sidling, through the two principal streets, only in my short waistcoat, for fear of damaging the roofs and eaves of the houses with the skirts of my coat. I walked with the utmost circumspection, to avoid treading on

any stragglers who might remain in the streets, although the orders were very strict, that all people should keep in their houses, at their own peril. The garret windows and tops of houses were so crowded with spectators, that I thought in all my travels I had not seen a more populous place. The city is an exact square, each side of the wall being five hundred feet long. The two great streets, which run across and divide it into four quarters, are five feet wide. The lanes and alleys, which I could not enter, but only view them as I passed, are from twelve to eighteen inches. The town is capable of holding five hundred thousand souls: the houses are from three to five stories: the shops and markets well provided.

The emperor's palace is in the centre of the city where the two great streets meet. It is enclosed by a wall of two feet high, and twenty feet distance from the buildings. I had his majesty's permission to step over this wall; and, the space being so wide between that and the palace, I could easily view it on every side. The outward court is a square of forty feet, and includes two other courts: in the inmost are the royal apartments, which I was very desirous to see, but found it extremely difficult; for the great gates, from one square into another, were but eighteen inches high, and seven inches wide. Now the buildings of the outer court were at least five feet high, and it was impossible for me to

stride over them without infinite damage to the pile, though the walls were strongly built of hewn stone, and four inches thick. At the same time the emperor had a great desire that I should see the magnificence of his palace; but this I was not able to do till three days after, which I spent in cutting down with my knife some of the largest trees in the royal park, about a hundred yards distant from the city. Of these trees I made two stools, each about three feet high, and strong enough to bear my weight. The people having received notice a second time, I went again through the city to the palace with my two stools in my hands. When I came to the side of the outer court, I stood upon one stool, and took the other in my hand; this I lifted over the roof, and gently set it down on the space between the first and second court, which was eight feet wide. I then stept over the building very conveniently from one stool to the other, and drew up the first after me with a hooked stick. By this contrivance I got into the inmost court; and, lying down upon my side, I applied my face to the windows of the middle stories, which were left open on purpose, and discovered the most splendid apartments that can be imagined. There I saw the empress and the young princes, in their several lodgings, with their chief attendants about them. Her imperial majesty was

pleased to smile very graciously upon me, and gave me out of the window her hand to kiss.

But I shall not anticipate the reader with further descriptions of this kind, because I reserve them for a greater work, which is now almost ready for the press; containing a general description of this empire, from its first erection, through along series of princes; with a particular account of their wars and politics, laws, learning, and religion; their plants and animals; their peculiar manners and customs, with other matters very curious and useful; my chief design at present being only to relate such events and transactions as happened to the public or to myself during a residence of about nine months in that empire.

One morning, about a fortnight after I had obtained my liberty, Reldresal, principal secretary (as they style him) for private affairs, came to my house attended only by one servant. He ordered his coach to wait at a distance, and desired I would give him an hours audience; which I readily consented to, on account of his quality and personal merits, as well as of the many good offices he had done me during my solicitations at court. I offered to lie down that he might the more conveniently reach my ear, but he chose rather to let me hold him in my hand during our conversation. He began with compliments on my liberty; said “he might pretend to

some merit in it;" but, however, added, "that if it had not been for the present situation of things at court, perhaps I might not have obtained it so soon. For," said he, "as flourishing a condition as we may appear to be in to foreigners, we labour under two mighty evils: a violent faction at home, and the danger of an invasion, by a most potent enemy, from abroad. As to the first, you are to understand, that for about seventy moons past there have been two struggling parties in this empire, under the names of *Tramecksan* and *Slamecksan*, from the high and low heels of their shoes, by which they distinguish themselves. It is alleged, indeed, that the high heels are most agreeable to our ancient constitution; but, however this be, his majesty has determined to make use only of low heels in the administration of the government, and all offices in the gift of the crown, as you cannot but observe; and particularly that his majesty's imperial heels are lower at least by a *drurr* than any of his court (*drurr* is a measure about the fourteenth part of an inch). The animosities between these two parties run so high, that they will neither eat, nor drink, nor talk with each other. We compute the *Tramecksan*, or high heels, to exceed us in number; but the power is wholly on our side. We apprehend his imperial highness, the heir to the crown, to have some tendency towards the high heels; at least we can plainly discover that one of his

heels is higher than the other, which gives him a hobble in his gait. Now, in the midst of these intestine disquiets, we are threatened with an invasion from the island of Blefuscu, which is the other great empire of the universe, almost as large and powerful as this of his majesty. For as to what we have heard you affirm, that there are other kingdoms and states in the world inhabited by human creatures as large as yourself, our philosophers are in much doubt, and would rather conjecture that you dropped from the moon, or one of the stars; because it is certain, that a hundred mortals of your bulk would in a short time destroy all the fruits and cattle of his majesty's dominions: besides, our histories of six thousand moons make no mention of any other regions than the two great empires of Lilliput and Blefuscu. Which two mighty powers have, as I was going to tell you, been engaged in a most obstinate war for six-and-thirty moons past. It began upon the following occasion. It is allowed on all hands, that the primitive way of breaking eggs, before we eat them, was upon the larger end; but his present majesty's grandfather, while he was a boy, going to eat an egg, and breaking it according to the ancient practice, happened to cut one of his fingers. Whereupon the emperor his father published an edict, commanding all his subjects, upon great penalties, to break the smaller end of their eggs. The people



so highly resented this law, that our histories tell us, there have been six rebellions raised on that account; wherein one emperor lost his life, and another his crown. These civil commotions were constantly fomented by the monarchs of Blefuscu; and when they were quelled, the exiles always fled for refuge to that empire. It is computed that eleven thousand persons have at several times suffered death, rather than submit to break their eggs at the smaller end. Many hundred large volumes have been published upon this controversy: but the books of the Big-endians have been long forbidden, and the whole party rendered incapable by law of holding employments. During the course of these troubles, the emperors of Blefusca did frequently expostulate by their ambassadors, accusing us of making a schism in religion, by offending against a fundamental doctrine of our great prophet Lustrog, in the fifty-fourth chapter of the Blundecral (which is their Alcoran). This, however, is thought to be a mere strain upon the text; for the words are these: 'that all true believers break their eggs at the convenient end.' And which is the convenient end, seems, in my humble opinion to be left to every man's conscience, or at least in the power of the chief magistrate to determine. Now, the Big-endian exiles have found so much credit in the emperor of Blefuscu's court, and so much private assistance and encouragement

from their party here at home, that a bloody war has been carried on between the two empires for six-and-thirty moons, with various success; during which time we have lost forty capital ships, and a much a greater number of smaller vessels, together with thirty thousand of our best seamen and soldiers; and the damage received by the enemy is reckoned to be somewhat greater than ours. However, they have now equipped a numerous fleet, and are just preparing to make a descent upon us; and his imperial majesty, placing great confidence in your valour and strength, has commanded me to lay this account of his affairs before you.”

I desired the secretary to present my humble duty to the emperor; and to let him know, “that I thought it would not become me, who was a foreigner, to interfere with parties; but I was ready, with the hazard of my life, to defend his person and state against all invaders.”

## CHAPTER V

*The author, by an extraordinary stratagem, prevents an invasion. A high title of honour is conferred upon him. Ambassadors arrive from the emperor of Blefuscu, and sue for peace. The empress's apartment on fire by an accident; the author instrumental in saving the rest of the palace.*

**T**he empire of Blefuscu is an island situated to the north-east of Lilliput, from which it is parted only by a channel of eight hundred yards wide. I had not yet seen it, and upon this notice of an intended invasion, I avoided appearing on that side of the coast, for fear of being discovered, by some of the enemy's ships, who had received no intelligence of me; all intercourse between the two empires having been strictly forbidden during the war, upon pain of death, and an embargo laid by our emperor upon all vessels whatsoever. I communicated to his majesty a project I had formed of seizing the enemy's whole fleet; which, as our scouts assured us, lay at anchor in the harbour, ready to sail with the first fair wind. I consulted the most

experienced seamen upon the depth of the channel, which they had often plumbed; who told me, that in the middle, at high-water, it was seventy *glumgluffs* deep, which is about six feet of European measure; and the rest of it fifty *glumgluffs* at most. I walked towards the north-east coast, over against Blefuscu, where, lying down behind a hillock, I took out my small perspective glass, and viewed the enemy's fleet at anchor, consisting of about fifty men of war, and a great number of transports: I then came back to my house, and gave orders (for which I had a warrant) for a great quantity of the strongest cable and bars of iron. The cable was about as thick as packthread and the bars of the length and size of a knitting-needle. I trebled the cable to make it stronger, and for the same reason I twisted three of the iron bars together, bending the extremities into a hook. Having thus fixed fifty hooks to as many cables, I went back to the north-east coast, and putting off my coat, shoes, and stockings, walked into the sea, in my leathern jerkin, about half an hour before high water. I waded with what haste I could, and swam in the middle about thirty yards, till I felt ground. I arrived at the fleet in less than half an hour. The enemy was so frightened when they saw me, that they leaped out of their ships, and swam to shore, where there could not be fewer than thirty thousand souls. I then took my tackling, and, fastening a

hook to the hole at the prow of each, I tied all the cords together at the end. While I was thus employed, the enemy discharged several thousand arrows, many of which stuck in my hands and face, and, beside the excessive smart, gave me much disturbance in my work. My greatest apprehension was for mine eyes, which I should have infallibly lost, if I had not suddenly thought of an expedient. I kept, among other little necessaries, a pair of spectacles in a private pocket, which, as I observed before, had escaped the emperor's searchers. These I took out and fastened as strongly as I could upon my nose, and thus armed, went on boldly with my work, in spite of the enemy's arrows, many of which struck against the glasses of my spectacles, but without any other effect, further than a little to discompose them. I had now fastened all the hooks, and, taking the knot in my hand, began to pull; but not a ship would stir, for they were all too fast held by their anchors, so that the boldest part of my enterprise remained. I therefore let go the cord, and leaving the hooks fixed to the ships, I resolutely cut with my knife the cables that fastened the anchors, receiving about two hundred shots in my face and hands; then I took up the knotted end of the cables, to which my hooks were tied, and with great ease drew fifty of the enemy's largest men of war after me.

The Blefuscudians, who had not the least imagination of what I intended, were at first confounded with astonishment. They had seen me cut the cables, and thought my design was only to let the ships run adrift or fall foul on each other: but when they perceived the whole fleet moving in order, and saw me pulling at the end, they set up such a scream of grief and despair as it is almost impossible to describe or conceive. When I had got out of danger, I stopped awhile to pick out the arrows that stuck in my hands and face; and rubbed on some of the same ointment that was given me at my first arrival, as I have formerly mentioned. I then took off my spectacles, and waiting about an hour, till the tide was a little fallen, I waded through the middle with my cargo, and arrived safe at the royal port of Lilliput.

The emperor and his whole court stood on the shore, expecting the issue of this great adventure. They saw the ships move forward in a large half-moon, but could not discern me, who was up to my breast in water. When I advanced to the middle of the channel, they were yet more in pain, because I was under water to my neck. The emperor concluded me to be drowned, and that the enemy's fleet was approaching in a hostile manner: but he was soon eased of his fears; for the channel growing shallower every step I made, I came in a short time within hearing, and holding up the

end of the cable, by which the fleet was fastened, I cried in a loud voice, "Long live the most puissant king of Lilliput!" This great prince received me at my landing with all possible encomiums, and created me a *nardac* upon the spot, which is the highest title of honour among them.

His majesty desired I would take some other opportunity of bringing all the rest of his enemy's ships into his ports. And so unmeasurable is the ambition of princes, that he seemed to think of nothing less than reducing the whole empire of Blefuscu into a province, and governing it, by a viceroy; of destroying the Big-endian exiles, and compelling that people to break the smaller end of their eggs, by which he would remain the sole monarch of the whole world. But I endeavoured to divert him from this design, by many arguments drawn from the topics of policy as well as justice; and I plainly protested, "that I would never be an instrument of bringing a free and brave people into slavery." And, when the matter was debated in council, the wisest part of the ministry were of my opinion.

This open bold declaration of mine was so opposite to the schemes and politics of his imperial majesty, that he could never forgive me. He mentioned it in a very artful manner at council, where I was told that some of the wisest appeared, at least by their silence, to be of my opinion; but

others, who were my secret enemies, could not forbear some expressions which, by a side-wind, reflected on me. And from this time began an intrigue between his majesty and a junto of ministers, maliciously bent against me, which broke out in less than two months, and had like to have ended in my utter destruction. Of so little weight are the greatest services to princes, when put into the balance with a refusal to gratify their passions.

About three weeks after this exploit, there arrived a solemn embassy from Blefuscu, with humble offers of a peace, which was soon concluded, upon conditions very advantageous to our emperor, wherewith I shall not trouble the reader. There were six ambassadors, with a train of about five hundred persons, and their entry was very magnificent, suitable to the grandeur of their master, and the importance of their business. When their treaty was finished, wherein I did them several good offices by the credit I now had, or at least appeared to have, at court, their excellencies, who were privately told how much I had been their friend, made me a visit in form. They began with many compliments upon my valour and generosity, invited me to that kingdom in the emperor their master's name, and desired me to show them some proofs of my prodigious strength, of which they had



heard so many wonders; wherein I readily obliged them, but shall not trouble the reader with the particulars.

When I had for some time entertained their excellencies, to their infinite satisfaction and surprise, I desired they would do me the honour to present my most humble respects to the emperor their master, the renown of whose virtues had so justly filled the whole world with admiration, and whose royal person I resolved to attend, before I returned to my own country. Accordingly, the next time I had the honour to see our emperor, I desired his general license to wait on the Blefusudian monarch, which he was pleased to grant me, as I could perceive, in a very cold manner; but could not guess the reason, till I had a whisper from a certain person, “that Flimnap and Bolgolam had represented my intercourse with those ambassadors as a mark of disaffection;” from which I am sure my heart was wholly free. And this was the first time I began to conceive some imperfect idea of courts and ministers.

It is to be observed, that these ambassadors spoke to me, by an interpreter, the languages of both empires differing as much from each other as any two in Europe, and each nation priding itself upon the antiquity, beauty, and energy of their own tongue, with an avowed contempt for that of their neighbour; yet our emperor, standing upon the

advantage he had got by the seizure of their fleet, obliged them to deliver their credentials, and make their speech, in the Lilliputian tongue. And it must be confessed, that from the great intercourse of trade and commerce between both realms, from the continual reception of exiles which is mutual among them, and from the custom, in each empire, to send their young nobility and richer gentry to the other, in order to polish themselves by seeing the world, and understanding men and manners; there are few persons of distinction, or merchants, or seamen, who dwell in the maritime parts, but what can hold conversation in both tongues; as I found some weeks after, when I went to pay my respects to the emperor of Blefuscu, which, in the midst of great misfortunes, through the malice of my enemies, proved a very happy adventure to me, as I shall relate in its proper place.

The reader may remember, that when I signed those articles upon which I recovered my liberty, there were some which I disliked, upon account of their being too servile; neither could anything but an extreme necessity have forced me to submit. But being now a *nardac* of the highest rank in that empire, such offices were looked upon as below my dignity, and the emperor (to do him justice), never once mentioned them to me. However, it was not long before I had an opportunity of doing his majesty, at least as I then

thought, a most signal service. I was alarmed at midnight with the cries of many hundred people at my door; by which, being suddenly awaked, I was in some kind of terror. I heard the word *Burglum* repeated incessantly: several of the emperor's court, making their way through the crowd, entreated me to come immediately to the palace, where her imperial majesty's apartment was on fire, by the carelessness of a maid of honour, who fell asleep while she was reading a romance. I got up in an instant; and orders being given to clear the way before me, and it being likewise a moonshine night, I made a shift to get to the palace without trampling on any of the people. I found they had already applied ladders to the walls of the apartment, and were well provided with buckets, but the water was at some distance. These buckets were about the size of large thimbles, and the poor people supplied me with them as fast as they could: but the flame was so violent that they did little good. I might easily have stifled it with my coat, which I unfortunately left behind me for haste, and came away only in my leathern jerkin. The case seemed wholly desperate and deplorable; and this magnificent palace would have infallibly been burnt down to the ground, if, by a presence of mind unusual to me, I had not suddenly thought of an expedient. I had, the evening before, drunk plentifully of a most delicious wine called *glimigrim*,

(the Blefuscudians call it *flunec*, but ours is esteemed the better sort,) which is very diuretic. By the luckiest chance in the world, I had not discharged myself of any part of it. The heat I had contracted by coming very near the flames, and by labouring to quench them, made the wine begin to operate by urine; which I voided in such a quantity, and applied so well to the proper places, that in three minutes the fire was wholly extinguished, and the rest of that noble pile, which had cost so many ages in erecting, preserved from destruction.

It was now day-light, and I returned to my house without waiting to congratulate with the emperor: because, although I had done a very eminent piece of service, yet I could not tell how his majesty might resent the manner by which I had performed it: for, by the fundamental laws of the realm, it is capital in any person, of what quality soever, to make water within the precincts of the palace. But I was a little comforted by a message from his majesty, “that he would give orders to the grand justiciary for passing my pardon in form:” which, however, I could not obtain; and I was privately assured, “that the empress, conceiving the greatest abhorrence of what I had done, removed to the most distant side of the court, firmly resolved that those buildings

should never be repaired for her use: and, in the presence of her chief confidants could not forbear vowing revenge.”

## CHAPTER VI

*Of the inhabitants of Lilliput; their learning, laws, and customs; the manner of educating their children.*

*The author's way of living in that country. His vindication of a great lady.*

**A**lthough I intend to leave the description of this empire to a particular treatise, yet, in the mean time, I am content to gratify the curious reader with some general ideas. As the common size of the natives is somewhat under six inches high, so there is an exact proportion in all other animals, as well as plants and trees: for instance, the tallest horses and oxen are between four and five inches in height, the sheep an inch and half, more or less: their geese about the bigness of a sparrow, and so the several gradations downwards till you come to the smallest, which to my sight, were almost invisible; but nature has adapted the eyes of the Lilliputians to all objects proper for their view: they see with great exactness, but at no great distance. And, to show the sharpness of their sight towards objects that are near, I have been much pleased with

observing a cook pulling a lark, which was not so large as a common fly; and a young girl threading an invisible needle with invisible silk. Their tallest trees are about seven feet high: I mean some of those in the great royal park, the tops whereof I could but just reach with my fist clenched. The other vegetables are in the same proportion; but this I leave to the reader's imagination.

I shall say but little at present of their learning, which, for many ages, has flourished in all its branches among them: but their manner of writing is very peculiar, being neither from the left to the right, like the Europeans, nor from the right to the left, like the Arabians, nor from up to down, like the Chinese, but aslant, from one corner of the paper to the other, like ladies in England.

They bury their dead with their heads directly downward, because they hold an opinion, that in eleven thousand moons they are all to rise again; in which period the earth (which they conceive to be flat) will turn upside down, and by this means they shall, at their resurrection, be found ready standing on their feet. The learned among them confess the absurdity of this doctrine; but the practice still continues, in compliance to the vulgar.

There are some laws and customs in this empire very peculiar; and if they were not so directly contrary to those of

my own dear country, I should be tempted to say a little in their justification. It is only to be wished they were as well executed. The first I shall mention, relates to informers. All crimes against the state, are punished here with the utmost severity; but, if the person accused makes his innocence plainly to appear upon his trial, the accuser is immediately put to an ignominious death; and out of his goods or lands the innocent person is quadruply recompensed for the loss of his time, for the danger he underwent, for the hardship of his imprisonment, and for all the charges he has been at in making his defence; or, if that fund be deficient, it is largely supplied by the crown. The emperor also confers on him some public mark of his favour, and proclamation is made of his innocence through the whole city.

They look upon fraud as a greater crime than theft, and therefore seldom fail to punish it with death; for they allege, that care and vigilance, with a very common understanding, may preserve a man's goods from thieves, but honesty has no defence against superior cunning; and, since it is necessary that there should be a perpetual intercourse of buying and selling, and dealing upon credit, where fraud is permitted and connived at, or has no law to punish it, the honest dealer is always undone, and the knave gets the advantage. I remember, when I was once interceding with the emperor



for a criminal who had wronged his master of a great sum of money, which he had received by order and ran away with; and happening to tell his majesty, by way of extenuation, that it was only a breach of trust, the emperor thought it monstrous in me to offer as a defence the greatest aggravation of the crime; and truly I had little to say in return, farther than the common answer, that different nations had different customs; for, I confess, I was heartily ashamed<sup>2</sup>.

Although we usually call reward and punishment the two hinges upon which all government turns, yet I could never observe this maxim to be put in practice by any nation except that of Lilliput. Whoever can there bring sufficient proof, that he has strictly observed the laws of his country for seventy-three moons, has a claim to certain privileges, according to his quality or condition of life, with a proportionable sum of money out of a fund appropriated for that use: he likewise acquires the title of *snilpall*, or legal, which is added to his name, but does not descend to his posterity. And these people thought it a prodigious defect of policy among us, when I told them that our laws were enforced only by penalties, without any mention of reward.

---

2 An act of parliament has been since passed by which some breaches of trust have been made capital.

It is upon this account that the image of Justice, in their courts of judicature, is formed with six eyes, two before, as many behind, and on each side one, to signify circumspection; with a bag of gold open in her right hand, and a sword sheathed in her left, to show she is more disposed to reward than to punish.

In choosing persons for all employments, they have more regard to good morals than to great abilities; for, since government is necessary to mankind, they believe, that the common size of human understanding is fitted to some station or other; and that Providence never intended to make the management of public affairs a mystery to be comprehended only by a few persons of sublime genius, of which there seldom are three born in an age: but they suppose truth, justice, temperance, and the like, to be in every man's power; the practice of which virtues, assisted by experience and a good intention, would qualify any man for the service of his country, except where a course of study is required. But they thought the want of moral virtues was so far from being supplied by superior endowments of the mind, that employments could never be put into such dangerous hands as those of persons so qualified; and, at least, that the mistakes committed by ignorance, in a virtuous disposition, would never be of such fatal consequence to the public weal,

as the practices of a man, whose inclinations led him to be corrupt, and who had great abilities to manage, to multiply, and defend his corruptions.

In like manner, the disbelief of a Divine Providence renders a man incapable of holding any public station; for, since kings avow themselves to be the deputies of Providence, the Lilliputians think nothing can be more absurd than for a prince to employ such men as disown the authority under which he acts.

In relating these and the following laws, I would only be understood to mean the original institutions, and not the most scandalous corruptions, into which these people are fallen by the degenerate nature of man. For, as to that infamous practice of acquiring great employments by dancing on the ropes, or badges of favour and distinction by leaping over sticks and creeping under them, the reader is to observe, that they were first introduced by the grandfather of the emperor now reigning, and grew to the present height by the gradual increase of party and faction.

Ingratitude is among them a capital crime, as we read it to have been in some other countries: for they reason thus; that whoever makes ill returns to his benefactor, must needs be a common enemy to the rest of mankind, from whom

he has received no obligation, and therefore such a man is not fit to live.

Their notions relating to the duties of parents and children differ extremely from ours. For, since the conjunction of male and female is founded upon the great law of nature, in order to propagate and continue the species, the Lilliputians will needs have it, that men and women are joined together, like other animals, by the motives of concupiscence; and that their tenderness towards their young proceeds from the like natural principle: for which reason they will never allow that a child is under any obligation to his father for begetting him, or to his mother for bringing him into the world; which, considering the miseries of human life, was neither a benefit in itself, nor intended so by his parents, whose thoughts, in their love encounters, were otherwise employed. Upon these, and the like reasonings, their opinion is, that parents are the last of all others to be trusted with the education of their own children; and therefore they have in every town public nurseries, where all parents, except cottagers and labourers, are obliged to send their infants of both sexes to be reared and educated, when they come to the age of twenty moons, at which time they are supposed to have some rudiments of docility. These schools are of several kinds, suited to different qualities,

and both sexes. They have certain professors well skilled in preparing children for such a condition of life as befits the rank of their parents, and their own capacities, as well as inclinations. I shall first say something of the male nurseries, and then of the female.

The nurseries for males of noble or eminent birth, are provided with grave and learned professors, and their several deputies. The clothes and food of the children are plain and simple. They are bred up in the principles of honour, justice, courage, modesty, clemency, religion, and love of their country; they are always employed in some business, except in the times of eating and sleeping, which are very short, and two hours for diversions consisting of bodily exercises. They are dressed by men till four years of age, and then are obliged to dress themselves, although their quality be ever so great; and the women attendant, who are aged proportionably to ours at fifty, perform only the most menial offices. They are never suffered to converse with servants, but go together in smaller or greater numbers to take their diversions, and always in the presence of a professor, or one of his deputies; whereby they avoid those early bad impressions of folly and vice, to which our children are subject. Their parents are suffered to see them only twice a year; the visit is to last but an hour; they are allowed to

kiss the child at meeting and parting; but a professor, who always stands by on those occasions, will not suffer them to whisper, or use any fondling expressions, or bring any presents of toys, sweetmeats, and the like.

The pension from each family for the education and entertainment of a child, upon failure of due payment, is levied by the emperor's officers.

The nurseries for children of ordinary gentlemen, merchants, traders, and handicrafts, are managed proportionably after the same manner; only those designed for trades are put out apprentices at eleven years old, whereas those of persons of quality continue in their exercises till fifteen, which answers to twenty-one with us: but the confinement is gradually lessened for the last three years.

In the female nurseries, the young girls of quality are educated much like the males, only they are dressed by orderly servants of their own sex; but always in the presence of a professor or deputy, till they come to dress themselves, which is at five years old. And if it be found that these nurses ever presume to entertain the girls with frightful or foolish stories, or the common follies practised by chambermaids among us, they are publicly whipped thrice about the city, imprisoned for a year, and banished for life to the most desolate part of the country. Thus the young ladies are

as much ashamed of being cowards and fools as the men, and despise all personal ornaments, beyond decency and cleanliness: neither did I perceive any difference in their education made by their difference of sex, only that the exercises of the females were not altogether so robust; and that some rules were given them relating to domestic life, and a smaller compass of learning was enjoined them: for their maxim is, that among peoples of quality, a wife should be always a reasonable and agreeable companion, because she cannot always be young. When the girls are twelve years old, which among them is the marriageable age, their parents or guardians take them home, with great expressions of gratitude to the professors, and seldom without tears of the young lady and her companions.

In the nurseries of females of the meaner sort, the children are instructed in all kinds of works proper for their sex, and their several degrees: those intended for apprentices are dismissed at seven years old, the rest are kept to eleven.

The meaner families who have children at these nurseries, are obliged, besides their annual pension, which is as low as possible, to return to the steward of the nursery a small monthly share of their gettings, to be a portion for the child; and therefore all parents are limited in their expenses by the law. For the Lilliputians think nothing

can be more unjust, than for people, in subservience to their own appetites, to bring children into the world, and leave the burthen of supporting them on the public. As to persons of quality, they give security to appropriate a certain sum for each child, suitable to their condition; and these funds are always managed with good husbandry and the most exact justice.

The cottagers and labourers keep their children at home, their business being only to till and cultivate the earth, and therefore their education is of little consequence to the public: but the old and diseased among them, are supported by hospitals; for begging is a trade unknown in this empire.

And here it may, perhaps, divert the curious reader, to give some account of my domestics, and my manner of living in this country, during a residence of nine months, and thirteen days. Having a head mechanically turned, and being likewise forced by necessity, I had made for myself a table and chair convenient enough, out of the largest trees in the royal park. Two hundred sempstresses were employed to make me shirts, and linen for my bed and table, all of the strongest and coarsest kind they could get; which, however, they were forced to quilt together in several folds, for the thickest was some degrees finer than lawn. Their linen is usually three inches wide, and three feet make a piece.



The sempstresses took my measure as I lay on the ground, one standing at my neck, and another at my mid-leg, with a strong cord extended, that each held by the end, while a third measured the length of the cord with a rule of an inch long. Then they measured my right thumb, and desired no more; for by a mathematical computation, that twice round the thumb is once round the wrist, and so on to the neck and the waist, and by the help of my old shirt, which I displayed on the ground before them for a pattern, they fitted me exactly. Three hundred tailors were employed in the same manner to make me clothes; but they had another contrivance for taking my measure. I kneeled down, and they raised a ladder from the ground to my neck; upon this ladder one of them mounted, and let fall a plumb-line from my collar to the floor, which just answered the length of my coat: but my waist and arms I measured myself. When my clothes were finished, which was done in my house (for the largest of theirs would not have been able to hold them), they looked like the patch-work made by the ladies in England, only that mine were all of a colour.

I had three hundred cooks to dress my victuals, in little convenient huts built about my house, where they and their families lived, and prepared me two dishes a-piece. I took up twenty waiters in my hand, and placed them on the table:

a hundred more attended below on the ground, some with dishes of meat, and some with barrels of wine and other liquors slung on their shoulders; all which the waiters above drew up, as I wanted, in a very ingenious manner, by certain cords, as we draw the bucket up a well in Europe. A dish of their meat was a good mouthful, and a barrel of their liquor a reasonable draught. Their mutton yields to ours, but their beef is excellent. I have had a sirloin so large, that I have been forced to make three bites of it; but this is rare. My servants were astonished to see me eat it, bones and all, as in our country we do the leg of a lark. Their geese and turkeys I usually ate at a mouthful, and I confess they far exceed ours. Of their smaller fowl I could take up twenty or thirty at the end of my knife.

One day his imperial majesty, being informed of my way of living, desired “that himself and his royal consort, with the young princes of the blood of both sexes, might have the happiness,” as he was pleased to call it, “of dining with me.” They came accordingly, and I placed them in chairs of state, upon my table, just over against me, with their guards about them. Flimnap, the lord high treasurer, attended there likewise with his white staff; and I observed he often looked on me with a sour countenance, which I would not seem to regard, but ate more than usual, in honour to my

dear country, as well as to fill the court with admiration. I have some private reasons to believe, that this visit from his majesty gave Flimnap an opportunity of doing me ill offices to his master. That minister had always been my secret enemy, though he outwardly caressed me more than was usual to the moroseness of his nature. He represented to the emperor “the low condition of his treasury; that he was forced to take up money at a great discount; that exchequer bills would not circulate under nine per cent. below par; that I had cost his majesty above a million and a half of *sprugs*” (their greatest gold coin, about the bigness of a spangle) “and, upon the whole, that it would be advisable in the emperor to take the first fair occasion of dismissing me.”

I am here obliged to vindicate the reputation of an excellent lady, who was an innocent sufferer upon my account. The treasurer took a fancy to be jealous of his wife, from the malice of some evil tongues, who informed him that her grace had taken a violent affection for my person; and the court scandal ran for some time, that she once came privately to my lodging. This I solemnly declare to be a most infamous falsehood, without any grounds, further than that her grace was pleased to treat me with all innocent marks of freedom and friendship. I own she came often to my house, but always publicly, nor ever without

three more in the coach, who were usually her sister and young daughter, and some particular acquaintance; but this was common to many other ladies of the court. And I still appeal to my servants round, whether they at any time saw a coach at my door, without knowing what persons were in it. On those occasions, when a servant had given me notice, my custom was to go immediately to the door, and, after paying my respects, to take up the coach and two horses very carefully in my hands (for, if there were six horses, the postillion always unharnessed four,) and place them on a table, where I had fixed a movable rim quite round, of five inches high, to prevent accidents. And I have often had four coaches and horses at once on my table, full of company, while I sat in my chair, leaning my face towards them; and when I was engaged with one set, the coachmen would gently drive the others round my table. I have passed many an afternoon very agreeably in these conversations. But I defy the treasurer, or his two informers (I will name them, and let them make the best of it) Clustril and Drunlo, to prove that any person ever came to me *incognito*, except the secretary Reldresal, who was sent by express command of his imperial majesty, as I have before related. I should not have dwelt so long upon this particular, if it had not been a point wherein the reputation of a great lady is so

nearly concerned, to say nothing of my own; though I then had the honour to be a *nardac*, which the treasurer himself is not; for all the world knows, that he is only a *glumglum*, a title inferior by one degree, as that of a marquis is to a duke in England; yet I allow he preceded me in right of his post. These false informations, which I afterwards came to the knowledge of by an accident not proper to mention, made the treasurer show his lady for some time an ill countenance, and me a worse; and although he was at last undeceived and reconciled to her, yet I lost all credit with him, and found my interest decline very fast with the emperor himself, who was, indeed, too much governed by that favourite.

## CHAPTER VII

*The author, being informed of a design to accuse him of high-treason, makes his escape to Blefuscu. His reception there.*

**B**efore I proceed to give an account of my leaving this kingdom, it may be proper to inform the reader of a private intrigue which had been for two months forming against me.

I had been hitherto, all my life, a stranger to courts, for which I was unqualified by the meanness of my condition. I had indeed heard and read enough of the dispositions of great princes and ministers, but never expected to have found such terrible effects of them, in so remote a country, governed, as I thought, by very different maxims from those in Europe.

When I was just preparing to pay my attendance on the emperor of Blefuscu, a considerable person at court (to whom I had been very serviceable, at a time when he lay under the highest displeasure of his imperial majesty) came to my house very privately at night, in a close chair, and, without sending his name, desired admittance. The chairmen

were dismissed; I put the chair, with his lordship in it, into my coat-pocket: and, giving orders to a trusty servant, to say I was indisposed and gone to sleep, I fastened the door of my house, placed the chair on the table, according to my usual custom, and sat down by it. After the common salutations were over, observing his lordship's countenance full of concern, and inquiring into the reason, he desired "I would hear him with patience, in a matter that highly concerned my honour and my life." His speech was to the following effect, for I took notes of it as soon as he left me:—

"You are to know," said he, "that several committees of council have been lately called, in the most private manner, on your account; and it is but two days since his majesty came to a full resolution.

"You are very sensible that Skyresh Bolgolam" (*galbet*, or high-admiral) "has been your mortal enemy, almost ever since your arrival. His original reasons I know not; but his hatred is increased since your great success against Blefuscu, by which his glory as admiral is much obscured. This lord, in conjunction with Flimnap the high-treasurer, whose enmity against you is notorious on account of his lady, Limtoc the general, Lalcon the chamberlain, and Balmuff the grand justiciary, have prepared articles of impeachment against you, for treason and other capital crimes."

This preface made me so impatient, being conscious of my own merits and innocence, that I was going to interrupt him; when he entreated me to be silent, and thus proceeded:—

“Out of gratitude for the favours you have done me, I procured information of the whole proceedings, and a copy of the articles; wherein I venture my head for your service.

“*Articles of Impeachment against QUINBUS FLESTRIN, (the Man-Mountain.)*

ARTICLE I.

“Whereas, by a statute made in the reign of his imperial majesty Calin Deffar Plune, it is enacted, that, whoever shall make water within the precincts of the royal palace, shall be liable to the pains and penalties of high-treason; notwithstanding, the said Quinbus Flestrin, in open breach of the said law, under colour of extinguishing the fire kindled in the apartment of his majesty’s most dear imperial consort, did maliciously, traitorously, and devilishly, by discharge of his urine, put out the said fire kindled in the said apartment, lying and being within the precincts of the said royal palace, against the statute in that case provided, etc. against the duty, etc.

ARTICLE II.



“That the said Quinbus Flestrin, having brought the imperial fleet of Blefuscu into the royal port, and being afterwards commanded by his imperial majesty to seize all the other ships of the said empire of Blefuscu, and reduce that empire to a province, to be governed by a viceroy from hence, and to destroy and put to death, not only all the Big-endian exiles, but likewise all the people of that empire who would not immediately forsake the Big-endian heresy, he, the said Flestrin, like a false traitor against his most auspicious, serene, imperial majesty, did petition to be excused from the said service, upon pretence of unwillingness to force the consciences, or destroy the liberties and lives of an innocent people.

ARTICLE III.

“That, whereas certain ambassadors arrived from the Court of Blefuscu, to sue for peace in his majesty’s court, he, the said Flestrin, did, like a false traitor, aid, abet, comfort, and divert, the said ambassadors, although he knew them to be servants to a prince who was lately an open enemy to his imperial majesty, and in an open war against his said majesty.

ARTICLE IV.

“That the said Quinbus Flestrin, contrary to the duty of a faithful subject, is now preparing to make a voyage to the court and empire of Blefuscu, for which he has received only verbal license from his imperial majesty; and, under colour of the said license, does falsely and traitorously intend to take the said voyage, and thereby to aid, comfort, and abet the emperor of Blefuscu, so lately an enemy, and in open war with his imperial majesty aforesaid.’

“There are some other articles; but these are the most important, of which I have read you an abstract.

“In the several debates upon this impeachment, it must be confessed that his majesty gave many marks of his great lenity; often urging the services you had done him, and endeavouring to extenuate your crimes. The treasurer and admiral insisted that you should be put to the most painful and ignominious death, by setting fire to your house at night, and the general was to attend with twenty thousand men, armed with poisoned arrows, to shoot you on the face and hands. Some of your servants were to have private orders to strew a poisonous juice on your shirts and sheets, which would soon make you tear your own flesh, and die in the utmost torture. The general came into the same opinion;

so that for a long time there was a majority against you; but his majesty resolving, if possible, to spare your life, at last brought off the chamberlain.

“Upon this incident, Reldresal, principal secretary for private affairs, who always approved himself your true friend, was commanded by the emperor to deliver his opinion, which he accordingly did; and therein justified the good thoughts you have of him. He allowed your crimes to be great, but that still there was room for mercy, the most commendable virtue in a prince, and for which his majesty was so justly celebrated. He said, the friendship between you and him was so well known to the world, that perhaps the most honourable board might think him partial; however, in obedience to the command he had received, he would freely offer his sentiments. That if his majesty, in consideration of your services, and pursuant to his own merciful disposition, would please to spare your life, and only give orders to put out both your eyes, he humbly conceived, that by this expedient justice might in some measure be satisfied, and all the world would applaud the lenity of the emperor, as well as the fair and generous proceedings of those who have the honour to be his counsellors. That the loss of your eyes would be no impediment to your bodily strength, by which you might still be useful to his majesty; that blindness is an

addition to courage, by concealing dangers from us; that the fear you had for your eyes, was the greatest difficulty in bringing over the enemy's fleet, and it would be sufficient for you to see by the eyes of the ministers, since the greatest princes do no more.

“This proposal was received with the utmost disapprobation by the whole board. Bolgolam, the admiral, could not preserve his temper, but, rising up in fury, said, he wondered how the secretary durst presume to give his opinion for preserving the life of a traitor; that the services you had performed were, by all true reasons of state, the great aggravation of your crimes; that you, who were able to extinguish the fire by discharge of urine in her majesty's apartment (which he mentioned with horror), might, at another time, raise an inundation by the same means, to drown the whole palace; and the same strength which enabled you to bring over the enemy's fleet, might serve, upon the first discontent, to carry it back; that he had good reasons to think you were a Big-endian in your heart; and, as treason begins in the heart, before it appears in overt-acts, so he accused you as a traitor on that account, and therefore insisted you should be put to death.

“The treasurer was of the same opinion: he showed to what straits his majesty's revenue was reduced, by the charge

of maintaining you, which would soon grow insupportable; that the secretary's expedient of putting out your eyes, was so far from being a remedy against this evil, that it would probably increase it, as is manifest from the common practice of blinding some kind of fowls, after which they fed the faster, and grew sooner fat; that his sacred majesty and the council, who are your judges, were, in their own consciences, fully convinced of your guilt, which was a sufficient argument to condemn you to death, without the formal proofs required by the strict letter of the law.

“But his imperial majesty, fully determined against capital punishment, was graciously pleased to say, that since the council thought the loss of your eyes too easy a censure, some other way may be inflicted hereafter. And your friend the secretary, humbly desiring to be heard again, in answer to what the treasurer had objected, concerning the great charge his majesty was at in maintaining you, said, that his excellency, who had the sole disposal of the emperor's revenue, might easily provide against that evil, by gradually lessening your establishment; by which, for want of sufficient for you would grow weak and faint, and lose your appetite, and consequently, decay, and consume in a few months; neither would the stench of your carcass be then so dangerous, when it should become more than half

diminished; and immediately upon your death five or six thousand of his majesty's subjects might, in two or three days, cut your flesh from your bones, take it away by cart-loads, and bury it in distant parts, to prevent infection, leaving the skeleton as a monument of admiration to posterity.

“Thus, by the great friendship of the secretary, the whole affair was compromised. It was strictly enjoined, that the project of starving you by degrees should be kept a secret; but the sentence of putting out your eyes was entered on the books; none dissenting, except Bolgolam the admiral, who, being a creature of the empress, was perpetually instigated by her majesty to insist upon your death, she having borne perpetual malice against you, on account of that infamous and illegal method you took to extinguish the fire in her apartment.

“In three days your friend the secretary will be directed to come to your house, and read before you the articles of impeachment; and then to signify the great lenity and favour of his majesty and council, whereby you are only condemned to the loss of your eyes, which his majesty does not question you will gratefully and humbly submit to; and twenty of his majesty's surgeons will attend, in order to see the operation well performed, by discharging very sharp-pointed arrows into the balls of your eyes, as you lie on the ground.

“I leave to your prudence what measures you will take; and to avoid suspicion, I must immediately return in as private a manner as I came.”

His lordship did so; and I remained alone, under many doubts and perplexities of mind.

It was a custom introduced by this prince and his ministry (very different, as I have been assured, from the practice of former times,) that after the court had decreed any cruel execution, either to gratify the monarch’s resentment, or the malice of a favourite, the emperor always made a speech to his whole council, expressing his great lenity and tenderness, as qualities known and confessed by all the world. This speech was immediately published throughout the kingdom; nor did any thing terrify the people so much as those encomiums on his majesty’s mercy; because it was observed, that the more these praises were enlarged and insisted on, the more inhuman was the punishment, and the sufferer more innocent. Yet, as to myself, I must confess, having never been designed for a courtier, either by my birth or education, I was so ill a judge of things, that I could not discover the lenity and favour of this sentence, but conceived it (perhaps erroneously) rather to be rigorous than gentle. I sometimes thought of standing my trial, for, although I could not deny the facts alleged in the several articles, yet I

hoped they would admit of some extenuation. But having in my life perused many state-trials, which I ever observed to terminate as the judges thought fit to direct, I durst not rely on so dangerous a decision, in so critical a juncture, and against such powerful enemies. Once I was strongly bent upon resistance, for, while I had liberty the whole strength of that empire could hardly subdue me, and I might easily with stones pelt the metropolis to pieces; but I soon rejected that project with horror, by remembering the oath I had made to the emperor, the favours I received from him, and the high title of *nardac* he conferred upon me. Neither had I so soon learned the gratitude of courtiers, to persuade myself, that his majesty's present severities acquitted me of all past obligations.

At last, I fixed upon a resolution, for which it is probable I may incur some censure, and not unjustly; for I confess I owe the preserving of mine eyes, and consequently my liberty, to my own great rashness and want of experience; because, if I had then known the nature of princes and ministers, which I have since observed in many other courts, and their methods of treating criminals less obnoxious than myself, I should, with great alacrity and readiness, have submitted to so easy a punishment. But hurried on by the precipitancy of youth, and having his imperial majesty's license to pay



my attendance upon the emperor of Blefuscu, I took this opportunity, before the three days were elapsed, to send a letter to my friend the secretary, signifying my resolution of setting out that morning for Blefuscu, pursuant to the leave I had got; and, without waiting for an answer, I went to that side of the island where our fleet lay. I seized a large man of war, tied a cable to the prow, and, lifting up the anchors, I stripped myself, put my clothes (together with my coverlet, which I carried under my arm) into the vessel, and, drawing it after me, between wading and swimming arrived at the royal port of Blefuscu, where the people had long expected me: they lent me two guides to direct me to the capital city, which is of the same name. I held them in my hands, till I came within two hundred yards of the gate, and desired them “to signify my arrival to one of the secretaries, and let him know, I there waited his majesty’s command.” I had an answer in about an hour, “that his majesty, attended by the royal family, and great officers of the court, was coming out to receive me.” I advanced a hundred yards. The emperor and his train alighted from their horses, the empress and ladies from their coaches, and I did not perceive they were in any fright or concern. I lay on the ground to kiss his majesty’s and the empress’s hands. I told his majesty, “that I was come according to my promise, and with the license

of the emperor my master, to have the honour of seeing so mighty a monarch, and to offer him any service in my power, consistent with my duty to my own prince;” not mentioning a word of my disgrace, because I had hitherto no regular information of it, and might suppose myself wholly ignorant of any such design; neither could I reasonably conceive that the emperor would discover the secret, while I was out of his power; wherein, however, it soon appeared I was deceived.

I shall not trouble the reader with the particular account of my reception at this court, which was suitable to the generosity of so great a prince; nor of the difficulties I was in for want of a house and bed, being forced to lie on the ground, wrapped up in my coverlet.

## CHAPTER VIII

*The author, by a lucky accident, finds means to leave Blefuscu; and, after some difficulties, returns safe to his native country.*

**T**hree days after my arrival, walking out of curiosity to the north-east coast of the island, I observed, about half a league off in the sea, somewhat that looked like a boat overturned. I pulled off my shoes and stockings, and, wailing two or three hundred yards, I found the object to approach nearer by force of the tide; and then plainly saw it to be a real boat, which I supposed might by some tempest have been driven from a ship. Whereupon, I returned immediately towards the city, and desired his imperial majesty to lend me twenty of the tallest vessels he had left, after the loss of his fleet, and three thousand seamen, under the command of his vice-admiral. This fleet sailed round, while I went back the shortest way to the coast, where I first discovered the boat. I found the tide had driven it still nearer. The seamen were all provided with cordage, which I had beforehand twisted to a sufficient strength.

When the ships came up, I stripped myself, and waded till I came within a hundred yards off the boat, after which I was forced to swim till I got up to it. The seamen threw me the end of the cord, which I fastened to a hole in the fore-part of the boat, and the other end to a man of war; but I found all my labour to little purpose; for, being out of my depth, I was not able to work. In this necessity I was forced to swim behind, and push the boat forward, as often as I could, with one of my hands; and the tide favouring me, I advanced so far that I could just hold up my chin and feel the ground. I rested two or three minutes, and then gave the boat another shove, and so on, till the sea was no higher than my arm-pits; and now, the most laborious part being over, I took out my other cables, which were stowed in one of the ships, and fastened them first to the boat, and then to nine of the vessels which attended me; the wind being favourable, the seamen towed, and I shoved, until we arrived within forty yards of the shore; and, waiting till the tide was out, I got dry to the boat, and by the assistance of two thousand men, with ropes and engines, I made a shift to turn it on its bottom, and found it was but little damaged.

I shall not trouble the reader with the difficulties I was under, by the help of certain paddles, which cost me ten days making, to get my boat to the royal port of Blefuscu, where

a mighty concourse of people appeared upon my arrival, full of wonder at the sight of so prodigious a vessel. I told the emperor “that my good fortune had thrown this boat in my way, to carry me to some place whence I might return into my native country; and begged his majesty’s orders for getting materials to fit it up, together with his license to depart;” which, after some kind expostulations, he was pleased to grant.

I did very much wonder, in all this time, not to have heard of any express relating to me from our emperor to the court of Blefuscu. But I was afterward given privately to understand, that his imperial majesty, never imagining I had the least notice of his designs, believed I was only gone to Blefuscu in performance of my promise, according to the license he had given me, which was well known at our court, and would return in a few days, when the ceremony was ended. But he was at last in pain at my long absence; and after consulting with the treasurer and the rest of that cabal, a person of quality was dispatched with the copy of the articles against me. This envoy had instructions to represent to the monarch of Blefuscu, “the great lenity of his master, who was content to punish me no farther than with the loss of mine eyes; that I had fled from justice; and if I did not return in two hours, I should be deprived of my title of

*nardac*, and declared a traitor.” The envoy further added, “that in order to maintain the peace and amity between both empires, his master expected that his brother of Blefuscu would give orders to have me sent back to Lilliput, bound hand and foot, to be punished as a traitor.”

The emperor of Blefuscu, having taken three days to consult, returned an answer consisting of many civilities and excuses. He said, “that as for sending me bound, his brother knew it was impossible; that, although I had deprived him of his fleet, yet he owed great obligations to me for many good offices I had done him in making the peace. That, however, both their majesties would soon be made easy; for I had found a prodigious vessel on the shore, able to carry me on the sea, which he had given orders to fit up, with my own assistance and direction; and he hoped, in a few weeks, both empires would be freed from so insupportable an encumbrance.”

With this answer the envoy returned to Lilliput; and the monarch of Blefuscu related to me all that had passed; offering me at the same time (but under the strictest confidence) his gracious protection, if I would continue in his service; wherein, although I believed him sincere, yet I resolved never more to put any confidence in princes or ministers, where I could possibly avoid it; and therefore, with all due

acknowledgments for his favourable intentions, I humbly begged to be excused. I told him, "that since fortune, whether good or evil, had thrown a vessel in my way, I was resolved to venture myself on the ocean, rather than be an occasion of difference between two such mighty monarchs." Neither did I find the emperor at all displeased; and I discovered, by a certain accident, that he was very glad of my resolution, and so were most of his ministers.

These considerations moved me to hasten my departure somewhat sooner than I intended; to which the court, impatient to have me gone, very readily contributed. Five hundred workmen were employed to make two sails to my boat, according to my directions, by quilting thirteen folds of their strongest linen together. I was at the pains of making ropes and cables, by twisting ten, twenty, or thirty of the thickest and strongest of theirs. A great stone that I happened to find, after a long search, by the sea-shore, served me for an anchor. I had the tallow of three hundred cows, for greasing my boat, and other uses. I was at incredible pains in cutting down some of the largest timber-trees, for oars and masts, wherein I was, however, much assisted by his majesty's ship-carpenters, who helped me in smoothing them, after I had done the rough work.

In about a month, when all was prepared, I sent to receive his majesty's commands, and to take my leave. The emperor and royal family came out of the palace; I lay down on my face to kiss his hand, which he very graciously gave me: so did the empress and young princes of the blood. His majesty presented me with fifty purses of two hundred *sprugs* a-piece, together with his picture at full length, which I put immediately into one of my gloves, to keep it from being hurt. The ceremonies at my departure were too many to trouble the reader with at this time.

I stored the boat with the carcasses of a hundred oxen, and three hundred sheep, with bread and drink proportionable, and as much meat ready dressed as four hundred cooks could provide. I took with me six cows and two bulls alive, with as many ewes and rams, intending to carry them into my own country, and propagate the breed. And to feed them on board, I had a good bundle of hay, and a bag of corn. I would gladly have taken a dozen of the natives, but this was a thing the emperor would by no means permit; and, besides a diligent search into my pockets, his majesty engaged my honour "not to carry away any of his subjects, although with their own consent and desire."

Having thus prepared all things as well as I was able, I set sail on the twenty-fourth day of September 1701, at six



in the morning; and when I had gone about four-leagues to the northward, the wind being at south-east, at six in the evening I descried a small island, about half a league to the north-west. I advanced forward, and cast anchor on the lee-side of the island, which seemed to be uninhabited. I then took some refreshment, and went to my rest. I slept well, and as I conjectured at least six hours, for I found the day broke in two hours after I awaked. It was a clear night. I ate my breakfast before the sun was up; and heaving anchor, the wind being favourable, I steered the same course that I had done the day before, wherein I was directed by my pocket compass. My intention was to reach, if possible, one of those islands which I had reason to believe lay to the north-east of Van Diemen's Land. I discovered nothing all that day; but upon the next, about three in the afternoon, when I had by my computation made twenty-four leagues from Blefuscu, I descried a sail steering to the south-east; my course was due east. I hailed her, but could get no answer; yet I found I gained upon her, for the wind slackened. I made all the sail I could, and in half an hour she spied me, then hung out her ancient, and discharged a gun. It is not easy to express the joy I was in, upon the unexpected hope of once more seeing my beloved country, and the dear pledges I left in it. The ship slackened her sails, and I came up with

her between five and six in the evening, September 26th; but my heart leaped within me to see her English colours. I put my cows and sheep into my coat-pockets, and got on board with all my little cargo of provisions. The vessel was an English merchantman, returning from Japan by the North and South seas; the captain, Mr. John Biddel, of Deptford, a very civil man, and an excellent sailor.

We were now in the latitude of 30 degrees south; there were about fifty men in the ship; and here I met an old comrade of mine, one Peter Williams, who gave me a good character to the captain. This gentleman treated me with kindness, and desired I would let him know what place I came from last, and whither I was bound; which I did in a few words, but he thought I was raving, and that the dangers I underwent had disturbed my head; whereupon I took my black cattle and sheep out of my pocket, which, after great astonishment, clearly convinced him of my veracity. I then showed him the gold given me by the emperor of Blefuscu, together with his majesty's picture at full length, and some other rarities of that country. I gave him two purses of two hundreds *sprugs* each, and promised, when we arrived in England, to make him a present of a cow and a sheep big with young.

I shall not trouble the reader with a particular account of this voyage, which was very prosperous for the most part. We arrived in the Downs on the 13th of April, 1702. I had only one misfortune, that the rats on board carried away one of my sheep; I found her bones in a hole, picked clean from the flesh. The rest of my cattle I got safe ashore, and set them a-grazing in a bowling-green at Greenwich, where the fineness of the grass made them feed very heartily, though I had always feared the contrary: neither could I possibly have preserved them in so long a voyage, if the captain had not allowed me some of his best biscuit, which, rubbed to powder, and mingled with water, was their constant food. The short time I continued in England, I made a considerable profit by showing my cattle to many persons of quality and others: and before I began my second voyage, I sold them for six hundred pounds. Since my last return I find the breed is considerably increased, especially the sheep, which I hope will prove much to the advantage of the woollen manufacture, by the fineness of the fleeces.

I stayed but two months with my wife and family, for my insatiable desire of seeing foreign countries, would suffer me to continue no longer. I left fifteen hundred pounds with my wife, and fixed her in a good house at Redriff. My remaining stock I carried with me, part in money and part

in goods, in hopes to improve my fortunes. My eldest uncle John had left me an estate in land, near Epping, of about thirty pounds a-year; and I had a long lease of the Black Bull in Fetter-Lane, which yielded me as much more; so that I was not in any danger of leaving my family upon the parish. My son Johnny, named so after his uncle, was at the grammar-school, and a towardly child. My daughter Betty (who is now well married, and has children) was then at her needle-work. I took leave of my wife, and boy and girl, with tears on both sides, and went on board the Adventure, a merchant ship of three hundred tons, bound for Surat, captain John Nicholas, of Liverpool, commander. But my account of this voyage must be referred to the Second Part of my Travels.

## **PART II**

# **A VOYAGE TO BROBDINGNAG.**



# CHAPTER I

*A great storm described; the long boat sent to fetch water; the author goes with it to discover the country. He is left on shore, is seized by one of the natives, and carried to a farmer's house. His reception, with several accidents that happened there. A description of the inhabitants.*

**H**aving been condemned, by nature and fortune, to active and restless life, in two months after my return, I again left my native country, and took shipping in the Downs, on the 20th day of June, 1702, in the Adventure, Captain John Nicholas, a Cornish man, commander, bound for Surat. We had a very prosperous gale, till we arrived at the Cape of Good Hope, where we landed for fresh water; but discovering a leak, we unshipped our goods and wintered there; for the captain falling sick of an ague, we could not leave the Cape till the end of March. We then set sail, and had a good voyage till we passed the Straits of Madagascar; but having got northward of that island, and to about five degrees south latitude, the winds,

which in those seas are observed to blow a constant equal gale between the north and west, from the beginning of December to the beginning of May, on the 19th of April began to blow with much greater violence, and more westerly than usual, continuing so for twenty days together: during which time, we were driven a little to the east of the Molucca Islands, and about three degrees northward of the line, as our captain found by an observation he took the 2nd of May, at which time the wind ceased, and it was a perfect calm, whereat I was not a little rejoiced. But he, being a man well experienced in the navigation of those seas, bid us all prepare against a storm, which accordingly happened the day following: for the southern wind, called the southern monsoon, began to set in.

Finding it was likely to overblow, we took in our sprit-sail, and stood by to hand the fore-sail; but making foul weather, we looked the guns were all fast, and handed the mizen. The ship lay very broad off, so we thought it better spooning before the sea, than trying or hulling. We reefed the fore-sail and set him, and hauled aft the fore-sheet; the helm was hard a-weather. The ship wore bravely. We belayed the fore down-haul; but the sail was split, and we hauled down the yard, and got the sail into the ship, and unbound all the things clear of it. It was a very fierce storm; the sea broke



strange and dangerous. We hauled off upon the laniard of the whip-staff, and helped the man at the helm. We would not get down our top-mast, but let all stand, because she scudded before the sea very well, and we knew that the top-mast being aloft, the ship was the wholesomer, and made better way through the sea, seeing we had sea-room. When the storm was over, we set fore-sail and main-sail, and brought the ship to. Then we set the mizen, main-top-sail, and the fore-top-sail. Our course was east-north-east, the wind was at south-west. We got the starboard tacks aboard, we cast off our weather-braces and lifts; we set in the lee-braces, and hauled forward by the weather-bowlings, and hauled them tight, and belayed them, and hauled over the mizen tack to windward, and kept her full and by as near as she would lie.

During this storm, which was followed by a strong wind west-south-west, we were carried, by my computation, about five hundred leagues to the east, so that the oldest sailor on board could not tell in what part of the world we were. Our provisions held out well, our ship was staunch, and our crew all in good health; but we lay in the utmost distress for water. We thought it best to hold on the same course, rather than turn more northerly, which might have brought us to the north-west part of Great Tartary, and into the Frozen Sea.

On the 16th day of June, 1703, a boy on the top-mast discovered land. On the 17th, we came in full view of a great island, or continent (for we knew not whether;) on the south side whereof was a small neck of land jutting out into the sea, and a creek too shallow to hold a ship of above one hundred tons. We cast anchor within a league of this creek, and our captain sent a dozen of his men well armed in the long-boat, with vessels for water, if any could be found. I desired his leave to go with them, that I might see the country, and make what discoveries I could. When we came to land we saw no river or spring, nor any sign of inhabitants. Our men therefore wandered on the shore to find out some fresh water near the sea, and I walked alone about a mile on the other side, where I observed the country all barren and rocky. I now began to be weary, and seeing nothing to entertain my curiosity, I returned gently down towards the creek; and the sea being full in my view, I saw our men already got into the boat, and rowing for life to the ship. I was going to holla after them, although it had been to little purpose, when I observed a huge creature walking after them in the sea, as fast as he could: he waded not much deeper than his knees, and took prodigious strides: but our men had the start of him half a league, and, the sea thereabouts being full of sharp-pointed rocks, the monster was not able

to overtake the boat. This I was afterwards told, for I durst not stay to see the issue of the adventure; but ran as fast as I could the way I first went, and then climbed up a steep hill, which gave me some prospect of the country. I found it fully cultivated; but that which first surprised me was the length of the grass, which, in those grounds that seemed to be kept for hay, was about twenty feet high.

I fell into a high road, for so I took it to be, though it served to the inhabitants only as a foot-path through a field of barley. Here I walked on for some time, but could see little on either side, it being now near harvest, and the corn rising at least forty feet. I was an hour walking to the end of this field, which was fenced in with a hedge of at least one hundred and twenty feet high, and the trees so lofty that I could make no computation of their altitude. There was a stile to pass from this field into the next. It had four steps, and a stone to cross over when you came to the uppermost. It was impossible for me to climb this stile, because every step was six-feet high, and the upper stone about twenty. I was endeavouring to find some gap in the hedge, when I discovered one of the inhabitants in the next field, advancing towards the stile, of the same size with him whom I saw in the sea pursuing our boat. He appeared as tall as an ordinary spire steeple, and took about ten yards at

every stride, as near as I could guess. I was struck with the utmost fear and astonishment, and ran to hide myself in the corn, whence I saw him at the top of the stile looking back into the next field on the right hand, and heard him call in a voice many degrees louder than a speaking-trumpet: but the noise was so high in the air, that at first I certainly thought it was thunder. Whereupon seven monsters, like himself, came towards him with reaping-hooks in their hands, each hook about the largeness of six scythes. These people were not so well clad as the first, whose servants or labourers they seemed to be; for, upon some words he spoke, they went to reap the corn in the field where I lay. I kept from them at as great a distance as I could, but was forced to move with extreme difficulty, for the stalks of the corn were sometimes not above a foot distant, so that I could hardly squeeze my body betwixt them. However, I made a shift to go forward, till I came to a part of the field where the corn had been laid by the rain and wind. Here it was impossible for me to advance a step; for the stalks were so interwoven, that I could not creep through, and the beards of the fallen ears so strong and pointed, that they pierced through my clothes into my flesh. At the same time I heard the reapers not a hundred yards behind me. Being quite dispirited with toil, and wholly overcome by grief and despair,

I lay down between two ridges, and heartily wished I might there end my days. I bemoaned my desolate widow and fatherless children. I lamented my own folly and wilfulness, in attempting a second voyage, against the advice of all my friends and relations. In this terrible agitation of mind, I could not forbear thinking of Lilliput, whose inhabitants looked upon me as the greatest prodigy that ever appeared in the world; where I was able to draw an imperial fleet in my hand, and perform those other actions, which will be recorded for ever in the chronicles of that empire, while posterity shall hardly believe them, although attested by millions. I reflected what a mortification it must prove to me, to appear as inconsiderable in this nation, as one single Lilliputian would be among us. But this I conceived was to be the least of my misfortunes; for, as human creatures are observed to be more savage and cruel in proportion to their bulk, what could I expect but to be a morsel in the mouth of the first among these enormous barbarians that should happen to seize me? Undoubtedly philosophers are in the right, when they tell us that nothing is great or little otherwise than by comparison. It might have pleased fortune, to have let the Lilliputians find some nation, where the people were as diminutive with respect to them, as they were to me. And who knows but that even this prodigious race of mortals

might be equally overmatched in some distant part of the world, whereof we have yet no discovery.

Scared and confounded as I was, I could not forbear going on with these reflections, when one of the reapers, approaching within ten yards of the ridge where I lay, made me apprehend that with the next step I should be squashed to death under his foot, or cut in two with his reaping-hook. And therefore, when he was again about to move, I screamed as loud as fear could make me: whereupon the huge creature trod short, and, looking round about under him for some time, at last espied me as I lay on the ground. He considered awhile, with the caution of one who endeavours to lay hold on a small dangerous animal in such a manner that it shall not be able either to scratch or bite him, as I myself have sometimes done with a weasel in England. At length he ventured to take me behind, by the middle, between his fore-finger and thumb, and brought me within three yards of his eyes, that he might behold my shape more perfectly. I guessed his meaning, and my good fortune gave me so much presence of mind, that I resolved not to struggle in the least as he held me in the air above sixty feet from the ground, although he grievously pinched my sides, for fear I should slip through his fingers. All I ventured was to raise mine eyes towards the sun, and place my hands together in

a supplicating posture, and to speak some words in a humble melancholy tone, suitable to the condition I then was in: for I apprehended every moment that he would dash me against the ground, as we usually do any little hateful animal, which we have a mind to destroy. But my good star would have it, that he appeared pleased with my voice and gestures, and began to look upon me as a curiosity, much wondering to hear me pronounce articulate words, although he could not understand them. In the mean time I was not able to forbear groaning and shedding tears, and turning my head towards my sides; letting him know, as well as I could, how cruelly I was hurt by the pressure of his thumb and finger. He seemed to apprehend my meaning; for, lifting up the lappet of his coat, he put me gently into it, and immediately ran along with me to his master, who was a substantial farmer, and the same person I had first seen in the field.

The farmer having (as I suppose by their talk) received such an account of me as his servant could give him, took a piece of a small straw, about the size of a walking-staff, and therewith lifted up the lappets of my coat; which it seems he thought to be some kind of covering that nature had given me. He blew my hairs aside to take a better view of my face. He called his hinds about him, and asked them, as I afterwards learned, whether they had ever seen in the fields

any little creature that resembled me. He then placed me softly on the ground upon all fours, but I got immediately up, and walked slowly backward and forward, to let those people see I had no intent to run away. They all sat down in a circle about me, the better to observe my motions. I pulled off my hat, and made a low bow towards the farmer. I fell on my knees, and lifted up my hands and eyes, and spoke several words as loud as I could: I took a purse of gold out of my pocket, and humbly presented it to him. He received it on the palm of his hand, then applied it close to his eye to see what it was, and afterwards turned it several times with the point of a pin (which he took out of his sleeve,) but could make nothing of it. Whereupon I made a sign that he should place his hand on the ground. I then took the purse, and, opening it, poured all the gold into his palm. There were six Spanish pieces of four pistoles each, beside twenty or thirty smaller coins. I saw him wet the tip of his little finger upon his tongue, and take up one of my largest pieces, and then another; but he seemed to be wholly ignorant what they were. He made me a sign to put them again into my purse, and the purse again into my pocket, which, after offering it to him several times, I thought it best to do.

The farmer, by this time, was convinced I must be a rational creature. He spoke often to me; but the sound of



his voice pierced my ears like that of a water-mill, yet his words were articulate enough. I answered as loud as I could in several languages, and he often laid his ear within two yards of me: but all in vain, for we were wholly unintelligible to each other. He then sent his servants to their work, and taking his handkerchief out of his pocket, he doubled and spread it on his left hand, which he placed flat on the ground with the palm upward, making me a sign to step into it, as I could easily do, for it was not above a foot in thickness. I thought it my part to obey, and, for fear of falling, laid myself at full length upon the handkerchief, with the remainder of which he lapped me up to the head for further security, and in this manner carried me home to his house. There he called his wife, and showed me to her; but she screamed and ran back, as women in England do at the sight of a toad or a spider. However, when she had a while seen my behaviour, and how well I observed the signs her husband made, she was soon reconciled, and by degrees grew extremely tender of me.

It was about twelve at noon, and a servant brought in dinner. It was only one substantial dish of meat (fit for the plain condition of a husbandman,) in a dish of about four-and-twenty feet diameter. The company were, the farmer and his wife, three children, and an old grandmother. When they were sat down, the farmer placed me at some distance

from him on the table, which was thirty feet high from the floor. I was in a terrible fright, and kept as far as I could from the edge, for fear of falling. The wife minced a bit of meat, then crumbled some bread on a trencher, and placed it before me. I made her a low bow, took out my knife and fork, and fell to eat, which gave them exceeding delight. The mistress sent her maid for a small dram cup, which held about two gallons, and filled it with drink; I took up the vessel with much difficulty in both hands, and in a most respectful manner drank to her ladyship's health, expressing the words as loud as I could in English, which made the company laugh so heartily, that I was almost deafened with the noise. This liquor tasted like a small cider, and was not unpleasant. Then the master made me a sign to come to his trencher side; but as I walked on the table, being in great surprise all the time, as the indulgent reader will easily conceive and excuse, I happened to stumble against a crust, and fell flat on my face, but received no hurt. I got up immediately, and observing the good people to be in much concern, I took my hat (which I held under my arm out of good manners,) and waving it over my head, made three huzzas, to show I had got no mischief by my fall. But advancing forward towards my master (as I shall henceforth call him,) his youngest son, who sat next to him, an arch boy of about ten years old,

took me up by the legs, and held me so high in the air, that I trembled every limb: but his father snatched me from him, and at the same time gave him such a box on the left ear, as would have felled an European troop of horse to the earth, ordering him to be taken from the table. But being afraid the boy might owe me a spite, and well remembering how mischievous all children among us naturally are to sparrows, rabbits, young kittens, and puppy dogs, I fell on my knees, and pointing to the boy, made my master to understand, as well as I could, that I desired his son might be pardoned. The father complied, and the lad took his seat again, whereupon I went to him, and kissed his hand, which my master took, and made him stroke me gently with it.

In the midst of dinner, my mistress's favourite cat leaped into her lap. I heard a noise behind me like that of a dozen stocking-weavers at work; and turning my head, I found it proceeded from the purring of that animal, who seemed to be three times larger than an ox, as I computed by the view of her head, and one of her paws, while her mistress was feeding and stroking her. The fierceness of this creature's countenance altogether discomposed me; though I stood at the farther end of the table, above fifty feet off; and although my mistress held her fast, for fear she might give a spring, and seize me in her talons. But it happened there was no

danger, for the cat took not the least notice of me when my master placed me within three yards of her. And as I have been always told, and found true by experience in my travels, that flying or discovering fear before a fierce animal, is a certain way to make it pursue or attack you, so I resolved, in this dangerous juncture, to show no manner of concern. I walked with intrepidity five or six times before the very head of the cat, and came within half a yard of her; whereupon she drew herself back, as if she were more afraid of me: I had less apprehension concerning the dogs, whereof three or four came into the room, as it is usual in farmers' houses; one of which was a mastiff, equal in bulk to four elephants, and another a greyhound, somewhat taller than the mastiff, but not so large.

When dinner was almost done, the nurse came in with a child of a year old in her arms, who immediately spied me, and began a squall that you might have heard from London-Bridge to Chelsea, after the usual oratory of infants, to get me for a plaything. The mother, out of pure indulgence, took me up, and put me towards the child, who presently seized me by the middle, and got my head into his mouth, where I roared so loud that the urchin was frightened, and let me drop, and I should infallibly have broke my neck, if the mother had not held her apron under me. The nurse,

to quiet her babe, made use of a rattle which was a kind of hollow vessel filled with great stones, and fastened by a cable to the child's waist: but all in vain; so that she was forced to apply the last remedy by giving it suck. I must confess no object ever disgusted me so much as the sight of her monstrous breast, which I cannot tell what to compare with, so as to give the curious reader an idea of its bulk, shape, and colour. It stood prominent six feet, and could not be less than sixteen in circumference. The nipple was about half the bigness of my head, and the hue both of that and the dug, so varied with spots, pimples, and freckles, that nothing could appear more nauseous: for I had a near sight of her, she sitting down, the more conveniently to give suck, and I standing on the table. This made me reflect upon the fair skins of our English ladies, who appear so beautiful to us, only because they are of our own size, and their defects not to be seen but through a magnifying glass; where we find by experiment that the smoothest and whitest skins look rough, and coarse, and ill-coloured.

I remember when I was at Lilliput, the complexion of those diminutive people appeared to me the fairest in the world; and talking upon this subject with a person of learning there, who was an intimate friend of mine, he said that my face appeared much fairer and smoother when he looked on

me from the ground, than it did upon a nearer view, when I took him up in my hand, and brought him close, which he confessed was at first a very shocking sight. He said, "he could discover great holes in my skin; that the stumps of my beard were ten times stronger than the bristles of a boar, and my complexion made up of several colours altogether disagreeable:" although I must beg leave to say for myself, that I am as fair as most of my sex and country, and very little sunburnt by all my travels. On the other side, discoursing of the ladies in that emperor's court, he used to tell me, "one had freckles; another too wide a mouth; a third too large a nose;" nothing of which I was able to distinguish. I confess this reflection was obvious enough; which, however, I could not forbear, lest the reader might think those vast creatures were actually deformed: for I must do them the justice to say, they are a comely race of people, and particularly the features of my master's countenance, although he was but a farmer, when I beheld him from the height of sixty feet, appeared very well proportioned.

When dinner was done, my master went out to his labourers, and, as I could discover by his voice and gesture, gave his wife strict charge to take care of me. I was very much tired, and disposed to sleep, which my mistress perceiving, she put me on her own bed, and covered me with a clean

white handkerchief, but larger and coarser than the main-sail of a man-of-war.

I slept about two hours, and dreamt I was at home with my wife and children, which aggravated my sorrows when I awaked, and found myself alone in a vast room, between two and three hundred feet wide, and above two hundred high, lying in a bed twenty yards wide. My mistress was gone about her household affairs, and had locked me in. The bed was eight yards from the floor. Some natural necessities required me to get down; I durst not presume to call; and if I had, it would have been in vain, with such a voice as mine, at so great a distance from the room where I lay to the kitchen where the family kept. While I was under these circumstances, two rats crept up the curtains, and ran smelling backwards and forwards on the bed. One of them came up almost to my face, whereupon I rose in a fright, and drew out my hanger to defend myself. These horrible animals had the boldness to attack me on both sides, and one of them held his fore-feet at my collar; but I had the good fortune to rip up his belly before he could do me any mischief. He fell down at my feet; and the other, seeing the fate of his comrade, made his escape, but not without one good wound on the back, which I gave him as he fled, and made the blood run trickling from him. After this exploit,

I walked gently to and fro on the bed, to recover my breath and loss of spirits. These creatures were of the size of a large mastiff, but infinitely more nimble and fierce; so that if I had taken off my belt before I went to sleep, I must have infallibly been torn to pieces and devoured. I measured the tail of the dead rat, and found it to be two yards long, wanting an inch; but it went against my stomach to drag the carcass off the bed, where it lay still bleeding; I observed it had yet some life, but with a strong slash across the neck, I thoroughly despatched it.

Soon after my mistress came into the room, who seeing me all bloody, ran and took me up in her hand. I pointed to the dead rat, smiling, and making other signs to show I was not hurt; whereat she was extremely rejoiced, calling the maid to take up the dead rat with a pair of tongs, and throw it out of the window. Then she set me on a table, where I showed her my hanger all bloody, and wiping it on the lappet of my coat, returned it to the scabbard. I was pressed to do more than one thing which another could not do for me, and therefore endeavoured to make my mistress understand, that I desired to be set down on the floor; which after she had done, my bashfulness would not suffer me to express myself farther, than by pointing to the door, and bowing several times. The good woman, with much difficulty, at



last perceived what I would be at, and taking me up again in her hand, walked into the garden, where she set me down. I went on one side about two hundred yards, and beckoning to her not to look or to follow me, I hid myself between two leaves of sorrel, and there discharged the necessities of nature.

I hope the gentle reader will excuse me for dwelling on these and the like particulars, which, however insignificant they may appear to groveling vulgar minds, yet will certainly help a philosopher to enlarge his thoughts and imagination, and apply them to the benefit of public as well as private life, which was my sole design in presenting this and other accounts of my travels to the world; wherein I have been chiefly studious of truth, without affecting any ornaments of learning or of style. But the whole scene of this voyage made so strong an impression on my mind, and is so deeply fixed in my memory, that, in committing it to paper I did not omit one material circumstance: however, upon a strict review, I blotted out several passages of less moment which were in my first copy, for fear of being censured as tedious and trifling, whereof travellers are often, perhaps not without justice, accused.

## CHAPTER II

*A description of the farmer's daughter. The author carried to a market-town, and then to the metropolis. The particulars of his journey.*

**M**y mistress had a daughter of nine years old, a child of towardly parts for her age, very dexterous at her needle, and skilful in dressing her baby. Her mother and she contrived to fit up the baby's cradle for me against night: the cradle was put into a small drawer of a cabinet, and the drawer placed upon a hanging shelf for fear of the rats. This was my bed all the time I staid with those people, though made more convenient by degrees, as I began to learn their language and make my wants known. This young girl was so handy, that after I had once or twice pulled off my clothes before her, she was able to dress and undress me, though I never gave her that trouble when she would let me do either myself. She made me seven shirts, and some other linen, of as fine cloth as could be got, which indeed was coarser than sackcloth; and these she constantly washed for me with her own hands. She was likewise my

school-mistress, to teach me the language: when I pointed to any thing, she told me the name of it in her own tongue, so that in a few days I was able to call for whatever I had a mind to. She was very good-natured, and not above forty feet high, being little for her age. She gave me the name of *Grildrig*, which the family took up, and afterwards the whole kingdom. The word imports what the Latins call *nanunculus*, the Italians *homunculetino*, and the English *mannikin*. To her I chiefly owe my preservation in that country: we never parted while I was there; I called her my *Glumdalclitch*, or little nurse; and should be guilty of great ingratitude, if I omitted this honourable mention of her care and affection towards me, which I heartily wish it lay in my power to requite as she deserves, instead of being the innocent, but unhappy instrument of her disgrace, as I have too much reason to fear.

It now began to be known and talked of in the neighbourhood, that my master had found a strange animal in the field, about the bigness of a *splacnuck*, but exactly shaped in every part like a human creature; which it likewise imitated in all its actions; seemed to speak in a little language of its own, had already learned several words of theirs, went erect upon two legs, was tame and gentle, would come when it was called, do whatever it was bid, had the finest limbs in the world, and a complexion fairer than a nobleman's

daughter of three years old. Another farmer, who lived hard by, and was a particular friend of my master, came on a visit on purpose to inquire into the truth of this story. I was immediately produced, and placed upon a table, where I walked as I was commanded, drew my hanger, put it up again, made my reverence to my master's guest, asked him in his own language how he did, and told him *he was welcome*, just as my little nurse had instructed me. This man, who was old and dim-sighted, put on his spectacles to behold me better; at which I could not forbear laughing very heartily, for his eyes appeared like the full moon shining into a chamber at two windows. Our people, who discovered the cause of my mirth, bore me company in laughing, at which the old fellow was fool enough to be angry and out of countenance. He had the character of a great miser; and, to my misfortune, he well deserved it, by the cursed advice he gave my master, to show me as a sight upon a market-day in the next town, which was half an hour's riding, about two-and-twenty miles from our house. I guessed there was some mischief when I observed my master and his friend whispering together, sometimes pointing at me; and my fears made me fancy that I overheard and understood some of their words. But the next morning Glumdalclitch, my little nurse, told me the whole matter, which she had cunningly picked out from

her mother. The poor girl laid me on her bosom, and fell a weeping with shame and grief. She apprehended some mischief would happen to me from rude vulgar folks, who might squeeze me to death, or break one of my limbs by taking me in their hands. She had also observed how modest I was in my nature, how nicely I regarded my honour, and what an indignity I should conceive it, to be exposed for money as a public spectacle, to the meanest of the people. She said, her papa and mamma had promised that Grildrig should be hers; but now she found they meant to serve her as they did last year, when they pretended to give her a lamb, and yet, as soon as it was fat, sold it to a butcher. For my own part, I may truly affirm, that I was less concerned than my nurse. I had a strong hope, which never left me, that I should one day recover my liberty: and as to the ignominy of being carried about for a monster, I considered myself to be a perfect stranger in the country, and that such a misfortune could never be charged upon me as a reproach, if ever I should return to England, since the king of Great Britain himself, in my condition, must have undergone the same distress.

My master, pursuant to the advice of his friend, carried me in a box the next market-day to the neighbouring town, and took along with him his little daughter, my nurse, upon a pillion behind him. The box was close on every side, with

a little door for me to go in and out, and a few gimlet holes to let in air. The girl had been so careful as to put the quilt of her baby's bed into it, for me to lie down on. However, I was terribly shaken and discomposed in this journey, though it was but of half an hour: for the horse went about forty feet at every step and trotted so high, that the agitation was equal to the rising and falling of a ship in a great storm, but much more frequent. Our journey was somewhat farther than from London to St. Alban's. My master alighted at an inn which he used to frequent; and after consulting awhile with the inn-keeper, and making some necessary preparations, he hired the *grultrud*, or crier, to give notice through the town of a strange creature to be seen at the sign of the Green Eagle, not so big as a *splacnuck* (an animal in that country very finely shaped, about six feet long,) and in every part of the body resembling a human creature, could speak several words, and perform a hundred diverting tricks.

I was placed upon a table in the largest room of the inn, which might be near three hundred feet square. My little nurse stood on a low stool close to the table, to take care of me, and direct what I should do. My master, to avoid a crowd, would suffer only thirty people at a time to see me. I walked about on the table as the girl commanded; she asked me questions, as far as she knew my understanding of the

language reached, and I answered them as loud as I could. I turned about several times to the company, paid my humble respects, said *they were welcome*, and used some other speeches I had been taught. I took up a thimble filled with liquor, which Glumdalclitch had given me for a cup, and drank their health, I drew out my hanger, and flourished with it after the manner of fencers in England. My nurse gave me a part of a straw, which I exercised as a pike, having learnt the art in my youth. I was that day shown to twelve sets of company, and as often forced to act over again the same fopperies, till I was half dead with weariness and vexation; for those who had seen me made such wonderful reports, that the people were ready to break down the doors to come in. My master, for his own interest, would not suffer any one to touch me except my nurse; and to prevent danger, benches were set round the table at such a distance as to put me out of every body's reach. However, an unlucky school-boy aimed a hazel nut directly at my head, which very narrowly missed me; otherwise it came with so much violence, that it would have infallibly knocked out my brains, for it was almost as large as a small pumpkin, but I had the satisfaction to see the young rogue well beaten, and turned out of the room.

My master gave public notice that he would show me again the next market-day; and in the meantime he prepared

a convenient vehicle for me, which he had reason enough to do; for I was so tired with my first journey, and with entertaining company for eight hours together, that I could hardly stand upon my legs, or speak a word. It was at least three days before I recovered my strength; and that I might have no rest at home, all the neighbouring gentlemen from a hundred miles round, hearing of my fame, came to see me at my master's own house. There could not be fewer than thirty persons with their wives and children (for the country is very populous;) and my master demanded the rate of a full room whenever he showed me at home, although it were only to a single family; so that for some time I had but little ease every day of the week (except Wednesday, which is their Sabbath,) although I were not carried to the town.

My master, finding how profitable I was likely to be, resolved to carry me to the most considerable cities of the kingdom. Having therefore provided himself with all things necessary for a long journey, and settled his affairs at home, he took leave of his wife, and upon the 17th of August, 1703, about two months after my arrival, we set out for the metropolis, situate near the middle of that empire, and about three thousand miles distance from our house. My master made his daughter Glumdalclitch ride behind him. She carried me on her lap, in a box tied about her waist.



The girl had lined it on all sides with the softest cloth she could get, well quilted underneath, furnished it with her baby's bed, provided me with linen and other necessaries, and made everything as convenient as she could. We had no other company but a boy of the house, who rode after us with the luggage.

My master's design was to show me in all the towns by the way, and to step out of the road for fifty or a hundred miles, to any village, or person of quality's house, where he might expect custom. We made easy journeys, of not above seven or eight score miles a-day; for Glumdalclitch, on purpose to spare me, complained she was tired with the trotting of the horse. She often took me out of my box, at my own desire, to give me air, and show me the country, but always held me fast by a leading-string. We passed over five or six rivers, many degrees broader and deeper than the Nile or the Ganges: and there was hardly a rivulet so small as the Thames at London-bridge. We were ten weeks in our journey, and I was shown in eighteen large towns, besides many villages, and private families.

On the 26th day of October we arrived at the metropolis, called in their language *Lorbrulgrud*, or Pride of the Universe. My master took a lodging in the principal street of the city, not far from the royal palace, and put out bills in the usual

form, containing an exact description of my person and parts. He hired a large room between three and four hundred feet wide. He provided a table sixty feet in diameter, upon which I was to act my part, and pallisadoed it round three feet from the edge, and as many high, to prevent my falling over. I was shown ten times a-day, to the wonder and satisfaction of all people. I could now speak the language tolerably well, and perfectly understood every word, that was spoken to me. Besides, I had learnt their alphabet, and could make a shift to explain a sentence here and there; for Glumdalclitch had been my instructor while we were at home, and at leisure hours during our journey. She carried a little book in her pocket, not much larger than a Sanson's Atlas; it was a common treatise for the use of young girls, giving a short account of their religion: out of this she taught me my letters, and interpreted the words.

## CHAPTER III

*The author sent for to court. The queen buys him of his master the farmer, and presents him to the king. He disputes with his majesty's great scholars. An apartment at court provided for the author. He is in high favour with the queen. He stands up for the honour of his own country. His quarrels with the queen's dwarf.*

**T**he frequent labours I underwent every day, made, in a few weeks, a very considerable change in my health: the more my master got by me, the more insatiable he grew. I had quite lost my stomach, and was almost reduced to a skeleton. The farmer observed it, and concluding I must soon die, resolved to make as good a hand of me as he could. While he was thus reasoning and resolving with himself, a *sardral*, or gentleman-usher, came from court, commanding my master to carry me immediately thither for the diversion of the queen and her ladies. Some of the latter had already been to see me, and reported strange things of my beauty, behaviour, and good sense. Her majesty, and

those who attended her, were beyond measure delighted with my demeanour. I fell on my knees, and begged the honour of kissing her imperial foot; but this gracious princess held out her little finger towards me, after I was set on the table, which I embraced in both my arms, and put the tip of it with the utmost respect to my lip. She made me some general questions about my country and my travels, which I answered as distinctly, and in as few words as I could. She asked, “whether I could be content to live at court?” I bowed down to the board of the table, and humbly answered “that I was my master’s slave: but, if I were at my own disposal, I should be proud to devote my life to her majesty’s service.” She then asked my master, “whether he was willing to sell me at a good price?” He, who apprehended I could not live a month, was ready enough to part with me, and demanded a thousand pieces of gold, which were ordered him on the spot, each piece being about the bigness of eight hundred moidores; but allowing for the proportion of all things between that country and Europe, and the high price of gold among them, was hardly so great a sum as a thousand guineas would be in England. I then said to the queen, “since I was now her majesty’s most humble creature and vassal, I must beg the favour, that Glumdalclitch, who had always tended me with so much care and kindness, and understood to do it so well,

might be admitted into her service, and continue to be my nurse and instructor.”

Her majesty agreed to my petition, and easily got the farmer’s consent, who was glad enough to have his daughter preferred at court, and the poor girl herself was not able to hide her joy. My late master withdrew, bidding me farewell, and saying he had left me in a good service; to which I replied not a word, only making him a slight bow.

The queen observed my coldness; and, when the farmer was gone out of the apartment, asked me the reason. I made bold to tell her majesty, “that I owed no other obligation to my late master, than his not dashing out the brains of a poor harmless creature, found by chance in his fields: which obligation was amply recompensed, by the gain he had made in showing me through half the kingdom, and the price he had now sold me for. That the life I had since led was laborious enough to kill an animal of ten times my strength. That my health was much impaired, by the continual drudgery of entertaining the rabble every hour of the day; and that, if my master had not thought my life in danger, her majesty would not have got so cheap a bargain. But as I was out of all fear of being ill-treated under the protection of so great and good an empress, the ornament of nature, the darling of the world, the delight of her subjects,

the phoenix of the creation, so I hoped my late master's apprehensions would appear to be groundless; for I already found my spirits revive, by the influence of her most august presence."

This was the sum of my speech, delivered with great improprieties and hesitation. The latter part was altogether framed in the style peculiar to that people, whereof I learned some phrases from Glumdalclitch, while she was carrying me to court.

The queen, giving great allowance for my defectiveness in speaking, was, however, surprised at so much wit and good sense in so diminutive an animal. She took me in her own hand, and carried me to the king, who was then retired to his cabinet. His majesty, a prince of much gravity and austere countenance, not well observing my shape at first view, asked the queen after a cold manner "how long it was since she grew fond of a *splacnuck*?" for such it seems he took me to be, as I lay upon my breast in her majesty's right hand. But this princess, who has an infinite deal of wit and humour, set me gently on my feet upon the scrutoire, and commanded me to give his majesty an account of myself, which I did in a very few words: and Glumdalclitch who attended at the cabinet door, and could not endure I should

be out of her sight, being admitted, confirmed all that had passed from my arrival at her father's house.

The king, although he be as learned a person as any in his dominions, had been educated in the study of philosophy, and particularly mathematics; yet when he observed my shape exactly, and saw me walk erect, before I began to speak, conceived I might be a piece of clock-work (which is in that country arrived to a very great perfection) contrived by some ingenious artist. But when he heard my voice, and found what I delivered to be regular and rational, he could not conceal his astonishment. He was by no means satisfied with the relation I gave him of the manner I came into his kingdom, but thought it a story concerted between Glumdalclitch and her father, who had taught me a set of words to make me sell at a better price. Upon this imagination, he put several other questions to me, and still received rational answers: no otherwise defective than by a foreign accent, and an imperfect knowledge in the language, with some rustic phrases which I had learned at the farmer's house, and did not suit the polite style of a court.

His majesty sent for three great scholars, who were then in their weekly waiting, according to the custom in that country. These gentlemen, after they had a while examined my shape with much nicety, were of different

opinions concerning me. They all agreed that I could not be produced according to the regular laws of nature, because I was not framed with a capacity of preserving my life, either by swiftness, or climbing of trees, or digging holes in the earth. They observed by my teeth, which they viewed with great exactness, that I was a carnivorous animal; yet most quadrupeds being an overmatch for me, and field mice, with some others, too nimble, they could not imagine how I should be able to support myself, unless I fed upon snails and other insects, which they offered, by many learned arguments, to evince that I could not possibly do. One of these virtuosi seemed to think that I might be an embryo, or abortive birth. But this opinion was rejected by the other two, who observed my limbs to be perfect and finished; and that I had lived several years, as it was manifest from my beard, the stumps whereof they plainly discovered through a magnifying glass. They would not allow me to be a dwarf, because my littleness was beyond all degrees of comparison; for the queen's favourite dwarf, the smallest ever known in that kingdom, was near thirty feet high. After much debate, they concluded unanimously, that I was only *relplum scalcath*, which is interpreted literally *lusus naturæ*; a determination exactly agreeable to the modern philosophy of Europe, whose professors, disdaining the old evasion of occult causes,



whereby the followers of Aristotle endeavoured in vain to disguise their ignorance, have invented this wonderful solution of all difficulties, to the unspeakable advancement of human knowledge.

After this decisive conclusion, I entreated to be heard a word or two. I applied myself to the king, and assured his majesty, “that I came from a country which abounded with several millions of both sexes, and of my own stature; where the animals, trees, and houses, were all in proportion, and where, by consequence, I might be as able to defend myself, and to find sustenance, as any of his majesty’s subjects could do here; which I took for a full answer to those gentlemen’s arguments.” To this they only replied with a smile of contempt, saying, “that the farmer had instructed me very well in my lesson.” The king, who had a much better understanding, dismissing his learned men, sent for the farmer, who by good fortune was not yet gone out of town. Having therefore first examined him privately, and then confronted him with me and the young girl, his majesty began to think that what we told him might possibly be true. He desired the queen to order that a particular care should be taken of me; and was of opinion that Glumdalclitch should still continue in her office of tending me, because he observed we had a great affection for each other. A

convenient apartment was provided for her at court: she had a sort of governess appointed to take care of her education, a maid to dress her, and two other servants for menial offices; but the care of me was wholly appropriated to herself. The queen commanded her own cabinet-maker to contrive a box, that might serve me for a bedchamber, after the model that Glumdalclitch and I should agree upon. This man was a most ingenious artist, and according to my direction, in three weeks finished for me a wooden chamber of sixteen feet square, and twelve high, with sash-windows, a door, and two closets, like a London bed-chamber. The board, that made the ceiling, was to be lifted up and down by two hinges, to put in a bed ready furnished by her majesty's upholsterer, which Glumdalclitch took out every day to air, made it with her own hands, and letting it down at night, locked up the roof over me. A nice workman, who was famous for little curiosities, undertook to make me two chairs, with backs and frames, of a substance not unlike ivory, and two tables, with a cabinet to put my things in. The room was quilted on all sides, as well as the floor and the ceiling, to prevent any accident from the carelessness of those who carried me, and to break the force of a jolt, when I went in a coach. I desired a lock for my door, to prevent rats and mice from coming in. The smith, after several attempts, made the

smallest that ever was seen among them, for I have known a larger at the gate of a gentleman's house in England. I made a shift to keep the key in a pocket of my own, fearing Glumdalclitch might lose it. The queen likewise ordered the thinnest silks that could be gotten, to make me clothes, not much thicker than an English blanket, very cumbersome till I was accustomed to them. They were after the fashion of the kingdom, partly resembling the Persian, and partly the Chinese, and are a very grave and decent habit.

The queen became so fond of my company, that she could not dine without me. I had a table placed upon the same at which her majesty ate, just at her left elbow, and a chair to sit on. Glumdalclitch stood on a stool on the floor near my table, to assist and take care of me. I had an entire set of silver dishes and plates, and other necessaries, which, in proportion to those of the queen, were not much bigger than what I have seen in a London toy-shop for the furniture of a baby-house: these my little nurse kept in her pocket in a silver box, and gave me at meals as I wanted them, always cleaning them herself. No person dined with the queen but the two princesses royal, the eldest sixteen years old, and the younger at that time thirteen and a month. Her majesty used to put a bit of meat upon one of my dishes, out of which I carved for myself, and her diversion was to

see me eat in miniature: for the queen (who had indeed but a weak stomach) took up, at one mouthful, as much as a dozen English farmers could eat at a meal, which to me was for some time a very nauseous sight. She would craunch the wing of a lark, bones and all, between her teeth, although it were nine times as large as that of a full-grown turkey; and put a bit of bread into her mouth as big as two twelve-penny loaves. She drank out of a golden cup, above a hogshead at a draught. Her knives were twice as long as a scythe, set straight upon the handle. The spoons, forks, and other instruments, were all in the same proportion. I remember when Glumdalclitch carried me, out of curiosity, to see some of the tables at court, where ten or a dozen of those enormous knives and forks were lifted up together, I thought I had never till then beheld so terrible a sight.

It is the custom, that every Wednesday (which, as I have observed, is their Sabbath) the king and queen, with the royal issue of both sexes, dine together in the apartment of his majesty, to whom I was now become a great favourite; and at these times, my little chair and table were placed at his left hand, before one of the salt-cellars. This prince took a pleasure in conversing with me, inquiring into the manners, religion, laws, government, and learning of Europe; wherein I gave him the best account I was able. His apprehension was

so clear, and his judgment so exact, that he made very wise reflections and observations upon all I said. But I confess, that, after I had been a little too copious in talking of my own beloved country, of our trade and wars by sea and land, of our schisms in religion, and parties in the state; the prejudices of his education prevailed so far, that he could not forbear taking me up in his right hand, and stroking me gently with the other, after a hearty fit of laughing, asked me, “whether I was a whig or tory?” Then turning to his first minister, who waited behind him with a white staff, near as tall as the mainmast of the Royal Sovereign, he observed “how contemptible a thing was human grandeur, which could be mimicked by such diminutive insects as I: and yet,” says he, “I dare engage these creatures have their titles and distinctions of honour; they contrive little nests and burrows, that they call houses and cities; they make a figure in dress and equipage; they love, they fight, they dispute, they cheat, they betray!” And thus he continued on, while my colour came and went several times, with indignation, to hear our noble country, the mistress of arts and arms, the scourge of France, the arbitress of Europe, the seat of virtue, piety, honour, and truth, the pride and envy of the world, so contemptuously treated.

But as I was not in a condition to resent injuries, so upon mature thoughts I began to doubt whether I was injured or no. For, after having been accustomed several months to the sight and converse of this people, and observed every object upon which I cast mine eyes to be of proportionable magnitude, the horror I had at first conceived from their bulk and aspect was so far worn off, that if I had then beheld a company of English lords and ladies in their finery and birth-day clothes, acting their several parts in the most courtly manner of strutting, and bowing, and prating, to say the truth, I should have been strongly tempted to laugh as much at them as the king and his grandees did at me. Neither, indeed, could I forbear smiling at myself, when the queen used to place me upon her hand towards a looking-glass, by which both our persons appeared before me in full view together; and there could be nothing more ridiculous than the comparison; so that I really began to imagine myself dwindled many degrees below my usual size.

Nothing angered and mortified me so much as the queen's dwarf; who being of the lowest stature that was ever in that country (for I verily think he was not full thirty feet high), became so insolent at seeing a creature so much beneath him, that he would always affect to swagger and look big as he passed by me in the queen's antechamber,

while I was standing on some table talking with the lords or ladies of the court, and he seldom failed of a smart word or two upon my littleness; against which I could only revenge myself by calling him brother, challenging him to wrestle, and such repartees as are usually in the mouths of court pages. One day, at dinner, this malicious little cub was so nettled with something I had said to him, that, raising himself upon the frame of her majesty's chair, he took me up by the middle, as I was sitting down, not thinking any harm, and let me drop into a large silver bowl of cream, and then ran away as fast as he could. I fell over head and ears, and, if I had not been a good swimmer, it might have gone very hard with me; for Glumdalclitch in that instant happened to be at the other end of the room, and the queen was in such a fright, that she wanted presence of mind to assist me. But my little nurse ran to my relief, and took me out, after I had swallowed above a quart of cream. I was put to bed: however, I received no other damage than the loss of a suit of clothes, which was utterly spoiled. The dwarf was soundly whipt, and as a farther punishment, forced to drink up the bowl of cream into which he had thrown me: neither was he ever restored to favour; for soon after the queen bestowed him on a lady of high quality, so that I saw him no more, to my very great satisfaction; for I could not

tell to what extremities such a malicious urchin might have carried his resentment.

He had before served me a scurvy trick, which set the queen a-laughing, although at the same time she was heartily vexed, and would have immediately cashiered him, if I had not been so generous as to intercede. Her majesty had taken a marrow-bone upon her plate, and, after knocking out the marrow, placed the bone again in the dish erect, as it stood before; the dwarf, watching his opportunity, while Glumdalclitch was gone to the side-board, mounted the stool that she stood on to take care of me at meals, took me up in both hands, and squeezing my legs together, wedged them into the marrow bone above my waist, where I stuck for some time, and made a very ridiculous figure. I believe it was near a minute before any one knew what was become of me; for I thought it below me to cry out. But, as princes seldom get their meat hot, my legs were not scalded, only my stockings and breeches in a sad condition. The dwarf, at my entreaty, had no other punishment than a sound whipping.

I was frequently rallied by the queen upon account of my fearfulness; and she used to ask me whether the people of my country were as great cowards as myself? The occasion was this: the kingdom is much pestered with flies in summer; and these odious insects, each of them as big as a Dunstable



lark, hardly gave me any rest while I sat at dinner, with their continual humming and buzzing about mine ears. They would sometimes alight upon my victuals, and leave their loathsome excrement, or spawn behind, which to me was very visible, though not to the natives of that country, whose large optics were not so acute as mine, in viewing smaller objects. Sometimes they would fix upon my nose, or forehead, where they stung me to the quick, smelling very offensively; and I could easily trace that viscous matter, which, our naturalists tell us, enables those creatures to walk with their feet upwards upon a ceiling. I had much ado to defend myself against these detestable animals, and could not forbear starting when they came on my face. It was the common practice of the dwarf, to catch a number of these insects in his hand, as schoolboys do among us, and let them out suddenly under my nose, on purpose to frighten me, and divert the queen. My remedy was to cut them in pieces with my knife, as they flew in the air, wherein my dexterity was much admired.

I remember, one morning, when Glumdalclitch had set me in a box upon a window, as she usually did in fair days to give me air (for I durst not venture to let the box be hung on a nail out of the window, as we do with cages in England), after I had lifted up one of my sashes, and sat down at my

table to eat a piece of sweet cake for my breakfast, above twenty wasps, allured by the smell, came flying into the room, humming louder than the drones of as many bagpipes. Some of them seized my cake, and carried it piecemeal away; others flew about my head and face, confounding me with the noise, and putting me in the utmost terror of their stings. However, I had the courage to rise and draw my hanger, and attack them in the air. I dispatched four of them, but the rest got away, and I presently shut my window. These insects were as large as partridges: I took out their stings, found them an inch and a half long, and as sharp as needles. I carefully preserved them all; and having since shown them, with some other curiosities, in several parts of Europe, upon my return to England I gave three of them to Gresham College, and kept the fourth for myself.

## CHAPTER IV

*The country described. A proposal for correcting modern maps. The king's palace; and some account of the metropolis. The author's way of travelling. The chief temple described.*

**I** now intend to give the reader a short description of this country, as far as I travelled in it, which was not above two thousand miles round Lorbrulgrud, the metropolis. For the queen, whom I always attended, never went farther when she accompanied the king in his progresses, and there staid till his majesty returned from viewing his frontiers. The whole extent of this prince's dominions reaches about six thousand miles in length, and from three to five in breadth: whence I cannot but conclude, that our geographers of Europe are in a great error, by supposing nothing but sea between Japan and California; for it was ever my opinion, that there must be a balance of earth to counterpoise the great continent of Tartary; and therefore they ought to correct their maps and charts, by joining this vast tract of

land to the north-west parts of America, wherein I shall be ready to lend them my assistance.

The kingdom is a peninsula, terminated to the north-east by a ridge of mountains thirty miles high, which are altogether impassable, by reason of the volcanoes upon the tops: neither do the most learned know what sort of mortals inhabit beyond those mountains, or whether they be inhabited at all. On the three other sides, it is bounded by the ocean. There is not one seaport in the whole kingdom: and those parts of the coasts into which the rivers issue, are so full of pointed rocks, and the sea generally so rough, that there is no venturing with the smallest of their boats; so that these people are wholly excluded from any commerce with the rest of the world. But the large rivers are full of vessels, and abound with excellent fish; for they seldom get any from the sea, because the sea fish are of the same size with those in Europe, and consequently not worth catching; whereby it is manifest, that nature, in the production of plants and animals of so extraordinary a bulk, is wholly confined to this continent, of which I leave the reasons to be determined by philosophers. However, now and then they take a whale that happens to be dashed against the rocks, which the common people feed on heartily. These whales I have known so large, that a man could hardly carry one upon his shoulders; and

sometimes, for curiosity, they are brought in hampers to Lorbrulgrud; I saw one of them in a dish at the king's table, which passed for a rarity, but I did not observe he was fond of it; for I think, indeed, the bigness disgusted him, although I have seen one somewhat larger in Greenland.

The country is well inhabited, for it contains fifty-one cities, near a hundred walled towns, and a great number of villages. To satisfy my curious reader, it may be sufficient to describe Lorbrulgrud. This city stands upon almost two equal parts, on each side the river that passes through. It contains above eighty thousand houses, and about six hundred thousand inhabitants. It is in length three *glomglungs* (which make about fifty-four English miles,) and two and a half in breadth; as I measured it myself in the royal map made by the king's order, which was laid on the ground on purpose for me, and extended a hundred feet: I paced the diameter and circumference several times barefoot, and, computing by the scale, measured it pretty exactly.

The king's palace is no regular edifice, but a heap of buildings, about seven miles round: the chief rooms are generally two hundred and forty feet high, and broad and long in proportion. A coach was allowed to Glumdalclitch and me, wherein her governess frequently took her out to see the town, or go among the shops; and I was always of the

party, carried in my box; although the girl, at my own desire, would often take me out, and hold me in her hand, that I might more conveniently view the houses and the people, as we passed along the streets. I reckoned our coach to be about a square of Westminster-hall, but not altogether so high: however, I cannot be very exact. One day the governess ordered our coachman to stop at several shops, where the beggars, watching their opportunity, crowded to the sides of the coach, and gave me the most horrible spectacle that ever a European eye beheld. There was a woman with a cancer in her breast, swelled to a monstrous size, full of holes, in two or three of which I could have easily crept, and covered my whole body. There was a fellow with a wen in his neck, larger than five wool-packs; and another, with a couple of wooden legs, each about twenty feet high. But the most hateful sight of all, was the lice crawling on their clothes. I could see distinctly the limbs of these vermin with my naked eye, much better than those of a European louse through a microscope, and their snouts with which they rooted like swine. They were the first I had ever beheld, and I should have been curious enough to dissect one of them, if I had had proper instruments, which I unluckily left behind me in the ship, although, indeed, the sight was so nauseous, that it perfectly turned my stomach.

Besides the large box in which I was usually carried, the queen ordered a smaller one to be made for me, of about twelve feet square, and ten high, for the convenience of travelling; because the other was somewhat too large for Glumdalclitch's lap, and cumbersome in the coach; it was made by the same artist, whom I directed in the whole contrivance. This travelling-closet was an exact square, with a window in the middle of three of the squares, and each window was latticed with iron wire on the outside, to prevent accidents in long journeys. On the fourth side, which had no window, two strong staples were fixed, through which the person that carried me, when I had a mind to be on horseback, put a leathern belt, and buckled it about his waist. This was always the office of some grave trusty servant, in whom I could confide, whether I attended the king and queen in their progresses, or were disposed to see the gardens, or pay a visit to some great lady or minister of state in the court, when Glumdalclitch happened to be out of order; for I soon began to be known and esteemed among the greatest officers, I suppose more upon account of their majesties' favour, than any merit of my own. In journeys, when I was weary of the coach, a servant on horseback would buckle on my box, and place it upon a cushion before him; and there I had a full prospect of the country on three sides,

from my three windows. I had, in this closet, a field-bed and a hammock, hung from the ceiling, two chairs and a table, neatly screwed to the floor, to prevent being tossed about by the agitation of the horse or the coach. And having been long used to sea-voyages, those motions, although sometimes very violent, did not much discompose me.

Whenever I had a mind to see the town, it was always in my travelling-closet; which Glumdalclitch held in her lap in a kind of open sedan, after the fashion of the country, borne by four men, and attended by two others in the queen's livery. The people, who had often heard of me, were very curious to crowd about the sedan, and the girl was complaisant enough to make the bearers stop, and to take me in her hand, that I might be more conveniently seen.

I was very desirous to see the chief temple, and particularly the tower belonging to it, which is reckoned the highest in the kingdom. Accordingly one day my nurse carried me thither, but I may truly say I came back disappointed; for the height is not above three thousand feet, reckoning from the ground to the highest pinnacle top; which, allowing for the difference between the size of those people and us in Europe, is no great matter for admiration, nor at all equal in proportion (if I rightly remember) to Salisbury steeple. But, not to detract from a nation, to which,



during my life, I shall acknowledge myself extremely obliged, it must be allowed, that whatever this famous tower wants in height, is amply made up in beauty and strength: for the walls are near a hundred feet thick, built of hewn stone, whereof each is about forty feet square, and adorned on all sides with statues of gods and emperors, cut in marble, larger than the life, placed in their several niches. I measured a little finger which had fallen down from one of these statues, and lay unperceived among some rubbish, and found it exactly four feet and an inch in length. Glumdalclitch wrapped it up in her handkerchief, and carried it home in her pocket, to keep among other trinkets, of which the girl was very fond, as children at her age usually are.

The king's kitchen is indeed a noble building, vaulted at top, and about six hundred feet high. The great oven is not so wide, by ten paces, as the cupola at St. Paul's: for I measured the latter on purpose, after my return. But if I should describe the kitchen grate, the prodigious pots and kettles, the joints of meat turning on the spits, with many other particulars, perhaps I should be hardly believed; at least a severe critic would be apt to think I enlarged a little, as travellers are often suspected to do. To avoid which censure I fear I have run too much into the other extreme; and that if this treatise should happen to be translated into

the language of Brobdingnag (which is the general name of that kingdom,) and transmitted thither, the king and his people would have reason to complain that I had done them an injury, by a false and diminutive representation.

His majesty seldom keeps above six hundred horses in his stables: they are generally from fifty-four to sixty feet high. But, when he goes abroad on solemn days, he is attended, for state, by a military guard of five hundred horse, which, indeed, I thought was the most splendid sight that could be ever beheld, till I saw part of his army in battalia, whereof I shall find another occasion to speak.

## CHAPTER V

*Several adventures that happened to the author.  
The execution of a criminal. The author shows his  
skill in navigation.*

■ should have lived happy enough in that country, if my littleness had not exposed me to several ridiculous and troublesome accidents; some of which I shall venture to relate. Glumdalclitch often carried me into the gardens of the court in my smaller box, and would sometimes take me out of it, and hold me in her hand, or set me down to walk. I remember, before the dwarf left the queen, he followed us one day into those gardens, and my nurse having set me down, he and I being close together, near some dwarf apple trees, I must needs show my wit, by a silly allusion between him and the trees, which happens to hold in their language as it does in ours. Whereupon, the malicious rogue, watching his opportunity, when I was walking under one of them, shook it directly over my head, by which a dozen apples, each of them near as large as a Bristol barrel, came tumbling about my ears; one of them hit me on the back as

I chanced to stoop, and knocked me down flat on my face; but I received no other hurt, and the dwarf was pardoned at my desire, because I had given the provocation.

Another day, Glumdalclitch left me on a smooth grass-plot to divert myself, while she walked at some distance with her governess. In the meantime, there suddenly fell such a violent shower of hail, that I was immediately by the force of it, struck to the ground: and when I was down, the hailstones gave me such cruel bangs all over the body, as if I had been pelted with tennis-balls; however, I made a shift to creep on all fours, and shelter myself, by lying flat on my face, on the lee-side of a border of lemon-thyme, but so bruised from head to foot, that I could not go abroad in ten days. Neither is this at all to be wondered at, because nature, in that country, observing the same proportion through all her operations, a hailstone is near eighteen hundred times as large as one in Europe; which I can assert upon experience, having been so curious as to weigh and measure them.

But a more dangerous accident happened to me in the same garden, when my little nurse, believing she had put me in a secure place (which I often entreated her to do, that I might enjoy my own thoughts,) and having left my box at home, to avoid the trouble of carrying it, went to another part of the garden with her governess and some

ladies of her acquaintance. While she was absent, and out of hearing, a small white spaniel that belonged to one of the chief gardeners, having got by accident into the garden, happened to range near the place where I lay: the dog, following the scent, came directly up, and taking me in his mouth, ran straight to his master wagging his tail, and set me gently on the ground. By good fortune he had been so well taught, that I was carried between his teeth without the least hurt, or even tearing my clothes. But the poor gardener, who knew me well, and had a great kindness for me, was in a terrible fright: he gently took me up in both his hands, and asked me how I did? but I was so amazed and out of breath, that I could not speak a word. In a few minutes I came to myself, and he carried me safe to my little nurse, who, by this time, had returned to the place where she left me, and was in cruel agonies when I did not appear, nor answer when she called. She severely reprimanded the gardener on account of his dog. But the thing was hushed up, and never known at court, for the girl was afraid of the queen's anger; and truly, as to myself, I thought it would not be for my reputation, that such a story should go about.

This accident absolutely determined Glumdalclitch never to trust me abroad for the future out of her sight. I had been long afraid of this resolution, and therefore

concealed from her some little unlucky adventures, that happened in those times when I was left by myself. Once a kite, hovering over the garden, made a stoop at me, and if I had not resolutely drawn my hanger, and run under a thick espalier, he would have certainly carried me away in his talons. Another time, walking to the top of a fresh mole-hill, I fell to my neck in the hole, through which that animal had cast up the earth, and coined some lie, not worth remembering, to excuse myself for spoiling my clothes. I likewise broke my right shin against the shell of a snail, which I happened to stumble over, as I was walking alone and thinking on poor England.

I cannot tell whether I were more pleased or mortified to observe, in those solitary walks, that the smaller birds did not appear to be at all afraid of me, but would hop about within a yard's distance, looking for worms and other food, with as much indifference and security as if no creature at all were near them. I remember, a thrush had the confidence to snatch out of my hand, with his bill, a of cake that Glumdalclitch had just given me for my breakfast. When I attempted to catch any of these birds, they would boldly turn against me, endeavouring to peck my fingers, which I durst not venture within their reach; and then they would hop back unconcerned, to hunt for worms or snails,

as they did before. But one day, I took a thick cudgel, and threw it with all my strength so luckily, at a linnet, that I knocked him down, and seizing him by the neck with both my hands, ran with him in triumph to my nurse. However, the bird, who had only been stunned, recovering himself gave me so many boxes with his wings, on both sides of my head and body, though I held him at arm's-length, and was out of the reach of his claws, that I was twenty times thinking to let him go. But I was soon relieved by one of our servants, who wrung off the bird's neck, and I had him next day for dinner, by the queen's command. This linnet, as near as I can remember, seemed to be somewhat larger than an English swan.

The maids of honour often invited Glumdalclitch to their apartments, and desired she would bring me along with her, on purpose to have the pleasure of seeing and touching me. They would often strip me naked from top to toe, and lay me at full length in their bosoms; wherewith I was much disgusted because, to say the truth, a very offensive smell came from their skins; which I do not mention, or intend, to the disadvantage of those excellent ladies, for whom I have all manner of respect; but I conceive that my sense was more acute in proportion to my littleness, and that those illustrious persons were no more disagreeable

to their lovers, or to each other, than people of the same quality are with us in England. And, after all, I found their natural smell was much more supportable, than when they used perfumes, under which I immediately swooned away. I cannot forget, that an intimate friend of mine in Lilliput, took the freedom in a warm day, when I had used a good deal of exercise, to complain of a strong smell about me, although I am as little faulty that way, as most of my sex: but I suppose his faculty of smelling was as nice with regard to me, as mine was to that of this people. Upon this point, I cannot forbear doing justice to the queen my mistress, and Glumdalclitch my nurse, whose persons were as sweet as those of any lady in England.

That which gave me most uneasiness among these maids of honour (when my nurse carried me to visit them) was, to see them use me without any manner of ceremony, like a creature who had no sort of consequence: for they would strip themselves to the skin, and put on their smocks in my presence, while I was placed on their toilet, directly before their naked bodies, which I am sure to me was very far from being a tempting sight, or from giving me any other emotions than those of horror and disgust: their skins appeared so coarse and uneven, so variously coloured, when I saw them near, with a mole here and there as broad as a



trencher, and hairs hanging from it thicker than packthreads, to say nothing farther concerning the rest of their persons. Neither did they at all scruple, while I was by, to discharge what they had drank, to the quantity of at least two hogsheads, in a vessel that held above three tuns. The handsomest among these maids of honour, a pleasant, frolicsome girl of sixteen, would sometimes set me astride upon one of her nipples, with many other tricks, wherein the reader will excuse me for not being over particular. But I was so much displeas'd, that I entreated Glumdalclitch to contrive some excuse for not seeing that young lady any more.

One day, a young gentleman, who was nephew to my nurse's governess, came and press'd them both to see an execution. It was of a man, who had murdered one of that gentleman's intimate acquaintance. Glumdalclitch was prevail'd on to be of the company, very much against her inclination, for she was naturally tender-hearted: and, as for myself, although I abhorred such kind of spectacles, yet my curiosity tempt'd me to see something that I thought must be extraordinary. The malefactor was fix'd in a chair upon a scaffold erected for that purpose, and his head cut off at one blow, with a sword of about forty feet long. The veins and arteries spouted up such a prodigious quantity of blood, and so high in the air, that the great *jet d'eau* at Versailles

was not equal to it for the time it lasted: and the head, when it fell on the scaffold floor, gave such a bounce as made me start, although I was at least half an English mile distant.

The queen, who often used to hear me talk of my sea-voyages, and took all occasions to divert me when I was melancholy, asked me whether I understood how to handle a sail or an oar, and whether a little exercise of rowing might not be convenient for my health? I answered, that I understood both very well: for although my proper employment had been to be surgeon or doctor to the ship, yet often, upon a pinch, I was forced to work like a common mariner. But I could not see how this could be done in their country, where the smallest wherry was equal to a first-rate man of war among us; and such a boat as I could manage would never live in any of their rivers. Her majesty said, if I would contrive a boat, her own joiner should make it, and she would provide a place for me to sail in. The fellow was an ingenious workman, and by my instructions, in ten days, finished a pleasure-boat with all its tackling, able conveniently to hold eight Europeans. When it was finished, the queen was so delighted, that she ran with it in her lap to the king, who ordered it to be put into a cistern full of water, with me in it, by way of trial, where I could not manage my two sculls, or little oars, for want of room. But the queen had

before contrived another project. She ordered the joiner to make a wooden trough of three hundred feet long, fifty broad, and eight deep; which, being well pitched, to prevent leaking, was placed on the floor, along the wall, in an outer room of the palace. It had a cock near the bottom to let out the water, when it began to grow stale; and two servants could easily fill it in half an hour. Here I often used to row for my own diversion, as well as that of the queen and her ladies, who thought themselves well entertained with my skill and agility. Sometimes I would put up my sail, and then my business was only to steer, while the ladies gave me a gale with their fans; and, when they were weary, some of their pages would blow my sail forward with their breath, while I showed my art by steering starboard or larboard as I pleased. When I had done, Glumdalclitch always carried back my boat into her closet, and hung it on a nail to dry.

In this exercise I once met an accident, which had like to have cost me my life; for, one of the pages having put my boat into the trough, the governess who attended Glumdalclitch very officiously lifted me up, to place me in the boat: but I happened to slip through her fingers, and should infallibly have fallen down forty feet upon the floor, if, by the luckiest chance in the world, I had not been stopped by a corking-pin that stuck in the good gentlewoman's stomacher; the head

of the pin passing between my shirt and the waistband of my breeches, and thus I was held by the middle in the air, till Glumdalclitch ran to my relief.

Another time, one of the servants, whose office it was to fill my trough every third day with fresh water, was so careless as to let a huge frog (not perceiving it) slip out of his pail. The frog lay concealed till I was put into my boat, but then, seeing a resting-place, climbed up, and made it lean so much on one side, that I was forced to balance it with all my weight on the other, to prevent overturning. When the frog was got in, it hopped at once half the length of the boat, and then over my head, backward and forward, daubing my face and clothes with its odious slime. The largeness of its features made it appear the most deformed animal that can be conceived. However, I desired Glumdalclitch to let me deal with it alone. I banged it a good while with one of my sculls, and at last forced it to leap out of the boat.

But the greatest danger I ever underwent in that kingdom, was from a monkey, who belonged to one of the clerks of the kitchen. Glumdalclitch had locked me up in her closet, while she went somewhere upon business, or a visit. The weather being very warm, the closet-window was left open, as well as the windows and the door of my bigger box, in which I usually lived, because of its largeness and

conveniency. As I sat quietly meditating at my table, I heard something bounce in at the closet-window, and skip about from one side to the other: whereat, although I was much alarmed, yet I ventured to look out, but not stirring from my seat; and then I saw this frolicsome animal frisking and leaping up and down, till at last he came to my box, which he seemed to view with great pleasure and curiosity, peeping in at the door and every window. I retreated to the farther corner of my room; or box; but the monkey looking in at every side, put me in such a fright, that I wanted presence of mind to conceal myself under the bed, as I might easily have done. After some time spent in peeping, grinning, and chattering, he at last espied me; and reaching one of his paws in at the door, as a cat does when she plays with a mouse, although I often shifted place to avoid him, he at length seized the lappet of my coat (which being made of that country silk, was very thick and strong), and dragged me out. He took me up in his right fore-foot and held me as a nurse does a child she is going to suckle, just as I have seen the same sort of creature do with a kitten in Europe; and when I offered to struggle he squeezed me so hard, that I thought it more prudent to submit. I have good reason to believe, that he took me for a young one of his own species, by his often stroking my face very gently with his other paw.

In these diversions he was interrupted by a noise at the closet door, as if somebody were opening it: whereupon he suddenly leaped up to the window at which he had come in, and thence upon the leads and gutters, walking upon three legs, and holding me in the fourth, till he clambered up to a roof that was next to ours. I heard Glumdalclitch give a shriek at the moment he was carrying me out. The poor girl was almost distracted: that quarter of the palace was all in an uproar; the servants ran for ladders; the monkey was seen by hundreds in the court, sitting upon the ridge of a building, holding me like a baby in one of his forepaws, and feeding me with the other, by cramming into my mouth some victuals he had squeezed out of the bag on one side of his chaps, and patting me when I would not eat; whereat many of the rabble below could not forbear laughing; neither do I think they justly ought to be blamed, for, without question, the sight was ridiculous enough to every body but myself. Some of the people threw up stones, hoping to drive the monkey down; but this was strictly forbidden, or else, very probably, my brains had been dashed out.

The ladders were now applied, and mounted by several men; which the monkey observing, and finding himself almost encompassed, not being able to make speed enough with his three legs, let me drop on a ridge tile, and made his

escape. Here I sat for some time, five hundred yards from the ground, expecting every moment to be blown down by the wind, or to fall by my own giddiness, and come tumbling over and over from the ridge to the eaves; but an honest lad, one of my nurse's footmen, climbed up, and putting me into his breeches pocket, brought me down safe.

I was almost choked with the filthy stuff the monkey had crammed down my throat: but my dear little nurse picked it out of my mouth with a small needle, and then I fell a-vomiting, which gave me great relief. Yet I was so weak and bruised in the sides with the squeezes given me by this odious animal, that I was forced to keep my bed a fortnight. The king, queen, and all the court, sent every day to inquire after my health; and her majesty made me several visits during my sickness. The monkey was killed, and an order made, that no such animal should be kept about the palace.

When I attended the king after my recovery, to return him thanks for his favours, he was pleased to rally me a good deal upon this adventure. He asked me, "what my thoughts and speculations were, while I lay in the monkey's paw; how I liked the victuals he gave me; his manner of feeding; and whether the fresh air on the roof had sharpened my stomach." He desired to know, "what I would have done upon such an occasion in my own country." I told his majesty, "that in

Europe we had no monkeys, except such as were brought for curiosity from other places, and so small, that I could deal with a dozen of them together, if they presumed to attack me. And as for that monstrous animal with whom I was so lately engaged (it was indeed as large as an elephant), if my fears had suffered me to think so far as to make use of my hanger," (looking fiercely, and clapping my hand on the hilt, as I spoke) "when he poked his paw into my chamber, perhaps I should have given him such a wound, as would have made him glad to withdraw it with more haste than he put it in." This I delivered in a firm tone, like a person who was jealous lest his courage should be called in question. However, my speech produced nothing else beside a loud laughter, which all the respect due to his majesty from those about him could not make them contain. This made me reflect, how vain an attempt it is for a man to endeavour to do himself honour among those who are out of all degree of equality or comparison with him. And yet I have seen the moral of my own behaviour very frequent in England since my return; where a little contemptible varlet, without the least title to birth, person, wit, or common sense, shall presume to look with importance, and put himself upon a foot with the greatest persons of the kingdom.



I was every day furnishing the court with some ridiculous story: and Glumdalclitch, although she loved me to excess, yet was arch enough to inform the queen, whenever I committed any folly that she thought would be diverting to her majesty. The girl, who had been out of order, was carried by her governess to take the air about an hour's distance, or thirty miles from town. They alighted out of the coach near a small foot-path in a field, and Glumdalclitch setting down my travelling box, I went out of it to walk. There was a cow-dung in the path, and I must need try my activity by attempting to leap over it. I took a run, but unfortunately jumped short, and found myself just in the middle up to my knees. I waded through with some difficulty, and one of the footmen wiped me as clean as he could with his handkerchief, for I was filthily bemired; and my nurse confined me to my box, till we returned home; where the queen was soon informed of what had passed, and the footmen spread it about the court: so that all the mirth for some days was at my expense.

## CHAPTER VI

*Several contrivances of the author to please the king and queen. He shows his skill in music. The king inquires into the state of England, which the author relates to him. The king's observations thereon.*

used to attend the king's levee once or twice a week, and had often seen him under the barber's hand, which indeed was at first very terrible to behold; for the razor was almost twice as long as an ordinary scythe. His majesty, according to the custom of the country, was only shaved twice a-week. I once prevailed on the barber to give me some of the suds or lather, out of which I picked forty or fifty of the strongest stumps of hair. I then took a piece of fine wood, and cut it like the back of a comb, making several holes in it at equal distances with as small a needle as I could get from Glumdalclitch. I fixed in the stumps so artificially, scraping and sloping them with my knife toward the points, that I made a very tolerable comb; which was a seasonable supply, my own being so much broken in the teeth, that it was almost

useless: neither did I know any artist in that country so nice and exact, as would undertake to make me another.

And this puts me in mind of an amusement, wherein I spent many of my leisure hours. I desired the queen's woman to save for me the combings of her majesty's hair, whereof in time I got a good quantity; and consulting with my friend the cabinet-maker, who had received general orders to do little jobs for me, I directed him to make two chair-frames, no larger than those I had in my box, and to bore little holes with a fine awl, round those parts where I designed the backs and seats; through these holes I wove the strongest hairs I could pick out, just after the manner of cane chairs in England. When they were finished, I made a present of them to her majesty; who kept them in her cabinet, and used to show them for curiosities, as indeed they were the wonder of every one that beheld them. The queen would have me sit upon one of these chairs, but I absolutely refused to obey her, protesting I would rather die than place a dishonourable part of my body on those precious hairs, that once adorned her majesty's head. Of these hairs (as I had always a mechanical genius) I likewise made a neat little purse, about five feet long, with her majesty's name deciphered in gold letters, which I gave to Glumdalclitch, by the queen's consent. To say the truth, it was more for

show than use, being not of strength to bear the weight of the larger coins, and therefore she kept nothing in it but some little toys that girls are fond of.

The king, who delighted in music, had frequent concerts at court, to which I was sometimes carried, and set in my box on a table to hear them: but the noise was so great that I could hardly distinguish the tunes. I am confident that all the drums and trumpets of a royal army, beating and sounding together just at your ears, could not equal it. My practice was to have my box removed from the place where the performers sat, as far as I could, then to shut the doors and windows of it, and draw the window curtains; after which I found their music not disagreeable.

I had learned in my youth to play a little upon the spinet. Glumdalclitch kept one in her chamber, and a master attended twice a-week to teach her: I called it a spinet, because it somewhat resembled that instrument, and was played upon in the same manner. A fancy came into my head, that I would entertain the king and queen with an English tune upon this instrument. But this appeared extremely difficult: for the spinet was near sixty feet long, each key being almost a foot wide, so that with my arms extended I could not reach to above five keys, and to press them down required a good smart stroke with my fist, which would

be too great a labour, and to no purpose. The method I contrived was this: I prepared two round sticks, about the bigness of common cudgels; they were thicker at one end than the other, and I covered the thicker ends with pieces of a mouse's skin, that by rapping on them I might neither damage the tops of the keys nor interrupt the sound. Before the spinet a bench was placed, about four feet below the keys, and I was put upon the bench. I ran sideling upon it, that way and this, as fast as I could, banging the proper keys with my two sticks, and made a shift to play a jig, to the great satisfaction of both their majesties; but it was the most violent exercise I ever underwent; and yet I could not strike above sixteen keys, nor consequently play the bass and treble together, as other artists do; which was a great disadvantage to my performance.

The king, who, as I before observed, was a prince of excellent understanding, would frequently order that I should be brought in my box, and set upon the table in his closet: he would then command me to bring one of my chairs out of the box, and sit down within three yards distance upon the top of the cabinet, which brought me almost to a level with his face. In this manner I had several conversations with him. I one day took the freedom to tell his majesty, "that the contempt he discovered towards Europe, and the rest of the

world, did not seem answerable to those excellent qualities of mind that he was master of; that reason did not extend itself with the bulk of the body; on the contrary, we observed in our country, that the tallest persons were usually the least provided with it; that among other animals, bees and ants had the reputation of more industry, art, and sagacity, than many of the larger kinds; and that, as inconsiderable as he took me to be, I hoped I might live to do his majesty some signal service." The king heard me with attention, and began to conceive a much better opinion of me than he had ever before. He desired "I would give him as exact an account of the government of England as I possibly could; because, as fond as princes commonly are of their own customs (for so he conjectured of other monarchs, by my former discourses), he should be glad to hear of any thing that might deserve imitation."

Imagine with thyself, courteous reader, how often I then wished for the tongue of Demosthenes or Cicero, that might have enabled me to celebrate the praise of my own dear native country in a style equal to its merits and felicity.

I began my discourse by informing his majesty, that our dominions consisted of two islands, which composed three mighty kingdoms, under one sovereign, beside our plantations in America. I dwelt long upon the fertility of

our soil, and the temperature of our climate. I then spoke at large upon the constitution of an English parliament; partly made up of an illustrious body called the House of Peers; persons of the noblest blood, and of the most ancient and ample patrimonies. I described that extraordinary care always taken of their education in arts and arms, to qualify them for being counsellors both to the king and kingdom; to have a share in the legislature; to be members of the highest court of judicature, whence there can be no appeal; and to be champions always ready for the defence of their prince and country, by their valour, conduct, and fidelity. That these were the ornament and bulwark of the kingdom, worthy followers of their most renowned ancestors, whose honour had been the reward of their virtue, from which their posterity were never once known to degenerate. To these were joined several holy persons, as part of that assembly, under the title of bishops, whose peculiar business is to take care of religion, and of those who instruct the people therein. These were searched and sought out through the whole nation, by the prince and his wisest counsellors, among such of the priesthood as were most deservedly distinguished by the sanctity of their lives, and the depth of their erudition; who were indeed the spiritual fathers of the clergy and the people.

That the other part of the parliament consisted of an assembly called the House of Commons, who were all principal gentlemen, freely picked and culled out by the people themselves, for their great abilities and love of their country, to represent the wisdom of the whole nation. And that these two bodies made up the most august assembly in Europe; to whom, in conjunction with the prince, the whole legislature is committed.

I then descended to the courts of justice; over which the judges, those venerable sages and interpreters of the law, presided, for determining the disputed rights and properties of men, as well as for the punishment of vice and protection of innocence. I mentioned the prudent management of our treasury; the valour and achievements of our forces, by sea and land. I computed the number of our people, by reckoning how many millions there might be of each religious sect, or political party among us. I did not omit even our sports and pastimes, or any other particular which I thought might redound to the honour of my country. And I finished all with a brief historical account of affairs and events in England for about a hundred years past.

This conversation was not ended under five audiences, each of several hours; and the king heard the whole with great



attention, frequently taking notes of what I spoke, as well as memorandums of what questions he intended to ask me.

When I had put an end to these long discourses, his majesty, in a sixth audience, consulting his notes, proposed many doubts, queries, and objections, upon every article. He asked, "What methods were used to cultivate the minds and bodies of our young nobility, and in what kind of business they commonly spent the first and teachable parts of their lives? What course was taken to supply that assembly, when any noble family became extinct? What qualifications were necessary in those who are to be created new lords: whether the humour of the prince, a sum of money to a court lady, or a design of strengthening a party opposite to the public interest, ever happened to be the motive in those advancements? What share of knowledge these lords had in the laws of their country, and how they came by it, so as to enable them to decide the properties of their fellow-subjects in the last resort? Whether they were always so free from avarice, partialities, or want, that a bribe, or some other sinister view, could have no place among them? Whether those holy lords I spoke of were always promoted to that rank upon account of their knowledge in religious matters, and the sanctity of their lives; had never been compliers with the times, while they were common priests; or slavish prostitute chaplains

to some nobleman, whose opinions they continued servilely to follow, after they were admitted into that assembly?"

He then desired to know, "What arts were practised in electing those whom I called commoners: whether a stranger, with a strong purse, might not influence the vulgar voters to choose him before their own landlord, or the most considerable gentleman in the neighbourhood? How it came to pass, that people were so violently bent upon getting into this assembly, which I allowed to be a great trouble and expense, often to the ruin of their families, without any salary or pension? because this appeared such an exalted strain of virtue and public spirit, that his majesty seemed to doubt it might possibly not be always sincere." And he desired to know, "Whether such zealous gentlemen could have any views of refunding themselves for the charges and trouble they were at by sacrificing the public good to the designs of a weak and vicious prince, in conjunction with a corrupted ministry?" He multiplied his questions, and sifted me thoroughly upon every part of this head, proposing numberless inquiries and objections, which I think it not prudent or convenient to repeat.

Upon what I said in relation to our courts of justice, his majesty desired to be satisfied in several points: and this I was the better able to do, having been formerly almost

ruined by a long suit in chancery, which was decreed for me with costs. He asked, "What time was usually spent in determining between right and wrong, and what degree of expense? Whether advocates and orators had liberty to plead in causes manifestly known to be unjust, vexatious, or oppressive? Whether party, in religion or politics, were observed to be of any weight in the scale of justice? Whether those pleading orators were persons educated in the general knowledge of equity, or only in provincial, national, and other local customs? Whether they or their judges had any part in penning those laws, which they assumed the liberty of interpreting, and glossing upon at their pleasure? Whether they had ever, at different times, pleaded for and against the same cause, and cited precedents to prove contrary opinions? Whether they were a rich or a poor corporation? Whether they received any pecuniary reward for pleading, or delivering their opinions? And particularly, whether they were ever admitted as members in the lower senate?"

He fell next upon the management of our treasury; and said, "he thought my memory had failed me, because I computed our taxes at about five or six millions a-year, and when I came to mention the issues, he found they sometimes amounted to more than double; for the notes he had taken were very particular in this point, because he hoped, as he

told me, that the knowledge of our conduct might be useful to him, and he could not be deceived in his calculations. But, if what I told him were true, he was still at a loss how a kingdom could run out of its estate, like a private person.” He asked me, “who were our creditors; and where we found money to pay them?” He wondered to hear me talk of such chargeable and expensive wars; “that certainly we must be a quarrelsome people, or live among very bad neighbours, and that our generals must needs be richer than our kings.” He asked, “what business we had out of our own islands, unless upon the score of trade, or treaty, or to defend the coasts with our fleet?” Above all, he was amazed to hear me talk of a mercenary standing army, in the midst of peace, and among a free people. He said, “if we were governed by our own consent, in the persons of our representatives, he could not imagine of whom we were afraid, or against whom we were to fight; and would hear my opinion, whether a private man’s house might not be better defended by himself, his children, and family, than by half-a-dozen rascals, picked up at a venture in the streets for small wages, who might get a hundred times more by cutting their throats?”

He laughed at my “odd kind of arithmetic,” as he was pleased to call it, “in reckoning the numbers of our people, by a computation drawn from the several sects among us,

in religion and politics.” He said, “he knew no reason why those, who entertain opinions prejudicial to the public, should be obliged to change, or should not be obliged to conceal them. And as it was tyranny in any government to require the first, so it was weakness not to enforce the second: for a man may be allowed to keep poisons in his closet, but not to vend them about for cordials.”

He observed, “that among the diversions of our nobility and gentry, I had mentioned gaming: he desired to know at what age this entertainment was usually taken up, and when it was laid down; how much of their time it employed; whether it ever went so high as to affect their fortunes; whether mean, vicious people, by their dexterity in that art, might not arrive at great riches, and sometimes keep our very nobles in dependence, as well as habituate them to vile companions, wholly take them from the improvement of their minds, and force them, by the losses they received, to learn and practise that infamous dexterity upon others?”

He was perfectly astonished with the historical account gave him of our affairs during the last century; protesting “it was only a heap of conspiracies, rebellions, murders, massacres, revolutions, banishments, the very worst effects that avarice, faction, hypocrisy, perfidiousness, cruelty, rage,

madness, hatred, envy, lust, malice, and ambition, could produce.”

His majesty, in another audience, was at the pains to recapitulate the sum of all I had spoken; compared the questions he made with the answers I had given; then taking me into his hands, and stroking me gently, delivered himself in these words, which I shall never forget, nor the manner he spoke them in: “My little friend Grildrig, you have made a most admirable panegyric upon your country; you have clearly proved, that ignorance, idleness, and vice, are the proper ingredients for qualifying a legislator; that laws are best explained, interpreted, and applied, by those whose interest and abilities lie in perverting, confounding, and eluding them. I observe among you some lines of an institution, which, in its original, might have been tolerable, but these half erased, and the rest wholly blurred and blotted by corruptions. It does not appear, from all you have said, how any one perfection is required toward the procurement of any one station among you; much less, that men are ennobled on account of their virtue; that priests are advanced for their piety or learning; soldiers, for their conduct or valour; judges, for their integrity; senators, for the love of their country; or counsellors for their wisdom. As for yourself,” continued the king, “who have spent the greatest part of your life in

travelling, I am well disposed to hope you may hitherto have escaped many vices of your country. But by what I have gathered from your own relation, and the answers I have with much pains wrung and extorted from you, I cannot but conclude the bulk of your natives to be the most pernicious race of little odious vermin that nature ever suffered to crawl upon the surface of the earth.”

## CHAPTER VII

*The author's love of his country. He makes a proposal of much advantage to the king, which is rejected.*

*The king's great ignorance in politics. The learning of that country very imperfect and confined. The laws, and military affairs, and parties in the state.*

**N**othing but an extreme love of truth could have hindered me from concealing this part of my story. It was in vain to discover my resentments, which were always turned into ridicule; and I was forced to rest with patience, while my noble and beloved country was so injuriously treated. I am as heartily sorry as any of my readers can possibly be, that such an occasion was given: but this prince happened to be so curious and inquisitive upon every particular, that it could not consist either with gratitude or good manners, to refuse giving him what satisfaction I was able. Yet thus much I may be allowed to say in my own vindication, that I artfully eluded many of his questions, and gave to every point a more favourable turn, by many degrees, than the strictness of truth would allow. For I have



always borne that laudable partiality to my own country, which Dionysius Halicarnassensis, with so much justice, recommends to an historian: I would hide the frailties and deformities of my political mother, and place her virtues and beauties in the most advantageous light. This was my sincere endeavour in those many discourses I had with that monarch, although it unfortunately failed of success.

But great allowances should be given to a king, who lives wholly secluded from the rest of the world, and must therefore be altogether unacquainted with the manners and customs that most prevail in other nations: the want of which knowledge will ever produce many prejudices, and a certain narrowness of thinking, from which we, and the politer countries of Europe, are wholly exempted. And it would be hard indeed, if so remote a prince's notions of virtue and vice were to be offered as a standard for all mankind.

To confirm what I have now said, and further to show the miserable effects of a confined education, I shall here insert a passage, which will hardly obtain belief. In hopes to ingratiate myself further into his majesty's favour, I told him of "an invention, discovered between three and four hundred years ago, to make a certain powder, into a heap of which, the smallest spark of fire falling, would kindle the whole in a moment, although it were as big as a mountain, and make

it all fly up in the air together, with a noise and agitation greater than thunder. That a proper quantity of this powder rammed into a hollow tube of brass or iron, according to its bigness, would drive a ball of iron or lead, with such violence and speed, as nothing was able to sustain its force. That the largest balls thus discharged, would not only destroy whole ranks of an army at once, but batter the strongest walls to the ground, sink down ships, with a thousand men in each, to the bottom of the sea, and when linked together by a chain, would cut through masts and rigging, divide hundreds of bodies in the middle, and lay all waste before them. That we often put this powder into large hollow balls of iron, and discharged them by an engine into some city we were besieging, which would rip up the pavements, tear the houses to pieces, burst and throw splinters on every side, dashing out the brains of all who came near. That I knew the ingredients very well, which were cheap and common; I understood the manner of compounding them, and could direct his workmen how to make those tubes, of a size proportionable to all other things in his majesty's kingdom, and the largest need not be above a hundred feet long; twenty or thirty of which tubes, charged with the proper quantity of powder and balls, would batter down the walls of the strongest town in his dominions in a few hours, or destroy the whole metropolis, if ever it should

pretend to dispute his absolute commands.” This I humbly offered to his majesty, as a small tribute of acknowledgment, in turn for so many marks that I had received, of his royal favour and protection.

The king was struck with horror at the description I had given of those terrible engines, and the proposal I had made. “He was amazed, how so impotent and grovelling an insect as I” (these were his expressions) “could entertain such inhuman ideas, and in so familiar a manner, as to appear wholly unmoved at all the scenes of blood and desolation which I had painted as the common effects of those destructive machines; whereof,” he said, “some evil genius, enemy to mankind, must have been the first contriver. As for himself, he protested, that although few things delighted him so much as new discoveries in art or in nature, yet he would rather lose half his kingdom, than be privy to such a secret; which he commanded me, as I valued any life, never to mention any more.”

A strange effect of narrow principles and views! that a prince possessed of every quality which procures veneration, love, and esteem; of strong parts, great wisdom, and profound learning, endowed with admirable talents, and almost adored by his subjects, should, from a nice, unnecessary scruple, whereof in Europe we can have no conception, let slip an

opportunity put into his hands that would have made him absolute master of the lives, the liberties, and the fortunes of his people! Neither do I say this, with the least intention to detract from the many virtues of that excellent king, whose character, I am sensible, will, on this account, be very much lessened in the opinion of an English reader: but I take this defect among them to have risen from their ignorance, by not having hitherto reduced politics into a science, as the more acute wits of Europe have done. For, I remember very well, in a discourse one day with the king, when I happened to say, “there were several thousand books among us written upon the art of government,” it gave him (directly contrary to my intention) a very mean opinion of our understandings. He professed both to abominate and despise all mystery, refinement, and intrigue, either in a prince or a minister. He could not tell what I meant by secrets of state, where an enemy, or some rival nation, were not in the case. He confined the knowledge of governing within very narrow bounds, to common sense and reason, to justice and lenity, to the speedy determination of civil and criminal causes; with some other obvious topics, which are not worth considering. And he gave it for his opinion, “that whoever could make two ears of corn, or two blades of grass, to grow upon a spot of ground where only one grew before, would deserve better

of mankind, and do more essential service to his country, than the whole race of politicians put together.”

The learning of this people is very defective, consisting only in morality, history, poetry, and mathematics, wherein they must be allowed to excel. But the last of these is wholly applied to what may be useful in life, to the improvement of agriculture, and all mechanical arts; so that among us, it would be little esteemed. And as to ideas, entities, abstractions, and transcendentals, I could never drive the least conception into their heads.

No law in that country must exceed in words the number of letters in their alphabet, which consists only of two and twenty. But indeed few of them extend even to that length. They are expressed in the most plain and simple terms, wherein those people are not mercurial enough to discover above one interpretation: and to write a comment upon any law, is a capital crime. As to the decision of civil causes, or proceedings against criminals, their precedents are so few, that they have little reason to boast of any extraordinary skill in either.

They have had the art of printing, as well as the Chinese, time out of mind: but their libraries are not very large; for that of the king, which is reckoned the largest, does not amount to above a thousand volumes, placed in a gallery of

twelve hundred feet long, whence I had liberty to borrow what books I pleased. The queen's joiner had contrived in one of Glumdalclitch's rooms, a kind of wooden machine five-and-twenty feet high, formed like a standing ladder; the steps were each fifty feet long. It was indeed a moveable pair of stairs, the lowest end placed at ten feet distance from the wall of the chamber. The book I had a mind to read, was put up leaning against the wall: I first mounted to the upper step of the ladder, and turning my face towards the book, began at the top of the page, and so walking to the right and left about eight or ten paces, according to the length of the lines, till I had gotten a little below the level of mine eyes, and then descending gradually till I came to the bottom: after which I mounted again, and began the other page in the same manner, and so turned over the leaf, which I could easily do with both my hands, for it was as thick and stiff as a pasteboard, and in the largest folios not above eighteen or twenty feet long.

Their style is clear, masculine, and smooth, but not florid; for they avoid nothing more than multiplying unnecessary words, or using various expressions. I have perused many of their books, especially those in history and morality. Among the rest, I was much diverted with a little old treatise, which always lay in Glumdalclitch's bed chamber,

and belonged to her governess, a grave elderly gentlewoman, who dealt in writings of morality and devotion. The book treats of the weakness of human kind, and is in little esteem, except among the women and the vulgar. However, I was curious to see what an author of that country could say upon such a subject. This writer went through all the usual topics of European moralists, showing “how diminutive, contemptible, and helpless an animal was man in his own nature; how unable to defend himself from inclemencies of the air, or the fury of wild beasts: how much he was excelled by one creature in strength, by another in speed, by a third in foresight, by a fourth in industry.” He added, “that nature was degenerated in these latter declining ages of the world, and could now produce only small abortive births, in comparison of those in ancient times.” He said “it was very reasonable to think, not only that the species of men were originally much larger, but also that there must have been giants in former ages; which, as it is asserted by history and tradition, so it has been confirmed by huge bones and skulls, casually dug up in several parts of the kingdom, far exceeding the common dwindled race of men in our days.” He argued, “that the very laws of nature absolutely required we should have been made, in the beginning of a size more large and robust; not so liable to destruction from every little accident, of a

tile falling from a house, or a stone cast from the hand of a boy, or being drowned in a little brook." From this way of reasoning, the author drew several moral applications, useful in the conduct of life, but needless here to repeat. For my own part, I could not avoid reflecting how universally this talent was spread, of drawing lectures in morality, or indeed rather matter of discontent and repining, from the quarrels we raise with nature. And I believe, upon a strict inquiry, those quarrels might be shown as ill-grounded among us as they are among that people.

As to their military affairs, they boast that the king's army consists of a hundred and seventy-six thousand foot, and thirty-two thousand horse: if that may be called an army, which is made up of tradesmen in the several cities, and farmers in the country, whose commanders are only the nobility and gentry, without pay or reward. They are indeed perfect enough in their exercises, and under very good discipline, wherein I saw no great merit; for how should it be otherwise, where every farmer is under the command of his own landlord, and every citizen under that of the principal men in his own city, chosen after the manner of Venice, by ballot?

I have often seen the militia of Lorbrulgrud drawn out to exercise, in a great field near the city of twenty miles



square. They were in all not above twenty-five thousand foot, and six thousand horse; but it was impossible for me to compute their number, considering the space of ground they took up. A cavalier, mounted on a large steed, might be about ninety feet high. I have seen this whole body of horse, upon a word of command, draw their swords at once, and brandish them in the air. Imagination can figure nothing so grand, so surprising, and so astonishing! it looked as if ten thousand flashes of lightning were darting at the same time from every quarter of the sky.

I was curious to know how this prince, to whose dominions there is no access from any other country, came to think of armies, or to teach his people the practice of military discipline. But I was soon informed, both by conversation and reading their histories; for, in the course of many ages, they have been troubled with the same disease to which the whole race of mankind is subject; the nobility often contending for power, the people for liberty, and the king for absolute dominion. All which, however happily tempered by the laws of that kingdom, have been sometimes violated by each of the three parties, and have more than once occasioned civil wars; the last whereof was happily put an end to by this prince's grand-father, in a general composition; and the

militia, then settled with common consent, has been ever since kept in the strictest duty.

## CHAPTER VIII

*The king and queen make a progress to the frontiers. The author attends them. The manner in which he leaves the country very particularly related. He returns to England.*

I had always a strong impulse that I should some time recover my liberty, though it was impossible to conjecture by what means, or to form any project with the least hope of succeeding. The ship in which I sailed, was the first ever known to be driven within sight of that coast, and the king had given strict orders, that if at any time another appeared, it should be taken ashore, and with all its crew and passengers brought in a tumbril to Lorbrulgrud. He was strongly bent to get me a woman of my own size, by whom I might propagate the breed: but I think I should rather have died than undergone the disgrace of leaving a posterity to be kept in cages, like tame canary-birds, and perhaps, in time, sold about the kingdom, to persons of quality, for curiosities. I was indeed treated with much kindness: I was the favourite of a great king and queen, and

the delight of the whole court; but it was upon such a foot as ill became the dignity of humankind. I could never forget those domestic pledges I had left behind me. I wanted to be among people, with whom I could converse upon even terms, and walk about the streets and fields without being afraid of being trod to death like a frog or a young puppy. But my deliverance came sooner than I expected, and in a manner not very common; the whole story and circumstances of which I shall faithfully relate.

I had now been two years in this country; and about the beginning of the third, Glumdalclitch and I attended the king and queen, in a progress to the south coast of the kingdom. I was carried, as usual, in my travelling-box, which as I have already described, was a very convenient closet, of twelve feet wide. And I had ordered a hammock to be fixed, by silken ropes from the four corners at the top, to break the jolts, when a servant carried me before him on horseback, as I sometimes desired; and would often sleep in my hammock, while we were upon the road. On the roof of my closet, not directly over the middle of the hammock, I ordered the joiner to cut out a hole of a foot square, to give me air in hot weather, as I slept; which hole I shut at pleasure with a board that drew backward and forward through a groove.

When we came to our journey's end, the king thought proper to pass a few days at a palace he has near Flanflasnic, a city within eighteen English miles of the seaside. Glumdalclitch and I were much fatigued: I had gotten a small cold, but the poor girl was so ill as to be confined to her chamber. I longed to see the ocean, which must be the only scene of my escape, if ever it should happen. I pretended to be worse than I really was, and desired leave to take the fresh air of the sea, with a page, whom I was very fond of, and who had sometimes been trusted with me. I shall never forget with what unwillingness Glumdalclitch consented, nor the strict charge she gave the page to be careful of me, bursting at the same time into a flood of tears, as if she had some forboding of what was to happen. The boy took me out in my box, about half an hours walk from the palace, towards the rocks on the sea-shore. I ordered him to set me down, and lifting up one of my sashes, cast many a wistful melancholy look towards the sea. I found myself not very well, and told the page that I had a mind to take a nap in my hammock, which I hoped would do me good. I got in, and the boy shut the window close down, to keep out the cold. I soon fell asleep, and all I can conjecture is, while I slept, the page, thinking no danger could happen, went among the rocks to look for birds' eggs, having before

observed him from my window searching about, and picking up one or two in the clefts. Be that as it will, I found myself suddenly awaked with a violent pull upon the ring, which was fastened at the top of my box for the conveniency of carriage. I felt my box raised very high in the air, and then borne forward with prodigious speed. The first jolt had like to have shaken me out of my hammock, but afterward the motion was easy enough. I called out several times, as loud as I could raise my voice, but all to no purpose. I looked towards my windows, and could see nothing but the clouds and sky. I heard a noise just over my head, like the clapping of wings, and then began to perceive the woful condition I was in; that some eagle had got the ring of my box in his beak, with an intent to let it fall on a rock, like a tortoise in a shell, and then pick out my body, and devour it: for the sagacity and smell of this bird enables him to discover his quarry at a great distance, though better concealed than I could be within a two-inch board.

In a little time, I observed the noise and flutter of wings to increase very fast, and my box was tossed up and down, like a sign in a windy day. I heard several bangs or buffets, as I thought given to the eagle (for such I am certain it must have been that held the ring of my box in his beak), and then, all on a sudden, felt myself falling perpendicularly down, for

above a minute, but with such incredible swiftness, that I almost lost my breath. My fall was stopped by a terrible squash, that sounded louder to my ears than the cataract of Niagara; after which, I was quite in the dark for another minute, and then my box began to rise so high, that I could see light from the tops of the windows. I now perceived I was fallen into the sea. My box, by the weight of my body, the goods that were in, and the broad plates of iron fixed for strength at the four corners of the top and bottom, floated about five feet deep in water. I did then, and do now suppose, that the eagle which flew away with my box was pursued by two or three others, and forced to let me drop, while he defended himself against the rest, who hoped to share in the prey. The plates of iron fastened at the bottom of the box (for those were the strongest) preserved the balance while it fell, and hindered it from being broken on the surface of the water. Every joint of it was well grooved; and the door did not move on hinges, but up and down like a sash, which kept my closet so tight that very little water came in. I got with much difficulty out of my hammock, having first ventured to draw back the slip-board on the roof already mentioned, contrived on purpose to let in air, for want of which I found myself almost stifled.

How often did I then wish myself with my dear Glumdalclitch, from whom one single hour had so far divided me! And I may say with truth, that in the midst of my own misfortunes I could not forbear lamenting my poor nurse, the grief she would suffer for my loss, the displeasure of the queen, and the ruin of her fortune. Perhaps many travellers have not been under greater difficulties and distress than I was at this juncture, expecting every moment to see my box dashed to pieces, or at least upset by the first violent blast, or rising wave. A breach in one single pane of glass would have been immediate death: nor could any thing have preserved the windows, but the strong lattice wires placed on the outside, against accidents in travelling. I saw the water ooze in at several crannies, although the leaks were not considerable, and I endeavoured to stop them as well as I could. I was not able to lift up the roof of my closet, which otherwise I certainly should have done, and sat on the top of it; where I might at least preserve myself some hours longer, than by being shut up (as I may call it) in the hold. Or if I escaped these dangers for a day or two, what could I expect but a miserable death of cold and hunger? I was four hours under these circumstances, expecting, and indeed wishing, every moment to be my last.



I have already told the reader that there were two strong staples fixed upon that side of my box which had no window, and into which the servant, who used to carry me on horseback, would put a leathern belt, and buckle it about his waist. Being in this disconsolate state, I heard, or at least thought I heard, some kind of grating noise on that side of my box where the staples were fixed; and soon after I began to fancy that the box was pulled or towed along the sea; for I now and then felt a sort of tugging, which made the waves rise near the tops of my windows, leaving me almost in the dark. This gave me some faint hopes of relief, although I was not able to imagine how it could be brought about. I ventured to unscrew one of my chairs, which were always fastened to the floor; and having made a hard shift to screw it down again, directly under the slipping-board that I had lately opened, I mounted on the chair, and putting my mouth as near as I could to the hole, I called for help in a loud voice, and in all the languages I understood. I then fastened my handkerchief to a stick I usually carried, and thrusting it up the hole, waved it several times in the air, that if any boat or ship were near, the seamen might conjecture some unhappy mortal to be shut up in the box.

I found no effect from all I could do, but plainly perceived my closet to be moved along; and in the space

of an hour, or better, that side of the box where the staples were, and had no windows, struck against something that was hard. I apprehended it to be a rock, and found myself tossed more than ever. I plainly heard a noise upon the cover of my closet, like that of a cable, and the grating of it as it passed through the ring. I then found myself hoisted up, by degrees, at least three feet higher than I was before. Whereupon I again thrust up my stick and handkerchief, calling for help till I was almost hoarse. In return to which, I heard a great shout repeated three times, giving me such transports of joy as are not to be conceived but by those who feel them. I now heard a trampling over my head, and somebody calling through the hole with a loud voice, in the English tongue, "If there be any body below, let them speak." I answered, "I was an Englishman, drawn by ill fortune into the greatest calamity that ever any creature underwent, and begged, by all that was moving, to be delivered out of the dungeon I was in." The voice replied, "I was safe, for my box was fastened to their ship; and the carpenter should immediately come and saw a hole in the cover, large enough to pull me out." I answered, "that was needless, and would take up too much time; for there was no more to be done, but let one of the crew put his finger into the ring, and take the box out of the sea into the ship, and so into the captain's cabin." Some of

them, upon hearing me talk so wildly, thought I was mad: others laughed; for indeed it never came into my head, that I was now got among people of my own stature and strength. The carpenter came, and in a few minutes sawed a passage about four feet square, then let down a small ladder, upon which I mounted, and thence was taken into the ship in a very weak condition.

The sailors were all in amazement, and asked me a thousand questions, which I had no inclination to answer. I was equally confounded at the sight of so many pigmies, for such I took them to be, after having so long accustomed mine eyes to the monstrous objects I had left. But the captain, Mr. Thomas Wilcocks, an honest worthy Shropshire man, observing I was ready to faint, took me into his cabin, gave me a cordial to comfort me, and made me turn in upon his own bed, advising me to take a little rest, of which I had great need. Before I went to sleep, I gave him to understand that I had some valuable furniture in my box, too good to be lost: a fine hammock, a handsome field-bed, two chairs, a table, and a cabinet; that my closet was hung on all sides, or rather quilted, with silk and cotton; that if he would let one of the crew bring my closet into his cabin, I would open it there before him, and show him my goods. The captain, hearing me utter these absurdities, concluded I was raving;

however (I suppose to pacify me) he promised to give order as I desired, and going upon deck, sent some of his men down into my closet, whence (as I afterwards found) they drew up all my goods, and stripped off the quilting; but the chairs, cabinet, and bedstead, being screwed to the floor, were much damaged by the ignorance of the seamen, who tore them up by force. Then they knocked off some of the boards for the use of the ship, and when they had got all they had a mind for, let the hull drop into the sea, which by reason of many breaches made in the bottom and sides, sunk to rights. And, indeed, I was glad not to have been a spectator of the havoc they made, because I am confident it would have sensibly touched me, by bringing former passages into my mind, which I would rather have forgot.

I slept some hours, but perpetually disturbed with dreams of the place I had left, and the dangers I had escaped. However, upon waking, I found myself much recovered. It was now about eight o'clock at night, and the captain ordered supper immediately, thinking I had already fasted too long. He entertained me with great kindness, observing me not to look wildly, or talk inconsistently: and, when we were left alone, desired I would give him a relation of my travels, and by what accident I came to be set adrift, in that monstrous wooden chest. He said "that about twelve o'clock at noon,

as he was looking through his glass, he spied it at a distance, and thought it was a sail, which he had a mind to make, being not much out of his course, in hopes of buying some biscuit, his own beginning to fall short. That upon coming nearer, and finding his error, he sent out his long-boat to discover what it was; that his men came back in a fright, swearing they had seen a swimming house. That he laughed at their folly, and went himself in the boat, ordering his men to take a strong cable along with them. That the weather being calm, he rowed round me several times, observed my windows and wire lattices that defended them. That he discovered two staples upon one side, which was all of boards, without any passage for light. He then commanded his men to row up to that side, and fastening a cable to one of the staples, ordered them to tow my chest, as they called it, toward the ship. When it was there, he gave directions to fasten another cable to the ring fixed in the cover, and to raise up my chest with pulleys, which all the sailors were not able to do above two or three feet." He said, "they saw my stick and handkerchief thrust out of the hole, and concluded that some unhappy man must be shut up in the cavity." I asked, "whether he or the crew had seen any prodigious birds in the air, about the time he first discovered me." To which he answered, "that discoursing this matter with the sailors

while I was asleep, one of them said, he had observed three eagles flying towards the north, but remarked nothing of their being larger than the usual size:" which I suppose must be imputed to the great height they were at; and he could not guess the reason of my question. I then asked the captain, "how far he reckoned we might be from land?" He said, "by the best computation he could make, we were at least a hundred leagues." I assured him, "that he must be mistaken by almost half, for I had not left the country whence I came above two hours before I dropped into the sea." Whereupon he began again to think that my brain was disturbed, of which he gave me a hint, and advised me to go to bed in a cabin he had provided. I assured him, "I was well refreshed with his good entertainment and company, and as much in my senses as ever I was in my life." He then grew serious, and desired to ask me freely, "whether I were not troubled in my mind by the consciousness of some enormous crime, for which I was punished, at the command of some prince, by exposing me in that chest; as great criminals, in other countries, have been forced to sea in a leaky vessel, without provisions: for although he should be sorry to have taken so ill a man into his ship, yet he would engage his word to set me safe ashore, in the first port where we arrived." He added, "that his suspicions were much increased by some

very absurd speeches I had delivered at first to his sailors, and afterwards to himself, in relation to my closet or chest, as well as by my odd looks and behaviour while I was at supper.”

I begged his patience to hear me tell my story, which I faithfully did, from the last time I left England, to the moment he first discovered me. And, as truth always forces its way into rational minds, so this honest worthy gentleman, who had some tincture of learning, and very good sense, was immediately convinced of my candour and veracity. But further to confirm all I had said, I entreated him to give order that my cabinet should be brought, of which I had the key in my pocket; for he had already informed me how the seamen disposed of my closet. I opened it in his own presence, and showed him the small collection of rarities I made in the country from which I had been so strangely delivered. There was the comb I had contrived out of the stumps of the king’s beard, and another of the same materials, but fixed into a paring of her majesty’s thumb-nail, which served for the back. There was a collection of needles and pins, from a foot to half a yard long; four wasp stings, like joiner’s tacks; some combings of the queen’s hair; a gold ring, which one day she made me a present of, in a most obliging manner, taking it from her little finger, and throwing it over my head like a collar. I desired the captain would

please to accept this ring in return for his civilities; which he absolutely refused. I showed him a corn that I had cut off with my own hand, from a maid of honour's toe; it was about the bigness of Kentish pippin, and grown so hard, that when I returned England, I got it hollowed into a cup, and set in silver. Lastly, I desired him to see the breeches I had then on, which were made of a mouse's skin.

I could force nothing on him but a footman's tooth, which I observed him to examine with great curiosity, and found he had a fancy for it. He received it with abundance of thanks, more than such a trifle could deserve. It was drawn by an unskilful surgeon, in a mistake, from one of Glumdalclitch's men, who was afflicted with the tooth-ache, but it was as sound as any in his head. I got it cleaned, and put it into my cabinet. It was about a foot long, and four inches in diameter.

The captain was very well satisfied with this plain relation I had given him, and said, "he hoped, when we returned to England, I would oblige the world by putting it on paper, and making it public." My answer was, "that we were overstocked with books of travels: that nothing could now pass which was not extraordinary; wherein I doubted some authors less consulted truth, than their own vanity, or interest, or the diversion of ignorant readers; that my story



could contain little beside common events, without those ornamental descriptions of strange plants, trees, birds, and other animals; or of the barbarous customs and idolatry of savage people, with which most writers abound. However, I thanked him for his good opinion, and promised to take the matter into my thoughts.”

He said “he wondered at one thing very much, which was, to hear me speak so loud;” asking me “whether the king or queen of that country were thick of hearing?” I told him, “it was what I had been used to for above two years past, and that I admired as much at the voices of him and his men, who seemed to me only to whisper, and yet I could hear them well enough. But, when I spoke in that country, it was like a man talking in the streets, to another looking out from the top of a steeple, unless when I was placed on a table, or held in any person’s hand.” I told him, “I had likewise observed another thing, that, when I first got into the ship, and the sailors stood all about me, I thought they were the most little contemptible creatures I had ever beheld.” For indeed, while I was in that prince’s country, I could never endure to look in a glass, after mine eyes had been accustomed to such prodigious objects, because the comparison gave me so despicable a conceit of myself. The captain said, “that while we were at supper, he observed me

to look at every thing with a sort of wonder, and that I often seemed hardly able to contain my laughter, which he knew not well how to take, but imputed it to some disorder in my brain." I answered, "it was very true; and I wondered how I could forbear, when I saw his dishes of the size of a silver three-pence, a leg of pork hardly a mouthful, a cup not so big as a nut-shell;" and so I went on, describing the rest of his household-stuff and provisions, after the same manner. For, although he queen had ordered a little equipage of all things necessary for me, while I was in her service, yet my ideas were wholly taken up with what I saw on every side of me, and I winked at my own littleness, as people do at their own faults. The captain understood my raillery very well, and merrily replied with the old English proverb, "that he doubted mine eyes were bigger than my belly, for he did not observe my stomach so good, although I had fasted all day;" and, continuing in his mirth, protested "he would have gladly given a hundred pounds, to have seen my closet in the eagle's bill, and afterwards in its fall from so great a height into the sea; which would certainly have been a most astonishing object, worthy to have the description of it transmitted to future ages:" and the comparison of Phaëton was so obvious, that he could not forbear applying it, although I did not much admire the conceit.

The captain having been at Tonquin, was, in his return to England, driven north-eastward to the latitude of 44 degrees, and longitude of 143. But meeting a trade-wind two days after I came on board him, we sailed southward a long time, and coasting New Holland, kept our course west-south-west, and then south-south-west, till we doubled the Cape of Good Hope. Our voyage was very prosperous, but I shall not trouble the reader with a journal of it. The captain called in at one or two ports, and sent in his long-boat for provisions and fresh water; but I never went out of the ship till we came into the Downs, which was on the third day of June, 1706, about nine months after my escape. I offered to leave my goods in security for payment of my freight: but the captain protested he would not receive one farthing. We took a kind leave of each other, and I made him promise he would come to see me at my house in Redriff. I hired a horse and guide for five shillings, which I borrowed of the captain.

As I was on the road, observing the littleness of the houses, the trees, the cattle, and the people, I began to think myself in Lilliput. I was afraid of trampling on every traveller I met, and often called aloud to have them stand out of the way, so that I had like to have gotten one or two broken heads for my impertinence.

When I came to my own house, for which I was forced to inquire, one of the servants opening the door, I bent down to go in, (like a goose under a gate,) for fear of striking my head. My wife run out to embrace me, but I stooped lower than her knees, thinking she could otherwise never be able to reach my mouth. My daughter kneeled to ask my blessing, but I could not see her till she arose, having been so long used to stand with my head and eyes erect to above sixty feet; and then I went to take her up with one hand by the waist. I looked down upon the servants, and one or two friends who were in the house, as if they had been pigmies and I a giant. I told my wife, "she had been too thrifty, for I found she had starved herself and her daughter to nothing." In short, I behaved myself so unaccountably, that they were all of the captain's opinion when he first saw me, and concluded I had lost my wits. This I mention as an instance of the great power of habit and prejudice.

In a little time, I and my family and friends came to a right understanding: but my wife protested "I should never go to sea any more;" although my evil destiny so ordered, that she had not power to hinder me, as the reader may know hereafter. In the mean time, I here conclude the second part of my unfortunate voyages.

## **PART III**

**A VOYAGE  
TO LAPUTA,  
BALNIBARBI,  
LUGGNAGG,  
GLUBBDUBDRIB,  
AND JAPAN.**



# CHAPTER I

*The author sets out on his third voyage. Is taken by pirates. The malice of a Dutchman. His arrival at an island. He is received into Laputa.*

I had not been at home above ten days, when Captain William Robinson, a Cornish man, commander of the Hopewell, a stout ship of three hundred tons, came to my house. I had formerly been surgeon of another ship where he was master, and a fourth part owner, in a voyage to the Levant. He had always treated me more like a brother, than an inferior officer; and, hearing of my arrival, made me a visit, as I apprehended only out of friendship, for nothing passed more than what is usual after long absences. But repeating his visits often, expressing his joy to find I me in good health, asking, “whether I were now settled for life?” adding, “that he intended a voyage to the East Indies in two months,” at last he plainly invited me, though with some apologies, to be surgeon of the ship; “that I should have another surgeon under me, beside our two mates; that my salary should be double to the usual pay; and that having experienced my

knowledge in sea-affairs to be at least equal to his, he would enter into any engagement to follow my advice, as much as if I had shared in the command.”

He said so many other obliging things, and I knew him to be so honest a man, that I could not reject this proposal; the thirst I had of seeing the world, notwithstanding my past misfortunes, continuing as violent as ever. The only difficulty that remained, was to persuade my wife, whose consent however I at last obtained, by the prospect of advantage she proposed to her children.

We set out the 5th day of August, 1706, and arrived at Fort St. George the 11th of April, 1707. We staid there three weeks to refresh our crew, many of whom were sick. From thence we went to Tonquin, where the captain resolved to continue some time, because many of the goods he intended to buy were not ready, nor could he expect to be dispatched in several months. Therefore, in hopes to defray some of the charges he must be at, he bought a sloop, loaded it with several sorts of goods, wherewith the Tonquinese usually trade to the neighbouring islands, and putting fourteen men on board, whereof three were of the country, he appointed me master of the sloop, and gave me power to traffic, while he transacted his affairs at Tonquin.



We had not sailed above three days, when a great storm arising, we were driven five days to the north-north-east, and then to the east: after which we had fair weather, but still with a pretty strong gale from the west. Upon the tenth day we were chased by two pirates, who soon overtook us; for my sloop was so deep laden, that she sailed very slow, neither were we in a condition to defend ourselves.

We were boarded about the same time by both the pirates, who entered furiously at the head of their men; but finding us all prostrate upon our faces (for so I gave order), they pinioned us with strong ropes, and setting guard upon us, went to search the sloop.

I observed among them a Dutchman, who seemed to be of some authority, though he was not commander of either ship. He knew us by our countenances to be Englishmen, and jabbering to us in his own language, swore we should be tied back to back and thrown into the sea. I spoke Dutch tolerably well; I told him who we were, and begged him, in consideration of our being Christians and Protestants, of neighbouring countries in strict alliance, that he would move the captains to take some pity on us. This inflamed his rage; he repeated his threatenings, and turning to his companions, spoke with great vehemence in the Japanese language, as I suppose, often using the word *Christianos*.

The largest of the two pirate ships was commanded by a Japanese captain, who spoke a little Dutch, but very imperfectly. He came up to me, and after several questions, which I answered in great humility, he said, "we should not die." I made the captain a very low bow, and then, turning to the Dutchman, said, "I was sorry to find more mercy in a heathen, than in a brother christian." But I had soon reason to repent those foolish words: for that malicious reprobate, having often endeavoured in vain to persuade both the captains that I might be thrown into the sea (which they would not yield to, after the promise made me that I should not die), however, prevailed so far, as to have a punishment inflicted on me, worse, in all human appearance, than death itself. My men were sent by an equal division into both the pirate ships, and my sloop new manned. As to myself, it was determined that I should be set adrift in a small canoe, with paddles and a sail, and four days' provisions; which last, the Japanese captain was so kind to double out of his own stores, and would permit no man to search me. I got down into the canoe, while the Dutchman, standing upon the deck, loaded me with all the curses and injurious terms his language could afford.

About an hour before we saw the pirates I had taken an observation, and found we were in the latitude of 46 N.

and longitude of 183. When I was at some distance from the pirates, I discovered, by my pocket-glass, several islands to the south-east. I set up my sail, the wind being fair, with a design to reach the nearest of those islands, which I made a shift to do, in about three hours. It was all rocky: however I got many birds' eggs; and, striking fire, I kindled some heath and dry sea-weed, by which I roasted my eggs. I ate no other supper, being resolved to spare my provisions as much as I could. I passed the night under the shelter of a rock, strewing some heath under me, and slept pretty well.

The next day I sailed to another island, and thence to a third and fourth, sometimes using my sail, and sometimes my paddles. But, not to trouble the reader with a particular account of my distresses, let it suffice, that on the fifth day I arrived at the last island in my sight, which lay south-south-east to the former.

This island was at a greater distance than I expected, and I did not reach it in less than five hours. I encompassed it almost round, before I could find a convenient place to land in; which was a small creek, about three times the wideness of my canoe. I found the island to be all rocky, only a little intermingled with tufts of grass, and sweet-smelling herbs. I took out my small provisions and after having refreshed myself, I secured the remainder in a cave, whereof there were

great numbers; I gathered plenty of eggs upon the rocks, and got a quantity of dry sea-weed, and parched grass, which I designed to kindle the next day, and roast my eggs as well as I could, for I had about me my flint, steel, match, and burning-glass. I lay all night in the cave where I had lodged my provisions. My bed was the same dry grass and sea-weed which I intended for fuel. I slept very little, for the disquiets of my mind prevailed over my weariness, and kept me awake. I considered how impossible it was to preserve my life in so desolate a place, and how miserable my end must be: yet found myself so listless and desponding, that I had not the heart to rise; and before I could get spirits enough to creep out of my cave, the day was far advanced. I walked awhile among the rocks: the sky was perfectly clear, and the sun so hot, that I was forced to turn my face from it: when all on a sudden it became obscure, as I thought, in a manner very different from what happens by the interposition of a cloud. I turned back, and perceived a vast opaque body between me and the sun moving forwards towards the island: it seemed to be about two miles high, and hid the sun six or seven minutes; but I did not observe the air to be much colder, or the sky more darkened, than if I had stood under the shade of a mountain. As it approached nearer over the place where I was, it appeared to be a firm substance, the bottom flat,

smooth, and shining very bright, from the reflection of the sea below. I stood upon a height about two hundred yards from the shore, and saw this vast body descending almost to a parallel with me, at less than an English mile distance. I took out my pocket perspective, and could plainly discover numbers of people moving up and down the sides of it, which appeared to be sloping; but what those people were doing I was not able to distinguish.

The natural love of life gave me some inward motion of joy, and I was ready to entertain a hope that this adventure might, some way or other, help to deliver me from the desolate place and condition I was in. But at the same time the reader can hardly conceive my astonishment, to behold an island in the air, inhabited by men, who were able (as it should seem) to raise or sink, or put it into progressive motion, as they pleased. But not being at that time in a disposition to philosophise upon this phenomenon, I rather chose to observe what course the island would take, because it seemed for awhile to stand still. Yet soon after, it advanced nearer, and I could see the sides of it encompassed with several gradations of galleries, and stairs, at certain intervals, to descend from one to the other. In the lowest gallery, I beheld some people fishing with long angling rods, and others looking on. I waved my cap (for my hat was long

since worn out) and my handkerchief toward the island; and upon its nearer approach, I called and shouted with the utmost strength of my voice; and then looking circumspectly, I beheld a crowd gather to that side which was most in my view. I found by their pointing towards me and to each other, that they plainly discovered me, although they made no return to my shouting. But I could see four or five men running in great haste, up the stairs, to the top of the island, who then disappeared. I happened rightly to conjecture, that these were sent for orders to some person in authority upon this occasion.

The number of people increased, and, in less than half an hour, the island was moved and raised in such a manner, that the lowest gallery appeared in a parallel of less than a hundred yards distance from the height where I stood. I then put myself in the most supplicating posture, and spoke in the humblest accent, but received no answer. Those who stood nearest over against me, seemed to be persons of distinction, as I supposed by their habit. They conferred earnestly with each other, looking often upon me. At length one of them called out in a clear, polite, smooth dialect, not unlike in sound to the Italian: and therefore I returned an answer in that language, hoping at least that the cadence might be more agreeable to his ears. Although neither of

us understood the other, yet my meaning was easily known, for the people saw the distress I was in.

They made signs for me to come down from the rock, and go towards the shore, which I accordingly did; and the flying island being raised to a convenient height, the verge directly over me, a chain was let down from the lowest gallery, with a seat fastened to the bottom, to which I fixed myself, and was drawn up by pulleys.

## CHAPTER II

*The humours and dispositions of the Laputians described. An account of their learning. Of the king and his court. The author's reception there. The inhabitants subject to fear and inquietudes. An account of the women.*

**A**t my alighting, I was surrounded with a crowd of people, but those who stood nearest seemed to be of better quality. They beheld me with all the marks and circumstances of wonder; neither indeed was I much in their debt, having never till then seen a race of mortals so singular in their shapes, habits, and countenances. Their heads were all reclined, either to the right, or the left; one of their eyes turned inward, and the other directly up to the zenith. Their outward garments were adorned with the figures of suns, moons, and stars; interwoven with those of fiddles, flutes, harps, trumpets, guitars, harpsichords, and many other instruments of music, unknown to us in Europe. I observed, here and there, many in the habit of servants, with a blown bladder, fastened like a flail to the



end of a stick, which they carried in their hands. In each bladder was a small quantity of dried peas, or little pebbles, as I was afterwards informed. With these bladders, they now and then flapped the mouths and ears of those who stood near them, of which practice I could not then conceive the meaning. It seems the minds of these people are so taken up with intense speculations, that they neither can speak, nor attend to the discourses of others, without being roused by some external action upon the organs of speech and hearing; for which reason, those persons who are able to afford it always keep a flapper (the original is *climenole*) in their family, as one of their domestics; nor ever walk abroad, or make visits, without him. And the business of this officer is, when two, three, or more persons are in company, gently to strike with his bladder the mouth of him who is to speak, and the right ear of him or them to whom the speaker addresses himself. This flapper is likewise employed diligently to attend his master in his walks, and upon occasion to give him a soft flap on his eyes; because he is always so wrapped up in cogitation, that he is in manifest danger of falling down every precipice, and bouncing his head against every post; and in the streets, of justling others, or being justled himself into the kennel.

It was necessary to give the reader this information, without which he would be at the same loss with me to understand the proceedings of these people, as they conducted me up the stairs to the top of the island, and from thence to the royal palace. While we were ascending, they forgot several times what they were about, and left me to myself, till their memories were again roused by their flappers; for they appeared altogether unmoved by the sight of my foreign habit and countenance, and by the shouts of the vulgar, whose thoughts and minds were more disengaged.

At last we entered the palace, and proceeded into the chamber of presence, where I saw the king seated on his throne, attended on each side by persons of prime quality. Before the throne, was a large table filled with globes and spheres, and mathematical instruments of all kinds. His majesty took not the least notice of us, although our entrance was not without sufficient noise, by the concourse of all persons belonging to the court. But he was then deep in a problem; and we attended at least an hour, before he could solve it. There stood by him, on each side, a young page with flaps in their hands, and when they saw he was at leisure, one of them gently struck his mouth, and the other his right ear; at which he startled like one awaked on the sudden, and looking towards me and the company I was in, recollected

the occasion of our coming, whereof he had been informed before. He spoke some words, whereupon immediately a young man with a flap came up to my side, and flapped me gently on the right ear; but I made signs, as well as I could, that I had no occasion for such an instrument; which, as I afterwards found, gave his majesty, and the whole court, a very mean opinion of my understanding. The king, as far as I could conjecture, asked me several questions, and I addressed myself to him in all the languages I had. When it was found I could neither understand nor be understood, I was conducted by his order to an apartment in his palace (this prince being distinguished above all his predecessors for his hospitality to strangers), where two servants were appointed to attend me. My dinner was brought, and four persons of quality, whom I remembered to have seen very near the king's person, did me the honour to dine with me. We had two courses, of three dishes each. In the first course, there was a shoulder of mutton cut into an equilateral triangle, a piece of beef into a rhomboides, and a pudding into a cycloid. The second course was two ducks trussed up in the form of fiddles; sausages and puddings resembling flutes and hautboys, and a breast of veal in the shape of a harp. The servants cut our bread into cones, cylinders, parallelograms, and several other mathematical figures.

While we were at dinner, I made bold to ask the names of several things in their language, and those noble persons, by the assistance of their flappers, delighted to give me answers, hoping to raise my admiration of their great abilities if I could be brought to converse with them. I was soon able to call for bread and drink, or whatever else I wanted.

After dinner my company withdrew, and a person was sent to me by the king's order, attended by a flapper. He brought with him pen, ink, and paper, and three or four books, giving me to understand by signs, that he was sent to teach me the language. We sat together four hours, in which time I wrote down a great number of words in columns, with the translations over against them; I likewise made a shift to learn several short sentences; for my tutor would order one of my servants to fetch something, to turn about, to make a bow, to sit, or to stand, or walk, and the like. Then I took down the sentence in writing. He showed me also, in one of his books, the figures of the sun, moon, and stars, the zodiac, the tropics, and polar circles, together with the denominations of many plains and solids. He gave me the names and descriptions of all the musical instruments, and the general terms of art in playing on each of them. After he had left me, I placed all my words, with their interpretations, in

alphabetical order. And thus, in a few days, by the help of a very faithful memory, I got some insight into their language. The word, which I interpret the flying or floating island, is in the original Laputa, whereof I could never learn the true etymology. Lap, in the old obsolete language, signifies high; and untuh, a governor; from which they say, by corruption, was derived Laputa, from Lapuntuh. But I do not approve of this derivation, which seems to be a little strained. I ventured to offer to the learned among them a conjecture of my own, that Laputa was quasi lap outed; lap, signifying properly, the dancing of the sunbeams in the sea, and outed, a wing; which, however, I shall not obtrude, but submit to the judicious reader.

Those to whom the king had entrusted me, observing how ill I was clad, ordered a tailor to come next morning, and take measure for a suit of clothes. This operator did his office after a different manner from those of his trade in Europe. He first took my altitude by a quadrant, and then, with a rule and compasses, described the dimensions and outlines of my whole body, all which he entered upon paper; and in six days brought my clothes very ill made, and quite out of shape, by happening to mistake a figure in the calculation. But my comfort was, that I observed such accidents very frequent, and little regarded.

During my confinement for want of clothes, and by an indisposition that held me some days longer, I much enlarged my dictionary; and when I went next to court, was able to understand many things the king spoke, and to return him some kind of answers. His majesty had given orders, that the island should move north-east and by east, to the vertical point over Lagado, the metropolis of the whole kingdom below, upon the firm earth. It was about ninety leagues distant, and our voyage lasted four days and a half. I was not in the least sensible of the progressive motion made in the air by the island. On the second morning, about eleven o'clock, the king himself in person, attended by his nobility, courtiers, and officers, having prepared all their musical instruments, played on them for three hours without intermission, so that I was quite stunned with the noise; neither could I possibly guess the meaning, till my tutor informed me. He said that, the people of their island had their ears adapted to hear "the music of the spheres, which always played at certain periods, and the court was now prepared to bear their part, in whatever instrument they most excelled."

In our journey towards Lagado, the capital city, his majesty ordered that the island should stop over certain towns and villages, from whence he might receive the petitions

of his subjects. And to this purpose, several packthreads were let down, with small weights at the bottom. On these packthreads the people strung their petitions, which mounted up directly, like the scraps of paper fastened by school boys at the end of the string that holds their kite. Sometimes we received wine and victuals from below, which were drawn up by pulleys.

The knowledge I had in mathematics, gave me great assistance in acquiring their phraseology, which depended much upon that science, and music; and in the latter I was not unskilled. Their ideas are perpetually conversant in lines and figures. If they would, for example, praise the beauty of a woman, or any other animal, they describe it by rhombs, circles, parallelograms, ellipses, and other geometrical terms, or by words of art drawn from music, needless here to repeat. I observed in the king's kitchen all sorts of mathematical and musical instruments, after the figures of which they cut up the joints that were served to his majesty's table.

Their houses are very ill built, the walls bevil, without one right angle in any apartment; and this defect arises from the contempt they bear to practical geometry, which they despise as vulgar and mechanic; those instructions they give being too refined for the intellects of their workmen, which occasions perpetual mistakes. And although they are

dexterous enough upon a piece of paper, in the management of the rule, the pencil, and the divider, yet in the common actions and behaviour of life, I have not seen a more clumsy, awkward, and unhandy people, nor so slow and perplexed in their conceptions upon all other subjects, except those of mathematics and music. They are very bad reasoners, and vehemently given to opposition, unless when they happen to be of the right opinion, which is seldom their case. Imagination, fancy, and invention, they are wholly strangers to, nor have any words in their language, by which those ideas can be expressed; the whole compass of their thoughts and mind being shut up within the two forementioned sciences.

Most of them, and especially those who deal in the astronomical part, have great faith in judicial astrology, although they are ashamed to own it publicly. But what I chiefly admired, and thought altogether unaccountable, was the strong disposition I observed in them towards news and politics, perpetually inquiring into public affairs, giving their judgments in matters of state, and passionately disputing every inch of a party opinion. I have indeed observed the same disposition among most of the mathematicians I have known in Europe, although I could never discover the least analogy between the two sciences; unless those people suppose, that because the smallest circle has as many degrees



as the largest, therefore the regulation and management of the world require no more abilities than the handling and turning of a globe; but I rather take this quality to spring from a very common infirmity of human nature, inclining us to be most curious and conceited in matters where we have least concern, and for which we are least adapted by study or nature.

These people are under continual disquietudes, never enjoying a minute's peace of mind; and their disturbances proceed from causes which very little affect the rest of mortals. Their apprehensions arise from several changes they dread in the celestial bodies: for instance, that the earth, by the continual approaches of the sun towards it, must, in course of time, be absorbed, or swallowed up; that the face of the sun, will, by degrees, be encrusted with its own effluvia, and give no more light to the world; that the earth very narrowly escaped a brush from the tail of the last comet, which would have infallibly reduced it to ashes; and that the next, which they have calculated for one-and-thirty years hence, will probably destroy us. For if, in its perihelion, it should approach within a certain degree of the sun (as by their calculations they have reason to dread) it will receive a degree of heat ten thousand times more intense than that of red hot glowing iron, and in its absence from the sun,

carry a blazing tail ten hundred thousand and fourteen miles long, through which, if the earth should pass at the distance of one hundred thousand miles from the nucleus, or main body of the comet, it must in its passage be set on fire, and reduced to ashes: that the sun, daily spending its rays without any nutriment to supply them, will at last be wholly consumed and annihilated; which must be attended with the destruction of this earth, and of all the planets that receive their light from it.

They are so perpetually alarmed with the apprehensions of these, and the like impending dangers, that they can neither sleep quietly in their beds, nor have any relish for the common pleasures and amusements of life. When they meet an acquaintance in the morning, the first question is about the sun's health, how he looked at his setting and rising, and what hopes they have to avoid the stroke of the approaching comet. This conversation they are apt to run into with the same temper that boys discover in delighting to hear terrible stories of spirits and hobgoblins, which they greedily listen to, and dare not go to bed for fear.

The women of the island have abundance of vivacity: they contemn their husbands, and are exceedingly fond of strangers, whereof there is always a considerable number from the continent below, attending at court, either upon

affairs of the several towns and corporations, or their own particular occasions, but are much despised, because they want the same endowments. Among these the ladies choose their gallants: but the vexation is, that they act with too much ease and security; for the husband is always so rapt in speculation, that the mistress and lover may proceed to the greatest familiarities before his face, if he be but provided with paper and implements, and without his flapper at his side.

The wives and daughters lament their confinement to the island, although I think it the most delicious spot of ground in the world; and although they live here in the greatest plenty and magnificence, and are allowed to do whatever they please, they long to see the world, and take the diversions of the metropolis, which they are not allowed to do without a particular license from the king; and this is not easy to be obtained, because the people of quality have found, by frequent experience, how hard it is to persuade their women to return from below. I was told that a great court lady, who had several children,—is married to the prime minister, the richest subject in the kingdom, a very graceful person, extremely fond of her, and lives in the finest palace of the island,—went down to Lagado on the pretence of health, there hid herself for several months, till the king sent a warrant to search for her; and she was found in an

obscure eating-house all in rags, having pawned her clothes to maintain an old deformed footman, who beat her every day, and in whose company she was taken, much against her will. And although her husband received her with all possible kindness, and without the least reproach, she soon after contrived to steal down again, with all her jewels, to the same gallant, and has not been heard of since.

This may perhaps pass with the reader rather for an European or English story, than for one of a country so remote. But he may please to consider, that the caprices of womankind are not limited by any climate or nation, and that they are much more uniform, than can be easily imagined.

In about a month's time, I had made a tolerable proficiency in their language, and was able to answer most of the king's questions, when I had the honour to attend him. His majesty discovered not the least curiosity to inquire into the laws, government, history, religion, or manners of the countries where I had been; but confined his questions to the state of mathematics, and received the account I gave him with great contempt and indifference, though often roused by his flapper on each side.

## CHAPTER III

*A phenomenon solved by modern philosophy and astronomy. The Laputians' great improvements in the latter. The king's method of suppressing insurrections.*

**I** desired leave of this prince to see the curiosities of the island, which he was graciously pleased to grant, and ordered my tutor to attend me. I chiefly wanted to know, to what cause, in art or in nature, it owed its several motions, whereof I will now give a philosophical account to the reader.

The flying or floating island is exactly circular, its diameter 7837 yards, or about four miles and a half, and consequently contains ten thousand acres. It is three hundred yards thick. The bottom, or under surface, which appears to those who view it below, is one even regular plate of adamant, shooting up to the height of about two hundred yards. Above it lie the several minerals in their usual order, and over all is a coat of rich mould, ten or twelve feet deep. The declivity of the upper surface, from the circumference

to the centre, is the natural cause why all the dews and rains, which fall upon the island, are conveyed in small rivulets toward the middle, where they are emptied into four large basins, each of about half a mile in circuit, and two hundred yards distant from the centre. From these basins the water is continually exhaled by the sun in the daytime, which effectually prevents their overflowing. Besides, as it is in the power of the monarch to raise the island above the region of clouds and vapours, he can prevent the falling of dews and rain whenever he pleases. For the highest clouds cannot rise above two miles, as naturalists agree, at least they were never known to do so in that country.

At the centre of the island there is a chasm about fifty yards in diameter, whence the astronomers descend into a large dome, which is therefore called *flandona gagnole*, or the astronomer's cave, situated at the depth of a hundred yards beneath the upper surface of the adamant. In this cave are twenty lamps continually burning, which, from the reflection of the adamant, cast a strong light into every part. The place is stored with great variety of sextants, quadrants, telescopes, astrolabes, and other astronomical instruments. But the greatest curiosity, upon which the fate of the island depends, is a loadstone of a prodigious size, in shape resembling a weaver's shuttle. It is in length

six yards, and in the thickest part at least three yards over. This magnet is sustained by a very strong axle of adamant passing through its middle, upon which it plays, and is poised so exactly that the weakest hand can turn it. It is hooped round with a hollow cylinder of adamant, four feet yards in diameter, placed horizontally, and supported by eight adamantine feet, each six yards high. In the middle of the concave side, there is a groove twelve inches deep, in which the extremities of the axle are lodged, and turned round as there is occasion.

The stone cannot be removed from its place by any force, because the hoop and its feet are one continued piece with that body of adamant which constitutes the bottom of the island.

By means of this loadstone, the island is made to rise and fall, and move from one place to another. For, with respect to that part of the earth over which the monarch presides, the stone is endued at one of its sides with an attractive power, and at the other with a repulsive. Upon placing the magnet erect, with its attracting end towards the earth, the island descends; but when the repelling extremity points downwards, the island mounts directly upwards. When the position of the stone is oblique, the motion of the island

is so too: for in this magnet, the forces always act in lines parallel to its direction.

By this oblique motion, the island is conveyed to different parts of the monarch's dominions. To explain the manner of its progress, let A B represent a line drawn across the dominions of Balnibarbi, let the line c d represent the loadstone, of which let d be the repelling end, and c the attracting end, the island being over C: let the stone be placed in position c d, with its repelling end downwards; then the island will be driven upwards obliquely towards D. When it is arrived at D, let the stone be turned upon its axle, till its attracting end points towards E, and then the island will be carried obliquely towards E; where, if the stone be again turned upon its axle till it stands in the position E F, with its repelling point downwards, the island will rise obliquely towards F, where, by directing the attracting end towards G, the island may be carried to G, and from G to H, by turning the stone, so as to make its repelling extremity to point directly downward. And thus, by changing the situation of the stone, as often as there is occasion, the island is made to rise and fall by turns in an oblique direction, and by those alternate risings and fallings (the obliquity being not considerable) is conveyed from one part of the dominions to the other.



But it must be observed, that this island cannot move beyond the extent of the dominions below, nor can it rise above the height of four miles. For which the astronomers (who have written large systems concerning the stone) assign the following reason: that the magnetic virtue does not extend beyond the distance of four miles, and that the mineral, which acts upon the stone in the bowels of the earth, and in the sea about six leagues distant from the shore, is not diffused through the whole globe, but terminated with the limits of the king's dominions; and it was easy, from the great advantage of such a superior situation, for a prince to bring under his obedience whatever country lay within the attraction of that magnet.

When the stone is put parallel to the plane of the horizon, the island stands still; for in that case the extremities of it, being at equal distance from the earth, act with equal force, the one in drawing downwards, the other in pushing upwards, and consequently no motion can ensue.

This loadstone is under the care of certain astronomers, who, from time to time, give it such positions as the monarch directs. They spend the greatest part of their lives in observing the celestial bodies, which they do by the assistance of glasses, far excelling ours in goodness. For, although their largest telescopes do not exceed three feet, they magnify much more

than those of a hundred with us, and show the stars with greater clearness. This advantage has enabled them to extend their discoveries much further than our astronomers in Europe; for they have made a catalogue of ten thousand fixed stars, whereas the largest of ours do not contain above one third part of that number. They have likewise discovered two lesser stars, or satellites, which revolve about Mars; whereof the innermost is distant from the centre of the primary planet exactly three of his diameters, and the outermost, five; the former revolves in the space of ten hours, and the latter in twenty-one and a half; so that the squares of their periodical times are very near in the same proportion with the cubes of their distance from the centre of Mars; which evidently shows them to be governed by the same law of gravitation that influences the other heavenly bodies.

They have observed ninety-three different comets, and settled their periods with great exactness. If this be true (and they affirm it with great confidence) it is much to be wished, that their observations were made public, whereby the theory of comets, which at present is very lame and defective, might be brought to the same perfection with other arts of astronomy.

The king would be the most absolute prince in the universe, if he could but prevail on a ministry to join with

him; but these having their estates below on the continent, and considering that the office of a favourite has a very uncertain tenure, would never consent to the enslaving of their country.

If any town should engage in rebellion or mutiny, fall into violent factions, or refuse to pay the usual tribute, the king has two methods of reducing them to obedience. The first and the mildest course is, by keeping the island hovering over such a town, and the lands about it, whereby he can deprive them of the benefit of the sun and the rain, and consequently afflict the inhabitants with dearth and diseases: and if the crime deserve it, they are at the same time pelted from above with great stones, against which they have no defence but by creeping into cellars or caves, while the roofs of their houses are beaten to pieces. But if they still continue obstinate, or offer to raise insurrections, he proceeds to the last remedy, by letting the island drop directly upon their heads, which makes a universal destruction both of houses and men. However, this is an extremity to which the prince is seldom driven, neither indeed is he willing to put it in execution; nor dare his ministers advise him to an action, which, as it would render them odious to the people, so it would be a great damage to their own estates, which all lie below; for the island is the king's demesne.

But there is still indeed a more weighty reason, why the kings of this country have been always averse from executing so terrible an action, unless upon the utmost necessity. For, if the town intended to be destroyed should have in it any tall rocks, as it generally falls out in the larger cities, a situation probably chosen at first with a view to prevent such a catastrophe; or if it abound in high spires, or pillars of stone, a sudden fall might endanger the bottom or under surface of the island, which, although it consist, as I have said, of one entire adamant, two hundred yards thick, might happen to crack by too great a shock, or burst by approaching too near the fires from the houses below, as the backs, both of iron and stone, will often do in our chimneys. Of all this the people are well apprised, and understand how far to carry their obstinacy, where their liberty or property is concerned. And the king, when he is highest provoked, and most determined to press a city to rubbish, orders the island to descend with great gentleness, out of a pretence of tenderness to his people, but, indeed, for fear of breaking the adamantine bottom; in which case, it is the opinion of all their philosophers, that the loadstone could no longer hold it up, and the whole mass would fall to the ground.

By a fundamental law of this realm, neither the king, nor either of his two eldest sons, are permitted to leave the island; nor the queen, till she is past child-bearing.

## CHAPTER IV

*The author leaves Laputa; is conveyed to Balnibarbi; arrives at the metropolis. A description of the metropolis, and the country adjoining. The author hospitably received by a great lord. His conversation with that lord.*

**A**lthough I cannot say that I was ill treated in this island, yet I must confess I thought myself too much neglected, not without some degree of contempt; for neither prince nor people appeared to be curious in any part of knowledge, except mathematics and music, wherein I was far their inferior, and upon that account very little regarded.

On the other side, after having seen all the curiosities of the island, I was very desirous to leave it, being heartily weary of those people. They were indeed excellent in two sciences for which I have great esteem, and wherein I am not unversed; but, at the same time, so abstracted and involved in speculation, that I never met with such disagreeable companions. I conversed only with women,

tradesmen, flappers, and court-pages, during two months of my abode there; by which, at last, I rendered myself extremely contemptible; yet these were the only people from whom I could ever receive a reasonable answer.

I had obtained, by hard study, a good degree of knowledge in their language: I was weary of being confined to an island where I received so little countenance, and resolved to leave it with the first opportunity.

There was a great lord at court, nearly related to the king, and for that reason alone used with respect. He was universally reckoned the most ignorant and stupid person among them. He had performed many eminent services for the crown, had great natural and acquired parts, adorned with integrity and honour; but so ill an ear for music, that his detractors reported, "he had been often known to beat time in the wrong place;" neither could his tutors, without extreme difficulty, teach him to demonstrate the most easy proposition in the mathematics. He was pleased to show me many marks of favour, often did me the honour of a visit, desired to be informed in the affairs of Europe, the laws and customs, the manners and learning of the several countries where I had travelled. He listened to me with great attention, and made very wise observations on all I spoke. He had two flappers attending him for state, but never made

use of them, except at court and in visits of ceremony, and would always command them to withdraw, when we were alone together.

I entreated this illustrious person, to intercede in my behalf with his majesty, for leave to depart; which he accordingly did, as he was pleased to tell me, with regret: for indeed he had made me several offers very advantageous, which, however, I refused, with expressions of the highest acknowledgment.

On the 16th of February I took leave of his majesty and the court. The king made me a present to the value of about two hundred pounds English, and my protector, his kinsman, as much more, together with a letter of recommendation to a friend of his in Lagado, the metropolis. The island being then hovering over a mountain about two miles from it, I was let down from the lowest gallery, in the same manner as I had been taken up.

The continent, as far as it is subject to the monarch of the flying island, passes under the general name of Balnibarbi; and the metropolis, as I said before, is called Lagado. I felt some little satisfaction in finding myself on firm ground. I walked to the city without any concern, being clad like one of the natives, and sufficiently instructed to converse with them. I soon found out the person's house to whom I



was recommended, presented my letter from his friend the grandee in the island, and was received with much kindness. This great lord, whose name was Munodi, ordered me an apartment in his own house, where I continued during my stay, and was entertained in a most hospitable manner.

The next morning after my arrival, he took me in his chariot to see the town, which is about half the bigness of London; but the houses very strangely built, and most of them out of repair. The people in the streets walked fast, looked wild, their eyes fixed, and were generally in rags. We passed through one of the town gates, and went about three miles into the country, where I saw many labourers working with several sorts of tools in the ground, but was not able to conjecture what they were about: neither did observe any expectation either of corn or grass, although the soil appeared to be excellent. I could not forbear admiring at these odd appearances, both in town and country; and I made bold to desire my conductor, that he would be pleased to explain to me, what could be meant by so many busy heads, hands, and faces, both in the streets and the fields, because I did not discover any good effects they produced; but, on the contrary, I never knew a soil so unhappily cultivated, houses so ill contrived and so ruinous, or a people whose countenances and habit expressed so much misery and want.

This lord Munodi was a person of the first rank, and had been some years governor of Lagado; but, by a cabal of ministers, was discharged for insufficiency. However, the king treated him with tenderness, as a well-meaning man, but of a low contemptible understanding.

When I gave that free censure of the country and its inhabitants, he made no further answer than by telling me, “that I had not been long enough among them to form a judgment; and that the different nations of the world had different customs;” with other common topics to the same purpose. But, when we returned to his palace, he asked me “how I liked the building, what absurdities I observed, and what quarrel I had with the dress or looks of his domestics?” This he might safely do; because every thing about him was magnificent, regular, and polite. I answered, “that his excellency’s prudence, quality, and fortune, had exempted him from those defects, which folly and beggary had produced in others.” He said, “if I would go with him to his country-house, about twenty miles distant, where his estate lay, there would be more leisure for this kind of conversation.” I told his excellency “that I was entirely at his disposal;” and accordingly we set out next morning.

During our journey he made me observe the several methods used by farmers in managing their lands, which

to me were wholly unaccountable; for, except in some very few places, I could not discover one ear of corn or blade of grass. But, in three hours travelling, the scene was wholly altered; we came into a most beautiful country; farmers' houses, at small distances, neatly built; the fields enclosed, containing vineyards, corn-grounds, and meadows. Neither do I remember to have seen a more delightful prospect. His excellency observed my countenance to clear up; he told me, with a sigh, "that there his estate began, and would continue the same, till we should come to his house: that his countrymen ridiculed and despised him, for managing his affairs no better, and for setting so ill an example to the kingdom; which, however, was followed by very few, such as were old, and wilful, and weak like himself."

We came at length to the house, which was indeed a noble structure, built according to the best rules of ancient architecture. The fountains, gardens, walks, avenues, and groves, were all disposed with exact judgment and taste. I gave due praises to every thing I saw, whereof his excellency took not the least notice till after supper; when, there being no third companion, he told me with a very melancholy air "that he doubted he must throw down his houses in town and country, to rebuild them after the present mode; destroy all his plantations, and cast others into such a form

as modern usage required, and give the same directions to all his tenants, unless he would submit to incur the censure of pride, singularity, affectation, ignorance, caprice, and perhaps increase his majesty's displeasure; that the admiration I appeared to be under would cease or diminish, when he had informed me of some particulars which, probably, I never heard of at court, the people there being too much taken up in their own speculations, to have regard to what passed here below."

The sum of his discourse was to this effect: "That about forty years ago, certain persons went up to Laputa, either upon business or diversion, and, after five months continuance, came back with a very little smattering in mathematics, but full of volatile spirits acquired in that airy region: that these persons, upon their return, began to dislike the management of every thing below, and fell into schemes of putting all arts, sciences, languages, and mechanics, upon a new foot. To this end, they procured a royal patent for erecting an academy of projectors in Lagado; and the humour prevailed so strongly among the people, that there is not a town of any consequence in the kingdom without such an academy. In these colleges the professors contrive new rules and methods of agriculture and building, and new instruments, and tools for all trades and manufactures;

whereby, as they undertake, one man shall do the work of ten; a palace may be built in a week, of materials so durable as to last for ever without repairing. All the fruits of the earth shall come to maturity at whatever season we think fit to choose, and increase a hundred fold more than they do at present; with innumerable other happy proposals. The only inconvenience is, that none of these projects are yet brought to perfection; and in the mean time, the whole country lies miserably waste, the houses in ruins, and the people without food or clothes. By all which, instead of being discouraged, they are fifty times more violently bent upon prosecuting their schemes, driven equally on by hope and despair: that as for himself, being not of an enterprising spirit, he was content to go on in the old forms, to live in the houses his ancestors had built, and act as they did, in every part of life, without innovation: that some few other persons of quality and gentry had done the same, but were looked on with an eye of contempt and ill-will, as enemies to art, ignorant, and ill common-wealth's men, preferring their own ease and sloth before the general improvement of their country."

His lordship added, "That he would not, by any further particulars, prevent the pleasure I should certainly take in viewing the grand academy, whither he was resolved I should

go." He only desired me to observe a ruined building, upon the side of a mountain about three miles distant, of which he gave me this account: "That he had a very convenient mill within half a mile of his house, turned by a current from a large river, and sufficient for his own family, as well as a great number of his tenants; that about seven years ago, a club of those projectors came to him with proposals to destroy this mill, and build another on the side of that mountain, on the long ridge whereof a long canal must be cut, for a repository of water, to be conveyed up by pipes and engines to supply the mill, because the wind and air upon a height agitated the water, and thereby made it fitter for motion, and because the water, descending down a declivity, would turn the mill with half the current of a river whose course is more upon a level." He said, "that being then not very well with the court, and pressed by many of his friends, he complied with the proposal; and after employing a hundred men for two years, the work miscarried, the projectors went off, laying the blame entirely upon him, railing at him ever since, and putting others upon the same experiment, with equal assurance of success, as well as equal disappointment."

In a few days we came back to town; and his excellency, considering the bad character he had in the academy, would not go with me himself, but recommended me to a friend

of his, to bear me company thither. My lord was pleased to represent me as a great admirer of projects, and a person of much curiosity and easy belief; which, indeed, was not without truth; for I had myself been a sort of projector in my younger days.

## CHAPTER V

*The author permitted to see the grand academy of Lagado. The academy largely described. The arts wherein the professors employ themselves.*

**T**his academy is not an entire single building, but a continuation of several houses on both sides of a street, which growing waste, was purchased and applied to that use.

I was received very kindly by the warden, and went for many days to the academy. Every room has in it one or more projectors; and I believe I could not be in fewer than five hundred rooms.

The first man I saw was of a meagre aspect, with sooty hands and face, his hair and beard long, ragged, and singed in several places. His clothes, shirt, and skin, were all of the same colour. He has been eight years upon a project for extracting sunbeams out of cucumbers, which were to be put in phials hermetically sealed, and let out to warm the air in raw inclement summers. He told me, he did not doubt, that, in eight years more, he should be able to supply the



governor's gardens with sunshine, at a reasonable rate: but he complained that his stock was low, and entreated me "to give him something as an encouragement to ingenuity, especially since this had been a very dear season for cucumbers." I made him a small present, for my lord had furnished me with money on purpose, because he knew their practice of begging from all who go to see them.

I went into another chamber, but was ready to hasten back, being almost overcome with a horrible stink. My conductor pressed me forward, conjuring me in a whisper "to give no offence, which would be highly resented;" and therefore I durst not so much as stop my nose. The projector of this cell was the most ancient student of the academy; his face and beard were of a pale yellow; his hands and clothes daubed over with filth. When I was presented to him, he gave me a close embrace, a compliment I could well have excused. His employment, from his first coming into the academy, was an operation to reduce human excrement to its original food, by separating the several parts, removing the tincture which it receives from the gall, making the odour exhale, and scumming off the saliva. He had a weekly allowance, from the society, of a vessel filled with human ordure, about the bigness of a Bristol barrel.

I saw another at work to calcine ice into gunpowder; who likewise showed me a treatise he had written concerning the malleability of fire, which he intended to publish.

There was a most ingenious architect, who had contrived a new method for building houses, by beginning at the roof, and working downward to the foundation; which he justified to me, by the like practice of those two prudent insects, the bee and the spider.

There was a man born blind, who had several apprentices in his own condition: their employment was to mix colours for painters, which their master taught them to distinguish by feeling and smelling. It was indeed my misfortune to find them at that time not very perfect in their lessons, and the professor himself happened to be generally mistaken. This artist is much encouraged and esteemed by the whole fraternity.

In another apartment I was highly pleased with a projector who had found a device of ploughing the ground with hogs, to save the charges of ploughs, cattle, and labour. The method is this: in an acre of ground you bury, at six inches distance and eight deep, a quantity of acorns, dates, chestnuts, and other mast or vegetables, whereof these animals are fondest; then you drive six hundred or more of them into the field, where, in a few days, they will root up

the whole ground in search of their food, and make it fit for sowing, at the same time manuring it with their dung: it is true, upon experiment, they found the charge and trouble very great, and they had little or no crop. However it is not doubted, that this invention may be capable of great improvement.

I went into another room, where the walls and ceiling were all hung round with cobwebs, except a narrow passage for the artist to go in and out. At my entrance, he called aloud to me, "not to disturb his webs." He lamented "the fatal mistake the world had been so long in, of using silkworms, while we had such plenty of domestic insects who infinitely excelled the former, because they understood how to weave, as well as spin." And he proposed further, "that by employing spiders, the charge of dyeing silks should be wholly saved;" whereof I was fully convinced, when he showed me a vast number of flies most beautifully coloured, wherewith he fed his spiders, assuring us "that the webs would take a tincture from them; and as he had them of all hues, he hoped to fit everybody's fancy, as soon as he could find proper food for the flies, of certain gums, oils, and other glutinous matter, to give a strength and consistence to the threads."

There was an astronomer, who had undertaken to place a sun-dial upon the great weathercock on the town-house,

by adjusting the annual and diurnal motions of the earth and sun, so as to answer and coincide with all accidental turnings of the wind.

I was complaining of a small fit of the colic, upon which my conductor led me into a room where a great physician resided, who was famous for curing that disease, by contrary operations from the same instrument. He had a large pair of bellows, with a long slender muzzle of ivory: this he conveyed eight inches up the anus, and drawing in the wind, he affirmed he could make the guts as lank as a dried bladder. But when the disease was more stubborn and violent, he let in the muzzle while the bellows were full of wind, which he discharged into the body of the patient; then withdrew the instrument to replenish it, clapping his thumb strongly against the orifice of then fundament; and this being repeated three or four times, the adventitious wind would rush out, bringing the noxious along with it, (like water put into a pump), and the patient recovered. I saw him try both experiments upon a dog, but could not discern any effect from the former. After the latter the animal was ready to burst, and made so violent a discharge as was very offensive to me and my companion. The dog died on the spot, and we left the doctor endeavouring to recover him, by the same operation.

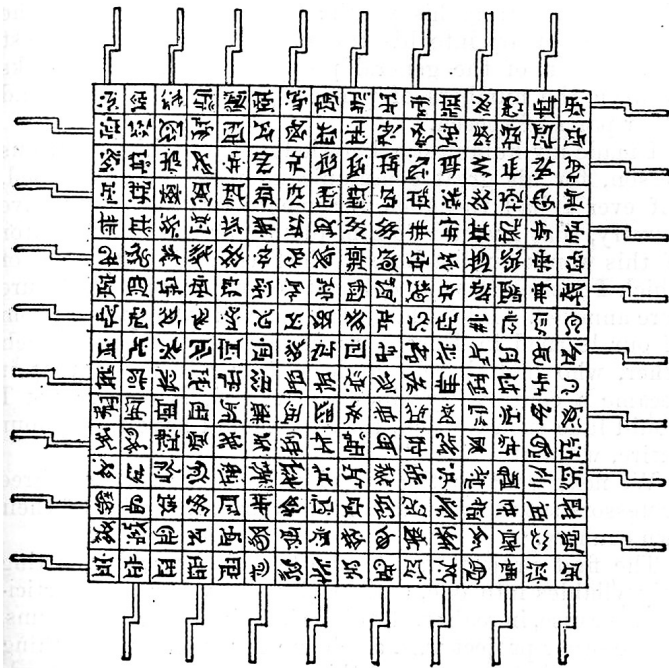
I visited many other apartments, but shall not trouble my reader with all the curiosities I observed, being studious of brevity.

I had hitherto seen only one side of the academy, the other being appropriated to the advancers of speculative learning, of whom I shall say something, when I have mentioned one illustrious person more, who is called among them “the universal artist.” He told us “he had been thirty years employing his thoughts for the improvement of human life.” He had two large rooms full of wonderful curiosities, and fifty men at work. Some were condensing air into a dry tangible substance, by extracting the nitre, and letting the aqueous or fluid particles percolate; others softening marble, for pillows and pin-cushions; others petrifying the hoofs of a living horse, to preserve them from foundering. The artist himself was at that time busy upon two great designs; the first, to sow land with chaff, wherein he affirmed the true seminal virtue to be contained, as he demonstrated by several experiments, which I was not skilful enough to comprehend. The other was, by a certain composition of gums, minerals, and vegetables, outwardly applied, to prevent the growth of wool upon two young lambs; and he hoped, in a reasonable time to propagate the breed of naked sheep, all over the kingdom.

We crossed a walk to the other part of the academy, where, as I have already said, the projectors in speculative learning resided.

The first professor I saw, was in a very large room, with forty pupils about him. After salutation, observing me to look earnestly upon a frame, which took up the greatest part of both the length and breadth of the room, he said, "Perhaps I might wonder to see him employed in a project for improving speculative knowledge, by practical and mechanical operations. But the world would soon be sensible of its usefulness; and he flattered himself, that a more noble, exalted thought never sprang in any other man's head. Every one knew how laborious the usual method is of attaining to arts and sciences; whereas, by his contrivance, the most ignorant person, at a reasonable charge, and with a little bodily labour, might write books in philosophy, poetry, politics, laws, mathematics, and theology, without the least assistance from genius or study." He then led me to the frame, about the sides, whereof all his pupils stood in ranks. It was twenty feet square, placed in the middle of the room. The superficies was composed of several bits of wood, about the bigness of a die, but some larger than others. They were all linked together by slender wires. These bits of wood were covered, on every square, with paper pasted on them; and

on these papers were written all the words of their language, in their several moods, tenses, and declensions; but without any order. The professor then desired me “to observe; for he was going to set his engine at work.” The pupils, at his command, took each of them hold of an iron handle, whereof there were forty fixed round the edges of the frame; and giving them a sudden turn, the whole disposition of the words was entirely changed. He then commanded six-and-thirty of the lads, to read the several lines softly, as they appeared upon the frame; and where they found three or four words together that might make part of a sentence, they dictated to the four remaining boys, who were scribes. This work was repeated three or four times, and at every turn, the engine was so contrived, that the words shifted into new places, as the square bits of wood moved upside down.



Six hours a day the young students were employed in this labour; and the professor showed me several volumes in large folio, already collected, of broken sentences, which he intended to piece together, and out of those rich materials, to give the world a complete body of all arts and sciences; which, however, might be still improved, and much expedited, if the public would raise a fund for making and employing five hundred such frames in Lagado, and oblige the managers to contribute in common their several collections.



He assured me “that this invention had employed all his thoughts from his youth; that he had emptied the whole vocabulary into his frame, and made the strictest computation of the general proportion there is in books between the numbers of particles, nouns, and verbs, and other parts of speech.”

I made my humblest acknowledgment to this illustrious person, for his great communicativeness; and promised, “if ever I had the good fortune to return to my native country, that I would do him justice, as the sole inventor of this wonderful machine;” the form and contrivance of which I desired leave to delineate on paper, as in the figure here annexed. I told him, “although it were the custom of our learned in Europe to steal inventions from each other, who had thereby at least this advantage, that it became a controversy which was the right owner; yet I would take such caution, that he should have the honour entire, without a rival.”

We next went to the school of languages, where three professors sat in consultation upon improving that of their own country.

The first project was, to shorten discourse, by cutting polysyllables into one, and leaving out verbs and participles, because, in reality, all things imaginable are but norms.

The other project was, a scheme for entirely abolishing all words whatsoever; and this was urged as a great advantage in point of health, as well as brevity. For it is plain, that every word we speak is, in some degree, a diminution of our lungs by corrosion, and, consequently, contributes to the shortening of our lives. An expedient was therefore offered, “that since words are only names for things, it would be more convenient for all men to carry about them such things as were necessary to express a particular business they are to discourse on.” And this invention would certainly have taken place, to the great ease as well as health of the subject, if the women, in conjunction with the vulgar and illiterate, had not threatened to raise a rebellion unless they might be allowed the liberty to speak with their tongues, after the manner of their forefathers; such constant irreconcilable enemies to science are the common people. However, many of the most learned and wise adhere to the new scheme of expressing themselves by things; which has only this inconvenience attending it, that if a man’s business be very great, and of various kinds, he must be obliged, in proportion, to carry a greater bundle of things upon his back, unless he can afford one or two strong servants to attend him. I have often beheld two of those sages almost sinking under the weight of their packs, like pedlars among us, who, when they met

in the street, would lay down their loads, open their sacks, and hold conversation for an hour together; then put up their implements, help each other to resume their burdens, and take their leave.

But for short conversations, a man may carry implements in his pockets, and under his arms, enough to supply him; and in his house, he cannot be at a loss. Therefore the room where company meet who practise this art, is full of all things, ready at hand, requisite to furnish matter for this kind of artificial converse.

Another great advantage proposed by this invention was, that it would serve as a universal language, to be understood in all civilised nations, whose goods and utensils are generally of the same kind, or nearly resembling, so that their uses might easily be comprehended. And thus ambassadors would be qualified to treat with foreign princes, or ministers of state, to whose tongues they were utter strangers.

I was at the mathematical school, where the master taught his pupils after a method scarce imaginable to us in Europe. The proposition, and demonstration, were fairly written on a thin wafer, with ink composed of a cephalic tincture. This, the student was to swallow upon a fasting stomach, and for three days following, eat nothing but bread

and water. As the wafer digested, the tincture mounted to his brain, bearing the proposition along with it. But the success has not hitherto been answerable, partly by some error in the quantum or composition, and partly by the perverseness of lads, to whom this bolus is so nauseous, that they generally steal aside, and discharge it upwards, before it can operate; neither have they been yet persuaded to use so long an abstinence, as the prescription requires.

## CHAPTER VI

*A further account of the academy. The author proposes some improvements, which are honourably received.*

**I**n the school of political projectors, I was but ill entertained; the professors appearing, in my judgment, wholly out of their senses, which is a scene that never fails to make me melancholy. These unhappy people were proposing schemes for persuading monarchs to choose favourites upon the score of their wisdom, capacity, and virtue; of teaching ministers to consult the public good; of rewarding merit, great abilities, eminent services; of instructing princes to know their true interest, by placing it on the same foundation with that of their people; of choosing for employments persons qualified to exercise them, with many other wild, impossible chimeras, that never entered before into the heart of man to conceive; and confirmed in me the old observation, “that there is nothing so extravagant and irrational, which some philosophers have not maintained for truth.”

But, however, I shall so far do justice to this part of the Academy, as to acknowledge that all of them were not so visionary. There was a most ingenious doctor, who seemed to be perfectly versed in the whole nature and system of government. This illustrious person had very usefully employed his studies, in finding out effectual remedies for all diseases and corruptions to which the several kinds of public administration are subject, by the vices or infirmities of those who govern, as well as by the licentiousness of those who are to obey. For instance: whereas all writers and reasoners have agreed, that there is a strict universal resemblance between the natural and the political body; can there be any thing more evident, than that the health of both must be preserved, and the diseases cured, by the same prescriptions? It is allowed, that senates and great councils are often troubled with redundant, ebullient, and other peccant humours; with many diseases of the head, and more of the heart; with strong convulsions, with grievous contractions of the nerves and sinews in both hands, but especially the right; with spleen, flatus, vertigos, and deliriums; with scrofulous tumours, full of fetid purulent matter; with sour frothy ructations: with canine appetites, and crudeness of digestion, besides many others, needless to mention. This doctor therefore proposed, “that upon the meeting of the senate, certain physicians

should attend it the three first days of their sitting, and at the close of each day's debate feel the pulses of every senator; after which, having maturely considered and consulted upon the nature of the several maladies, and the methods of cure, they should on the fourth day return to the senate house, attended by their apothecaries stored with proper medicines; and before the members sat, administer to each of them lenitives, aperitives, abstersives, corrosives, restringents, palliatives, laxatives, cephalalgics, icterics, apophlegmatics, acoustics, as their several cases required; and, according as these medicines should operate, repeat, alter, or omit them, at the next meeting."

This project could not be of any great expense to the public; and might in my poor opinion, be of much use for the despatch of business, in those countries where senates have any share in the legislative power; beget unanimity, shorten debates, open a few mouths which are now closed, and close many more which are now open; curb the petulance of the young, and correct the positiveness of the old; rouse the stupid, and damp the pert.

Again: because it is a general complaint, that the favourites of princes are troubled with short and weak memories; the same doctor proposed, "that whoever attended a first minister, after having told his business, with the utmost

brevity and in the plainest words, should, at his departure, give the said minister a tweak by the nose, or a kick in the belly, or tread on his corns, or lug him thrice by both ears, or run a pin into his breech; or pinch his arm black and blue, to prevent forgetfulness; and at every levee day, repeat the same operation, till the business were done, or absolutely refused.”

He likewise directed, “that every senator in the great council of a nation, after he had delivered his opinion, and argued in the defence of it, should be obliged to give his vote directly contrary; because if that were done, the result would infallibly terminate in the good of the public.”

When parties in a state are violent, he offered a wonderful contrivance to reconcile them. The method is this: You take a hundred leaders of each party; you dispose them into couples of such whose heads are nearest of a size; then let two nice operators saw off the occiput of each couple at the same time, in such a manner that the brain may be equally divided. Let the occiputs, thus cut off, be interchanged, applying each to the head of his opposite party-man. It seems indeed to be a work that requires some exactness, but the professor assured us, “that if it were dexterously performed, the cure would be infallible.” For he argued thus: “that the two half brains being left to debate the matter between



themselves within the space of one skull, would soon come to a good understanding, and produce that moderation, as well as regularity of thinking, so much to be wished for in the heads of those, who imagine they come into the world only to watch and govern its motion: and as to the difference of brains, in quantity or quality, among those who are directors in faction, the doctor assured us, from his own knowledge, that it was a perfect trifle.”

I heard a very warm debate between two professors, about the most commodious and effectual ways and means of raising money, without grieving the subject. The first affirmed, “the justest method would be, to lay a certain tax upon vices and folly; and the sum fixed upon every man to be rated, after the fairest manner, by a jury of his neighbours.” The second was of an opinion directly contrary; “to tax those qualities of body and mind, for which men chiefly value themselves; the rate to be more or less, according to the degrees of excelling; the decision whereof should be left entirely to their own breast.” The highest tax was upon men who are the greatest favourites of the other sex, and the assessments, according to the number and nature of the favours they have received; for which, they are allowed to be their own vouchers. Wit, valour, and politeness, were likewise proposed to be largely taxed, and collected in the

same manner, by every person's giving his own word for the quantum of what he possessed. But as to honour, justice, wisdom, and learning, they should not be taxed at all; because they are qualifications of so singular a kind, that no man will either allow them in his neighbour or value them in himself.

The women were proposed to be taxed according to their beauty and skill in dressing, wherein they had the same privilege with the men, to be determined by their own judgment. But constancy, chastity, good sense, and good nature, were not rated, because they would not bear the charge of collecting.

To keep senators in the interest of the crown, it was proposed that the members should raffle for employment; every man first taking an oath, and giving security, that he would vote for the court, whether he won or not; after which, the losers had, in their turn, the liberty of raffling upon the next vacancy. Thus, hope and expectation would be kept alive; none would complain of broken promises, but impute their disappointments wholly to fortune, whose shoulders are broader and stronger than those of a ministry.

Another professor showed me a large paper of instructions for discovering plots and conspiracies against the government. He advised great statesmen to examine into the diet of all suspected persons; their times of eating; upon

which side they lay in bed; with which hand they wipe their posteriors; take a strict view of their excrements, and, from the colour, the odour, the taste, the consistence, the crudeness or maturity of digestion, form a judgment of their thoughts and designs; because men are never so serious, thoughtful, and intent, as when they are at stool, which he found by frequent experiment; for, in such conjunctures, when he used, merely as a trial, to consider which was the best way of murdering the king, his ordure would have a tincture of green; but quite different, when he thought only of raising an insurrection, or burning the metropolis.

The whole discourse was written with great acuteness, containing many observations, both curious and useful for politicians; but, as I conceived, not altogether complete. This I ventured to tell the author, and offered, if he pleased, to supply him with some additions. He received my proposition with more compliance than is usual among writers, especially those of the projecting species, professing “he would be glad to receive further information.”

I told him, “that in the kingdom of Tribnia,<sup>1</sup> by the natives called Langdon,<sup>2</sup> where I had sojourned some time in

---

1 Britannia.—Sir W. Scott.

2 London.—Sir W. Scott.

my travels, the bulk of the people consist in a manner wholly of discoverers, witnesses, informers, accusers, prosecutors, evidences, swearers, together with their several subservient and subaltern instruments, all under the colours, the conduct, and the pay of ministers of state, and their deputies. The plots, in that kingdom, are usually the workmanship of those persons who desire to raise their own characters of profound politicians; to restore new vigour to a crazy administration; to stifle or divert general discontents; to fill their coffers with forfeitures; and raise, or sink the opinion of public credit, as either shall best answer their private advantage. It is first agreed and settled among them, what suspected persons shall be accused of a plot; then, effectual care is taken to secure all their letters and papers, and put the owners in chains. These papers are delivered to a set of artists, very dexterous in finding out the mysterious meanings of words, syllables, and letters: for instance, they can discover a close stool, to signify a privy council; a flock of geese, a senate; a lame dog, an invader; the plague, a standing army; a buzzard, a prime minister; the gout, a high priest; a gibbet, a secretary of state; a chamber pot, a committee of grandees; a sieve, a court lady; a broom, a revolution; a mouse-trap, an employment; a bottomless pit, a treasury; a sink, a court; a cap and bells,

a favourite; a broken reed, a court of justice; an empty tun, a general; a running sore, the administration.<sup>3</sup>

“When this method fails, they have two others more effectual, which the learned among them call acrostics and anagrams. First, they can decipher all initial letters into political meanings. Thus N, shall signify a plot; B, a regiment of horse; L, a fleet at sea; or, secondly, by transposing the letters of the alphabet in any suspected paper, they can lay open the deepest designs of a discontented party. So, for example, if I should say, in a letter to a friend, ‘Our brother Tom has just got the piles,’ a skilful decipherer would discover, that the same letters which compose that sentence, may be analysed into the following words, ‘Resist —, a plot is brought home—The tour.’ And this is the anagrammatic method.”

The professor made me great acknowledgments for communicating these observations, and promised to make honourable mention of me in his treatise.

---

3 This is the revised text adopted by Dr. Hawksworth (1766). The above paragraph in the original editions (1726) takes another form, commencing:—“I told him that should I happen to live in a kingdom where lots were in vogue,” &c. The names Tribnia and Langdon are not mentioned, and the “close stool” and its signification do not occur.

I saw nothing in this country that could invite me to a longer continuance, and began to think of returning home to England.

## CHAPTER VII

*The author leaves Lagado: arrives at Maldonada.  
No ship ready. He takes a short voyage to Glubb-  
dubdrib. His reception by the governor.*

**T**he continent, of which this kingdom is apart, extends itself, as I have reason to believe, eastward, to that unknown tract of America westward of California; and north, to the Pacific Ocean, which is not above a hundred and fifty miles from Lagado; where there is a good port, and much commerce with the great island of Luggnagg, situated to the north-west about 29 degrees north latitude, and 140 longitude. This island of Luggnagg stands south-eastward of Japan, about a hundred leagues distant. There is a strict alliance between the Japanese emperor and the king of Luggnagg; which affords frequent opportunities of sailing from one island to the other. I determined therefore to direct my course this way, in order to my return to Europe. I hired two mules, with a guide, to show me the way, and carry my small baggage. I took leave of my noble protector,

who had shown me so much favour, and made me a generous present at my departure.

My journey was without any accident or adventure worth relating. When I arrived at the port of Maldonada (for so it is called) there was no ship in the harbour bound for Luggnagg, nor likely to be in some time. The town is about as large as Portsmouth. I soon fell into some acquaintance, and was very hospitably received. A gentleman of distinction said to me, "that since the ships bound for Luggnagg could not be ready in less than a month, it might be no disagreeable amusement for me to take a trip to the little island of Glubbudubdrib, about five leagues off to the south-west." He offered himself and a friend to accompany me, and that I should be provided with a small convenient bark for the voyage.

Glubbudubdrib, as nearly as I can interpret the word, signifies the island of sorcerers or magicians. It is about one third as large as the Isle of Wight, and extremely fruitful: it is governed by the head of a certain tribe, who are all magicians. This tribe marries only among each other, and the eldest in succession is prince or governor. He has a noble palace, and a park of about three thousand acres, surrounded by a wall of hewn stone twenty feet high. In this park are several small enclosures for cattle, corn, and gardening.



The governor and his family are served and attended by domestics of a kind somewhat unusual. By his skill in necromancy he has a power of calling whom he pleases from the dead, and commanding their service for twenty-four hours, but no longer; nor can he call the same persons up again in less than three months, except upon very extraordinary occasions.

When we arrived at the island, which was about eleven in the morning, one of the gentlemen who accompanied me went to the governor, and desired admittance for a stranger, who came on purpose to have the honour of attending on his highness. This was immediately granted, and we all three entered the gate of the palace between two rows of guards, armed and dressed after a very antic manner, and with something in their countenances that made my flesh creep with a horror I cannot express. We passed through several apartments, between servants of the same sort, ranked on each side as before, till we came to the chamber of presence; where, after three profound obeisances, and a few general questions, we were permitted to sit on three stools, near the lowest step of his highness's throne. He understood the language of Balnibarbi, although it was different from that of this island. He desired me to give him some account of my travels; and, to let me see that I should be treated without

ceremony, he dismissed all his attendants with a turn of his finger; at which, to my great astonishment, they vanished in an instant, like visions in a dream when we awake on a sudden. I could not recover myself in some time, till the governor assured me, "that I should receive no hurt:" and observing my two companions to be under no concern, who had been often entertained in the same manner, I began to take courage, and related to his highness a short history of my several adventures; yet not without some hesitation, and frequently looking behind me to the place where I had seen those domestic spectres. I had the honour to dine with the governor, where a new set of ghosts served up the meat, and waited at table. I now observed myself to be less terrified than I had been in the morning. I stayed till sunset, but humbly desired his highness to excuse me for not accepting his invitation of lodging in the palace. My two friends and I lay at a private house in the town adjoining, which is the capital of this little island; and the next morning we returned to pay our duty to the governor, as he was pleased to command us.

After this manner we continued in the island for ten days, most part of every day with the governor, and at night in our lodging. I soon grew so familiarized to the sight of spirits, that after the third or fourth time they gave me no

emotion at all: or, if I had any apprehensions left, my curiosity prevailed over them. For his highness the governor ordered me “to call up whatever persons I would choose to name, and in whatever numbers, among all the dead from the beginning of the world to the present time, and command them to answer any questions I should think fit to ask; with this condition, that my questions must be confined within the compass of the times they lived in. And one thing I might depend upon, that they would certainly tell me the truth, for lying was a talent of no use in the lower world.”

I made my humble acknowledgments to his highness for so great a favour. We were in a chamber, from whence there was a fair prospect into the park. And because my first inclination was to be entertained with scenes of pomp and magnificence, I desired to see Alexander the Great at the head of his army, just after the battle of Arbela: which, upon a motion of the governor’s finger, immediately appeared in a large field, under the window where we stood. Alexander was called up into the room: it was with great difficulty that I understood his Greek, and had but little of my own. He assured me upon his honour “that he was not poisoned, but died of a bad fever by excessive drinking.”

Next, I saw Hannibal passing the Alps, who told me “he had not a drop of vinegar in his camp.”

I saw Cæsar and Pompey at the head of their troops, just ready to engage. I saw the former, in his last great triumph. I desired that the senate of Rome might appear before me, in one large chamber, and an assembly of somewhat a later age in counterview, in another. The first seemed to be an assembly of heroes and demigods; the other, a knot of pedlars, pick-pockets, highwayman, and bullies.

The governor, at my request, gave the sign for Cæsar and Brutus to advance towards us. I was struck with a profound veneration at the sight of Brutus, and could easily discover the most consummate virtue, the greatest intrepidity and firmness of mind, the truest love of his country, and general benevolence for mankind, in every lineament of his countenance. I observed, with much pleasure, that these two persons were in good intelligence with each other; and Cæsar freely confessed to me, “that the greatest actions of his own life were not equal, by many degrees, to the glory of taking it away.” I had the honour to have much conversation with Brutus; and was told, “that his ancestor Junius, Socrates, Epaminondas, Cato the younger, Sir Thomas More, and himself were perpetually together:” a sextumvirate, to which all the ages of the world cannot add a seventh.

It would be tedious to trouble the reader with relating what vast numbers of illustrious persons were called up to

gratify that insatiable desire I had to see the world in every period of antiquity placed before me. I chiefly fed mine eyes with beholding the destroyers of tyrants and usurpers, and the restorers of liberty to oppressed and injured nations. But it is impossible to express the satisfaction I received in my own mind, after such a manner as to make it a suitable entertainment to the reader.

## CHAPTER VIII

*A further account of Glubbudrib. Ancient and modern history corrected.*

**H**aving a desire to see those ancients who were most renowned for wit and learning, I set apart one day on purpose. I proposed that Homer and Aristotle might appear at the head of all their commentators; but these were so numerous, that some hundreds were forced to attend in the court, and outward rooms of the palace. I knew, and could distinguish those two heroes, at first sight, not only from the crowd, but from each other. Homer was the taller and comelier person of the two, walked very erect for one of his age, and his eyes were the most quick and piercing I ever beheld. Aristotle stooped much, and made use of a staff. His visage was meagre, his hair lank and thin, and his voice hollow. I soon discovered that both of them were perfect strangers to the rest of the company, and had never seen or heard of them before; and I had a whisper from a ghost who shall be nameless, "that these commentators always kept in the most distant quarters from their principals, in the

lower world, through a consciousness of shame and guilt, because they had so horribly misrepresented the meaning of those authors to posterity." I introduced Didymus and Eustathius to Homer, and prevailed on him to treat them better than perhaps they deserved, for he soon found they wanted a genius to enter into the spirit of a poet. But Aristotle was out of all patience with the account I gave him of Scotus and Ramus, as I presented them to him; and he asked them, "whether the rest of the tribe were as great dunces as themselves?"

I then desired the governor to call up Descartes and Gassendi, with whom I prevailed to explain their systems to Aristotle. This great philosopher freely acknowledged his own mistakes in natural philosophy, because he proceeded in many things upon conjecture, as all men must do; and he found that Gassendi, who had made the doctrine of Epicurus as palatable as he could, and the vortices of Descartes, were equally to be exploded. He predicted the same fate to attraction, whereof the present learned are such zealous asserters. He said, "that new systems of nature were but new fashions, which would vary in every age; and even those, who pretend to demonstrate them from mathematical principles, would flourish but a short period of time, and be out of vogue when that was determined."

I spent five days in conversing with many others of the ancient learned. I saw most of the first Roman emperors. I prevailed on the governor to call up Heliogabalus's cooks to dress us a dinner, but they could not show us much of their skill, for want of materials. A helot of Agesilaus made us a dish of Spartan broth, but I was not able to get down a second spoonful.

The two gentlemen, who conducted me to the island, were pressed by their private affairs to return in three days, which I employed in seeing some of the modern dead, who had made the greatest figure, for two or three hundred years past, in our own and other countries of Europe; and having been always a great admirer of old illustrious families, I desired the governor would call up a dozen or two of kings, with their ancestors in order for eight or nine generations. But my disappointment was grievous and unexpected. For, instead of a long train with royal diadems, I saw in one family two fiddlers, three spruce courtiers, and an Italian prelate. In another, a barber, an abbot, and two cardinals. I have too great a veneration for crowned heads, to dwell any longer on so nice a subject. But as to counts, marquises, dukes, earls, and the like, I was not so scrupulous. And I confess, it was not without some pleasure, that I found myself able to trace the particular features, by which certain families are



distinguished, up to their originals. I could plainly discover whence one family derives a long chin; why a second has abounded with knaves for two generations, and fools for two more; why a third happened to be crack-brained, and a fourth to be sharpers; whence it came, what Polydore Virgil says of a certain great house, *Nec vir fortis, nec foemina casta*; how cruelty, falsehood, and cowardice, grew to be characteristics by which certain families are distinguished as much as by their coats of arms; who first brought the pox into a noble house, which has lineally descended scrofulous tumours to their posterity. Neither could I wonder at all this, when I saw such an interruption of lineages, by pages, lackeys, valets, coachmen, gamesters, fiddlers, players, captains, and pickpockets.

I was chiefly disgusted with modern history. For having strictly examined all the persons of greatest name in the courts of princes, for a hundred years past, I found how the world had been misled by prostitute writers, to ascribe the greatest exploits in war, to cowards; the wisest counsel, to fools; sincerity, to flatterers; Roman virtue, to betrayers of their country; piety, to atheists; chastity, to sodomites; truth, to informers: how many innocent and excellent persons had been condemned to death or banishment by the practising of great ministers upon the corruption of judges, and the

malice of factions: how many villains had been exalted to the highest places of trust, power, dignity, and profit: how great a share in the motions and events of courts, councils, and senates might be challenged by bawds, whores, pimps, parasites, and buffoons. How low an opinion I had of human wisdom and integrity, when I was truly informed of the springs and motives of great enterprises and revolutions in the world, and of the contemptible accidents to which they owed their success.

Here I discovered the roguery and ignorance of those who pretend to write anecdotes, or secret history; who send so many kings to their graves with a cup of poison; will repeat the discourse between a prince and chief minister, where no witness was by; unlock the thoughts and cabinets of ambassadors and secretaries of state; and have the perpetual misfortune to be mistaken. Here I discovered the true causes of many great events that have surprised the world; how a whore can govern the back-stairs, the back-stairs a council, and the council a senate. A general confessed, in my presence, “that he got a victory purely by the force of cowardice and ill conduct;” and an admiral, “that, for want of proper intelligence, he beat the enemy, to whom he intended to betray the fleet.” Three kings protested to me, “that in their whole reigns they never did once prefer any person

of merit, unless by mistake, or treachery of some minister in whom they confided; neither would they do it if they were to live again:" and they showed, with great strength of reason, "that the royal throne could not be supported without corruption, because that positive, confident, restiff temper, which virtue infused into a man, was a perpetual clog to public business."

I had the curiosity to inquire in a particular manner, by what methods great numbers had procured to themselves high titles of honour, and prodigious estates; and I confined my inquiry to a very modern period: however, without grating upon present times, because I would be sure to give no offence even to foreigners (for I hope the reader need not be told, that I do not in the least intend my own country, in what I say upon this occasion,) a great number of persons concerned were called up; and, upon a very slight examination, discovered such a scene of infamy, that I cannot reflect upon it without some seriousness. Perjury, oppression, subornation, fraud, pandarism, and the like infirmities, were among the most excusable arts they had to mention; and for these I gave, as it was reasonable, great allowance. But when some confessed they owed their greatness and wealth to sodomy, or incest; others, to the prostituting of their own wives and daughters; others, to the betraying of their

country or their prince; some, to poisoning; more to the perverting of justice, in order to destroy the innocent, I hope I may be pardoned, if these discoveries inclined me a little to abate of that profound veneration, which I am naturally apt to pay to persons of high rank, who ought to be treated with the utmost respect due to their sublime dignity, by us their inferiors.

I had often read of some great services done to princes and states, and desired to see the persons by whom those services were performed. Upon inquiry I was told, "that their names were to be found on no record, except a few of them, whom history has represented as the vilest of rogues and traitors." As to the rest, I had never once heard of them. They all appeared with dejected looks, and in the meanest habit; most of them telling me, "they died in poverty and disgrace, and the rest on a scaffold or a gibbet."

Among others, there was one person, whose case appeared a little singular. He had a youth about eighteen years old standing by his side. He told me, "he had for many years been commander of a ship; and in the sea fight at Actium had the good fortune to break through the enemy's great line of battle, sink three of their capital ships, and take a fourth, which was the sole cause of Antony's flight, and of the victory that ensued; that the youth standing by him, his

only son, was killed in the action.” He added, “that upon the confidence of some merit, the war being at an end, he went to Rome, and solicited at the court of Augustus to be preferred to a greater ship, whose commander had been killed; but, without any regard to his pretensions, it was given to a boy who had never seen the sea, the son of Libertina, who waited on one of the emperor’s mistresses. Returning back to his own vessel, he was charged with neglect of duty, and the ship given to a favourite page of Publicola, the vice-admiral; whereupon he retired to a poor farm at a great distance from Rome, and there ended his life.” I was so curious to know the truth of this story, that I desired Agrippa might be called, who was admiral in that fight. He appeared, and confirmed the whole account: but with much more advantage to the captain, whose modesty had extenuated or concealed a great part of his merit.

I was surprised to find corruption grown so high and so quick in that empire, by the force of luxury so lately introduced; which made me less wonder at many parallel cases in other countries, where vices of all kinds have reigned so much longer, and where the whole praise, as well as pillage, has been engrossed by the chief commander, who perhaps had the least title to either.

As every person called up made exactly the same appearance he had done in the world, it gave me melancholy reflections to observe how much the race of human kind was degenerated among us within these hundred years past; how the pox, under all its consequences and denominations had altered every lineament of an English countenance; shortened the size of bodies, unbraced the nerves, relaxed the sinews and muscles, introduced a sallow complexion, and rendered the flesh loose and rancid.

I descended so low, as to desire some English yeoman of the old stamp might be summoned to appear; once so famous for the simplicity of their manners, diet, and dress; for justice in their dealings; for their true spirit of liberty; for their valour, and love of their country. Neither could I be wholly unmoved, after comparing the living with the dead, when I considered how all these pure native virtues were prostituted for a piece of money by their grand-children; who, in selling their votes and managing at elections, have acquired every vice and corruption that can possibly be learned in a court.

## CHAPTER IX

*The author returns to Maldonada. Sails to the kingdom of Luggnagg. The author confined. He is sent for to court. The manner of his admittance. The king's great lenity to his subjects.*

**T**he day of our departure being come, I took leave of his highness, the Governor of Glubbudrib, and returned with my two companions to Maldonada, where, after a fortnight's waiting, a ship was ready to sail for Luggnagg. The two gentlemen, and some others, were so generous and kind as to furnish me with provisions, and see me on board. I was a month in this voyage. We had one violent storm, and were under a necessity of steering westward to get into the trade wind, which holds for above sixty leagues. On the 21st of April, 1708, we sailed into the river of Clumegnig, which is a seaport town, at the south-east point of Luggnagg. We cast anchor within a league of the town, and made a signal for a pilot. Two of them came on board in less than half an hour, by whom we were guided between certain shoals and rocks, which are very dangerous

in the passage, to a large basin, where a fleet may ride in safety within a cable's length of the town-wall.

Some of our sailors, whether out of treachery or inadvertence, had informed the pilots "that I was a stranger, and great traveller;" whereof these gave notice to a custom-house officer, by whom I was examined very strictly upon my landing. This officer spoke to me in the language of Balnibarbi, which, by the force of much commerce, is generally understood in that town, especially by seamen and those employed in the customs. I gave him a short account of some particulars, and made my story as plausible and consistent as I could; but I thought it necessary to disguise my country, and call myself a Hollander; because my intentions were for Japan, and I knew the Dutch were the only Europeans permitted to enter into that kingdom. I therefore told the officer, "that having been shipwrecked on the coast of Balnibarbi, and cast on a rock, I was received up into Laputa, or the flying island (of which he had often heard), and was now endeavouring to get to Japan, whence I might find a convenience of returning to my own country." The officer said, "I must be confined till he could receive orders from court, for which he would write immediately, and hoped to receive an answer in a fortnight." I was carried to a convenient lodging with a sentry placed at the door;



however, I had the liberty of a large garden, and was treated with humanity enough, being maintained all the time at the king's charge. I was invited by several persons, chiefly out of curiosity, because it was reported that I came from countries very remote, of which they had never heard.

I hired a young man, who came in the same ship, to be an interpreter; he was a native of Luggnagg, but had lived some years at Maldonada, and was a perfect master of both languages. By his assistance, I was able to hold a conversation with those who came to visit me; but this consisted only of their questions, and my answers.

The despatch came from court about the time we expected. It contained a warrant for conducting me and my retinue to Traldragdubh, or Trildrogdrib (for it is pronounced both ways as near as I can remember), by a party of ten horse. All my retinue was that poor lad for an interpreter, whom I persuaded into my service, and, at my humble request, we had each of us a mule to ride on. A messenger was despatched half a day's journey before us, to give the king notice of my approach, and to desire, "that his majesty would please to appoint a day and hour, when it would by his gracious pleasure that I might have the honour to lick the dust before his footstool." This is the court style, and I found it to be more than matter of

form: for, upon my admittance two days after my arrival, I was commanded to crawl upon my belly, and lick the floor as I advanced; but, on account of my being a stranger, care was taken to have it made so clean, that the dust was not offensive. However, this was a peculiar grace, not allowed to any but persons of the highest rank, when they desire an admittance. Nay, sometimes the floor is strewed with dust on purpose, when the person to be admitted happens to have powerful enemies at court; and I have seen a great lord with his mouth so crammed, that when he had crept to the proper distance from the throne; he was not able to speak a word. Neither is there any remedy; because it is capital for those, who receive an audience to spit or wipe their mouths in his majesty's presence. There is indeed another custom, which I cannot altogether approve of: when the king has a mind to put any of his nobles to death in a gentle indulgent manner, he commands the floor to be strewed with a certain brown powder of a deadly composition, which being licked up, infallibly kills him in twenty-four hours. But in justice to this prince's great clemency, and the care he has of his subjects' lives (wherein it were much to be wished that the Monarchs of Europe would imitate him), it must be mentioned for his honour, that strict orders are given to have the infected parts of the floor well washed after every such execution, which,

if his domestics neglect, they are in danger of incurring his royal displeasure. I myself heard him give directions, that one of his pages should be whipped, whose turn it was to give notice about washing the floor after an execution, but maliciously had omitted it; by which neglect a young lord of great hopes, coming to an audience, was unfortunately poisoned, although the king at that time had no design against his life. But this good prince was so gracious as to forgive the poor page his whipping, upon promise that he would do so no more, without special orders.

To return from this digression. When I had crept within four yards of the throne, I raised myself gently upon my knees, and then striking my forehead seven times against the ground, I pronounced the following words, as they had been taught me the night before, Inckpling gloffthrobb squut serumblhiop mlashnalt zwin tnodbalkuffh slhiophad gurdlubh asht. This is the compliment, established by the laws of the land, for all persons admitted to the king's presence. It may be rendered into English thus: "May your celestial majesty outlive the sun, eleven moons and a half!" To this the king returned some answer, which, although I could not understand, yet I replied as I had been directed: Fluft drin yalerick dwuldom prastrad mirpush, which properly signifies, "My tongue is in the mouth of

my friend;" and by this expression was meant, that I desired leave to bring my interpreter; whereupon the young man already mentioned was accordingly introduced, by whose intervention I answered as many questions as his majesty could put in above an hour. I spoke in the Balnibarbian tongue, and my interpreter delivered my meaning in that of Luggnagg.

The king was much delighted with my company, and ordered his bliffmarklub, or high-chamberlain, to appoint a lodging in the court for me and my interpreter; with a daily allowance for my table, and a large purse of gold for my common expenses.

I staid three months in this country, out of perfect obedience to his majesty; who was pleased highly to favour me, and made me very honourable offers. But I thought it more consistent with prudence and justice to pass the remainder of my days with my wife and family.

## CHAPTER X

*The Luggnaggians commended. A particular description of the Struldbrugs, with many conversations between the author and some eminent persons upon that subject.*

**T**he Luggnaggians are a polite and generous people; and although they are not without some share of that pride which is peculiar to all Eastern countries, yet they show themselves courteous to strangers, especially such who are countenanced by the court. I had many acquaintance, and among persons of the best fashion; and being always attended by my interpreter, the conversation we had was not disagreeable.

One day, in much good company, I was asked by a person of quality, “whether I had seen any of their struldbrugs, or immortals?” I said, “I had not;” and desired he would explain to me “what he meant by such an appellation, applied to a mortal creature.” He told me “that sometimes, though very rarely, a child happened to be born in a family, with a red circular spot in the forehead, directly over the left

eyebrow, which was an infallible mark that it should never die." The spot, as he described it, "was about the compass of a silver threepence, but in the course of time grew larger, and changed its colour; for at twelve years old it became green, so continued till five and twenty, then turned to a deep blue: at five and forty it grew coal black, and as large as an English shilling; but never admitted any further alteration." He said, "these births were so rare, that he did not believe there could be above eleven hundred struldbrugs, of both sexes, in the whole kingdom; of which he computed about fifty in the metropolis, and, among the rest, a young girl born; about three years ago: that these productions were not peculiar to any family, but a mere effect of chance; and the children of the struldbrugs themselves were equally mortal with the rest of the people."

I freely own myself to have been struck with inexpressible delight, upon hearing this account: and the person who gave it me happening to understand the Balnibarbian language, which I spoke very well, I could not forbear breaking out into expressions, perhaps a little too extravagant. I cried out, as in a rapture, "Happy nation, where every child hath at least a chance for being immortal! Happy people, who enjoy so many living examples of ancient virtue, and have masters ready to instruct them in the wisdom

of all former ages! but happiest, beyond all comparison, are those excellent struldbrugs, who, being born exempt from that universal calamity of human nature, have their minds free and disengaged, without the weight and depression of spirits caused by the continual apprehensions of death!" I discovered my admiration, "that I had not observed any of these illustrious persons at court; the black spot on the forehead being so remarkable a distinction, that I could not have easily overlooked it: and it was impossible that his majesty, a most judicious prince, should not provide himself with a good number of such wise and able counsellors. Yet perhaps the virtue of those reverend sages was too strict for the corrupt and libertine manners of a court: and we often find by experience, that young men are too opinionated and volatile to be guided by the sober dictates of their seniors. However, since the king was pleased to allow me access to his royal person, I was resolved, upon the very first occasion, to deliver my opinion to him on this matter freely and at large, by the help of my interpreter; and whether he would please to take my advice or not, yet in one thing I was determined, that his majesty having frequently offered me an establishment in this country, I would, with great thankfulness, accept the favour, and pass my life here in the conversation of

those superior beings the struldbrugs, if they would please to admit me.”

The gentleman to whom I addressed my discourse, because (as I have already observed) he spoke the language of Balnibarbi, said to me, with a sort of a smile which usually arises from pity to the ignorant, “that he was glad of any occasion to keep me among them, and desired my permission to explain to the company what I had spoke.” He did so, and they talked together for some time in their own language, whereof I understood not a syllable, neither could I observe by their countenances, what impression my discourse had made on them. After a short silence, the same person told me, “that his friends and mine (so he thought fit to express himself) were very much pleased with the judicious remarks I had made on the great happiness and advantages of immortal life, and they were desirous to know, in a particular manner, what scheme of living I should have formed to myself, if it had fallen to my lot to have been born a struldbrug.”

I answered, “it was easy to be eloquent on so copious and delightful a subject, especially to me, who had been often apt to amuse myself with visions of what I should do, if I were a king, a general, or a great lord: and upon this very case, I had frequently run over the whole system how



I should employ myself, and pass the time, if I were sure to live for ever.

“That, if it had been my good fortune to come into the world a strulldbrug, as soon as I could discover my own happiness, by understanding the difference between life and death, I would first resolve, by all arts and methods, whatsoever, to procure myself riches. In the pursuit of which, by thrift and management, I might reasonably expect, in about two hundred years, to be the wealthiest man in the kingdom. In the second place, I would, from my earliest youth, apply myself to the study of arts and sciences, by which I should arrive in time to excel all others in learning. Lastly, I would carefully record every action and event of consequence, that happened in the public, impartially draw the characters of the several successions of princes and great ministers of state, with my own observations on every point. I would exactly set down the several changes in customs, language, fashions of dress, diet, and diversions. By all which acquirements, I should be a living treasure of knowledge and wisdom, and certainly become the oracle of the nation.

“I would never marry after threescore, but live in a hospitable manner, yet still on the saving side. I would entertain myself in forming and directing the minds of hopeful young men, by convincing them, from my own

remembrance, experience, and observation, fortified by numerous examples, of the usefulness of virtue in public and private life. But my choice and constant companions should be a set of my own immortal brotherhood; among whom, I would elect a dozen from the most ancient, down to my own contemporaries. Where any of these wanted fortunes, I would provide them with convenient lodges round my own estate, and have some of them always at my table; only mingling a few of the most valuable among you mortals, whom length of time would harden me to lose with little or no reluctance, and treat your posterity after the same manner; just as a man diverts himself with the annual succession of pinks and tulips in his garden, without regretting the loss of those which withered the preceding year.

“These struldbrugs and I would mutually communicate our observations and memorials, through the course of time; remark the several gradations by which corruption steals into the world, and oppose it in every step, by giving perpetual warning and instruction to mankind; which, added to the strong influence of our own example, would probably prevent that continual degeneracy of human nature so justly complained of in all ages.

“Add to this, the pleasure of seeing the various revolutions of states and empires; the changes in the lower

and upper world; ancient cities in ruins, and obscure villages become the seats of kings; famous rivers lessening into shallow brooks; the ocean leaving one coast dry, and overwhelming another; the discovery of many countries yet unknown; barbarity overrunning the politest nations, and the most barbarous become civilized. I should then see the discovery of the longitude, the perpetual motion, the universal medicine, and many other great inventions, brought to the utmost perfection.

“What wonderful discoveries should we make in astronomy, by outliving and confirming our own predictions; by observing the progress and return of comets, with the changes of motion in the sun, moon, and stars!”

I enlarged upon many other topics, which the natural desire of endless life, and sublunary happiness, could easily furnish me with. When I had ended, and the sum of my discourse had been interpreted, as before, to the rest of the company, there was a good deal of talk among them in the language of the country, not without some laughter at my expense. At last, the same gentleman who had been my interpreter, said, “he was desired by the rest to set me right in a few mistakes, which I had fallen into through the common imbecility of human nature, and upon that allowance was less answerable for them. That this breed

of struldbrugs was peculiar to their country, for there were no such people either in Balnibarbi or Japan, where he had the honour to be ambassador from his majesty, and found the natives in both those kingdoms very hard to believe that the fact was possible: and it appeared from my astonishment when he first mentioned the matter to me, that I received it as a thing wholly new, and scarcely to be credited. That in the two kingdoms above mentioned, where, during his residence, he had conversed very much, he observed long life to be the universal desire and wish of mankind. That whoever had one foot in the grave was sure to hold back the other as strongly as he could. That the oldest had still hopes of living one day longer, and looked on death as the greatest evil, from which nature always prompted him to retreat. Only in this island of Luggnagg the appetite for living was not so eager, from the continual example of the struldbrugs before their eyes.

“That the system of living contrived by me, was unreasonable and unjust; because it supposed a perpetuity of youth, health, and vigour, which no man could be so foolish to hope, however extravagant he may be in his wishes. That the question therefore was not, whether a man would choose to be always in the prime of youth, attended with prosperity and health; but how he would pass a perpetual

life under all the usual disadvantages which old age brings along with it. For although few men will avow their desires of being immortal, upon such hard conditions, yet in the two kingdoms before mentioned, of Balnibarbi and Japan, he observed that every man desired to put off death some time longer, let it approach ever so late: and he rarely heard of any man who died willingly, except he were incited by the extremity of grief or torture. And he appealed to me, whether in those countries I had travelled, as well as my own, I had not observed the same general disposition.”

After this preface, he gave me a particular account of the *struldbrugs* among them. He said, “they commonly acted like mortals till about thirty years old; after which, by degrees, they grew melancholy and dejected, increasing in both till they came to fourscore. This he learned from their own confession: for otherwise, there not being above two or three of that species born in an age, they were too few to form a general observation by. When they came to fourscore years, which is reckoned the extremity of living in this country, they had not only all the follies and infirmities of other old men, but many more which arose from the dreadful prospect of never dying. They were not only opinionative, peevish, covetous, morose, vain, talkative, but incapable of friendship, and dead to all natural affection, which never

descended below their grandchildren. Envy and impotent desires are their prevailing passions. But those objects against which their envy seems principally directed, are the vices of the younger sort and the deaths of the old. By reflecting on the former, they find themselves cut off from all possibility of pleasure; and whenever they see a funeral, they lament and repine that others have gone to a harbour of rest to which they themselves never can hope to arrive. They have no remembrance of anything but what they learned and observed in their youth and middle-age, and even that is very imperfect; and for the truth or particulars of any fact, it is safer to depend on common tradition, than upon their best recollections. The least miserable among them appear to be those who turn to dotage, and entirely lose their memories; these meet with more pity and assistance, because they want many bad qualities which abound in others.

“If a struldbrug happen to marry one of his own kind, the marriage is dissolved of course, by the courtesy of the kingdom, as soon as the younger of the two comes to be fourscore; for the law thinks it a reasonable indulgence, that those who are condemned, without any fault of their own, to a perpetual continuance in the world, should not have their misery doubled by the load of a wife.

“As soon as they have completed the term of eighty years, they are looked on as dead in law; their heirs immediately succeed to their estates; only a small pittance is reserved for their support; and the poor ones are maintained at the public charge. After that period, they are held incapable of any employment of trust or profit; they cannot purchase lands, or take leases; neither are they allowed to be witnesses in any cause, either civil or criminal, not even for the decision of meers and bounds.

“At ninety, they lose their teeth and hair; they have at that age no distinction of taste, but eat and drink whatever they can get, without relish or appetite. The diseases they were subject to still continue, without increasing or diminishing. In talking, they forget the common appellation of things, and the names of persons, even of those who are their nearest friends and relations. For the same reason, they never can amuse themselves with reading, because their memory will not serve to carry them from the beginning of a sentence to the end; and by this defect, they are deprived of the only entertainment whereof they might otherwise be capable.

“The language of this country being always upon the flux, the struldbrugs of one age do not understand those of another; neither are they able, after two hundred years, to

hold any conversation (farther than by a few general words) with their neighbours the mortals; and thus they lie under the disadvantage of living like foreigners in their own country.”

This was the account given me of the *struldbrugs*, as near as I can remember. I afterwards saw five or six of different ages, the youngest not above two hundred years old, who were brought to me at several times by some of my friends; but although they were told, “that I was a great traveller, and had seen all the world,” they had not the least curiosity to ask me a question; only desired “I would give them *slumskudask*,” or a token of remembrance; which is a modest way of begging, to avoid the law, that strictly forbids it, because they are provided for by the public, although indeed with a very scanty allowance.

They are despised and hated by all sorts of people. When one of them is born, it is reckoned ominous, and their birth is recorded very particularly so that you may know their age by consulting the register, which, however, has not been kept above a thousand years past, or at least has been destroyed by time or public disturbances. But the usual way of computing how old they are, is by asking them what kings or great persons they can remember, and then consulting history; for infallibly the last prince in their mind did not begin his reign after they were fourscore years old.



They were the most mortifying sight I ever beheld; and the women more horrible than the men. Besides the usual deformities in extreme old age, they acquired an additional ghastliness, in proportion to their number of years, which is not to be described; and among half a dozen, I soon distinguished which was the eldest, although there was not above a century or two between them.

The reader will easily believe, that from what I had hear and seen, my keen appetite for perpetuity of life was much abated. I grew heartily ashamed of the pleasing visions I had formed; and thought no tyrant could invent a death into which I would not run with pleasure, from such a life. The king heard of all that had passed between me and my friends upon this occasion, and rallied me very pleasantly; wishing I could send a couple of struldbrugs to my own country, to arm our people against the fear of death; but this, it seems, is forbidden by the fundamental laws of the kingdom, or else I should have been well content with the trouble and expense of transporting them.

I could not but agree, that the laws of this kingdom relative to the struldbrugs were founded upon the strongest reasons, and such as any other country would be under the necessity of enacting, in the like circumstances. Otherwise, as avarice is the necessary consequence of old age, those

immortals would in time become proprietors of the whole nation, and engross the civil power, which, for want of abilities to manage, must end in the ruin of the public.

# CHAPTER XI

*The author leaves Luggnagg, and sails to Japan.  
From thence he returns in a Dutch ship to Amsterdam, and from Amsterdam to England.*

I thought this account of the struldbrugs might be some entertainment to the reader, because it seems to be a little out of the common way; at least I do not remember to have met the like in any book of travels that has come to my hands: and if I am deceived, my excuse must be, that it is necessary for travellers who describe the same country, very often to agree in dwelling on the same particulars, without deserving the censure of having borrowed or transcribed from those who wrote before them.

There is indeed a perpetual commerce between this kingdom and the great empire of Japan; and it is very probable, that the Japanese authors may have given some account of the struldbrugs; but my stay in Japan was so short, and I was so entirely a stranger to the language, that I was not qualified to make any inquiries. But I hope the

Dutch, upon this notice, will be curious and able enough to supply my defects.

His majesty having often pressed me to accept some employment in his court, and finding me absolutely determined to return to my native country, was pleased to give me his license to depart; and honoured me with a letter of recommendation, under his own hand, to the Emperor of Japan. He likewise presented me with four hundred and forty-four large pieces of gold (this nation delighting in even numbers), and a red diamond, which I sold in England for eleven hundred pounds.

On the 6th of May, 1709, I took a solemn leave of his majesty, and all my friends. This prince was so gracious as to order a guard to conduct me to Glanguenstald, which is a royal port to the south-west part of the island. In six days I found a vessel ready to carry me to Japan, and spent fifteen days in the voyage. We landed at a small port-town called Xamoschi, situated on the south-east part of Japan; the town lies on the western point, where there is a narrow strait leading northward into along arm of the sea, upon the north-west part of which, Yedo, the metropolis, stands. At landing, I showed the custom-house officers my letter from the king of Luggnagg to his imperial majesty. They knew the seal perfectly well; it was as broad as the palm of my

hand. The impression was, A king lifting up a lame beggar from the earth. The magistrates of the town, hearing of my letter, received me as a public minister. They provided me with carriages and servants, and bore my charges to Yedo; where I was admitted to an audience, and delivered my letter, which was opened with great ceremony, and explained to the Emperor by an interpreter, who then gave me notice, by his majesty's order, "that I should signify my request, and, whatever it were, it should be granted, for the sake of his royal brother of Luggnagg." This interpreter was a person employed to transact affairs with the Hollanders. He soon conjectured, by my countenance, that I was a European, and therefore repeated his majesty's commands in Low Dutch, which he spoke perfectly well. I answered, as I had before determined, "that I was a Dutch merchant, shipwrecked in a very remote country, whence I had travelled by sea and land to Luggnagg, and then took shipping for Japan; where I knew my countrymen often traded, and with some of these I hoped to get an opportunity of returning into Europe: I therefore most humbly entreated his royal favour, to give order that I should be conducted in safety to Nangasac." To this I added another petition, "that for the sake of my patron the king of Luggnagg, his majesty would condescend to excuse my performing the ceremony imposed on my countrymen, of

trampling upon the crucifix: because I had been thrown into his kingdom by my misfortunes, without any intention of trading." When this latter petition was interpreted to the Emperor, he seemed a little surprised; and said, "he believed I was the first of my countrymen who ever made any scruple in this point; and that he began to doubt, whether I was a real Hollander, or not; but rather suspected I must be a Christian. However, for the reasons I had offered, but chiefly to gratify the king of Luggnagg by an uncommon mark of his favour, he would comply with the singularity of my humour; but the affair must be managed with dexterity, and his officers should be commanded to let me pass, as it were by forgetfulness. For he assured me, that if the secret should be discovered by my countrymen the Dutch, they would cut my throat in the voyage." I returned my thanks, by the interpreter, for so unusual a favour; and some troops being at that time on their march to Nangasac, the commanding officer had orders to convey me safe thither, with particular instructions about the business of the crucifix.

On the 9th day of June, 1709, I arrived at Nangasac, after a very long and troublesome journey. I soon fell into the company of some Dutch sailors belonging to the *Amboyna*, of Amsterdam, a stout ship of 450 tons. I had lived long in Holland, pursuing my studies at Leyden, and I spoke Dutch

well. The seamen soon knew whence I came last: they were curious to inquire into my voyages and course of life. I made up a story as short and probable as I could, but concealed the greatest part. I knew many persons in Holland. I was able to invent names for my parents, whom I pretended to be obscure people in the province of Gelderland. I would have given the captain (one Theodorus Vangrult) what he pleased to ask for my voyage to Holland; but understanding I was a surgeon, he was contented to take half the usual rate, on condition that I would serve him in the way of my calling. Before we took shipping, I was often asked by some of the crew, whether I had performed the ceremony above mentioned? I evaded the question by general answers; "that I had satisfied the Emperor and court in all particulars." However, a malicious rogue of a skipper went to an officer, and pointing to me, told him, "I had not yet trampled on the crucifix;" but the other, who had received instructions to let me pass, gave the rascal twenty strokes on the shoulders with a bamboo; after which I was no more troubled with such questions.

Nothing happened worth mentioning in this voyage. We sailed with a fair wind to the Cape of Good Hope, where we staid only to take in fresh water. On the 10th of April, 1710, we arrived safe at Amsterdam, having lost only three

men by sickness in the voyage, and a fourth, who fell from the foremast into the sea, not far from the coast of Guinea. From Amsterdam I soon after set sail for England, in a small vessel belonging to that city.

On the 16th of April we put in at the Downs. I landed next morning, and saw once more my native country, after an absence of five years and six months complete. I went straight to Redriff, where I arrived the same day at two in the afternoon, and found my wife and family in good health.



## **PART IV**

# **A VOYAGE TO THE COUNTRY OF THE HOUYHNNMS**



# CHAPTER I

*The author sets out as captain of a ship. His men conspire against him, confine him a long time to his cabin, and set him on shore in an unknown land. He travels up into the country. The Yahoos, a strange sort of animal, described. The author meets two Houyhnhnms.*

I continued at home with my wife and children about five months, in a very happy condition, if I could have learned the lesson of knowing when I was well. I left my poor wife big with child, and accepted an advantageous offer made me to be captain of the *Adventurer*, a stout merchantman of 350 tons: for I understood navigation well, and being grown weary of a surgeon's employment at sea, which, however, I could exercise upon occasion, I took a skilful young man of that calling, one Robert Purefoy, into my ship. We set sail from Portsmouth upon the 7th day of September, 1710; on the 14th we met with Captain Pocock, of Bristol, at Teneriffe, who was going to the bay of Campechy to cut logwood. On the 16th, he was parted from us by a storm; I heard since my

return, that his ship foundered, and none escaped but one cabin boy. He was an honest man, and a good sailor, but a little too positive in his own opinions, which was the cause of his destruction, as it has been with several others; for if he had followed my advice, he might have been safe at home with his family at this time, as well as myself.

I had several men who died in my ship of calentures, so that I was forced to get recruits out of Barbadoes and the Leeward Islands, where I touched, by the direction of the merchants who employed me; which I had soon too much cause to repent: for I found afterwards, that most of them had been buccaneers. I had fifty hands onboard; and my orders were, that I should trade with the Indians in the South-Sea, and make what discoveries I could. These rogues, whom I had picked up, debauched my other men, and they all formed a conspiracy to seize the ship, and secure me; which they did one morning, rushing into my cabin, and binding me hand and foot, threatening to throw me overboard, if I offered to stir. I told them, "I was their prisoner, and would submit." This they made me swear to do, and then they unbound me, only fastening one of my legs with a chain, near my bed, and placed a sentry at my door with his piece charged, who was commanded to shoot me dead if I attempted my liberty. They sent me own victuals and drink, and took the

government of the ship to themselves. Their design was to turn pirates and, plunder the Spaniards, which they could not do till they got more men. But first they resolved to sell the goods in the ship, and then go to Madagascar for recruits, several among them having died since my confinement. They sailed many weeks, and traded with the Indians; but I knew not what course they took, being kept a close prisoner in my cabin, and expecting nothing less than to be murdered, as they often threatened me.

Upon the 9th day of May, 1711, one James Welch came down to my cabin, and said, "he had orders from the captain to set me ashore." I expostulated with him, but in vain; neither would he so much as tell me who their new captain was. They forced me into the long-boat, letting me put on my best suit of clothes, which were as good as new, and take a small bundle of linen, but no arms, except my hanger; and they were so civil as not to search my pockets, into which I conveyed what money I had, with some other little necessaries. They rowed about a league, and then set me down on a strand. I desired them to tell me what country it was. They all swore, "they knew no more than myself;" but said, "that the captain" (as they called him) "was resolved, after they had sold the lading, to get rid of me in the first place where they could discover land." They pushed

off immediately, advising me to make haste for fear of being overtaken by the tide, and so bade me farewell.

In this desolate condition I advanced forward, and soon got upon firm ground, where I sat down on a bank to rest myself, and consider what I had best do. When I was a little refreshed, I went up into the country, resolving to deliver myself to the first savages I should meet, and purchase my life from them by some bracelets, glass rings, and other toys, which sailors usually provide themselves with in those voyages, and whereof I had some about me. The land was divided by long rows of trees, not regularly planted, but naturally growing; there was great plenty of grass, and several fields of oats. I walked very circumspectly, for fear of being surprised, or suddenly shot with an arrow from behind, or on either side. I fell into a beaten road, where I saw many tracts of human feet, and some of cows, but most of horses. At last I beheld several animals in a field, and one or two of the same kind sitting in trees. Their shape was very singular and deformed, which a little discomposed me, so that I lay down behind a thicket to observe them better. Some of them coming forward near the place where I lay, gave me an opportunity of distinctly marking their form. Their heads and breasts were covered with a thick hair, some frizzled, and others lank; they had beards like goats, and a long ridge

of hair down their backs, and the fore parts of their legs and feet; but the rest of their bodies was bare, so that I might see their skins, which were of a brown buff colour. They had no tails, nor any hair at all on their buttocks, except about the anus, which, I presume, nature had placed there to defend them as they sat on the ground, for this posture they used, as well as lying down, and often stood on their hind feet. They climbed high trees as nimbly as a squirrel, for they had strong extended claws before and behind, terminating in sharp points, and hooked. They would often spring, and bound, and leap, with prodigious agility. The females were not so large as the males; they had long lank hair on their heads, but none on their faces, nor any thing more than a sort of down on the rest of their bodies, except about the anus and pudenda. The dugs hung between their fore feet, and often reached almost to the ground as they walked. The hair of both sexes was of several colours, brown, red, black, and yellow. Upon the whole, I never beheld, in all my travels, so disagreeable an animal, or one against which I naturally conceived so strong an antipathy. So that, thinking I had seen enough, full of contempt and aversion, I got up, and pursued the beaten road, hoping it might direct me to the cabin of some Indian. I had not got far, when I met one of these creatures full in my way, and coming up directly to

me. The ugly monster, when he saw me, distorted several ways, every feature of his visage, and stared, as at an object he had never seen before; then approaching nearer, lifted up his fore-paw, whether out of curiosity or mischief I could not tell; but I drew my hanger, and gave him a good blow with the flat side of it, for I durst not strike with the edge, fearing the inhabitants might be provoked against me, if they should come to know that I had killed or maimed any of their cattle. When the beast felt the smart, he drew back, and roared so loud, that a herd of at least forty came flocking about me from the next field, howling and making odious faces; but I ran to the body of a tree, and leaning my back against it, kept them off by waving my hanger. Several of this cursed brood, getting hold of the branches behind, leaped up into the tree, whence they began to discharge their excrements on my head; however, I escaped pretty well by sticking close to the stem of the tree, but was almost stifled with the filth, which fell about me on every side.

In the midst of this distress, I observed them all to run away on a sudden as fast as they could; at which I ventured to leave the tree and pursue the road, wondering what it was that could put them into this fright. But looking on my left hand, I saw a horse walking softly in the field; which my persecutors having sooner discovered, was the cause of their



flight. The horse started a little, when he came near me, but soon recovering himself, looked full in my face with manifest tokens of wonder; he viewed my hands and feet, walking round me several times. I would have pursued my journey, but he placed himself directly in the way, yet looking with a very mild aspect, never offering the least violence. We stood gazing at each other for some time; at last I took the boldness to reach my hand towards his neck with a design to stroke it, using the common style and whistle of jockeys, when they are going to handle a strange horse. But this animal seemed to receive my civilities with disdain, shook his head, and bent his brows, softly raising up his right fore-foot to remove my hand. Then he neighed three or four times, but in so different a cadence, that I almost began to think he was speaking to himself, in some language of his own.

While he and I were thus employed, another horse came up; who applying himself to the first in a very formal manner, they gently struck each other's right hoof before, neighing several times by turns, and varying the sound, which seemed to be almost articulate. They went some paces off, as if it were to confer together, walking side by side, backward and forward, like persons deliberating upon some affair of weight, but often turning their eyes towards me, as it were to watch that I might not escape. I was amazed to see such

actions and behaviour in brute beasts; and concluded with myself, that if the inhabitants of this country were endued with a proportionable degree of reason, they must needs be the wisest people upon earth. This thought gave me so much comfort, that I resolved to go forward, until I could discover some house or village, or meet with any of the natives, leaving the two horses to discourse together as they pleased. But the first, who was a dapple gray, observing me to steal off, neighed after me in so expressive a tone, that I fancied myself to understand what he meant; whereupon I turned back, and came near to him to expect his farther commands: but concealing my fear as much as I could, for I began to be in some pain how this adventure might terminate; and the reader will easily believe I did not much like my present situation.

The two horses came up close to me, looking with great earnestness upon my face and hands. The gray steed rubbed my hat all round with his right fore-hoof, and discomposed it so much that I was forced to adjust it better by taking it off and settling it again; whereat, both he and his companion (who was a brown bay) appeared to be much surprised: the latter felt the lappet of my coat, and finding it to hang loose about me, they both looked with new signs of wonder. He stroked my right hand, seeming to admire the softness and

colour; but he squeezed it so hard between his hoof and his pastern, that I was forced to roar; after which they both touched me with all possible tenderness. They were under great perplexity about my shoes and stockings, which they felt very often, neighing to each other, and using various gestures, not unlike those of a philosopher, when he would attempt to solve some new and difficult phenomenon.

Upon the whole, the behaviour of these animals was so orderly and rational, so acute and judicious, that I at last concluded they must needs be magicians, who had thus metamorphosed themselves upon some design, and seeing a stranger in the way, resolved to divert themselves with him; or, perhaps, were really amazed at the sight of a man so very different in habit, feature, and complexion, from those who might probably live in so remote a climate. Upon the strength of this reasoning, I ventured to address them in the following manner: "Gentlemen, if you be conjurers, as I have good cause to believe, you can understand my language; therefore I make bold to let your worships know that I am a poor distressed Englishman, driven by his misfortunes upon your coast; and I entreat one of you to let me ride upon his back, as if he were a real horse, to some house or village where I can be relieved. In return of which favour, I will make you a present of this knife and bracelet," taking them

out of my pocket. The two creatures stood silent while I spoke, seeming to listen with great attention, and when I had ended, they neighed frequently towards each other, as if they were engaged in serious conversation. I plainly observed that their language expressed the passions very well, and the words might, with little pains, be resolved into an alphabet more easily than the Chinese.

I could frequently distinguish the word Yahoo, which was repeated by each of them several times: and although it was impossible for me to conjecture what it meant, yet while the two horses were busy in conversation, I endeavoured to practise this word upon my tongue; and as soon as they were silent, I boldly pronounced Yahoo in a loud voice, imitating at the same time, as near as I could, the neighing of a horse; at which they were both visibly surprised; and the gray repeated the same word twice, as if he meant to teach me the right accent; wherein I spoke after him as well as I could, and found myself perceivably to improve every time, though very far from any degree of perfection. Then the bay tried me with a second word, much harder to be pronounced; but reducing it to the English orthography, may be spelt thus, Houyhnhnm. I did not succeed in this so well as in the former; but after two or three farther trials,

I had better fortune; and they both appeared amazed at my capacity.

After some further discourse, which I then conjectured might relate to me, the two friends took their leaves, with the same compliment of striking each other's hoof; and the gray made me signs that I should walk before him; wherein I thought it prudent to comply, till I could find a better director. When I offered to slacken my pace, he would cry hhuun hhuun: I guessed his meaning, and gave him to understand, as well as I could, "that I was weary, and not able to walk faster;" upon which he would stand awhile to let me rest.

## CHAPTER II

*The author conducted by a Houyhnhnm to his house. The house described. The author's reception. The food of the Houyhnhnms. The author in distress for want of meat. Is at last relieved. His manner of feeding in this country.*

**H**aving travelled about three miles, we came to a long kind of building, made of timber stuck in the ground, and wattled across; the roof was low and covered with straw. I now began to be a little comforted; and took out some toys, which travellers usually carry for presents to the savage Indians of America, and other parts, in hopes the people of the house would be thereby encouraged to receive me kindly. The horse made me a sign to go in first; it was a large room with a smooth clay floor, and a rack and manger, extending the whole length on one side. There were three nags and two mares, not eating, but some of them sitting down upon their hams, which I very much wondered at; but wondered more to see the rest employed in domestic business; these seemed but ordinary cattle. However, this

confirmed my first opinion, that a people who could so far civilise brute animals, must needs excel in wisdom all the nations of the world. The gray came in just after, and thereby prevented any ill treatment which the others might have given me. He neighed to them several times in a style of authority, and received answers.

Beyond this room there were three others, reaching the length of the house, to which you passed through three doors, opposite to each other, in the manner of a vista. We went through the second room towards the third. Here the gray walked in first, beckoning me to attend: I waited in the second room, and got ready my presents for the master and mistress of the house; they were two knives, three bracelets of false pearls, a small looking-glass, and a bead necklace. The horse neighed three or four times, and I waited to hear some answers in a human voice, but I heard no other returns than in the same dialect, only one or two a little shriller than his. I began to think that this house must belong to some person of great note among them, because there appeared so much ceremony before I could gain admittance. But, that a man of quality should be served all by horses, was beyond my comprehension. I feared my brain was disturbed by my sufferings and misfortunes. I roused myself, and looked about me in the room where I was left alone: this was furnished like

the first, only after a more elegant manner. I rubbed my eyes often, but the same objects still occurred. I pinched my arms and sides to awake myself, hoping I might be in a dream. I then absolutely concluded, that all these appearances could be nothing else but necromancy and magic. But I had no time to pursue these reflections; for the gray horse came to the door, and made me a sign to follow him into the third room where I saw a very comely mare, together with a colt and foal, sitting on their haunches upon mats of straw, not unartfully made, and perfectly neat and clean.

The mare soon after my entrance rose from her mat, and coming up close, after having nicely observed my hands and face, gave me a most contemptuous look; and turning to the horse, I heard the word Yahoo often repeated betwixt them; the meaning of which word I could not then comprehend, although it was the first I had learned to pronounce. But I was soon better informed, to my everlasting mortification; for the horse, beckoning to me with his head, and repeating the hhuun, hhuun, as he did upon the road, which I understood was to attend him, led me out into a kind of court, where was another building, at some distance from the house. Here we entered, and I saw three of those detestable creatures, which I first met after my landing, feeding upon roots, and the flesh of some animals, which I afterwards found to be that



of asses and dogs, and now and then a cow, dead by accident or disease. They were all tied by the neck with strong withes fastened to a beam; they held their food between the claws of their fore feet, and tore it with their teeth.

The master horse ordered a sorrel nag, one of his servants, to untie the largest of these animals, and take him into the yard. The beast and I were brought close together, and by our countenances diligently compared both by master and servant, who thereupon repeated several times the word Yahoo. My horror and astonishment are not to be described, when I observed in this abominable animal, a perfect human figure: the face of it indeed was flat and broad, the nose depressed, the lips large, and the mouth wide; but these differences are common to all savage nations, where the lineaments of the countenance are distorted, by the natives suffering their infants to lie grovelling on the earth, or by carrying them on their backs, nuzzling with their face against the mothers' shoulders. The fore-feet of the Yahoo differed from my hands in nothing else but the length of the nails, the coarseness and brownness of the palms, and the hairiness on the backs. There was the same resemblance between our feet, with the same differences; which I knew very well, though the horses did not, because of my shoes and stockings; the

same in every part of our bodies except as to hairiness and colour, which I have already described.

The great difficulty that seemed to stick with the two horses, was to see the rest of my body so very different from that of a Yahoo, for which I was obliged to my clothes, whereof they had no conception. The sorrel nag offered me a root, which he held (after their manner, as we shall describe in its proper place) between his hoof and pastern; I took it in my hand, and, having smelt it, returned it to him again as civilly as I could. He brought out of the Yahoos' kennel a piece of ass's flesh; but it smelt so offensively that I turned from it with loathing: he then threw it to the Yahoo, by whom it was greedily devoured. He afterwards showed me a wisp of hay, and a fetlock full of oats; but I shook my head, to signify that neither of these were food for me. And indeed I now apprehended that I must absolutely starve, if I did not get to some of my own species; for as to those filthy Yahoos, although there were few greater lovers of mankind at that time than myself, yet I confess I never saw any sensitive being so detestable on all accounts; and the more I came near them the more hateful they grew, while I stayed in that country. This the master horse observed by my behaviour, and therefore sent the Yahoo back to his kennel. He then put his fore-hoof to his mouth, at which I

was much surprised, although he did it with ease, and with a motion that appeared perfectly natural, and made other signs, to know what I would eat; but I could not return him such an answer as he was able to apprehend; and if he had understood me, I did not see how it was possible to contrive any way for finding myself nourishment. While we were thus engaged, I observed a cow passing by, whereupon I pointed to her, and expressed a desire to go and milk her. This had its effect; for he led me back into the house, and ordered a mare-servant to open a room, where a good store of milk lay in earthen and wooden vessels, after a very orderly and cleanly manner. She gave me a large bowlful, of which I drank very heartily, and found myself well refreshed.

About noon, I saw coming towards the house a kind of vehicle drawn like a sledge by four Yahoos. There was in it an old steed, who seemed to be of quality; he alighted with his hind-feet forward, having by accident got a hurt in his left fore-foot. He came to dine with our horse, who received him with great civility. They dined in the best room, and had oats boiled in milk for the second course, which the old horse ate warm, but the rest cold. Their mangers were placed circular in the middle of the room, and divided into several partitions, round which they sat on their haunches, upon bosses of straw. In the middle was a large rack, with

angles answering to every partition of the manger; so that each horse and mare ate their own hay, and their own mash of oats and milk, with much decency and regularity. The behaviour of the young colt and foal appeared very modest, and that of the master and mistress extremely cheerful and complaisant to their guest. The gray ordered me to stand by him; and much discourse passed between him and his friend concerning me, as I found by the stranger's often looking on me, and the frequent repetition of the word Yahoo.

I happened to wear my gloves, which the master gray observing, seemed perplexed, discovering signs of wonder what I had done to my fore-feet. He put his hoof three or four times to them, as if he would signify, that I should reduce them to their former shape, which I presently did, pulling off both my gloves, and putting them into my pocket. This occasioned farther talk; and I saw the company was pleased with my behaviour, whereof I soon found the good effects. I was ordered to speak the few words I understood; and while they were at dinner, the master taught me the names for oats, milk, fire, water, and some others, which I could readily pronounce after him, having from my youth a great facility in learning languages.

When dinner was done, the master horse took me aside, and by signs and words made me understand the concern

he was in that I had nothing to eat. Oats in their tongue are called hlunnh. This word I pronounced two or three times; for although I had refused them at first, yet, upon second thoughts, I considered that I could contrive to make of them a kind of bread, which might be sufficient, with milk, to keep me alive, till I could make my escape to some other country, and to creatures of my own species. The horse immediately ordered a white mare servant of his family to bring me a good quantity of oats in a sort of wooden tray. These I heated before the fire, as well as I could, and rubbed them till the husks came off, which I made a shift to winnow from the grain. I ground and beat them between two stones; then took water, and made them into a paste or cake, which I toasted at the fire and eat warm with milk. It was at first a very insipid diet, though common enough in many parts of Europe, but grew tolerable by time; and having been often reduced to hard fare in my life, this was not the first experiment I had made how easily nature is satisfied. And I cannot but observe, that I never had one hours sickness while I stayed in this island. It is true, I sometimes made a shift to catch a rabbit, or bird, by springs made of Yahoo's hairs; and I often gathered wholesome herbs, which I boiled, and ate as salads with my bread; and now and then, for a rarity, I made a little butter, and drank the whey. I was at

first at a great loss for salt, but custom soon reconciled me to the want of it; and I am confident that the frequent use of salt among us is an effect of luxury, and was first introduced only as a provocative to drink, except where it is necessary for preserving flesh in long voyages, or in places remote from great markets; for we observe no animal to be fond of it but man, and as to myself, when I left this country, it was a great while before I could endure the taste of it in anything that I ate.

This is enough to say upon the subject of my diet, wherewith other travellers fill their books, as if the readers were personally concerned whether we fare well or ill. However, it was necessary to mention this matter, lest the world should think it impossible that I could find sustenance for three years in such a country, and among such inhabitants.

When it grew towards evening, the master horse ordered a place for me to lodge in; it was but six yards from the house and separated from the stable of the Yahoos. Here I got some straw, and covering myself with my own clothes, slept very sound. But I was in a short time better accommodated, as the reader shall know hereafter, when I come to treat more particularly about my way of living.

## CHAPTER III

*The author studies to learn the language. The Houyhnhnm, his master, assists in teaching him. The language described. Several Houyhnhnms of quality come out of curiosity to see the author. He gives his master a short account of his voyage.*

**M**y principal endeavour was to learn the language, which my master (for so I shall henceforth call him), and his children, and every servant of his house, were desirous to teach me; for they looked upon it as a prodigy, that a brute animal should discover such marks of a rational creature. I pointed to every thing, and inquired the name of it, which I wrote down in my journal-book when I was alone, and corrected my bad accent by desiring those of the family to pronounce it often. In this employment, a sorrel nag, one of the under-servants, was very ready to assist me.

In speaking, they pronounced through the nose and throat, and their language approaches nearest to the High-Dutch, or German, of any I know in Europe; but is much more graceful and significant. The emperor Charles V. made

almost the same observation, when he said “that if he were to speak to his horse, it should be in High-Dutch.”

The curiosity and impatience of my master were so great, that he spent many hours of his leisure to instruct me. He was convinced (as he afterwards told me) that I must be a Yahoo; but my teachableness, civility, and cleanliness, astonished him; which were qualities altogether opposite to those animals. He was most perplexed about my clothes, reasoning sometimes with himself, whether they were a part of my body: for I never pulled them off till the family were asleep, and got them on before they waked in the morning. My master was eager to learn “whence I came; how I acquired those appearances of reason, which I discovered in all my actions; and to know my story from my own mouth, which he hoped he should soon do by the great proficiency I made in learning and pronouncing their words and sentences.” To help my memory, I formed all I learned into the English alphabet, and writ the words down, with the translations. This last, after some time, I ventured to do in my master’s presence. It cost me much trouble to explain to him what I was doing; for the inhabitants have not the least idea of books or literature.

In about ten weeks time, I was able to understand most of his questions; and in three months, could give him some



tolerable answers. He was extremely curious to know “from what part of the country I came, and how I was taught to imitate a rational creature; because the Yahoos (whom he saw I exactly resembled in my head, hands, and face, that were only visible), with some appearance of cunning, and the strongest disposition to mischief, were observed to be the most unteachable of all brutes.” I answered, “that I came over the sea, from a far place, with many others of my own kind, in a great hollow vessel made of the bodies of trees: that my companions forced me to land on this coast, and then left me to shift for myself.” It was with some difficulty, and by the help of many signs, that I brought him to understand me. He replied, “that I must needs be mistaken, or that I said the thing which was not;” for they have no word in their language to express lying or falsehood. “He knew it was impossible that there could be a country beyond the sea, or that a parcel of brutes could move a wooden vessel whither they pleased upon water. He was sure no Houyhnhnm alive could make such a vessel, nor would trust Yahoos to manage it.”

The word Houyhnhnm, in their tongue, signifies a horse, and, in its etymology, the perfection of nature. I told my master, “that I was at a loss for expression, but would improve as fast as I could; and hoped, in a short time, I should be able to tell him wonders.” He was pleased to direct his

own mare, his colt, and foal, and the servants of the family, to take all opportunities of instructing me; and every day, for two or three hours, he was at the same pains himself. Several horses and mares of quality in the neighbourhood came often to our house, upon the report spread of “a wonderful Yahoo, that could speak like a Houyhnhnm, and seemed, in his words and actions, to discover some glimmerings of reason.” These delighted to converse with me: they put many questions, and received such answers as I was able to return. By all these advantages I made so great a progress, that, in five months from my arrival I understood whatever was spoken, and could express myself tolerably well.

The Houyhnhnms, who came to visit my master out of a design of seeing and talking with me, could hardly believe me to be a right Yahoo, because my body had a different covering from others of my kind. They were astonished to observe me without the usual hair or skin, except on my head, face, and hands; but I discovered that secret to my master upon an accident which happened about a fortnight before.

I have already told the reader, that every night, when the family were gone to bed, it was my custom to strip, and cover myself with my clothes. It happened, one morning early, that my master sent for me by the sorrel nag, who was his valet. When he came I was fast asleep, my clothes fallen

off on one side, and my shirt above my waist. I awaked at the noise he made, and observed him to deliver his message in some disorder; after which he went to my master, and in a great fright gave him a very confused account of what he had seen. This I presently discovered, for, going as soon as I was dressed to pay my attendance upon his honour, he asked me “the meaning of what his servant had reported, that I was not the same thing when I slept, as I appeared to be at other times; that his vale assured him, some part of me was white, some yellow, at least not so white, and some brown.”

I had hitherto concealed the secret of my dress, in order to distinguish myself, as much as possible, from that cursed race of Yahoos; but now I found it in vain to do so any longer. Besides, I considered that my clothes and shoes would soon wear out, which already were in a declining condition, and must be supplied by some contrivance from the hides of Yahoos, or other brutes; whereby the whole secret would be known. I therefore told my master, “that in the country whence I came, those of my kind always covered their bodies with the hairs of certain animals prepared by art, as well for decency as to avoid the inclemencies of air, both hot and cold; of which, as to my own person, I would give him immediate conviction, if he pleased to command me: only desiring his excuse, if I did not expose those parts that nature taught us

to conceal." He said, "my discourse was all very strange, but especially the last part; for he could not understand, why nature should teach us to conceal what nature had given; that neither himself nor family were ashamed of any parts of their bodies; but, however, I might do as I pleased." Whereupon I first unbuttoned my coat, and pulled it off. I did the same with my waistcoat. I drew off my shoes, stockings, and breeches. I let my shirt down to my waist, and drew up the bottom; fastening it like a girdle about my middle, to hide my nakedness.

My master observed the whole performance with great signs of curiosity and admiration. He took up all my clothes in his pastern, one piece after another, and examined them diligently; he then stroked my body very gently, and looked round me several times; after which, he said, it was plain I must be a perfect Yahoo; but that I differed very much from the rest of my species in the softness, whiteness, and smoothness of my skin; my want of hair in several parts of my body; the shape and shortness of my claws behind and before; and my affectation of walking continually on my two hinder feet. He desired to see no more; and gave me leave to put on my clothes again, for I was shuddering with cold.

I expressed my uneasiness at his giving me so often the appellation of Yahoo, an odious animal, for which I had

so utter a hatred and contempt: I begged he would forbear applying that word to me, and make the same order in his family and among his friends whom he suffered to see me. I requested likewise, "that the secret of my having a false covering to my body, might be known to none but himself, at least as long as my present clothing should last; for as to what the sorrel nag, his valet, had observed, his honour might command him to conceal it."

All this my master very graciously consented to; and thus the secret was kept till my clothes began to wear out, which I was forced to supply by several contrivances that shall hereafter be mentioned. In the meantime, he desired "I would go on with my utmost diligence to learn their language, because he was more astonished at my capacity for speech and reason, than at the figure of my body, whether it were covered or not;" adding, "that he waited with some impatience to hear the wonders which I promised to tell him."

Thenceforward he doubled the pains he had been at to instruct me: he brought me into all company, and made them treat me with civility; "because," as he told them, privately, "this would put me into good humour, and make me more diverting."

Every day, when I waited on him, beside the trouble he was at in teaching, he would ask me several questions

concerning myself, which I answered as well as I could, and by these means he had already received some general ideas, though very imperfect. It would be tedious to relate the several steps by which I advanced to a more regular conversation; but the first account I gave of myself in any order and length was to this purpose:

“That I came from a very far country, as I already had attempted to tell him, with about fifty more of my own species; that we travelled upon the seas in a great hollow vessel made of wood, and larger than his honour’s house. I described the ship to him in the best terms I could, and explained, by the help of my handkerchief displayed, how it was driven forward by the wind. That upon a quarrel among us, I was set on shore on this coast, where I walked forward, without knowing whither, till he delivered me from the persecution of those execrable Yahoos.” He asked me, “who made the ship, and how it was possible that the Houyhnhnms of my country would leave it to the management of brutes?” My answer was, “that I durst proceed no further in my relation, unless he would give me his word and honour that he would not be offended, and then I would tell him the wonders I had so often promised.” He agreed; and I went on by assuring him, that the ship was made by creatures like myself; who, in all the countries I had travelled, as well as in my own, were the

only governing rational animals; and that upon my arrival hither, I was as much astonished to see the Houyhnhnms act like rational beings, as he, or his friends, could be, in finding some marks of reason in a creature he was pleased to call a Yahoo; to which I owned my resemblance in every part, but could not account for their degenerate and brutal nature. I said farther, “that if good fortune ever restored me to my native country, to relate my travels hither, as I resolved to do, everybody would believe, that I said the thing that was not, that I invented the story out of my own head; and (with all possible respect to himself, his family, and friends, and under his promise of not being offended) our countrymen would hardly think it probable that a Houyhnhnm should be the presiding creature of a nation, and a Yahoo the brute.”

## CHAPTER IV

*The Houyhnhnm's notion of truth and falsehood.*

*The author's discourse disapproved by his master.*

*The author gives a more particular account of himself, and the accidents of his voyage.*

**M**y master heard me with great appearances of uneasiness in his countenance; because doubting, or not believing, are so little known in this country, that the inhabitants cannot tell how to behave themselves under such circumstances. And I remember, in frequent discourses with my master concerning the nature of manhood in other parts of the world, having occasion to talk of lying and false representation, it was with much difficulty that he comprehended what I meant, although he had otherwise a most acute judgment. For he argued thus: "that the use of speech was to make us understand one another, and to receive information of facts; now, if any one said the thing which was not, these ends were defeated, because I cannot properly be said to understand him; and I am so far from receiving information, that he leaves me



worse than in ignorance; for I am led to believe a thing black, when it is white, and short, when it is long.” And these were all the notions he had concerning that faculty of lying, so perfectly well understood, and so universally practised, among human creatures.

To return from this digression. When I asserted that the Yahoos were the only governing animals in my country, which my master said was altogether past his conception, he desired to know, “whether we had Houyhnhnms among us, and what was their employment?” I told him, “we had great numbers; that in summer they grazed in the fields, and in winter were kept in houses with hay and oats, where Yahoo servants were employed to rub their skins smooth, comb their manes, pick their feet, serve them with food, and make their beds.” “I understand you well,” said my master: “it is now very plain, from all you have spoken, that whatever share of reason the Yahoos pretend to, the Houyhnhnms are your masters; I heartily wish our Yahoos would be so tractable.” I begged “his honour would please to excuse me from proceeding any further, because I was very certain that the account he expected from me would be highly displeasing.” But he insisted in commanding me to let him know the best and the worst. I told him “he should be obeyed.” I owned “that the Houyhnhnms among us, whom

we called horses, were the most generous and comely animals we had; that they excelled in strength and swiftness; and when they belonged to persons of quality, were employed in travelling, racing, or drawing chariots; they were treated with much kindness and care, till they fell into diseases, or became foundered in the feet; but then they were sold, and used to all kind of drudgery till they died; after which their skins were stripped, and sold for what they were worth, and their bodies left to be devoured by dogs and birds of prey. But the common race of horses had not so good fortune, being kept by farmers and carriers, and other mean people, who put them to greater labour, and fed them worse." I described, as well as I could, our way of riding; the shape and use of a bridle, a saddle, a spur, and a whip; of harness and wheels. I added, "that we fastened plates of a certain hard substance, called iron, at the bottom of their feet, to preserve their hoofs from being broken by the stony ways, on which we often travelled."

My master, after some expressions of great indignation, wondered "how we dared to venture upon a Houyhnhnm's back; for he was sure, that the weakest servant in his house would be able to shake off the strongest Yahoo; or by lying down and rolling on his back, squeeze the brute to death." I answered "that our horses were trained up, from three or

four years old, to the several uses we intended them for; that if any of them proved intolerably vicious, they were employed for carriages; that they were severely beaten, while they were young, for any mischievous tricks; that the males, designed for the common use of riding or draught, were generally castrated about two years after their birth, to take down their spirits, and make them more tame and gentle; that they were indeed sensible of rewards and punishments; but his honour would please to consider, that they had not the least tincture of reason, any more than the Yahoos in this country.”

It put me to the pains of many circumlocutions, to give my master a right idea of what I spoke; for their language does not abound in variety of words, because their wants and passions are fewer than among us. But it is impossible to express his noble resentment at our savage treatment of the Houyhnhnm race; particularly after I had explained the manner and use of castrating horses among us, to hinder them from propagating their kind, and to render them more servile. He said, “if it were possible there could be any country where Yahoos alone were endued with reason, they certainly must be the governing animal; because reason in time will always prevail against brutal strength. But, considering the frame of our bodies, and especially of mine, he thought no creature of

equal bulk was so ill-contrived for employing that reason in the common offices of life;" whereupon he desired to know "whether those among whom I lived resembled me, or the Yahoos of his country?" I assured him, "that I was as well shaped as most of my age; but the younger, and the females, were much more soft and tender, and the skins of the latter generally as white as milk." He said, "I differed indeed from other Yahoos, being much more cleanly, and not altogether so deformed; but, in point of real advantage, he thought I differed for the worse: that my nails were of no use either to my fore or hinder feet; as to my fore feet, he could not properly call them by that name, for he never observed me to walk upon them; that they were too soft to bear the ground; that I generally went with them uncovered; neither was the covering I sometimes wore on them of the same shape, or so strong as that on my feet behind: that I could not walk with any security, for if either of my hinder feet slipped, I must inevitably fall." He then began to find fault with other parts of my body: "the flatness of my face, the prominence of my nose, mine eyes placed directly in front, so that I could not look on either side without turning my head: that I was not able to feed myself, without lifting one of my fore-feet to my mouth: and therefore nature had placed those joints to answer that necessity. He knew not what could be the use

of those several clefts and divisions in my feet behind; that these were too soft to bear the hardness and sharpness of stones, without a covering made from the skin of some other brute; that my whole body wanted a fence against heat and cold, which I was forced to put on and off every day, with tediousness and trouble: and lastly, that he observed every animal in this country naturally to abhor the Yahoos, whom the weaker avoided, and the stronger drove from them. So that, supposing us to have the gift of reason, he could not see how it were possible to cure that natural antipathy, which every creature discovered against us; nor consequently how we could tame and render them serviceable. However, he would," as he said, "debate the matter no farther, because he was more desirous to know my own story, the country where I was born, and the several actions and events of my life, before I came hither."

I assured him, "how extremely desirous I was that he should be satisfied on every point; but I doubted much, whether it would be possible for me to explain myself on several subjects, whereof his honour could have no conception; because I saw nothing in his country to which I could resemble them; that, however, I would do my best, and strive to express myself by similitudes, humbly desiring

his assistance when I wanted proper words;" which he was pleased to promise me.

I said, "my birth was of honest parents, in an island called England; which was remote from his country, as many days' journey as the strongest of his honour's servants could travel in the annual course of the sun; that I was bred a surgeon, whose trade it is to cure wounds and hurts in the body, gotten by accident or violence; that my country was governed by a female man, whom we called queen; that I left it to get riches, whereby I might maintain myself and family, when I should return; that, in my last voyage, I was commander of the ship, and had about fifty Yahoos under me, many of which died at sea, and I was forced to supply them by others picked out from several nations; that our ship was twice in danger of being sunk, the first time by a great storm, and the second by striking against a rock." Here my master interposed, by asking me, "how I could persuade strangers, out of different countries, to venture with me, after the losses I had sustained, and the hazards I had run?" I said, "they were fellows of desperate fortunes, forced to fly from the places of their birth on account of their poverty or their crimes. Some were undone by lawsuits; others spent all they had in drinking, whoring, and gaming; others fled for treason; many for murder, theft, poisoning, robbery,

perjury, forgery, coining false money, for committing rapes, or sodomy; for flying from their colours, or deserting to the enemy; and most of them had broken prison; none of these durst return to their native countries, for fear of being hanged, or of starving in a jail; and therefore they were under the necessity of seeking a livelihood in other places.”

During this discourse, my master was pleased to interrupt me several times. I had made use of many circumlocutions in describing to him the nature of the several crimes for which most of our crew had been forced to fly their country. This labour took up several days’ conversation, before he was able to comprehend me. He was wholly at a loss to know what could be the use or necessity of practising those vices. To clear up which, I endeavoured to give some ideas of the desire of power and riches; of the terrible effects of lust, intemperance, malice, and envy. All this I was forced to define and describe by putting cases and making suppositions. After which, like one whose imagination was struck with something never seen or heard of before, he would lift up his eyes with amazement and indignation. Power, government, war, law, punishment, and a thousand other things, had no terms wherein that language could express them, which made the difficulty almost insuperable, to give my master any conception of what I meant. But being of an excellent

understanding, much improved by contemplation and converse, he at last arrived at a competent knowledge of what human nature, in our parts of the world, is capable to perform, and desired I would give him some particular account of that land which we call Europe, but especially of my own country.



## CHAPTER V

*The author at his master's command, informs him of the state of England. The causes of war among the princes of Europe. The author begins to explain the English constitution.*

**T**he reader may please to observe, that the following extract of many conversations I had with my master, contains a summary of the most material points which were discoursed at several times for above two years; his honour often desiring fuller satisfaction, as I farther improved in the Houyhnhnm tongue. I laid before him, as well as I could, the whole state of Europe; I discoursed of trade and manufactures, of arts and sciences; and the answers I gave to all the questions he made, as they arose upon several subjects, were a fund of conversation not to be exhausted. But I shall here only set down the substance of what passed between us concerning my own country, reducing it in order as well as I can, without any regard to time or other circumstances, while I strictly adhere to truth. My only concern is, that I shall hardly be able to do justice to

my master's arguments and expressions, which must needs suffer by my want of capacity, as well as by a translation into our barbarous English.

In obedience, therefore, to his honour's commands, I related to him the Revolution under the Prince of Orange; the long war with France, entered into by the said prince, and renewed by his successor, the present queen, wherein the greatest powers of Christendom were engaged, and which still continued: I computed, at his request, "that about a million of Yahoos might have been killed in the whole progress of it; and perhaps a hundred or more cities taken, and five times as many ships burnt or sunk."

He asked me, "what were the usual causes or motives that made one country go to war with another?" I answered "they were innumerable; but I should only mention a few of the chief. Sometimes the ambition of princes, who never think they have land or people enough to govern; sometimes the corruption of ministers, who engage their master in a war, in order to stifle or divert the clamour of the subjects against their evil administration. Difference in opinions has cost many millions of lives: for instance, whether flesh be bread, or bread be flesh; whether the juice of a certain berry be blood or wine; whether whistling be a vice or a virtue; whether it be better to kiss a post, or throw it into the fire;

what is the best colour for a coat, whether black, white, red, or gray; and whether it should be long or short, narrow or wide, dirty or clean; with many more. Neither are any wars so furious and bloody, or of so long a continuance, as those occasioned by difference in opinion, especially if it be in things indifferent.

“Sometimes the quarrel between two princes is to decide which of them shall dispossess a third of his dominions, where neither of them pretend to any right. Sometimes one prince quarrels with another for fear the other should quarrel with him. Sometimes a war is entered upon, because the enemy is too strong; and sometimes, because he is too weak. Sometimes our neighbours want the things which we have, or have the things which we want, and we both fight, till they take ours, or give us theirs. It is a very justifiable cause of a war, to invade a country after the people have been wasted by famine, destroyed by pestilence, or embroiled by factions among themselves. It is justifiable to enter into war against our nearest ally, when one of his towns lies convenient for us, or a territory of land, that would render our dominions round and complete. If a prince sends forces into a nation, where the people are poor and ignorant, he may lawfully put half of them to death, and make slaves of the rest, in order to civilize and reduce them from their barbarous way of living.

It is a very kingly, honourable, and frequent practice, when one prince desires the assistance of another, to secure him against an invasion, that the assistant, when he has driven out the invader, should seize on the dominions himself, and kill, imprison, or banish, the prince he came to relieve. Alliance by blood, or marriage, is a frequent cause of war between princes; and the nearer the kindred is, the greater their disposition to quarrel; poor nations are hungry, and rich nations are proud; and pride and hunger will ever be at variance. For these reasons, the trade of a soldier is held the most honourable of all others; because a soldier is a Yahoo hired to kill, in cold blood, as many of his own species, who have never offended him, as possibly he can.

“There is likewise a kind of beggarly princes in Europe, not able to make war by themselves, who hire out their troops to richer nations, for so much a day to each man; of which they keep three-fourths to themselves, and it is the best part of their maintenance: such are those in many northern parts of Europe.”

“What you have told me,” said my master, “upon the subject of war, does indeed discover most admirably the effects of that reason you pretend to: however, it is happy that the shame is greater than the danger; and that nature has left you utterly incapable of doing much mischief. For,

your mouths lying flat with your faces, you can hardly bite each other to any purpose, unless by consent. Then as to the claws upon your feet before and behind, they are so short and tender, that one of our Yahoos would drive a dozen of yours before him. And therefore, in recounting the numbers of those who have been killed in battle, I cannot but think you have said the thing which is not.”

I could not forbear shaking my head, and smiling a little at his ignorance. And being no stranger to the art of war, I gave him a description of cannons, culverins, muskets, carabines, pistols, bullets, powder, swords, bayonets, battles, sieges, retreats, attacks, undermines, countermines, bombardments, sea fights, ships sunk with a thousand men, twenty thousand killed on each side, dying groans, limbs flying in the air, smoke, noise, confusion, trampling to death under horses’ feet, flight, pursuit, victory; fields strewed with carcasses, left for food to dogs and wolves and birds of prey; plundering, stripping, ravishing, burning, and destroying. And to set forth the valour of my own dear countrymen, I assured him, “that I had seen them blow up a hundred enemies at once in a siege, and as many in a ship, and beheld the dead bodies drop down in pieces from the clouds, to the great diversion of the spectators.”

I was going on to more particulars, when my master commanded me silence. He said, "whoever understood the nature of Yahoos, might easily believe it possible for so vile an animal to be capable of every action I had named, if their strength and cunning equalled their malice. But as my discourse had increased his abhorrence of the whole species, so he found it gave him a disturbance in his mind to which he was wholly a stranger before. He thought his ears, being used to such abominable words, might, by degrees, admit them with less detestation: that although he hated the Yahoos of this country, yet he no more blamed them for their odious qualities, than he did a gnnayh (a bird of prey) for its cruelty, or a sharp stone for cutting his hoof. But when a creature pretending to reason could be capable of such enormities, he dreaded lest the corruption of that faculty might be worse than brutality itself. He seemed therefore confident, that, instead of reason we were only possessed of some quality fitted to increase our natural vices; as the reflection from a troubled stream returns the image of an ill shapen body, not only larger but more distorted."

He added, "that he had heard too much upon the subject of war, both in this and some former discourses. There was another point, which a little perplexed him at present. I had informed him, that some of our crew left their country on

account of being ruined by law; that I had already explained the meaning of the word; but he was at a loss how it should come to pass, that the law, which was intended for every man's preservation, should be any man's ruin. Therefore he desired to be further satisfied what I meant by law, and the dispensers thereof, according to the present practice in my own country; because he thought nature and reason were sufficient guides for a reasonable animal, as we pretended to be, in showing us what he ought to do, and what to avoid."

I assured his honour, "that the law was a science in which I had not much conversed, further than by employing advocates, in vain, upon some injustices that had been done me: however, I would give him all the satisfaction I was able."

I said, "there was a society of men among us, bred up from their youth in the art of proving, by words multiplied for the purpose, that white is black, and black is white, according as they are paid. To this society all the rest of the people are slaves. For example, if my neighbour has a mind to my cow, he has a lawyer to prove that he ought to have my cow from me. I must then hire another to defend my right, it being against all rules of law that any man should be allowed to speak for himself. Now, in this case, I, who am the right owner, lie under two great disadvantages: first, my lawyer, being practised almost from his cradle in defending

falsehood, is quite out of his element when he would be an advocate for justice, which is an unnatural office he always attempts with great awkwardness, if not with ill-will. The second disadvantage is, that my lawyer must proceed with great caution, or else he will be reprimanded by the judges, and abhorred by his brethren, as one that would lessen the practice of the law. And therefore I have but two methods to preserve my cow. The first is, to gain over my adversary's lawyer with a double fee, who will then betray his client by insinuating that he hath justice on his side. The second way is for my lawyer to make my cause appear as unjust as he can, by allowing the cow to belong to my adversary: and this, if it be skilfully done, will certainly bespeak the favour of the bench. Now your honour is to know, that these judges are persons appointed to decide all controversies of property, as well as for the trial of criminals, and picked out from the most dexterous lawyers, who are grown old or lazy; and having been biassed all their lives against truth and equity, lie under such a fatal necessity of favouring fraud, perjury, and oppression, that I have known some of them refuse a large bribe from the side where justice lay, rather than injure the faculty, by doing any thing unbecoming their nature or their office.



“It is a maxim among these lawyers that whatever has been done before, may legally be done again: and therefore they take special care to record all the decisions formerly made against common justice, and the general reason of mankind. These, under the name of precedents, they produce as authorities to justify the most iniquitous opinions; and the judges never fail of directing accordingly.

“In pleading, they studiously avoid entering into the merits of the cause; but are loud, violent, and tedious, in dwelling upon all circumstances which are not to the purpose. For instance, in the case already mentioned; they never desire to know what claim or title my adversary has to my cow; but whether the said cow were red or black; her horns long or short; whether the field I graze her in be round or square; whether she was milked at home or abroad; what diseases she is subject to, and the like; after which they consult precedents, adjourn the cause from time to time, and in ten, twenty, or thirty years, come to an issue.

“It is likewise to be observed, that this society has a peculiar cant and jargon of their own, that no other mortal can understand, and wherein all their laws are written, which they take special care to multiply; whereby they have wholly confounded the very essence of truth and falsehood, of right and wrong; so that it will take thirty years to decide, whether

the field left me by my ancestors for six generations belongs to me, or to a stranger three hundred miles off.

“In the trial of persons accused for crimes against the state, the method is much more short and commendable: the judge first sends to sound the disposition of those in power, after which he can easily hang or save a criminal, strictly preserving all due forms of law.”

Here my master interposing, said, “it was a pity, that creatures endowed with such prodigious abilities of mind, as these lawyers, by the description I gave of them, must certainly be, were not rather encouraged to be instructors of others in wisdom and knowledge.” In answer to which I assured his honour, “that in all points out of their own trade, they were usually the most ignorant and stupid generation among us, the most despicable in common conversation, avowed enemies to all knowledge and learning, and equally disposed to pervert the general reason of mankind in every other subject of discourse as in that of their own profession.”

## CHAPTER VI

*A continuation of the state of England under Queen Anne. The character of a first minister of state in European courts.*

**M**y master was yet wholly at a loss to understand what motives could incite this race of lawyers to perplex, disquiet, and weary themselves, and engage in a confederacy of injustice, merely for the sake of injuring their fellow-animals; neither could he comprehend what I meant in saying, they did it for hire. Whereupon I was at much pains to describe to him the use of money, the materials it was made of, and the value of the metals; “that when a Yahoo had got a great store of this precious substance, he was able to purchase whatever he had a mind to; the finest clothing, the noblest houses, great tracts of land, the most costly meats and drinks, and have his choice of the most beautiful females. Therefore since money alone was able to perform all these feats, our Yahoos thought they could never have enough of it to spend, or to save, as they found themselves inclined, from their natural bent either

to profusion or avarice; that the rich man enjoyed the fruit of the poor man's labour, and the latter were a thousand to one in proportion to the former; that the bulk of our people were forced to live miserably, by labouring every day for small wages, to make a few live plentifully."

I enlarged myself much on these, and many other particulars to the same purpose; but his honour was still to seek; for he went upon a supposition, that all animals had a title to their share in the productions of the earth, and especially those who presided over the rest. Therefore he desired I would let him know, "what these costly meats were, and how any of us happened to want them?" Whereupon I enumerated as many sorts as came into my head, with the various methods of dressing them, which could not be done without sending vessels by sea to every part of the world, as well for liquors to drink as for sauces and innumerable other conveniences. I assured him "that this whole globe of earth must be at least three times gone round before one of our better female Yahoos could get her breakfast, or a cup to put it in." He said "that must needs be a miserable country which cannot furnish food for its own inhabitants. But what he chiefly wondered at was, how such vast tracts of ground as I described should be wholly without fresh water, and the people put to the necessity of sending over the sea for drink."

I replied “that England (the dear place of my nativity) was computed to produce three times the quantity of food more than its inhabitants are able to consume, as well as liquors extracted from grain, or pressed out of the fruit of certain trees, which made excellent drink, and the same proportion in every other convenience of life. But, in order to feed the luxury and intemperance of the males, and the vanity of the females, we sent away the greatest part of our necessary things to other countries, whence, in return, we brought the materials of diseases, folly, and vice, to spend among ourselves. Hence it follows of necessity, that vast numbers of our people are compelled to seek their livelihood by begging, robbing, stealing, cheating, pimping, flattering, suborning, forswearing, forging, gaming, lying, fawning, hectoring, voting, scribbling, star-gazing, poisoning, whoring, canting, libelling, freethinking, and the like occupations:” every one of which terms I was at much pains to make him understand.

“That wine was not imported among us from foreign countries to supply the want of water or other drinks, but because it was a sort of liquid which made us merry by putting us out of our senses, diverted all melancholy thoughts, begat wild extravagant imaginations in the brain, raised our hopes and banished our fears, suspended every office of reason for a time, and deprived us of the use of our limbs, till we

fell into a profound sleep; although it must be confessed, that we always awaked sick and dispirited; and that the use of this liquor filled us with diseases which made our lives uncomfortable and short.

“But beside all this, the bulk of our people supported themselves by furnishing the necessities or conveniences of life to the rich and to each other. For instance, when I am at home, and dressed as I ought to be, I carry on my body the workmanship of a hundred tradesmen; the building and furniture of my house employ as many more, and five times the number to adorn my wife.”

I was going on to tell him of another sort of people, who get their livelihood by attending the sick, having, upon some occasions, informed his honour that many of my crew had died of diseases. But here it was with the utmost difficulty that I brought him to apprehend what I meant. “He could easily conceive, that a Houyhnhnm, grew weak and heavy a few days before his death, or by some accident might hurt a limb; but that nature, who works all things to perfection, should suffer any pains to breed in our bodies, he thought impossible, and desired to know the reason of so unaccountable an evil.”

I told him “we fed on a thousand things which operated contrary to each other; that we ate when we were not hungry,

and drank without the provocation of thirst; that we sat whole nights drinking strong liquors, without eating a bit, which disposed us to sloth, inflamed our bodies, and precipitated or prevented digestion; that prostitute female Yahoos acquired a certain malady, which bred rottenness in the bones of those who fell into their embraces; that this, and many other diseases, were propagated from father to son; so that great numbers came into the world with complicated maladies upon them; that it would be endless to give him a catalogue of all diseases incident to human bodies, for they would not be fewer than five or six hundred, spread over every limb and joint—in short, every part, external and intestine, having diseases appropriated to itself. To remedy which, there was a sort of people bred up among us in the profession, or pretence, of curing the sick. And because I had some skill in the faculty, I would, in gratitude to his honour, let him know the whole mystery and method by which they proceed.

“Their fundamental is, that all diseases arise from repletion; whence they conclude, that a great evacuation of the body is necessary, either through the natural passage or upwards at the mouth. Their next business is from herbs, minerals, gums, oils, shells, salts, juices, sea-weed, excrements, barks of trees, serpents, toads, frogs, spiders,

dead men's flesh and bones, birds, beasts, and fishes, to form a composition, for smell and taste, the most abominable, nauseous, and detestable, they can possibly contrive, which the stomach immediately rejects with loathing, and this they call a vomit; or else, from the same store-house, with some other poisonous additions, they command us to take in at the orifice above or below (just as the physician then happens to be disposed) a medicine equally annoying and disgusting to the bowels; which, relaxing the belly, drives down all before it; and this they call a purge, or a clyster. For nature (as the physicians allege) having intended the superior anterior orifice only for the intromission of solids and liquids, and the inferior posterior for ejection, these artists ingeniously considering that in all diseases nature is forced out of her seat, therefore, to replace her in it, the body must be treated in a manner directly contrary, by interchanging the use of each orifice; forcing solids and liquids in at the anus, and making evacuations at the mouth.

“But, besides real diseases, we are subject to many that are only imaginary, for which the physicians have invented imaginary cures; these have their several names, and so have the drugs that are proper for them; and with these our female Yahoos are always infested.



“One great excellency in this tribe, is their skill at prognostics, wherein they seldom fail; their predictions in real diseases, when they rise to any degree of malignity, generally portending death, which is always in their power, when recovery is not: and therefore, upon any unexpected signs of amendment, after they have pronounced their sentence, rather than be accused as false prophets, they know how to approve their sagacity to the world, by a seasonable dose.

“They are likewise of special use to husbands and wives who are grown weary of their mates; to eldest sons, to great ministers of state, and often to princes.”

I had formerly, upon occasion, discoursed with my master upon the nature of government in general, and particularly of our own excellent constitution, deservedly the wonder and envy of the whole world. But having here accidentally mentioned a minister of state, he commanded me, some time after, to inform him, “what species of Yahoo I particularly meant by that appellation.”

I told him, “that a first or chief minister of state, who was the person I intended to describe, was the creature wholly exempt from joy and grief, love and hatred, pity and anger; at least, makes use of no other passions, but a violent desire of wealth, power, and titles; that he applies his words to all uses, except to the indication of his mind; that he never

tells a truth but with an intent that you should take it for a lie; nor a lie, but with a design that you should take it for a truth; that those he speaks worst of behind their backs are in the surest way of preferment; and whenever he begins to praise you to others, or to yourself, you are from that day forlorn. The worst mark you can receive is a promise, especially when it is confirmed with an oath; after which, every wise man retires, and gives over all hopes.

“There are three methods, by which a man may rise to be chief minister. The first is, by knowing how, with prudence, to dispose of a wife, a daughter, or a sister; the second, by betraying or undermining his predecessor; and the third is, by a furious zeal, in public assemblies, against the corruptions of the court. But a wise prince would rather choose to employ those who practise the last of these methods; because such zealots prove always the most obsequious and subservient to the will and passions of their master. That these ministers, having all employments at their disposal, preserve themselves in power, by bribing the majority of a senate or great council; and at last, by an expedient, called an act of indemnity” (whereof I described the nature to him), “they secure themselves from after-reckonings, and retire from the public laden with the spoils of the nation.

“The palace of a chief minister is a seminary to breed up others in his own trade: the pages, lackeys, and porters, by imitating their master, become ministers of state in their several districts, and learn to excel in the three principal ingredients, of insolence, lying, and bribery. Accordingly, they have a subaltern court paid to them by persons of the best rank; and sometimes by the force of dexterity and impudence, arrive, through several gradations, to be successors to their lord.

“He is usually governed by a decayed wench, or favourite footman, who are the tunnels through which all graces are conveyed, and may properly be called, in the last resort, the governors of the kingdom.”

One day, in discourse, my master, having heard me mention the nobility of my country, was pleased to make me a compliment which I could not pretend to deserve: “that he was sure I must have been born of some noble family, because I far exceeded in shape, colour, and cleanliness, all the Yahoos of his nation, although I seemed to fail in strength and agility, which must be imputed to my different way of living from those other brutes; and besides I was not only endowed with the faculty of speech, but likewise with some rudiments of reason, to a degree that, with all his acquaintance, I passed for a prodigy.”

He made me observe, “that among the Houyhnhnms, the white, the sorrel, and the iron-gray, were not so exactly shaped as the bay, the dapple-gray, and the black; nor born with equal talents of mind, or a capacity to improve them; and therefore continued always in the condition of servants, without ever aspiring to match out of their own race, which in that country would be reckoned monstrous and unnatural.”

I made his honour my most humble acknowledgments for the good opinion he was pleased to conceive of me, but assured him at the same time, “that my birth was of the lower sort, having been born of plain honest parents, who were just able to give me a tolerable education; that nobility, among us, was altogether a different thing from the idea he had of it; that our young noblemen are bred from their childhood in idleness and luxury; that, as soon as years will permit, they consume their vigour, and contract odious diseases among lewd females; and when their fortunes are almost ruined, they marry some woman of mean birth, disagreeable person, and unsound constitution (merely for the sake of money), whom they hate and despise. That the productions of such marriages are generally scrofulous, rickety, or deformed children; by which means the family seldom continues above three generations, unless the wife takes care to provide a healthy father, among her neighbours or domestics, in order

to improve and continue the breed. That a weak diseased body, a meagre countenance, and sallow complexion, are the true marks of noble blood; and a healthy robust appearance is so disgraceful in a man of quality, that the world concludes his real father to have been a groom or a coachman. The imperfections of his mind run parallel with those of his body, being a composition of spleen, dullness, ignorance, caprice, sensuality, and pride.

“Without the consent of this illustrious body, no law can be enacted, repealed, or altered: and these nobles have likewise the decision of all our possessions, without appeal.”<sup>4</sup>

---

4 This paragraph is not in the original editions.

## CHAPTER VII

*The author's great love of his native country. His master's observations upon the constitution and administration of England, as described by the author, with parallel cases and comparisons. His master's observations upon human nature.*

**T**he reader may be disposed to wonder how I could prevail on myself to give so free a representation of my own species, among a race of mortals who are already too apt to conceive the vilest opinion of humankind, from that entire congruity between me and their Yahoos. But I must freely confess, that the many virtues of those excellent quadrupeds, placed in opposite view to human corruptions, had so far opened my eyes and enlarged my understanding, that I began to view the actions and passions of man in a very different light, and to think the honour of my own kind not worth managing; which, besides, it was impossible for me to do, before a person of so acute a judgment as my master, who daily convinced me of a thousand faults in myself, whereof I had not the least perception before, and which, with us,

would never be numbered even among human infirmities. I had likewise learned, from his example, an utter detestation of all falsehood or disguise; and truth appeared so amiable to me, that I determined upon sacrificing every thing to it.

Let me deal so candidly with the reader as to confess that there was yet a much stronger motive for the freedom I took in my representation of things. I had not yet been a year in this country before I contracted such a love and veneration for the inhabitants, that I entered on a firm resolution never to return to humankind, but to pass the rest of my life among these admirable Houyhnhnms, in the contemplation and practice of every virtue, where I could have no example or incitement to vice. But it was decreed by fortune, my perpetual enemy, that so great a felicity should not fall to my share. However, it is now some comfort to reflect, that in what I said of my countrymen, I extenuated their faults as much as I durst before so strict an examiner; and upon every article gave as favourable a turn as the matter would bear. For, indeed, who is there alive that will not be swayed by his bias and partiality to the place of his birth?

I have related the substance of several conversations I had with my master during the greatest part of the time I had the honour to be in his service; but have, indeed, for brevity sake, omitted much more than is here set down.

When I had answered all his questions, and his curiosity seemed to be fully satisfied, he sent for me one morning early, and commanded me to sit down at some distance (an honour which he had never before conferred upon me). He said, “he had been very seriously considering my whole story, as far as it related both to myself and my country; that he looked upon us as a sort of animals, to whose share, by what accident he could not conjecture, some small pittance of reason had fallen, whereof we made no other use, than by its assistance, to aggravate our natural corruptions, and to acquire new ones, which nature had not given us; that we disarmed ourselves of the few abilities she had bestowed; had been very successful in multiplying our original wants, and seemed to spend our whole lives in vain endeavours to supply them by our own inventions; that, as to myself, it was manifest I had neither the strength nor agility of a common Yahoo; that I walked infirmly on my hinder feet; had found out a contrivance to make my claws of no use or defence, and to remove the hair from my chin, which was intended as a shelter from the sun and the weather: lastly, that I could neither run with speed, nor climb trees like my brethren,” as he called them, “the Yahoos in his country.

“That our institutions of government and law were plainly owing to our gross defects in reason, and by



consequence in virtue; because reason alone is sufficient to govern a rational creature; which was, therefore, a character we had no pretence to challenge, even from the account I had given of my own people; although he manifestly perceived, that, in order to favour them, I had concealed many particulars, and often said the thing which was not.

“He was the more confirmed in this opinion, because, he observed, that as I agreed in every feature of my body with other Yahoos, except where it was to my real disadvantage in point of strength, speed, and activity, the shortness of my claws, and some other particulars where nature had no part; so from the representation I had given him of our lives, our manners, and our actions, he found as near a resemblance in the disposition of our minds.” He said, “the Yahoos were known to hate one another, more than they did any different species of animals; and the reason usually assigned was, the odiousness of their own shapes, which all could see in the rest, but not in themselves. He had therefore begun to think it not unwise in us to cover our bodies, and by that invention conceal many of our deformities from each other, which would else be hardly supportable. But he now found he had been mistaken, and that the dissensions of those brutes in his country were owing to the same cause with ours, as I had described them. For if,” said he, “you throw

among five Yahoos as much food as would be sufficient for fifty, they will, instead of eating peaceably, fall together by the ears, each single one impatient to have all to itself; and therefore a servant was usually employed to stand by while they were feeding abroad, and those kept at home were tied at a distance from each other: that if a cow died of age or accident, before a Houyhnhnm could secure it for his own Yahoos, those in the neighbourhood would come in herds to seize it, and then would ensue such a battle as I had described, with terrible wounds made by their claws on both sides, although they seldom were able to kill one another, for want of such convenient instruments of death as we had invented. At other times, the like battles have been fought between the Yahoos of several neighbourhoods, without any visible cause; those of one district watching all opportunities to surprise the next, before they are prepared. But if they find their project has miscarried, they return home, and, for want of enemies, engage in what I call a civil war among themselves.

“That in some fields of his country there are certain shining stones of several colours, whereof the Yahoos are violently fond: and when part of these stones is fixed in the earth, as it sometimes happens, they will dig with their claws for whole days to get them out; then carry them away,

and hide them by heaps in their kennels; but still looking round with great caution, for fear their comrades should find out their treasure." My master said, "he could never discover the reason of this unnatural appetite, or how these stones could be of any use to a Yahoo; but now he believed it might proceed from the same principle of avarice which I had ascribed to mankind. That he had once, by way of experiment, privately removed a heap of these stones from the place where one of his Yahoos had buried it; whereupon the sordid animal, missing his treasure, by his loud lamenting brought the whole herd to the place, there miserably howled, then fell to biting and tearing the rest, began to pine away, would neither eat, nor sleep, nor work, till he ordered a servant privately to convey the stones into the same hole, and hide them as before; which, when his Yahoo had found, he presently recovered his spirits and good humour, but took good care to remove them to a better hiding place, and has ever since been a very serviceable brute."

My master further assured me, which I also observed myself, "that in the fields where the shining stones abound, the fiercest and most frequent battles are fought, occasioned by perpetual inroads of the neighbouring Yahoos."

He said, "it was common, when two Yahoos discovered such a stone in a field, and were contending which of them

should be the proprietor, a third would take the advantage, and carry it away from them both;” which my master would needs contend to have some kind of resemblance with our suits at law; wherein I thought it for our credit not to undeceive him; since the decision he mentioned was much more equitable than many decrees among us; because the plaintiff and defendant there lost nothing beside the stone they contended for: whereas our courts of equity would never have dismissed the cause, while either of them had any thing left.

My master, continuing his discourse, said, “there was nothing that rendered the Yahoos more odious, than their undistinguishing appetite to devour every thing that came in their way, whether herbs, roots, berries, the corrupted flesh of animals, or all mingled together: and it was peculiar in their temper, that they were fonder of what they could get by rapine or stealth, at a greater distance, than much better food provided for them at home. If their prey held out, they would eat till they were ready to burst; after which, nature had pointed out to them a certain root that gave them a general evacuation.

“There was also another kind of root, very juicy, but somewhat rare and difficult to be found, which the Yahoos sought for with much eagerness, and would suck it with great

delight; it produced in them the same effects that wine has upon us. It would make them sometimes hug, and sometimes tear one another; they would howl, and grin, and chatter, and reel, and tumble, and then fall asleep in the mud.”

I did indeed observe that the Yahoos were the only animals in this country subject to any diseases; which, however, were much fewer than horses have among us, and contracted, not by any ill-treatment they meet with, but by the nastiness and greediness of that sordid brute. Neither has their language any more than a general appellation for those maladies, which is borrowed from the name of the beast, and called hnea-yahoo, or Yahoo’s evil; and the cure prescribed is a mixture of their own dung and urine, forcibly put down the Yahoo’s throat. This I have since often known to have been taken with success, and do here freely recommend it to my countrymen for the public good, as an admirable specific against all diseases produced by repletion.

“As to learning, government, arts, manufactures, and the like,” my master confessed, “he could find little or no resemblance between the Yahoos of that country and those in ours; for he only meant to observe what parity there was in our natures. He had heard, indeed, some curious Houyhnhnms observe, that in most herds there was a sort of ruling Yahoo (as among us there is generally some leading

or principal stag in a park), who was always more deformed in body, and mischievous in disposition, than any of the rest; that this leader had usually a favourite as like himself as he could get, whose employment was to lick his master's feet and posteriors, and drive the female Yahoos to his kennel; for which he was now and then rewarded with a piece of ass's flesh. This favourite is hated by the whole herd, and therefore, to protect himself, keeps always near the person of his leader. He usually continues in office till a worse can be found; but the very moment he is discarded, his successor, at the head of all the Yahoos in that district, young and old, male and female, come in a body, and discharge their excrements upon him from head to foot. But how far this might be applicable to our courts, and favourites, and ministers of state, my master said I could best determine."

I durst make no return to this malicious insinuation, which debased human understanding below the sagacity of a common hound, who has judgment enough to distinguish and follow the cry of the ablest dog in the pack, without being ever mistaken.

My master told me, "there were some qualities remarkable in the Yahoos, which he had not observed me to mention, or at least very slightly, in the accounts I had given of humankind." He said, "those animals, like other

brutes, had their females in common; but in this they differed, that the she Yahoo would admit the males while she was pregnant; and that the hes would quarrel and fight with the females, as fiercely as with each other; both which practices were such degrees of infamous brutality, as no other sensitive creature ever arrived at.

“Another thing he wondered at in the Yahoos, was their strange disposition to nastiness and dirt; whereas there appears to be a natural love of cleanliness in all other animals.” As to the two former accusations, I was glad to let them pass without any reply, because I had not a word to offer upon them in defence of my species, which otherwise I certainly had done from my own inclinations. But I could have easily vindicated humankind from the imputation of singularity upon the last article, if there had been any swine in that country (as unluckily for me there were not), which, although it may be a sweeter quadruped than a Yahoo, cannot, I humbly conceive, in justice, pretend to more cleanliness; and so his honour himself must have owned, if he had seen their filthy way of feeding, and their custom of wallowing and sleeping in the mud.

My master likewise mentioned another quality which his servants had discovered in several Yahoos, and to him was wholly unaccountable. He said, “a fancy would sometimes

take a Yahoo to retire into a corner, to lie down, and howl, and groan, and spurn away all that came near him, although he were young and fat, wanted neither food nor water, nor did the servant imagine what could possibly ail him. And the only remedy they found was, to set him to hard work, after which he would infallibly come to himself." To this I was silent out of partiality to my own kind; yet here I could plainly discover the true seeds of spleen, which only seizes on the lazy, the luxurious, and the rich; who, if they were forced to undergo the same regimen, I would undertake for the cure.

His honour had further observed, "that a female Yahoo would often stand behind a bank or a bush, to gaze on the young males passing by, and then appear, and hide, using many antic gestures and grimaces, at which time it was observed that she had a most offensive smell; and when any of the males advanced, would slowly retire, looking often back, and with a counterfeit show of fear, run off into some convenient place, where she knew the male would follow her.

"At other times, if a female stranger came among them, three or four of her own sex would get about her, and stare, and chatter, and grin, and smell her all over; and then turn off with gestures, that seemed to express contempt and disdain."



Perhaps my master might refine a little in these speculations, which he had drawn from what he observed himself, or had been told him by others; however, I could not reflect without some amazement, and much sorrow, that the rudiments of lewdness, coquetry, censure, and scandal, should have place by instinct in womankind.

I expected every moment that my master would accuse the Yahoos of those unnatural appetites in both sexes, so common among us. But nature, it seems, has not been so expert a school-mistress; and these politer pleasures are entirely the productions of art and reason on our side of the globe.

## CHAPTER VIII

*The author relates several particulars of the Yahoos. The great virtues of the Houyhnhnms. The education and exercise of their youth. Their general assembly.*

**A**s I ought to have understood human nature much better than I supposed it possible for my master to do, so it was easy to apply the character he gave of the Yahoos to myself and my countrymen; and I believed I could yet make further discoveries, from my own observation. I therefore often begged his honour to let me go among the herds of Yahoos in the neighbourhood; to which he always very graciously consented, being perfectly convinced that the hatred I bore these brutes would never suffer me to be corrupted by them; and his honour ordered one of his servants, a strong sorrel nag, very honest and good-natured, to be my guard; without whose protection I durst not undertake such adventures. For I have already told the reader how much I was pestered by these odious animals, upon my first arrival; and I afterwards failed very

narrowly, three or four times, of falling into their clutches, when I happened to stray at any distance without my hanger. And I have reason to believe they had some imagination that I was of their own species, which I often assisted myself by stripping up my sleeves, and showing my naked arms and breasts in their sight, when my protector was with me. At which times they would approach as near as they durst, and imitate my actions after the manner of monkeys, but ever with great signs of hatred; as a tame jackdaw with cap and stockings is always persecuted by the wild ones, when he happens to be got among them.

They are prodigiously nimble from their infancy. However, I once caught a young male of three years old, and endeavoured, by all marks of tenderness, to make it quiet; but the little imp fell a squalling, and scratching, and biting with such violence, that I was forced to let it go; and it was high time, for a whole troop of old ones came about us at the noise, but finding the cub was safe (for away it ran), and my sorrel nag being by, they durst not venture near us. I observed the young animal's flesh to smell very rank, and the stink was somewhat between a weasel and a fox, but much more disagreeable. I forgot another circumstance (and perhaps I might have the reader's pardon if it were wholly omitted), that while I held the odious vermin in my hands,

it voided its filthy excrements of a yellow liquid substance all over my clothes; but by good fortune there was a small brook hard by, where I washed myself as clean as I could; although I durst not come into my master's presence until I were sufficiently aired.

By what I could discover, the Yahoos appear to be the most unteachable of all animals: their capacity never reaching higher than to draw or carry burdens. Yet I am of opinion, this defect arises chiefly from a perverse, restive disposition; for they are cunning, malicious, treacherous, and revengeful. They are strong and hardy, but of a cowardly spirit, and, by consequence, insolent, abject, and cruel. It is observed, that the red haired of both sexes are more libidinous and mischievous than the rest, whom yet they much exceed in strength and activity.

The Houyhnhnms keep the Yahoos for present use in huts not far from the house; but the rest are sent abroad to certain fields, where they dig up roots, eat several kinds of herbs, and search about for carrion, or sometimes catch weasels and luhimuhs (a sort of wild rat), which they greedily devour. Nature has taught them to dig deep holes with their nails on the side of a rising ground, wherein they lie by themselves; only the kennels of the females are larger, sufficient to hold two or three cubs.

They swim from their infancy like frogs, and are able to continue long under water, where they often take fish, which the females carry home to their young. And, upon this occasion, I hope the reader will pardon my relating an odd adventure.

Being one day abroad with my protector the sorrel nag, and the weather exceeding hot, I entreated him to let me bathe in a river that was near. He consented, and I immediately stripped myself stark naked, and went down softly into the stream. It happened that a young female Yahoo, standing behind a bank, saw the whole proceeding, and inflamed by desire, as the nag and I conjectured, came running with all speed, and leaped into the water, within five yards of the place where I bathed. I was never in my life so terribly frightened. The nag was grazing at some distance, not suspecting any harm. She embraced me after a most fulsome manner. I roared as loud as I could, and the nag came galloping towards me, whereupon she quitted her grasp, with the utmost reluctancy, and leaped upon the opposite bank, where she stood gazing and howling all the time I was putting on my clothes.

This was a matter of diversion to my master and his family, as well as of mortification to myself. For now I could no longer deny that I was a real Yahoo in every limb and

feature, since the females had a natural propensity to me, as one of their own species. Neither was the hair of this brute of a red colour (which might have been some excuse for an appetite a little irregular), but black as a sloe, and her countenance did not make an appearance altogether so hideous as the rest of her kind; for I think she could not be above eleven years old.

Having lived three years in this country, the reader, I suppose, will expect that I should, like other travellers, give him some account of the manners and customs of its inhabitants, which it was indeed my principal study to learn.

As these noble Houyhnhnms are endowed by nature with a general disposition to all virtues, and have no conceptions or ideas of what is evil in a rational creature, so their grand maxim is, to cultivate reason, and to be wholly governed by it. Neither is reason among them a point problematical, as with us, where men can argue with plausibility on both sides of the question, but strikes you with immediate conviction; as it must needs do, where it is not mingled, obscured, or discoloured, by passion and interest. I remember it was with extreme difficulty that I could bring my master to understand the meaning of the word opinion, or how a point could be disputable; because reason taught us to affirm or deny only where we are certain;

and beyond our knowledge we cannot do either. So that controversies, wranglings, disputes, and positiveness, in false or dubious propositions, are evils unknown among the Houyhnhnms. In the like manner, when I used to explain to him our several systems of natural philosophy, he would laugh, "that a creature pretending to reason, should value itself upon the knowledge of other people's conjectures, and in things where that knowledge, if it were certain, could be of no use." Wherein he agreed entirely with the sentiments of Socrates, as Plato delivers them; which I mention as the highest honour I can do that prince of philosophers. I have often since reflected, what destruction such doctrine would make in the libraries of Europe; and how many paths of fame would be then shut up in the learned world.

Friendship and benevolence are the two principal virtues among the Houyhnhnms; and these not confined to particular objects, but universal to the whole race; for a stranger from the remotest part is equally treated with the nearest neighbour, and wherever he goes, looks upon himself as at home. They preserve decency and civility in the highest degrees, but are altogether ignorant of ceremony. They have no fondness for their colts or foals, but the care they take in educating them proceeds entirely from the dictates of reason. And I observed my master to show the same affection to his

neighbour's issue, that he had for his own. They will have it that nature teaches them to love the whole species, and it is reason only that makes a distinction of persons, where there is a superior degree of virtue.

When the matron Houyhnhnms have produced one of each sex, they no longer accompany with their consorts, except they lose one of their issue by some casualty, which very seldom happens; but in such a case they meet again; or when the like accident befalls a person whose wife is past bearing, some other couple bestow on him one of their own colts, and then go together again until the mother is pregnant. This caution is necessary, to prevent the country from being overburdened with numbers. But the race of inferior Houyhnhnms, bred up to be servants, is not so strictly limited upon this article: these are allowed to produce three of each sex, to be domestics in the noble families.

In their marriages, they are exactly careful to choose such colours as will not make any disagreeable mixture in the breed. Strength is chiefly valued in the male, and comeliness in the female; not upon the account of love, but to preserve the race from degenerating; for where a female happens to excel in strength, a consort is chosen, with regard to comeliness.



Courtship, love, presents, jointures, settlements have no place in their thoughts, or terms whereby to express them in their language. The young couple meet, and are joined, merely because it is the determination of their parents and friends; it is what they see done every day, and they look upon it as one of the necessary actions of a reasonable being. But the violation of marriage, or any other unchastity, was never heard of; and the married pair pass their lives with the same friendship and mutual benevolence, that they bear to all others of the same species who come in their way, without jealousy, fondness, quarrelling, or discontent.

In educating the youth of both sexes, their method is admirable, and highly deserves our imitation. These are not suffered to taste a grain of oats, except upon certain days, till eighteen years old; nor milk, but very rarely; and in summer they graze two hours in the morning, and as many in the evening, which their parents likewise observe; but the servants are not allowed above half that time, and a great part of their grass is brought home, which they eat at the most convenient hours, when they can be best spared from work.

Temperance, industry, exercise, and cleanliness, are the lessons equally enjoined to the young ones of both sexes: and my master thought it monstrous in us, to give

the females a different kind of education from the males, except in some articles of domestic management; whereby, as he truly observed, one half of our natives were good for nothing but bringing children into the world; and to trust the care of our children to such useless animals, he said, was yet a greater instance of brutality.

But the Houyhnhnms train up their youth to strength, speed, and hardiness, by exercising them in running races up and down steep hills, and over hard stony grounds; and when they are all in a sweat, they are ordered to leap over head and ears into a pond or river. Four times a year the youth of a certain district meet to show their proficiency in running and leaping, and other feats of strength and agility; where the victor is rewarded with a song in his or her praise. On this festival, the servants drive a herd of Yahoos into the field, laden with hay, and oats, and milk, for a repast to the Houyhnhnms; after which, these brutes are immediately driven back again, for fear of being noisome to the assembly.

Every fourth year, at the vernal equinox, there is a representative council of the whole nation, which meets in a plain about twenty miles from our house, and continues about five or six days. Here they inquire into the state and condition of the several districts; whether they abound or be deficient in hay or oats, or cows, or Yahoos; and wherever

there is any want (which is but seldom) it is immediately supplied by unanimous consent and contribution. Here likewise the regulation of children is settled: as for instance, if a Houyhnhnm has two males, he changes one of them with another that has two females; and when a child has been lost by any casualty, where the mother is past breeding, it is determined what family in the district shall breed another to supply the loss.

## CHAPTER IX

*A grand debate at the general assembly of the Houyhnhnms, and how it was determined. The learning of the Houyhnhnms. Their buildings. Their manner of burials. The defectiveness of their language.*

**O**ne of these grand assemblies was held in my time, about three months before my departure, whither my master went as the representative of our district. In this council was resumed their old debate, and indeed the only debate that ever happened in their country; whereof my master, after his return, give me a very particular account.

The question to be debated was, “whether the Yahoos should be exterminated from the face of the earth?” One of the members for the affirmative offered several arguments of great strength and weight, alleging, “that as the Yahoos were the most filthy, noisome, and deformed animals which nature ever produced, so they were the most restive and indocible, mischievous and malicious; they would privately

suck the teats of the Houyhnhnms' cows, kill and devour their cats, trample down their oats and grass, if they were not continually watched, and commit a thousand other extravagancies." He took notice of a general tradition, "that Yahoos had not been always in their country; but that many ages ago, two of these brutes appeared together upon a mountain; whether produced by the heat of the sun upon corrupted mud and slime, or from the ooze and froth of the sea, was never known; that these Yahoos engendered, and their brood, in a short time, grew so numerous as to overrun and infest the whole nation; that the Houyhnhnms, to get rid of this evil, made a general hunting, and at last enclosed the whole herd; and destroying the elder, every Houyhnhnm kept two young ones in a kennel, and brought them to such a degree of tameness, as an animal, so savage by nature, can be capable of acquiring, using them for draught and carriage; that there seemed to be much truth in this tradition, and that those creatures could not be yinhniamshy (or aborigines of the land), because of the violent hatred the Houyhnhnms, as well as all other animals, bore them, which, although their evil disposition sufficiently deserved, could never have arrived at so high a degree if they had been aborigines, or else they would have long since been rooted out; that the inhabitants, taking a fancy to use the service of the Yahoos,

had, very imprudently, neglected to cultivate the breed of asses, which are a comely animal, easily kept, more tame and orderly, without any offensive smell, strong enough for labour, although they yield to the other in agility of body, and if their braying be no agreeable sound, it is far preferable to the horrible howlings of the Yahoos.”

Several others declared their sentiments to the same purpose, when my master proposed an expedient to the assembly, whereof he had indeed borrowed the hint from me. “He approved of the tradition mentioned by the honourable member who spoke before, and affirmed, that the two Yahoos said to be seen first among them, had been driven thither over the sea; that coming to land, and being forsaken by their companions, they retired to the mountains, and degenerating by degrees, became in process of time much more savage than those of their own species in the country whence these two originals came. The reason of this assertion was, that he had now in his possession a certain wonderful Yahoo (meaning myself) which most of them had heard of, and many of them had seen. He then related to them how he first found me; that my body was all covered with an artificial composure of the skins and hairs of other animals; that I spoke in a language of my own, and had thoroughly learned theirs; that I had related to him the accidents which brought me

thither; that when he saw me without my covering, I was an exact Yahoo in every part, only of a whiter colour, less hairy, and with shorter claws. He added, how I had endeavoured to persuade him, that in my own and other countries, the Yahoos acted as the governing, rational animal, and held the Houyhnhnms in servitude; that he observed in me all the qualities of a Yahoo, only a little more civilized by some tincture of reason, which, however, was in a degree as far inferior to the Houyhnhnm race, as the Yahoos of their country were to me; that, among other things, I mentioned a custom we had of castrating Houyhnhnms when they were young, in order to render them tame; that the operation was easy and safe; that it was no shame to learn wisdom from brutes, as industry is taught by the ant, and building by the swallow (for so I translate the word *lyhannh*, although it be a much larger fowl); that this invention might be practised upon the younger Yahoos here, which besides rendering them tractable and fitter for use, would in an age put an end to the whole species, without destroying life; that in the mean time the Houyhnhnms should be exhorted to cultivate the breed of asses, which, as they are in all respects more valuable brutes, so they have this advantage, to be fit for service at five years old, which the others are not till twelve.”

This was all my master thought fit to tell me, at that time, of what passed in the grand council. But he was pleased to conceal one particular, which related personally to myself, whereof I soon felt the unhappy effect, as the reader will know in its proper place, and whence I date all the succeeding misfortunes of my life.

The Houyhnhnms have no letters, and consequently their knowledge is all traditional. But there happening few events of any moment among a people so well united, naturally disposed to every virtue, wholly governed by reason, and cut off from all commerce with other nations, the historical part is easily preserved without burdening their memories. I have already observed that they are subject to no diseases, and therefore can have no need of physicians. However, they have excellent medicines, composed of herbs, to cure accidental bruises and cuts in the pastern or frog of the foot, by sharp stones, as well as other maims and hurts in the several parts of the body.

They calculate the year by the revolution of the sun and moon, but use no subdivisions into weeks. They are well enough acquainted with the motions of those two luminaries, and understand the nature of eclipses; and this is the utmost progress of their astronomy.



In poetry, they must be allowed to excel all other mortals; wherein the justness of their similes, and the minuteness as well as exactness of their descriptions, are indeed inimitable. Their verses abound very much in both of these, and usually contain either some exalted notions of friendship and benevolence or the praises of those who were victors in races and other bodily exercises. Their buildings, although very rude and simple, are not inconvenient, but well contrived to defend them from all injuries of cold and heat. They have a kind of tree, which at forty years old loosens in the root, and falls with the first storm: it grows very straight, and being pointed like stakes with a sharp stone (for the Houyhnhnms know not the use of iron), they stick them erect in the ground, about ten inches asunder, and then weave in oat straw, or sometimes wattles, between them. The roof is made after the same manner, and so are the doors.

The Houyhnhnms use the hollow part, between the pastern and the hoof of their fore-foot, as we do our hands, and this with greater dexterity than I could at first imagine. I have seen a white mare of our family thread a needle (which I lent her on purpose) with that joint. They milk their cows, reap their oats, and do all the work which requires hands, in the same manner. They have a kind of hard flints, which, by

grinding against other stones, they form into instruments, that serve instead of wedges, axes, and hammers. With tools made of these flints, they likewise cut their hay, and reap their oats, which there grow naturally in several fields; the Yahoos draw home the sheaves in carriages, and the servants tread them in certain covered huts to get out the grain, which is kept in stores. They make a rude kind of earthen and wooden vessels, and bake the former in the sun.

If they can avoid casualties, they die only of old age, and are buried in the obscurest places that can be found, their friends and relations expressing neither joy nor grief at their departure; nor does the dying person discover the least regret that he is leaving the world, any more than if he were upon returning home from a visit to one of his neighbours. I remember my master having once made an appointment with a friend and his family to come to his house, upon some affair of importance: on the day fixed, the mistress and her two children came very late; she made two excuses, first for her husband, who, as she said, happened that very morning to shnuwnh. The word is strongly expressive in their language, but not easily rendered into English; it signifies, “to retire to his first mother.” Her excuse for not coming sooner, was, that her husband dying late in the morning, she was a good while consulting her servants about a convenient place

where his body should be laid; and I observed, she behaved herself at our house as cheerfully as the rest. She died about three months after.

They live generally to seventy, or seventy-five years, very seldom to fourscore. Some weeks before their death, they feel a gradual decay; but without pain. During this time they are much visited by their friends, because they cannot go abroad with their usual ease and satisfaction. However, about ten days before their death, which they seldom fail in computing, they return the visits that have been made them by those who are nearest in the neighbourhood, being carried in a convenient sledge drawn by Yahoos; which vehicle they use, not only upon this occasion, but when they grow old, upon long journeys, or when they are lamed by any accident: and therefore when the dying Houyhnhnms return those visits, they take a solemn leave of their friends, as if they were going to some remote part of the country, where they designed to pass the rest of their lives.

I know not whether it may be worth observing, that the Houyhnhnms have no word in their language to express any thing that is evil, except what they borrow from the deformities or ill qualities of the Yahoos. Thus they denote the folly of a servant, an omission of a child, a stone that cuts their feet, a continuance of foul or unseasonable weather, and

the like, by adding to each the epithet of Yahoo. For instance, hhnm Yahoo; whnaholm Yahoo, ynllmndwihlma Yahoo, and an ill-contrived house ynholmhnmrohlnw Yahoo.

I could, with great pleasure, enlarge further upon the manners and virtues of this excellent people; but intending in a short time to publish a volume by itself, expressly upon that subject, I refer the reader thither; and, in the mean time, proceed to relate my own sad catastrophe.

## CHAPTER X

*The author's economy, and happy life, among the Houyhnhnms. His great improvement in virtue by conversing with them. Their conversations. The author has notice given him by his master, that he must depart from the country. He falls into a swoon for grief; but submits. He contrives and finishes a canoe by the help of a fellow-servant, and puts to sea at a venture.*

I had settled my little economy to my own heart's content. My master had ordered a room to be made for me, after their manner, about six yards from the house: the sides and floors of which I plastered with clay, and covered with rush-mats of my own contriving. I had beaten hemp, which there grows wild, and made of it a sort of ticking; this I filled with the feathers of several birds I had taken with springes made of Yahoos' hairs, and were excellent food. I had worked two chairs with my knife, the sorrel nag helping me in the grosser and more laborious part. When my clothes were worn to rags, I made myself others with the skins of

rabbits, and of a certain beautiful animal, about the same size, called nnuhnoh, the skin of which is covered with a fine down. Of these I also made very tolerable stockings. I soled my shoes with wood, which I cut from a tree, and fitted to the upper-leather; and when this was worn out, I supplied it with the skins of Yahoos dried in the sun. I often got honey out of hollow trees, which I mingled with water, or ate with my bread. No man could more verify the truth of these two maxims, "That nature is very easily satisfied;" and, "That necessity is the mother of invention." I enjoyed perfect health of body, and tranquillity of mind; I did not feel the treachery or inconstancy of a friend, nor the injuries of a secret or open enemy. I had no occasion of bribing, flattering, or pimping, to procure the favour of any great man, or of his minion; I wanted no fence against fraud or oppression: here was neither physician to destroy my body, nor lawyer to ruin my fortune; no informer to watch my words and actions, or forge accusations against me for hire: here were no gibbers, censurers, backbiters, pickpockets, highwaymen, housebreakers, attorneys, bawds, buffoons, gamblers, politicians, wits, splenetics, tedious talkers, controvertists, ravishers, murderers, robbers, virtuosos; no leaders, or followers, of party and faction; no encouragers to vice, by seducement or examples; no dungeon, axes, gibbets,

whipping-posts, or pillories; no cheating shopkeepers or mechanics; no pride, vanity, or affectation; no fops, bullies, drunkards, strolling whores, or poxes; no ranting, lewd, expensive wives; no stupid, proud pedants; no importunate, overbearing, quarrelsome, noisy, roaring, empty, conceited, swearing companions; no scoundrels raised from the dust upon the merit of their vices, or nobility thrown into it on account of their virtues; no lords, fiddlers, judges, or dancing-masters.

I had the favour of being admitted to several Houyhnhnms, who came to visit or dine with my master; where his honour graciously suffered me to wait in the room, and listen to their discourse. Both he and his company would often descend to ask me questions, and receive my answers. I had also sometimes the honour of attending my master in his visits to others. I never presumed to speak, except in answer to a question; and then I did it with inward regret, because it was a loss of so much time for improving myself; but I was infinitely delighted with the station of an humble auditor in such conversations, where nothing passed but what was useful, expressed in the fewest and most significant words; where, as I have already said, the greatest decency was observed, without the least degree of ceremony; where no person spoke without being pleased

himself, and pleasing his companions; where there was no interruption, tediousness, heat, or difference of sentiments. They have a notion, that when people are met together, a short silence does much improve conversation: this I found to be true; for during those little intermissions of talk, new ideas would arise in their minds, which very much enlivened the discourse. Their subjects are, generally on friendship and benevolence, on order and economy; sometimes upon the visible operations of nature, or ancient traditions; upon the bounds and limits of virtue; upon the unerring rules of reason, or upon some determinations to be taken at the next great assembly: and often upon the various excellences of poetry. I may add, without vanity, that my presence often gave them sufficient matter for discourse, because it afforded my master an occasion of letting his friends into the history of me and my country, upon which they were all pleased to descant, in a manner not very advantageous to humankind: and for that reason I shall not repeat what they said; only I may be allowed to observe, that his honour, to my great admiration, appeared to understand the nature of Yahoos much better than myself. He went through all our vices and follies, and discovered many, which I had never mentioned to him, by only supposing what qualities a Yahoo of their country, with a small proportion of reason, might be capable



of exerting; and concluded, with too much probability, “how vile, as well as miserable, such a creature must be.”

I freely confess, that all the little knowledge I have of any value, was acquired by the lectures I received from my master, and from hearing the discourses of him and his friends; to which I should be prouder to listen, than to dictate to the greatest and wisest assembly in Europe. I admired the strength, comeliness, and speed of the inhabitants; and such a constellation of virtues, in such amiable persons, produced in me the highest veneration. At first, indeed, I did not feel that natural awe, which the Yahoos and all other animals bear toward them; but it grew upon me by degrees, much sooner than I imagined, and was mingled with a respectful love and gratitude, that they would condescend to distinguish me from the rest of my species.

When I thought of my family, my friends, my countrymen, or the human race in general, I considered them, as they really were, Yahoos in shape and disposition, perhaps a little more civilized, and qualified with the gift of speech; but making no other use of reason, than to improve and multiply those vices whereof their brethren in this country had only the share that nature allotted them. When I happened to behold the reflection of my own form in a lake or fountain, I turned away my face in horror and detestation

of myself, and could better endure the sight of a common Yahoo than of my own person. By conversing with the Houyhnhnms, and looking upon them with delight, I fell to imitate their gait and gesture, which is now grown into a habit; and my friends often tell me, in a blunt way, “that I trot like a horse;” which, however, I take for a great compliment. Neither shall I disown, that in speaking I am apt to fall into the voice and manner of the Houyhnhnms, and hear myself ridiculed on that account, without the least mortification.

In the midst of all this happiness, and when I looked upon myself to be fully settled for life, my master sent for me one morning a little earlier than his usual hour. I observed by his countenance that he was in some perplexity, and at a loss how to begin what he had to speak. After a short silence, he told me, “he did not know how I would take what he was going to say: that in the last general assembly, when the affair of the Yahoos was entered upon, the representatives had taken offence at his keeping a Yahoo (meaning myself) in his family, more like a Houyhnhnm than a brute animal; that he was known frequently to converse with me, as if he could receive some advantage or pleasure in my company; that such a practice was not agreeable to reason or nature, or a thing ever heard of before among them; the assembly did therefore exhort him either to employ me like the rest

of my species, or command me to swim back to the place whence I came: that the first of these expedients was utterly rejected by all the Houyhnhnms who had ever seen me at his house or their own; for they alleged, that because I had some rudiments of reason, added to the natural pravity of those animals, it was to be feared I might be able to seduce them into the woody and mountainous parts of the country, and bring them in troops by night to destroy the Houyhnhnms' cattle, as being naturally of the ravenous kind, and averse from labour."

My master added, "that he was daily pressed by the Houyhnhnms of the neighbourhood to have the assembly's exhortation executed, which he could not put off much longer. He doubted it would be impossible for me to swim to another country; and therefore wished I would contrive some sort of vehicle, resembling those I had described to him, that might carry me on the sea; in which work I should have the assistance of his own servants, as well as those of his neighbours." He concluded, "that for his own part, he could have been content to keep me in his service as long as I lived; because he found I had cured myself of some bad habits and dispositions, by endeavouring, as far as my inferior nature was capable, to imitate the Houyhnhnms."

I should here observe to the reader, that a decree of the general assembly in this country is expressed by the word *hnhloayn*, which signifies an exhortation, as near as I can render it; for they have no conception how a rational creature can be compelled, but only advised, or exhorted; because no person can disobey reason, without giving up his claim to be a rational creature.

I was struck with the utmost grief and despair at my master's discourse; and being unable to support the agonies I was under, I fell into a swoon at his feet. When I came to myself, he told me "that he concluded I had been dead;" for these people are subject to no such imbecilities of nature. I answered in a faint voice, "that death would have been too great a happiness; that although I could not blame the assembly's exhortation, or the urgency of his friends; yet, in my weak and corrupt judgment, I thought it might consist with reason to have been less rigorous; that I could not swim a league, and probably the nearest land to theirs might be distant above a hundred: that many materials, necessary for making a small vessel to carry me off, were wholly wanting in this country; which, however, I would attempt, in obedience and gratitude to his honour, although I concluded the thing to be impossible, and therefore looked on myself as already devoted to destruction; that the certain

prospect of an unnatural death was the least of my evils; for, supposing I should escape with life by some strange adventure, how could I think with temper of passing my days among Yahoos, and relapsing into my old corruptions, for want of examples to lead and keep me within the paths of virtue? that I knew too well upon what solid reasons all the determinations of the wise Houyhnhnms were founded, not to be shaken by arguments of mine, a miserable Yahoo; and therefore, after presenting him with my humble thanks for the offer of his servants' assistance in making a vessel, and desiring a reasonable time for so difficult a work, I told him I would endeavour to preserve a wretched being; and if ever I returned to England, was not without hopes of being useful to my own species, by celebrating the praises of the renowned Houyhnhnms, and proposing their virtues to the imitation of mankind."

My master, in a few words, made me a very gracious reply; allowed me the space of two months to finish my boat; and ordered the sorrel nag, my fellow-servant (for so, at this distance, I may presume to call him), to follow my instruction; because I told my master, "that his help would be sufficient, and I knew he had a tenderness for me."

In his company, my first business was to go to that part of the coast where my rebellious crew had ordered

me to be set on shore. I got upon a height, and looking on every side into the sea; fancied I saw a small island toward the north-east. I took out my pocket glass, and could then clearly distinguish it above five leagues off, as I computed; but it appeared to the sorrel nag to be only a blue cloud: for as he had no conception of any country beside his own, so he could not be as expert in distinguishing remote objects at sea, as we who so much converse in that element.

After I had discovered this island, I considered no further; but resolved it should if possible, be the first place of my banishment, leaving the consequence to fortune.

I returned home, and consulting with the sorrel nag, we went into a copse at some distance, where I with my knife, and he with a sharp flint, fastened very artificially after their manner, to a wooden handle, cut down several oak wattles, about the thickness of a walking-staff, and some larger pieces. But I shall not trouble the reader with a particular description of my own mechanics; let it suffice to say, that in six weeks time with the help of the sorrel nag, who performed the parts that required most labour, I finished a sort of Indian canoe, but much larger, covering it with the skins of Yahoos, well stitched together with hempen threads of my own making. My sail was likewise composed of the skins of the same animal; but I made use of the youngest I could get, the older

being too tough and thick; and I likewise provided myself with four paddles. I laid in a stock of boiled flesh, of rabbits and fowls, and took with me two vessels, one filled with milk and the other with water.

I tried my canoe in a large pond, near my master's house, and then corrected in it what was amiss; stopping all the chinks with Yahoos' tallow, till I found it staunch, and able to bear me and my freight; and, when it was as complete as I could possibly make it, I had it drawn on a carriage very gently by Yahoos to the sea-side, under the conduct of the sorrel nag and another servant.

When all was ready, and the day came for my departure, I took leave of my master and lady and the whole family, my eyes flowing with tears, and my heart quite sunk with grief. But his honour, out of curiosity, and, perhaps, (if I may speak without vanity,) partly out of kindness, was determined to see me in my canoe, and got several of his neighbouring friends to accompany him. I was forced to wait above an hour for the tide; and then observing the wind very fortunately bearing toward the island to which I intended to steer my course, I took a second leave of my master: but as I was going to prostrate myself to kiss his hoof, he did me the honour to raise it gently to my mouth. I am not ignorant how much I have been censured for mentioning

this last particular. Detractors are pleased to think it improbable, that so illustrious a person should descend to give so great a mark of distinction to a creature so inferior as I. Neither have I forgotten how apt some travellers are to boast of extraordinary favours they have received. But, if these censurers were better acquainted with the noble and courteous disposition of the Houyhnhnms, they would soon change their opinion.

I paid my respects to the rest of the Houyhnhnms in his honour's company; then getting into my canoe, I pushed off from shore.



## CHAPTER XI

*The author's dangerous voyage. He arrives at New Holland, hoping to settle there. Is wounded with an arrow by one of the natives. Is seized and carried by force into a Portuguese ship. The great civilities of the captain. The author arrives at England.*

**I** began this desperate voyage on February 15, 1714–15, at nine o'clock in the morning. The wind was very favourable; however, I made use at first only of my paddles; but considering I should soon be weary, and that the wind might chop about, I ventured to set up my little sail; and thus, with the help of the tide, I went at the rate of a league and a half an hour, as near as I could guess. My master and his friends continued on the shore till I was almost out of sight; and I often heard the sorrel nag (who always loved me) crying out, "Hnuy illa nyha, majah Yahoo;" "Take care of thyself, gentle Yahoo."

My design was, if possible, to discover some small island uninhabited, yet sufficient, by my labour, to furnish me with the necessaries of life, which I would have thought

a greater happiness, than to be first minister in the politest court of Europe; so horrible was the idea I conceived of returning to live in the society, and under the government of Yahoos. For in such a solitude as I desired, I could at least enjoy my own thoughts, and reflect with delight on the virtues of those inimitable Houyhnhnms, without an opportunity of degenerating into the vices and corruptions of my own species.

The reader may remember what I related, when my crew conspired against me, and confined me to my cabin; how I continued there several weeks without knowing what course we took; and when I was put ashore in the long-boat, how the sailors told me, with oaths, whether true or false, “that they knew not in what part of the world we were.” However, I did then believe us to be about 10 degrees southward of the Cape of Good Hope, or about 45 degrees southern latitude, as I gathered from some general words I overheard among them, being I supposed to the south-east in their intended voyage to Madagascar. And although this were little better than conjecture, yet I resolved to steer my course eastward, hoping to reach the south-west coast of New Holland, and perhaps some such island as I desired lying westward of it. The wind was full west, and by six in the evening I computed I had gone eastward at least eighteen

leagues; when I spied a very small island about half a league off, which I soon reached. It was nothing but a rock, with one creek naturally arched by the force of tempests. Here I put in my canoe, and climbing a part of the rock, I could plainly discover land to the east, extending from south to north. I lay all night in my canoe; and repeating my voyage early in the morning, I arrived in seven hours to the south-east point of New Holland. This confirmed me in the opinion I have long entertained, that the maps and charts place this country at least three degrees more to the east than it really is; which thought I communicated many years ago to my worthy friend, Mr. Herman Moll, and gave him my reasons for it, although he has rather chosen to follow other authors.

I saw no inhabitants in the place where I landed, and being unarmed, I was afraid of venturing far into the country. I found some shellfish on the shore, and ate them raw, not daring to kindle a fire, for fear of being discovered by the natives. I continued three days feeding on oysters and limpets, to save my own provisions; and I fortunately found a brook of excellent water, which gave me great relief.

On the fourth day, venturing out early a little too far, I saw twenty or thirty natives upon a height not above five hundred yards from me. They were stark naked, men, women, and children, round a fire, as I could discover by

the smoke. One of them spied me, and gave notice to the rest; five of them advanced toward me, leaving the women and children at the fire. I made what haste I could to the shore, and, getting into my canoe, shoved off: the savages, observing me retreat, ran after me: and before I could get far enough into the sea, discharged an arrow which wounded me deeply on the inside of my left knee: I shall carry the mark to my grave. I apprehended the arrow might be poisoned, and paddling out of the reach of their darts (being a calm day), I made a shift to suck the wound, and dress it as well as I could.

I was at a loss what to do, for I durst not return to the same landing-place, but stood to the north, and was forced to paddle, for the wind, though very gentle, was against me, blowing north-west. As I was looking about for a secure landing-place, I saw a sail to the north-north-east, which appearing every minute more visible, I was in some doubt whether I should wait for them or not; but at last my detestation of the Yahoo race prevailed: and turning my canoe, I sailed and paddled together to the south, and got into the same creek whence I set out in the morning, choosing rather to trust myself among these barbarians, than live with European Yahoos. I drew up my canoe as close as I could to

the shore, and hid myself behind a stone by the little brook, which, as I have already said, was excellent water.

The ship came within half a league of this creek, and sent her long boat with vessels to take in fresh water (for the place, it seems, was very well known); but I did not observe it, till the boat was almost on shore; and it was too late to seek another hiding-place. The seamen at their landing observed my canoe, and rummaging it all over, easily conjectured that the owner could not be far off. Four of them, well armed, searched every cranny and lurking-hole, till at last they found me flat on my face behind the stone. They gazed awhile in admiration at my strange uncouth dress; my coat made of skins, my wooden-soled shoes, and my furred stockings; whence, however, they concluded, I was not a native of the place, who all go naked. One of the seamen, in Portuguese, bid me rise, and asked who I was. I understood that language very well, and getting upon my feet, said, "I was a poor Yahoo banished from the Houyhnhnms, and desired they would please to let me depart." They admired to hear me answer them in their own tongue, and saw by my complexion I must be a European; but were at a loss to know what I meant by Yahoos and Houyhnhnms; and at the same time fell a-laughing at my strange tone in speaking, which resembled the neighing of a horse. I trembled all

the while betwixt fear and hatred. I again desired leave to depart, and was gently moving to my canoe; but they laid hold of me, desiring to know, “what country I was of? whence I came?” with many other questions. I told them “I was born in England, whence I came about five years ago, and then their country and ours were at peace. I therefore hoped they would not treat me as an enemy, since I meant them no harm, but was a poor Yahoo seeking some desolate place where to pass the remainder of his unfortunate life.”

When they began to talk, I thought I never heard or saw any thing more unnatural; for it appeared to me as monstrous as if a dog or a cow should speak in England, or a Yahoo in Houyhnhnmland. The honest Portuguese were equally amazed at my strange dress, and the odd manner of delivering my words, which, however, they understood very well. They spoke to me with great humanity, and said, “they were sure the captain would carry me gratis to Lisbon, whence I might return to my own country; that two of the seamen would go back to the ship, inform the captain of what they had seen, and receive his orders; in the mean time, unless I would give my solemn oath not to fly, they would secure me by force.” I thought it best to comply with their proposal. They were very curious to know my story, but I gave them very little satisfaction, and they all conjectured

that my misfortunes had impaired my reason. In two hours the boat, which went laden with vessels of water, returned, with the captain's command to fetch me on board. I fell on my knees to preserve my liberty; but all was in vain; and the men, having tied me with cords, heaved me into the boat, whence I was taken into the ship, and thence into the captain's cabin.

His name was Pedro de Mendez; he was a very courteous and generous person. He entreated me to give some account of myself, and desired to know what I would eat or drink; said, "I should be used as well as himself;" and spoke so many obliging things, that I wondered to find such civilities from a Yahoo. However, I remained silent and sullen; I was ready to faint at the very smell of him and his men. At last I desired something to eat out of my own canoe; but he ordered me a chicken, and some excellent wine, and then directed that I should be put to bed in a very clean cabin. I would not undress myself, but lay on the bed-clothes, and in half an hour stole out, when I thought the crew was at dinner, and getting to the side of the ship, was going to leap into the sea, and swim for my life, rather than continue among Yahoos. But one of the seamen prevented me, and having informed the captain, I was chained to my cabin.

After dinner, Don Pedro came to me, and desired to know my reason for so desperate an attempt; assured me, “he only meant to do me all the service he was able;” and spoke so very movingly, that at last I descended to treat him like an animal which had some little portion of reason. I gave him a very short relation of my voyage; of the conspiracy against me by my own men; of the country where they set me on shore, and of my five years residence there. All which he looked upon as if it were a dream or a vision; whereat I took great offence; for I had quite forgot the faculty of lying, so peculiar to Yahoos, in all countries where they preside, and, consequently, their disposition of suspecting truth in others of their own species. I asked him, “whether it were the custom in his country to say the thing which was not?” I assured him, “I had almost forgot what he meant by falsehood, and if I had lived a thousand years in Houyhnhnmland, I should never have heard a lie from the meanest servant; that I was altogether indifferent whether he believed me or not; but, however, in return for his favours, I would give so much allowance to the corruption of his nature, as to answer any objection he would please to make, and then he might easily discover the truth.”

The captain, a wise man, after many endeavours to catch me tripping in some part of my story, at last began to



have a better opinion of my veracity. But he added, “that since I professed so inviolable an attachment to truth, I must give him my word and honour to bear him company in this voyage, without attempting any thing against my life; or else he would continue me a prisoner till we arrived at Lisbon.” I gave him the promise he required; but at the same time protested, “that I would suffer the greatest hardships, rather than return to live among Yahoos.”

Our voyage passed without any considerable accident. In gratitude to the captain, I sometimes sat with him, at his earnest request, and strove to conceal my antipathy against human kind, although it often broke out; which he suffered to pass without observation. But the greatest part of the day I confined myself to my cabin, to avoid seeing any of the crew. The captain had often entreated me to strip myself of my savage dress, and offered to lend me the best suit of clothes he had. This I would not be prevailed on to accept, abhorring to cover myself with any thing that had been on the back of a Yahoo. I only desired he would lend me two clean shirts, which, having been washed since he wore them, I believed would not so much defile me. These I changed every second day, and washed them myself.

We arrived at Lisbon, Nov. 5, 1715. At our landing, the captain forced me to cover myself with his cloak, to

prevent the rabble from crowding about me. I was conveyed to his own house; and at my earnest request he led me up to the highest room backwards. I conjured him “to conceal from all persons what I had told him of the Houyhnhnms; because the least hint of such a story would not only draw numbers of people to see me, but probably put me in danger of being imprisoned, or burnt by the Inquisition.” The captain persuaded me to accept a suit of clothes newly made; but I would not suffer the tailor to take my measure; however, Don Pedro being almost of my size, they fitted me well enough. He accoutred me with other necessaries, all new, which I aired for twenty-four hours before I would use them.

The captain had no wife, nor above three servants, none of which were suffered to attend at meals; and his whole deportment was so obliging, added to very good human understanding, that I really began to tolerate his company. He gained so far upon me, that I ventured to look out of the back window. By degrees I was brought into another room, whence I peeped into the street, but drew my head back in a fright. In a week’s time he seduced me down to the door. I found my terror gradually lessened, but my hatred and contempt seemed to increase. I was at last bold enough to walk the street in his company, but kept my nose well stopped with rue, or sometimes with tobacco.

In ten days, Don Pedro, to whom I had given some account of my domestic affairs, put it upon me, as a matter of honour and conscience, “that I ought to return to my native country, and live at home with my wife and children.” He told me, “there was an English ship in the port just ready to sail, and he would furnish me with all things necessary.” It would be tedious to repeat his arguments, and my contradictions. He said, “it was altogether impossible to find such a solitary island as I desired to live in; but I might command in my own house, and pass my time in a manner as recluse as I pleased.”

I complied at last, finding I could not do better. I left Lisbon the 24th day of November, in an English merchantman, but who was the master I never inquired. Don Pedro accompanied me to the ship, and lent me twenty pounds. He took kind leave of me, and embraced me at parting, which I bore as well as I could. During this last voyage I had no commerce with the master or any of his men; but, pretending I was sick, kept close in my cabin. On the fifth of December, 1715, we cast anchor in the Downs, about nine in the morning, and at three in the afternoon I got safe to my house at Rotherhith.<sup>5</sup>

---

5 The original editions and Hawksworth's have Rotherhith here, though earlier in the work, Redriff is said to have been Gulliver's home in England.

My wife and family received me with great surprise and joy, because they concluded me certainly dead; but I must freely confess the sight of them filled me only with hatred, disgust, and contempt; and the more, by reflecting on the near alliance I had to them. For although, since my unfortunate exile from the Houyhnhnm country, I had compelled myself to tolerate the sight of Yahoos, and to converse with Don Pedro de Mendez, yet my memory and imagination were perpetually filled with the virtues and ideas of those exalted Houyhnhnms. And when I began to consider that, by copulating with one of the Yahoo species I had become a parent of more, it struck me with the utmost shame, confusion, and horror.

As soon as I entered the house, my wife took me in her arms, and kissed me; at which, having not been used to the touch of that odious animal for so many years, I fell into a swoon for almost an hour. At the time I am writing, it is five years since my last return to England. During the first year, I could not endure my wife or children in my presence; the very smell of them was intolerable; much less could I suffer them to eat in the same room. To this hour they dare not presume to touch my bread, or drink out of the same cup, neither was I ever able to let one of them take me by the hand. The first money I laid out was to buy two

young stone-horses, which I keep in a good stable; and next to them, the groom is my greatest favourite, for I feel my spirits revived by the smell he contracts in the stable. My horses understand me tolerably well; I converse with them at least four hours every day. They are strangers to bridle or saddle; they live in great amity with me and friendship to each other.

## CHAPTER XII

*The author's veracity. His design in publishing this work. His censure of those travellers who swerve from the truth. The author clears himself from any sinister ends in writing. An objection answered. The method of planting colonies. His native country commended. The right of the crown to those countries described by the author is justified. The difficulty of conquering them. The author takes his last leave of the reader; proposes his manner of living for the future; gives good advice, and concludes.*

**T**hus, gentle reader, I have given thee a faithful history of my travels for sixteen years and above seven months: wherein I have not been so studious of ornament as of truth. I could, perhaps, like others, have astonished thee with strange improbable tales; but I rather chose to relate plain matter of fact, in the simplest manner and style; because my principal design was to inform, and not to amuse thee.

It is easy for us who travel into remote countries, which are seldom visited by Englishmen or other Europeans, to form descriptions of wonderful animals both at sea and land. Whereas a traveller's chief aim should be to make men wiser and better, and to improve their minds by the bad, as well as good, example of what they deliver concerning foreign places.

I could heartily wish a law was enacted, that every traveller, before he were permitted to publish his voyages, should be obliged to make oath before the Lord High Chancellor, that all he intended to print was absolutely true to the best of his knowledge; for then the world would no longer be deceived, as it usually is, while some writers, to make their works pass the better upon the public, impose the grossest falsities on the unwary reader. I have perused several books of travels with great delight in my younger days; but having since gone over most parts of the globe, and been able to contradict many fabulous accounts from my own observation, it has given me a great disgust against this part of reading, and some indignation to see the credulity of mankind so impudently abused. Therefore, since my acquaintance were pleased to think my poor endeavours might not be unacceptable to my country, I imposed on myself, as a maxim never to be swerved from, that I would strictly adhere to truth; neither indeed can I be ever under

the least temptation to vary from it, while I retain in my mind the lectures and example of my noble master and the other illustrious Houyhnhnms of whom I had so long the honour to be an humble hearer.

—*Nec si miserum Fortuna Sinonem*

*Finxit, vanum etiam, mendacemque improba finget.*

I know very well, how little reputation is to be got by writings which require neither genius nor learning, nor indeed any other talent, except a good memory, or an exact journal. I know likewise, that writers of travels, like dictionary-makers, are sunk into oblivion by the weight and bulk of those who come last, and therefore lie uppermost. And it is highly probable, that such travellers, who shall hereafter visit the countries described in this work of mine, may, by detecting my errors (if there be any), and adding many new discoveries of their own, jostle me out of vogue, and stand in my place, making the world forget that ever I was an author. This indeed would be too great a mortification, if I wrote for fame: but as my sole intention was the public good, I cannot be altogether disappointed. For who can read of the virtues I have mentioned in the glorious Houyhnhnms, without being ashamed of his own vices, when he considers himself as the reasoning, governing animal of his country? I shall say nothing of those remote nations



where Yahoos preside; among which the least corrupted are the Brobdingnagians; whose wise maxims in morality and government it would be our happiness to observe. But I forbear descanting further, and rather leave the judicious reader to his own remarks and application.

I am not a little pleased that this work of mine can possibly meet with no censurers: for what objections can be made against a writer, who relates only plain facts, that happened in such distant countries, where we have not the least interest, with respect either to trade or negotiations? I have carefully avoided every fault with which common writers of travels are often too justly charged. Besides, I meddle not the least with any party, but write without passion, prejudice, or ill-will against any man, or number of men, whatsoever. I write for the noblest end, to inform and instruct mankind; over whom I may, without breach of modesty, pretend to some superiority, from the advantages I received by conversing so long among the most accomplished Houyhnhnms. I write without any view to profit or praise. I never suffer a word to pass that may look like reflection, or possibly give the least offence, even to those who are most ready to take it. So that I hope I may with justice pronounce myself an author perfectly blameless; against whom the tribes of Answerers, Considerers, Observers, Reflectors,

Detectors, Remarkers, will never be able to find matter for exercising their talents.

I confess, it was whispered to me, “that I was bound in duty, as a subject of England, to have given in a memorial to a secretary of state at my first coming over; because, whatever lands are discovered by a subject belong to the crown.” But I doubt whether our conquests in the countries I treat of would be as easy as those of Ferdinando Cortez over the naked Americans. The Lilliputians, I think, are hardly worth the charge of a fleet and army to reduce them; and I question whether it might be prudent or safe to attempt the Brobdingnagians; or whether an English army would be much at their ease with the Flying Island over their heads. The Houyhnhnms indeed appear not to be so well prepared for war, a science to which they are perfect strangers, and especially against missive weapons. However, supposing myself to be a minister of state, I could never give my advice for invading them. Their prudence, unanimity, unacquaintedness with fear, and their love of their country, would amply supply all defects in the military art. Imagine twenty thousand of them breaking into the midst of an European army, confounding the ranks, overturning the carriages, battering the warriors’ faces into mummy by terrible yerks from their hinder hoofs; for they would

well deserve the character given to Augustus, *Recalcitrat undique tutus*. But, instead of proposals for conquering that magnanimous nation, I rather wish they were in a capacity, or disposition, to send a sufficient number of their inhabitants for civilizing Europe, by teaching us the first principles of honour, justice, truth, temperance, public spirit, fortitude, chastity, friendship, benevolence, and fidelity. The names of all which virtues are still retained among us in most languages, and are to be met with in modern, as well as ancient authors; which I am able to assert from my own small reading.

But I had another reason, which made me less forward to enlarge his majesty's dominions by my discoveries. To say the truth, I had conceived a few scruples with relation to the distributive justice of princes upon those occasions. For instance, a crew of pirates are driven by a storm they know not whither; at length a boy discovers land from the top-mast; they go on shore to rob and plunder, they see a harmless people, are entertained with kindness; they give the country a new name; they take formal possession of it for their king; they set up a rotten plank, or a stone, for a memorial; they murder two or three dozen of the natives, bring away a couple more, by force, for a sample; return home, and get their pardon. Here commences a new

dominion acquired with a title by divine right. Ships are sent with the first opportunity; the natives driven out or destroyed; their princes tortured to discover their gold; a free license given to all acts of inhumanity and lust, the earth reeking with the blood of its inhabitants: and this execrable crew of butchers, employed in so pious an expedition, is a modern colony, sent to convert and civilize an idolatrous and barbarous people!

But this description, I confess, does by no means affect the British nation, who may be an example to the whole world for their wisdom, care, and justice in planting colonies; their liberal endowments for the advancement of religion and learning; their choice of devout and able pastors to propagate Christianity; their caution in stocking their provinces with people of sober lives and conversations from this the mother kingdom; their strict regard to the distribution of justice, in supplying the civil administration through all their colonies with officers of the greatest abilities, utter strangers to corruption; and, to crown all, by sending the most vigilant and virtuous governors, who have no other views than the happiness of the people over whom they preside, and the honour of the king their master.

But as those countries which I have described do not appear to have any desire of being conquered and enslaved,

murdered or driven out by colonies, nor abound either in gold, silver, sugar, or tobacco, I did humbly conceive, they were by no means proper objects of our zeal, our valour, or our interest. However, if those whom it more concerns think fit to be of another opinion, I am ready to depose, when I shall be lawfully called, that no European did ever visit those countries before me. I mean, if the inhabitants ought to be believed, unless a dispute may arise concerning the two Yahoos, said to have been seen many years ago upon a mountain in Houyhnhnmland.

But, as to the formality of taking possession in my sovereign's name, it never came once into my thoughts; and if it had, yet, as my affairs then stood, I should perhaps, in point of prudence and self-preservation, have put it off to a better opportunity.

Having thus answered the only objection that can ever be raised against me as a traveller, I here take a final leave of all my courteous readers, and return to enjoy my own speculations in my little garden at Redriff; to apply those excellent lessons of virtue which I learned among the Houyhnhnms; to instruct the Yahoos of my own family, in far as I shall find them docible animals; to behold my figure often in a glass, and thus, if possible, habituate myself by time to tolerate the sight of a human creature; to lament the

brutality to Houyhnhnms in my own country, but always treat their persons with respect, for the sake of my noble master, his family, his friends, and the whole Houyhnhnm race, whom these of ours have the honour to resemble in all their lineaments, however their intellectuals came to degenerate.

I began last week to permit my wife to sit at dinner with me, at the farthest end of a long table; and to answer (but with the utmost brevity) the few questions I asked her. Yet, the smell of a Yahoo continuing very offensive, I always keep my nose well stopped with rue, lavender, or tobacco leaves. And, although it be hard for a man late in life to remove old habits, I am not altogether out of hopes, in some time, to suffer a neighbour Yahoo in my company, without the apprehensions I am yet under of his teeth or his claws.

My reconcilment to the Yahoo kind in general might not be so difficult, if they would be content with those vices and follies only which nature has entitl'd them to. I am not in the least provok'd at the sight of a lawyer, a pickpocket, a colonel, a fool, a lord, a gamester, a politician, a whoremonger, a physician, an evidence, a suborner, an attorney, a traitor, or the like; this is all according to the due course of things: but when I behold a lump of deformity and diseases, both in body and mind, smitten with pride, it immediately breaks

all the measures of my patience; neither shall I be ever able to comprehend how such an animal, and such a vice, could tally together. The wise and virtuous Houyhnhnms, who abound in all excellences that can adorn a rational creature, have no name for this vice in their language, which has no terms to express any thing that is evil, except those whereby they describe the detestable qualities of their Yahoos, among which they were not able to distinguish this of pride, for want of thoroughly understanding human nature, as it shows itself in other countries where that animal presides. But I, who had more experience, could plainly observe some rudiments of it among the wild Yahoos.

But the Houyhnhnms, who live under the government of reason, are no more proud of the good qualities they possess, than I should be for not wanting a leg or an arm; which no man in his wits would boast of, although he must be miserable without them. I dwell the longer upon this subject from the desire I have to make the society of an English Yahoo by any means not insupportable; and therefore I here entreat those who have any tincture of this absurd vice, that they will not presume to come in my sight.

# IAGENS DE GULLIVER

<b>Viagens de Gulliver</b> .....	<b>3</b>
<b>Viagens de Gulliver</b> .....	<b>5</b>
Mensagem do editor .....	7
Carta do capitão Gulliver para seu primo Symson .....	10
<b>Parte I — Viagem a Lilliput</b> .....	<b>17</b>
Capítulo 1 .....	19
Capítulo 2 .....	36
Capítulo 3 .....	53
Capítulo 4 .....	66
Capítulo 5 .....	75
Capítulo 6 .....	86
Capítulo 7 .....	102
Capítulo 8 .....	116
<b>Parte II— Viagem a Brobdingnag</b> .....	<b>127</b>
Capítulo 1 .....	129
Capítulo 2 .....	148
Capítulo 3 .....	157
Capítulo 4 .....	174
Capítulo 5 .....	182
Capítulo 6 .....	197
Capítulo 7 .....	213
Capítulo 8 .....	224



**Parte III — Viagem a Laputa, Balnibarbi, Luggnagg,  
Glubbubdrib e Japão ..... 241**

Capítulo 1 ..... 243	Capítulo 7 ..... 311
Capítulo 2 ..... 252	Capítulo 8 ..... 320
Capítulo 3 ..... 267	Capítulo 9 ..... 333
Capítulo 4 ..... 276	Capítulo 10 ..... 339
Capítulo 5 ..... 287	Capítulo 11 ..... 352
Capítulo 6 ..... 301	

**Parte IV — Viagem ao país dos *riinchnchnv* ..... 359**

Capítulo 1 ..... 361	Capítulo 7 ..... 428
Capítulo 2 ..... 373	Capítulo 8 ..... 442
Capítulo 3 ..... 383	Capítulo 9 ..... 453
Capítulo 4 ..... 393	Capítulo 10 ..... 462
Capítulo 5 ..... 404	Capítulo 11 ..... 475
Capítulo 6 ..... 416	Capítulo 12 ..... 488

**Gulliver's Travels into several remote nations of the world . . . . . 503**

The publisher to the reader . . . . . 505

A letter from Captain Gulliver  
to his cousin Sympson . . . . . 508

**PART I. A Voyage to Lilliput. . . . . 515**

Chapter I . . . . . 517      Chapter V . . . . . 569

Chapter II . . . . . 533      Chapter VI . . . . . 580

Chapter III . . . . . 549      Chapter VII . . . . . 596

Chapter IV . . . . . 561      Chapter VIII . . . . . 609

**PART II. A Voyage to Brobdingnag. . . . . 619**

Chapter I . . . . . 621      Chapter V . . . . . 673

Chapter II . . . . . 640      Chapter VI . . . . . 688

Chapter III . . . . . 649      Chapter VII . . . . . 702

Chapter IV . . . . . 665      Chapter VIII . . . . . 713

**PART III. A Voyage to Laputa, Balnibarbi, Luggnagg,  
Glubbdubdrib, and Japan. .... 731**

Chapter I .....	733	Chapter VII.....	797
Chapter II.....	742	Chapter VIII.....	804
Chapter III.....	755	Chapter IX.....	813
Chapter IV.....	764	Chapter X.....	819
Chapter V.....	774	Chapter XI.....	833
Chapter VI.....	787		

**PART IV. A Voyage to the Country of the  
Houyhnhnms..... 839**

Chapter I .....	841	Chapter VII.....	900
Chapter II.....	852	Chapter VIII.....	912
Chapter III.....	861	Chapter IX.....	922
Chapter IV.....	870	Chapter X.....	931
Chapter V.....	879	Chapter XI.....	943
Chapter VI.....	889	Chapter XII.....	956

Literatura Livre..... 971

Ficha técnica..... 978



# LITERATURA LIVRE

As obras consideradas clássicas são aquelas que sobreviveram ao tempo e ainda hoje despertam interesse. Há trabalhos de cem, duzentos, mil anos atrás que se mantêm mais atuais do que best-sellers do ano passado. Há algo nessas histórias que dialoga diretamente com nossos egos, superegos e ids, com nossa espiritualidade, nossa sede racional por dramas e conhecimento — e esses desejos não têm idade, não seguem a cronologia linear.

Os filósofos gregos, os cronistas romanos, os tomos religiosos asiáticos, as histórias e registros da Idade Média, do Iluminismo, da Era Vitoriana, até os mo-

dermistas do século 20 habitam uma área chamada Domínio Público: setenta anos após a morte do autor suas obras tornam-se livres de direito autoral para serem acessadas por todos. Na era digital, essa possibilidade de compartilhamento não tem fronteiras. Porém, existe uma lacuna entre o direito de acesso à obra e as mãos do leitor: a tradução. Embora esses autores e suas obras estejam em domínio público, os originais estão em grego, latim, inglês, alemão, árabe, japonês, e ainda resta o obstáculo da tradução livre a ser vencido.

Literatura Livre surge desse contexto: traduz para o português, edita e compartilha em formatos digitais 11 obras originárias de povos que contribuíram para a formação cultural brasileira. Em razão de seu propósito intercultural, todas as edições

contam, além do texto integral traduzido, com sua versão na língua original.

A motivação desse recorte temático é explícita: em qualquer lugar do país, basta olhar pela janela, andar pela calçada ou fazer compras no shopping. Aonde quer que se vá, são evidentes os vestígios das culturas que formaram a sociedade brasileira, seus costumes e seus laços afetivos. O Brasil é um território riquíssimo da mistura de culturas trazidas pelos movimentos migratórios que se iniciaram dezenas de milhares de anos atrás, quando a América foi povoada pelo primeiros povos.

Do nome de frutas a monumentos, a língua tupi continua viva. Dos negros trazidos involuntariamente da África, suas crenças, culinária e tantos outros presentes. Mas também os portugueses, espanhóis, franceses e holandeses que chegaram nas

capitanias hereditárias; os fluxos europeus ao final do século 19; a diversidade asiática, da Europa oriental, do Oriente Médio nas presenças dos japoneses, chineses, eslavos; as ondas migratórias entre e pós-guerras do século 20. Todos esses traziam nas malas bagagens sua cultura, as histórias que aprenderam com seus ancestrais e as replicavam para seus filhos e netos.

Contos folclóricos africanos, textos fundadores das culturas japonesa e árabe, novelas escritas por judeus em alemão, contos de uma imigrante chinesa nos Estados Unidos que demonstram os percalços dos “estranhos no ninho”, mulheres escritoras que não devem ser esquecidas e que falam diretamente aos assuntos de igualdade feminina atuais, provam a atemporalidade e a contundência desses escritos.



Ao todo 11 obras divididas em 14 volumes estão expostas gratuitamente neste site e podem ser baixadas, emprestadas, compartilhadas e espalhadas livremente. Uma pequena coleção de preciosidades que mostra que o presente não existe sem o passado, e o futuro é resultado dessa combinação. Uma ótima leitura!

— •

# literatura livre

## **obras** [works]

*O Leviatã (Der Leviathan); Crônicas do Japão (Nihonshoki);  
Viagens de Gulliver (Gulliver's Travels); El Zarco;  
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (The Folk Tales from Southern  
Nigeria; Zanzibar Tales; Where Animals Talk); Os miseráveis  
(Albukhalâ'); Sra. Fragrância Primavera (Mrs. Spring Fragrance);  
Contos de crianças chinesas (Mrs. Spring Fragrance); As roupas  
fazem as pessoas (Kleider machen Leute); Contos sardos (Racconti  
Sardi); Pássaros sem ninho (Aves sin nido); Coração das trevas (Heart  
of Darkness), Histórias do tio Karel (Outa Karel's Stories: South  
African Folk-Lore Tales).*

## **tradutores**

[translators]

Adriana Zoudine, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva,  
Lica Hashimoto, Luis S. Krausz, Nina Rizzi, Renato Roschel,  
Ricardo Giassetti, Safa Jubran.

**produtor executivo**

[executive producer]

Ricardo Giassetti

**editores**

[editors]

Renato Roschel, Gabriel Naldi

**revisores**

[proofreading]

Amanda Zampieri, Rebeca Benício, Juliana Faria

**diretora de arte**

[art director]

Larissa Meneghini

**ilustrações**

[illustrations]

André Ducci

**editoração digital**

[digital art]

Fernando Ribeiro

# FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

Administração regional no

Estado de São Paulo

[regional administration of São Paulo state]

**presidente do conselho regional**

[regional board chairman]

ABRAM SZAJMAN

**diretor do departamento regional**

[regional department director]

DANILO SANTOS DE MIRANDA

**superintendentes**

[assistant directors]

**técnico-social**

[social technician]

**JOEL NAIMAYER PADULA**

**comunicação social**

[social communication]

**IVAN GIANNINI**

**gerentes**

[departments]

**sesc digital**

**GILBERTO PASCHOAL**

**assessoria de relações internacionais**

[international affairs]

**AUREA LESZCZYNSKI VIEIRA**

**ação cultural**

[cultural action]

**ROSANA PAULO DA CUNHA**



**INSTITUTO MOJO  
DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL**

MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION

**presidente**

[president]

Ricardo Giassetti

**diretores**

[board]

Alexandre Storari, Gabriel Naldi, Larissa Meneghini,  
Renato Roschel, Tatiana Bornato

# INSTITUTO MOJO

Fundado em abril de 2018, o Instituto Mojo de Comunicação Intercultural promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pela era digital e dividido pelas diferenças culturais, tomamos como nosso o esforço de reunir pessoas interessadas em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros, sem restrições.

Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras nas mais diversas línguas, sempre com versões bilíngues.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

---

**S977** Swift, Jonathan (1667 -1745)  
Viagens de Gulliver / Jonathan Swift. Tradução de Renato Roschel. –  
São Paulo: SESC, Instituto Mojo, 2019. (Coleção Literatura Livre).  
E-Book: PDF, ePUB, MOBI; 984 p.  
Disponível em:  
<https://mojo.org.br>  
<https://literaturalivre.secsp.org.br>

*Título Original: Gulliver's Travels (1726). Edição bilingue Português / Inglês.*

**ISBN 978-65-990752-3-0**

1. Literatura Inglesa. 2. Romance. 3. Sátira. 4. Filosofia Política. I.  
Título. II. Série. III. Roschel, Renato, Tradutor. III. SESC – Serviço  
Social do Comércio. IV. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural.  
V. Literatura Livre.

**CDU 821.111.3**

**CDD 820-3**

---

**Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154**

A fonte original desta obra foi fornecida pelo Gutemberg Project:

<https://www.gutenberg.org/files/829/829-h/829-h.htm>

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<https://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open Font License, Version 1.1.

This license is available with a FAQ at: <http://scripts.sil.org/OFL>